



A Guerra Diurna

O SOL LANÇA AS
SOMBRAS MAIS ESCURAS

PETER V.
BRETT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Título original: The Daylight War

Título: A Guerra Diurna

Autor: P. V. Brett

Editora: Cristina Lourenço

Tradução: Renato Carreira

Revisão: Fernando Milheiro

Ilustração das «guardas» por Lauren K. Cannon. © Peter V. Brett

Mapa por Andrew Ashton, reproduzido com autorização de

HarperCollins Publishers U.K. Londres

Adaptação portuguesa da capa: Carlos Miranda

ISBN: 9789892324500

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa

R. Cidade de Córdoba, n.º 2

2160-038 Alfragide – Portugal

Tel.: (+351) 214 272 200

Fax: (+351) 214 272 201

© 2013, P. V. Brett

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor

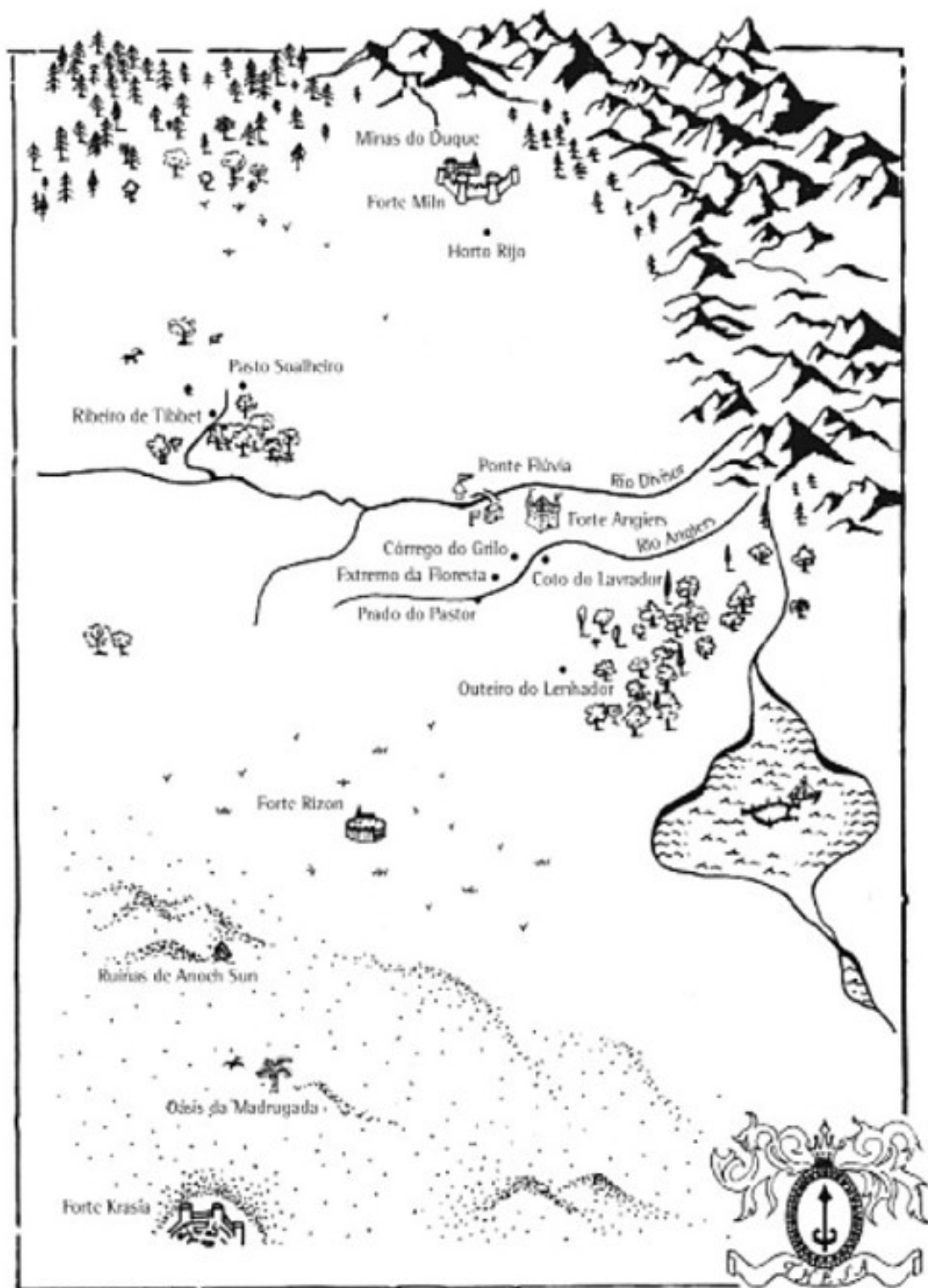
edicoes@asa.pt

www.asa.leya.com

www.leya.pt

Esta edição segue a grafia do novo acordo ortográfico.

*Para os meus pais, John e Dolores, que continuam
a ler juntos no sofá à noite.*





PRÓLOGO

INEVERA

300 DR

INEVERA E O SEU IRMÃO SOLI sentavam-se ao sol. Cada um prendia entre os pés descalços a armação de um cesto, fazendo-a girar habilmente enquanto os dedos entrançavam o material. Àquela hora tardia, restava apenas uma minúscula faixa de sombra no seu pequeno quiosque. A mãe, Manvah, sentava-se aí, trabalhando no seu cesto. A pilha de folhas duras de palmeira no centro do círculo que formavam ia encolhendo gradualmente enquanto trabalhavam.

Inevera tinha nove anos. Soli tinha quase o dobro da idade, mas continuava a ser jovem para envergar as vestes de um dal'Sharum de pleno direito, com o pano recentemente tingido de um negro ainda profundo. Conquistara-as pouco mais de uma semana antes e sentava-se num tapete para assegurar que o pó omnipresente do Grande Bazar não lhe cobria as vestes. Estavam presas de forma solta no topo, revelando um peito liso e musculado que o suor fazia brilhar.

Abanou-se com uma folha de palmeira.

– Tomates de Everam. Estas vestes são quentes. Quem me dera continuar a poder vestir apenas um bido.

– Podes sentar-te à sombra se desejares, Sharum – disse Manvah.

Soli abanou a cabeça, acompanhando o gesto com um estalido de lábios indicando desilusão.

– Era isso que esperavas? Que regressasse vestido de preto e começasse a dar-te ordens como se...

Manvah riu-se.

– Estava apenas a certificar-me de que continuas a ser o meu querido rapaz.

– Só para ti e para a minha querida irmãzinha – clarificou Soli, estendendo a mão para despentear o cabelo de Inevera. Esta afastou-lhe o braço com uma palmada, mas sorria enquanto o fez. Havia sempre sorrisos quando Soli estava por perto. – Para todos os outros, sou mau como um demónio da areia.

– Bah – exclamou Manvah, retirando importância à afirmação. Mas Inevera ficou a pensar. Viu o que fizera aos dois rapazes Majah que a tinham arreliado no bazar quando eram mais pequenos e os fracos não sobreviviam à noite.

Terminou o cesto, acrescentando-o a uma das muitas pilhas. Contou rapidamente.

– Mais três e teremos a encomenda do dama Baden completa.

– Talvez Cashiv me convide para a Festa da Lua Cheia quando vier recolhê-los – disse Soli. Cashiv era kai'Sharum do dama Baden e ajin'pal de Soli, o guerreiro que fora preso a ele e que lutara a seu lado na sua primeira noite no Labirinto. Dizia-se que não havia laço maior que pudesse unir dois homens.

Manvah roncou de desprezo.

– Se o fizer, o dama Baden far-te-á carregar um dos cestos, oleado e nu, mostrando o traseiro à sua comitiva de velhos devassos.

Soli riu-se.

– Ouvi dizer que não são os velhos que exigem precaução. A maioria limita-se a olhar. Os piores são os mais novos, que trazem frascos de óleo no cinto. – Suspirou. – Mesmo assim, Gerraz serviu na última festa da lança do dama Baden e disse

que o dama lhe deu duzentos draki. Isso pagará um traseiro dorido.

– Que o teu pai não te ouça dizer isso – advertiu Manvah. Os olhos de Soli moveram-se para a divisão protegida por uma cortina ao fundo do quiosque onde o seu pai dormia.

– Descobrirá mais cedo ou mais tarde que o filho é push’ting – disse Soli. – Não casarei com uma pobre rapariga só para impedir que descubra.

– Porque não? – perguntou Manvah. – Poderia tecer connosco. E seria assim tão terrível encher-lhe o ventre algumas vezes para me dar netos?

Soli fez uma careta.

– Terás de esperar que Inevera te dê netos. – Olhou-a. – Amanhã é o Hannu Pash, querida irmã. Talvez a dama’ting te encontre um marido!

– Não mudes de assunto! – Manvah atingiu-o com uma folha de palmeira. – Aceitas enfrentar o que se ergue entre as paredes do Labirinto, mas não o que se esconde entre as pernas de uma mulher?

Soli repetiu a careta.

– No Labirinto, pelo menos, estou rodeado por homens fortes e suados. E quem sabe? Talvez um dos dama push’ting goste de mim. Os poderosos como Baden tornam os seus Sharum preferidos guarda-costas que apenas precisam de lutar na Lua Minguante! Imagina. Só três noites por mês no Labirinto!

– São mais três noites do que exigiria o meu sossego – murmurou Manvah.

Inevera sentiu-se confusa.

– O Labirinto não é um sítio sagrado? Uma honra?

Manvah voltou a roncar de desprezo e voltou a trabalhar o cesto. Soli olhou a irmã durante um longo momento, com o olhar distante. O sorriso fácil desapareceu-lhe da cara.

– O Labirinto é a morte santa – disse-lhe, por fim. – Um homem que lá morra tem entrada garantida no Paraíso, mas não estou ansioso por conhecer Everam tão cedo.

– Desculpa – disse Inevera.

Soli recompôs-se e o sorriso regressou imediatamente.

– Será melhor não te preocupares com tais coisas, irmãzinha. O Labirinto não é um fardo que te caiba carregar.

– Todas as mulheres de Krasia carregam esse fardo, meu filho – disse Manvah. – Mesmo que não lutemos a vosso lado.

Nesse momento, ouviu-se um gemido acompanhado por movimentos atrás da cortina ao fundo do quiosque. No momento seguinte, Kasaad saiu. O pai de Inevera nem sequer olhou Manvah enquanto a fazia sair da sombra com a bota para ocupar o lugar cobijado. Atirou um par de almofadas ao chão e deitou-se sobre elas, esvaziando uma minúscula taça de couzi. Encheu outra logo a seguir, semicerrando os olhos para os proteger da luz. Como sempre, o seu olhar passava sobre Inevera como se não existisse, fixando-se prontamente no irmão.

– Soli! Pousa esse cesto! És um Sharum e não devias trabalhar com as mãos como um khaffit!

– Pai, temos uma encomenda a entregar em breve – disse-lhe Soli. – Cashiv...

– Pfagh! – exclamou Kasaad, acenando com a mão. – Não me importa o que esse push’ting oleado e perfumado queira! Pousa esse cesto e levanta-te antes que alguém te veja a sujares as tuas vestes negras novas. Já é suficientemente mau que tenhamos de desperdiçar os nossos dias neste bazar imundo.

– É como se não fizesse ideia de onde vem o dinheiro – resmungou Soli em voz demasiado baixa para ser ouvido por Kasaad. Não parou de tecer.

– Ou de onde vem a comida que vê à mesa. – Manvah revirou os olhos. Suspirou. – Será melhor fazeres como diz.

– Se sou Sharum, posso fazer o que quiser. Quem é ele para me dizer que não posso tecer folhas de palmeira se isso me tranquiliza? – Enquanto Soli falava, as suas mãos moveram-se com rapidez ainda maior, com os dedos quase desaparecendo enquanto entrançava as folhas. Estava quase a terminar um cesto e pretendia terminá-lo. Inevera olhava-o, maravilhada. Soli conseguia tecer quase tão depressa como Manvah.

– É teu pai – disse-lhe Manvah. – Se não fizeres o que diz, será pior para todos.

Voltou-se para Kasaad, adoçando a voz.

– Tu e Soli precisam de ficar apenas até os dama cantarem o crepúsculo, marido.

A expressão de Kasaad azedou e esvaziou outra taça.

– De que forma terei ofendido tanto Everam para que o grande Kasaad am'Damaj am'Kaji, que enviou alagai sem conta para o abismo, se veja reduzido a guardar uma pilha de cestos?

– Indicou com a mão o fruto do seu trabalho, olhando-o com desprezo. – Devia preparar-me para a alagai'sharak. Para a glória da noite!

– Para beber com os outros Sharum, isso sim – murmurou Soli para Inevera. – As primeiras unidades a apresentarem-se vão para o centro do Labirinto, onde o combate é feroz. Quanto mais tempo demorar, menores serão as hipóteses de ter de enfrentar um alagai estando cheio de couzi como um camelo estará cheio de mijo.

Couzi. Inevera odiava a bebida. Cereal fermentado e aromatizado com canela. Era vendido em pequenas garrafas de barro e bebido de taças ainda mais pequenas. Cheirar uma garrafa vazia queimava-lhe as narinas e deixava-a zozna. Não havia nenhum indício de canela no cheiro. Dizia-se que o sabor apenas se tornava claro após três chávenas, mas, após três chávenas de couzi, nenhuma opinião mereceria confiança. Entre os efeitos conhecidos estavam uma tendência para o exagero e delírios de grandeza.

– Soli! – exclamou Kasaad. – Deixa o trabalho para as mulheres e vem beber comigo! Brindaremos às mortes dos quatro alagai que venceste na noite passada!

– Quase parecerá que fiz sozinho o trabalho da unidade inteira – resmungou Soli. Moveu os dedos ainda mais depressa.

– Não bebo couzi, pai – respondeu-lhe. – O Evejah proíbe-o.

Kasaad respondeu-lhe com um grunhido de desprezo, esvaziando mais uma taça.

– Manvah! Prepara chá para o teu filho sharik! – Inclinou novamente a garrafa de couzi sobre a taça, mas, daquela vez, caíram apenas algumas gotas. – E traz-me mais couzi.

– Everam me dê paciência – murmurou Manvah. – Era a última garrafa, marido – explicou.

– Então vai comprar mais – ripostou Kasaad.

Inevera ouviu a mãe ranger os dentes.

– Metade das tendas do bazar já fecharam, marido, e precisamos de terminar estes cestos antes que Cashiv chegue.

Kasaad agitou a mão, enojado.

– Que importa que esse push’ting imprestável tenha de esperar?

Soli inspirou fundo e Inevera viu-lhe sangue na mão. Cortara-se na aresta afiada da folha de palmeira. Cerrou os dentes e continuou.

– Perdoa-me, prezado marido, mas o feitor do dama Baden não esperará – disse Manvah, continuando a tecer. – Se Cashiv chegar e a encomenda não estiver pronta, comprará os cestos a Krisha outra vez. Sem esta encomenda, não teremos dinheiro para pagar o nosso imposto de guerra e muito menos para comprar couzi.

– O quê?! – berrou Kasaad. – Que tens feito ao meu dinheiro? Trago cem draki para casa todas as semanas!

– Metade volta para os dama como imposto de guerra – disse Manvah. – E guardas sempre vinte nos bolsos. O resto é gasto para te abastecer de couzi e cuscuz e não chega, sobretudo quando trazes para casa meia dúzia de Sharum sedentos em cada Sabbath. O couzi é caro, marido. Os dama cortam os polegares aos khaffit apanhados a vendê-lo e isso fá-los acrescentar o risco ao preço.

Kasaad cuspiu.

– Os khaffit venderiam o sol se conseguissem puxá-lo do céu. Vai comprar couzi para que consiga aguentar enquanto espero aquele meio-homem.

Soli terminou o cesto, erguendo-se e colocando-o com força sobre a pilha.

– Eu vou, mãe. Chabin terá algum e nunca fecha antes do cântico do crepúsculo.

Manvah semicerrou os olhos, mas não os afastou do cesto que tecia. Também ela aumentou a velocidade e as suas mãos perderam-se num borrão frenético.

– Não me agrada que partas quando temos o trabalho de um mês inteiro exposto.

– Ninguém nos roubará enquanto o pai aqui estiver – disse Soli, mas, quando olhou para o pai, vendo que tentava sugar uma última gota da garrafa de couzi, suspirou. – Serei tão rápido que nem sequer darás pela minha ausência.

– De volta ao trabalho, Inevera – disse Manvah enquanto Soli partia a correr. Inevera baixou o olhar, percebendo só nesse momento que parara de tecer enquanto observava os acontecimentos. Retomou prontamente o trabalho.

Inevera não se atreveu a olhá-lo diretamente, mas não conseguia evitar espreitar o pai pelo canto do olho. Viu que olhava Manvah enquanto girava o cesto nos pés hábeis. A sua túnica preta erguera-se enquanto trabalhava, expondo-lhe os tornozelos e as canelas nuas.

Kasaad esfregou-se entre as pernas com uma mão.

– Vem cá, mulher. Quero...

– Estou. A. Trabalhar! – Manvah retirou uma folha de palmeira da pilha, arrancando-lhe os filamentos com movimentos bruscos.

Kasaad pareceu verdadeiramente confuso pela sua reação.

– Porque recusas o teu marido menos de uma hora antes de partir para a noite?

– Porque há semanas que me mato para fazer estes cestos – disse-lhe Manvah. – Porque é tarde e a rua ficou silenciosa. E porque temos um carregamento inteiro sem ninguém para o guardar além de um bêbado com o cio!

Kasaad riu-se.

– De quem queres que o guarde?

– Sim, de quem? – perguntou uma voz. Todos se viraram para ver Krishna contornando o balcão e entrando no quiosque.

Krisha era uma mulher volumosa. Não era gorda, poucos na Lança do Deserto se podiam dar a esse luxo, mas era filha de um guerreiro e tinha um corpo volumoso e mãos calejadas, movendo-se com passos pesados. Como todas as dal'ting, usava o mesmo pano preto da cabeça aos pés que também cobria Manvah. Também era cesteira, uma das principais rivais de Manvah na tribo Kaji. Menos hábil, mas mais ambiciosa.

Seguiam-na quatro outras mulheres usando o negro das dal'ting. Duas eram as suas irmãs-esposas, com faces cobertas de negro. As outras eram as filhas solteiras de cara exposta. Pela sua aparência, a exposição das caras conseguia repelir mais do que atrair os candidatos a marido. Nenhuma das mulheres era pequena e moveram-se como chacais acossando uma lebre.

– Trabalhas até tarde – referiu Krisha. – Quase todos os pavilhões já estão fechados.

Manvah encolheu os ombros, sem afastar os olhos do cesto.

– O chamamento para o recolher demorará quase uma hora.

– Cashiv vem sempre ao fim do dia antes da Festa da Lua Cheia do dama Baden, não? – perguntou Krisha.

Manvah não a olhou.

– Os meus clientes não te dizem respeito, Krisha.

– Passam a dizer quando usas o teu filho push'ting para mos roubar – disse Krisha, num tom de voz baixo e perigoso. As filhas aproximaram-se de Inevera, separando-a da mãe. As irmãs-esposas continuaram pelo quiosque dentro em direção a Kasaad.

Manvah ergueu o olhar.

– Não roubei nada. Cashiv procurou-me, dizendo que os teus cestos se desfaziam depois de cheios. Culpa as tuas tecelãs e não a mim pela perda do negócio.

Krisha acenou afirmativamente, erguendo o cesto que Inevera acabara de acrescentar à pilha.

– Tu e a tua filha fazem bom trabalho – referiu, passando um dedo sobre a superfície do cesto. A seguir, atirou-o ao chão, pisando-o violentamente com a sandália.

– Como te atreves, mulher?! – gritou Kasaad, incrédulo. Pôs-se de pé ou tentou fazê-lo, procurando equilibrar-se. Olhou em redor, buscando a lança e o escudo, mas estavam no interior da tenda.

Enquanto se recompunha, as irmãs-esposas de Krisha moveram-se em uníssono. Bastões curtos de verga envoltos em pano negro surgiram-lhes nas mãos, retirados das mangas volumosas. Uma das mulheres segurou Kasaad pelos ombros, voltando-o para que a outra lhe golpeasse o estômago e continuando a segurá-lo para maximizar o impacto. Kasaad gemeu de dor, perdeu o fôlego e a mulher atingiu-o em cheio entre as pernas. O gemido de Kasaad transformou-se num guincho.

Inevera gritou e levantou-se, mas as filhas de Krisha seguraram-na. Manvah também se ergueu, mas um pontapé violento de Krisha na sua face fê-la voltar a cair. Gritou, mas a hora era tardia e ninguém correu em seu auxílio.

Krisha olhou o cesto no chão. Resistira ao pé, regressando à forma original. Inevera sorriu até a mulher saltar sobre o cesto três vezes, conseguindo destruí-lo.

No extremo oposto do quiosque, as irmãs-esposas de Krisha continuaram a espancar Kasaad.

– Guincha como uma mulher – disse uma, rindo, enquanto voltava a atingi-lo entre as pernas.

– E luta pior que uma! – berrou a outra. Largaram-lhe os ombros e Kasaad desabou no chão, ofegante e com uma expressão que misturava dor e humilhação. As mulheres deixaram-no e começaram a pontapear as pilhas de cestos, destruindo-os com os bastões.

Inevera tentou libertar-se, mas as raparigas seguraram-na com mais força.

– Quieta ou partimos-te os dedos e não voltarás a tecer!

Inevera parou de se debater, mas semicerrou os olhos e moveu-se ligeiramente, preparando-se para pisar com força a mais próxima. Olhou Manvah e a mãe acenou-lhe negativamente com a cabeça.

Kasaad cuspiu sangue, erguendo-se sobre os cotovelos.

– Rameiras! Quando os dama souberem disto...!

Krisha interrompeu-o com uma gargalhada.

– Os dama? Irás até eles, Kasaad, filho de Kasaad, e dirás que estavas embriagado de couzi e foste espancado por mulheres? Nem sequer o dirás ao teu ajin'pal quando te possuir por trás esta noite!

Kasaad tentou erguer-se, mas uma das mulheres pontapeou-o prontamente no estômago e caiu de costas, ficando imóvel.

– Pfagh! – bradou a mulher. – Mijou-se como uma criança! – Todas se riram.

– Isso dá-me uma ideia! – gritou Krisha, aproximando-se dos cestos caídos e elevando a túnica. – Para quê cansarmo-nos a destruir estes cestos miseráveis quando podemos mijá-los? – Agachou-se e deixou correr as águas, movendo as ancas de lado a lado para que o jorro atingisse o máximo de cestos. As outras mulheres riram, subiram as túnicas e fizeram o mesmo.

– Pobre Manvah! – troçou Krisha. – Dois machos na família e nenhum deles é um homem. O teu marido é pior que um khaffit e o teu filho push'ting está demasiado ocupado a chupar piça para estar aqui.

– Enganas-te. – Inevera voltou-se a tempo de ver a mão grossa de Soli fechar-se sobre o pulso de uma das raparigas que a seguravam. Guinchou de dor enquanto Soli a puxava com uma torção cruel e pontapeava a irmã, fazendo-a cair. – Cala-te – disse à mulher que gritava, empurrando-a. – Volta a tocar na minha irmã e corto-te a mão em vez de torcer o pulso.

– Veremos, push'ting – disse Krisha. As irmãs-esposas ajeitaram as túnicas e avançavam sobre Soli com os bastões erguidos. Krisha moveu o pulso e o seu bastão surgiu-lhe entre os dedos.

Inevera engoliu em seco, mas Soli, desarmado, aproximou-se delas sem medo. A primeira mulher atacou-o, mas Soli foi mais rápido, esquivando-se e segurando-lhe o braço. Ouviu-se estalar e a mulher caiu ao chão, gritando. O seu bastão passara para a mão de Soli. A outra mulher avançou e defletiu-lhe um golpe do

bastão antes de a atingir com força na cara. Os seus movimentos eram fluidos e bem treinados, fazendo lembrar uma dança. Inevera vira-o treinar sharusahk quando vinha a casa do Hannu Pash na Lua Minguante. A mulher tombou no chão e Inevera viu-a baixar o véu para cuspir sangue em grande quantidade.

Soli largou o bastão enquanto Krisha avançava sobre ele, prendendo-lhe a arma na mão nua e travando-a. Segurou-a pela gola com a outra mão, virando-a e dobrando-a sobre uma pilha de cestos. Empurrou-lhe a cabeça para baixo com violência e levou a mão à bainha da túnica, puxando-lha até à cintura.

– Por favor – gemeu Krisha. – Faz-me o que quiseres, mas poupa a virgindade das minhas filhas!

– Pfagh! – ripostou Soli, enojado. – Preferia foder um camelo!

– Vamos, push'ting – troçou, meneando-lhe as ancas. – Finge que sou um homem e come-me o cu.

Soli ergueu o bastão de Krisha e começou a vergastá-la com ele. A sua voz era grave e erguia-se sobre o som dos embates da verga na carne nua e sobre os seus gritos de dor.

– Um homem não precisará de ser push'ting para não querer enfiar a piça numa pilha de esterco. E, quanto às tuas filhas, não faria nada para impedir que casem depressa com algum pobre khaf-fit e cubram finalmente as suas caras feias com véus.

Retirou-lhe a mão do pescoço, mas continuou a vergastar, escorraçando-a e às outras mulheres para fora do quiosque com golpes violentos. As filhas de Krisha ajudaram a apoiar as irmãs-esposas enquanto as cinco mulheres percorriam a rua.

Manvah pôs-se de pé e sacudiu-se do pó. Ignorou Kasaad, indo até Inevera.

– Sentes-te bem?

Inevera acenou afirmativamente.

– Verifica os cestos – disse Manvah. – Não tiveram muito tempo. Vê se conseguiremos salvar...

– Tarde de mais – disse Soli, apontando o fundo da rua. Três Sharum aproximavam-se com túnicas negras sem mangas, envergando couraças de aço negro martelado para realçar peitos de musculatura perfeita. Faixas de seda negra rodeavam-lhes os bíceps enormes e os pulsos estavam cobertos com braçadeiras de couro reforçado. Traziam escudos dourados brilhantes presos às costas e seguravam as lanças curtas de forma despreocupada, movendo-se com a graça fácil de lobos em caçada.

Manvah ergueu um pequeno jarro de água e despejou-o sobre Kasaad, que gemeu e tentou erguer-se.

– Para dentro, depressa! – berrou-lhe Manvah, pontapeando-o com força para o fazer mover-se. Kasaad tornou a gemer, conseguindo rastejar para o interior da tenda, escondendo-se.

– Que tal estou? – Soli sacudiu e ajeitou as vestes, abrindo-as ainda mais.

Era uma pergunta ridícula. Nenhum homem que tivesse visto conseguia ter metade da beleza do irmão.

– Bem – sussurrou-lhe Inevera.

– Soli, meu doce ajin’pal! – chamou Cashiv. Tinha vinte e cinco anos e era um kai’Sharum, seguramente o mais belo dos três. Tinha a barba cortada rente e perfumada com óleo fragrante e a pele morena era perfeita. A sua couraça era adornada pelo sol do dama Baden, sem dúvida em ouro real, e o centro do turbante era decorado por uma grande turquesa. – Esperei encontrar-te aqui quando viesse recolher a... – aproximou-se até conseguir ver o caos no interior do quiosque – encomenda. Oh. Uma cáfila de camelos passou pela tua tenda? – Cheirou. – E mijaram pelo caminho? – Ergueu o véu noturno branco que lhe repousava solto à volta do pescoço e cobriu com ele o nariz. Os seus companheiros fizeram o mesmo.

– Tivemos... problemas – explicou Soli. – A culpa foi minha por me afastar por alguns minutos.

– É verdadeiramente lamentável. – Cashiv aproximou-se de Soli, sem sequer olhar Inevera. Ergueu um dedo, passando-o sobre o peito musculado de Soli, num ponto onde se via um

pouco de sangue. Esfregou o sangue entre o polegar e o indicador, pensativo. – Mas parece-me que regressaste a tempo de lidar com a situação.

– Duvido que esta cáfila em particular volte a passar por aqui – concordou Soli.

– Mas fizeram o seu trabalho – afirmou Cashiv, com tristeza. – Teremos de voltar a comprar os cestos a Krisha.

– Por favor – disse Soli, pousando uma mão sobre o braço de Cashiv. – Precisamos desta encomenda. Nem todos os cestos ficaram arruinados. Poderemos vender-te metade, pelo menos?

Cashiv baixou o olhar para a mão sobre o braço e sorriu. Moveu o braço sobre os cestos caídos.

– Pfagh! Se um foi mijado, os outros também. Não levarei produtos conspurcados ao meu mestre. Despeja-lhes um balde por cima e vende-os aos khaffit.

Aproximou-se mais, voltando a colocar a mão no peito de Soli.

– Mas, se é de dinheiro que precisas, talvez possas ganhá-lo transportando cestos na festa de amanhã em vez de os venderes. – Fez deslizar os dedos sobre a túnica solta de Soli para lhe acariciar o ombro. – Voltarás para casa com o triplo do preço dos cestos se... te portares bem.

Soli sorriu.

– Cestos são a minha especialidade, Cashiv. Ninguém conseguirá transportá-los melhor.

Cashiv riu-se.

– Passaremos por aqui amanhã para te levarmos para a festa.

– Encontramo-nos no campo de treino – disse Soli. Cashiv acenou afirmativamente e, juntamente com os companheiros, seguiram pela rua em direção ao quiosque de Krisha.

Manvah pousou uma mão sobre o ombro de Soli.

– Sinto muito por teres de fazer isto, meu filho.

Soli encolheu os ombros.

– Nalguns dias somos a peça, noutros o traseiro. Só odeio que Krisha tenha vencido.

Manvah ergueu suficientemente o véu para conseguir cuspir no chão.

– Krisha não venceu nada. Não tem cestos para vender.

– Como podes saber isso? – perguntou Soli.

Manvah riu-se.

– Soltei-lhe ratazanas na tenda de armazenamento há uma semana.

Depois de ajudar a reparar o quiosque, Soli acompanhou-os de volta ao pequeno edifício de adobe onde viviam enquanto os dama entoavam o cântico do crepúsculo nos minaretes do Sharik Hora. Tinham conseguido salvar a maior parte dos cestos, mas vários precisavam de reparação. Manvah trazia às costas um grande feixe de folhas de palmeira.

– Terei de me apressar para chegar a tempo à concentração de tropas – disse Soli. Inevera e Manvah abraçaram-no, beijando-o antes de se virar e correr pela penumbra que engolia a cidade.

No interior, destrancaram o alçapão guardado e desceram à Subcidade para passar a noite.

Cada edifício em Krasia possuía pelo menos um piso abaixo do solo e estes estavam ligados a passagens que conduziam à Subcidade propriamente dita, uma vasta rede de túneis e cavernas que se alongavam durante quilómetros. Era aí que as mulheres, as crianças e os khaffit se abrigavam em cada noite enquanto os homens travavam a alagai'sharak. Grandes blocos de pedra talhada impediam a ascensão dos demónios do abismo de Nie e estavam esculpidos com guardas poderosas que mantinham à distância os que se tivessem erguido noutra parte.

A Subcidade era um refúgio inexpugnável, concebido não apenas para albergar as massas da cidade, mas para ser uma cidade autónoma na eventualidade de acontecer o impensável e a Lança do Deserto tombar para os alagai. Havia aposentos para cada família, escolas, palácios, templos e mais.

Inevera e a sua mãe tinham apenas uma pequena cave na Subcidade, com esteiras para dormir, uma divisão fria para a

comida e uma câmara minúscula com uma cova profunda para as necessidades.

Manvah acendeu uma lanterna e sentaram-se à mesa, comendo um jantar frio. Depois de limparem os pratos, aproximou-se das folhas de palmeira. Inevera quis ajudá-la, mas Manvah abanou a cabeça.

– Vai para a cama. Tens um grande dia amanhã. Não te quero lenta e de olhos vermelhos quando a dama'ting te questionar.

Inevera olhou a longa fila de raparigas acompanhadas pelas mães, cada uma aguardando a sua vez no pavilhão das dama'ting. As Noivas de Everam tinham decretado que, quando os dama entoassem o cântico da alvorada no equinócio da primavera, todas as raparigas no seu nono ano deveriam ser levadas ao Hannu Pash, para aprenderem o caminho que Everam lhes traçara. O Hannu Pash podia levar anos para um rapaz, mas, para as raparigas, resumia-se a uma única previsão das dama'ting.

A maioria era considerada fértil e recebia o seu primeiro toucado, mas algumas partiam do pavilhão com casamento marcado ou tendo recebido uma nova vocação. Outras, sobretudo as pobres e iletradas, eram compradas aos pais e treinadas na dança das almofadas, posteriormente enviadas para o grande harém para servirem os guerreiros de Krasia como jiwah'Sharum. Era a sua honra conceber novos guerreiros para substituir os que morriam enfrentando demónios todas as noites na alagai'sharak.

Inevera acordara cheia de entusiasmo, enfiando o seu vestido castanho e escovando o cabelo preto e espesso. Caía em ondas naturais e brilhava como seda, mas aquele seria o último dia em que o mundo o veria. Entraria no pavilhão das dama'ting como rapariga, mas sairia como uma jovem mulher cujo cabelo se destinaria apenas ao seu futuro marido. Despir-lhe-iam o vestido castanho e sairia com o preto da idade adulta.

– Podemos estar no equinócio, mas a lua está cheia – disse Manvah. – É um bom augúrio, pelo menos.

– Talvez um Damaji me leve para o seu harém – disse Inevera. – Viveria num palácio e o meu dote seria tão grande que não precisarias de voltar a tecer.

– Não poderias voltar a sair à rua – disse Manvah, com voz demasiado baixa para ser ouvida por alguém em redor. – Ou falar com alguém além das tuas irmãs-esposas, completamente à mercê de um homem suficientemente velho para ser teu bisavô. – Abanou a cabeça. – Pelo menos, conseguimos pagar os impostos e tens dois homens para falar por ti. Será pouco provável que te vendam para o grande harém. E até isso seria preferível a seres considerada estéril e proscrita como nie'ting.

Nie'ting.

Pensar aquilo fez Inevera estremecer. As raparigas estéreis nunca poderiam vestir preto, mantendo as vestes de cor castanha durante toda a vida como khaffit, expondo vergonhosamente as suas caras.

– Talvez me escolham para ser dama'ting – disse.

Manvah abanou a cabeça.

– Não escolherão. Nunca escolhem ninguém.

– A avó conta que uma rapariga foi escolhida no seu ano – disse Inevera.

– Isso terá acontecido há uns cinquenta anos – disse Manvah.

– E a mãe do teu pai, Everam a abençoe, é dada ao... exagero.

– Então de onde vieram todas as nie'dama'ting? – perguntou Inevera, referindo-se às aprendizes de dama'ting, que descobriam a cara, mas envergavam o branco da consagração a Everam.

– Há quem diga que é o Próprio Everam a deixar as suas Noivas de esperanças e que as nie'dama'ting são as suas filhas – disse Manvah. Inevera olhou-a, arqueando uma sobrancelha enquanto pensava se a mãe estaria a brincar.

Manvah encolheu os ombros.

– É uma explicação tão boa como qualquer outra. Posso dizer-te que nenhuma das mães do mercado viu alguma vez uma rapariga ser escolhida ou ouviram contar tal coisa.

– Mãe! Irmã! – Um sorriso amplo iluminou a face de Inevera quando viu Soli aproximando-se, seguido por Cashiv. As vestes negras do irmão traziam ainda o pó do Labirinto e o escudo, pendurado sobre o ombro, tinha amolgadelas recentes. O de Cashiv permanecia tão imaculado como sempre.

Inevera correu e abraçou Soli. Este riu-se, ergueu-a do chão com um braço e fê-la girar pelo ar. Inevera guinchou de deleite, sem qualquer medo. Nada a assustava quando Soli estava por perto. Pousou-a com a delicadeza de uma pena e foi abraçar a mãe.

– Que fazes aqui? – perguntou Manvah. – Pensei que estarias já a caminho do palácio do dama Baden.

– E estou – respondeu Soli. – Mas não podia deixar a minha irmã ir ao seu Hannu Pash sem lhe desejar todas as bênçãos de Ala. – Estendeu a mão, despenteando o cabelo de Inevera. Esta tentou acertar-lhe na mão com uma palmada, mas, como sempre, o irmão foi demasiado rápido e afastou-a a tempo.

– Achas que o pai virá abençoar-me também? – perguntou-lhe.

– Ah... – Soli hesitou. – Tanto quanto sei, o pai dorme no quiosque. Não compareceu na noite passada. Disse ao supervisor que tinha problemas de estômago... outra vez. – Soli encolheu os ombros e Inevera baixou os olhos, não querendo que visse o seu desapontamento.

Soli baixou-se, erguendo-lhe o queixo com um dedo delicado para que os seus olhares se encontrassem.

– Mas sei que o pai te deseja todas as bênçãos, tal como eu, mesmo que lhe custe mostrá-lo.

Inevera acenou afirmativamente.

– Eu sei. – Rodeou o pescoço de Soli com os braços uma última vez antes da partida do irmão. – Obrigada.

Cashiv olhou Inevera como se notasse a sua presença pela primeira vez. Esboçou o seu sorriso atraente e curvou-se.

– Muitas bênçãos, Inevera vah Kasaad, no dia em que te tornas mulher. Desejo-te um bom marido e muitos filhos, todos tão belos como o teu irmão.

Inevera sorriu e sentiu-se corar enquanto os guerreiros se afastavam.

Por fim, a fila começou a mover-se. O dia avançava lentamente enquanto se erguiam sob o sol quente, com as raparigas e as suas mães entrando na sua vez. Algumas passavam meros minutos no interior, outras quase uma hora. Todas partiam vestindo o negro, a maioria aparentando desagrado e alívio em partes iguais. Algumas raparigas fitavam o vazio, esfregando os braços distraidamente enquanto as mães as conduziam para casa.

Quando se aproximaram do início da fila, a mãe de Inevera segurou os ombros da rapariga com mais força, cravando-lhe as unhas, mesmo através do vestido.

– Mantém os olhos baixos e a língua quieta. Fala só quando falarem contigo – silvou Manvah. – Nunca respondas a uma pergunta com outra pergunta e nunca discordes. Di-lo comigo: «Sim, dama'ting.»

– Sim, dama'ting – repetiu Inevera.

– Mantém essa resposta na cabeça – disse Manvah. – Ofender uma dama'ting é ofender o próprio destino.

– Sim, mãe. – Inevera engoliu em seco, sentindo um aperto nas entranhas. O que se passaria dentro do pavilhão? A mãe não passara pelo mesmo ritual? O que receava tanto?

Uma nie'dama'ting abriu a entrada da tenda e a rapariga que entrara antes de Inevera saiu. Trazia um toucado, mas era de cor castanha, tal como o vestido que continuava a vestir. A mãe massajava-lhe os ombros, murmurando palavras de consolo enquanto caminhavam, chorando as duas.

A nie'dama'ting observou a cena com serenidade antes de se voltar para Inevera e para a sua mãe. Talvez tivesse treze anos. Era alta, bem constituída, com maçãs do rosto salientes e um nariz curvo que a fazia parecer uma ave de rapina.

– Chamo-me Melan. – Convidou-as a entrar com um gesto. – A dama'ting Qeva receber-vos-á agora.

Inevera inspirou fundo enquanto, juntamente com a mãe, descalçava os sapatos, traçava guardas no ar e entrava no

pavilhão das dama'ting.

O sol era filtrado pelo teto alto de lona, preenchendo a grande tenda com luz brilhante. Tudo era branco, desde as paredes da tenda ao mobiliário pintado e ao piso de lona grossa.

A brancura tornava o sangue mais perturbador. Havia grandes manchas vermelhas e castanhas no chão da entrada, bem como um rasto denso de pegadas avermelhadas dirigindo-se para divisões à direita e à esquerda.

– É sangue de Sharum – disse uma voz, fazendo Inevera dar um salto ao perceber pela primeira vez que a Noiva de Everam estava à sua frente, com as vestes brancas confundindo-se quase completamente com o fundo. – Dos feridos trazidos da alagai'sharak ao amanhecer. Todos os dias, o piso da tenda é cortado e queimado no topo dos minaretes do Sharik Hora durante o chamamento para a oração.

Como se respondessem a uma deixa, os gritos de dor ouviram-se à volta de Inevera. Do outro lado das divisórias de tecido grosso, havia homens em agonia. Imaginou o pai... ou, pior ainda, Soli, entre eles e cada guincho e gemido fê-la estremecer.

– Que Everam me leve! – gritou um homem, desesperado. – Não viverei como aleijado!

– Cuidado com os passos – advertiu a dama'ting Qeva. – A sola dos teus pés não é digna de tocar o sangue honrado de guerreiros que o verteram por ti.

Inevera e a mãe contornaram as porções manchadas da lona para se erguerem diante da dama'ting. Vestida da cabeça aos pés com seda branca e apenas com os olhos e as mãos descobertos, Qeva era alta e de constituição vigorosa, tal como Melan, mas com curvas femininas.

– Como te chamas, rapariga? – A voz da Noiva de Everam era grave e ríspida.

– Inevera vah Kasaad am'Damaj am'Kaji, dama'ting – respondeu Inevera, curvando-se. – Batizada em honra da Primeira Esposa de Kaji. – As unhas de Manvah cravaram-se-lhe

no ombro depois de acrescentar informação adicional à resposta, provocando-lhe um gemido involuntário. A dama'ting pareceu não notar.

– Acreditarás, certamente, que isso te torna especial – afirmou Qeva com desprezo. – Se Krasia tivesse um guerreiro por cada rapariga inútil que teve esse nome, a Sharak Ka chegaria ao fim.

– Sim, dama'ting – disse Inevera, voltando a curvar-se enquanto as unhas da mãe deixavam de se cravar na sua pele.

– És bonita – notou a dama'ting.

Inevera curvou-se.

– Obrigada, dama'ting.

– Os haréns precisam de raparigas bonitas a quem não tenha sido dado uso – disse Qeva, olhando Manvah. – Quem é o teu marido e qual é a tua profissão?

– O dal'Sharum Kasaad, dama'ting – respondeu Manvah, curvando-se. – E sou cesteira.

– Primeira Esposa? – perguntou Qeva.

– Sou a sua única esposa, dama'ting – respondeu Manvah.

– Os homens acreditam que terão novas mulheres quando prosperarem, Manvah dos Kaji – disse-lhe Qeva. – Mas passa-se o oposto. Tentaste obter irmãs-esposas, como determina o Evejah, para te ajudarem a fabricar cestos e para darem mais filhos ao teu marido?

– Sim, dama'ting. Muitas vezes. – Manvah cerrou os dentes. – Os pais delas... não aprovaram a união.

A noiva de Everam emitiu um ruído de desprezo. A resposta dizia muito sobre Kasaad.

– A rapariga tem instrução?

Manvah acenou afirmativamente.

– Sim, dama'ting. Inevera é minha aprendiz. Tem grande perícia para a profissão e ensinei-a a fazer somas e a preencher registos. Leu o Evejah uma vez por cada um dos sete pilares do Paraíso.

O olhar da dama'ting era imperscrutável.

– Sigam-me.

Voltou-se e caminhou pelo interior do pavilhão. Não prestou atenção ao sangue no chão, com a túnica de seda esvoaçante deslizando sem qualquer constrangimento. Nem uma gota a sujou. Nenhuma gota se atreveria.

Melan seguiu-a. A nie'dama'ting contornou o sangue e Inevera e a mãe foram atrás. O pavilhão era um labirinto de paredes de pano branco, com muitas curvas que se lhes deparavam antes que Inevera percebesse a sua presença. Não havia sangue no chão ali e até os gritos dos Sharum feridos eram abafados. Contornando uma curva, as paredes e o teto passaram bruscamente do branco ao preto. Era como passar do dia para a noite. Após descrever mais uma curva, a escuridão aumentou de tal forma que a mãe, com as suas vestes negras de dal'ting, se tornou quase invisível enquanto a dama'ting vestida de branco e a sua aprendiz se tornavam quase imagens fantasmagóricas.

Qeva parou de repente e Melan contornou-a para abrir um alçapão em que Inevera nem reparara. No interior, conseguia ver com dificuldade a escadaria de pedra que conduzia a uma escuridão ainda mais profunda. A pedra talhada era fria sob os pés nus e, quando Melan puxou o alçapão, fechando-o depois de entrarem, a escuridão foi quase completa. Desceram lentamente e Inevera sentiu pavor de tropeçar e arrastar consigo a Noiva de Everam pelos degraus abaixo.

Mas a escadaria revelou ser abençoadamente curta, apesar de Inevera ter realmente tropeçado de surpresa quando chegou ao fim. Conseguiu recompor-se rapidamente e ninguém pareceu notar.

Uma luz vermelha surgiu na mão de Qeva, projetando um brilho malévolos que lhes permitia verem-se umas às outras, mas fazendo pouco para repelir a escuridão opressora em redor. A dama'ting conduziu-as por um corredor ladeado por celas escuras abertas na rocha. Havia guardas esculpidas nas paredes de ambos os lados.

– Espera aqui com Melan – disse Qeva a Manvah, indicando a Inevera que entrasse numa das celas. Esta estremeceu quando

a porta se fechou depois de entrarem.

Havia um pedestal de pedra a um canto da cela e a dama'ting depositou sobre ele o objeto luminoso. Parecia um pedaço de carvão decorado com guardas brilhantes, mas Inevera sabia que não. Era alagai hora.

Osso de demônio.

Qeva voltou-se novamente para ela e Inevera captou um vislumbre da lâmina curva que a mulher segurava. A luz vermelha fazia-a parecer coberta de sangue.

Inevera guinchou e recuou, mas a cela era minúscula e depressa ficou encostada à parede de pedra. A dama'ting ergueu a lâmina até ao nariz de Inevera, forçando-a a entortar os olhos para a ver.

– Temes a lâmina? – perguntou a dama'ting.

– Sim, dama'ting – respondeu Inevera automaticamente, com a voz cedendo.

– Fecha os olhos – ordenou Qeva. Inevera tremia de medo, mas obedeceu, sentindo o coração acelerado no peito enquanto esperava que a lâmina lhe perfurasse a carne.

Mas a dor não chegou.

– Imagina uma palmeira, filha da cesteira – disse-lhe Qeva. Inevera não compreendeu muito bem, mas acenou afirmativamente. Era uma imagem facilmente invocável porque trepava palmeiras todos os dias, subindo pelos troncos acima para colher folhas para fabricar cestos.

– Uma palmeira teme o vento? – perguntou a dama'ting.

– Não, dama'ting – respondeu Inevera.

– O que faz?

– Curva-se, dama'ting – disse Inevera.

– O Evejah ensina-nos que o medo e a dor são apenas vento, Inevera, filha de Manvah. Deixa-o soprar.

– Sim, dama'ting – disse Inevera.

– Repete três vezes – ordenou Qeva.

– O medo e a dor são apenas vento – disse Inevera, inspirando fundo. – O medo e a dor são apenas vento. O medo e a dor são apenas vento.

– Abre os olhos e ajoelha-te – disse Qeva. Quando Inevera obedeceu, acrescentou: – Estende o braço. – O membro que Inevera ergueu parecia separado do corpo, mas manteve-o firme. A Noiva de Everam arregaçou-lhe a manga e golpeou-lhe o antebraço, traçando uma linha de sangue.

Inevera susteve a respiração por um instante, mas não estremeceu nem gritou. *O medo e a dor são apenas vento.*

A dama'ting ergueu o véu ligeiramente e lambeu a faca, provando o sangue de Inevera. Devolveu-a à bainha na cintura e, a seguir, estendeu uma mão forte para apertar o corte, fazendo pingar sangue sobre um punhado de dados pretos cobertos com guardas.

Inevera cerrou os dentes. *O medo e a dor são apenas vento.*

Quando o sangue atingiu os dados, começaram a brilhar e Inevera percebeu que também eram alagai hora. O seu sangue tocava ossos de demónio. Pensar aquilo era horripilante.

A dama'ting deu um passo atrás, entoando um cântico em voz baixa enquanto abanava os dados, cada vez mais brilhantes com cada movimento.

– Everam, Senhor da luz e da vida, imploro-Te, concede a esta humilde serva o conhecimento do que sucederá. Fala-me de Inevera, filha de Kasaad, da linhagem Kaji de Damaj.

Após isto, lançou os dados ao chão diante de Inevera. A sua luz explodiu num clarão que a fez pestanejar, reduzindo-se em seguida a um pulsar lento enquanto os símbolos brilhantes no chão expunham os filamentos que teciam o seu destino.

A dama'ting não disse nada. Estreitou os olhos, fitando os símbolos durante longo tempo. Inevera não conseguiria dizer ao certo quanto tempo se passou, mas começou a balouçar. Os músculos das pernas começaram a ceder, não estando acostumada a passar tanto tempo de joelhos.

Qeva ergueu o olhar quando se moveu.

– Senta-te sobre os calcanhares e fica quieta! – Levantou-se, movendo-se num círculo pela cela minúscula para inspecionar de todos os ângulos o padrão formado pelos dados.

Lentamente, o brilho começou a desvanecer-se, mas, mesmo assim, a dama'ting refletia.

Fosse ou não uma palmeira ao vento, Inevera começou a sentir-se muito nervosa. Os seus músculos reclamavam do esforço e a ansiedade duplicava a cada segundo. O que veria a Noiva de Everam? Seria retirada à sua mãe e vendida a um harém? Seria estéril?

Por fim, Qeva olhou Inevera.

– Se tocares nos dados, pagarás com a vida.

Depois, saiu da cela, bradando ordens. Ouviu-se um som de passos apressados enquanto Melan se afastava a correr.

No momento seguinte, Manvah entrou na cela, contornando cuidadosamente os dados para se ajoelhar atrás de Inevera.

– Que aconteceu? – sussurrou.

Inevera abanou a cabeça.

– Não sei. A dama'ting olhou os dados como se não soubesse o que significavam.

– Ou não gostou do que lhe disseram – murmurou Manvah.

– Que acontece agora? – perguntou Inevera, sentindo a face arrefecer.

– Convocam a Damaji'ting Kenevah – disse Manvah, motivando um gemido de surpresa a Inevera. – Será ela quem proferirá a última palavra. Reza.

Inevera estremeceu enquanto baixava a cabeça. O medo que sentia da dama'ting era suficiente. Pensar em ser avaliada pela sua superiora...

Por favor, Everam, implorou, permite que seja fértil e dê filhos aos Kaji. A minha família não suportaria a vergonha se fosse nie'ting. Concede-me este desejo e entregar-me-ei a Ti para sempre.

Permaneceram ambas ajoelhadas durante longo tempo, iluminadas pelo brilho vermelho e rezando.

– Mãe? – perguntou Inevera.

– Sim? – respondeu a sua mãe.

Inevera engoliu em seco.

– Continuarás a amar-me se for estéril? – A voz cedeu-lhe no fim da frase. Não quisera chorar, mas deu consigo a pestanejar para conter as lágrimas.

No momento seguinte, Manvah acolheu-a nos braços.

– És a minha filha. Amar-te-ia mesmo que apagasses o sol.

Após uma espera interminável, Qeva regressou, seguida por outra Noiva de Everam, mais velha e mais magra, com olhar penetrante. Envergava o branco das dama'ting, mas o seu véu e o toucado eram de seda negra. A Damaji'ting Kenevah, a mulher mais poderosa de Krasia.

A Damaji'ting viu-as abraçadas e separaram-se imediatamente, voltando a fixar os olhos nos joelhos. Não disse nada, aproximando-se dos dados. Estudou o padrão durante longos minutos.

Por fim, Kenevah disse:

– Levem-na.

Inevera não conteve um gemido de espanto quando Qeva se aproximou, segurando-lhe o braço e levantando-a. Olhou freneticamente a mãe e viu Manvah arregalar os olhos de medo.

– Mãe!

Manvah lançou-se ao chão, segurando a bainha da túnica branca de Qeva enquanto a dama'ting arrastava a filha.

– Por favor, dama'ting – implorou. – A minha filha...

– A tua filha deixa de merecer o teu cuidado – interrompeu-a Kenevah enquanto Qeva agitava uma perna para afastar a túnica das mãos de Manvah. – Pertence a Everam.

– Tem de haver um engano – disse Inevera, sentindo-se atordoada enquanto Qeva a conduzia pela rua com uma mão firme prendendo-lhe o braço. Sentia-se como se fosse escoltada para receber chicotadas e não levada para um palácio. A Damaji'ting Kenevah e Melan, a aprendiz nie'dama'ting, caminhavam com elas.

– Os dados não se enganam – disse Kenevah. – E deverias sentir regozijo. Tu, a filha de uma cesteira e de um Sharum indigno de nota, serás prometida a Everam. Não percebes a grande honra que trouxeste à tua família neste dia?

– Então porque não me pude despedir deles? Ou só da minha mãe? – *Nunca respondas a uma pergunta com outra pergunta*, dissera Manvah. Mas Inevera não conseguia importar-se.

– É melhor que a separação seja brusca – disse Kenevah. – São-te inferiores. Irrelevantes. Não te será permitido vê-los durante o treino e, quando estiveres pronta para ser testada para as vestes brancas, já não desejarás vê-los.

Inevera não conseguia responder a uma afirmação tão ridícula. Não querer voltar a ver a sua mãe? O seu irmão? Impensável. Sentiria saudades até do pai, apesar de ser muito provável que Kasaad nem notasse a sua ausência.

O Palácio das Dama'ting Kaji depressa se tornou visível. Igual aos dos Damaji mais poderosos, tinha uma parede guardada com seis metros de altura que impedia a passagem de inimigos diurnos e de alagai. Sobre o topo da muralha, conseguia ver as torres altas e a grande cúpula do palácio, mas Inevera nunca estivera além da muralha. Apenas as dama'ting e as suas aprendizes podiam passar os grandes portões. Nenhum homem, nem mesmo o próprio Andrah, podia pisar o solo sagrado.

Era o que tinha sido dito a Inevera, pelo menos, mas, quando os portões (que pareciam ter-se aberto sozinhos) se fecharam depois da sua passagem, viu um par de homens musculados empurrando-os. Vestiam apenas bidos brancos e calçavam sandálias e o cabelo e os corpos reluziam cobertos de óleo. Tinham grilhetas douradas nos tornozelos e nos pulsos, mas Inevera não viu qualquer corrente unindo-as.

– Julguei que os homens não podiam entrar no palácio – disse. – Para proteger a castidade das dama'ting.

As Noivas de Everam riram-se como se tivessem ouvido uma grande piada. Até Melan se riu.

– Não estás errada – disse Kenevah. – Os eunucos não têm bolas e não são homens aos Olhos de Everam.

– Então são... push'ting? – perguntou Inevera.

Kenevah riu-se.

– Poderão não ter bolas, mas as lanças funcionam suficientemente bem para fazerem o trabalho de um homem.

Inevera esboçou um sorriso dorido enquanto subiam os degraus de mármore polido de um branco cegante. Mantinha os braços colados ao tronco, tentando ser tão pequena e inconspícua como fosse possível enquanto as grandes portas eram abertas por mais escravos bonitos e musculados com grilhetas douradas. Curvaram-se e Qeva passou um dedo sob o queixo de um.

– Foi um dia exigente, Khavel. Vem aos meus aposentos dentro de uma hora com pedras aquecidas e óleo perfumado. Preciso de aliviar a tensão. – O escravo intensificou a vénia, sem dizer uma palavra.

– Não lhes é permitido falar? – perguntou Inevera.

– Não conseguem fazê-lo – disse Kenevah. – As suas línguas foram cortadas com as bolas e não conhecem a escrita. Nunca poderão contar as maravilhas que presenciaram no Palácio das Dama'ting.

E, na verdade, o palácio estava realmente preenchido com luxo e opulência além de qualquer coisa que Inevera pudesse ter imaginado. Tudo, desde as colunas e cúpula alta ao chão, às paredes e às escadarias era talhado no mesmo mármore branco imaculado, polido até parecer brilhar com luz própria. Grossas carpetes, incrivelmente macias sob os seus pés descalços, revestiam os corredores, enchendo-os com cores garridas. Havia tapeçarias penduradas nas paredes, obras-primas que traziam à vida as histórias do Evejah. Magníficas peças de cerâmica vidrada erguiam-se sobre pedestais de mármore, juntamente com objetos de cristal, ouro e prata polida, indo de esculturas delicadas e filigrana até cálices e taças pesados. No bazar, tais objetos teriam sido guardados com zelo. Qualquer um poderia ser vendido por dinheiro suficiente para sustentar uma família durante uma década. Mas quem em Krasia se atreveria a roubar às dama'ting?

Outras Noivas passaram pelos corredores, algumas sozinhas, outras em grupos animados. Todas vestiam a mesma seda branca esvoaçante, com toucados e véus, mesmo ali dentro, onde nenhum homem poderia vê-las. Pararam e curvaram-se

quando Kenevah passava e, apesar de tentarem disfarçar, cada uma dirigiu a Inevera uma avaliação curiosa e não inteiramente agradada.

A maioria das Noivas que viu estava de esperanças. Era chocante ver dama'ting em tal condição, sobretudo quando os únicos homens que podiam aproximar-se delas estavam castrados, mas Inevera camuflou a surpresa sob uma máscara de regateadora. A paciência de Kenevah poderia esgotar-se com tal pergunta e, se era esperado que ali vivesse, a resposta não demoraria a tornar-se aparente.

Havia sete alas no palácio, uma por cada pilar do Paraíso, com a ala central apontando Anoch Sun, último repouso de Kaji. Era essa a ala pessoal da Damaji'ting e Inevera foi escoltada até ao gabinete opulento da Primeira Noiva. Qeva e Melan foram instruídas a aguardar no exterior.

– Senta-te – disse-lhe a Damaji'ting, apontando os sofás de veludo dispostos diante de uma mesa de madeira polida. Inevera sentou-se timidamente, sentindo-se minúscula e insignificante na câmara imensa. Kenevah sentou-se atrás da secretária, unindo as pontas dos dedos e olhando Inevera, que parecia mirrar sob o olhar intenso.

– Qeva disse-me que conheces a origem do teu nome – disse Kenevah com expressão severa. Inevera não percebeu se troçava. – Conta-me o que sabes dela.

– Inevera era filha de Damaj, o amigo mais próximo de Kaji e seu conselheiro – disse Inevera. – O Evejah diz que era tão bela que Kaji se apaixonou à primeira vista, proclamando ser vontade de Everam que fosse a primeira entre as suas esposas.

Kenevah roncou.

– A Damajah era mais do que isso, rapariga. Muito mais. Quando se deitou sobre as almofadas com Kaji, sussurrou-lhe sabedoria ao ouvido, elevando-o a um poder antes desconhecido. Diz-se que falava com a voz de Everam e é por isso que o seu nome significa «vontade de Everam». Inevera foi também a primeira dama'ting – prosseguiu Kenevah. – Deu-nos a cura, o veneno e a magia dos hora. Teceu a Capa de

Invisibilidade de Kaji e talhou as guardas na sua coroa e na sua lança poderosa.

Kenevah olhou Inevera.

– E voltará a nascer, quando a Sharak Ka estiver próxima, para encontrar o próximo Libertador.

Inevera engoliu em seco, mas Kenevah fixou nela um olhar tolerante.

– Vi cem raparigas com o teu nome engolirem em seco da mesma forma, mas nenhuma encontrou qualquer Libertador. Quantas existem apenas no clã Damaj? Vinte?

Inevera acenou afirmativamente. Kenevah ergueu da secretária um livro pesado com lombada de couro gasto. Outrora, fora decorado com folha dourada, mas restavam apenas vestígios.

– O Evejah'ting – disse Kenevah. – Lê-lo-ás.

Inevera curvou-se.

– Com certeza, Damaji'ting, apesar de ter lido o texto sagrado muitas vezes antes.

Kenevah abanou a cabeça.

– Leste o Evejah na versão de Kaji, que foi alterada ao longo dos anos para servir os desígnios dos dama. Mas o Evejah é apenas metade da história. O Evejah'ting, o livro que o acompanha, foi escrito pela própria Damajah e contém a sua sabedoria pessoal e o seu relato da ascensão de Kaji. Memorizarás cada página.

Inevera recebeu o livro nas mãos. As páginas eram impossivelmente finas e macias, mas o Evejah'ting era tão grosso como o Evejah que Manvah usara para a ensinar a ler. Aproximou-o do peito como se quisesse protegê-lo de ladrões.

A Damaji'ting estendeu-lhe uma bolsa de veludo grosso. Inevera ouviu algo chocalhar no interior quando a recebeu.

– A tua bolsa de hora – disse Kenevah.

Inevera empalideceu.

– Há ossos de demónio dentro dela?

Kenevah abanou a cabeça.

– Precisarás de meses para teres a disciplina suficiente para poderes tocar hora verdadeiros e de anos para te ser permitido entrar na Câmara das Sombras para talhares os teus dados.

Inevera afrouxou o cordão e esvaziou o conteúdo da bolsa na mão. Eram sete dados de barro, cada um com um número de faces diferente. Todos estavam pintados de preto, assemelhando-se a osso de demónio, com símbolos gravados a vermelho em cada face.

– Os dados poderão revelar-te todos os mistérios do mundo se conseguires aprender a lê-los da forma adequada – explicou Kenevah. – Estes servirão para te lembrar daquilo a que aspiras e serão um modelo de estudo. A maior parte do Evejah’ting versa sobre a sua compreensão.

Inevera voltou a guardar os dados na bolsa e fechou-a antes de a enfiar no bolso.

– Ter-te-ão rancor – disse Kenevah.

– Quem, Damaji’ting? – perguntou Inevera.

– Todas – explicou Kenevah. – Prometidas e Noivas. Não há uma mulher aqui que te acolha.

– Porquê? – perguntou Inevera.

– Porque a tua mãe não era dama’ting. Não nasceste entre vestes brancas – disse Kenevah. – Passaram duas gerações desde a última vez que os dados escolheram uma rapariga. Terás de duplicar o esforço das outras se desejas merecer o teu véu. As tuas irmãs treinam desde que nasceram.

Inevera digeriu a informação. Fora do palácio, todos sabiam que as dama’ting eram castas. Aparentemente, as próprias dama’ting tinham outra opinião.

– Ter-te-ão rancor – repetiu Kenevah –, mas também te terão receio. Se fores sensata, saberás usá-lo.

– Receio? – perguntou Inevera. – Que motivo haverá para me terem receio, por Everam?

– Porque a última rapariga escolhida pelos dados se senta à tua frente como Damaji’ting – disse Kenevah. – Sempre foi assim, desde o tempo de Kaji. Os dados indicam que poderás suceder-me.

– Serei Damaji’ting? – perguntou Inevera, incrédula.

– Poderás suceder-me – repetiu Kenevah. – Se sobreviveres durante tempo suficiente. As outras observar-te-ão e julgar-te-ão. Algumas das tuas irmãs de treino poderão tentar conquistar o teu favor e outras procurarão dominar-te. Terás de ser mais forte que elas.

– Eu... – começou Inevera.

– Mas não deverás parecer demasiado forte – interrompeu Kenevah. – Ou as dama’ting provocar-te-ão uma morte discreta antes de receberes o véu e deixarão que os dados escolham outra.

Inevera sentiu o sangue gelar.

– Tudo o que conheces está prestes a mudar, rapariga – disse Kenevah. – Mas penso que acabarás por descobrir que o Palácio das Dama’ting não é muito diferente do Grande Bazar.

Inevera inclinou a cabeça, não percebendo se a mulher gracejava ou não, mas Kenevah ignorou-a, fazendo soar uma campainha dourada colocada sobre a secretária. Qeva e Melan entraram no gabinete.

– Levem-na para a Cripta.

Qeva voltou a tomar o braço de Inevera, guiando-a para fora do sofá, quase arrastando-a.

– Melan, instruí-la-ás no caminho das Prometidas – disse Kenevah. – Durante as próximas doze luas, os seus falhanços serão teus.

Melan curvou-se numa vénia, sem conseguir esconder um esgar de desagrado.

– Sim, avó.

A Cripta não se situava em nenhuma das sete alas do palácio. Ficava por baixo, no palácio subterrâneo.

Como a maioria das grandes estruturas na Lança do Deserto, o Palácio das Dama’ting tinha tantos níveis inferiores como superiores. O palácio subterrâneo era mais frio em temperatura e decoração do que o superior. Não havia vestígios das cores, do ouro e do brilho do palácio propriamente dito. Longe do sol, a Subcidade não era local para manifestações extravagantes de

riqueza. Não era um local que convidasse a conforto em excesso.

Mas, mesmo assim, o palácio subterrâneo continha maior esplendor do que os parcos quartos de adobe a que Inevera e a família chamavam casa. Os tetos altos, grandes colunas e arcadas conferiam grandeza até à pedra nua e as guardas talhadas na superfície eram obras de arte. Mesmo longe do sol, a temperatura era aprazivelmente temperada, com tapetes macios sobre os pisos de pedra com guardas cosidas de cada lado. Se os alagai conseguissem de alguma forma entrar naquele local sagrado, as Noivas de Everam estariam seguras.

Havia dama'ting patrulhando os corredores, passando ocasionalmente pelas recém-chegadas. Saudavam Qeva com um movimento da cabeça e seguiam caminho, mas Inevera sentia o peso dos seus olhos enquanto se afastavam.

Desceram uma escadaria, continuando ao longo de várias outras passagens. O ar aqueceu e tornou-se mais húmido. Os tapetes desapareceram e o chão de mármore deu lugar a mosaicos que a condensação tornava escorregadios. Uma dama'ting encorpada, que vigiava um pórtico, fitava abertamente Inevera como um gato fitaria um rato. Inevera estremeceu quando entraram numa câmara ampla com dúzias de suportes ao longo das paredes. A maioria continha uma túnica e uma fita longa de seda branca. Mais adiante, Inevera ouvia risos e o som de gente chapinhando.

– Tira o vestido e deixa-o no chão para que seja queimado – disse Qeva.

Inevera apressou-se a despir o vestido de cor castanha e o bido, uma tira ampla de pano que afastava a areia e o pó omnipresentes no bazar das suas partes baixas. O de Manvah era preto e fora a mãe a ensiná-la a prendê-lo num nó rápido e eficaz.

Melan despiu-se e Inevera viu que, sob a túnica e calças de seda, também vestia um bido, mas muito mais complexo, entrançado muitas vezes a partir de uma tira de seda com menos de um centímetro de largura. A cabeça também estava

envolta em seda que lhe cobria o cabelo, as orelhas e o pescoço. A cara permanecia exposta.

Melan desatou um pequeno nó sob o queixo e começou a retirar a cobertura da cabeça. Movia as mãos com rapidez experiente, invertendo o que Inevera conseguia ver tratar-se de uma trama de imensa complexidade. Enquanto o fazia, as mãos torciam-se continuamente para enrolar a seda à sua volta, mantendo-a esticada.

Inevera sentiu-se chocada por ver que a rapariga tinha a cabeça rapada, com a pele morena lisa e brilhante como pedra polida.

A cobertura terminava na trança apertada de seda que descia pelas costas de Melan abaixo. As mãos da rapariga continuaram a sua dança da cabeça para baixo, desfazendo dúzias de cruzamentos de seda até dois filamentos separados alcançarem o seu bido. Mesmo assim, as mãos da acólita não se detiveram.

É uma única peça, percebeu Inevera, olhando com espanto enquanto Melan desfazia lentamente o seu bido. A aparência de dança aumentou quando Melan começou a mover os pés sobre os filamentos, marcando um ritmo com os pés descalços. A seda cruzava-se sobre as suas coxas e entre as pernas dúzias de vezes, formando várias camadas sobrepostas.

Inevera fizera cestos suficientes para conhecer boa tecelagem quando a via e aquilo era uma obra-prima. Algo tão intrincado poderia ser usado durante todo o dia sem se soltar e alguém sem perícia acabaria por cometer erros e nunca conseguiria desfazer a trama.

– O bido tecido é a teia que salvaguarda a tua virgindade – disse Qeva, estendendo a Inevera um grande rolo de seda branca fina. – Usá-lo-ás sempre, excetuando as abluções e as necessidades aqui na câmara inferior da Cripta. Não sairás da Cripta sem ele em qualquer circunstância e serás punida se for tecido de forma incorreta. Melan ensinar-te-á a tecê-lo. Será simples para a filha de uma cesteira.

Melan reagiu à afirmação com um ronco de desprezo e Inevera engoliu em seco e tentou não olhar fixamente a cabeça

calva da rapariga enquanto se aproximava. Era alguns anos mais velha e muito bonita sem o véu. Estendeu as mãos, cada uma envolta em pelo menos três metros de seda. Inevera imitou-a e passaram as duas sobre a tira de seda estendida entre as mãos, fazendo-a repousar contra as nádegas.

– A primeira trama chama-se Guardiã de Everam – disse Melan, esticando a seda e cruzando-a sobre o sexo. – Cruza-se sete vezes, uma por cada pilar do Paraíso. – Inevera copiou-lhe os movimentos e conseguiu acompanhá-la durante algum tempo até Qeva interromper.

– Há uma torção na seda. Recomecem – disse a dama'ting.

Inevera acenou afirmativamente e as duas raparigas desfizeram a trama e começaram do início. Inevera franziu o cenho, esforçando-se por imitar a trama sem erros. Kenevah dissera que Melan suportaria o peso dos seus erros e não queria que a rapariga fosse punida pelas suas mãos desastradas. Conseguiu acompanhá-la até ao toucado antes de a dama'ting voltar a interromper.

– Não tão apertado – disse Qeva. – Atas um bido, não tentas impedir que o crânio desfeito de um Sharum mantenha a forma. Recomecem.

Melan dirigiu a Inevera um olhar de desagrado que a fez corar, mas voltaram a inverter os passos, desfazendo por completo os bidos antes de recomeçarem.

À terceira repetição, Inevera conseguiu sentir a trama. Os seus movimentos tornaram-se naturais e, em breve, o seu bido de seda era idêntico ao de Melan.

Qeva bateu com as mãos.

– Talvez haja esperança para ti, afinal, rapariga. Melan precisou de meses para dominar a trama do bido e foi uma das alunas mais rápidas. Não é verdade, Melan?

– É como diz a dama'ting. – Melan curvou-se numa vénia rígida e Inevera sentiu que Qeva a provocava.

– As duas para o banho – disse Qeva. – O dia vai longo e a cozinha não tardará a abrir.

O estômago de Inevera roncou ao ouvir a referência a comida. Não comia há tantas horas.

– Comerás em breve. – Qeva sorriu. – Depois de terminares de servir a ceia e de lavares a louça com as outras raparigas.

Riu-se e apontou a origem do vapor e do ruído de água revolvida. Melan desfez rapidamente o bido e seguiu nessa direção. Inevera demorou mais tempo, tentando não emaranhar a seda, e seguiu-a com os pés descalços pisando os mosaicos.

A passagem conduzia a um grande tanque cuja água quente enchia o ar de vapor. Havia dúzias de raparigas no interior, todas tão calvas como Melan. Algumas teriam a idade de Inevera, mas muitas eram mais velhas, algumas quase mulheres feitas. Banhavam-se no tanque ou sentavam-se nos degraus de pedra escorregadios que o rodeavam, rapando-se e cortando as unhas.

Inevera pensou no balde de água morna que partilhara com a mãe para se lavarem. A razão que lhes cabia permitia-lhes que mudassem a água com pouca frequência. Entrou no tanque, maravilhada, sentindo a água quente acariciando-lhe as coxas enquanto passava as pontas dos dedos sobre a superfície como se tocasse seda no mercado.

Todas ergueram o olhar quando entraram. As que se sentavam endireitaram as costas como serpentes preparando o ataque e todos os olhos na divisão repleta de vapor se fixaram nas duas raparigas. Avançaram rapidamente, rodeando-as.

Inevera voltou-se para trás, mas o caminho estava bloqueado e o anel de raparigas fechava-se, impedindo a fuga e impedindo-a de ver o exterior.

– É esta? – perguntou uma rapariga.

– Foi esta que os dados escolheram? – perguntou outra. As perguntas perderam-se no vapor enquanto as raparigas começavam a mover-se, olhando Inevera de todos os ângulos, fazendo lembrar a forma como Qeva olhara os seus dados.

Melan acenou afirmativamente e o anel apertou-se mais ainda. Inevera sentiu-se esmagada pelo peso de todos os olhares.

– Melan, o que...? – tentou dizer Inevera, com o coração acelerado.

Melan segurou-lhe o pulso, torcendo e puxando com força. Inevera caiu sobre ela e Melan encheu a mão com o seu cabelo denso, usando o ímpeto da queda para a submergir.

Houve um borbulhar e, a seguir, ouvia apenas o movimento da água. Inevera inalou água por reflexo e engasgou-se, mas não conseguia tossir debaixo de água e sentiu um espasmo nas entranhas enquanto resistia ao impulso de inspiração. A água quente queimava-lhe a face e debateu-se violentamente, mas Melan segurou-a com força e Inevera estava indefesa. Continuou a debater-se enquanto os pulmões começavam a arder, mas, como Soli no quiosque, Melan usava movimentos precisos e velozes de sharusahk. Inevera não podia fazer nada para resistir.

Melan gritava-lhe alguma coisa, mas o som foi abafado pela água e Inevera não conseguiu perceber. Compreendeu nesse momento que se afogaria. Parecia-lhe tão absurdo. Inevera nunca tivera água acima dos joelhos. Era um bem precioso na Lança do Deserto, funcionando como moeda e como mercadoria no bazar. *O ouro brilha, mas a água é divina*, dizia o ditado. Só os krasianos mais ricos podiam dar-se ao luxo de morrer por afogamento.

Perdia a esperança quando Melan a puxou para cima. Inevera tossiu, com o cabelo colado à cara enquanto tentava encher os pulmões com o ar quente e vaporoso.

– ... entrar aqui – berrava Melan –, falar com a Damaji'ting como se fosses sua companheira de cama e aprender a trama do bido em três tentativas!

– Três tentativas? – perguntou uma rapariga.

– Devíamos matá-la só por isso – acrescentou outra.

– Acha-se melhor que nós – disse uma terceira.

Inevera olhou em redor, desesperada, tentando ver entre o cabelo ensopado, mas as outras raparigas olharam-na, impassíveis, com olhos frios. Nenhuma delas parecia disposta a levantar um dedo para a ajudar.

– Melan, por favor, eu... – gaguejou Inevera, mas Melan segurou-a com mais força e voltou a submergi-la. Conseguiu sustentar a respiração, mas depressa perdeu o ar e debatia-se selvaticamente quando Melan a puxou, permitindo que respirasse novamente.

– Não me dirijas a palavra – disse Melan. – Posso estar ligada a ti por um ano, mas não somos amigas. – Achas que podes chegar aqui e ocupar o lugar de Kenevah da noite para o dia? Passando sobre a minha mãe? Sobre mim? O sangue de Kenevah corre-me nas veias! Tu és apenas... um mau lançamento dos dados.

Uma faca curva surgiu-lhe nas mãos e Inevera encolheu-se, aterrada, enquanto Melan lhe cortava o cabelo.

– Não és nada. – Fez girar a faca nos dedos, segurando-a pela lâmina e passando-a à rapariga seguinte.

– Não és nada – repetiu esta, segurando outra madeixa do cabelo de Inevera e cortando-a.

Cada uma das raparigas avançou e recebeu a faca, cortando o cabelo de Inevera até restar apenas uma sombra irregular e ensanguentada.

– Não és nada – disse cada uma.

Quando a última rapariga se afastou, Inevera estava ajoelhada na água, chorando sem forças. Tossiu uma e outra vez, com as convulsões queimando-lhe a garganta. Era como se tentassem expulsar-lhe dos pulmões as últimas gotas de água.

Kenevah estava certa. O Palácio das Dama'ting não era muito diferente do Grande Bazar, mas não podia contar com Soli para a defender.

Pensou em Manvah e nas últimas palavras que dissera sobre Krishna. Se não podia enfrentar o sharusahk de Melan e das outras raparigas, agiria como a mãe. Manteria os olhos baixos e faria o que lhe dissessem. Trabalharia arduamente. Ouviria. Aprenderia.

E então, quando ninguém olhasse, procuraria a tenda de armazenamento de Melan e enchê-la-ia de ratazanas.



UM

ARLEN

333 DR Verão 30 Auroras antes da Lua Nova

RENNA VOLTOU A BEIJAR ARLEN. Uma brisa suave soprou a fina película de suor que lhes cobria os corpos, arrefecendo-os enquanto ofegavam na noite quente.

– Pensei se também estarias tatuado por baixo daquela fralda de pano – disse-lhe, aninhando-se junto a ele e pousando-lhe a cabeça no peito nu, ouvindo o bater do seu coração.

Arlen riu-se e rodeou-a com o braço.

– Chama-se bido. E até a minha obsessão tem limites.

Renna ergueu a cabeça, aproximando-lhe os lábios do ouvido.

– Talvez precisasses só de uma Guardadora em quem confiasses. É dever de uma esposa zelar pelo conteúdo do bido do seu marido. Poderia pintar-te com caulinegra...

Arlen engoliu em seco e Renna viu-o corar.

– As guardas ficariam distorcidas enquanto as pintasses.

Renna riu-se, envolvendo-o com os braços e voltando a pousar-lhe a cabeça no peito.

– Às vezes, penso se terei enlouquecido – disse.

– O que dizes? – perguntou Arlen.

– Penso que continuarei na sala do tear de Selia Estéril, olhando o vazio. Tudo o que aconteceu desde então foi como

um sonho. Penso se terá sido a minha mente a fugir para um sítio feliz, deixando-me lá.

– Tens uma imaginação pobre se o teu sítio feliz é este – considerou Arlen.

– Porquê? – perguntou Renna. – Livrei-me de Harl e daquela maldita quinta. Estou mais forte do que alguma vez imaginei e danço na noite. – Moveu uma mão em redor. – Tudo está banhado em cor e brilho. – Olhou-o. – E estou com Arlen Fardos. Onde poderia ser o meu sítio feliz?

Renna mordeu o lábio depois de as palavras serem proferidas. Palavras que pensara tantas vezes, mas que nunca se atrevera a dizer. Parte da sua hesitação era motivada pelo receio da reação de Arlen, mas havia também a sua própria dúvida. Todas as irmãs Curtidor se tinham mostrado ansiosas por correr para a cama do primeiro homem decente que encontraram, mas alguma delas se apaixonara?

Renna acreditara que amava Arlen quando eram crianças, mas apenas o conhecia à distância e compreendia naquele momento que grande parte do que nele amara existira apenas na forma como imaginava que seria e não no rapaz real.

Convencera-se de que amava Cobie Pescador na primavera anterior, mas percebia agora que fora mentira. Cobie não fora mau rapaz, mas, se qualquer outro homem tivesse vindo à quinta de Harl, sabia que também o teria seduzido. Tudo para sair dali porque qualquer sítio seria melhor que a quinta e qualquer homem seria melhor do que o seu pai.

Mas terminara de mentir. E terminara de morder a língua.

– Amo-te, Arlen Fardos – disse.

Perdeu a coragem depois de dizer aquilo e susteve a respiração, mas não houve hesitação quando Arlen a abraçou com mais força.

– Amo-te, Renna Curtidor.

Expirou e deixou partir o medo e a dúvida.

Revigorada como estava pela magia, não conseguiu dormir, mas não desejou fazê-lo. Quente e segura, pensou de forma quase ligeira em como tinha enfrentado com Arlen um príncipe

nuclita e os seus servidores naquele mesmo local, apenas algumas horas antes. Parecia-lhe um mundo diferente. Uma vida diferente. Por um curto período de tempo, conseguiram fugir.

Mas, enquanto o suor secava e o brilho da paixão se desvanecia, o mundo real começou a correr para eles, tornando-se mais nítido em tudo o que tinha de terrível e assustador. Estavam rodeados pelos cadáveres de nuclitas, com o seu sangue negro espalhado pela clareira. Um, o demónio mimético, continuava a parecer-se com ela, com a cabeça cortada e jorrando sangue. A pouca distância, Dançarino do Ocaso repousava com as patas em talas depois de quase ser morto por um nuclita.

– Terei de tratar novamente o Dançarino antes que consiga voltar a andar – disse Arlen. – Mesmo assim, talvez precise de uma noite ou duas até recuperar as forças.

Renna olhou a clareira em redor.

– Não me agrada a ideia de passar aqui outra noite.

– Nem a mim – disse Arlen. – Os nuclitas serão atraídos para este sítio como minhocas para uma poça de chuva. Tenho um abrigo por perto com uma carroça suficientemente grande para transportar o Dançarino. Posso ir buscá-la e regressar pouco depois do amanhecer.

– Mesmo assim, terás de esperar que venha a noite – disse Renna.

Arlen inclinou-lhe a cabeça.

– Porquê?

– O cavalo pesa mais que a casa do teu pai – disse Renna. – Como conseguiremos colocá-lo na carroça sem a força da noite? E quem puxaria a carroça?

Arlen olhou-a e, mesmo com as guardas tatuadas por toda a cara, a sua expressão disse tudo.

– Para com isso – ripostou ela.

– O que foi? – perguntou Arlen.

– Decides se me mentirás ou não – disse Renna. – Prometemo-nos um ao outro e não deverá haver mentiras entre

marido e mulher.

Arlen olhou-a, surpreso, e abanou a cabeça.

– Não seria exatamente uma mentira. Apenas tentava decidir se chegou a altura de falarmos disso.

– Chegou. Se dás valor à pele – disse Renna. Arlen semicerrou os olhos, mas enfrentou-lhe o olhar e, após um momento, encolheu os ombros.

– Não perco toda a minha força quando nasce o dia – disse. – Mesmo sob o sol do meio-dia, parece-me que conseguiria erguer uma vaca leiteira e atirá-la a maior distância do que tu conseguirias atirar um seixo do rio.

– O que te torna tão especial? – perguntou Renna.

Arlen voltou a olhá-la da mesma forma, motivando-lhe uma expressão de desagrado. Agitou-lhe um punho, fingindo-se ameaçadora.

Arlen riu-se.

– Conto-te tudo quando chegarmos ao meu abrigo. Juro.

Renna sorriu.

– Sela a jura com um beijo e temos acordo.

Enquanto esperava, Renna ergueu o estojo de Guardador que Arlen lhe dera, estendendo um pano limpo no chão e dispendo as ferramentas numa fileira ordenada. Retirou o seu colar de seixos e a sua faca e, lentamente e com cautela e amor, começou a limpá-los.

O colar fora uma prenda de promessa de Cobie Pescador, um cordel resistente enfiado com dúzias de seixos suaves e polidos. Era tão longo que Renna precisava de o enrolar duas vezes ao pescoço e, mesmo assim, pendia-lhe abaixo dos seios.

A faca pertencera ao pai, Harl Curtidor. Trouxera-a sempre no cinto e era afiada como uma lâmina de barba. Usara-a para assassinar Cobie depois de fugir para estar com ele e Renna usara-a para matar Harl.

Se não tivesse acontecido, Renna e Cobie teriam sido marido e mulher quando Arlen regressou ao Ribeiro de Tibbet. O colar era um símbolo da sua incapacidade para se manter fiel a Arlen, uma prenda oferecida por outro homem a quem pretendera

prometer-se. A faca recordava-lhe um homem que a prendera num Núcleo privado durante toda a sua vida.

Renna não conseguia separar-se de nenhum dos objetos. Fosse como fosse, eram as únicas coisas no mundo que lhe pertenciam verdadeiramente, as únicas partes da sua vida diurna que tinha trazido para a noite. Cobrira-os com guardas. O colar com guardas defensivas e a faca com guardas ofensivas. O colar podia funcionar como círculo de guardas em momento de necessidade, mas revelou ser um garrote ainda mais eficaz. E a faca...

A faca penetrara o peito de um príncipe nuclita. A sua magia continuava a brilhar intensamente aos seus olhos guardados. Não eram apenas as guardas... Toda a lâmina emitia um brilho constante. O mínimo toque sangrava-lhe o dedo.

Sabia que o poder se esgotaria com o sol, mas, naquele momento, a arma parecia invencível. Mesmo durante o dia, tornar-se-ia mais forte. A magia deixava sempre as coisas melhores do que as encontrava. De igual forma, o toque mais ligeiro do pano de polir fazia brilhar o colar, com o cordel ainda mais rijo do que quando fora feito.

Renna guardou Dançarino do Ocaso até ao amanhecer. O sol matinal iluminou os cadáveres dispersos dos nuclitas, incendiando-os. Era uma visão de que nunca se cansava, apesar de ter um preço alto. Enquanto os demónios queimavam, sentiu um formigueiro nas guardas de caulinegra que tinha na pele enquanto a sua magia se evaporava. A faca tornou-se mais quente dentro da bainha, queimando-lhe a perna. Precisou de se apoiar numa árvore, sentindo-se como uma marioneta de Jogral com os fios cortados, fraca e meia cega.

A desorientação passou depressa e Renna inspirou fundo. Depois de algumas horas de repouso, sentir-se-ia mais enérgica do que no melhor dia da sua vida, mas mesmo isso era uma pálida sombra do que sentia durante a noite.

Como conseguia Arlen manter o seu poder sob a luz do sol? Seria porque as suas guardas eram tatuagens e não apenas

traços de caulinegra? Se fosse esse o motivo, pegaria numa agulha e marcaria a pele da mesma forma nesse mesmo dia.

Os cadáveres dos demónios ardiam com chamas intensas e rápidas, transformando-se em segundos em pilhas de cinza sobre chão chamuscado. Renna extinguiu com o pé as últimas labaredas alastradas à vegetação sem lhes dar hipótese de crescerem. Finalmente, cedeu à exaustão, enroscando-se ao lado de Dançarino do Ocaso e adormecendo.

Renna continuava junto a Dançarino do Ocaso quando acordou, mas, em vez do leito de musgo em que adormecera, repousava agora sobre um cobertor áspero numa carroça em movimento. Ergueu a cabeça e viu Arlen à frente, suportando a parelha. Puxava-os com ritmo impressionante.

Ver aquilo dissipou-lhe os últimos vestígios de sono e Renna saltou facilmente para o banco do condutor, segurando as rédeas e fazendo-as estalar sonoramente. Arlen deu um salto de surpresa e Renna riu-se.

– Mais rápido!

Arlen dirigiu-lhe um olhar azedo e Renna voltou a rir. Saltou da carroça e caminhou a seu lado. A estrada não estava nas melhores condições e havia erva nascendo aqui e ali, mas não era suficiente para os abrandar.

– Poço Doce fica mais à frente – disse Arlen.

– Poço Doce? – repetiu Renna.

– É o nome que deram à povoação – disse Arlen. – Porque a água do poço sabia muito bem.

– Pensei que evitássemos povoações – disse Renna.

– Esta só tem fantasmas – explicou Arlen e Renna ouviu-lhe a dor nas palavras. – Poço Doce foi engolida pela noite há um par de anos.

– Conheceste o sítio antes de se perder? – perguntou.

Arlen acenou afirmativamente.

– Costumava vir aqui de vez em quando, quando era Mensageiro. A povoação tinha dez famílias. «Sessenta e sete pessoas trabalhadoras», como adoravam dizer. Tinham alguns costumes estranhos, mas ficavam sempre felizes por receber o

Mensageiro e faziam o grogue mais velhaco que alguma vez provei.

– Nunca bebeste o do meu pai – resmungou Renna. – Podia ser bebido ou usado como combustível para lanternas.

– O de Poço Doce era tão forte que o duque de Angiers o proibiu – disse Arlen. – Apagou a povoação dos mapas e ordenou à Guilda dos Mensageiros que não voltasse a visitá-la.

– Mas continuaram a fazê-lo – disse Renna.

– Claro que sim. Nem pelo Núcleo deixaríamos de o fazer – afirmou Arlen. – Quem se julgava ele para banir assim uma povoação? Além disso, um Mensageiro podia ganhar o salário de seis meses com um transporte de grogue de Poço Doce. E gostava dos poceiros. Tinham a povoação inteira guardada e o sítio mantinha-se animado durante o dia e a noite. Ouviam-se cantar a quilómetro e meio.

– Que aconteceu? – perguntou Renna.

Arlen encolheu os ombros.

– Comecei a trabalhar mais para sul e passei alguns anos sem voltar. Foi só depois de começar a guardar a pele que voltei a passar por aqui. Passara meses na imensidão. Tornou-se tão solitário que costumava conversar alto com Dançarino, falando pelos dois. Perdia o juízo e sabia-o.

Renna pensou em todas as ocasiões em que conversara da mesma forma com os animais da quinta do seu pai. Quantas conversas sentidas mantivera com a Sra. Garra ou com a Cascuda? Até com Harl por perto, conhecia bem a solidão.

– Um dia, percebi que estava perto de Poço Doce – continuou Arlen – e decidi cobrir as mãos e a cara e contar-lhes uma patranha qualquer sobre ter sido queimado por uma cuspidela flamejante. Faria qualquer coisa para falar com outra pessoa e ouvi-la falar comigo. Mas, quando cheguei à povoação, encontrei-a silenciosa pela primeira vez.

Passaram por um aglomerado de árvores e a aldeia tornou-se visível. Dez casas de aparência sólida com telhados de colmo e um templo formando um círculo aprumado em redor de uma praça central com um grande poço no meio. Havia postes

guardados em redor do perímetro exterior e cada casa tinha dois andares, o de cima para habitação e o de baixo servindo como oficina ou loja. Havia um ferreiro, uma taberna, um estábulo, um padeiro, um tecelão e outros estabelecimentos de identificação menos clara.

Renna sentiu-se nervosa enquanto atravessavam a praça em direção ao estábulo. Tudo estava muito bem preservado. Não havia sinais da vinda de demónios e parecia-lhe que, a qualquer momento, os habitantes sairiam dos edifícios. Conseguia imaginar os seus fantasmas desempenhando tarefas quotidianas.

– Encontrei a praça cheia de ossos, sangue e merda de demónio quando me aproximei – disse Arlen. – O fedor mantinha-se, como se tivessem passado apenas alguns dias. Dias! Se tivesse vindo mais cedo, poderia...

Renna tocou-lhe o braço, sem dizer nada.

– Um dos postes guardados parecia ter-se partido, sendo levado pelo vento – continuou Arlen. – Demónios da madeira terão encontrado a abertura e lançaram-se sobre os aldeões enquanto ceavam. Alguns fugiram pela noite fora, mas segui-lhes os rastos e encontrei apenas o que deles restava.

Renna conseguia imaginar de forma vívida o que acontecera. Os poceiros reunidos em volta das mesas de madeira na praça central, partilhando uma refeição comunitária, completamente desprevenidos, quando os nuclitas atacaram. Conseguia ouvir os gritos e ver as mortes. Entontecida por tudo aquilo, deixou-se cair de joelhos, agoniada.

Arlen pousou-lhe uma mão sobre o ombro no momento seguinte e Renna percebeu que chorava. Olhou-o, sentindo-se culpada.

– Não há motivo para ter vergonha – disse-lhe. – Eu reagi pior.

– O que fizeste? – perguntou Renna.

Arlen expirou.

– Perdi-me durante umas semanas. Passei os dias a enterrar ossos, embriagado com grogue. E as noites a matar todos os

nuclitas que se aproximavam a menos de quinze quilómetros de Poço Doce.

– Vi rastos recentes à entrada – referiu Renna.

Arlen grunhiu.

– Haverá fogueiras altas quando a manhã chegar.

Renna levou a mão ao punho da faca, cuspiendo sobre o piso de tábuas da praça.

– Disso não há dúvida.

Dirigiram-se para o estábulo e Arlen colocou Dançarino do Ocaso no chão com cuidado. O esforço fê-lo gemer, mas conseguiu fazê-lo sem grandes dificuldades. Renna abanou a cabeça, duvidando conseguir imitar a façanha mesmo com a magia da noite.

– Precisaremos de água – disse Arlen.

– Vou buscá-la – respondeu Renna, voltando-se para o poço central. – Quero provar água tão doce que serviu de nome a uma povoação.

Arlen segurou-lhe o braço.

– A água deixou de ser doce. Encontrei Kennit Poço Doce, o ancião local, flutuando no interior. Apodreceu durante uma semana antes de conseguir descer ao fundo e içar o que restava dele. O poço está envenenado. A bomba atrás da taberna ainda funciona, mas ninguém batizaria uma aldeia para honrar a água que dela sai.

Renna voltou a cuspir antes de ir buscar um balde, dirigindo-se à taberna. Mais uma vez, a sua mão moveu-se para o punho da faca, acariciando o osso de que era feito. Ansiava pela noite.

Quando Dançarino foi tratado, lavaram-se e comeram uma refeição fria na taberna vazia.

– Há um quarto para alugar no piso de cima – disse Arlen. – Podemos dormir algumas horas antes de cair a noite.

– Quarto para alugar? – perguntou Renna. – Quando há casas inteiras vazias?

Arlen abanou a cabeça.

– Não me parece bem dormir na cama de alguém que foi nucleado. Era neste quarto que dormia quando era Mensageiro

e serve perfeitamente.

Amo-te, Arlen Fardos, pensou Renna, mas não havia necessidade de repetir o que já fora dito. Acenou com a cabeça e seguiu-o pelas escadas acima.

O quarto para alugar era maior do que qualquer outro em que Renna tivesse dormido, equipado com uma grande cama de penas. Sentou-se sobre ela, espantada com a maciez. Nunca dormira em nada mais macio do que um colchão de palha. Deitou-se. Seria como dormir numa nuvem.

Deixou os olhos deambularem pelo quarto enquanto se afundava mais no abraço do colchão de penas. Era óbvio que Arlen ali passara algum tempo. A desarrumação denunciava-o. Havia frascos de tinta, ferramentas de entalhe e livros. Uma pequena escrivaninha fora transformada em bancada de trabalho e viam-se aparas de madeira e serradura cobrindo o chão.

Arlen atravessou o quarto, afastando um tapete para expor uma tábua solta por baixo. Puxou e elevou uma secção inteira de chão, com as juntas bem disfarçadas com serradura. Renna endireitou-se e arregalou os olhos quando olhou o interior. O espaço estava repleto de armas oleadas, afiadas e profusamente guardadas. Saiu da cama, aproximando-se dele e agachando-se para ver melhor, movendo os olhos sobre as guardas traçadas por Arlen.

Arlen escolheu um pequeno arco de madeira dourada e uma aljava de flechas, passando-lhos.

– Está na altura de aprenderes a disparar.

Renna arreganhou os lábios, desagradada. Voltava a tentar protegê-la. A impedi-la de lutar corpo a corpo. Tentava mantê-la a salvo.

– Não quero. Também não quero lanças.

– Porque não? – perguntou Arlen.

Renna ergueu o seu colar de seixos numa mão e desembainhou a faca com a outra.

– Não quero matar nuclitas a partir de um esconderijo. Se mato um demónio, quero que morra sabendo quem o matou.

Esperou que protestasse, mas apenas o viu acenar afirmativamente.

– Sei exatamente como te sentes. – Arlen continuou a estender-lhe as armas. – Mas, por vezes, estarás em desvantagem numérica ou precisarás de matar um demónio rapidamente para o impedir de nuclear alguém. – Sorriu. – E devo dizer que não é uma sensação nada má mirar um nuclita e matá-lo de longe.

Renna inspirou fundo. Estava certo, claro. Sim, protegia-a, mas como sempre o fizera.

Ensinando-a a proteger-se a si própria.

Amo-te, Arlen Fardos.

Aceitou o arco, maravilhando-se com a sua leveza. Arlen passou-lhe a pequena aljava de flechas guardadas e começou a retirar o resto das armas do esconderijo, enrolando-as num oleado.

– Para que precisas disso tudo? – perguntou Renna.

– Precisarei destas e de muitas mais – respondeu Arlen. – Faço o que devia ter feito há muito tempo. Vou entregar armas guardadas a todos os homens, mulheres e crianças que sejam suficientemente fortes para empunhar uma. Tenho arsenais escondidos como este por todos os cantos de Thesa, mas guardei-os para mim. Acabou. Não preciso de armas para matar demónios. Estou além disso.

– Como? – perguntou Renna. Esperou que afastasse os olhos para o lado enquanto decidisse como fugir à pergunta. Amando-o ou não, acertar-lhe-ia com uma palmada em cheio na cabeça calva se o fizesse.

Mas Arlen fixou nela olhos brilhantes, sem vacilar.

– Mostro-te esta noite. – Estendeu as mãos, acariciando as guardas de visão pintadas à volta dos seus olhos. – Precisarás dos teus olhos noturnos para compreender.

Renna segurou-lhe as mãos e ergueu-se. Recuou, puxando-o consigo até as suas pernas tocarem a cama. Deixaram-se cair sobre o colchão de penas e os beijos rapidamente se transformaram em carícias. Sentia o batimento cardíaco

acelerado nos tímpanos, um ribombar que a fazia sentir-se tão viva como sentia durante a noite.

* * *

O sol punha-se quando regressaram à taberna para cear. Depois de comerem, Arlen ergueu-se e procurou atrás do balcão. Regressou no momento seguinte com um jarro de barro pesado.

– Os demónios gostam de se erguer nos campos atrás da povoação. Que te parece bebermos um copo enquanto os esperamos?

Caminharam juntos pelo ocaso, vendo o céu arroxeadado escurecer. Os campos de cultivo dos poceiros situavam-se a sul da povoação e alongavam-se por vários hectares com colheitas sobretudo de batata, cevada e cana-de-açúcar. Há anos que os campos não eram trabalhados, mas alguns restos tenazes das colheitas persistiam. Havia postes guardados dispostos com intervalos regulares ao longo dos campos. A maioria estava em mau estado de conservação, inutilizada, mas Renna via alguns postes mais recentes, com as guardas pintadas ainda bem definidas. Moveu os olhos sobre os postes, procurando o padrão.

– Transformaste este sítio num labirinto – disse. – Como aquele no deserto de que me falaste.

Arlen acenou afirmativamente, encontrando uma área liberta de plantas e sentando-se.

– São úteis para isolar demónios da horda e um momento de abrigo nunca está a mais de um passo de distância. – Ergueu o jarro e encheu dois copos minúsculos com líquido transparente.

– Em Krasia, têm uma bebida que os Sharum bebem por vezes antes da batalha. Chamam-lhe couzi. Dizem que dá coragem a um guerreiro. – Estendeu-lhe um copo. – Descobri que o grogue tem um efeito parecido.

– Pensei que tivesses dito que os Sharum acolhem o seu medo – disse Renna, sentando-se a seu lado com o jarro entre os dois.

– A maior parte fá-lo e não há melhor estratégia – afirmou Arlen. – Mas acolher o medo deixa o corpo frio. Não quero estar frio num sítio como Poço Doce. Quero estar tão quente como o próprio Núcleo.

Renna acenou afirmativamente. Era algo que conseguia compreender. Ignorou os copos minúsculos, enfiando os dedos na pega do jarro. Equilibrou o recipiente no braço e levou-o aos lábios com eficiência experiente, bebendo um longo trago.

O grogue era tão forte como Arlen advertira e tossiu um pouco, mas era mais doce que o do seu pai e a bola de fogo que lhe explodiu no estômago depressa acalmou, com o seu calor alastrando-lhe pelos membros.

Arlen pousou os copos, erguendo também o jarro e fazendo como ela. Passaram-no um ao outro até a luz desaparecer por completo e as neblinas ameaçadoras começarem a erguer-se, anunciando a chegada dos nuclitas. As neblinas começaram a condensar-se em demónios dos campos, esguios e de pernas baixas, movendo-se sobre as quatro patas como leões, mais rápidos do que qualquer criatura viva. Alguns demónios da madeira também surgiram, com os demónios maiores demorando mais a assumir a sua forma.

Renna pôs-se de pé, balouçando por um momento antes de recuperar o equilíbrio. Moveu-se para um demónio da madeira ainda em solidificação, com o jarro muito mais leve pendendo de um dedo.

Fitou o demónio enquanto esperava que se materializasse, recordando a noite que passara trancada na latrina da quinta, gritando enquanto os demónios tentavam forçar a porta. Pensou nos edifícios vazios e no poço envenenado que deixara para trás.

Bebeu um último gole de grogue e cobriu o jarro. Levou a mão livre à bolsa que trazia à cintura.

Por fim, o demónio acabou de solidificar, abrindo a boca para lhe rugir. O orifício era suficientemente grande para lhe engolir a cabeça inteira, com fileira sobre fileira de dentes afiados.

Antes que conseguisse emitir qualquer som, Renna moveu a mão, lançando-lhe uma bolota à bocarra escancarada. A guarda térmica que pintara na bolota ativou-se ao tocar a língua do demónio, explodindo com um clarão sonoro.

Nesse preciso momento, Renna cuspiu grogue na cara do demónio.

Afastou-se enquanto a sua cabeça se cobria de chamas. O demónio tombou, debatendo-se enquanto a sua armadura semelhante a casca de árvore queimava.

Ouviu uma gargalhada e voltou-se para ver Arlen aplaudindo-a.

– Belo trabalho. Mas consigo fazer melhor.

Renna sorriu e cruzou os braços, avançando para a segurança de um poste de guarda.

– Quero ver-te tentar, Arlen Fardos.

Arlen curvou-se numa vénia. Um demónio dos campos materializou-se a poucos metros de distância, maior que um lobo. Rosnou e fletiu as patas, preparando o salto.

Arlen cruzou os braços como Renna fizera, mantendo-se firme. Tinha o capuz em baixo (quase nunca o erguia por aqueles dias), mas vestia a sua túnica diurna, cobrindo as guardas poderosas tatuadas no corpo. Os demónios dos campos eram rápidos como o vento e, sem a proteção das guardas, parecia-lhe que o demónio o lançaria por terra, destroçando-o. Renna moveu a mão para a faca, segurando-a com firmeza.

Mas o demónio dos campos atravessou Arlen como se fosse feito de fumo. O seu corpo tremeluziu quando a criatura o atravessou, regressando à normalidade no momento seguinte.

Arlen teve tempo para uma vénia breve enquanto o demónio recuperava.

– Já nada me pode tocar na noite, Ren. Não se estiver atento.

O demónio dos campos embateu no chão e voltou-se imediatamente, saltando novamente sobre Arlen. Renna esperou que o atravessasse de novo, mas, daquela vez, Arlen esquivou-se ao ataque com velocidade impossível de seguir com o olhar, rodeando o pescoço do nuclita com um braço e

travando-o bruscamente. Moveu-se sobre o dorso do demónio para lhe evitar as garras, continuando a prender-lhe a cabeça com um braço. A mão livre traçou com um dedo uma guarda térmica no peito do demónio.

As linhas que traçou incendiaram-se quando terminou o símbolo e soltou-o, recuando enquanto o demónio era consumido pelas chamas.

Renna olhou, boquiaberta, mas Arlen não terminara a lição. Dirigiu-se para outro demónio dos campos, provocando-o para que atacasse. O demónio obedeceu, rugindo e avançando com as garras para a frente.

– Claro que, se não o vir a tempo de conseguir travá-lo... – Arlen foi projetado vários passos para trás e gemeu quando as garras do demónio atingiram o alvo, rasgando-lhe o abdómen.

Renna quase gritava quando viu o sangue. Puxou pela faca e correu para se posicionar entre Arlen e o demónio.

Mas Arlen endireitou-se e fê-la parar com uma mão erguida. O demónio voltou a saltar e Arlen voltou a dissipar-se como fumo.

Quando tornou a solidificar, não havia sinais do seu ferimento. Até a túnica estava reparada.

– Após um momento para me recompor, consigo sarar praticamente qualquer coisa que não me mate.

O demónio avançou uma terceira vez, mas Arlen traçou uma guarda rápida no ar e, antes que conseguisse aproximar-se, foi projetado como se tivesse sido escoiceado por uma mula. Os seus novos poderes pareciam não conhecer limites.

Quando o demónio embateu no chão, a vários metros de distância, a vénia de Arlen pareceu menos segura. Para os olhos guardados de Renna, a magia fizera-o brilhar no momento anterior. O brilho das suas guardas parecia agora visivelmente menor.

Arlen percebeu o seu olhar e acrescentou:

– Quando traço guardas num demónio, é o próprio nuclita a ativá-las. Se as traçar no ar, canalizam a minha magia.

O demónio atacou pela quarta vez, mas Arlen segurou-o pela garganta e imobilizou-o contra o chão usando uma chave de sharusahk. Enquanto o prendia, Renna via as guardas nas suas mãos palpatarem com poder e o brilho começou a regressar enquanto o do nuclita diminuía. O demónio guinchou e debateu-se, porém, Arlen segurou-o com a facilidade com que um homem seguraria uma criança de tenra idade. O poder das mãos aumentou de intensidade até a garganta do demónio ceder. Com uma flexão dos músculos, Arlen arrancou-lhe a cabeça.

Renna avistou um demónio dos campos aproximando-se dela e mudou de posição para parecer tola e indefesa. Não era difícil. Bastava-lhe recordar a vaca inútil que fora toda a sua vida. A vítima.

Mas essa parte dela morrera com Harl. Quando o nuclita saltou, atingiu a parede invisível das guardas e Renna moveu-se imediatamente, cravando-lhe a faca no peito. As guardas na lâmina cintilaram, cortando a couraça do demónio e fazendo-a sentir uma descarga de magia que lhe aqueceu ainda mais os membros do que o grogue. Avançou, apunhalando uma e outra vez, com cada golpe fazendo-a sentir nova descarga.

Quando o demónio caiu morto no chão, agachou-se e estendeu a mão, traçando uma guarda térmica na armadura áspera do demónio.

Não aconteceu nada.

– Como consegues fazê-lo e eu não? – perguntou Renna enquanto olhava em redor, procurando mais demónios dos campos. Restavam alguns descrevendo círculos à sua volta, mas pareciam recear os dois humanos e mantinham a distância.

– Também não percebi durante muito tempo – disse Arlen. – Não compreendia nenhum dos meus poderes. Mas, quando enfrentei aquele demónio no caminho para o Núcleo, as nossas mentes tocaram-se e muitas coisas se tornaram claras. Tornei-me parcialmente um demónio.

– Trampa! – exclamou Renna. – Não és malévolo como eles. Arlen encolheu os ombros.

– A maior parte dos demónios também não é malévola. Não são suficientemente inteligentes para serem malévolos ou bondosos. Será como dizer que uma vespa aferroa por maldade. Mas os demónios da mente...

– São piores que Harl – disse Renna.

Arlen concordou com um aceno.

– Por longa distância.

Renna franziu a testa.

– Então que dizes? Que os nuclitas são apenas animais? Não me convences. As vespas não irrompem em chamas quando nasce o sol. Mesmo que os demónios não sejam malévolos, também não serão naturais.

– Isso é conversa de gente diurna – considerou Arlen. – De gente que não guardou os olhos. Olha à volta. A magia não é natural?

Renna pensou. Olhou a forma como o poder se erguia do Núcleo, deslizando sobre a superfície como nevoeiro e rodeando-lhe os pés. Viu-o dentro de plantas e árvores. Vê-lo-ia até dentro de animais e de gente. A vida existiria sem ele?

– Talvez seja – concedeu –, mas isso não explica porque achas que tens uma parte de demónio ou porque manténs os teus poderes durante o dia quando o sol extingue a magia.

Arlen hesitou e afastou os olhos, pensativo. Renna semicerrou os seus e Arlen percebeu a expressão.

– Não te mentirei, Ren. Nem direi meias-verdades. É uma coisa de que não me orgulho e não quero que... penses mal de mim.

Renna aproximou-se, pousando-lhe uma mão na face. Tocarlhe a pele fê-la sentir um formigueiro provocado pela magia.

– Amo-te, Arlen Fardos. Nada no mundo mudará isso.

Arlen acenou com a cabeça, tristemente, sem enfrentar o seu olhar.

– Foi a carne que me deu o poder.

– A carne?

– A carne de demónio – explicou Arlen. – Comi-a durante meses quando vivia no deserto. Pareceu-me justo, já que estão

sempre a comer-nos a nós.

Renna não conteve um gemido de horror e recuou um passo. Arlen olhou-a nesse momento e Renna percebeu pela expressão na sua face que pareceria horrorizada.

– Comeste-os? Comeste... demónios?

Arlen acenou afirmativamente e Renna sentiu-se agoniada.

– Não tive grande escolha. Abandonaram-me no deserto para morrer, sem comida nem esperança. Um homem não poderia ser mais miserável.

– Acho que teria preferido morrer. – Renna arrependeu-se imediatamente das palavras enquanto uma expressão de angústia marcava a face de Arlen.

– Bom... – disse. – Calculo que não serei tão forte como tu, Ren.

Renna correu para ele, segurando-lhe as mãos e pressionando a testa contra a dele.

– És mais forte do que alguma vez fui, Arlen Fardos – disse, sentindo lágrimas inundando-lhe os olhos. – Se não me tivesses forçado a ganhar juízo, ter-me-ia deixado morrer apenas para manter em segredo a vergonha dos Curtidores. Isso não é força nenhuma.

Arlen abanou a cabeça e uma lágrima sua tocou-lhe o lábio, fria e doce.

– Precisei que me forçassem a ganhar juízo mais do que uma vez ao longo dos anos.

Renna beijou-o.

– De certeza que foi a carne de demónio que te deu estes poderes?

Arlen acenou afirmativamente.

– Coline Trigg costumava dizer que o que comemos torna-se parte de nós e calculo que será verdade. Absorvi a capacidade dos nuclitas para armazenar magia nas células, mas a minha pele manteve a resistência ao sol. Tornei-me uma espécie de bateria.

– Células? Bateria? – repetiu Renna.

– Ciência do mundo antigo. Não importa. – Arlen esquivou-se às perguntas daquela forma irritante que lhe era característica, negando-lhe a informação apenas por achar que seria demasiado entediante explicar. Como se Renna não aceitasse ouvi-lo falar durante a noite toda. Como se houvesse algum som no mundo que mais a encantasse. – Imagina um barril cheio de chuva após uma noite de tempestade. Continuará cheio mesmo quando o céu clareia e o solo seca. Não consigo invocar a magia sob o sol, mas sinto-a dentro de mim, sarando-me as feridas, tornando-me forte e incansável. À noite, consigo libertá-la, como se retirasse a rolha a um barril, e apenas roço a superfície do que poderei fazer.

Renna pensou por um momento. Independentemente do que Arlen dissesse, seria praticamente impossível ver os nuclitas como algo mais do que abominações malévolas, uma ofensa ao Criador. Apesar de estar coberta com a imundície negra que lhes servia de sangue, pensar em levá-lo à boca era repelente.

Mas o poder...

– Sei o que pensas, Ren – disse Arlen, interrompendo-lhe a reflexão. – Não tentes fazê-lo.

– Porquê? – perguntou Renna. – Não me parece que te tenha prejudicado.

– Não sabes como foi, Ren. Estava louco. Suicida. Vivia como um animal.

Renna abanou a cabeça.

– Sozinho no meio do nada, sem ninguém com quem conversar além do Dançarino e dos nuclitas. Sei como é. Basta para fazer alguém sucumbir a um impulso noturno. Com carne de demónio ou sem ela.

Arlen olhou-a e acenou com a cabeça.

– É verdade. Mas comer demónios não é como pintar a pele com caulinegra. Não passa após algumas semanas e não estás preparada.

– Quem és tu para dizer se estou preparada ou não? – perguntou Renna.

– Não te dou ordens, Ren. Imploro-te. – Ajoelhou-se à sua frente. – Não lhes comas a carne. E, se alguém perguntar, diz que é venenosa.

Renna fitou-o durante longo tempo, sem saber se devia abraçá-lo ou esbofeteá-lo. Por fim, suspirou, deixando o turbilhão emocional dissipar-se.

– Vou pensar. E não conto a ninguém. Prometo.

Arlen acenou afirmativamente e ergueu-se.

– Então vamos caçar. Preciso do máximo de magia possível para curar o Dançarino.

Dançarino do Ocaso permanecia deitado com dores quando regressaram ao estábulo, com a língua pendendo-lhe da boca. Não tocara na ração e a única água que bebera fora a que lhe tinham enfiado pela boca dentro. Estava moribundo.

Com um único golpe, o demónio mimético quebrara as costelas do grande cavalo, atingindo-lhe órgãos internos com gravidade que apenas o Criador conheceria e projetando-o pelo ar. Embatera contra uma árvore, danificando o dorso e a queda tinha-lhe partido as pernas. Arlen salvara-lhe a vida com magia, mas, sem ajuda adicional, não voltaria a caminhar e muito menos conseguiria correr.

Mas Arlen preencherá-se com magia em tal quantidade que as suas guardas brilhavam com luz própria, iluminando o interior do estábulo como se fosse dia. Parecia o próprio Criador quando estendeu as mãos para uma pata de Dançarino, colocando os ossos partidos na sua posição e traçando guardas na pele em redor das fraturas.

Dançarino relinchou de dor enquanto ossos e tendões se reparavam. Renna quase não conseguiu suportar o som terrível. O brilho de Arlen dissipou-se ligeiramente com cada ferimento que reparava e eram muitos. Pouco depois, as guardas perderam o brilho e acabaram por se apagar. Mesmo assim, continuou a trabalhar, movendo os dedos sensíveis sobre o corpo do cavalo, procurando pontos onde focar o seu poder. O tórax de Dançarino inflou quando as costelas foram saradas e

começou a respirar normalmente. Renna suspirou de alívio antes de ver Arlen gemer e cair ao chão.

Tremia quando o levou para a cama, respirando com dificuldade. Mal conseguia ouvir o batimento do seu coração e o brilho da magia desvanecera-se de tal forma que achou que poderia esgotar-se a qualquer momento. Despiu-se e deitou-se na cama a seu lado, abraçando-o com força e desejando transmitir-lhe alguma da magia que absorvera, mas sem efeito aparente.

– Não me morras, Arlen Fardos – disse-lhe. – Não depois de tudo o que passámos.

Arlen não respondeu e Renna ergueu-se, limpando lágrimas dos olhos enquanto caminhava às voltas pelo quarto com os pensamentos acelerados.

Precisa de magia, pensou. Traz-lhe magia.

Subitamente, empunhava a faca, cobria-se com a capa e saía pela porta sem se preocupar em vestir-se. Com a Capa de Invisibilidade rodeando-a, era invisível aos nuclitas e depressa encontrou um demónio dos campos movendo-se a pouca distância das guardas.

Afastou a capa e, antes que percebesse a sua presença, saltara sobre as costas do demónio, puxando-lhe o queixo para cima com uma mão enquanto lhe cortava a garganta. Trouxera um balde do estábulo, enchendo-o com o sangue negro da criatura, que a magia fazia brilhar.

A sua pele nua depressa ficou coberta e sentia as guardas de caulinegra sugando o seu poder. Sentia força inacreditável, correndo como o vento para junto de Arlen. Deitou-o no chão e despejou a imundície no balde sobre ele, vendo as guardas na sua pele brilharem e absorverem a magia, antes de o brilho amainar enquanto a aura interna se tornava mais intensa. Começou a respirar com mais facilidade e Renna caiu de joelhos no chão.

– Graças ao Criador – sussurrou, traçando uma guarda no ar.

O gesto foi instintivo, mas muito semelhante à forma como Arlen sarara Dançarino. Desejou conseguir fazer o mesmo por

ele.

Olhou o balde. Havia um pedaço viscoso das entranhas do demónio preso ao bordo. Recolheu-o na mão, espetando-lhe o dedo como se fosse geleia. Tresandava e sentiu vômitos. Precisou de esforço para manter a ceia no estômago.

Recuperará com a minha ajuda, pensou. Mesmo forte como é, não conseguirá fazer isto sozinho. Tenho de conseguir acompanhá-lo ou ficarei para trás da próxima vez que for puxado para o Núcleo.

– Já pensei – murmurou.

Susteve a respiração e levou a carne à boca.



DOIS

PROMESSA

333 DR Verão 28 Auroras antes da Lua Nova

RENNA ACORDOU pouco depois do amanhecer. Arlen dormia serenamente e moveu-se com cuidado para não o acordar enquanto lavava a imundície seca da pele.

Com as cortinas bem corridas, continuava a sentir-se reforçada pelo poder, mas, assim que saísse para o sol, as forças da noite esgotar-se-iam. Esticou-se, procurando algum indício de que a sua refeição repelente surtira nela algum efeito. Se houvesse mudança, não conseguia senti-la. Arlen comera apenas carne de demónio durante meses para alcançar o seu nível de poder. O seu estômago protestou ao pensar em comer mais um pedaço.

Dirigiu-se ao estábulo, onde escovou Dançarino do Ocaso e lhe deu a sua ração matinal. O cavalo parecia saudável, sem marcas de que, apenas duas noites antes, estivera a momentos da morte. Até as cicatrizes eram apenas resquícios quase invisíveis.

Quando terminou, saiu para os campos, colhendo batatas e legumes da colheita selvagem em quantidade suficiente para preparar um pequeno-almoço decente. Estava terminado quando Arlen cambaleou pela cozinha dentro, parecendo esgotado, como se não tivesse dormido nada.

– Que cheiro divinal – disse.

– Não há ovos ou pão, mas apanhei um coelho nos campos e temos carne – disse Renna, passando o guisado para um par de malgas de madeira que levaram para a taberna.

Quando se sentaram, Arlen olhou a sua malga por um momento. A seguir, apoiou a cabeça nas mãos.

– Talvez tenha exagerado ontem à noite.

Renna grunhiu.

– Isso é dizer pouco.

Arlen inflou as bochechas e expirou lentamente.

– Arrependo-me de ter bebido todo aquele grogue.

– Come – ordenou Renna. – O teu estômago acalmar-se-á com alguma coisa dentro. E tenta beber o máximo de água que aguentares, doce ou não. – Arlen acenou afirmativamente e, pouco depois, comia com voracidade, esvaziando rapidamente a malga.

– Há mais? – perguntou, surpreendendo Renna. Estivera tão ocupada a vê-lo comer que nem sequer tocara na sua comida.

– Fica com o meu. – Deslizou a malga para ele e recolheu a vazia. – Vou buscar mais. – Agradou-lhe ver a segunda malga vazia quando regressou e voltou a sentar-se.

– Sentes-te melhor? – perguntou.

– Sinto-me humano – respondeu Arlen, com um pequeno sorriso surgindo-lhe nos cantos da boca. – Há muito tempo que não me sentia assim.

– Podes descansar outro dia – disse Renna. – Volto a carregar-te na próxima noite.

Arlen abanou a cabeça.

– Temos quilómetros de caminho pela frente, Ren. Fazemos uma paragem esta tarde e, depois, vamos diretos ao Outeiro com a rapidez possível.

– Qual é a paragem?

Arlen voltou a sorrir com maior vontade e com um brilho nos olhos.

– Preciso de encontrar-te um presente de promessa decente.

Arlen progredia a bom ritmo enquanto percorriam a estrada dos Mensageiros. Renna viu a marcha começar a cansá-lo após algumas horas, mas continuou teimosamente a recusar montar.

– O Dançarino precisa mais de descansar do que eu – disse.

O sol passara há muito o seu ponto mais alto quando chegaram a uma bifurcação na estrada e Arlen escolheu o caminho menos percorrido. Era pouco mais do que um carreiro em direção a uma planície.

– O que há nesta direção? – perguntou Renna.

– Um rancheiro que conheço – respondeu Arlen. – Deve-me um favor. – Renna esperou mais pormenores, mas não ouviu mais nada.

Só uma hora depois a quinta se tornou visível. Tinha três celeiros, cada um com guardas próprias além dos postes dispostos em redor de um picadeiro e do quintal. Pastagens amplas estavam também guardadas.

Um rapaz surgiu no telhado do celeiro mais próximo, erguendo um arco curto com uma flecha apontada aos recém-chegados.

– Quem vem lá? – gritou.

Renna agachou-se, preparada para se esquivar para a direita ou para a esquerda se o rapaz disparasse. Segurou o punho familiar da faca do seu pai, apesar de não lhe servir de nada naquela situação. Odiara Harl Curtidor, mas sentia-se sempre segura quando tocava na faca que usara para o matar.

Arlen não pareceu preocupado quando respondeu ao rapaz.

– Alguém que se arrependerá de não te ter deixado ser comido por aquele demónio da madeira, Nik Garanhão, se não baixares esse arco e fores chamar o teu pai.

– Mensageiro! – gritou Nik, baixando o arco e acenando. – Mãe! Pai! O Mensageiro voltou. E trouxe o Dançarino!

O rapaz desceu do telhado para a cobertura do alpendre, pendurando-se e saltando com facilidade para o chão. Correu para a horta e puxou um par de cenouras antes de correr na sua direção, olhando o cavalo com espanto.

– Está grande como um celeiro!

Aproximou-se cautelosamente do grande garanhão, estendendo-lhe as cenouras.

– Calma, rapaz. Sou eu, o Nik. Lembras-te de mim, não lembras? – Dançarino do Ocaso respondeu-lhe com um relincho, aceitando as cenouras, mas o rapaz permaneceu tenso e pronto para fugir.

Renna não conseguia compreender toda aquela tensão. Se o rapaz conhecia Dançarino, deveria saber que o cavalo era gentil como a aurora.

– Não te vai morder nem escoicear, rapaz.

Nik voltou-se e pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas parou de repente, reparando em Renna pela primeira vez. Moveu os olhos sobre o seu corpo e Renna não percebeu se olhava as suas guardas de caulinegra ou a carne em que estavam pintadas. Não lhe importava muito o que visse, porém, era rude e apoiou as mãos nas ancas, olhando-o com desagrado para lhe recordar que devia ter maneiras. O rapaz deu um salto e afastou o olhar tão depressa que Renna precisou de abafar uma gargalhada.

Nik voltou-se para Arlen, corando ferozmente.

– Domaste-o?

Arlen riu-se.

– Nada disso. O Dançarino continua a ser o cavalo mais feroz de todos, mas passou a morder e escoicear apenas nuclitas.

Ouviram um assobio baixo vindo de trás e Renna voltou-se. Sem pensar, voltou a levar a mão ao punho da faca. Afastou-a rapidamente, esperando que ninguém tivesse reparado.

E queria eu ensinar maneiras ao jovem Nik.

O homem que se aproximava não deu sinais de ter visto. Tal como o rapaz, começou por reparar apenas no cavalo. Aproximou-se com calma, dando tempo a Dançarino para se habituar à sua presença. O garanhão grunhiu e moveu um pouco os cascos, mas aceitou o seu toque.

– Cresceu – disse o homem, passando as mãos sobre os flancos pesados do cavalo. Era alto e magro, com uma barba densa, mas cortada rente. O cabelo castanho era longo e

entrançado atrás. – Estará dois palmos mais alto do que o seu pai e o velho Derrocada é maior do que qualquer cavalo que alguma vez tenha visto. – Ergueu um dos cascos do cavalo. – Mas precisa de ferraduras.

O homem olhou-os por fim e, tal como o rapaz, demorou o olhar em Renna, examinando-a como se fosse uma égua. Um rosnado baixo formou-se-lhe ao fundo da garganta e o homem sobressaltou-se quando finalmente a olhou nos olhos e percebeu a sua expressão.

Arlen interpôs-se entre ambos.

– É só um olhar, Ren – murmurou. – É boa gente.

Renna cerrou os dentes. Por mais que lhe custasse admiti-lo, Arlen estava certo quanto aos efeitos da magia numa pessoa, mesmo durante o dia. As suas emoções pareciam mais extremas. Inspirou fundo e deixou a raiva dissipar-se.

Arlen acenou-lhe com a cabeça e voltou-se para o rancheiro.

– Renna Curtidor, estes são Jon Garanhão e o seu filho Nik. Jon doma e cria cavalos selvagens angieranos.

– Apanho-os e crio-os, pelo menos – disse Jon, oferecendo-lhe um pedido de desculpas com o olhar enquanto estendia a mão. – Não é fácil domar uma criatura capaz de esmagar um demónio dos campos até à morte e correr mais depressa do que qualquer outra coisa na noite. – Renna aceitou o cumprimento, mas libertou-o prontamente quando lhe viu um esgar de desconforto na cara enquanto lhe apertava a mão.

– Às vezes, sei como se sentem – murmurou.

Jon indicou Dançarino com a cabeça.

– Este, por exemplo. Apanhei-o quando era um potro. Ainda nem tinha seis meses. Acreditei que conseguiria domá-lo com essa idade, mas nem sequer aceitava um cabresto e fugiu do celeiro aos coices mais do que uma vez.

– A noite não perdoa – disse Arlen. – Seis meses é uma vida inteira com demónios em redor.

Jon acenou afirmativamente.

– Não acreditei que conseguisses domá-lo.

– Não o domei – disse Arlen. – Apenas o trouxe de volta onde pertencia.

– Mas conseguiste que aceitasse sela e rédeas – referiu Jon. – Não me devia surpreender. Quando te conheci, eras apenas o Mensageiro louco e tatuado que salvou o meu rapaz. Agora, ouço dizer que és o bendito Libertador.

– Não sou – disse Arlen. – Sou Arlen Fardos do Ribeiro de Tibbet e, muitas vezes, tenho mais genica que juízo.

– Afinal, tens um nome – disse uma mulher, saindo da casa. Não era vistosa, no entanto, tinha a aparência vigorosa de alguém habituado a trabalho árduo. Vestia roupas masculinas: botas altas de couro, calças e um colete com uma blusa branca simples por baixo. O cabelo era castanho e estava entrançado de forma muito semelhante ao de Jon.

– Não liguês aos rapazes – disse a Renna. – Não conseguem ter outro assunto quando há cavalos por perto. Chamo-me Glyn.

– Renna. – Renna apertou-lhe a mão e, a seguir, fechou os punhos com força quando a viu abraçar Arlen. Seria a magia a fazê-la ressentir-se de o ver tocado por outra mulher?

– É bom voltar a ver-te, Mensageiro. Podes ficar para a ceia?

Arlen acenou afirmativamente, esboçando o primeiro sorriso caloroso que Renna o vira mostrar a outra pessoa.

– Gostaria muito.

– Que te traz a estas paragens? – perguntou Jon. – Suponho que não terá sido para ferrar o cavalo.

Arlen acenou com a cabeça.

– Preciso de outro cavalo. De uma égua que possa cruzar com o Dançarino.

Olhou Renna e esboçou-lhe um meio sorriso.

– Estou a começar uma família.

Mack Pasto, que vivera perto da quinta do pai de Renna, pela estrada acima, criava cavalos. Renna visitava o seu rancho com frequência quando a mãe estava viva. Era muito mais pequeno do que o de Jon Garanhão, mas funcionava de forma semelhante. Depois de Dançarino ser levado ao ferreiro, Jon conduziu-os a um grande campo cercado onde dúzias de

cavalos pastavam sob o olhar atento de ajudantes montados e de cães de guarda. Pelo caminho, passaram por cercados altos, demasiado altos até para poderem ser ultrapassados por Dançarino do Ocaso a salto durante o dia, que eram usados para treino e isolamento.

Num deles, Renna viu um garanhão negro gigante trotando sozinho, observado por dois ajudantes nervosos com chicotes prontos a usar. Parou de repente.

– É o velho Derrocada – disse Jon. – O pai do Dançarino. Apanhei-o na planície com meia dúzia de éguas jovens e com o Dançarino ainda pequeno. Chamei-lhe Derrocada porque trazê-lo para o cercado provocou um efeito semelhante. Recusa fazer qualquer trabalho, mas passará a noite a abrir buracos nas paredes do celeiro com coices se o deixarmos. Mau como um demónio e demasiado esperto. Os criadores da cidade dir-vos-ão que os cavalos selvagens não são espertos porque não obedecem a ordens, mas não acreditem neles. Têm uma inteligência própria. Fá-los sobreviver à noite sem proteção e não haverá muita gente a conseguir o mesmo. O Derrocada gostava de atirar ao chão quem tentasse montá-lo e, a seguir, pisava-os com os cascos. Passei-o para o cercado da cobrição quando nos cansámos de remendar ossos.

Renna olhou o animal magnífico e sentiu uma mágoa profunda. *Eras um rei nas planícies e aqui obrigam-te a andar em círculos num cercado e a cobrir éguas durante todo o dia.* Teve de suprimir um impulso de ir até ao portão para o libertar.

– Boa criação este ano – disse Jon enquanto caminhavam em direção ao campo cercado. – Muitas éguas por onde escolher.

– A escolha é tua, Ren – disse-lhe Arlen. – Qualquer uma.

Renna olhou a manada. À primeira vista, os cavalos de Jon não pareciam muito diferentes dos de Mack, mas, quando se aproximou, percebeu as suas dimensões. As éguas jovens pareciam juvenis ao lado das éguas adultas, contudo, mesmo assim, eram maiores do que alguns dos garanhões de Mack. Jon tinha potros de um ano suficientemente grandes para serem montados por um homem adulto e não havia espécimes de

qualidade inferior. Os demónios tinham eliminado todas as estirpes mais débeis e os animais que restavam eram gigantes de formas esguias e pelagem escura.

Havia várias éguas jovens de aparência forte, mas os olhos de Renna foram atraídos por uma égua adulta que se mantinha distante da manada. Tinha pelagem castanha com manchas negras e era um palmo mais alta que as restantes éguas. Parecia algo carrancuda e os outros cavalos mantinham a distância.

– Que tal aquela? – perguntou Renna, apontando.

Jon grunhiu.

– Tens bom olho, rapariga. A maior parte das pessoas não veria além da pelagem feia. É a Tempestade. Apanhei-a no verão passado, imediatamente antes do pior vendaval que alguma vez vi. É mais forte do que muitos garanhões e tem apenas cinco anos. Tentou fugir tantas vezes que já lhe perdi a conta. Quando alguém se aproxima dela com um cabresto, ou fazendo-o de noite com as mãos nuas, fica intratável. Mordeu o velho Derrocada quando a levei para o seu cercado para ver como se davam.

– Não precisarei de um cabresto – disse Renna, saltando a cerca e caminhando pelo campo dentro.

– É perigosa – disse-lhe Jon. – De certeza que sabes o que fazes? – Renna acenou-lhe com uma mão sem sequer se dar ao trabalho de o olhar.

Tempestade não recuou quando Renna se aproximou. Era bom sinal. A égua parecia ignorá-la, mas, pela posição das orelhas, Renna soube que tinha a sua atenção total.

Ergueu as mãos vazias.

– Não tenho cabresto. Acho que não gostaria de usar um. Por isso, não te pedirei que o faças.

Tempestade permitiu que se aproximasse, mas, quando Renna ergueu a mão para lhe acariciar o pescoço, a égua moveu a cabeça com rapidez, fechando os maxilares com força. Renna mal teve tempo de afastar a mão para não ser mordida.

– Isso não era necessário! – ripostou, esbofeteando-a com força no nariz. O golpe fez Tempestade perder as estribeiras, erguendo-se e movendo os cascos dianteiros, mas Renna estava pronta. Meses a caçar demónios e a absorver a sua magia tinham-na deixado forte e mais rápida do que alguma vez sonhara e a emoção do momento fazia-a sentir um formigueiro nos ombros, uma sombra do poder da noite, mesmo sob a luz do sol.

Renna ondulou como um pé de cevada soprado pelo vento, sentindo o ar deslocado pelos cascos que a falhavam por meros centímetros. Uma e outra vez, a égua enfurecida tentou esmagá-la com golpes poderosos e rápidos. Golpes capazes de quebrar o dorso de um demónio.

Os movimentos de Renna, porém, eram fluidos como uma dança e permaneceu incólume. Prolongou a dança durante algum tempo e começou a pensar qual das duas cederia primeiro. O poder que sentia nos membros era apenas uma fração do que sentia à noite. A égua parecia incansável.

Mas, por fim, as patas de Tempestade começaram a abrandar e retesou os músculos, pronta para fugir. Renna avançou antes que a égua pudesse galopar para longe, segurando-lhe um punhado de pelo da crina e montando-a.

Se Tempestade se mostrara furiosa antes, a sua raiva triplicou. Fez justiça ao nome, saltando e arqueando-se, dando pinotes e galopando em círculos, tentando projetar Renna.

Renna manteve-se firme e não desistiu. Rodeou com os braços o pescoço da égua, tão largo que mal conseguia unir as mãos. Depois de conseguir, aquele pescoço poderoso tornou-se todo o seu mundo, o seu único adversário. Nada mais importava.

Invocou todo o poder ao seu alcance e começou a apertar.

Pareceu prolongar-se para sempre, mas, por fim, Tempestade começou a acalmar. Parou de saltar e limitou-se a galopar pelo campo fora, lançando os cães num frenesim enquanto os outros cavalos lhe fugiam do caminho.

Renna continuou a apertar, de forma lenta e segura, e, pouco depois, o galope transformou-se num trote vigoroso. Sorriu. O vigor era positivo.

Afrouxou o aperto no pescoço de Tempestade, segurando-lhe a crina com as duas mãos e puxando com força para a esquerda. Riu-se alto quando a égua lhe obedeceu. Apertando os joelhos contra os seus flancos e mantendo uma mão na crina, desembainhou a faca e golpeou a traseira da égua com o lado plano da lâmina.

– Iá!

Tempestade lançou-se para diante, iniciando um galope. Renna guardou a faca e segurou a crina com as duas mãos. Um puxão ocasional fazia-a mudar de direção, mas Renna permitiu-lhe alguma liberdade, sentindo-se eufórica enquanto o vento lhe soprava a longa trança, sendo sacudida uma e outra vez pelas passadas poderosas do animal.

Debruçou-se, aproximando a boca de uma orelha de Tempestade.

– Pertences à noite, rapariga. Não deixarei que acabes como o Derrocada. Prometo.

Renna dirigiu-se de volta à cerca, onde Arlen e os outros esperavam, parando junto a eles.

– Já escolheste? – perguntou Arlen. – A Tempestade?

Renna acenou afirmativamente.

– Mas Tempestade não é um bom nome. Vou chamar-lhe Promessa.

A ceia no rancho Garanhão era uma questão familiar e a família incluía cada ajudante e cada lavadeira, superando as trinta pessoas no total. Até alguns dos cães repousavam sobre cobertores junto às paredes do salão principal, ansiosos por receber sobras. Renna e Arlen sentavam-se junto a Jon, Glyn e Nik na cabeceira da longa mesa de cavaletes coberta com comida abundante e jarros de água e cerveja.

Jon liderou-os numa oração ao Criador e Renna viu um dos ajudantes fitando a face tatuada de Arlen. Mesmo com a entoação de Jon, a sua audição apurada captou a palavra

«Libertador» sussurrada em torno da mesa. Os seus dedos acariciaram o punho de osso liso da faca.

Jon terminou a oração e endireitou as costas.

– Não sei se sentem o mesmo, mas estou faminto! Comecem a passar. – Depois daquilo, a mesa ganhou vida quando trinta convivas começaram a passar travessas de carne, terrinas de legumes, pães e molheiras em redor da mesa com eficiência muito experiente.

Todos encheram o seu prato, rindo e falando enquanto comiam e bebiam e o sol se punha lá fora. Continuavam a olhar na direção de Arlen, mas este fingiu não notar, enchendo três vezes o seu prato. Assim que os pratos ficaram vazios e os cachimbos foram acesos, levantou-se.

– A ceia estava deliciosa como sempre, Glyn, mas teremos de seguir caminho.

– Tolice – disse Glyn. – A noite está escura. Temos muito espaço para passarem a noite connosco.

– Agradeço a hospitalidade – disse Arlen –, mas Ren e eu temos quilómetros para percorrer esta noite.

Glyn franziu a testa, mesmo assim, acenou afirmativamente.

– Pedirei às raparigas que vos preparem alguma coisa para a viagem. O Criador saberá que comida trazem nos vossos alforges. – Ergueu-se e dirigiu-se à cozinha.

Arlen levou a mão a um bolso da túnica e passou a Jon uma bolsa de moedas.

– Pela Promessa.

Jon abanou a cabeça.

– O teu dinheiro não te serve aqui, Mensageiro. Não depois do que fizeste por mim e pelos meus. Não foi só o meu rapaz. As flechas guardadas que nos deste ajudaram muito a facilitar-nos o sono.

Arlen abanou a cabeça.

– Aproximam-se tempos difíceis, Jon. Os refugiados de Rizon deslocam-se para norte como uma grande corrente e não posso garantir que a guerra não acabe por chegar aqui. Os krasianos fixaram as miras em Miln e nas terras mais além e, agora que as

peessoas começaram a lutar, os nuclitas não reagirão bem. Virão em força noite após noite, quando a lua desaparecer do céu.

Pressionou a bolsa contra as mãos de Jon.

– Tenho ouro que chegue. Não há motivo para não poder pagar um preço justo pelo que levo. Também te deixo algumas lanças guardadas. És inteligente. Pedirás aos teus ferreiros e Guardadores que as copiem para que cheguem para todos.

Renna pousou-lhe uma mão sobre o braço e, quando Arlen a olhou, fixou nele um olhar de súplica.

– Leva também o Derrocada. Não é justo que esteja fechado daquela forma. Devia correr pela noite.

– O que dizes é verdade – considerou Arlen –, mas temos um longo caminho a percorrer e teremos de nos apressar. Não temos tempo para levar connosco outro cavalo selvagem até ao Outeiro. – Olhou Jon, contando mais moedas. – Podes enviá-lo no nosso encalço?

– Devo-te isso e muito mais – respondeu Jon. – Mas não posso arriscar os meus ajudantes numa viagem dessas. O Derrocada arrancará a estaca e pontapeará o círculo de guardas na primeira noite.

Arlen acenou afirmativamente.

– Enviarei outeiros para o virem buscar quando chegarmos ao Outeiro. Se alguém conseguir lidar com um cavalo gigante serão eles.

Voavam pela estrada fora. Dançarino do Ocaso precisou de abrandar para conseguir ser acompanhado por Promessa, mas Renna sabia que seria apenas uma questão de tempo.

– Quando acabar de te guardar – sussurrou ao ouvido da égua –, será ele a tentar acompanhar-te.

As ferraduras nos cascos da égua tinham sido guardadas pelo próprio Arlen, tal como as de Dançarino. Um demónio da madeira atravessou-se no seu caminho e Renna cavalgou sobre ele com faíscas de magia. Parou, esmagando o demónio miserável e rindo-se enquanto Promessa o matava e saboreava a magia dos nuclitas pela primeira vez. Lançou-se novamente

em perseguição de Dançarino, diminuindo a distância entre eles com vigor renovado.

Acamparam pouco antes do amanhecer.

– Fica com os cavalos – disse Arlen. – Preciso de recuperar as forças. – E desapareceu na penumbra.

Renna deu-lhe alguns momentos para se afastar antes de procurar uma presa sua. Avistou um demônio dos campos movendo-se a pouca distância do acampamento e simulou os passos cambaleantes da velha Renna, ofegando e gemendo de medo.

O demônio rosnou e saltou, mas Renna estava pronta e projetou-o com um movimento de sharusahk, prendendo-o contra o chão. Tinha os punhos pintados com guardas poderosas e golpeou-o na cabeça até se imobilizar.

Desembainhou a faca e, daquela vez, nem sequer se deu ao trabalho de cozinhar a carne do demônio antes de a comer, sugando o sangue negro como se fosse o molho de Glyn. O sabor era ainda mais atroz, mas recordar o poder que sentira sob a luz do sol naquele dia, tornou o seu estômago forte.

Limpou-se e regressou ao acampamento, onde mastigou uma azeda e se ocupou a guardar os cascos de Promessa até ouvir Arlen regressando.

– Não saberá o que fiz – disse à égua. – Não tem maneira de saber. E se souber? Arlen Fardos não me diz o que fazer. Prometida ou não.

Era verdade, mas, mesmo assim, parecia-lhe uma mentira.

Ergueu o queixo quando Arlen surgiu. A magia fazia-o brilhar de forma tão intensa que teve de semicerrar os olhos para conseguir olhá-lo. Compreendia porque os outros achavam que era o Libertador. Havia momentos em que o próprio Criador não brilharia como Arlen Fardos.



TRÊS

Os AVEIEIROS

333 DR Verão 27 Auroras antes da Lua Nova

POUCO FALARAM NO DIA SEGUINTE enquanto percorriam a grande velocidade uma estrada de Mensageiros pouco usada. Arlen erguera o capuz para se proteger do sol, mas Renna conseguia adivinhar a expressão de frustração que escondia.

Que terá a fazer no Outeiro do Libertador que seja assim tão importante?

Sabia que tinha a ver com uma rapariga. Leesha Papel. O nome picava-a como um percevejo. Arlen mostrou-se evasivo da primeira vez que Renna tentou perguntar o que Leesha lhe era, mas ainda não estavam prometidos e não tinha qualquer direito de insistir.

Terá chegado a altura de voltar a perguntar, pensou.

– Cuidado! – gritou Arlen quando descreveram uma curva apertada. À sua frente, havia uma carroça voltada na estrada, com arbustos densos de cada lado tornando impossível contorná-la. Renna cravou os joelhos nos flancos de Promessa e puxou-lhe a crina com força. A égua colossal ergueu-se nos quartos traseiros, relinchando e agitando os cascos erguidos como louca e Renna precisou de toda a sua força para se manter montada. Arlen olhou-a, divertido, sobre o dorso de Dançarino do Ocaso, que parara e se recompusera da surpresa.

– Prometi-te que não haveria cabresto – disse Renna à égua quando finalmente se acalmou. – Não disse nada sobre selas. Pensa nisso. – A Promessa grunhiu.

– Protetor! Precisamos de ajuda! – gritou um homem de barba grisalha, acenando-lhes com um chapéu muito gasto. Tinha outro homem a seu lado atrás da carroça, empurrando enquanto uma pileca escanzelada puxava à frente.

– Deixa-me lidar com isto, Ren – murmurou Arlen, fazendo Dançarino do Ocaso avançar adiante de Promessa. – O que aconteceu? – perguntou.

O homem aproximou-se, voltando a tirar o chapéu para limpar o suor da testa com as costas de uma mão suja. O cabelo e a barba estavam quase totalmente grisalhos e tinha a cara enrugada suja de terra.

– Ficámos atolados na maldita lama. Podem emprestar-nos um desses grandes cavalos para conseguirmos libertar a carroça?

– Desculpem. Não posso ajudar – respondeu Arlen, olhando em redor.

O homem arregalou-lhe os olhos.

– Não podem ajudar? Que tipo de Protetor és tu?

Renna olhou Arlen, surpresa por o ver ser tão rude com um velho em dificuldades.

– O Dançarino conseguiria libertar a carroça num instante.

Arlen abanou a cabeça.

– A carroça não está atolada, Ren. É o truque mais velho dos bandidos. – Roncou de desprezo. – Não acreditaria que continuam a fazê-lo.

– Bandidos? A sério? – Renna voltou a olhar em redor, daquela vez usando a sua visão noturna. Estavam barrados numa estrada no meio de nenhures, durante o dia quando as suas forças eram menores. A lama nem sequer chegava aos tornozelos dos homens e os arbustos de cada lado da estrada facilmente poderiam esconder comparsas. Moveu os dedos para a faca, mas Arlen fez-lhe um gesto e deixou-a embainhada.

– É suficientemente mau termos os demónios durante a noite – considerou. – Agora temos gente a voltar-se contra os seus durante o dia.

– Que tolice! – gritou o velho, mas recuava e Renna conseguiu ver-lhe a mentira nos olhos de forma tão clara que lhe custou acreditar que não a tinha visto antes. Sabia já que a gente diurna, mesmo os anciãos, podia ser tão má como os demónios. Harl era grisalho. Tal como Raddock Meirinho.

O homem atrás da carroça agachou-se por um momento e voltou a erguer-se empunhando uma besta. Dois homens saíram dos arbustos, apontando-lhes arcos de caça. Da curva atrás deles vieram mais três homens com lanças, bloqueando-lhes a retirada. Todos eram magros, com olheiras profundas e roupas esfarrapadas.

Apenas o ancião estava desarmado.

– Não queremos magoar ninguém, Protetor – disse, voltando a colocar o chapéu –, mas os tempos são desesperados e transportam uma carga muito pesada para um Protetor com a sua... – Olhou Renna. Estava coberta por sombras que lhe obscureciam as guardas na pele, mas o corte escandaloso da sua roupa era claro. O homem com a besta assobiou, aproximando-se para ver melhor.

– Não te ponhas com ideias, Donn – advertiu o velho, fazendo o besteiro recuar.

O ancião voltou a olhar Arlen.

– Seja como for, ficaremos com a comida, cobertores ou medicamentos que tenham. Além desses dois grandes cavalos.

Renna segurou a faca, mas Arlen riu-se.

– Confia em mim. Não queres realmente os cavalos.

– Não podes dizer-me o que quero ou não, Protetor – ripostou o ancião. – O Criador abandonou-nos há muito. Desmontem ou os meus homens encham-vos de buracos.

Arlen desmontou num ápice. Renna mal conseguiu vê-lo mover-se enquanto se aproximava do ancião, prendendo-o numa chave de sharusahk e virando-o para os arqueiros.

– Como disseste – disse-lhe Arlen –, não queremos magoar ninguém. Queremos apenas seguir caminho. Porque não dizes aos teus homens que...

Foi interrompido pelo disparo de um dos arqueiros. Renna sobressaltou-se, mas Arlen segurou a flecha em pleno ar como um homem veloz apanharia um moscardo.

– Isto mais depressa te atingiria a ti do que a mim – referiu Arlen, erguendo a flecha diante do ancião. Atirou-a para o lado.

– Nucleado sejas, Brice! – gritou o ancião. – Queres matar-me?

– Desculpa! – disse-lhe Brice. – Escorregou-me o dedo!

– Escorregou-lhe o dedo, diz ele – murmurou o ancião. – O Criador nos ajude.

Enquanto todas as atenções se concentravam no arqueiro, um dos lanceiros aproveitou a oportunidade para se aproximar em silêncio de Arlen. Foi suficientemente furtivo para os padrões da gente diurna, mas Renna não precisou de lançar o alarme. Percebia pela postura de Arlen que sabia que o homem se aproximava. Contava mesmo com a sua aproximação.

No momento em que o lanceiro atacou, empurrou o ancião. O homem moveu a lança horizontalmente sobre a cabeça de Arlen, pretendendo colocar-lha de forma a prender o pescoço. Arlen segurou a haste, curvando-se para diante e usando o impulso do adversário para o projetar, fazendo-o embater violentamente com as costas no chão. Segurando a lança, colocou um pé sobre o peito do homem caído e olhou os outros.

Durante a luta, o capuz caiu-lhe e os homens olharam-no, estarecidos.

– O Homem Pintado – disse Brice. E todos os bandidos começaram a trocar murmúrios.

Após um momento, o ancião recompôs-se.

– Então és tu que todos dizem ser o Libertador. – Semicerrou os olhos. – Não me pareces o Libertador.

– Nunca disse que o era – respondeu Arlen. – Chamo-me Arlen Fardos e sou do Ribeiro de Tibbet. Não pretendo libertar

nada além de pancada se não começarem a comportar-se de forma mais cordial. E sugiro que o façam depressa.

O ancião olhou-o e olhou os seus homens em seguida. Gesticulou-lhes e baixaram as armas sem deixar de fitar Arlen, que os olhava como a mãe de Renna costumava olhá-la e às irmãs quando faziam das suas e mereciam ralhete.

Nem o ancião conseguiu suportar aquele olhar durante muito tempo. Voltou a limpar o suor da testa suada, torcendo o chapéu nas mãos.

– Não vou pedir desculpa – disse. – Tenho bocas para alimentar e gente que precisa de um abrigo decente. Fiz algumas coisas de que não me orgulho para sobreviver, mas não foi por malícia ou ganância. Um homem esquece as suas maneiras quando passa demasiado tempo na estrada sem sítio para onde ir.

Arlen acenou com a cabeça.

– Sei como é. Como te chamas?

– Varley Aveia – respondeu o ancião.

Arlen acenou com a cabeça ao ouvir o apelido.

– Vens de Aveieira? Três dias para norte de Forte Rizon, depois dos Pomares Amarelos?

Varley arregalou os olhos, mas acenou afirmativamente.

– Estás muito longe de Aveieira, Varley – disse Arlen. – Há quanto tempo estás na estrada?

– Há quase três estações. Desde que os krasianos tomaram Forte Rizon – respondeu. – Sabia que as ratazanas do deserto viriam atrás de nós a seguir e disse à minha gente que empacotasse os seus pertences e se pusesse a caminho.

– És o Orador do povoado? – perguntou Arlen.

Varley riu-se.

– Era o Protetor. – Encolheu os ombros. – Suponho que continuarei a sê-lo, de certa forma. Apesar de não saber ao certo se alguém nos vê lá de cima.

– Também sei como é – disse Arlen.

– Aveieira inteira fez-se à estrada – continuou Varley. – Seiscentas almas. Tínhamos Herbanárias, Guardadores e até um

Mensageiro aposentado para nos guiar. Mantimentos em quantidade. Quando partimos, tínhamos mais do que o que conseguíamos carregar. Mas isso mudou depressa.

– Muda sempre – disse Arlen.

– As ratazanas do deserto vieram depressa – continuou Varley. – E os seus batedores estavam por toda a parte. Perdemos muita gente na fuga e muitos mais no inverno. Acabaram por desistir de nos perseguir, mas ninguém se sentiu seguro até chegarmos a Lakton.

– Mas Lakton não vos aceitou – adivinhou Arlen.

Varley abanou a cabeça.

– Estávamos já um pouco maltratados pelo caminho. As pessoas olhavam para o outro lado se acampássemos num terreno deixado de pousio ou se pescássemos no seu lago, mas ninguém pretendia aceitar quinhentos recém-chegados na sua povoação. Alguém acusava um dos nossos de roubo e, pouco depois, toda a povoação saía à rua com ancinhos e enxadas para nos escorraçar. De Lakton, fomos para o Outeiro, onde aceitavam rizonanos aos milhares, mas vimos gente mastigando casca de árvore e procurando insetos para encher a barriga e os outeiros percorrem os campos de refugiados procurando gente que se ofereça para morrer na noite. Alguns de nós perderam tudo para os krasianos e querem que comecemos a enfrentar demónios? Não restará ninguém.

– E, por isso, partiram para norte – disse Arlen.

Varley encolheu os ombros.

– Pareceu-nos o melhor rumo a seguir. Continuava a ter quase trezentas pessoas por quem precisava de zelar. Os outeiros deram-nos algumas lanças guardadas e a ajuda que puderam dispensar. O Couto do Lavrador não foi tão amável e os miseráveis de Forte Angiers rechaçaram-nos a ponta de lança. Ouvei dizer que poderia haver trabalho pelas bandas de Ponteflúvia, mas também aí não tivemos sorte.

– Levem-me ao vosso acampamento – disse Arlen. O bandido olhou-o por um instante. A seguir, acenou com a cabeça e voltou-se para os seus homens. A carroça precisou de um

momento para sair da lama e seguiram pela estrada em direção a um trilho estreito pela floresta dentro. Arlen desmontou, levando Dançarino do Ocaso pelas rédeas. Renna fez o mesmo, pousando uma mão sobre o pescoço forte de Promessa para a guiar. A égua grunhia e batia com os cascos sempre que um dos homens se aproximava, mas começava a habituar-se ao toque de Renna.

O acampamento dos aveieiros só se tornou visível mais de uma hora de viagem depois, bem escondido do trilho. Renna arregalou os olhos ao ver o aglomerado caótico de tendas muito remendadas e carroças cobertas, sobre o qual pairava um fedor de suor e dejetos humanos. Seriam talvez duzentas almas ali reunidas. Os homens de Varley, também eles esfarrapados, eram os que tinham melhor aparência.

Mulheres, crianças e velhos cambaleavam pelo acampamento, exaustos, imundos e meio famintos. Muitos envergavam ligaduras e a maioria tinha os pés enrolados em trapos. Todos trabalhavam, reparando e guardando abrigos degradados e miseráveis, rondando panelas de papa, arejando roupa e limpando pratos, recolhendo lenha, preparando postes de guarda, guardando gado magro. Os únicos ociosos eram os doentes e os feridos, albergados sob uma tenda de construção periclitante. Os seus gemidos de dor ecoavam pelo acampamento.

Arlen conduziu Dançarino do Ocaso, mantendo as costas muito direitas enquanto enfrentava os olhares perdidos e cansados daquela gente. Sobressaltavam-se quando lhe viam a cara guardada e começavam a trocar sussurros, mas ninguém teve a coragem de se aproximar enquanto passavam.

Alcançaram o abrigo dos doentes e Renna engasgou-se como se precisasse de engolir carne de demónio. Quase duas dúzias de pessoas estendidas sobre enxergas estreitas, cobertas com ligaduras ensanguentadas, imundas e malcheirosas. Dois dos doentes tinham-se borrado e outro estava coberto com o seu próprio vômito. Nenhum parecia capaz de recuperar.

Uma mulher de aparência exausta esforçava-se em vão por cuidar de todos eles. Tinha o cabelo grisalho preso num carrapito apertado e o esforço provocava-lhe um esgar. Não trazia qualquer avental com bolsos sobre o vestido gasto.

– Criador, nem sequer têm uma herbanária – sussurrou Arlen.

– A minha esposa, Evey – grunhiu Varley. – Não é herbanária, mas cumpre essas funções para aqueles que necessitam de ajuda. – Evey ergueu o olhar e arregalou os olhos de choque ao ver a pele guardada de Arlen e de Renna.

Arlen dirigiu-se a um alforge e trouxe a bolsa de ervas.

– Tenho alguns conhecimentos da arte, sobretudo no que disser respeito a ferimentos provocados por nuclitas. Gostaria de ajudar se puder.

Evey caiu de joelhos.

– Por favor, Libertador! Faremos qualquer coisa.

As sobancelhas de Arlen franziram-se em raiva súbita.

– Podes começar por não te comportares como tola! – ripostou. – Não sou o Libertador. Sou Arlen Fardos do Ribeiro de Tibbet e pretendo apenas ajudar como puder.

Evey pareceu ter sido esbofeteada. As bochechas pálidas coraram e levantou-se rapidamente.

– Lamento... Não sei o que me deu...

Arlen estendeu a mão, pousando-a sobre o seu ombro.

– Não tens de explicar. Conheço as histórias de taberna que os Jograis espalham a meu respeito. Mas digo-te que sou um homem como qualquer outro. Apenas aprendi alguns truques do velho mundo que a gente dos nossos dias esqueceu.

Evey acenou afirmativamente, olhando-o finalmente nos olhos e descontraindo.

– A cerca de cem quilómetros para norte, fica a aldeia de Poço Morto – disse Arlen a Varley. – Posso desenhar-vos um mapa, assinalando os lugares onde poderão acampar.

– Porque nos aceitarão em Poço Morto quando não aceitaram em nenhuma outra parte? – perguntou Varley.

– Porque já não vive ninguém em Poço Morto – respondeu Arlen. – Os nuclitas conseguiram entrar e mataram todos os

habitantes. Homens, mulheres e crianças. Mas viemos de lá e limpámos o local com afinco. Poderá ser um pouco apertado no início, mas tem tudo o que será necessário para iniciar uma nova vida. Só terão de fechar o poço e abrir um novo.

Varley fitou-o.

– Dás-nos... uma aldeia?

Arlen acenou afirmativamente.

– Costumava ir lá muitas vezes. Era um sítio especial para mim. Gostava que voltasse a servir de lar a gente boa. – Fixou em Varley um olhar intenso. – A gente que veja o banditismo com maus olhos.

Varley não pareceu convencido.

– O Cânone diz: «Não confies no homem que te oferece o que desejas quando mais necessitas.»

Arlen sorriu.

– O Criador abandonou-vos, mas o Protetor Varley não deixou de citar o Cânone?

Varley riu-se.

– O mundo está cheio de contradições.

– Poço Morto não vos piorará a vida – considerou Arlen. – As vossas guardas são fracas. Percebi-o mesmo sem precisar de as examinar mais de perto.

Varley concordou com um aceno.

– Nem um Guardador de Sebes temos fora das enxergas do hospício. As pessoas guardam as carroças e as tendas da melhor forma que sabem.

Arlen indicou Renna com a cabeça.

– Esta é Renna Curtidor, a minha prometida. É uma Guardadora hábil. Gostava que tu e os teus homens a acompanhassem pelo acampamento. Ajudem-na a ver se não pode aumentar a vossa segurança.

Evey curvou-se para Renna.

– É uma bênção o que fazem por nós.

Renna sorriu e segurou o braço de Arlen.

– Deem-nos licença. – Voltou-se e puxou Arlen para o espaço entre os cavalos. – Que jogo é este, Arlen Fardos? – questionou.

– Tive de me esforçar para que me deixasses guardar o meu próprio traseiro e agora confias que conseguirei guardar um acampamento inteiro?

Arlen olhou-a.

– Dizes-me que não consegues? Que não devo confiar em ti?

Renna pousou as mãos nas ancas.

– Não disse tal coisa.

– Então porque falamos disto? – perguntou-lhe Arlen. – O dia avança para a noite e terás de guardar este sítio, custe o que custar. Ameaça-os e bate-lhes se tiver de ser, mas faz o que precisa de ser feito. Leva algumas lanças e flechas guardadas e entrega-as a quem conseguir usá-las.

Renna pestanejou. Nunca ninguém confiara que conseguiria guardar mais do que um celeiro ou lhe dera alguma responsabilidade real, além de ordenhar a vaca e fazer a ceia. Sem hesitar, Arlen confiava que conseguiria ser Selia Estéril para aquela gente.

Amo-te, Arlen Fardos.

Renna demorou a perceber que as guardas eram ainda piores do que temiam. Não havia um círculo de guardas eficaz em redor do acampamento. Os aveieiros tinham-se espalhado ao acaso pela clareira, com as carroças e tendas individualmente guardadas com níveis variados de perícia. As melhores guardas seriam apenas minimamente eficazes.

– Quantas pessoas perdem em cada noite? – perguntou.

– Demasiadas – replicou Varley, desagradado. – E o número aumenta a cada noite que passa.

– Piora de noite para noite quando ficam no mesmo sítio – disse Renna. – Um acampamento grande como este, com o cheiro do medo e do sangue no ar, atrairá nuclitas como um caroço de maçã atrairá formigas.

Varley engoliu em seco.

– Não me soa nada bem.

– E com razão – disse Renna. – Põe esta gente na estrada para Poço Morto amanhã, custe o que custar. – Parou diante de

uma carroça rodeada por postes de guarda espetados no chão.
– Tenho visto muitos postes destes.

Varley acenou afirmativamente.

– O nosso Guardador fê-los antes de ser nucleado. Costumavam chegar para rodear o acampamento, mas perdemos alguns e não conseguimos substituí-los.

Renna acenou com a cabeça.

– Arranquem-nos todos, por favor, e levem-nos para a borda da clareira. – Apontou. – Faremos um círculo com as carroças maiores e colocaremos os postes nos vãos entre elas. Todo o acampamento terá de caber no espaço interior.

– As pessoas não gostarão que lhes arranquemos as guardas – disse Varley.

Renna olhou-o com severidade.

– Não me importa o que pensem, ancião. Ou o que tu pensas. A não ser que queiras perder mais gente na próxima noite, será melhor que me dêes ouvidos até ao anoitecer.

As sobranceiras farfalhudas de Varley ergueram-se e voltou a tirar o chapéu, torcendo-o nas mãos.

– Sim. Muito bem.

– Precisaréi de tinta – disse Renna. – Qualquer cor servirá. Quanto mais escura, melhor. E em grande quantidade. Também precisaréi de postes desta altura. – Ergueu uma mão paralela ao chão. – Tantos quantos conseguirem encontrar. Se precisarem, cortem ramos das árvores. Precisarão de resistir apenas até chegarem a Poço Morto.

– Donn – disse Varley. – Recolhe postes. Se alguém barafustar, manda-os até mim. – Donn acenou afirmativamente, escolheu um grupo de homens e partiu. – Brice – disse Varley. – Tinta. Depressa. – O homem afastou-se a correr e Varley olhou os restantes elementos do grupo. – Postes novos. Arranquem o que for preciso. – Voltou a olhar Renna, expectante.

– As carroças terão de ser posicionadas antes de começar a colocar os postes – disse Renna. – Façam-no agora.

Varley acenou afirmativamente, afastando-se para falar com a dona de uma das carroças, apontando.

– Ficaremos quase na fossa! – protestou esta.
– Preferes a fossa ou a barriga de um nuclita? – replicou Varley.

Quase anoitecera por completo quando Renna regressou para junto de Arlen. Alguns dos doentes no hospício improvisado pareciam um pouco mais confortáveis, mas muitos continuavam a sofrer horrivelmente. Arlen ajoelhava-se junto a uma enxerga, segurando a mão de uma rapariga. O outro braço desta terminava acima do cotovelo numa ligadura ensopada com pus castanho-amarelado. Metade da cara estava coberta de chagas por sarar resultantes de queimaduras provocadas por cuspo flamejante. A pele apresentava uma palidez quase cinzenta e a respiração era superficial. Mantinha os olhos fechados.

– Febre demoníaca – disse Arlen sem se virar para Renna. – Um demónio da chama arrancou-lhe o braço e provocou uma infeção terrível. Tratei-a com as curas que conheço, mas a doença está demasiado avançada. Duvido que abrande.

A dor na sua voz abalou Renna, mas interiorizou a sensação e deixou que passasse. Havia ainda trabalho para fazer.

Arlen olhou os outros na tenda dos enfermos.

– Talvez tenha conseguido salvar alguns, mas fiquei sem ervas e, de qualquer forma, a maioria está além do que poderei fazer com os meus talentos. – Suspirou. – Na luz do dia, pelo menos.

– O teu número de salvador esta tarde foi suficientemente mau – disse Renna. – Se começares a sarar pessoas durante a noite, a história do Libertador não terá fim.

Arlen virou para ela uma face marcada por lágrimas.

– Que sugeres que faça? Que os deixe morrer?

Renna olhou-o e a sua determinação foi abalada.

– Claro que não. Digo apenas que pagarás um preço.

– Há sempre um preço, Ren – disse Arlen. – Tudo isto é culpa minha. – Indicou com a mão o acampamento dos aveieiros em redor. – Fiz isto acontecer.

Renna arqueou uma sobrancelha.

– Como? Expulsaste esta gente das suas casas?

Arlen abanou a cabeça.

– Acordei o demónio que o fez. Não deveria ter levado a lança para Krasia. Não deveria ter confiado em Jardir.

– Qual lança? Quem é Jardir? – perguntou Renna.

– O demónio da mente estava disposto a matar para responder a essas perguntas – disse-lhe Arlen. – De certeza que queres saber?

– Matar é o que os demónios fazem sempre – considerou Renna, apontando a guarda contra demónios da mente pintada na sua testa com caulinegra. – Esses malditos cabeçudos não voltarão a entrar-me na cabeça.

Arlen acenou afirmativamente.

– Jardir é o líder dos krasianos. Conheci-o há muito tempo e tornámo-nos amigos. «Amigos» não será a palavra adequada. Ensinou-me metade do que sei e salvou-me a vida mais do que uma vez. Não o teria amado mais se fosse meu irmão. – Arlen formou um punho com a mão. – E, durante todo esse tempo, manteve uma faca pronta a cravar nas minhas costas.

– Que aconteceu? – perguntou Renna.

– Comprei um mapa no mercado negro assinalando uma cidade perdida no deserto, que se dizia ser a cidade de Kaji – explicou Arlen.

– O que é um mercado negro? – perguntou Renna. – Só abre à noite?

Arlen sorriu, mas sem grande vontade.

– Suponho que não andarás longe da verdade. Significa que as pessoas que mo venderam o roubaram.

Renna franziu a testa.

– Não me parece coisa que fizesse o Arlen Fardos que conheço.

– Não me orgulho – disse Arlen –, mas lidei com muita gente pouco recomendável desde que saí do Ribeiro de Tibbet. Gente que faria as ações de Varley parecerem honestas. Muitas vezes, quando passamos além das guardas, encontramos apenas gente pouco recomendável.

Renna grunhiu.

– Então arranjaste um mapa para um sítio chamado Kaji. E depois?

– Kaji não é um sítio – explicou Arlen. – Foi um homem. O último general das guerras demoníacas. O Libertador, para quem acreditar em tais coisas.

Renna riu-se.

– Foste procurar o Libertador? Tu, Arlen Fardos? Agora fiquei com a certeza de que estás a inventar a história.

– Não procurava o Libertador – replicou Arlen. – Procurava as guardas que usava. E encontrei-as, Ren. Libertador ou não, encontrei o túmulo de Kaji e resgatei a sua lança. As velhas guardas de combate, criadas para enfrentar os nuclitas, trazidas de volta ao mundo! Levei-a até Jardir, que teve a ousadia de me acusar de a ter roubado. De dizer que lhe pertencia. Propus fazer-lhe uma cópia exata, até à última guarda, mas não lhe chegava.

Inspirou profundamente, respirando durante alguns momentos enquanto se recompunha. Era irónico que uma técnica de meditação krasiana o acalmasse naquela ocasião, mas, mesmo assim, Renna sentiu-se grata.

– Que fez ele? – perguntou, após um momento.

– Roubou a lança durante a noite – disse Arlen. – Montou uma cilada e sorriu enquanto os seus homens me lançavam a um fosso de demónios para ser nucleado. Agora veio para norte, pretendendo escravizar-nos a todos numa nova guerra demoníaca.

– Então mata-o – disse-lhe Renna. – O mundo ficará melhor sem gente assim.

Arlen suspirou.

– Por vezes, penso que o mundo ficaria melhor sem mim.

– Que dizes? – perguntou-lhe Renna. – Não podes comparar-te com esse...

– Não desculpo Jardir – disse Arlen.– Mas, por mais que tente, não consigo impedir-me de pensar que nada disto teria acontecido, a ti, aos rizonanos ou a qualquer outra pessoa, se tivesse cumprido a minha promessa e ficado na quinta. Todos

esperam que resolva os seus problemas, mas como poderei fazê-lo quando sou o responsável por todos eles?

Renna cerrou os dentes e esbofeteou-o. Arlen recuou e olhou-a, chocado. O som fez Evey e alguns pacientes erguerem o olhar, mas Renna ignorou-os.

– Não faças essa cara de surpresa, Arlen Fardos – disse-lhe. – Foste tu que me mandaste bater em quem não ajudasse a proteger o acampamento e a noite quase caiu. Nunca te vi fazer nada que não fosse justo e não temos tempo para estas tolices.

Arlen abanou a cabeça como se pretendesse clareá-la e, subitamente, sorria-lhe.

– Amo-te, Renna Curtidor.

Renna sentiu um arrepio de emoção, mas acolheu-o e deixou que passasse. Havia coisas a fazer.

– Consegui postes suficientes para três quartos de um círculo à volta do acampamento. Tive de desenhar guardas na terra para o fechar.

– Nunca confies em guardas na terra – disse Arlen.

– Não sou tola – disse Renna. – Destaquei guardas com lanças armadas, mas metade dos homens de Varley preguiça e a outra metade está quase a mijar-se.

Arlen acenou com a cabeça e um indício de sorriso voltou-lhe aos lábios.

– Não te preocupes. Começo a ficar bom na parte que se segue.

Renna conduziu-o ao local onde os guardas se erguiam e, tal como dissera, havia meia dúzia segurando as suas novas lanças guardadas com mãos trémulas e outro grupo, os bandidos de Varley liderados por Donn e Brice, deitados no chão a jogar ao abrigo. As suas armas guardadas estavam pousadas por perto, meio esquecidas. As carroças e tendas guardadas estavam fechadas, mas havia muitos sem refúgio que viam o sol a pôr-se com olhares receosos. Varley erguia-se a pouca distância, mas sem empunhar qualquer arma. Torcia o chapéu nas mãos.

Todos olharam Arlen quando passou. Ouviram-se murmúrios por todo o acampamento e Renna viu mesmo algumas das abas

de pano que fechavam carroças e tendas agitando-se para permitir espreitadelas.

Arlen dirigiu-se aos homens de Varley, pontapeando a taça de dados que Donn agitava.

– Ei! Que foi isto? – gritou o homem.

– O sol põe-se e ocupam-se a jogar – exclamou Arlen.

– Estás doido, Donn? Respondeste ao Libertador? – perguntou Brice.

– Não é o Libertador – disse Donn. – Foi ele que o disse. – Voltou-se para Arlen. – O sol só se põe daqui a dez minutos e há guardas na terra à vista de todos.

– Guardas na terra não merecem confiança.

Donn ergueu o olhar.

– Não me parece que chova.

– Não será só a chuva a motivar preocupação – disse Arlen, aproximando-se das guardas e olhando-as. – Qualquer coisa conseguirá apagar uma guarda na terra. – Com aquilo, estendeu um pé calçado com sandália e apagou uma das guardas que Renna traçara com cuidado, fazendo-a abrir a boca de espanto. Arlen riu-se enquanto os homens se levantavam e corriam para as armas.

– Dez minutos deixaram de parecer muito tempo, não é? – perguntou, elevando a voz para que todo o acampamento o ouvisse.

– Pelo Criador! Enlouqueceste? – gritou Varley, mas Arlen ignorou-o, caminhando de volta aos jogadores.

Acenou com a cabeça, vendo que Donn segurava com firmeza a sua nova lança guardada. Os outros faziam o mesmo.

– Agora respeitam a noite.

Donn olhou-o fixamente.

– Espero que sejas o Libertador. Porque, se não fores, és louco.

Arlen sorriu e voltou-se para os outros homens, que pareciam duplamente aterrados e com motivos válidos para isso. Escurecera o suficiente para que a visão guardada de Renna começasse a dar sinais de vida. Farripas fluorescentes de magia,

invisíveis para os outros, começavam a erguer-se do chão, acumulando-se nas sombras e fortalecendo-se contra a luz. Pouco depois, os caminhos para o Núcleo abririam por completo e os demónios erguer-se-iam.

Jered, que pouco passara dos dezasseis anos, segurava a lança com tanta força que tinha os nós dos dedos brancos.

– Porque fizeste isso? Não quero morrer.

– Todos morremos – disse Arlen. – O que importa é como morremos. Queres morrer por estares demasiado assustado para te defenderes? Queres que a tua família morra porque os teus joelhos fraquejaram quando esperaram que os protegesses? Ou queres levar um nuclita contigo? Talvez mais do que um?

– E precisavas de deixar os nuclitas entrarem no nosso acampamento para reforçar o que dizes, rapaz? – perguntou Varley. Enquanto falava, apontou as formas de demónios que começavam a formar-se no exterior da clareira quando a última luz se perdeu.

– Nenhum demónio entrará neste acampamento – disse Arlen, inspirando fundo. Renna viu a neblina brilhante junto aos pés de Arlen correr subitamente para ele como fumo sugado por um fole. O ar que o rodeava escureceu enquanto Arlen absorvia a magia, voltando a clarear quando as guardas na sua pele ganharam vida. Até os olhos sem guardas dos aveieiros conseguiam vê-lo e o seu gemido de espanto pareceu erguer-se em unísono.

Um demónio dos campos solidificou-se e correu para o vão nas guardas. Algures no acampamento, uma mulher gritou. Arlen moveu uma mão, traçando uma grande guarda no ar. Ganhou vida, reluzindo, quando o demónio atingiu o local e o salto foi travado com um ruído de esmagamento. A magia projetou-o para trás.

– Criador – sussurrou Varley.

– Emprestas-me a tua lança? – perguntou Arlen a Jered, retirando a arma dos dedos trémulos do rapaz.

Passou além das guardas, usando a lança para apontar o demónio que se recompunha.

– Vejam como o demónio dos campos precisou de se debater para conseguir levantar-se – gritou, para que todos o ouvissem.
– Não há nada mais rápido sobre quatro patas e as escamas rígidas conseguem bloquear o ataque até de uma lança guardada... – O demónio saltou sobre ele, mas Arlen afastou-se agilmente para o lado, golpeando-o com a haste da lança. Guardas de impacto cintilaram, fazendo o demónio cair com o ventre para cima. – Mas, se conseguirem desequilibrá-lo e lhe expuserem o ventre, que não está protegido... – Cravou a lança com força em cheio no peito do demónio.

Enquanto falava, Renna avançou para enfrentar o demónio seguinte que ganhava forma. Inspirou como Arlen fizera, invocando a magia ambiente para o seu corpo. O ar à sua volta não escureceu, mas Renna podia jurar que sentia alguma coisa. O cansaço do dia desapareceu. Sentia-se forte.

O demónio dos campos tentou atacá-la, movendo uma pata como um chicote, mas Renna percebeu o movimento e antecipou-se às garras afiadas. Correu para ele antes que conseguisse recuperar, rodeando-lhe o pescoço com o colar guardado. As guardas pintadas nos seixos cintilaram, apertando-se. O demónio tentou gritar, mas apenas conseguiu um gemido rouco. Renna apertou as pernas à sua volta, esquivando-se cuidadosamente às garras desesperadas. No momento seguinte, uma explosão de magia fez o colar libertar-se e a cabeça do demónio separou-se do corpo. Desembainhou a faca de Harl e olhou os outros demónios que rondavam a área enquanto Arlen prosseguia a lição.

Quase amanhecera quando Arlen se dirigiu à tenda-hospício. Todos os aveieiros dormiam exceto os homens que patrulhavam o círculo de guardas. Renna terminara os últimos postes guardados e Arlen entregara a Varley um mapa para Poço Morto. Desenhara um pequeno crânio sobre o poço da povoação.

– De certeza que tens de fazer isto? – perguntou Renna.

Arlen acenou afirmativamente.

– Não posso virar costas, Ren.

– Não me parece que possas – disse Renna. – Fá-lo depressa enquanto não há ninguém para ver.

Arlen ajoelhou-se junto à rapariga sem braço morrendo de febre demoníaca e traçou guardas no ar. A rapariga inspirou bruscamente enquanto a magia a preenchia. Em seguida, voltou a descontrair. A vermelhidão e as chagas desapareceram-lhe da face e a palidez da pele adquiriu uma tonalidade mais saudável.

– Onde aprendeste as guardas de cura? – perguntou Renna.
– Retiraste-as da mente do demónio?

– Mais ou menos – disse Arlen. – Não são exatamente guardas de cura. O corpo quer sarar e sabe o que fazer. As guardas conferem-lhe poder para o fazer depressa.

Arlen moveu-se de um doente ao seguinte com rapidez. Carregara-se com o máximo de energia que conseguiu suportar, mas esta depressa se dissipou com as curas. Não tardou a cambalear. Por fim, fechou os olhos e tombou.

Renna aproximou-se para o amparar.

– Basta – sussurrou. – Fizeste o que podias. Matar-te-ás para sarar os que restam?

– É de repente – disse Arlen. – Sinto-me invencível num segundo e, no seguinte, é como se me afogasse. Preciso de aprender quais são os meus limites. – Inspirou fundo e a magia que se erguia do solo como nevoeiro voltou a ser atraída para o seu corpo. O brilho das guardas intensificou-se, mas sem comparação com o poder que irradiara apenas alguns minutos antes. Parecia abatido e tinha sombras negras sob os olhos.

– Está na altura de irmos – disse Renna.

Galoparam durante vários quilómetros até Renna puxar as rédeas de Promessa. Arlen fez girar Dançarino do Ocaso quando percebeu que ficara para trás.

– Vai – disse Renna.

– Hã? – perguntou Arlen.

– Caça alguma coisa – disse Renna. – Ainda não clareou e precisas de mais do que a magia no ar para recuperar

totalmente. Não é o melhor momento para hesitações.

Arlen inclinou a cabeça, olhando-a, e com uma ameaça de sorriso surgindo-lhe na face.

Renna não se deixou influenciar. Apontou a estrada dos Mensageiros e a planície mais além.

– Vai.

Acenou-lhe com a cabeça e partiu, fazendo Dançarino do Ocaso abandonar a estrada e correr sobre a erva. Renna esperou até desaparecer de vista. A seguir, fez Promessa virar e galopou na direção de onde tinham vindo.

Não lhe restava muito tempo, mas não precisava de muito. O demónio da madeira que avistara minutos antes continuava escondido junto à árvore de tronco grosso que o escondera dos olhos guardados de Arlen.

Levou Promessa até à árvore e fê-la erguer-se, com os cascos golpeando o demónio como trovões, projetando-o contra o chão, torcido e esmagado.

Renna desmontou enquanto puxava a faca de Harl. *Arlen esgota-se.*

O demónio debateu-se quando se aproximou. A magia começava a sarar-lhe os ferimentos. Precisaria apenas de um momento para ficar novamente pronto a atacar, mas não lhe restava tanto tempo. A armadura de um demónio da madeira era dura e nodosa, com placas ósseas grossas e salientes. As juntas entre as placas eram o seu ponto mais vulnerável. Renna golpeou com força, afastando-as e arrancando-lhe o coração antes que parasse de se debater.

Teria continuado a sarar gente até morrer. Sempre a tentares dar a vida por alguém, Arlen Fardos. Não mudou em todos estes anos.

Quase parecia frustrar Arlen não conseguir encontrar um demónio suficientemente grande para o destruir, um fardo demasiado pesado para suportar. Continuará a procurar até encontrar. Sempre buscando uma morte krasiana.

Renna mordeu o coração do demónio. Era rijo e o sabor era amargo e repelente, coberto com sangue negro viscoso.

Explodiu quando uniu os maxilares, lançando-lhe líquido ainda mais peçonhento para a boca. Achou que não poderia haver sabor mais horrendo e sentiu vômitos, com o líquido amargo como fel que saía do coração do demónio subindo-lhe até às narinas. Quis cuspir e ceder aos impulsos do estômago, mas, em vez disso, cerrou os dentes.

Arlen não conseguirá encontrar a sua morte aqui e procurá-la-á no Núcleo. Não o deixarei ir sozinho. Prometi ficar com ele e nunca o fazer abrandar.

Renna engoliu, deixando as lágrimas escorrer-lhe pela face. Acolheu a náusea, galopando-a como galopara Promessa da primeira vez, esquecendo tudo o resto e mantendo-se firme até sentir o estômago acalmar. A seguir, deu nova dentada.

Recompusera-se quando Arlen regressou com o seu brilho restaurado. As olheiras tinham desaparecido e os seus movimentos voltavam à agilidade habitual. E também o seu vigor vinha elevado ao máximo. Ouvia-o na sua respiração e via a magia cintilando à sua volta, arrastando instintos primordiais difíceis de suprimir.

Sentia algo muito semelhante. Só uma grande concentração lhe permitiu concentrar-se nas guardas que pintava na pelagem malhada de Promessa. A égua atingia Renna com a cauda, mas não se afastou.

– Sentes-te mais forte? – perguntou.

Arlen acenou afirmativamente.

– Ainda me sinto estranho. Cheio de força e exausto ao mesmo tempo. Mas servirá. Temos um longo caminho a percorrer e não quero parar até chegarmos ao Outeiro. – Apontou. – Este caminho levar-nos-á para leste, em direção à Estrada Velha da Colina. Deixou de ser usada há uns noventa anos, quando os nuclitas destruíram Forte Colina. Poderemos usá-la como atalho para o Outeiro. Se não pararmos durante a próxima noite, chegaremos no dia seguinte ao meio-dia.

Renna acenou com a cabeça.

– Quem é Leesha Papel para ti?

A respiração de Arlen acelerou, indicando sem qualquer dúvida que lidava com algum sentimento ou recordação, mas era impossível saber o que seria.

– Leesha Papel é a Herbanária do Outeiro do Libertador. Faz lembrar Selia Estéril do Ribeiro. As pessoas correm para cumprir as suas ordens. Um estalajadeiro em Ponteflúvia disse que Jardir a levou do Outeiro e a forçou a deitar-se com ele. Preciso de verificar se é verdade. Encontrar o rasto se conseguir. Se descobrir que Jardir lhe tocou, matá-lo-ei.

Renna sorriu.

– Não serias o homem que amo se não o fizesses. Pelo que te fez, até eu sinto vontade de o matar.

– Não tentes, Ren – disse Arlen. – Não estás à sua altura, por mais que julgues ter aprendido. Jardir enfrentava demónios antes de qualquer um de nós ter nascido.

Renna encolheu os ombros.

– Ainda não respondeste à minha pergunta. Não perguntei quem era Leesha Papel. Perguntei quem é para ti. Ouvi dizer que os krasianos têm arrastado muitas mulheres para as suas camas. Porque é esta que te faz vir a correr?

– É minha amiga – disse Arlen.

– Não falas dela como se fosse uma amiga – considerou Renna. – Ficas hirto. Frio. Deixo de conseguir ler-te. Faz-me pensar que escondes alguma coisa.

Arlen olhou-a e suspirou.

– Que queres que diga, Ren? Tens os teus Cobies Pescadores e eu tenho os meus.

– Cobie Pescador era só um – disse Renna, sentindo o batimento cardíaco acelerar. – O meu pai afugentava qualquer outro rapaz que viesse cortejar-me. Quantas foram?

Arlen encolheu os ombros.

– Duas ou três.

– Que popular que és. – Cuspiu no chão. Sentia o monstro alvoroçar-se no seu interior, a essência demoníaca, bradando por violência. Cerrou os dentes. Era uma sensação demasiado poderosa para acolher. Dominava-a. Ficou tensa, tentando

enfrentar o impulso que a forçava a lançar-se sobre ele. A matá-lo.

– O que foi? – perguntou Arlen, percebendo a ferocidade nos seus olhos e retribuindo-a multiplicada. – Devia ter-me mantido fiel só porque os nossos pais nos negociaram como gado? Deixei o Ribeiro de Tibbet e não pretendia regressar, Ren.

Renna encolheu-se. Pensar em Arlen Fardos e recordar aquele beijo sobre a palha e as suas palavras de promessa tinham sido todo o seu mundo quando era uma criança. Sonhar com Arlen fizera-a suportar momentos duros que teriam destruído outras pessoas. Que tinham realmente destruído outras pessoas. Pensar que não significara nada para ele, que nem sequer pensava nela, era demasiado para conseguir suportar.

Arlen correu para ela, fazendo-a desembainhar a espada por instinto. Mas foi mais rápido, segurando-lhe os pulsos e mantendo-os em baixo com a força de um demónio da rocha. Tentou resistir-lhe, mas foi inútil.

– Não conhecia a rapariga que eras – disse-lhe Arlen. – Ou a mulher que serias. Se tivesse conhecido, teria voltado atrás para te levar comigo.

Renna parou de se debater e olhou-o.

– Dizes a verdade?

– Juro-te – disse Arlen. – Perguntas se tenho mulheres no meu passado? Sim, tenho. Mas o passado ficou para trás. – Ergueu as mãos, rodeando-lhe a face e erguendo-a para que os seus olhares se encontrassem. – Renna Curtidor é o meu futuro.

Renna deixou cair a faca no chão, mas, quando Arlen a soltou, lançou-se sobre ele, mesmo assim.



QUATRO

A SEGUNDA VINDA

333 DR Verão 26 Auroras antes da Lua Nova

Galoparam até ao amanhecer e abrandaram quando o sol começou a esgotar-lhes a força noturna. Arlen conduziu-os para fora da estrada, levando Dançarino do Ocaso com confiança por um caminho de Mensageiros tão coberto de vegetação e sinuoso que se tornava quase invisível. O trilho nunca desaparecia sob os pés de Renna, mas surgia de repente à sua frente e desaparecia rapidamente atrás como se caminhasse entre nevoeiro denso.

Por volta do meio-dia, o caminho alcançou uma estrada de Mensageiros larga e puderam voltar a montar após uma pausa para almoço e necessidades. Como as estradas em Ponteflúvia, a Estrada Velha da Colina era empedrada, mas estava muito danificada e a ação dos elementos tinha aberto buracos enormes repletos de terra e vegetação mirrada. Em vários pontos, uma árvore inteira conseguira despontar pelas aberturas, arrastando consigo grandes blocos de pedra, cobertos de musgo ou imundos. Noutros pontos, a estrada alongava-se durante trechos extensos sem marcas do tempo. Quilómetros de pedra cinzenta, plana e uniforme quase sem fissuras.

– Como conseguiram trazer pedras tão grandes? – perguntou Renna, espantada.

– Não as trouxeram – respondeu Arlen. – Fizeram uma papa lamacenta chamada creto que endurece e se transforma em pedra sólida. Todas as estradas eram assim, amplas e empedradas, por vezes alongando-se ao longo de centenas de quilómetros.

– Que lhes aconteceu? – perguntou Renna.

– O mundo tornou-se demasiado pequeno para estradas grandes – exclamou Arlen com pesar. – A Estrada Velha da Colina é uma das últimas que existem. A natureza não as engole rapidamente, mas acaba por fazê-lo.

– Conseguiremos viajar rapidamente por aqui – disse Renna.

– Sim, mas a noite será uma corrida – advertiu Arlen. – Os demónios dos campos são atraídos para aqui como porcos para a gamela. Erguem-se pelos buracos no empedrado.

Renna sorriu.

– Porque deveria preocupar-me? Tenho o Libertador comigo.

– O esgar desagradado de Arlen fê-la rir.

Renna deixou de rir. Promessa aceitara algumas tiras de couro entrançado como cilha, mas continuava a ser-lhe difícil segurar-se enquanto a gigante angierana galopava pela velha estrada, saltando sobre obstáculos e mal conseguindo distanciar-se do bando de demónios dos campos que a seguiam de perto.

Dançarino do Ocaso não se saiu melhor, levando tantos nuclitas no seu encaço como Promessa. Os demónios estavam perfeitamente ambientados à estrada, com passadas largas e incansáveis sobre o empedrado.

No alto, os gritos dos demónios do vento, fazendo lembrar aves de rapina, preenchem o céu noturno. Renna olhou para cima e viu-os com clareza, denunciados pelo brilho da sua magia, com asas de grande envergadura tapando as estrelas. Nem os demónios do vento seriam suficientemente velozes para mergulhar e levar consigo um cavalo a galope, porém, se abrandassem...

– Lutamos? – gritou Renna a Arlen. Os sentidos de ambos eram mais aguçados durante a noite, mas continuava a ser difícil perceber se a teria ouvido sobre o trovejar dos cascos e os guinchos dos demónios perseguindo presas.

– São demasiados! – gritou-lhe Arlen em resposta. – Se pararmos, seremos alcançados por mais! Continua!

A sua face era clara como o dia para os seus olhos noturnos e estava marcada pela preocupação. Não corria qualquer perigo, claro. Nada podia magoá-lo na noite. Mas Renna não gozava da mesma segurança. A sua capa guardada não a protegeria a galope e, mesmo tendo pintado a maior parte da pelagem malhada de Promessa, essas guardas não durariam muito tempo numa batalha contra um número crescente de demónios. Até a barda de Dançarino do Ocaso tinha aberturas necessárias para permitir a mobilidade.

Renna ansiava por levar a mão à faca, mas manteve os braços firmes à volta do pescoço poderoso de Promessa. Um nuclita tentava morder os cascos da égua e foi atingido por um coice no focinho como castigo para a ousadia. As guardas que Renna tinha gravado cintilaram e os dentes longos e afiados como lâminas estilhaçaram-se enquanto o demónio era projetado para trás.

A satisfação não durou muito. Promessa cambaleou, perdendo velocidade por um momento, e os restantes nuclitas reduziram a distância, quase conseguindo alcançá-la. Na estrada, o demónio que escoiceara conseguiu recompor-se e levantou-se com dificuldade. A magia reparava já os danos. Não tardaria a retomar a perseguição.

Arlen soltou as rédeas de Dançarino do Ocaso e voltou-se, traçando uma guarda no ar. Renna sentiu uma rajada de vento e os nuclitas que a perseguiam foram levados como folhas sopradas.

Renna sorriu e olhou Arlen, mas a curvatura dos seus lábios perdeu-se quando viu como o seu brilho diminuía. Não podia continuar a usar aquele truque e os demónios dos campos que o perseguiam estavam a pouco mais de uma passada de

distância. Amaldiçoou a sua recusa teimosa em praticar com o arco que lhe dera.

Um demónio dos campos saltou, com as garras grandes e curvas deixando sulcos profundos nos quartos traseiros de Dançarino do Ocaso, imediatamente abaixo da barda, tentando puxar para baixo o enorme garanhão

Dançarino escoiceou-o, com os cascos guardados esmagando o crânio do demónio, mas a pausa deu tempo a outro dos nuclitas para trepar um amontoado ancestral de creto, lançando-se sobre Arlen.

Arlen girou, segurando uma pata com uma mão e usando a outra para esmurrar violentamente a cabeça do demónio.

– Não abrandes! – gritou, quando Promessa o ultrapassou.

A magia das guardas do punho cintilou enquanto golpeava uma e outra vez, reduzindo a face do demónio a uma massa arruinada. Lançou-o aos outros, conseguindo derrubar vários antes de usar os calcanhares para fazer Dançarino regressar ao galope.

Não tardaram a recuperar novamente a distância perdida, mas os flancos de Dançarino estavam ensopados com o seu sangue e começou a abrandar enquanto os demónios corriam com ânimo renovado.

– Noite! – exclamou Renna, olhando a estrada à sua frente e vendo um bando de demónios carregando sobre eles da direção oposta, espalhando-se de forma a bloquear toda a estrada. De um lado e do outro, o terreno descia em valas cobertas de vegetação. Não havia escapatória possível.

Parte de Renna ansiava pelo combate. O sangue de demónio que lhe corria nas veias bradava pela carnificina, mas a razão que lhe restava sabia que seria uma batalha condenada à partida. Se não conseguissem quebrar o bloqueio e escapar aos demónios, era provável que apenas Arlen sobrevivesse até ao amanhecer.

Esse pensamento deu-lhe algum consolo enquanto se inclinava para a carga.

– Pisa-os – sussurrou ao ouvido de Promessa.

– Segue-me – gritou Arlen. Conseguira canalizar algum do poder do demónio que matara, mesmo sem conseguir compensar o dispêndio de energia. Traçou uma guarda rápida no ar e os demónios diretamente à frente dos cavalos foram projetados. Ergueu uma lança longa, cravando-a em qualquer demónio que se aproximasse demasiado, mas um deles não foi suficientemente rápido e acabou pisado pelos cascos de Dançarino do Ocaso, com o brilho da magia iluminando a noite. Renna seguiu-o de perto, esmagando ainda mais o infeliz o demónio, deixando-o destruído.

Sozinho, o demónio talvez tivesse recuperado daqueles ferimentos severos, mas os seus colegas de bando sentiram-lhe a fraqueza e abandonaram temporariamente a perseguição, lançando-se ferozmente sobre ele, rasgando-lhe a armadura com as garras longas e arrancando nacos de carne com os dentes.

Renna arreganhou os dentes e, por um segundo, imaginou que se juntava a eles no festim, devorando carne de demónio e sentindo crescer o poder que lhe conferia.

– Olha para a frente! – gritou Arlen, arrancando-a ao transe. Renna abanou a cabeça e afastou o olhar da cena macabra, voltando a concentrar-se nas exigências do momento.

Parecia-lhe que conseguiriam escapar à cilada, mas o embate abrandara-os suficientemente para que um demónio do vento arriscasse mergulhar sobre ela, com as garras estendidas para a arrancar ao dorso da égua, levando-a consigo pelos ares.

As guardas de caulinegra nos braços e ombros de Renna cintilaram, formando uma barreira que não permitiu que as garras do demónio se fixassem, mas a força com que foi repellido projetou-a também do dorso de Promessa. Embateu violentamente contra o chão, esmagando-lhe o ombro direito com um ruído medonho e enchendo-lhe a boca com o sabor a terra e sangue. O demónio do vento aterrou a seu lado, guinchando, e rebolou a tempo de evitar uma garra afiada na extremidade da sua enorme asa.

A dor no ombro era dilacerante enquanto se forçava a levantar-se, mas acolheu a dor como a madeira acolhe o fogo, desembainhando atabalhoadamente a faca com a mão esquerda. Permanecer imóvel significaria a morte.

Não que as suas hipóteses fossem muito grandes. Por perto, Promessa relinchava e erguia-se, escoiceando os demónios dos campos que tentavam mordê-la de todas as direções. Levariam um momento a lançarem-se também sobre ela.

– Renna! – Arlen fez Dançarino do Ocaso virar-se, mas nem ele conseguiria ser suficientemente rápido.

O demónio do vento levantou-se com dificuldade. Custava-lhes moverem-se em terra e Renna usou isso em sua vantagem, pontapeando-lhe uma pata e cravando-lhe a faca guardada no pescoço enquanto caía. Um jorro de sangue negro quente cobriu-lhe a mão e sentiu uma onda de magia preenchê-la. O ombro ferido começou a parecer-lhe mais forte.

Um demónio dos campos saltou sobre o dorso de Promessa e Renna levou a mão à bolsa, enchendo-a com um punhado de castanhas. As guardas térmicas que nelas pintara ativaram-se quando embateram contra o nuclita e as castanhas rebentaram numa série de pequenas explosões, chamuscando-lhe a armadura nodosa. O demónio não ficou gravemente ferido, mas as castanhas sobressaltaram-no e magoaram-no, permitindo a Promessa libertar-se dele.

Renna não teve tempo para ver o que acontecia a seguir enquanto os nuclitas percebiam a sua situação e corriam para ela. Esquivou-se ao primeiro e pontapeou-o no ventre, com as guardas de impacto pintadas no pé e na canela com caulinegra cintilando. O demónio foi projetado como uma bola pontapeada por uma criança. Outro atacou-a pelas costas, cravando as garras no colete preso com cordões e abrindo-lhe linhas dolorosas na pele. Caiu de joelhos enquanto outro se aproximava pela frente, mordendo-lhe o ombro.

Daquela vez, as guardas não foram suficientemente fortes para repelir o demónio. Tinham sido enfraquecidas pelo sangue e pela sujidade e Renna gritou quando o demónio se prendeu a

ela, fixando as garras das quatro patas. Algumas das guardas permaneceram ativas, mas outras não. As garras do demónio derraparam sobre o clarão protetor da magia até encontrarem aberturas, cravando-se com força.

Mas a dor e a magia funcionavam como uma droga para Renna. Nesse momento, não lhe importava se viveria ou morreria. Sabia apenas que não seria a primeira a morrer. Moveu o braço uma e outra vez, cravando a faca do pai no nuclita, banhando-se com o seu sangue negro. O seu poder cresceu enquanto o dele diminuía. Lentamente, começou a afastá-lo, sentindo as garras soltarem-se da sua carne, dolorosamente, centímetro a centímetro.

Estava morto quando Dançarino do Ocaso conseguiu dispersar os seus semelhantes para chegar até ela e Arlen desmontou, libertando-se da túnica. As suas guardas cintilaram com intensidade enquanto abria as mandíbulas do demónio e o puxava do seu corpo, lançando-o contra os outros e derrubando-os a todos. Outro avançou sobre ele, mas projetou-o com um movimento de sharusahk e cravou-lhe um dedo no olho, que silvou como se fosse um atizador em brasa.

Renna rosnou, erguendo a faca. O corpo protestava, dorido, porém, a magia que a dominava era mais forte. A noite era um turbilhão indistinto de figuras com contornos difíceis de perceber, mas conseguiu reconhecer o vulto enorme de Promessa e os demónios que a rodeavam. Um golpeou-lhe selvaticamente o pescoço, tentando segurar-se. Se conseguisse, Promessa seria puxada para o chão. Renna uivou como louca e correu na sua direção.

– Renna! – gritou Arlen, mas ela ignorou-o e avançou entre o bando de demónios, pontapeando e empurrando nuclitas e desferindo golpes de faca enquanto se esforçava para chegar perto de Promessa. Cada golpe fazia-a sentir a magia inundar-lhe o corpo, tornando-a mais forte, mais rápida... invencível. Saltou e segurou uma das patas traseiras do demónio sobre o dorso de Promessa, puxando-o para lhe trespassar o coração.

Arlen correu atrás dela, evaporando-se quando os demónios tentavam golpeá-lo e voltando a solidificar meio segundo depois para atacar com punhos e pés guardados, além de joelhos, cotovelos e até com o topo da cabeça calva. Levou um momento até conseguir alcançá-la e chamou Dançarino com um assobio.

O enorme garanhão fez dispersar outro grupo de demónios, dando tempo a Arlen para traçar grandes guardas contra demónios dos campos no ar que os rodeava. Com os olhos guardados, Renna conseguiu ver o rasto de magia que deixava para manter a integridade de cada símbolo. Um demónio dos campos saltou sobre eles e duas das guardas cintilaram, projetando-o. As guardas ficariam mais fortes com cada novo ataque. Arlen moveu-se sem hesitar, formando um círculo à sua volta, no entanto, continuavam a ter o caminho bloqueado por demónios que iam lançando as garras contra os flancos de Promessa. Renna moveu-se na sua direção com a faca erguida.

Arlen segurou-lhe o braço, puxando-a para trás.

– Fica aqui.

– Consigo lutar – rosnou Renna. Tentou libertar o braço, mas, mesmo com a sua força noturna, Arlen conseguiu segurá-la com facilidade. Voltou-se e traçou uma série de guardas de impacto no ar, afastando os demónios de Promessa um a um.

Enquanto o fazia, a sua mão perdeu alguma da força e Renna usou a oportunidade para se afastar dele com um rosnado.

– Não podes dizer-me o que fazer, Arlen Fardos!

– Não me obrigues a esbofetear-te, Ren! – ripostou Arlen. – Olha para ti!

Renna baixou o olhar e as feridas abertas na pele espantaram-na. Escorria sangue de mais de dez pontos e sentia arderem as costas e o ombro. A loucura da noite abandonou-a e deixou cair a faca, sentindo-a demasiado pesada para continuar a segurá-la. As pernas cederam.

Arlen avançou e conseguiu deitá-la no chão, afastando-se para completar a barreira de guardas em redor e no alto. Mais e mais demónios dos campos correram pela estrada abaixo,

rodeando-os como erva num prado interminável, mas nem em tão grande número conseguiram ultrapassar as guardas de Arlen e o mesmo se aplicou aos demónios do vento descrevendo círculos no céu.

Voltou para junto dela assim que a barreira ficou completa, limpando-lhe terra e sangue das feridas. Havia um demónio caído dentro da barreira e mergulhou um dedo no seu sangue como se mergulhasse uma pena num tinteiro, traçando-lhe guardas na pele. Renna sentiu as feridas fecharem, a carne voltando a unir-se. Era incrivelmente doloroso, mas acolheu a dor como única hipótese de sobrevivência e inspirou fundo.

– Cobre-te com a capa enquanto cuido dos cavalos – disse Arlen, depois de fazer tudo o que podia. Renna acenou afirmativamente, retirando a capa guardada da bolsa que trazia à cintura. Mais leve e mais fina do que qualquer tecido que Renna alguma vez tivesse tocado, estava coberta com um bordado complexo de guardas de invisibilidade. Quando se cobria com ela, tornava-se invisível para os nuclitas. Nunca lhe agradara muito, preferindo que os demónios vissem a sua aproximação, mas não podia negar a sua utilidade.

Sem a barda guardada de Dançarino do Ocaso, Promessa estava mais ferida, mas, mesmo assim, golpeou o chão com os cascos e relinchou quando Arlen se aproximou, expondo os dentes e ameaçando morder. Arlen ignorou-a, movendo-se quase demasiado depressa para ver enquanto enchia a mão com a sua crina. A égua tentou afastar-se, mas Arlen segurava-a como uma mãe mudando a fralda a uma criança teimosa. Eventualmente, Promessa cedeu e entregou-se ao seu cuidado, talvez percebendo finalmente que tentava ajudá-la.

A demonstração de poder despreocupada tê-la-ia surpreendido dias antes, mas Renna habituara-se às surpresas de Arlen e quase não deu por isso. Não parava de imaginar as suas feridas abertas, horrorizada pela forma como as ignorou enquanto se esvaía em sangue.

– É isto que te acontece? – perguntou Renna quando Arlen regressou. – Sentes-te tão vivo que nem sequer percebes que

morres?

Arlen acenou afirmativamente.

– Por vezes, esqueço-me de respirar. Fico tão embriagado com o poder que me parece que não precisarei de fazer algo tão... mundano. Depois, começo a tentar encher os pulmões de repente. Quase fui nucleado assim em mais do que uma ocasião.

Ergueu os olhos para os seus.

– A magia faz-te pensar que és imortal, Ren, mas não és. Ninguém é, nem mesmo os nuclitas. – Apontou a carcaça do demónio dos campos a seu lado. – E a luta nunca termina. Renova-se de cada vez que sentes o poder.

Renna estremeceu, recordando o apelo irresistível da magia.

– Como consegues evitar perderes-te?

Arlen riu-se.

– Comecei a ter Renna Curtidor por perto para me recordar que sou apenas o tolo Arlen Fardos do Ribeiro de Tibbet e que não sou demasiado bom para respirar.

Renna sorriu.

– Então não tens nada a temer, Arlen Fardos. Não pretendo deixar-te.

Renna e os cavalos estavam recuperados quando a manhã chegou, mas Arlen abrandou a passada, não fazendo Dançarino do Ocaso passar além do trote e parando para descansar duas vezes antes do meio-dia.

– Pensei que estivéssemos com pressa – disse Renna, quando desmontaram pela segunda vez.

– Um dia ou dois não farão diferença – disse Arlen.

– Não era isso que achavas ontem – recordou Renna.

Arlen afastou o olhar e baixou os ombros.

– Defini mal as minhas prioridades, Ren. Desculpa-me. Não é justo forçar-te a ti e aos cavalos além dos vossos limites.

Renna inspirou fundo. Odiava a forma como se virava quando dizia coisas que acreditava não serem do seu agrado. Os homens faziam sempre isso, acreditando que assim poupavam sentimentos.

E talvez poupem, pensou Renna. Mas apenas os seus.

– Também não significa que tenhas de nos tratar como se fôssemos imprestáveis – disse-lhe.

– Estiveste muito perto da morte na noite passada, Ren – disse Arlen. – A Promessa e o Dançarino também. Não fará mal pararmos ocasionalmente para esticar as pernas e fazermos as nossas necessidades.

Estava certo, mas Renna não se sentia como se tivesse estado perto da morte. Na verdade, sentia-se mais forte e mais viva do que alguma vez na sua vida. Havia pele rosada nova onde fora ferida, mais clara do que a restante pele bronzeada e precisando de nova aplicação de caulinegra, mas lisa e sem sinais de cicatrizes. O corpo vibrava-lhe com o poder.

Moveu os olhos para Promessa, sabendo que não voltaria a ser igual. Arlen usara as mesmas guardas de cura no flanco da égua, traçando-as com sangue de demónio repleto de magia. Nada restava dos seus ferimentos além de algumas faixas sem pelo, mas mantinha uma delicadeza nos seus movimentos e não dava grandes sinais da sua habitual genica.

Renna ergueu o olhar para o sol matinal e sorriu. *O poder está dentro de mim. E crescerá quanto mais comer. Não te abrandarei, Arlen Fardos. Em breve, precisarás de ajuda para conseguires acompanhar-me.*

– Fala-me do Outeiro – disse. – Todos acham também que és o Libertador por lá?

Arlen suspirou.

– No Outeiro mais do que em qualquer outro local. Há dois anos, o Outeiro do Lenhador era uma povoação menor que a Vigia Sul. Mas foi atingido pela peste no ano passado, perdendo metade da população. Alguém deixou cair uma lanterna na estalagem e o fogo alastrou depressa sem haver quem o combatesse. As guardas não tardaram a falhar.

Renna conseguiu imaginar o desastre e cerrou os dentes. Deu consigo a apertar o punho de osso da faca e precisou de grande esforço para a libertar.

– Problemas geram problemas, dizia a minha mãe.

– É verdade – considerou Arlen. – Cheguei no dia seguinte e encontrei mais de cem mortos e os sobreviventes feridos ou doentes. Com a noite aproximando-se, guardei-lhes os machados e ensinei os que conseguiam erguer-se a lutar. Levei os restantes para o templo e preparámos as defesas em frente. Muita gente morreu nessa noite, mas os nuclitas sofreram perdas maiores e a maior parte continuava de pé quando amanheceu. Reconstruí a povoação do nada, dispondo estradas e casas em forma de guarda protetora. Nenhum demónio conseguirá entrar no Outeiro. Nem mesmo os príncipes.

Renna grunhiu.

– Parece-me que lhes preparaste um autêntico número de Jogral. Como se quisesses que te achassem o Libertador. Pelo menos um pouco.

A expressão de Arlen tornou-se sombria.

– É a última coisa que quero que alguém pense. Esperar a vinda do Libertador manteve-nos a todos escondidos atrás das guardas durante trezentos anos.

– Sim, mas a espera terminou, não? – perguntou Renna. – O Homem Pintado chegou para nos salvar a todos.

Arlen franziu a testa, mas Renna varreu-lhe o protesto com um gesto.

– Dizes das boas a quem se curvar chamando-te Libertador, mas exaltas-te com a mesma rapidez quando as pessoas não começam a fazer tudo o que lhes dizes.

Endireitou as costas, magoado, mas Renna enfrentou-lhe o olhar e não vacilou. Por fim, Arlen riu-se e encolheu os ombros.

– Não posso negar que ajuda a fazer as coisas, Ren. E há muito para fazer. As pessoas não fazem qualquer ideia do que trará a próxima Lua Nova e não tenho tempo para os tratar como imprestáveis.

Renna sorriu.

– Não questiono. Tento apenas manter-te sincero contigo mesmo. – Moveu-se rápida como um coelho e beijou-lhe a bochecha guardada.

Cavalgaram durante algum tempo antes de se afastarem da Estrada Velha da Colina, percorrendo um caminho de Mensageiros parcialmente oculto por vegetação densa. Quando o dia se aproximou do fim, chegaram a uma estrada nova de terra batida. Havia um grande acampamento guardado na encruzilhada.

– Hmm... – Arlen desmontou e aproximou-se para examinar as guardas. – Um pouco atabalhoadas, mas fortes. Darsy Lenhador pintou-as. – Gemeu. – O Outeiro alastrará como um incêndio para se terem alongado tão para norte.

– O sol põe-se – disse Renna, movendo a faca na bainha enquanto a magia começava a deslizar para as sombras cada vez mais longas, abrindo os caminhos do Núcleo. – Será melhor que sigamos caminho.

Arlen abanou a cabeça, voltando a não enfrentar o seu olhar.

– Faremos uma paragem aqui.

– Não me esconderei atrás de guardas todas as noites por uma noite de menos sorte – rosnou Renna.

– Não te peço que o faças – disse Arlen.

– Então seguimos caminho – disse Renna.

– Para onde? – perguntou Arlen. – Estamos onde queríamos chegar. – Dirigiu-se às provisões de lenha do acampamento e começou a colocar lenha no círculo de pedras preparado para receber uma fogueira. Não a olhou, mas havia uma arrogância nos seus gestos, como se aquilo não passasse de um jogo.

Renna sentiu crescer uma raiva tórrida e, pelo canto do olho, viu a magia formando espirais à volta dos seus pés e entrar subitamente no seu corpo como fumo deixando um cachimbo. Assim que reparou, a magia deixou de fluir e nada que pudesse fazer conseguiu restabelecer o fluxo.

Olhou Arlen, que continuava a colocar lenha, orgulhoso como um gato com um rato nos dentes, e sentiu-se ainda mais furiosa. A magia acorria até ele com a facilidade com que respirava, mas o mesmo não lhe acontecia a ela. Porquê?

Não comi o suficiente. Tenho ainda um longo caminho a percorrer.

– Vou caçar – disse.

Arlen encolheu os ombros.

– Seria boa ideia ceares primeiro.

Renna quis aplicar-lhe uma palmada na nuca rapada. Cerrou os punhos, cravando as unhas na pele até fazer sangue. Queria...

Recompôs-se. A magia fluía novamente no seu corpo, primordial e poderosa, despertando desejos primários e transformando-os em tempestades furiosas.

Talvez já tenha comido de mais.

Inspirou fundo, uma e outra vez, com ritmo. Era a técnica krasiana que Arlen lhe ensinara durante as suas lições de sharusahk. Lentamente, os dedos afrouxaram e o batimento cardíaco abrandou. Forçou-se a desmontar, escovando Promessa e deixando-a pastar erva na berma da estrada.

Quase tinham acabado de comer quando Arlen inclinou a cabeça como se ouvisse alguma coisa à distância. Sorriu.

– Ali está.

– O quê? – perguntou Renna, vendo-o erguer-se rapidamente, limpando os restos da sua malga e guardando-a com a panela. Traçou uma guarda no ar e o fogo extinguiu-se.

– Vamos. – Saltou para a sela e fez Dançarino do Ocaso galopar pela estrada fora.

– Filho do Núcleo – murmurou Renna, esvaziando a malga e apressando-se a segui-lo. Promessa melhorara durante o dia, mas precisou de vários minutos para alcançar Arlen, que parara entretanto. Mais adiante, viram um brilho difuso e o clamor da batalha, mas nada disso pareceu incomodá-lo.

– Parece-me que o Outeiro volta a expandir. Os Lenhadores terão a situação controlada. – Arlen desmontou e indicou a floresta com a cabeça. – Cobre-te com a capa e vejamos se conseguimos espreitar.

Conduziu-os rapidamente entre as árvores. Um demónio da madeira atravessou-se no seu caminho, preparado para atacar, mas Arlen silvou-lhe e as guardas de madeira no seu corpo cintilaram, repelindo o nuclita. Depressa alcançaram um ponto

de arvoredo menos denso rodeando uma enorme clareira repleta de raízes de árvores e perfumada pelo aroma de madeira recentemente cortada. Arlen parou, observando, coberto pela escuridão.

No centro da clareira, viam fogueiras no meio de um grande círculo guardado, repleto de tendas, ferramentas e bestas de carga. As fogueiras iluminavam os homens e mulheres que se moviam pela clareira, enfrentando um bando de demónios da madeira e um demónio da rocha com três metros de altura.

Todos os instintos de Renna a motivaram a saltar para a batalha, sentindo o sangue incendiado pela ânsia de matar demónios. Sentiu o cheiro do seu sangue negro e sentiu água na boca, preparada para engolir a carne peçonhenta.

Mas Arlen manteve-se calmo, claramente sem qualquer intenção de interferir. Renna forçou-se a descontraír, afastando a mão do punho da faca e permitindo que a capa guardada a cobrisse por completo, escondendo-a dos olhos dos demónios.

A capa mudara desde que começara a comer a carne dos nuclitas. Sentia as guardas alimentando-se da magia do seu corpo, mas, em vez de cintilarem com maior intensidade, pareciam tornar-se mais difusas, tal como a própria capa. Olhá-la durante demasiado tempo deixava-a zozna. Pensou na quantidade de carne de demónio que precisaria de ingerir para desaparecer por completo. Mais do que Arlen, aparentemente, pois ainda conseguia ver a capa, apesar de notar que nunca a olhava durante muito tempo quando a vestia.

– O que fazem? – perguntou Renna, quando o silêncio e a ausência de movimento se tornaram insuportáveis.

– Traçam uma grande guarda – disse Arlen. – Começam por cortar árvores para formar o centro do povoado. A seguir, espalham-se, limpando terreno com a forma de uma guarda protetora com quilómetros de diâmetro. À noite, matam os demónios que se erguem na área, para que os seus números se reduzam e não se limitem a ser repelidos para fora quando a guarda se ativar.

– Porque não fazem todos o mesmo? – perguntou Renna. Uma guarda daquele tamanho conseguiria atrair tanta magia que nenhum nuclita conseguiria passá-la e seria quase impossível de danificar.

– Suponho que costumavam fazê-lo, no tempo das guerras demoníacas – disse Arlen. – Mas as pessoas esqueceram-se e, desde o Regresso, mantiveram-se demasiado ocupadas a esconderem-se e não lhes restou tempo para usarem a cabeça.

Renna grunhiu e observou a batalha com maior atenção, reconhecendo imediatamente os Lenhadores. Lenhador era um nome comum nos povoados, sendo apelido de quase toda a gente que cortasse árvores ou vendesse madeira. Até no Ribeiro de Tibbet, a centenas de quilómetros, haveria perto de cem Lenhadores, vivendo perto das árvores de madeira dourada. Era chocante como se assemelhavam aos outeiros.

Os homens eram altos e encorpados, vestindo coletes de couro grosso, com braçadeiras apertadas e bíceps que pareciam maiores do que a cabeça de Renna. Se semicerrasse os olhos, quase conseguia ver Brine Lenhador, que a defendera no conselho, meses antes. Não conseguira mover-se nessa noite, nem mesmo para falar em sua defesa, mas recordava cada palavra com que os anciãos do Ribeiro de Tibbet a condenaram à morte. Os Lenhadores tinham-se mantido do seu lado.

Também havia mulheres, todas armadas com bestas ou lâminas guardadas pesadas. A princípio, Renna pensou que vestissem saias grossas, mas, quando se moveram, percebeu que eram peças com pernas, permitindo liberdade de movimento sem comprometer a modéstia de quem as usava.

Grunhiu. Era exatamente o tipo de coisa ridícula que as matronas do Ribeiro de Tibbet fariam e seria esse o motivo para nunca terem visto com bons olhos Renna e as suas irmãs. As raparigas Curtidor raramente escondiam a pele toda do sol. Renna expunha-a sempre que podia, para que as guardas de caulinegra na pele acolhessem a o ar noturno carregado de magia.

À volta das mulheres, havia um grupo de homens que contrastava profundamente com os Lenhadores. Envergando armadura grossa de madeira polida e coberta de guardas, elmos pesados e empunhando lanças e escudos. No centro do círculo de guardas nos seus escudos tinham pintado um soldado de brinquedo.

– Quem são? – perguntou Renna, apontando.

– Os Soldados de Madeira – respondeu Arlen. – A guarda real de Angiers. O duque Rhinebeck disse que os enviaria para aqui para que treinassem com os Lenhadores.

– Parece-me que não o fazem há muito – referiu Renna. Apesar da armadura magnífica, os homens erguiam-se hirtos, segurando as armas com força e lançando olhares nervosos aos demónios.

– São guardas da cidade – disse Arlen. – Habitados a impor a sua autoridade a gente comum ou a lidar com zaragatas. Duvido que algum deles tenha usado uma lança fora do campo de treino antes de virem para o Outeiro. – Apontou. – E o príncipe Thamos parece o pior de todos.

Com efeito, o homem que Arlen apontou estava equipado da forma que Renna esperaria de um príncipe, com a armadura de aço decorada com guardas douradas e muito polida. Era alto e magro, com físico poderoso e uma barba negra aparada realçando os contornos de um maxilar forte.

Mas o príncipe movia os pés, inquieto, segurando as armas e movendo a cabeça, tentando em vão acalmar músculos tensos. Renna conseguia cheirar o seu medo à distância e sabia que também os demónios o cheirariam.

Era claro que os Lenhadores tinham relegado os Soldados de Madeira para um ponto distante na retaguarda, ocupados com o dever cerimonial de guardar as mulheres, que pareciam não desejar tal proteção ou sequer precisar dela.

Anos antes, o pai de Renna pedira a Brine Ombros Largos e a alguns dos outros Lenhadores do Ribeiro de Tibbet para ajudarem a limpar um terreno para a sementeira. Renna e Beni viram os homens trabalhar durante horas, derrubando

sistematicamente árvores, levando a madeira e arrancando raízes. Cada movimento era fluido e experiente, permitindo que o peso das ferramentas maximizasse a potência dos golpes e sem desperdiçar energia.

Era muito semelhante a ver os outeiros lutar. Continuavam a empunhar as ferramentas do seu ofício, agora guardadas, e usavam-nas com eficiência brutal.

Dois homens empunhando grandes machados longos alternavam-se a cortar as pernas de um demónio da madeira. Era alto e magro, com alcance tremendo, mas, sempre que tentava golpear um dos homens, o outro atacava-o do lado oposto. Quando os movimentos do demónio se aproximavam demasiado, os homens defletiam-nos com as braçadeiras guardadas, provocando uma explosão de magia. Por fim, um dos machados atingiu o demónio na parte traseira de um joelho, fazendo o membro ceder.

– Samm! – gritou um dos Lenhadores. Um terceiro Lenhador surgiu atrás do demónio, golpeando-lhe o dorso com uma grande bota e fazendo-o cair de bruços, incapaz de erguer imediatamente o seu peso para se levantar. O homem trazia nas mãos uma grande serra e curvou-se para iniciar a tarefa, serrando a armadura semelhante a casca de árvore do pescoço do demónio entre um jorro de faíscas mágicas e sangue negro. Segundos depois, a cabeça caiu.

– Noite – murmurou Renna.

Arlen sorriu e acenou afirmativamente.

– É Samm Lenhador, mas todos lhe chamam Samm Serra. Costumava cortar os ramos das árvores que os Lenhadores derrubavam para serem levados. Centenas por dia. Agora, corta membros de demónios com igual rapidez.

Ouviu-se outro chamamento e Sam voltou-se para um Lenhador que usava um machado para golpear um demónio da madeira. Cada golpe reforçado por guardas fazia o demónio recuar um passo, impedindo-o de recuperar o equilíbrio, mas o demónio não dava sinais de sofrer danos reais, sarando com a mesma velocidade com que recebia os golpes. Sam atacou-o

por trás, serrando uma das pernas enquanto o demónio se erguia. Desabou com um guincho e o Lenhador gritou enquanto erguia o machado para o liquidar.

No extremo oposto da clareira, uma dúzia de outeiros puxava cordas enroladas em redor dos braços e ombros do demónio da rocha, fazendo-o vacilar numa direção e na outra enquanto se debatia. Duas mulheres com bestas disparavam repetidamente, cravando a carapaça de obsidiana com virotes e fazendo o demónio parecer um porco-espinho, mas pareciam fazer pouco mais do que aumentar-lhe a raiva.

Três homens e um rapaz erguiam-se por perto. Dois homens mais jovens com martelos pequenos mas pesados e um terceiro com uma grande marreta. O rapaz empunhava uma cunha metálica grossa.

– Tomm Cunha e os seus filhos – referiu Arlen, apontando. – Observa.

O demónio da rocha fincou as pernas traseiras para puxar as cordas e os homens mais jovens avançaram, cravando espigões guardados nas fissuras da armadura sobre os joelhos do demónio. Quase em simultâneo, golpearam com os martelos, uma, duas vezes, provocando chuvas de faíscas enquanto os espigões penetravam.

O demónio guinchou e cambaleou, ameaçando cair enquanto os outeiros aplicavam todo o seu peso nas cordas. A cauda atingiu um grupo de homens, lançando três ao chão e fazendo-os soltar a corda. A libertação súbita fez o demónio tombar na direção oposta, acabando por cair.

Rápido como um coelho, o rapaz subiu às costas do demónio da rocha, cravando a cunha de metal guardada num vão onde as placas rochosas das costas se uniam. Tomm Cunha agiu, movendo a marreta num arco para atingir a cunha com um trovejar de magia. O clarão foi tão intenso que Renna teve de fechar os olhos e, quando voltou a abri-los, o demónio desabara e estava imóvel.

Experientes. Eficientes. Sem desperdício de energia.

– É assustador – disse Renna. – Podiam cortar árvores.

Arlen acenou afirmativamente.

– Não houve tempo para fabricar armas ou para treinar gente nessa primeira noite. Tive de guardar o que havia disponível e os outeiros confiaram-me o que tinham de mais precioso: as suas ferramentas. Há mais gente a juntar-se à luta em cada dia e recebem lanças produzidas em série, mas os melhores não conseguirão equiparar-se aos outeiros. A utilização das suas ferramentas ancestrais marca-os. Fá-los distinguirem-se. As pessoas tratam-nos com deferência quando estão presentes e contam histórias a seu respeito quando não estão.

– Tudo porque tiveram a felicidade de encontrar Arlen Fardos num dia mau – disse Renna. – Como eu. – Arlen olhou-a, mas viu-a erguer-lhe uma mão para o tranquilizar. – Acredito tanto que sejas o Libertador como tu, mas não podes negar que tens talento para fazer as pessoas descobrirem a sua coragem. – Voltou a tocar o punho da faca. – E os seus dentes.

Arlen grunhiu.

– Suponho que todos terão um talento para alguma coisa.

– E ajudará que os outeiros sejam tão altos que seria preciso saltar para os beijar, como a minha irmã costumava dizer – referiu Renna.

– Não eram todos assim – explicou Arlen. – A magia desempenhou o seu papel. O sol pode anular o efeito quando amanhece, mas não antes de marcar o que toca. As armas guardadas não costumam quebrar ou perder o fio e os outeiros mergulham em magia todas as noites há quase um ano. Os velhos ficam mais jovens e os jovens crescem antes do tempo.

Apontou.

– Vês aquele com o cabelo grisalho?

Renna olhou para onde ele apontava e viu um homem com braços e pernas musculados, olhando nos olhos um demónio da madeira com dois metros de altura. Acenou afirmativamente.

– Chama-se Yon Grisalho – disse Arlen – e é o homem mais velho do Outeiro. Tinha o cabelo completamente branco há um

ano. Precisava de uma bengala para caminhar curvado e as mãos tremiam-lhe.

– A sério? – perguntou Renna.

Arlen acenou afirmativamente, voltando a apontar, daquela vez para um homem enorme e jovem, carregando por trás o demónio que Yon distraía.

– Linder Lenhador. Não tem mais de quinze anos.

Um dos demónios da madeira atingiu um dos homens enormes com um golpe da mão que o ergueu do chão e o projetou vários metros. Aterrou com estrondo e o machado voou-lhe da mão. Renna não viu sangue, mas o homem caído não tinha tempo de se erguer enquanto o demónio avançava.

Desembainhou a faca, mas Arlen segurou-a pelo ombro quando começou a mover-se. Voltou-se para o olhar com fúria, mas este limitou-se a indicar novamente a cena com a cabeça. Renna olhou e viu um enorme cão saltar sobre as costas do demónio, pressionando-o contra o chão enquanto lhe arrancava um pedaço da armadura retorcida, cravando em seguida os dentes na carne macia por baixo.

O homem conseguiu recuperar e cravou o machado no crânio do nuclita com um ruído molhado. O cão olhou-o com focinho enegrecido pelo sangue do demónio, fazendo-o brilhar intensamente aos olhos guardados de Renna. Era o maior cão que alguma vez vira, pesando pelo menos duzentos quilos, com pelo denso negro como carvão e garras enormes. Rosnou ao Lenhador, fazendo-o rir e coçá-lo atrás das orelhas. Assobiou enquanto voltava à batalha e o cão passou a língua pelo focinho e seguiu-o.

– Criador – disse Renna. – É grande como um lobo.

– Não era – disse Arlen. – Mas tem comido carne de demónio. O maldito cão está maior de cada vez que o vejo.

– Foi assim que os lobos ficaram tão grandes? – perguntou Renna.

– Suspeito que sim – respondeu Arlen.

Um demónio da madeira com mais de dois metros passou os outeiros no calor da batalha e avançou para os Soldados de

Madeira. Os homens guincharam, esquecendo as lanças por completo e unindo os escudos guardados. Foram empurrados para trás pelo impacto enquanto as guardas cintilavam, embatendo contra as mulheres que deviam proteger. Um soldado perdeu o equilíbrio, arrastando consigo duas mulheres com bestas carregadas. Outro gritou quando uma das bestas disparou e o virote o atingiu na coxa, atravessando a armadura envernizada.

O demónio da madeira quase não vacilou e avançou para o vão nas defesas com velocidade assustadora.

O príncipe Thamos gritou, ultrapassando o medo e avançando. Com um movimento do braço, bloqueou as garras do demónio com o escudo, fazendo-as raspar contra a proteção e deixar um rasto de faíscas de magia, enquanto aplicava um golpe da sua lâmina curta no ventre do adversário. Renna conseguiu ver a magia bombeada através da arma até ao braço do príncipe, enchendo-o de poder.

Foi um ataque executado com mestria, mas Thamos não atingiu nenhuma área vital e, após um instante de choque, o demónio recuperou e moveu novamente os braços semelhantes a ramos. Thamos esquivou-se ao primeiro golpe e amparou o seguinte com o escudo. As guardas de perfuração na ponta da lança tinham penetrado o corpo do nuclita com facilidade, mas nada podia ajudá-lo a puxá-la novamente para fora.

– As guardas erradas para uma lança tão boa – notou Arlen. – É inteligente. Libertará a lança e deixará que as mulheres resolvam o assunto. – Com efeito, várias mulheres ergueram bestas e teriam disparado se o príncipe não estivesse entre elas e o alvo.

Mas Thamos surpreendeu-os. Rugiu, continuando a segurar a haste da lança, ergueu uma bota blindada e pontapeou repetidamente o tronco do nuclita. As guardas de impacto da bota cintilaram e o demónio foi atingido sem perdão enquanto o príncipe forçava a lança a libertar-se e o fazia cair de costas. Lançou-se sobre ele no instante seguinte, golpeando com a lança acabada de libertar e trespassando-lhe o coração.

O príncipe pousou um pé no peito do demónio para se apoiar enquanto puxava a arma com um jorro de sangue negro, virando-se com um grito para ajudar um par de outeiros no seu confronto. Rosnou enquanto cravava a lança nas costas do demónio que enfrentavam, aproximando-se tanto que as guardas na armadura cintilaram.

O homem amedrontado que Renna vira desaparecera e o príncipe gritava como um louco enquanto corria pela clareira, lutando com desvario e total despreocupação pela sua segurança.

Ouviram-se um guincho. Renna voltou-se para ver um demónio da madeira cravar as garras no peito de um outeiro. O homem fez o demónio recuar um passo com um golpe fraco do machado, mas a arma escapou-lhe dos dedos enquanto tombava ao chão.

Renna retesou os músculos, mas Arlen começara já a correr. Seguiu-o com pés ligeiros, porém, nenhum deles chegaria a tempo, vendo o demónio avançar para desferir o golpe letal.

Percebeu um movimento súbito e sentiu uma tontura familiar quando uma rapariga esguia surgiu, afastando uma capa guardada muito parecida com a que Renna usava. A rapariga vestia roupa de retalhos garridos, calças e blusa larga com um colete justo. Tinha metade do tamanho do Lenhador que caíra e, quando se colocou diante do grande demónio da madeira, era como um gato doméstico silvando diante de um lobo. Mesmo assim, ergueu-se com arrojo, enfrentando o olhar do demónio e, quando este lhe estendeu as garras, ergueu um violino, levou o arco às cordas e produziu uma série de sons desconexos.

O demónio guinchou e tentou golpeá-la, mas a rapariga esquivou-se com um salto, agachando-se e voltando a erguer-se sem parar de tocar. O demónio cobriu os ouvidos com as mãos armadas com garras e tornou a guinchar, cambaleando para trás.

Novo movimento estonteante e uma rapariga corpulenta surgiu por trás do demónio, sem que este a visse até golpear

com uma lâmina pesada guardada, cortando-lhe um dos braços finos. A amputação e o ruído dilacerante do violino revelaram ser demasiado para o demónio, que fugiu, correndo na direção de Arlen e Renna. Arlen quase nem parou, segurando o nuclita pelos chifres e puxando-o para si enquanto lhe traçava uma guarda térmica no peito. Empurrou-o e explodiu em chamas enquanto Arlen corria para o outeiro ferido.

As duas mulheres arregalaram os olhos ao ver Arlen correndo para eles, misturando reconhecimento, choque e um pouco de medo. A que cortara o braço ao demónio foi a primeira a recompor-se da surpresa.

– Já era tempo de regressares – disse, ajoelhando junto ao homem ferido e retirando objetos de um avental com bolsos pesado para lhe tratar os ferimentos. A rapariga continuava a olhar Arlen com a boca escancarada.

Arlen respondeu com lábios torcidos.

– Também é bom voltar a ver-te, Darsy. – Olhou a rapariga. – Concentra-te na música, Kendall. – Apontou-lhe o violino com o queixo antes de se ajoelhar junto à Herbanária. Kendall endireitou as costas, erguendo o violino e procurando outras ameaças em redor.

O outeiro tossiu, salpicando a cara de Arlen com sangue antes de ficar imóvel. Arlen não pareceu afetado, segurando-o com firmeza enquanto Darsy lhe examinava os ferimentos.

– Noite – sussurrou. Três cortes profundos alongavam-se do peito à anca e havia sangue por toda a parte. – Não podemos fazer nada.

– Merda de demónio – exclamou Arlen, cobrindo o primeiro corte com uma mão e fechando-o com os dedos utilizava a outra para traçar uma série de guardas no ar. Um brilho ténue rodeou-os enquanto trabalhava. Darsy e a rapariga olhavam, confusas, enquanto os ferimentos letais se fechavam.

O homem inspirou subitamente com avidez, voltando a tossir ao tentar levantar-se. Arlen colocou-lhe uma mão sobre o peito e fê-lo continuar deitado. Abriu os olhos, olhando Arlen.

– Voltaste – gemeu.

Arlen sorriu.

– Claro que voltei, Jow Lenhador.

– Disseram que nos tinhas abandonado – murmurou Jow –, mas nunca perdi a fé.

Arlen uniu os lábios, curvando-se e erguendo o homem como se fosse uma criança, levando-o até à segurança do círculo guardado. Havia um Protetor no interior, um homem mais velho com a barba cinzenta como uma nuvem de chuva. Sobre a sua túnica castanha simples, envergava uma sobrepeliz grossa decorada com guardas de proteção em redor do bastão torcido, símbolo da sua ordem. O homem avistou Arlen e arregalou os olhos, mas acorreu prontamente com um acólito a seu lado, recebendo Jow e levando-o para uma tenda guardada cuja porta de pano estava também decorada com o bastão dos Protetores. Os seus olhos nunca se descolaram de Arlen enquanto se afastavam e regressou momentos depois, empunhando um bastão de madeira dourada polida com guardas gravadas, observando da segurança do círculo.

A batalha esmorecia e o príncipe, que saltara de combate em combate, viu-se subitamente sem adversário. Olhou em redor freneticamente, ofegante, mas, quando percebeu que não havia qualquer ameaça próxima, estremeceu, apoiando-se subitamente na lança. Os seus homens acorreram nesse instante, rodeando-o e ocultando-o da vista de quem observava. Renna ouviu-o vomitar no interior do círculo de soldados.

– É sempre assim – disse Darsy. – Ninguém é mais feroz que o conde no calor da batalha, mas é lento a agir e desaba como uma árvore cortada quando chega ao fim.

– Não é motivo de vergonha – disse Arlen. – Também me senti assim muitas vezes. O facto de estar connosco na noite diz muito... – Hesitou. – Conde?

Darsy acenou afirmativamente.

– Com um decreto real janota nomeando-o «Senhor do Outeiro do Lenhador e de Todos os Seus Arrabaldes» e com uma comitiva de um quilómetro. Com soldados também. Mais de mil, com muitos besteiros, para prepararem as defesas

contra os krasianos. Já começaram a construir-lhe um forte. As pessoas sentiram-se tão gratas pela comida e pelos cobertores que não protestaram, sobretudo depois de teres desaparecido juntamente com Leesha para paragens que só o Criador conhecerá.

– Então limitaram-se a entregar-lhe o Outeiro? – perguntou Arlen.

– Não tivemos grande escolha – disse Darsy. – Mas não tem sido muito mau. Thamos dá liberdade às pessoas que sabem o que fazem e ninguém negará que trouxe ajuda ou que deu esperança a gente que não tem mais nada.

Os combates terminaram, mas Renna continuou a conseguir ver o treino de Arlen enquanto os outeiros se moviam pela clareira, confirmando metodicamente as mortes. A magia fazia os demónios saírem muito rapidamente e mesmo com ferimentos infligidos por armas guardadas, recuperariam em minutos de qualquer coisa mais grave do que a morte ou desmembramento. Mais do que um demónio aparentemente morto guinchou quando os outeiros se aproximaram, tentando golpeá-los ou fugir. Foram prontamente eliminados, debatendo-se selvaticamente enquanto os Lenhadores cortavam a couraça que lhes cobria os pescoços. Cortar a cabeça até de um demónio da madeira pequeno exigia alguns golpes de machado e mesmo Samm Serra precisou de se aplicar a fundo na tarefa.

Renna aproximou-se de Arlen e das duas mulheres, olhando as suas estonteantes capas guardadas.

– Também guardaste as suas capas? – perguntou a Arlen, receando a resposta.

Darsy voltou-se de repente, notando pela primeira vez a presença de Renna e dando particular atenção ao seu vestuário ou falta dele. Os olhos subiram até aos seus ombros e as narinas inflaram. Segurou uma ponta da capa de Renna e ergueu-a para a ver à luz, virando-se em seguida para Arlen com uma expressão de indignação, colocando-lhe um dedo grosso diante da cara.

– Deste a tua Capa de Invisibilidade?! Sabes como a mestra Leesha se esforçou para a fazer? Mais do que para fazer a sua! Nem sequer lhe agradeceste e não a usaste uma única vez. Despreza-la com esta...

– Ei, sua vaca estúpida! – gritou Renna, puxando-lhe a capa das mãos e colocando-se entre ambos. – Não fales com ele assim!

– Porque não? – perguntou Darsy, erguendo-se muito acima de Renna e curvando-se até os seus narizes quase se tocarem. – Isto não te diz respeito, rapariga. Fecha a boca ou dobro-te sobre o joelho e aplico-te uns açoites merecidos.

Darsy podia ser uma Herbanária, mas Renna reconhecia uma lutadora quando a via. Era mais alta e corpulenta, musculada e sem gordura. Vestia as mesmas calças curtas largas usadas pelas outras mulheres envolvidas no combate e a faca guardada pesada curvava-se para dentro como uma foice. Seria igualmente útil para cortar caules grossos ou as pernas de um demónio. O punho estava muito gasto.

Mas nada disso parecia importar quando Renna lhe colocou uma mão no pescoço, começando a apertar. Darsy debateu-se, com as mãos grossas puxando o braço de Renna, mas era como puxar uma barra de ferro. Moveu um punho pesado, porém, Renna esquivou-se com facilidade ao golpe, segurando-lhe o punho e esticando-lhe o braço, usando o impulso em sua vantagem. A face de Darsy ficou vermelha e as veias do pescoço tornaram-se salientes.

– Basta, Ren! – gritou Arlen, segurando-lhe os braços. Apertou com força e perdeu a força nas mãos. Afastou-a facilmente, como se afastasse um gato que tivesse saltado para o balcão para farejar o bloco de corte de um talhante.

– Foi ela que ateou o fogo – rosnou Renna, debatendo-se contra a firmeza das mãos dele como Darsy se debatera contra as suas. – Viste o que disse.

– Sim – concordou Arlen. – É verdade. Mas não é motivo para matar alguém. Ou estavam certos quando te prenderam a uma estaca no Ribeiro?

Renna parou de se debater imediatamente como se lhe tivesse despejado um balde de água fria pela cabeça abaixo. Estava certo, claro. Poucos negariam que Harl Curtidor recebera o que merecia quando Renna o esfaqueou com a sua própria faca, mas aquela Darsy Lenhador não era Harl.

Mesmo assim, parte dela clamava pelo sangue da mulher. Inspirou profundamente, acolhendo a sensação e deixando-a passar. Arlen sentiu-a descontrair e soltou-a.

– Estás bem? – perguntou a Darsy, que ofegava, esfregando a garganta.

– Ótima – gemeu esta em resposta.

Arlen acenou com a cabeça num gesto brusco.

– Então lembra-te que o que faço com o que me pertence não te diz respeito. Também não me parece que Leesha gostasse de saber que espalhas rumores a seu respeito.

– Sim – concordou Darsy, tossindo. – Talvez tenhas razão. – Voltou-se para Renna. – A minha mãe tentou ensinar-me maneiras com pancada, mas nunca conseguiu.

Renna grunhiu.

– Também não fui propriamente delicada.

A rapariga pigarreou e todos os olhos se voltaram para ela. Teria dezassete verões e era bonita, mas, de perto, Renna via cicatrizes grossas descendo-lhe para o decote. Estivera perto da morte. Muito perto. E conseguia encantar nuclitas com a sua música. Renna ouvira com desconfiança as histórias de Arlen acerca do Jogral de cabelo ruivo, mas vira com os seus olhos o que a rapariga fizera.

Arlen sorriu e curvou-se para ela.

– A tua música melhorou, Kendall. Parece-me que Rojer se tem aplicado no trabalho contigo e com os outros aprendizes.

Kendall olhou para o chão e havia tristeza nos seus olhos.

– Rojer partiu há meses – disse Darsy, com a voz ainda rouca, mas recuperando. – Foi para Rizon com a mestra Leesha. E os outros aprendizes interessam-se mais por tocar em festas do que por combater demónios. – Tocou o ombro de Kendall com o punho fechado. – A nossa pequena feiticeira do violino é

diferente. Vale tanto como doze homens com lanças. – Kendall manteve os olhos no chão, mas Renna conseguiu ver corar a pele pálida enquanto lhe surgia um sorriso envergonhado nos lábios.

– Há quanto tempo partiu Leesha? – perguntou Arlen.

– Foi-se com os krasianos há dois meses – respondeu Darsy.

Arlen grunhiu.

– Então é verdade? Jardim veio ao Outeiro e raptou-a?

– De certa forma – disse Darsy.

Arlen franziu a testa.

– Que significa isso?

Darsy encheu o peito de ar e olhou-o.

– Pediu-a em casamento.

Arlen arregalou os olhos e abriu a boca de espanto. A expressão resistiu apenas uma fração de segundo, mas fora clara como o dia. Até a aura de magia que o rodeava se alterou de forma notória, com a superfície estalando como lenha verde numa fogueira.

Renna nunca vira nada surpreender Arlen e não sabia como interpretar aquilo. Leesha Papel podia pertencer ao passado, mas continuava a ser importante para ele.

Arlen inclinou-se para diante com expressão completamente serena, mas com um brilho intenso no olhar.

– Dizes-me que Leesha partiu para casar com Ahmann Jardim? Aquele filho do Núcleo mentiroso, violador e assassino? É isso que me dizes, Darsy Lenhador? – A voz grave aumentou de volume enquanto falava. Não se tornou um grito, mas ficou mais alta. Renna voltou a ver a magia em redor acorrer ao seu corpo, com as guardas começando a cintilar. Darsy afastou-se como alguém se afastaria de uma cascavel.

– Não lhe disse que sim! – explicou, quase gritando. – E não é parva. Disse que era um pretexto para ver o que fez ao sul. Para contar as suas tropas e aprender os seus costumes. E não foi sozinha. Levou Rojer, Gared, Wonda e os pais para zelarem por ela.

– Não importa – disse Arlen. – O facto de ter ido e de ter levado o pai diz aos krasianos que Erny a vende e espera apenas o preço certo.

Darsy franziu o cenho.

– Como te atreves?! A mestra Leesha não é uma vaca que se possa comprar e vender!

– Para eles, é! – ripostou Arlen. – Os krasianos não tratam as mulheres como gente livre. Não lhes importa que seja uma duquesa ou uma leiteira. Para aquela gente, as mulheres são objetos, comprados e vendidos. E ninguém superará o preço oferecido pelo maldito Ahmann Jardir quando deseja obter alguma coisa, Darsy Lenhador. Ninguém.

Darsy acalmou, perdendo a vontade de argumentar e acenando com a cabeça.

– Disse-lhe que ir era uma estupidez, mas não me deu ouvidos. Teimosa como um nuclita. – Uma expressão dorida surgiu-lhe na face, como se admitir um defeito da sua preciosa mestra a magoasse. Renna cuspiu no chão. Darsy estremeceu, mas não disse nada.

– Seja como for, não acredito que corra perigo para já – disse. – Tenho recebido cartas regulares e os códigos que combinámos dizem que ela e os outros estão bem. Uma coisa terá de se dizer acerca dos krasianos. São excelentes Mensageiros.

– Códigos? – repetiu Arlen.

– Disse que não era parva – recordou Darsy, atrevendo-se finalmente a enfrentar o seu olhar. – A mestra Leesha calculou que os krasianos leriam as suas cartas, mas fez-me decorar frases e palavras para poder dizer-me como as coisas estavam mesmo que lhe forçassem a mão. Até agora, Jardir parece cumprir a sua palavra, mas diz que o seu exército cobre Rizon por completo e que o seu número é impossível de calcular. Pediu-me especificamente para não falarmos de ti, mas deixou-me um código para assinalar o teu regresso.

– Diz-lhe – instruiu Arlen. – E diz-lhe também que tem de regressar rapidamente ao Outeiro. Tenho notícias que não

podem esperar e não há códigos que consigam transmiti-las.

– Não me oponho – disse Darsy. – O Criador nunca quis que fosse Herbanária da povoação.

– Os tempos são difíceis, Darsy Lenhador, e terás de suportar os fardos que te couberem – disse Arlen. – A Lua Nova traz algo muito mau. Algo que fará Jardir parecer um moscardo zumbindo-nos ao ouvido.

A face de Darsy empalideceu.

– O que é?

Arlen ignorou a pergunta.

– Quem fala pelos Lenhadores se Gared partiu?

– Quem mais poderia ser? – perguntou Darsy. – Os Açougueiros. O novo conde percebeu que seria melhor não se intrometer. Deu-lhes comissões reais, mas ainda não lhes pediu que fizessem alguma coisa que não pretendessem fazer por sua própria vontade.

Ouviu-se um grande grito e um vulto grande e carregado com magia carregou sobre Arlen. Renna desembainhou a faca, mas Arlen limitou-se a ajoelhar-se e a abrir os braços enquanto o enorme cão o fazia cair. O seu riso era contagiante enquanto o animal lhe lambia a cara.

– Ainda não ensinaste este rafeiro a sentar-se, Evin Lenhador? – perguntou Arlen quando o dono se aproximou.

– O Sombra senta-se quando quer e ninguém o faz mudar – replicou Evin. – É bom tê-lo de volta, senhor.

– Como estão Brianne e os rapazes? – perguntou Arlen, afastando o cão gigante.

– Os rapazes crescem como ervas daninhas – disse Evin. – Callen será Lenhador em breve e Brianne tem outro na barriga. Tenho rezado por uma rapariga desta vez. – Olhou Arlen, expectante.

Arlen suspirou.

– O bebé será o que for, Evin. Não estou convencido de que o Criador exista e muito menos que receba as minhas mensagens. Espero apenas que, se for uma rapariga, seja parecida com a mãe.

Todos os olharam, chocados, como se lhes custasse acreditar que Arlen tivesse dito uma piada, mas Evin riu-se e os outros acompanharam-no, quebrando a tensão.

Darsy pigarreou, captando a atenção de Arlen e indicando o campo de matança de onde Renna viu o conde aproximar-se. Acompanhavam-no dois dos lutadores, um homem e uma mulher.

– Dug e Merrem Açougueiro – murmurou Arlen a Renna. – Eram realmente açougueiros até à Batalha do Outeiro do Lenhador.

Os Açougueiros eram ambos encorpados, com braços grossos cobertos de cicatrizes e com queimaduras na cara. Dug era calvo e estava suado, envergando um avental de açougueiro grosso em cabedal, reforçado com blindagem interna e salpicado com sangue de demónio. Tal como Darsy, Merrem vestia calças curtas largas que, à primeira vista, pareciam saias. O seu corpete de couro era blindado como o avental de Dug e estava igualmente coberto de sangue. Pareciam ambos suficientemente fortes para lançar uma vaca pelo ar. Os cutelos pesados nos cintos eram pouco diferentes do que Harl usava quando matava um porco, mas estavam cobertos de guardas e Renna pensou que há muito não seriam usados para a sua função original.

Caminhavam com passos orgulhosos, como Oradores a caminho do conselho da aldeia. Os restantes outeiros seguiam-nos, cobertos de sangue, suor e imundície de demónio, reluzindo com magia. Todos se erguiam acima de Renna, fazendo-a sentir que estava rodeada por árvores. Trocavam murmúrios entusiasmados, apontando Arlen e traçando guardas no ar. Contrastando, os Soldados de Madeira formaram linhas aprumadas atrás do conde, endireitando as costas e empunhando as lanças, preparados para matar pelo seu príncipe a qualquer momento.

O conde Thamos não era tão alto como os outeiros, mas compensava com a sua armadura brilhante, polida e com a magia fazendo-a brilhar.

– Ninguém no Outeiro esqueceu o que fizeste – apressou-se a dizer Darsy antes que o conde se aproximasse o suficiente para ouvir. – Os outeiros cumprirão as ordens do Homem Pintado e de mais ninguém.

Arlen acenou afirmativamente.

– Esta história do «Homem Pintado» é a primeira coisa que desejo ver terminar.

Thamos parou a distância respeitosa de Arlen e assumiu uma pose altiva enquanto um homem mais pequeno em que Renna não reparara surgia diante dele. O homem envergava armadura e trazia uma lança curta presa às costas, mas não parecia um soldado. Tanto a arma como a armadura pareciam mais ornamentais do que funcionais. Tinha mãos suaves, provavelmente mais habituadas à pena do que à lança. O seu tabardo estava bordado com dois símbolos, um trono coberto de hera e um soldado de madeira. Curvou-se.

– Apresento Sua Alteza, o conde Thamos do Outeiro do Lenhador, comandante dos Soldados de Madeira, irmão do duque Rhinebeck de Angiers e senhor de todas as terras e gentes entre o Rio Angiers e a fronteira meridional.

Thamos olhou Arlen, dirigindo-lhe um movimento da cabeça quase impercetível. Renna não sabia nada sobre etiqueta cortesã, mas reconhecia um tratante quando o via. Sorriu, ansiosa por ver Arlen arrasar o sujeito.

Mas, para sua surpresa, Arlen curvou-se numa vénia.

– Conde Thamos – disse, elevando a voz para que todos ouvissem. – Agradeço o apoio e o abrigo para os refugiados que sofrem nas vossas terras. Honrais o Outeiro, erguendo-vos entre os Lenhadores na noite.

Thamos semicerrou os olhos, como se esperasse ouvir o resto, mas Arlen voltou a curvar-se.

– Não fomos devidamente apresentados – disse, olhando Darsy, os Açougueiros e todos os presentes. – Na verdade, não fui apresentado a nenhum de vós. Sou Arlen Fardos, do Ribeiro de Tibbet.

As palavras provocaram silêncio total. Renna olhou em redor e viu que todos sustinham a respiração, esperando o que se seguiria.

O silêncio durou apenas alguns segundos, apesar de parecer mais longo. A seguir, todos começaram a falar ao mesmo tempo, numa cacofonia demasiado ruidosa para que se percebessem as palavras de uma pessoa só. Até os Soldados de Madeira começaram a falar entre si nas fileiras.

Thamos olhou Dug Açougueiro, que se voltou para a multidão.

– Pouco barulho! – bradou, elevando a voz acima do burburinho. – Não estamos num espetáculo de Jogral! – Imediatamente, o ruído cessou, sobrando apenas alguns murmúrios e Renna viu as pessoas mordendo a língua, ansiosas por falar. Não duraria muito tempo.

Thamos esticou os lábios unidos, digerindo as palavras de Arlen.

– Ribeiro de Tibbet – murmurou. – então, é milnês. Súbdito de Euchor. – Cuspiu o nome como se fosse veneno.

Arlen encolheu os ombros.

– As linhas traçadas no mapa podem dizê-lo, mas será verdade maior dizer que Euchor nunca se importou minimamente com o Ribeiro de Tibbet e os habitantes retribuíram o favor. É verdade que cresci no Ribeiro, mas sigo a minha vontade. – Olhou o conde. – Não aceito ordens de Euchor como não aceitarei as vossas.

Thamos estreitou novamente os olhos e enfrentou-lhe o olhar. O conde matara vários demónios na batalha e a sua armadura reluzia ferozmente com magia do Núcleo. Renna conseguia ver a aura que o rodeava, pulsando com a sua respiração, e soube que o conde conseguiria ser incrivelmente veloz e forte. E que a magia lhe bradava que atacasse.

Ter-se-ia preocupado se o conde, com todo aquele poder, não enfrentasse Arlen Fardos. As tatuagens na sua pele cintilavam ferozmente. Renna não sabia se era intencional, mas o efeito na

multidão foi claro. Muitos dos Lenhadores começaram a murmurar e a traçar guardas no ar.

O conde e Arlen mantiveram-se posicionados como dois cães disputando uma cadela, mas Arlen tinha dentes maiores e a lealdade da matilha. À sua volta, os outeiros ajustaram as mãos sobre as ferramentas e os Soldados de Madeira moveram-se, nervosos.

Arlen ignorou a tensão, quebrando o impasse com um sorriso desarmante. Voltou-se para Renna, curvando-se e movendo o braço num arco formal. Podia não seguir a etiqueta com frequência, mas era óbvio que a conhecia.

– Mil perdões por não apresentar a minha companheira – disse. – Renna Curtidor, também do Ribeiro de Tibbet. – Endireitou as costas, olhando os Lenhadores reunidos atrás de Thamos. – A minha prometida.

Novamente, Renna viu bocas abrirem-se de espanto, mas, daquela vez, sentiu a sua abrir-se juntamente com as restantes. Ouvi-lo dizer aquilo em voz alta diante de toda aquela gente, fazia-o parecer muito mais real do que no momento anterior. Era prometida a Arlen Fardos. Mais uma vez.

Thamos reagiu com maior prontidão, aproximando-se de Renna, curvando-se, pegando-lhe na mão e beijando-a.

– É uma honra conhecê-la, menina Curtidor. Permita que seja o primeiro a congratulá-la.

Renna sabia pelas pantominas de Jogral que os cavalheiros beijavam as mãos das senhoras nas Cidades Livres, mas nunca vira alguém fazê-lo. Ficou hirta, não sabendo como reagir. Sentiu-se corar e ficou grata por estar coberta pela noite.

– O... obrigada – conseguiu dizer, por fim.

Thamos endireitou-se e voltou-se novamente para Arlen.

– Se parou de espantar os campónios – disse, baixando a voz –, poderemos trocar algumas palavras em privado?

Arlen acenou afirmativamente e o adido do conde escoltou os dois líderes até um grande pavilhão de lona pesada no centro da secção guardada da clareira. No interior, a tenda estava ricamente decorada com tapetes quentes de pele, uma cama de

dossel e uma grande mesa rodeada por uma dúzia de cadeiras. À cabeceira, Renna viu algo que poderia descrever apenas como um trono. Era a maior cadeira que alguma vez vira e todas as outras pareciam miniaturas em comparação. Com a sua aura mágica e envergando a armadura polida, Thamos parecia o próprio Criador quando se sentou no lugar de honra.

No momento seguinte, Arther, o adido de Thamos, pigarreou e segurou a aba de lona para o Protetor que Renna vira cuidando de Jow Lenhador e dos outros feridos. Trazia o seu cajado guardado, mas, apesar da barba grisalha, as suas costas permaneciam direitas e não parecia precisar de apoio.

– O Protetor Hayes, Inquisidor-Mor do Pastor Pether de Angiers – anunciou Arther. Arlen franziu a testa e Renna percebeu a sua desconfiança imediata do homem.

– Se bem me lembro, enviado até nós para substituir o Protetor Jona – disse Arlen, olhando Thamos como se tivesse sido o conde a fazer o anúncio. – Jona está com a inquisição?

– Isso dirá respeito aos Protetores do Criador e não a ti – afirmou o Protetor Hayes bruscamente.

Arlen roncou de desprezo, olhando Darsy.

– Levaram-no há semanas – disse Darsy. – Vika está morta de preocupação, mas não a deixaram acompanhá-lo e não teve notícias desde então, por mais que suplicasse. – Indicou brevemente Thamos com a cabeça.

Arlen olhou o conde, mas Thamos ergueu as mãos num gesto impotente.

– Como disse o Protetor Hayes, o assunto está nas mãos do Conselho de Protetores. Não tenho nisto qualquer autoridade.

Arlen abanou a cabeça.

– Não basta. Uma esposa merece ter notícias do marido e saber que está bem... como espero que esteja.

– Como te atreves?! – questionou o Protetor Hayes. – Podes vestir a túnica de um Protetor, mas não integras a nossa ordem e ainda não foi provado que sejas...

– Que seja o quê? – perguntou Arlen.

– Basta! – exclamou o conde Thamos. – Um Mensageiro levará uma carta da mestra Vika amanhã e regressará com a resposta do marido na semana seguinte. Se desejar visitá-lo, ser-lhe-á providenciada uma escolta.

O Protetor Hayes fixou um olhar severo no conde.

– Alteza...

– Já não sou teu aluno, Protetor – interrompeu Thamos. – Poupa-me o sermão. Se o conselho se opuser à minha decisão, poderão levar o assunto ao meu irmão e descobrir a quem dá ouvidos.

Após uma troca de olhares, Hayes acabou por se curvar.

– Como Vossa Alteza ordena.

– Ótimo – disse Thamos. Olhou Arlen. – Poderemos considerar o assunto encerrado ou tem mais ameaças veladas que me queira dirigir? Temos árvores mais altas para cortar do que um Protetor aldeão que prega contra o Cânone.

Arlen acenou afirmativamente.

– Temos árvores muito mais altas, Alteza. Os nuclitas cansaram-se da nossa resistência. Pretendem atacar em força.

– Que o façam – rosou Merrem. – Nenhum demónio no Núcleo tem alguma coisa na cabeça. Faremos com eles uma fogueira tão alta que o Criador conseguirá vê-la.

Dug grunhiu em concordância, mas Thamos não disse nada, fitando Arlen sobre os dedos unidos.

– Não vimos ainda uma fração do que o Núcleo pode lançar contra nós, Merrem – disse Arlen. – Há menos de uma semana, eu e Renna enfrentámos um demónio muito mais inteligente do que qualquer um de nós. Um demónio da mente. Tinha um guarda-costas, um nuclita capaz de assumir qualquer forma que desejasse. Quando este demónio da mente estava por perto, os outros demónios começaram a comportar-se de forma diferente.

– Diferente como? – perguntou Dug.

– Como soldados com generais competentes – disse Arlen. – Enviou um bando de demónios da madeira contra mim e atacaram-me com ramos de árvore quando as garras provaram ser inúteis contra as minhas guardas.

– Noite – murmurou Merrem. Dug cuspiu no tapete. Renna olhou Thamos, mas o conde pareceu não ter reparado. Ficava lívido e conseguia cheirar o seu medo. Pensou no que teria acontecido ao líder poderoso e guerreiro feroz que fora momentos antes.

– A minha mãe terá de ser informada – murmurou Thamos após um momento.

Todos o olharam, intrigados. O Protetor Hayes franziu a testa.

– Mãe, Alteza? – murmurou. Fê-lo em voz demasiado baixa para ser ouvido pelos outros, mas as palavras foram claras como o dia para Renna. Os seus sentidos tornavam-se mais apurados a cada dia.

Thamos pareceu sobressaltar-se, endireitando as costas enquanto a cor lhe regressava à cara.

– Irmão – corrigiu. – O meu irmão, o duque Rhinebeck, deverá ser informado imediatamente. Arther, chama um Mensageiro!

Arther moveu-se para obedecer à ordem, mas Arlen deteve-o com uma mão erguida.

– Lamento informar, Alteza, mas há notícias piores. Os demónios da mente conseguem tocar os nossos pensamentos e devorá-los, passando a saber tudo o que sabemos. Conseguem mesmo controlar o corpo de alguém como se controlassem uma marioneta.

– Criador! – exclamou Merrem. – Como poderemos enfrentar tais criaturas? – A cara do conde tornou-se tão esverdeada que Renna acreditou que poderia vomitar a qualquer momento.

– As grandes guardas defendem-nos contra eles – disse Arlen. – E existem guardas contra demónios da mente. – Retirou um pergaminho e um pincel de Guardador algures do interior das suas vestes. O pincel parecia uma extensão do seu braço enquanto traçava rapidamente uma grande guarda mental, voltando-se para os que o olhavam em redor da mesa.

– Este símbolo consegue bloquear a sua intrusão. – Apontou o mesmo símbolo tatuado na testa e para o que Renna trazia traçado também na testa com caulinegra. – Os demónios da

mente são ainda mais sensíveis à luz do que os nuclitas comuns. Até o luar consegue feri-los. Só sobem à superfície com a Lua Nova. Nessas três noites, quem estiver fora de grandes guardas precisará de pintar esta guarda na cabeça.

Darsy moveu um dedo sobre as linhas do símbolo.

– É simples. Podemos reproduzi-la e espalhá-la pelo povoado.

Arlen acenou afirmativamente.

– Fá-lo. – Olhou os Açougueiros. – E terão de acelerar o recrutamento para preparar os Lenhadores para enfrentar nuclitas capazes de lutar com inteligência.

– Temos recrutas em bom número – disse Dug. – Mas isso significa apenas que há muita gente sem experiência com lanças guardadas e sem saber como usá-las.

– Terão três semanas para aprender – disse Arlen. – Ajudarei como puder, mas dependerá de ti Dug Açougueiro. E de Merrem. – Olhou Thamos. – E do vosso conde.

* * *

– Não acredito que acabas de rejeitar um exército de caçadores de demónios – disse-lhe Renna enquanto regressavam para os cavalos.

– Nunca quis liderar um exército, Ren – disse Arlen. – Por estes dias, qualquer exército liderado por mim terá mais sangue vermelho nas lanças do que sangue preto. As pessoas precisam de se unir, dia e noite. Conseguiria apenas atrapalhá-los. Que Thamos fique com o seu trono.

Olhou-a e sorriu.

– Posso sempre derrubá-lo se for preciso.

Renna riu-se e um demónio da madeira próximo olhou-os, atraído pelo ruído, tentando localizar a sua origem. Estava a poucos metros de distância, mas a capa guardada ter-lhe-ia permitido passar junto a ele sem que o visse.

A capa que Leesha fizera com tanto amor para Arlen.

– Sabia que havia um motivo para nunca ter gostado desta coisa – disse Renna. Ergueu as mãos, abrindo o fecho e

deixando a capa cair ao chão. O demónio guinchou quando a viu, correndo na sua direção.

Renna deixou-o vir, erguendo-se imóvel até ao último momento, quando deu um passo ao lado, cravando a faca numa fissura na armadura do demónio enquanto se esquivava.

O nuclita cobriu o ferimento com as mãos, mas não era fatal e a magia reparava já o estrago. Voltou-se novamente para ela e tornou a guinchar. Renna olhou-o e abriu os braços, expectante.

O demónio mostrou-se mais cauteloso quando regressou, mantendo a distância e usando em sua vantagem o alcance longo dos braços semelhantes a ramos. Renna manteve-se paciente, cedendo terreno enquanto se esquivava aos ataques. Ocasionalmente, golpeava um braço com a faca, mas esses cortes superficiais apenas arrelivavam o nuclita.

Continuou a esperar até o adversário se posicionar de uma forma específica. Esquivou-se ao ataque seguinte e carregou antes que o demónio conseguisse recuperar o equilíbrio, cravando a faca no vão entre a terceira e a quarta costela do lado direito, como Arlen lhe ensinara. Sentiu o batimento do coração quando foi trespassado pela lâmina, bombeando magia pura o seu corpo enquanto os olhos do nuclita perdiam o brilho.

Debatendo-se, o demónio da madeira tentou defender-se, mas a magia ativou as guardas de caulinegra na pele, impedindo-o. Por fim, desabou no chão.

Renna olhou Arlen.

– Este demónio sabe quem o matou.

Arlen olhou-a do alto.

– Está morto, Ren. Não sabe nada.

Curvou-se, ergueu a capa e sacudiu a terra e as folhas antes de a dobrar com cuidado.

– Nunca gostei de a usar. Suponho que gostarei tão pouco de me esconder como tu. Menos ainda. – Grunhiu. – Alguma vez recebeste um presente de alguém, sabendo que pensaram muito no que pretendiam oferecer, e, quando o abres, o teu

primeiro pensamento é: «Esta pessoa não me conhece minimamente»?

Renna acenou afirmativamente.

– É como quando o meu pai comprava um barril de cerveja Pantanosa para celebrar o dia do meu nascimento, acabando por o esvaziar sozinho. – Encolheu os ombros. – Os Curtidores nunca foram muito dados a oferecer presentes. Desde a morte da minha mãe, pelo menos.

– Como morreu? – perguntou Arlen, baixando a voz. – Ouvi dizer que foram os demónios, mas nunca contaram a história na povoação.

– Não sei explicar – admitiu Renna. – Foi nucleada, mas não houve uma brecha nas guardas. Estava no pátio. Lembro-me de a ouvir discutir violentamente com o meu pai. Não pensei muito no assunto quando era pequena, mas calculo que terá saído da proteção para se afastar dele. Noite... Também pensei fazer o mesmo algumas vezes.

– Ainda bem que não o fizeste – disse Arlen. – Uma coisa é fugir quando tens sítio para onde fugir, mas, se tens de deixar este mundo, será melhor que o faças lutando e não fugindo.

– É verdade – considerou Renna.

– Mas a capa tem os seus usos – disse Arlen. – Poderíamos ter sido nucleados sem ela.

– Suponho que deverei agradecer a Leesha Papel por nos salvar. – Renna cuspiu no chão.

– Foste tu a salvar-nos, Ren – disse Arlen. – Não foi a capa ou a faca do teu pai a matarem aquele filho do Núcleo. O demónio da mente esteve mais perto de acabar comigo do que qualquer outro nuclita e tive alguns momentos de apuro na noite.

Estendeu-lhe a capa dobrada e Renna acenou com a cabeça, aceitando-a. Sorriu.

– Não posso negar que me dará algum gosto que Leesha me veja com ela. Diz às pessoas que me puseste em primeiro lugar.

Arlen sorriu.

– A algumas pessoas. As restantes pensarão que és uma das suas aprendizas. – Renna franziu a testa enquanto Arlen se ria.



CINCO

PROTETOR HAYES

333 DR Verão 25 Auroras antes da Lua Nova

—NUCLEADO SEJA – ROSNOU ARLEN.

– O que foi? – perguntou Renna. Tinham desmontado depois de uma viagem rápida, conduzindo os cavalos através de um aglomerado denso de árvores que se abria numa pequena clareira com uma parede de rocha nua.

– Alguém descobriu o meu esconderijo. – Apontou.

Renna seguiu-lhe o dedo até à parede de rocha, mas abanou a cabeça.

– Não vejo nada.

– Está ali – disse Arlen. – Será preciso caminhares até ela para conseguires ver a porta. Tem um portão de metal coberto com raiz-rolheira. O resto está coberto com musgo e erva.

Renna semicerrou os olhos.

– Como sabes que alguém o descobriu?

Arlen apontou uma fina coluna de fumo que se erguia do topo de uma árvore morta erguendo-se solenemente sobre a pequena elevação rochosa.

– É a minha chaminé. Não deixei a lareira acesa durante três meses.

– Deixaste lá alguma coisa importante? – perguntou Renna.

Arlen encolheu os ombros.

– Algumas guardas por terminar. As pessoas que se juntavam aos outeiros queriam armas com maior rapidez do que conseguia guardá-las e nunca pude construir um arsenal. É apenas um sítio onde podia descansar a cabeça.

Ouviu-se um cacarejo e Arlen suspirou.

– Transformaram o meu belo estábulo numa maldita capoeira.

– E agora? – perguntou Renna.

– Parece-me que alugaremos um quarto na cidade – disse Arlen, soando cansado. – A partir de amanhã. Dia ou noite, espero que acorra gente em grande número depois da nossa vinda. Preciso de algumas horas de sono antes que comece.

– Porque não podemos acampar como temos feito? – perguntou Renna.

– Não somos animais, Ren – respondeu. – Não há nada de mal em dormir numa cama e não somos demasiado bons para conhecer gente nova.

Renna fez uma careta. Não tivera oportunidade de caçar durante a noite e esperava que, depois de se instalarem no povoado, as oportunidades para consumir carne de nuclita sem conhecimento de Arlen se tornassem ainda mais escassas. A parte do seu ser enojada pelo ato dissipava-se gradualmente enquanto o poder crescia. Sentia-se faminta e simples comida já não conseguia satisfazê-la.

Mas a expressão fatigada na face de Arlen preocupou-a. Carregava o peso do mundo sobre os ombros e o que mais importava seria apoiá-lo nos dias que se seguiriam.

– Muito bem. Amanhã. – Aproximou-se dele, segurando-lhe as mãos e beijando-o. – Prepara um círculo de guardas e deitar-te-ei. – Sorri. – Dormirás como uma pedra.

A expressão cansada abandonou a face de Arlen quando começou a acariciá-lo. Nunca se sentia demasiado cansado para não conseguir despertá-lo ao deixar cair a roupa no chão.

Horas mais tarde, Renna permanecia acordada, ouvindo a respiração de Arlen transformar-se num ressonar, e afastou-se dos seus braços. Hesitou, olhando-o no círculo. Parecia tão pequeno. Tão vulnerável. Com todo o seu poder, não era

demasiado bom para respirar ou para dormir. Precisava de alguém na retaguarda. Alguém em quem pudesse confiar.

Alguém forte.

Desembainhou a espada e correu pela noite dentro.

Renna acordou com a cara na terra. Teria rebolado para fora do cobertor durante a noite. Cuspiu e esfregou a cara enquanto se espreguiçava. Ainda não amanhecera por completo, mas o céu estava suficientemente claro para poder usar a sua visão normal enquanto sentia ainda o pulsar da magia, enfraquecendo e fugindo para as sombras.

Arlen já estava de pé, vestindo apenas o seu bido enquanto remexia os alforges de Dançarino do Ocaso, resmungando.

– Deixei-as aqui algures...

Renna sorriu enquanto o olhava. Aceitaria de bom grado acordar todas as manhãs com a boca cheia de terra se a primeira coisa que visse fosse Arlen Fardos.

– O quê?

Arlen olhou-a sem parar de procurar e o sorriso que lhe iluminou a face era um reflexo do seu.

– As minhas roupas. Ah!

Ergueu um emaranhado de tecido, sacudindo um par de calças de ganga desbotadas e uma camisa que outrora fora branca. Vestiu-se e Renna riu-se ao perceber como a roupa lhe ficava larga.

– Ainda não te servem as roupas do teu pai?

Arlen olhou-a com desagrado enquanto apertava o cinto e arregaçava as mangas.

– As pessoas diziam que era magro nos meus tempos de Mensageiro, mas comia bem. Acho que terei perdido uns sete quilos desde... – passou a mão pela face tatuada – tudo isto. – Revirou as extremidades largas das calças.

As suas sandálias repousavam sobre a túnica cuidadosamente dobrada e colocou tudo nos alforges. Retirou um par de velhas botas de couro, mas, após ponderar por um momento, grunhiu e voltou a guardá-las, continuando descalço.

Era estranho ver Arlen vestido com roupa normal. Renna semicerrou os olhos e tentou imaginar o homem que poderia ter sido se nunca tivesse deixado o Ribeiro de Tibbet, mas era impossível. As tatuagens cobriam-lhe os antebraços e as canelas, além do pescoço e da face, tornando-se ainda mais chocantes por estarem parcialmente cobertas pela camisa e calças simples.

– O que significa isto? – perguntou.

– Comecei a vestir a túnica porque o capuz me escondia a cara durante o dia e porque as pessoas mais facilmente deixariam em paz um Protetor viajante – explicou Arlen. – Além disso, era mais fácil despi-la ao anoitecer. – Abanou a cabeça. – Mas deixei de me esconder e a túnica dá a ideia errada. Não sou um Homem Santo. E, se precisar de expor rapidamente as guardas... – Estalou os dedos, transformando-se momentaneamente em neblina e fazendo a roupa cair. Voltou a solidificar no instante seguinte, vestindo apenas o bido, com as guardas expostas.

– Esse truque parece útil para mais do que lutar com demónios – disse Renna, sorrindo.

Arlen retribuiu-lhe o sorriso.

– Há coisas que vale a pena fazer de forma antiquada.

– Então vamos para o povoado como estamos? – perguntou Renna. – Não me pedirás para me cobrir como fizeste depois de Ponteflúvia?

Arlen abanou a cabeça.

– Perdoa-me, Ren. Não consegui pensar bem. Não tinha o direito...

– Tinhas – interrompeu Renna. – Dei-te razão para ferveres. Não te culpo. Precisava que me obrigassem a ganhar juízo.

Num instante, Arlen atravessou a clareira e abraçava-a.

– Fizeste o mesmo por mim. Mais do que uma vez. – Beijou-a enquanto o sol se erguia finalmente, tocando-os com raios gentis. – Não voltaremos a esconder-nos, Ren – disse. – Somos quem somos e as pessoas podem aceitar-nos ou não.

– É como dizes – considerou Renna, pousando as mãos sobre a pele suave da sua cabeça rapada para lhe puxar os lábios para os seus.

Pouco depois, Arlen levou-os de volta ao Outeiro do Libertador, caminhando descalço e puxando Dançarino do Ocaso pelas rédeas.

– As estradas não estão guardadas – notou Renna.

– As estradas são a guarda – disse Arlen. – Ou parte de uma, pelo menos. Depois de os nuclitas destruírem a maior parte do povoado, construímo-las ainda maiores, seguindo um plano de grandes guardas interligadas, como a que os Lenhadores abriam a norte. Cada anel levará mais tempo que o anterior, mas, daqui a uma década, nenhum demónio conseguirá pousar as garras em qualquer local a mais de cem quilómetros do Outeiro.

– Isso é... incrível – disse Renna.

– Será – concordou Arlen. – Se os trabalhos puderem prosseguir quando o Núcleo nos enviar um exército capaz de nos fazer regressar à Era da Ignorância.

Mesmo àquela hora da manhã, as estradas e os caminhos eram percorridos por gente comum ocupando-se dos seus afazeres. Arlen cumprimentou alguns com acenos de cabeça quando passaram por eles, mas não disse nada e nunca parou. Todos olhavam com olhos arregalados, alguns curvando-se ou traçando guardas no ar. Quase todos abandonaram o que faziam, seguindo-os. Mantiveram uma distância respeitosa, mas o alarido cresceu quando os números aumentaram e Renna ouviu a palavra «Libertador» mais do que uma vez.

Arlen pareceu não ligar, mantendo a expressão serena enquanto os conduzia para o centro do povoado.

Havia dúzias de casas e cabanas, todas de construção recente, e centenas mais em construção. As curvas da grande guarda deixavam enormes extensões de floresta intacta, permitindo que o Outeiro mantivesse uma aparência de aldeia simples muito diferente das ruas de creto, muralhas de pedra e enormes edifícios de Ponteflúvia.

– Quase me sinto em casa – disse Renna. – Como se pudéssemos contornar aquela curva e ver a Praça Central ou a loja do Leitão.

Arlen acenou afirmativamente.

– Chamam-lhe Cemitério dos Nuclitas e Smitt substitui o Leitão, mas, se semicerrares os olhos, nem darás pela diferença. Talvez seja por isso que me instalei no Outeiro durante algum tempo. Não estava pronto para voltar para casa e isto era quase o mesmo.

Contornaram uma curva e o Cemitério tornou-se visível. A área central empedrada era muito semelhante à Praça Central. Num extremo, erguia-se um templo que facilmente poderia ser o do Protetor Herral na Colina da Charneca, mas parecia pequeno por comparação com os alicerces construídos em redor, com centenas de homens abrindo valas e transportando pedras.

Arlen parou e, por um momento, a serenidade abandonou-lhe a face.

– Aquele Protetor angierano não perdeu tempo. Parece que constrói uma catedral capaz de engolir o templo de Jona como uma rã engolirá uma mosca.

– Dizes isso como se fosse algo mau – referiu Renna. – Se a povoação cresce tanto como dizes, não precisarão do espaço adicional?

– Parece-me que sim – disse Arlen, mas não pareceu convencido.

Havia uma grande plataforma no extremo oposto da praça empedrada, com um grande palco e uma cobertura em concha para amplificar o som. Renna foi atraída pelo burburinho de uma enorme multidão, mas uma voz erguia-se sobre todas as outras. Viu Jow Lenhador de pé no palco, sem exhibir quaisquer sinais de ter estado moribundo apenas algumas horas antes. Renna avistou uma túnica que se tornara familiar e viu o Protetor Hayes de pé diante da multidão acompanhado por um dos seus acólitos e apoiando-se no seu cajado curvo, observando com olhos frios.

– Vi-o com os meus olhos! – gritava Jow. – Um demónio da madeira atingiu-me em cheio e ouvi Darsy Herbanária dizer que não podia fazer nada! Mas o Homem Pintado chegou, moveu as mãos e quase nem tenho marcas!

– Sai do palco, Jow Lenhador! – gritou alguém. – Podes ser um tolo, mas não és um Jogral! Vai contar as tuas patranhas para outro lado!

– Juro pelo sol! – gritou Jow, erguendo o gibão rasgado e ensanguentado para mostrar as cicatrizes saradas onde as garras do demónio o tinham ferido. Vendo que a multidão permanecia cética, apontou um dos presentes.

– Evin Lenhador, também o viste!

Todos os olhares se viraram para Evin, mas o seu grande cão rosnou, mantendo-os à distância.

– Não vi nenhuma cura por magia – disse, após um momento. – Pelo menos, não a vi com os meus dois olhos. Mas sim. O Libertador voltou.

Arlen gemeu, escondendo a face com as mãos enquanto a multidão se voltava novamente para Jow com interesse renovado.

– Sim! – gritou este. – O Libertador real voltou para trazer a mestra Leesha para casa e para esmagar aquela ratazana do deserto! – A multidão rugiu em aprovação.

– Estúpido como um monte de pedras, mas não está totalmente enganado – murmurou Arlen.

Nesse momento, Jow ergueu o olhar, vendo Arlen e Renna além da multidão.

– Ali está Ele! – gritou, apontando. – O Libertador!

Arlen apoiou as mãos nas ancas enquanto a multidão inteira se voltava para ele em unísono. Olhou Jow como um cão que acabara de cagar dentro de casa.

E então, subitamente, a multidão aproximou-se. Todos esticavam a mão para ele. Centenas de pessoas avançando, todas gritando ao mesmo tempo.

– Libertador!

– Abençoado sejas!

– Abençoa-me!

– Preciso...!

– Tens de...!

Renna esforçou-se por resistir ao avanço da multidão, mas até a sua nova força foi vencida pelo número.

– Para trás! – gritou, mas pareceram não a ouvir e Renna sentiu o sangue ferver enquanto levava a mão à faca.

Nesse instante, viu uma garrafa voando pelo ar em direção à cabeça de Arlen, mas não pôde fazer nada para a travar.

Não precisaria de se ter preocupado. A mão de Arlen moveu-se mais rapidamente do que os olhos conseguiam acompanhar, apanhando a garrafa no ar. Todos abriram a boca de espanto e abriu-se um caminho entre a multidão que duplicava a trajetória da garrafa, com todos os inocentes do ato afastando-se prontamente para revelar um grupo de três homens fitando Arlen com desagrado. As suas roupas estavam remendadas e havia neles uma expressão vazia que aludia a tempos difíceis. Tinham atirado a garrafa, mas Renna reconhecia bêbados quando os via e sabia que a bebida conseguia alimentar vários tipos de maldade. Mais uma vez, a sua mão caiu sobre o punho da faca de Harl.

– Libertador! – Um dos homens cuspiu no chão. – Se és o maldito Libertador, onde estavas quando os krasianos levaram a minha filha?!

– E o meu filho! – gritou outro homem.

– E a minha quinta! – acrescentou o terceiro.

– Mostrem algum respeito – rosnou Linder Lenhador, esmurrando o primeiro homem na cara. Caiu pesadamente e, em resposta, os outros dois lançaram-se sobre o Lenhador gigante. Moveram-se para um lado e para o outro, com as pernas erguendo-se do chão enquanto tentavam derrubar Linder. O homem que esmurrara abanava a cabeça e esforçava-se para se levantar com um olhar homicida.

– Sim. Fez uma pergunta justa! – gritou mais alguém na multidão, motivando murmúrios de concordância e discordância. Meia dúzia de Lenhadores corria para o local.

Arlen avançou, cobrindo a distância com rapidez sobrenatural.

– Basta! – Afastou os homens de Linder, erguendo-os pelos colarinhos e segurando-os como crianças insolentes. Linder aparentou arrogância triunfal até Arlen o olhar também a ele.

– Da próxima vez que esmurrares alguém em meu nome, Linder, racho-te a cabeça. – Subitamente, Linder pareceu ter a sua idade real. A face do rapaz crescido antes do tempo corou.

Arlen largou os dois homens com delicadeza suficiente para lhes permitir aterrarem de pé e estendeu a mão ao homem caído no chão, ajudando-o a erguer-se. Quando falou, a sua voz era gentil, mas ouvia-se com a facilidade dos gritos de Jow na concha e todos conseguiram ouvi-lo.

– Compreendo a tua dor, amigo. É lamento o que aconteceu à tua filha, mas não a ajudas atirando garrafas ou comportando-te como um tolo. E a raiva que sentes não deveria ser-me dirigida. Nunca disse ser o Libertador. Posso estar pintado, mas sou só um homem como tu.

– Mas libertaste o Outeiro – disse o homem, quase em tom de súplica.

Arlen abanou a cabeça, olhando a multidão em redor enquanto o fazia. Todos se mantinham em silêncio, suspensos das suas palavras.

– Não libertei o Outeiro. Foram os outeireiros que o fizeram, sangrando sobre estas pedras que pisamos. Ajudei-os nos momentos de dificuldade, mas Leesha Papel e Rojer Estalagem fizeram o mesmo. Tal como Linder e Evin Lenhador e uma centena de outros. Até Jow, apesar de me parecer que decidiu comportar-se como um tonto. – Olhou-o enquanto descia do palco com aparência submissa.

Arlen colocou a mão sobre o ombro do homem.

– Sei como é perder gente. Consegue enlouquecer-nos e faz-nos arder com chamas tão fortes como as do Núcleo. Mas esperam-nos outras tempestades. Estou aqui para ajudar, mas o que fizer não significará nada se o fizer sozinho. Cabe-vos escolher se querem ajudar ou beber e apontar culpas. Mas não vos devo explicações.

Voltou-se, encarando a multidão e erguendo a voz.

– Tenho coisas mais úteis a fazer do que ouvir conversa fiada no Cemitério dos Nuclitas! Aposto que o mesmo se aplicará a todos vocês!

Subitamente, todos olhavam os pés e murmuravam frases sobre tarefas por terminar. Afastaram-se num fluxo contínuo.

Jow Lenhador correu para junto deles enquanto Arlen se preparava para seguir caminho.

– Perdoa-me. Não quis...

Arlen interrompeu-o.

– Não estou irritado contigo, Jow. Mereci isto por ter sido tão misterioso quando aqui estive antes e por não partilhar nada com ninguém.

Jow pareceu aliviado até Arlen lhe erguer um dedo.

– Mas aquela concha acústica é para Protetores, Jograis e magos do violino. Não para qualquer tonto que queira berrar. Não quero voltar a ver-te ali a não ser que cantes ou dances. Se não tens lenha para cortar, pede aos Açougueiros que te encontrem ocupação.

Jow acenou avidamente com a cabeça e partiu.

Renna voltou a olhar o local em que o Inquisidor se erguera, mas também ele partira.

– Este sítio parece-se mais com o Ribeiro do que me agrada – disse Renna. – Vão prender-nos a estacas se não os salvarmos?

– Por vezes, todos precisamos que nos façam ganhar juízo à força, Ren – disse Arlen enquanto levavam os cavalos para o estábulo atrás da estalagem recém-construída. – Os tempos não têm sido fáceis e teremos de perdoar esta gente por se mostrar demasiado excitável. Não precisas de levar a mão à faca de cada vez que aconteça alguma coisa.

Renna ficou hirta ao ouvir aquilo.

– Não sabia que era tão óbvia.

Arlen encolheu os ombros.

– É uma grande faca.

Um rapaz magro e musculado veio receber os cavalos. Olhou Dançarino do Ocaso e Arlen logo em seguida.

– Sim, Keet, sou eu – disse Arlen. – Sei que o espaço não é muito, mas eu e a minha prometida precisamos de um quarto durante algumas semanas.

Keet acenou afirmativamente. Recolheu os cavalos e fê-los passar por uma pequena porta lateral para um vestíbulo.

– Esperem aqui enquanto vou buscar o meu pai.

– O pai dele é Smitt, o estalajadeiro e Orador da povoação – explicou Arlen depois de sair. – Um bom homem. Trata-o com atenção. Mais honesto que o Leitão, mas bastante duro quando chega o momento de regatear. A mulher, Stefny, não será má em doses pequenas, tem sempre uma cara de quem não vai à latrina há uma semana e quer vingar-se em quem lhe aparecer pelo caminho. Também passa sermões com muita facilidade, dizendo-te isto e aquilo sobre a forma como o Criador quer que vivas. Como alguém da Vigia Sul.

Renna eriçou-se. Os vigias tinham sido rápidos a condená-la à morte e a dizer que era essa a vontade do Criador.

Momentos depois, um homem encorpado, com barba densa e aparentando grande força apesar de rondar os sessenta verões, entrou no vestíbulo, seguido por uma mulher pequena e magra com o cabelo grisalho preso num carrapito. Arlen estivera certo na descrição que fizera da sua cara. Parecia ter comido algo amargo, preparando-se para cuspir.

– Graças ao Criador que voltaste – disse Smitt, depois de feitas as apresentações.

– O Criador não teve nada a ver com o assunto – disse Arlen. – Tinha assuntos para resolver no Outeiro.

– A mão do Criador está em todas as coisas, grandes e pequenas – disse Stefny. O topo de uma cicatriz provocada por um demónio espreitava-lhe sobre a gola elevada do vestido e havia nela uma dureza que fazia recordar Selia Estéril, a Oradora do Ribeiro de Tibbet, que defendera Renna quando mais ninguém aceitara fazê-lo. Renna nunca conhecera mulher mais forte que Selia.

Sem pensar, Renna ergueu a mão, tocando levemente a cicatriz.

– Lutaste, não lutaste? – perguntou. – Quando as guardas falharam no ano passado.

A mulher arregalou os olhos, mas acenou afirmativamente.

– Não podia limitar-me a ver.

– Claro que não – disse Renna, apertando-lhe o ombro. – Não podemos pedir a ninguém que faça o que não estaremos dispostos a fazer.

A expressão de desagrado abandonou a face da mulher e sorriu. O sorriso parecia estranho, forçando-lhe as linhas do rosto.

– Venham. A estalagem está cheia, mas guardamos um par de quartos livres para Mensageiros. Vamos instalar-vos e encher-vos a barriga. – Voltou-se e conduziu-os por uma escada traseira enquanto Arlen e Smitt abriam a boca de espanto.

Mal se tinham instalado no quarto e terminado o pequeno-almoço que Stefny lhes mandara quando ouviram bater à porta. Arlen abriu e olhou o acólito do Protetor Hayes que esperava do outro lado.

Calçava sandálias modestas e uma túnica creme simples, com a sobrepeliz guardada reservada para a noite. A barba castanha aparada estava manchada de grisalho.

– Sou o Discípulo Franq, adido do Protetor Hayes, Inquisidor-Mor e conselheiro espiritual de Sua Alteza, o conde Thamos do Outeiro do Lenhador – disse, com uma vénia mínima. – Perdões pela interrupção, Sr. Fardos – curvou a cabeça na direção de Renna –, menina Curtidor, mas Sua Santidade ficou muito impressionada pelas palavras que ouviu esta manhã e solicita a honra da vossa presença para a ceia às seis horas na sala de jantar do templo. Vestuário formal.

Virou-se para partir, mas a resposta de Arlen fê-lo parar antes de conseguir afastar-se.

– Terá de apresentar as nossas desculpas.

Franq estacou por um momento e, quando se virou, havia surpresa na sua face. Fez nova vénia curta.

– Diz que... hmm... tem assuntos mais importantes na agenda do que uma audiência com Sua Santidade?

Arlen encolheu os ombros.

– Receio que a minha agenda esteja bastante cheia. Talvez depois da Lua Nova.

Daquela vez, Franq não conseguiu esconder a incredulidade.

– É... essa a resposta a Sua Santidade?

– Será preferível responder por escrito? – perguntou Arlen. Vendo que Franq não respondia, estendeu a mão para a porta, segurando-a de forma eloquente. Franq recuou, com uma mistura de ultraje e choque na face.

– Não é um pouco velho para ser um Discípulo? – perguntou Renna, ouvindo os seus passos afastarem-se pelo corredor.

Arlen acenou afirmativamente.

– Parece rondar os quarenta verões. Os Protetores costumam ser ordenados aos trinta, mesmo que o conselho não lhes encontre rebanho.

– Terá falhado o teste?

Arlen abanou a cabeça.

– Significa que Hayes é um Protetor muito poderoso. Tão poderoso que ser seu Discípulo e adido é uma posição melhor do que ter um rebanho próprio. Política – afirmou, como se cuspiasse a palavra.

– Que história foi esta da agenda? – perguntou Renna. – Não me pareceu simpático. Chegámos à povoação há uma hora. Nem sequer planeámos a próxima visita à latrina.

– Não me importa. – Arlen acenou em direção à porta, irritado. – Nucleado seja se aceitar ser arrastado para uma maldita ceia formal só para que um Protetor qualquer se possa julgar importante. Não tenho paciência para aparências.

Imitou o tom de tenor de Franq:

– ... diz que... hmm... tem assuntos mais importantes na agenda do que uma audiência com Sua Santidade?

– Temos assuntos mais importantes? – perguntou Renna.

– Achei que poderíamos passar algumas horas a bater com a cabeça na parede – disse Arlen. – Será semelhante a conversar com um Protetor. Todos memorizaram aquele livro, mas cada um o lê de forma diferente.

– O Protetor Herral do Ribeiro era um bom homem – disse Renna. – Defendeu-me quando o povoado exigiu o meu sangue.

– Mas não à tua frente, Ren – disse Arlen. – Será melhor que te lembres disso. E George Vigia, tão cheio de fogo justiceiro no teu julgamento, também era um Protetor.

– Não fales mal do Protetor do Outeiro – disse Renna.

Arlen encolheu os ombros.

– Jona é um tolo tão grande como os restantes. De alguma forma, talvez seja um tolo maior ainda. Mas sempre serviu bem esta gente. Mereceu o seu respeito. Hayes não mereceu nada.

– Não lhe deste grandes hipóteses – referiu Renna.

Arlen permaneceu em silêncio durante alguns momentos até grunhir, contrariado.

– Muito bem. Enviarei Keet para o informar de que encontrámos tempo na nossa «agenda». Mas não iremos com roupa formal.

Não havia exatamente uma multidão à volta da estalagem quando Arlen e Renna saíram perto do fim da tarde para se dirigirem ao templo e cearem com o Protetor Hayes, mas havia centenas de pessoas junto às lojas e às esquinas, tentando ver como se tivessem motivo para ali estarem. Um murmúrio agitado iniciou-se quando o casal foi avistado.

Renna suspirou. Parecia-lhe que nada que Arlen pudesse fazer conseguiria fazê-los mudar de ideias, incluindo os que ouviam as suas palavras como se fossem retiradas do Cânone.

Houvera um fluxo constante de batidas na sua porta ao longo do dia. Smitt e Stefny esforçaram-se por impedir a vinda de gente com pedidos, mas não negavam entrada aos que julgassem importantes e eram muitos. Os Açougueiros trouxeram grandes livros de registo e mapas enrolados que abriram no chão, mostrando o seu progresso no recrutamento e na limpeza de terras. Dúzias de lugarejos a sul tinham fugido dos krasianos enquanto avançavam para conquistar Rizon e as populações de muitos deles tinham-se instalado em grandes guardas próprias no Condado do Outeiro. Havia seis grandes guardas rodeando o Outeiro, apesar de apenas duas, Nova

Rizon e Fim da Jornada, estarem completamente ativas. Havia outras em estágios mais prematuros.

Um vidreiro chamado Benn trouxe belos objetos guardados para que Arlen os inspecionasse e Kendall viera falar-lhes dos Jograis angieranos que tinham chegado com a caravana do conde Thamos.

– Cinco mestres da Guilda dos Jograis – disse Kendall – e uma dúzia de aprendizes. Afirmam ter vindo para ajudar Rojer a tornar-nos melhores no controlo dos demónios, mas parecem mais interessados em recolher histórias sobre ti.

E assim foi. Guardadores, Mensageiros, Herbanárias, Oradores de povoações de refugiados. Um a um e em pares chegaram e partiram até Renna se achar capaz de gritar.

Arlen reagiu melhor, saudando muitos como amigos e oferecendo sugestões que a maioria parecia receber como se fossem ordens. Mesmo assim, foi um alívio sair, mesmo que isso implicasse suportar o peso de inúmeros pares de olhos enquanto caminhavam pela rua.

O Protetor Hayes e o Discípulo Franq esperavam-nos quando chegaram ao templo. Hayes vestia uma túnica castanha, mas era fabricada com um material mais delicado do que Renna alguma vez vira, com a exceção da sua capa guardada. Sobre isto, o Protetor envergava uma casula branca orlada com hera bordada a verde e com um cajado torcido bordado com fio de ouro no centro, rodeado por um círculo de guardas, muitas das quais Renna não reconhecia. As suas mãos reluziam com anéis de ouro, um dos quais suportava uma pedra verde do tamanho de um olho de vaca.

Também Franq estava vestido formalmente com um solidéu verde guardado e uma sobrepeliz branca sobre a túnica de cor creme bordada com fio verde e dourado e formando o mesmo desenho de hera e cajado ostentado por Hayes. Um colar de ouro com uma grande pedra vermelha pendia-lhe do pescoço.

Contrastavam dramaticamente com Arlen, descalço e vestindo as calças de ganga desbotada e a camisa, e com Renna, vestida de forma escandalosa pelos padrões de qualquer pessoa,

envergando apenas um colete de couro e uma saia até às canelas cortada até à cintura de cada lado. Mas se as suas roupas modestas (ou a falta destas no caso de Renna) ofenderam os dois homens, nenhum deu sinais disso.

– Bem-vindos à Casa do Criador, Sr. Bales e menina Curtidor!
– afirmou Hayes, elevando a voz sonora e sendo ouvido à distância. – Honra-nos que tenham podido aceitar um convite tão repentino.

Renna procurou sugestões de sarcasmo no tom do velho, mas parecia sincero.

– O convite foi muito amável – disse, traçando uma guarda no ar. Arlen limitou-se a grunhir com um movimento da cabeça.

O sorriso de Hayes diminuiu ligeiramente.

– Devo congratulá-los pela vossa promessa. Como poderão imaginar, gerou grande agitação entre a gente local. Seria uma honra celebrar a cerimónia, se desejarem.

– Muito amável – disse Arlen antes que Renna pudesse responder, com voz tão facilmente ouvida como a do Protetor. – Mas pretendo que seja o Protetor Jona a fazê-lo quando regressar.

Novo murmúrio alastrou pelos presentes, que tinham passado a formar inegavelmente uma multidão. Hayes uniu os lábios com força e a sua boca tornou-se uma linha estreita que desapareceu entre a barba e o bigode densos.

– Eram próximos?

Arlen encolheu os ombros.

– Nem sempre concordei com ele, mas o Protetor Jona serviu bem o Outeiro no momento de maior necessidade. Anseio pelo seu regresso em breve.

O sorriso de Hayes dissipou-se e Franq pigarreou.

– Talvez devamos entrar, Santidade. Os outros convidados já chegaram. Esperam-vos na sala de jantar.

– Muito bem. Entremos, então – disse Hayes. Franq curvou-se e conduziu-os para dentro, fechando firmemente as grandes portas e deixando para trás os olhos e ouvidos curiosos.

Do pequeno nártex sob o coro, Renna viu uma nave capaz de albergar trezentas almas. O piso era de pedra simples tornada lisa pela passagem de pés incontáveis ao longo dos anos. Os bancos estavam igualmente gastos, com depressões côncavas na madeira de boa qualidade onde o verniz fora roçado por gerações de traseiros. As traves de suporte estavam decoradas com guardas, tal como os vitrais, mas os adornos ficavam por aí. O altar principal era igualmente simples, coberto com pano limpo decorado com hera e com o cajado torcido dos Protetores angieranos. Tapetes grossos tinham sido colocados por baixo.

– Terão de perdoar a modéstia das instalações – disse Franq.
– Quando as obras de expansão estiverem completas, teremos uma Casa do Criador digna, com os confortos adequados para que Sua Santidade receba convidados.

O ouvido apurado de Renna captou o som de Arlen cerrando os dentes, mas não disse nada enquanto Franq os conduzia a uma porta junto ao altar que dava passagem a um corredor estreito. Seguiram-no até uma sala de jantar pequena e sem janelas. A decoração era muito mais rica do que no resto do edifício. As paredes de pedra fria tinham sido cobertas com tapeçarias pesadas e uma mesa sólida de madeira dourada polida alongava-se de um extremo ao outro da sala, coberta com pano verde. A mesa estava posta com pratos de porcelana delicada, talheres de prata e um castiçal dourado. Uma fogueira aprazível ardia na lareira e mais velas ardiam ao alto num candelabro simples de madeira.

Três homens sentavam-se à mesa, mas ergueram-se prontamente quando o Protetor entrou.

– Recordarão Lorde Arther, o adido do conde – disse Hayes, apontando-o. – A seu lado, está o escudeiro Gamon, capitão da guarda condal.

Arther vestia calças de bom corte e botas polidas com uma camisa branca rendada e um tabardo ostentando a insígnia do conde, o soldado de madeira. Sobre as costas da sua cadeira repousava uma correia suportando uma lança polida. A arma estava guardada, com um guarda-mão complexo decorado com

pedras preciosas. Era bela e meticulosamente tratada, mas Arther não parecia a Renna ser um lutador e pensou se alguma vez provara sangue de demónio.

Sentiu água na boca ao pensar e teve de suprimir a repulsa. Em que se transformava para que tais coisas lhe abrissem o apetite?

Gamon vestia roupa igualmente rica, apesar dos punhos sem renda e de aparentar a dureza de um soldado, com a barba cortada rente que não crescia sobre a linha irregular da cicatriz deixada por um demónio. Fixava os olhos em Arlen, como se o avaliasse antes de um confronto. A sua lança parecia muito usada. Repousava contra a parede, facilmente alcançável.

– Muito honrado – disse Arther enquanto se curvava, juntamente com o capitão. – O conde apresenta as suas desculpas, mas a supervisão da construção do seu castelo demorou-o.

– Quer dizer que não quis ser visto a cear connosco – murmurou Arlen.

– E este é o arauto do duque, Lorde Jasin Tom-Dourado, sobrinho de Lorde Janson, primeiro-ministro de Angiers – disse Hayes, indicando o terceiro homem. – Jasin regressará a Angiers pela manhã, mas a vossa chegada em boa hora permitiu-lhe conhecer-vos antes de partir.

– Teria esperado o que fosse necessário para nos ver – disse Arlen, voltando a fazê-lo em voz demasiado baixa e sendo ouvido apenas por Renna.

O arauto envergava um casaco justo e calças de seda largas tingidas de verde-esmeralda, enfiadas em botas altas castanhas de couro macio. A meia capa era castanha, decorada com o trono de hera de Angiers. Afastou-a com um movimento floreado e curvou-se para Renna. Viu no forro o padrão multicolorido que esperaria de um Jogral.

– Nunca estive no Ribeiro de Tibbet – disse, beijando-lhe a mão. – Talvez deva retificar essa falha se as mulheres forem todas assim tão belas.

Renna sentiu-se corar.

– Basta – exclamou Arlen.

– Com efeito – concordou Hayes, olhando Jasin com desagrado.

– Sentem-se, por favor. – Indicou lugares a Arlen e Renna. Arther colocou-se prontamente atrás dela por um momento e quase o golpeou antes de perceber que se limitava a puxar-lhe a cadeira enquanto se sentava. A cadeira estava revestida com veludo. Nunca se sentara em nada tão macio.

Franq bateu com as mãos e surgiram acólitos com garrafas de vinho. Os homens, incluindo Arlen, retiraram os guardanapos da mesa e colocaram-nos sobre o colo. Atabalhoadamente, Renna fez o mesmo.

– Temos uma ementa formidável para esta noite – disse Franq. – Faisões assados recheados com alperce em molho de vinho e leitão assado sobre macieira com compota de ameixa. – Voltou-se para Renna. – Prefere tinto ou branco?

– Hã? – disse Renna.

Franq sorriu.

– O vinho, menina. Que tipo de vinho prefere?

– Há mais do que um tipo? – perguntou Renna, sentindo-se corar enquanto Jasin, Arther e Franq riam. – Que disse eu? – murmurou a Arlen entredentes.

Arlen parecia pronto a cuspir chamas.

– Nada – respondeu, não se esforçando por manter a voz baixa. – Estão a ser indelicados, olhando com sobranceria a sua comida e bebida refinadas enquanto, a quilómetro e meio de distância, há gente comendo ervas e agradecendo a generosidade do Criador.

Franq empalideceu, olhando o Protetor antes de voltar a olhar Arlen.

– Não quis ofend...

Arlen ignorou-o e olhou o Protetor Hayes.

– É isto que ensinas aos teus Discípulos, Santidade? Que é justo troçar da gente comum? No sítio de onde vimos, os Protetores usam túnicas modestas por um motivo.

Um movimento subtil no maxilar de Hayes indicava que cerrava os dentes.

– Não. Não é.

– Não é o que vejo – disse Arlen. Voltou a olhar Franq. – Que disseste acerca deste templo? Que era modesto? Que não era digno?

Franq parecia um cervo encurralado.

– Quis dizer apenas que algo mais grandioso...

– Não conheces o significado da palavra – interrompeu Arlen.

– Este templo é um símbolo da força dos outeiros. Quando tudo o resto estava perdido, este edifício manteve-se firme. Colocámos os feridos aqui, alguns precisamente aqui nesta sala, enquanto os seus parentes se erguiam na noite tentando protegê-los. Não há nada neste local que seja modesto. – Olhou Hayes. – Mas aceitariam demoli-lo para construir alguma coisa maior para que as pessoas esqueçam quem foram antes da vossa chegada e esqueçam quem foi o Protetor deste templo.

A expressão de Hayes endureceu ao ouvir aquilo.

– Outra vez Jona! Despiste a túnica castanha, mas continuas a falar como um Pastor do Rebanho, dizendo-nos como gerir a nossa ordem. O conde já prometeu que a mulher de Jona poderá vê-lo e, mesmo assim, provocas uma cena à vista do povo e repetes a façanha à minha mesa.

– A cena foi tua – referiu Arlen. Olhou os outros em redor da mesa. – Sei que nos acham tolos por termos vindo de um lugarejo, mas trabalhei durante muitos anos como Mensageiro e reconheço a política quando a vejo. Ergui-me no Cemitério e disse a todos que não sou Protetor ou enviado do Céu, mas não te bastou. Tiveste de forçar uma encenação para que pensassem que faço parte do teu rebanho. – Olhou Arther, Gamon e Jasin. – Enquanto a realeza envia os seus subalternos pela porta dos fundos para ouvir e levar notícias. Deixem-me fora dos vossos jogos. Não me rejo por qualquer Cãnone e não jurei fidelidade ao trono de hera.

Renna recostou-se na cadeira e observou, divertida. Ninguém lhe prestou qualquer atenção. Os outros homens pareciam

ultrajados, mas Hayes ergueu uma mão para os acalmar.

– Mesmo assim – começou –, o trono de hera é soberano em Angiers e todos dentro das suas fronteiras estarão sujeitos às suas leis. O duque Rhinebeck e o Pastor Pether decretaram que o Outeiro do Lenhador é um domínio canónico, Sr. Fardos. Enquanto residir aqui, deverá obediência à jurisdição do conde e também à minha.

– A lei do Evejah – disse Arlen.

– Como? – perguntou o Protetor.

– A religião e a lei também são indistintas em Krasia – explicou Arlen. – O seu livro sagrado, o Evejah, é a base de toda a sua cultura e, enquanto vão conquistando as terras a sul, os krasianos impõem a lei do Evejah às gentes aí residentes, forçando-os a cobrirem-se e a rezarem a Everam, quer lhes agrade ou não. Violam as mulheres e escravizam os homens, levando os seus filhos para serem doutrinados. Mesmo que cessem o seu avanço, todos os que habitam o seu território serão evejanos dentro de uma geração, quadruplicando o seu número.

– Compreenderás então porque deveremos resistir-lhes com todas as nossas forças – disse Hayes – e rejeitar este deus falso com uma renovação da fé no verdadeiro Criador.

– Resistindo-lhes desta forma, transformam-se neles – disse Arlen. – E não tolerarei que aconteça no Outeiro. Brada o que quiseres do púlpito. Se conseguires convencer as pessoas, a escolha será sua. Mas, se tentares alguma idiotice arcaica como oferecer aos demónios um fornicador preso a uma estaca, quebrarei a estaca sobre o joelho e trespassarei a tua porta com uma metade e a porta do conde com a outra.

– Não se atreveria! – rosou Franq.

– Verás – disse Renna.

– Como se atrevem?! – gritou Arther.

O capitão Gamon levantou-se, levando a mão à lança.

– Pela autoridade do conde Thamos, prendo-vos por traição...

Arlen reagiu com um grunhido de desprezo e nem sequer se ergueu. Traçou despreocupadamente uma guarda no ar e a

lâmina da lança de Gamon adquiriu a tonalidade cinzenta azulada de um céu nublado. O ar em volta da arma começou a tremeluzir e tanto a lâmina como a haste embranqueceram enquanto se cobriam com gelo.

Ouviu-se algo estilhaçar e Gamon gritou e largou a arma, recolhendo a mão como se a tivesse queimado. Jasin ergueu-se da cadeira enquanto a lança caía ao chão de pedra entre ambos, despedaçando-se em mil pedaços.

– Aaah! Criador! A minha mão! – guinchou Gamon.

– Para de te comportares como um tolo e senta-te – disse-lhe Arlen. Olhou um dos criados, que o fitava de olhos arregalados e boca aberta. – Traz uma taça de água fria para a mão do escudeiro. – O rapaz partiu a correr sem sequer olhar Hayes ou Franq.

Hayes ergueu os dedos, unindo-os.

– Consideras-te então acima da lei dos homens e da lei do Criador? É esta a forma de me dizeres que o teu discurso desta manhã foi uma mentira? Que acreditas realmente que és o Libertador?

Arlen abanou a cabeça.

– É a forma de te dizer que não sou um pobre coitado que possas manipular. Voltei ao Outeiro porque tenho trabalho a fazer, não para provocar rixas contigo ou com o conde. Desde que sirvas bem o povo, e parece-me que tens servido, quero que sejamos amigos. Mas tens tomado liberdades e precisas de saber onde terminam as guardas. Não tenho qualquer interesse em ser um peão no teu jogo político e pedirei explicações da próxima vez em que um de vós for suficientemente tolo para trocar da minha prometida.

Hayes acenou afirmativamente.

– Peço desculpa por qualquer insulto que te tenha sido dirigido a ti ou à menina Curtidor. Não foi intencional e asseguro – olhou Franq – que o meu adido será adequadamente repreendido. – O Protetor abriu as mãos.

– Também quero que sejamos amigos. Nem o conde nem eu desejamos ter-te como inimigo, Sr. Fardos. O irmão de Thamos,

o duque, ordenou-lhe que viesse para sul para defender a fronteira e proteger a sua gente. O mandato que recebi do Pastor Pether é praticamente idêntico. Venho para pregar aos outeiros como Jona teria feito e durante a sua ausência. E não me caberá grande influência na decisão do seu regresso.

– E esse é todo o teu mandato? – perguntou Arlen.

Hayes abanou a cabeça.

– Há mais um assunto. Tu.

– Eu – disse Arlen.

– Não és o primeiro aspirante a Libertador em Angiers – disse Hayes. – Surgem histórias acerca do Seu regresso com intervalo de alguns anos, sobretudo nos povoados. Os Protetores do Criador investigam a validade de cada caso. Eu próprio investiguei uma dúzia. Todos foram fraudes.

Arlen sorriu.

– Acrescenta mais um caso à lista. Não sou o Libertador.

Hayes inclinou-se para diante.

– Talvez não. Mas também não és um simples Mensageiro de um povoado, por mais que o afirmes. És rápido a dizer o que não és, mas ainda não disseste o que és. Usas magia dos demónios. O que nos garantirá que não vieste até nós do Núcleo?

O silêncio caiu sobre a sala e Renna eriçou-se. Os outros homens inclinaram-se para ouvir cada palavra na resposta de Arlen enquanto Hayes se recostava. Jasin colocou sobre a mesa um pequeno caderno e um lápis minúsculo. As histórias eram valiosas para os Jograis e, sobretudo, para os arautos, apesar de o seu público se limitar a uma pessoa.

– Viste-me ao sol hoje de manhã – disse Arlen. – Um nuclita consegue fazê-lo?

Hayes encolheu os ombros.

– Haverá uma primeira vez para tudo.

– E os milhares de demónios que matei, incluindo os que me viste matar na noite passada? – perguntou Arlen. – Serão apenas um estratagema para conquistar a confiança dos homens?

– Diz-me tu – disse Hayes.

– Não precisa de te dizer nada – exclamou Renna. Subitamente, todos os olhos se voltaram para ela.

– Perdoa-me – começou Hayes, falando num tom de repreensão –, mas...

– Arlen não queria vir aqui – continuou Renna, interrompendo-o. – Disse-me que isto aconteceria. Disse-me que tentarias usá-lo ou acusá-lo. Disse que seria mais produtivo falarmos com uma parede. Fui eu que lhe disse que deveríamos tentar ser cordiais. – Ergueu-se. – Lamento a minha decisão e não vejo motivo para ficarmos e ouvirmos esta conversa. Que o fiação vos saiba bem.

Dirigiu-se para a porta e Arlen encolheu os ombros ao Protetor, desculpando-se e sorrindo enquanto a seguia.

O sol punha-se no exterior e mantinha-se o bulício nas ruas do Outeiro. Esquadrões de Lenhadores formavam no Cemitério dos Nuclitas, preparando as patrulhas noturnas, e vendedores mantinham as lojas abertas, vendendo comida, bebida e outros objetos, parecendo não ter intenção aparente de encerrar. Até os trabalhadores que abriam os alicerces do novo templo continuavam a trabalhar. Renna sabia que a grande guarda os protegia a todos na noite, mas não interiorizara verdadeiramente o que isso significava. Liberdade durante o dia e durante a noite. No Condado do Outeiro, os humanos não eram forçados a viver dependentes do horário dos demónios.

– Não ficará demasiado escuro para trabalhar em breve? – perguntou Renna.

Arlen abanou a cabeça.

– A magia está prestes a erguer-se. Não tardará a haver luz suficiente para todos.

Renna pensou naquilo, procurando os primeiros fios de vapor luminoso erguendo-se do solo, visíveis apenas para os olhos guardados de ambos.

Mas não havia sinais da neblina mágica dentro da grande guarda. Ao invés, o solo pareceu tornar-se mais quente e começou a brilhar. A princípio, julgou que imaginava, mas

depressa a claridade se tornou impossível de ignorar. Era tão intensa que lhe parecia que todos conseguiriam percebê-la, com olhos guardados ou não. A postura despreocupada das pessoas que via na rua enquanto a escuridão aumentava passou a fazer sentido. Não estava claro como o dia, mas a luz era mais que suficiente para ver e trabalhar.

– É magnífico – disse Renna. Conseguia ver o limite não muito distante da grande guarda. A magia erguia-se com naturalidade aí, mas fluía para a grande guarda da mesma forma que fluía para Arlen quando a invocava. Sentia a guarda drenando também a sua magia. Aquele núcleo de poder crescente que nascera quando provou carne de demônio pela primeira vez era atraído como um íman por uma panela de ferro. Os seus passos pareciam pesados e sentia-se mais fraca e ligeiramente zozna.

– Costumava sentir-me... estranho na grande guarda – disse Arlen, como se lhe lesse os pensamentos. – Como se caminhasse dentro de água ou tivesse apanhado demasiado sol.

– Costumavas? – repetiu Renna.

– Tudo mudou agora – explicou Arlen. – A grande guarda concentra tanto poder e canalizá-lo é fácil como respirar. – Inspirou profundamente e as guardas na sua pele ganharam vida, brilhando mais intensamente do que alguma vez as vira. Expirou e o brilho cessou. – Consigo até devolver o excesso à guarda se não precisar dele, fortalecendo a proteção. – Olhou Renna. – Estou poderoso, Ren. Mais do que alguma vez sonhei. Nem sequer preciso de matar. Não sei se será suficiente, mas, quando chegar a Lua Nova, o que o Núcleo decidir lançar contra nós terá à sua espera uma luta tremenda.

Virou-se para outro edifício de grande dimensão situado do outro lado do empedrado. Era a única estrutura guardada que Renna vira no Outeiro, com guardas grandes e poderosas gravadas na madeira.

– O hospício – disse Arlen. – Preciso de ver a mestra Vika antes que parta para Angiers. E talvez consiga aliviar-lhe o

trabalho. Quando terminar, não lhe restará sequer uma criança com nariz a pingar.

– Parece-te boa ideia? – perguntou Renna. – Voltará a animar a conversa do Libertador.

– Acontecerá quer queira ou não – disse Arlen. – Não sou o Libertador, mas estou cansado de esconder o que posso fazer. Agitámos um vespeiro quando matámos aquele demónio da mente e, a não ser que esteja muito enganado, os ferrões começarão a fazer-se sentir na Lua Nova. Precisamos que todos estejam de pé.

Renna franziu a testa.

– O que foi? – Arlen percebeu a expressão. Renna cruzou os braços e virou-lhe as costas.

No momento seguinte, sentiu os braços de Arlen envolvendo-a e apertando-a delicadamente.

– Se algo te preocupa, Ren, diz-me o que é. Aprendi muito com o demónio, mas ainda não estou disposto a tentar ler mentes.

Renna suspirou.

– Não gosto que cures.

Arlen endireitou as costas.

– O quê? Porquê? Preferes que deixe as pessoas doentes? Mutiladas? Moribundas?

Renna desejava ardentemente permanecer entre os seus braços, mas afastou-os, virando-se para ele.

– Não é isso. Não me parece seguro. Dizes-me que sou descuidada, mas quase te matas sempre que curas alguém. És demasiado teimoso para saber quando deves parar. Por isso, sim, prefiro que algum tolo que haja partido uma perna a tenha tratada da forma tradicional em vez de perderes os sentidos tentando curá-la.

Esperou que lhe gritasse, mas Arlen apenas acenou com a cabeça.

– Aprendo ainda a fazê-lo. Mas tenho o poder da grande guarda para canalizar e serei cuidadoso, Ren. Prometo.



SEIS

O BRINCO

333 DR Verão 29 Auroras antes da Lua Minguante

—**AH!** AAAAAH!

A irritação fez Inevera suster a respiração enquanto os gritos da pega nortenha se erguiam do seu brinco.

O brinco parecia um enfeite simples de prata, mas estava guardado com guardas minúsculas e era energizado por meio fragmento de osso de demónio ao centro. A outra metade do fragmento estava alojada no outro brinco, que entregara a Jardir no dia do seu casamento, mantendo-o alheio à sua verdadeira natureza.

Se me amares, nunca o tirarás, disse-lhe naquele dia.

As guardas estavam habitualmente desalinhas, mas, com um movimento, Inevera podia ativá-las e o pedaço de hora estabelecia uma ligação com o seu gémeo, transmitindo-lhe o som como um jogo infantil de copos e cordel.

Incluindo o som de Leesha Papel gemendo de prazer ao ouvido do seu marido.

Sou uma palmeira, disse Inevera a si própria. *E isto é apenas o vento. Curvarei, mas não partirei.*

Moveu o olhar para Melan e Asavi, as suas conselheiras mais próximas. Não conseguiam ouvir o anel (a sua magia era

exclusiva de quem o usasse), mas pouca importância fazia. Os jogos amorosos de Ahmann e Leesha decorriam abertamente, pelo menos dentro do palácio. Inevera era forçada a sorrir e a fingir-se despreocupada, mesmo enquanto sentia corroer-se o seu poder sobre as damas e os homens na corte de Jardir.

Cerrou um punho. Havia pouca coisa que podia fazer para se opor. Ahmann era o Shar'Dama Ka e, por qualquer interpretação do Evejah, era seu direito possuir qualquer mulher que desejasse. Inevera esforçara-se durante anos para assegurar que as suas necessidades fossem satisfeitas por si própria ou por mulheres cuidadosamente escolhidas, que dessem poder e filhos ao seu marido, mas que fossem facilmente dominadas ou eliminadas.

Leesha Papel não era nenhuma dessas coisas. Conseguia dar poder a Ahmann, mas mostrava-se cautelosa e comportava-se com a altivez de uma Primeira Esposa do Andrah. Não aceitava ser dominada e Inevera falhara por duas vezes a sua eliminação. Na primeira vez, ordenara à sua filha mais velha, Amanvah, prometida de Rojer, o nortenho de cabelo ruivo, que a envenenasse. A rapariga era leal, mas inexperiente, e fracassou na tarefa.

Leesha poderia ter-se queixado a Jardir, tornando pública e medonha a sua disputa. Jardir teria ficado furioso. Talvez de forma incontrollável.

Mas não disse nada e permitiu mesmo que Amanvah permanecesse na sua companhia. Inevera vira-se forçada a conceder-lhe algum respeito por isso e, quando ordenou aos seus Vigias eunucos que entrassem à força nos aposentos de Leesha pouco depois, tentara amedrontá-la em vez de se limitar a matá-la. Nessa mesma noite, fora forçada a salvar-lhe a vida para que pudessem enfrentar juntas o demónio da mente que tentava matar Jardir.

Claro que, se não o tivesse feito, o demónio poderia ter tirado a vida a Jardir e também a sua. Por mais que lhe custasse admiti-lo, a bruxa nortenha possuía talentos formidáveis e o seu poder crescera nessa noite. Inevera não conseguiu impedi-la de

extrair alagai hora poderosos ao demônio da mente, tal como também fizera. Enviara eunucos para os recuperar, mas regressaram vencidos e de mãos vazias. Leesha não voltaria a ser surpreendida.

E, assim, Inevera mantinha-se à escuta. Ouvindo e tentando não se sentir substituída. Suplantada. Humilhada.

Encheu os pulmões, acalmando-se. A mulher regressaria ao seu povoado bárbaro em breve. Não lhe sentiria a falta. Inevera voltaria a reclamar o lugar que lhe pertencia na cama de Jardir e tudo voltaria a ser como era.

Talvez.

Os gemidos e gritos de paixão cessaram, substituídos por murmúrios delicados. Inevera forçou o ouvido, tentando perceber as palavras murmuradas. Era pior do que os gritos de paixão e o ruído dos corpos unindo-se. Inevera vira muitas vezes o marido com outras mulheres e conhecia bem os sons que produzia e os que arrancava às mulheres. Confiante na sua dança das almofadas, Inevera não receava nada que Leesha pudesse fazer durante o amor. Eram os momentos de silêncio, quando Jardir e Leesha se aninhavam, que odiava.

– Casa comigo – disse Jardir.

– Quantas vezes terei de recusar para que deixes de o repetir? – replicou Leesha, fingindo ignorar a enorme honra que lhe era conferida.

– Se me recusares dez mil vezes – disse Jardir –, pedirei outras dez mil. Vamos. Ainda há tempo. Sou o Shar'Dama Ka e posso casar-nos com um gesto da mão. Casa-te comigo agora. Em segredo. A tua mãe e Abban podem ser as testemunhas e assinar os contratos. Mais ninguém saberia até decidirmos. Mas nós saberíamos.

Abban. Inevera arreganhou os dentes. Estava envolvido naquilo, preparando os seus jogos de poder próprios e aspirando a um caminho para o ouvido de Jardir. Precisaria também de lidar com ele.

– Pede-me dez mil ou vinte mil vezes – disse Leesha. – A resposta será sempre negativa. Tens esposas em número

suficiente.

– Negarei a minha cama a todas elas – disse Jardir, enfurecendo Inevera. – A todas menos Inevera – corrigiu, fazendo-a recuperar o fôlego, mas continuando atordoada pela sua tolice. Dizia-se que os Sharum não regateavam e Jardir era Sharum até aos ossos.

– Então teria de te partilhar apenas com uma mulher e não com catorze? – perguntou Leesha.

– Partilhas-me agora – rosnou Jardir. E Inevera mordeu o lábio ao ouvir o som dos seus beijos.

– Estamos sozinhos, Ahmann – disse Leesha, enquanto Jardir gemia de prazer. – Durante as próximas horas, não te partilharei com ninguém.

– Damajah! – gritou Melan. – As tuas mãos!

Inevera baixou o olhar e viu sangue escorrendo-lhe dos punhos fechados. As unhas longas e pintadas eram afiadas e tinham cortado a pele das mãos. Entorpecida, nem sequer percebera. Mesmo depois de as olhar, parecia-lhe que pertenciam a outra pessoa enquanto Melan e Asavi as seguravam, limpando-as cuidadosamente e ligando os ferimentos.

Como chegara àquele ponto? Como falhara Ahmann para que a envergonhasse daquela forma? Acompanhara o seu treino antes que os Sharum conseguissem espancá-lo até perder todo o seu potencial ou antes que o deixassem morto na imensidão. Entregara-lhe Krasia unificada e dera-lhe os instrumentos para repelir os alagai de volta ao abismo de Nie. Dera-lhe quatro filhos e três filhas e escolhera Jiwah Sen para lhe aquecerem a cama e para lhe darem ainda mais filhos.

– Talvez devesse ter-lhe escolhido pegas nortenhas para que saciasse a sua sede de pele clara – murmurou.

– Os homens são criaturas previsíveis – disse Melan.

– A primeira coisa que fazem quando conquistam algo é esfregarem-se sobre a conquista como cães – concordou Asavi.

– Muitos Sharum desenvolvem gosto por pele pálida.

Mantendo-se como amantes após tantos anos, Melan e Asavi partilhavam aposentos e estavam sempre juntas. Não tinham qualquer interesse pessoal em homens que fosse além da sua semente e há muito usavam os dados para escolher os pais das suas herdeiras, apressando o ato numa noite e não voltando a ver o homem responsável.

Mas, apesar de todo o seu preconceito, as palavras soavam-lhe verdadeiras e Inevera deveria ter antecipado aquilo. Porque não o fizera, o seu marido estava enfeitado por uma rameira infiel na câmara perfumada em que se deitara com ele em tantas ocasiões.

Os conselhos sussurrados por Leesha tinham já começado a mudar Ahmann, fazendo-o repensar séculos de cultura e tradição. Alguns dos decretos resultantes eram suficientemente inócuos, mas outros eram perigosos, alienando o seu povo para respeitar sensibilidades nortenhas, esquecendo que deveriam ser seus súbditos e não seus aliados.

Não teriam anos de vida suficientes para se preocuparem com os chin. A Sharak Ka aproximava-se. De algumas formas, tinha já começado.



SETE

TREINO

300 DR

INEVERA SEMPRE ODIARA que o seu pai trouxesse Sharum para casa. Cozinhava e servia com a mãe enquanto o pai lhes gritava e as empurrava, exibindo a sua autoridade aos amigos cada vez mais embriagados e rudes, jogando sharak com dados de barro. Mesmo antes de envergar as vestes negras, Kasaad proibira Soli de fazer qualquer trabalho. «És um guerreiro, meu filho. Não um khaffit ou uma mulher!»

Quando era mais jovem, os homens ignoravam Inevera e olhavam Manvah, mas, quando se aproximou da idade adulta, alguns desses olhares começaram a voltar-se na sua direção. Um dos Sharum, um homem revoltante chamado Cemal, tentara mesmo apalpá-la.

Mas, apesar de não poder cozinhar ou servir, Soli estivera sempre presente para a proteger. A mão de Cemal mal começara a apertar quando o irmão fez embater o joelho entre as pernas do homem e lhe partiu o nariz.

Kasaad rira, troçando de Cemal e congratulando o filho, mas nem sequer olhara Inevera para ver se estava bem. Pior ainda, continuara a convidar Cemal para a sua casa e não fez nada

para travar os olhares. Inevera sabia que os Sharum esperavam apenas uma distração de Soli.

Servir o pai e meia dúzia de Sharum embriagados aterrorizava Inevera, mas não tanto como servir o Chá da Lua Cheia às dama'ting.

Um semicírculo de almofadas de veludo dispunha-se sobre uma carpete grossa na sala de refeições. Kenevah era a primeira a sentar-se ao centro e era-lhe imediatamente servida uma chávena de chá fumegante por Melan. A rapariga era como fumo, surgindo num momento para encher a chávena e desaparecendo no momento seguinte.

– Qeva, senta-te à minha direita – disse Kenevah, indicando uma almofada. – Favah, à minha esquerda.

Qeva sentou-se no lugar indicado, tal como Favah, uma Noiva venerável que parecia ainda mais velha do que Kenevah. Asavi e outra nie'dama'ting avançaram para as servir.

Kenevah ergueu a chávena e as três mulheres beberam. A seguir, Kenevah convidou mais duas Noivas a sentarem-se, uma de cada lado. Foi-lhes servido chá quente e beberam as cinco.

O chá para o par de mulheres seguinte, servido pelos mesmos bules, não estava muito quente. O do par seguinte estava apenas morno. Quando a última Noiva se sentou e todas beberam, estava frio.

A comida foi servida na mesma ordem, com a preferida de Kenevah recebendo os melhores cortes de carne, apesar de todas se terem alimentado com comida mais refinada do que Inevera julgara possível. O cheiro deixava-a zozna de fome.

Depois daqueles rituais, as dama'ting descontraíram, conversando pacatamente entre elas. Os seus belos eunucos cozinhavam e ocupavam-se de transportar as vitualhas da cozinha, mas cabia às Prometidas servirem diretamente as Noivas.

A dama'ting diante de Inevera terminou o chá e pousou a chávena vazia à sua frente. Vendo que Inevera não voltava a enchê-la de imediato, olhou-a com uma sobancelha erguida. Inevera apressou-se a erguer o bule, deixando cair uma gota

sobre a mesa. A dama'ting a seu lado olhou, fungando de desdém.

Quando voltou ao serviço, Melan beliscou-a e precisou de esforço para não chorar.

– Idiota – sussurrou a rapariga. – Todas pagaremos por isso. Volta a entornar uma gota e, no próximo banho, ficarás debaixo de água até conheceres pessoalmente Everam.

Mesmo com companhia tão exclusiva, as dama'ting mantinham os véus colocados, debruçando-se sobre as taças e usando um par de paus lisos para levar rapidamente porções de comida até à boca. Ocasionalmente, Inevera captava um vislumbre de uma boca ou de um nariz e afastava imediatamente o olhar. Parecia-lhe mais obsceno do que ver Kasaad e Manvah sob cobertores.

Quando as dama'ting terminaram a ceia, as Prometidas serviram-se dos restos da cozinha. Melan e as outras raparigas empurraram Inevera para o fim da fila e restava pouca coisa quando terminaram. Conseguiu encher uma malga com o que ficara pegado ao interior das panelas, mas as outras raparigas sentaram-se em círculos fechados, isolando-a deliberadamente. Comeu sozinha e moveu-se com passos atordoados quando Qeva as conduziu de volta à Cripta ao anoitecer.

As nie'dama'ting dormiam num dormitório comunitário iluminado por um teto coberto de guardas de luz. Inevera ergueu os olhos e admirou os símbolos mágicos com espanto indisfarçável.

– Não tardarás a aprender a fazer guardas – disse Qeva, percebendo o seu olhar. – Melan, qual é a tua enxerga?

Havia várias fileiras ordenadas de enxergas no centro do dormitório. Melan apontou uma colocada ao canto, muito distante da porta.

Qeva acenou afirmativamente.

– Quem dorme ali? – Apontou a enxerga ao lado.

– Asavi – respondeu Melan. A rapariga referida apressou-se a avançar.

Qeva grunhiu.

– A tua companheira de almofada terá de encontrar um novo sítio. Inevera dormirá a teu lado durante as próximas doze luas, para que melhor possas instruí-la.

Melan silvou de forma quase impercetível enquanto Asavi começava a recolher os seus pertences, sobretudo livros e instrumentos de escrita. Olhou Inevera com desagrado quando passou por ela. Inevera sentiu o olhar afiado como um punhal.

– Usarão livremente o vosso tempo até a luz das guardas se extinguir – disse Qeva, saindo em seguida.

Inevera susteve a respiração, esperando que as raparigas corressem para ela, mas voltaram a ignorá-la, formando pequenos círculos compactos e mantendo-a de fora. Dirigiu-se para a sua enxerga, ergueu o Evejah'ting e começou a ler.

A luz das guardas só se extinguiu por completo horas depois, mas o número de páginas que leu não era suficiente para vincar a lombada do livro grosso. Marcou a página com uma fita e adormeceu num sono agitado.

Inevera acordou sentindo alguém sobre ela na escuridão. Os olhos ajustaram-se à falta de luz, mas conseguiu ver apenas uma silhueta movendo-se cautelosamente para não fazer ruído. Susteve a respiração por um momento. A seguir, pensou melhor e começou a fingir a respiração profunda do sono. Deixou-se ressonar ligeiramente, tal como a mãe fazia com frequência.

Inevera não tinha outros pertences além do seu Evejah'ting e da sua bolsa de hora, nada que pudesse usar como arma, mesmo que se atrevesse a enfrentar um dormitório repleto de raparigas que a desprezavam. Poderiam matá-la ali, na escuridão, sem serem punidas? Retesou os músculos, preparando-se para fugir, apesar de não haver fuga possível. Mesmo que conseguisse encontrar a porta, estava trancada por fora.

Mas a silhueta voltou a mover-se, passando pela cama de Melan. Ouviu um cobertor ser erguido.

– Acho que me ouviu – sussurrou Asavi.

Seguiu-se uma pausa.

– Está a dormir. Ouço-a ressonar – disse Melan. – E que importa o que pense um miserável erro dos dados?

Inevera permaneceu deitada na enxerga, tentando manter o ritmo dos ressonos enquanto ouvia os sons de beijos e sussurros apaixonados na enxerga de Melan. Nunca beijara outra rapariga, nunca sequer pensara nisso, mas invejou-as. Nunca se sentiu tão sozinha.

Voltou a acordar, daquela vez sentindo uma pontada dolorosa no dorso. Gritou, tentando sentar-se e viu Melan recuando o pé para outro pontapé.

– Acorda, erro dos dados.

As guardas voltavam a brilhar e a maior parte das outras raparigas já tinha tecido os seus bidos. Ansiosa por verter águas, Inevera correu para a cortina da latrina, mas Melan segurou-lhe um braço.

– Deverias ter acordado mais cedo se querias tempo para isso. A dama'ting chegará a qualquer momento e, se não tiveres o bido tecido quando chegar, uma bexiga cheia será a menor das tuas preocupações.

Inevera sentiu a face gelar e, no instante seguinte, procurava um novelo de seda limpo, esquecendo o desconforto. As outras raparigas olharam-na com expressões de desprezo enquanto tecia rapidamente o bido.

Asavi cuspiu-lhe sobre os pés.

– É filha de uma cesteira. Não prova nada.

Quase imediatamente após terminar, as portas pesadas do dormitório abriram-se diante de Qeva. As raparigas alinharam-se, vestindo apenas os bidos, e Inevera seguiu-as para fora da Cripta, a caminho de outra grande câmara no subpalácio.

– Começamos cada dia com sharusahk – advertiu Melan. – Não fales. Faz exatamente o que a dama'ting fizer.

Inevera acenou afirmativamente enquanto as raparigas formavam filas ordenadas distanciando-se dois passos umas das outras. Qeva avançou para um pequeno estrado no extremo da sala, abrindo o roupão. A seda caiu com um sussurro e ergueu-

se nua diante das raparigas reunidas, mantendo apenas o véu e o toucado.

Lentamente, iniciou uma série de alongamentos. As outras raparigas imitaram-na e Inevera esforçou-se por fazer o mesmo. O corpo de Qeva era musculado e parecia macio, cobrindo-se rapidamente com uma camada de suor e óleo perfumado. Inevera tentou perceber como movimentos tão lentos conseguiam fazer a mulher transpirar como se tivesse corrido ao sol durante uma hora.

Os movimentos eram delicados e precisos, nada como os movimentos amplos e brutais que Soli treinara. Mas, apesar de parecerem delicados, as posturas revelaram ser muito mais complexas que as de Soli. Inevera foi forçada a assumir posições que não julgara possíveis e a mantê-las durante longos períodos de tempo. Músculos que nunca usara protestaram contra o esforço e começou a transpirar profusamente, sentindo o coração acelerado enquanto ia tentando encher os pulmões de ar. Parecia-lhe que nenhuma quantidade de inspirações seria suficiente e receou perder o controlo da bexiga a qualquer momento.

Qeva inclinou-se para diante sobre a perna esquerda até que todo o seu corpo ficou perpendicular ao chão, esticando os braços à sua frente como se desse um abraço. O pé direito erguia-se no ar e curvava-se para trás, com os dedos quase tocando o fundo das costas.

Inevera tentou imitá-la, mas perdeu o equilíbrio, caindo para a frente.

– Mantenham a postura – disse Qeva e as outras raparigas ficaram suspensas naquela posição precária enquanto descia do estrado.

– De pé – ordenou a dama'ting. Inevera apressou-se a obedecer e Qeva colocou-lhe uma mão sobre o peito nu e a outra entre as omoplatas. – Respira pelo nariz. Profundamente. – Apertou e Inevera teve de superar a pressão para encher o peito de ar.

A dama'ting grunhiu.

– Para fora. Devagar. – Continuou a apertar enquanto Inevera expirava lentamente.

– Outra vez – disse Qeva. – O fôlego é vida. Se tiveres fôlego, tens o teu centro. Se tiveres o teu centro, nada conseguirá tocar-te verdadeiramente. Não sentirás dor ou fome. Amor ou ódio. Medo. Ansiedade. Apenas o fôlego.

Inevera sentia-se acalmar. Os protestos insistentes da bexiga cheia e do estômago vazio dissiparam-se enquanto acompanhava o percurso do seu fôlego, do nariz ao peito e em sentido inverso. À sua volta, algumas das raparigas começaram a vacilar, com o esforço alterando-lhes as expressões enquanto mantinham a pose difícil.

– Comigo – disse Qeva. Continuando a apertar, começou a respirar num ritmo lento e Inevera acompanhou-a. – Enquanto a respiração te limpar a mente, os gestos focam o corpo até agirem as duas partes como uma. – Quando alcançou a sincronia, a dama'ting retirou as mãos e segurou os braços de Inevera, abrindo-lhos.

– Capuz de serpente – disse Qeva, olhando as outras raparigas. – Prossigam.

Ouviram-se suspiros de alívio enquanto as raparigas se endireitavam, esticando os braços para o teto.

– Estes são os sharukin – disse Qeva, orientando Inevera ao longo dos movimentos seguintes, corrigindo-lhe delicadamente a postura. – Bico de abutre. Corrida do chacal.

Inclinou Inevera para diante na posição que a fizera cair.

– Cauda de escorpião.

A dama'ting colocou o pé esquerdo sobre o pé de Inevera, mantendo-lhe a posição enquanto arqueava o pé direito em torno do seu tornozelo direito, erguendo-lhe a perna até conseguir segurá-la, puxando-a cada vez mais para cima e curvando-a até Inevera sentir os tendões forçados até ao limite. Gemeu e esforçou-se por manter o equilíbrio.

– Respira – disse Qeva. – És a palmeira e o fôlego é o vento. Usa o seu poder para te reconduzir ao equilíbrio e para te guiar de uma postura à seguinte.

Inevera regressou ao ritmo e percebeu que a respiração controlada a ajudava realmente. Qeva percebeu o seu equilíbrio renovado e acenou afirmativamente, regressando ao estrado.

A lição prosseguiu durante mais algum tempo. Inevera continuava a vacilar e sentia-se estranha, com as articulações forçadas e ardendo, mas manteve a respiração estável e sentiu-se aliviada quando Qeva descontraíu finalmente, levando a mão a uma caixa junto ao estrado. Ouviu-se um ruído metálico e ergueu quatro minúsculos címbalos, dois presos aos polegares e dois aos indicadores.

Acenou com a cabeça e Melan foi buscar a caixa, retirando os seus címbalos e passando-a à rapariga seguinte. Todas fizeram o mesmo e não tardaram a ocupar as posições anteriores, esperando que Qeva iniciasse a parte seguinte da lição.

Qeva virou-se de perfil e ergueu as mãos bem alto com os címbalos preparados. Uma perna esticava-se à sua frente e a outra era mantida direita.

As raparigas imitaram a mesma postura e Inevera deu o seu melhor para fazer o mesmo.

– Joelhos dobrados – disse Qeva. – Peso apoiado sobre os calcanhares.

Quando Inevera corrigiu a postura e encontrou o seu centro, a dama'ting bateu os címbalos quatro vezes, girando as ancas arredondadas de cada vez num movimento brusco.

– Todas – disse, repetindo o movimento. As outras raparigas imitaram-na com precisão muito ensaiada, mas, para Inevera, o movimento foi mais difícil do que parecia.

– Outra vez – disse Qeva. – Olha com atenção.

Voltou a fazer soar os címbalos e a girar as ancas e, mais uma vez, as minúcias do movimento escaparam a Inevera. Primeiro, não percebia como mover as ancas e, além disso, os seus címbalos não batiam em simultâneo com os das outras. Fazer as duas coisas em simultâneo parecia-lhe impossível.

Qeva repetiu o movimento uma e outra vez. Inevera sentia a irritação das outras raparigas enquanto se esforçava, mas não podia fazer nada além de continuar a tentar.

Por fim, Qeva pareceu satisfeita. Começou a tocar os címbalos num padrão alternado, acompanhando o ritmo com as ancas. Inevera conseguiu acompanhar o ritmo e depressa se tornou algo fácil. Deu consigo a sorrir.

Mas, então, a dama'ting iniciou novo movimento, contornando o estrado com graça felina sem cessar de marcar o ritmo com os címbalos e as ancas. Era belíssimo. Hipnótico. E, quando Inevera tentou imitá-la, chocou contra Melan, fazendo-as cair às duas.

– Idiota! – exclamou Melan.

Qeva saiu do estrado, esbofeteando violentamente Melan na face e fazendo os címbalos soarem com o impacto.

– A culpa é tua, Melan! A Damaji'ting designou-te a ti para a guiar no caminho de uma nie'dama'ting! Que lhe ensinaste? Nem sequer conhecia o capuz de serpente ou a primeira volta das ancas?

Ergueu um dedo junto à face de Melan.

– Terás de aprender a aceitar as tuas responsabilidades de forma mais séria. Até Inevera conseguir acompanhar a aula, é-te negada a entrada na Câmara das Sombras.

Todas as outras raparigas abriram a boca de espanto e Melan arregalou os olhos.

– Continua a fixar em mim esses olhos – disse Qeva – e darás contigo a viver no grande harém como brinquedo para os Sharum.

Melan baixou o olhar, curvando-se numa vénia.

– Sim, dama'ting.

Depois do sharusahk, as raparigas alinharam-se junto à cozinha, onde um par de eunucos idosos serviu uma concha de papa rala a cada uma. Inevera via nos olhos de Melan e das outras raparigas que pretendiam empurrá-la para o fim da fila e cedeu voluntariamente. Não havia nada a ganhar com confronto desnecessário. Seria melhor parecer dócil enquanto se iniciava no caminho das nie'dama'ting.

A malga de Inevera nem sequer estava meia cheia com os últimos restos aguados da panela de papa. Mesmo assim, mal

teve tempo de engolir a última colherada antes de Melan se aproximar.

– O sol não tarda a nascer – disse. – As dama'ting partem para o pavilhão em breve e Nie nos carregue se chegarmos atrasadas.

– O pavilhão? – repetiu Inevera.

Melan olhou-a como se fosse uma idiota.

– Os Sharum regressam do Labirinto ao amanhecer e os feridos são levados para o pavilhão. Auxiliamos as dama'ting no seu tratamento.

Inevera recordava os gritos de Sharum feridos filtrados pelas paredes de lona dias antes e imaginou-os à sua volta, cobertos de sangue, uivando de dor enquanto ajudava as dama'ting a cortar e coser a sua carne.

Subitamente, sentiu-se zozna e corada. A papa rala subiu-lhe até à garganta.

Melan esbofeteou-a com força. Vomitou a papa num jorro que sujou o chão de pedra e as paredes da câmara. Cada rapariga presente voltou na sua direção olhares frios. Não havia dama'ting presentes e os eunucos mantiveram-se tão mudos como sempre.

– Tomates de Everam! Encontra o teu centro! – explodiu Melan. – Não há nada que as dama'ting encarem com maior seriedade que o cuidado dos feridos. A Câmara das Sombras já me foi negada. Se uma gota de sangue de Sharum cair por culpa da tua fraqueza, as dama'ting far-me-ão pagar a dobrar. – Aproximou-se mais, reduzindo a voz a um sussurro. – E, se isso acontecer, corto-te os mamilos e obrigo-te a comê-los.

Inevera olhou-a enquanto interiorizava as palavras. Melan não lhe deu tempo para responder, segurando-lhe um braço e puxando-a para a Cripta. As raparigas lavaram rapidamente a cara e as mãos, vestiram as túnicas brancas e voltaram a formar uma fila. Melan seguiu à frente no caminho de volta às portas da Cripta, onde as esperava a dama'ting que as conduziu para fora do palácio, atravessando a Subcidade até às catacumbas

sob o pavilhão das dama'ting Kaji, onde esperaram que os dama cantassem a alvorada dos minaretes do Sharik Hora.

Auxiliar as dama'ting no tratamento dos feridos era tão sangrento e horrendo como Inevera recebera. Ecoavam nos seus ouvidos os gritos, metade pertencendo a Sharum demasiado perdidos na agonia para conseguirem acolher a dor e metade pertencendo a Melan e às dama'ting, amaldiçoando a sua lentidão.

Certa vez, enquanto transportava um tabuleiro de instrumentos ensopados num líquido ácido que fazia o cheiro do couzi parecer agradável, tropeçou e entornou algumas gotas. Melan esmurrou-a em cheio na cara enquanto Qeva e outra dama'ting olhavam. Nenhuma das mulheres disse uma palavra, mais interessadas nos instrumentos que Inevera transportava do que na bochecha que começava a inchar.

Na maca à sua frente, um guerreiro debatia-se enquanto tentavam cortar as vestes negras para exporem um corte profundo no abdómen. As Noivas atiraram fragmentos de placas de armadura de cerâmica para um cesto de folhas de palmeira onde tilintaram, ensopadas em sangue.

Qeva atirou um par de cordas de seda a Melan.

– Prende-o.

Melan segurou uma das cordas, passando a outra a Inevera.

– Mexe-te e faz o mesmo que eu. – Rodeou os punhos com a corda, separando-os com a distância de um antebraço.

Não teve tempo para ponderar as instruções antes de Melan começar a mover-se, com rapidez e graça quase impossíveis, enrolando a corda à volta do pulso do guerreiro, torcendo e puxando para lhe manter o braço direito. Tentou resistir, mas Melan conhecia os ângulos em que o seu braço era mais forte e manteve o controlo.

– Agora! – gritou enquanto o homem tentava segurá-la atabalhoadamente com a outra mão. Inevera avançou, tentando fazer o que Melan tinha feito. Prendeu o pulso do Sharum numa volta de seda, mas não sabia onde tocar ou como aplicar o peso do corpo, tal como Melan. O guerreiro atingiu-a com um golpe

com as costas da mão, fazendo o murro de Melan parecer suave como um beijo.

Inevera atingiu o chão com força e Qeva silvou, pressionando a articulação do ombro do homem com dois dedos esticados. O braço moveu-se num espasmo e perdeu a força durante tempo suficiente para que Inevera recuperasse a corda e voltasse a prendê-lo. Qeva olhou Melan, irritada e Melan, por sua vez, olhou Inevera em silêncio enquanto imobilizavam o guerreiro. A dama'ting forçou-lhe uma poção narcótica pela garganta abaixo e depressa ficou inerte. As Noivas começaram a cortar, ignorando o sangue e outros fluidos menos nobres que manchavam a brancura imaculada das túnicas.

– Não resultará – disse Qeva, após algum tempo.

– Precisa da magia dos hora para sobreviver – concordou a outra Noiva. Olhou Melan. – Levem-no para as catacumbas.

Melan acenou afirmativamente e, juntamente com Inevera, ergueram os pés da maca que pendiam da mesa de operações. O guerreiro pesaria mais do que as duas raparigas juntas, mas Inevera conhecia bem o trabalho árduo e os seus passos não vacilaram. Asavi correu à sua frente para abrir o alçapão e as dama'ting conduziram-nas pela escuridão abaixo.

Asavi esperou até Inevera e Melan descerem e fechou o alçapão atrás delas, deixando-as em treva completa até Qeva expor o seu pedaço luminoso de osso de demónio, iluminando o caminho até uma câmara de pedra contendo outra mesa de operações. Havia uma porta de aço na parede de pedra e Qeva abriu-a com uma chave que trazia pendurada ao pescoço, revelando o que parecia ser um sortido de pedaços de carvão e ossos enegrecidos. Alagai hora. Escolheu um pedaço de dimensões modestas e fechou a porta com um clique que indicava o funcionamento do mecanismo de tranca.

– Sucção – disse Qeva. Melan trouxe um instrumento composto por tubos e foles operado com um pedal. Inevera operou o pedal enquanto Melan introduzia um dos tubos no ferimento aberto do guerreiro, sugando o sangue para um recipiente de vidro.

A dama'ting limpou as arestas do ferimento, começando por limpar o sangue e rapando-lhe a pele em seguida. Enquanto trabalhavam, Asavi preparava pincéis e uma taça de tinta.

– Inevera, aproxima-te – disse Qeva. Asavi substituiu-a no pedal e Inevera aproximou-se das Noivas, certificando-se de que não as atrapalhava.

Qeva não a olhou quando falou.

– Primeiro, a guarda sifão, pintada a norte do ferimento. – Mergulhou um pincel na tinta e traçou um símbolo estranho. Inevera observou com atenção, esperando que a tinta brilhasse, mas não viu qualquer efeito. – A seguir, as guardas de força, resistência e sangue. – Traçou-as rapidamente, movendo o pincel no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio pela carne do Sharum, aplicando guardas em cada ponto cardeal em volta do ferimento.

– Agora terão de ser unidos – disse Qeva, desenhando a mesma guarda quatro vezes nos vãos entre as outras, formando um octógono.

Quando terminou, gesticulou à outra dama'ting, que lhe estendeu o fragmento de osso retirado do armário. Assim que o osso foi aproximado do ferimento, as guardas traçadas por Qeva começaram a cintilar intensamente.

– As guardas não são mágicas – explicou Qeva. – Mas canalizam magia do osso de demónio e aplicam o poder dos alagai aos desígnios de Everam.

Enquanto Inevera olhava com a boca escancarada, a carne do Sharum começou a regenerar-se, com o ferimento fechando como duas mãos entrelaçando-se. Momentos depois, o ferimento desaparecera sem deixar sequer uma cicatriz. A pele nova pareceu mais pálida, intocada pelo sol ou pela areia constantemente soprada pelo vento, mais saudável até do que a pele em redor.

– Louvado seja Everam – sussurrou Inevera, espantada. – Com tal magia, nenhum Sharum voltará a morrer.

Qeva abanou a cabeça tristemente.

– Quem me dera que assim fosse. Nem a magia dos hora consegue curar os ferimentos mais graves e tal poder tem o seu preço. – Indicou o pedaço de osso de demónio, que se desfazia na mão da outra dama'ting. – A cura é a magia mais exigente e não poderá ser usada de ânimo leve. Os alagai poderão ser um flagelo infundável, mas colher os seus ossos custa mais vidas do que as que poderemos salvar com eles. Devemos usar o seu poder com contenção.

– E em segredo – acrescentou a outra Noiva, severamente. – Os Sharum são já demasiado descuidados com as suas vidas. Everam saberá os níveis de idiotia que atingiriam se soubessem que possuímos tal poder. Será melhor sarar o maior número possível de forma natural.

Qeva acenou afirmativamente.

– Manteremos este afastado dos seus irmãos durante algum tempo. Sob o efeito de drogas que o manterão inconsciente até «sara».

– Mas não será necessário para nos defender dos alagai? – perguntou Inevera.

Melan riu-se e Qeva olhou-a.

– Obrigada por te ofereceres para transportar este guerreiro de volta ao pavilhão e para lavar seda de bido durante o resto do dia, filha.

Melan enrijeceu as costas, mas curvou-se.

– Peço desculpa pela minha falta de respeito, mãe.

Qeva dispensou-a com um movimento da mão.

– Desculpas aceites. Leva Asavi contigo.

Sem saber o que fazer, Inevera permaneceu estática enquanto as duas raparigas erguiam o Sharum curado da maca e o levavam para fora da câmara. A outra dama'ting iluminou-lhes o caminho com o brilho de um osso de demónio.

Depois de saírem, Qeva voltou-se novamente para ela.

– Apesar da sua falta de respeito, Melan estava certa. São as muralhas guardadas e não os guerreiros que protegem a Lança do Deserto. Até ao regresso do Libertador, a alagai'sharak

existirá apenas para satisfazer o orgulho dos homens, desperdiçando vidas por vitórias que não valerão o preço pago.

A blasfêmia fez Inevera arregalar os olhos. Soli e Kasaad arriscavam a vida no Labirinto todas as noites. Avôs, tios e todos os seus antepassados masculinos durante trezentos anos tinham morrido no Labirinto, como sempre imaginara que aconteceria aos seus filhos. Não poderia ser apenas por uma questão de orgulho masculino.

– O Evejah não nos diz que matar alagai justifica qualquer preço?

– O Evejah diz-nos que obedecer ao Shar'Dama Ka justifica qualquer preço – disse Qeva. – E o Shar'Dama Ka ordenou que matássemos alagai.

Inevera abriu a boca, mas Qeva ergueu um dedo e fê-la calar-se.

– Mas o Shar'Dama Ka morreu há três mil anos e levou as guardas de combate para a sepultura. Todas as noites, morrem mais homens no Labirinto do que os que nascem em cada dia. Éramos milhões antes do Regresso. Agora, somos menos de cem mil. Tudo por culpa dos homens e do seu jogo ridículo.

– Jogo? – repetiu Inevera. – De que forma a defesa das muralhas da cidade dos demónios na alagai'sharak sagrada será um jogo?

– Porque as muralhas não precisam de defesa – respondeu Qeva. – Kaji construiu a Lança do Deserto com duas muralhas guardadas, uma exterior, sobre o antigo perímetro da cidade e uma interior, para proteger o oásis e os palácios e tribos circundantes. Entre ambas, ergue-se o Labirinto, construído sobre as ruínas da cidade exterior. – Fez uma pausa, olhando Inevera. – Nenhuma das muralhas foi alguma vez violada.

Inevera fitou-a, curiosa.

– Então como entram os demónios no Labirinto todas as noites?

– Deixamo-los entrar – rosnou Qeva. – O Sharum Ka escancara os portões até o Labirinto ficar bem cheio. A seguir,

volta a fechá-los, aprisionando os demónios no Labirinto para que os seus homens os cacem.

A sensação era semelhante à provocada pelo tabefe de Melan. Sentiu-se zozna e apoiou uma mão na parede para se equilibrar.

– Respira – disse Qeva. – Encontra o teu centro.

Inevera fez o que lhe pediu, inspirando fundo de forma ritmada, firmando os membros e acalmando o coração acelerado.

A técnica ajudou, mas não foi suficiente para a afastar de toda a raiva que sentia. Parte dela queria esbofetear todos os homens da cidade. Considerara que Soli e o seu pai eram corajosos. Acreditara que o seu sacrifício era grandioso por entrarem no Labirinto todas as noites. Mas, se a solução fosse simplesmente deixar os portões fechados...

– Aqueles... idiotas – disse, por fim.

Qeva acenou afirmativamente.

– Mas, idiotas ou não, não caberá a uma nie'dama'ting aligeirar o seu sacrifício.

Inevera recordou o castigo de Qeva a Melan e corou. Curvou-se.

– Compreendo, mãe.

Qeva arqueou as sobrancelhas.

– Mãe?

Inevera mordeu o lábio.

– «Mãe» não é a forma de tratamento adequada de uma Prometida para com uma Noiva?

Os olhos de Qeva pareceram sorrir.

– Não. Melan trata-me dessa forma porque é minha filha.

Descobrir aquilo não fez nada para aliviar a tensão súbita que Inevera sentiu.

– Chamou «avó» a Kenevah...

Qeva acenou afirmativamente.

– Assim é. Sou a herdeira da Damaji'ting.

Inevera sentiu um aperto no coração. Qeva sempre lhe parecera justa, apesar de severa. Não seria uma amiga, mas

também não seria uma inimiga. Depois de ouvir aquilo...

– Respira – disse Qeva novamente, erguendo uma mão e esperando que Inevera encontrasse o seu centro. – Não sou tua inimiga. Acostumei-me à minha posição de poder entre as dama'ting, mas aprendi há muito que não sucederei à minha mãe na liderança das mulheres Kaji. Melan ainda não conseguiu aceitar esta verdade e não vergou ao seu vento, mas rezo a Everam para que consiga fazê-lo com o tempo.

A mão apaziguadora de Qeva apontou-lhe um dedo.

– Mas não me entendas mal. Não sou tua inimiga, mas também não sou tua amiga. Será necessária uma mulher especial para liderar as dama'ting Kaji com força, competência e humildade perante Everam, tal como faz a minha mãe. Se não mostrares ser suficientemente humilde, competente ou forte para sobreviver e vestir as vestes brancas – encolheu os ombros –, será inevera.

Inevera sentiu a face gelar, mas concentrou-se na respiração e manteve o centro.

– Sim, dama'ting.

– Ótimo – considerou Qeva. – Vem comigo. – Saiu da câmara e Inevera seguiu-a pelas passagens ocultas da Subcidade de volta ao Palácio das Dama'ting. A maioria dos túneis era iluminada por guardas cintilantes dispostas em linhas no teto e no piso.

Quando chegaram aos aposentos da dama'ting, o eunuco com que Qeva falara no dia da sua chegada abriu-lhes a porta, nu além das grilhetas douradas. Podia não ter bolas, mas o seu membro pendia pesado diante dos seus olhos e Inevera não conseguiu evitar olhá-lo.

– Impressionante, não é? – perguntou Qeva. – Khavel é um dos meus preferidos. Um amante dotado e um servo leal. Mas receio que tenhas de afastar dele o olhar. Testemunharás a sua perícia em primeira mão durante as lições de dança das almofadas.

Lições de dança das almofadas? Inevera sentiu ansiedade ao ouvir aquilo, mas misturada com um pouco de curiosidade.

Qeva não lhe deu tempo para pensar. Ergueu uma caixa quadrada contendo areia branca fina e um pau. Havia um sulco no topo e no fundo que permitiam fazer deslizar um painel de lado a lado, alisando a areia. Entregou o pau a Inevera.

– Viste-me traçar cinco guardas esta manhã. Desenha-mas.

Inevera uniu os lábios com força, mas aceitou o pau, fechando os olhos para visualizar cada guarda antes de iniciar o seu desenho cuidadoso. Tal como Qeva fizera, desenhou um octógono com uma guarda em cada um dos vértices. Quatro eram únicas e a quinta repetia-se quatro vezes para as unir. Segurava o pau perto da extremidade, como se fosse uma caneta, formando os símbolos curvos com movimentos precisos do pulso hábil. Quando terminou, ergueu o olhar, orgulhosa.

Qeva estudou a sua obra durante longos minutos antes de dizer:

– Revelaste maior talento para o sharusahk. Só duas destas contêm algum poder e em quantidade muito reduzida.

Inevera sentiu-se abatida enquanto a Noiva deslizava o painel e recebia o pau nos dedos.

– Começamos com uma guarda sifão. Aqui estão as presas do demónio – disse Qeva, traçando duas marcas curvas na areia enquanto Inevera se debruçava, estudando-as atentamente. – Flutuam em redor ou escondem-se dentro de cada guarda, canalizando magia para o símbolo. A forma da guarda orienta o poder para o seu fim último. – Continuou a desenhar, segurando o pau pela extremidade oposta. – Vê como o meu pulso permanece firme. O pincel é movido pelo braço e não pela mão. As guardas são mais fortes quando são traçadas numa linha única e contínua e não poderás fazê-lo apenas com o pulso.

Rapidamente, Qeva desenhou o sifão e Inevera percebeu como a sua memória fora má. A vergonha fê-la corar, mas Qeva pareceu não notar, alisando a areia e devolvendo-lhe o pau.

– Outra vez.

Inevera obedeceu, mas segurar o pau como Qeva fizera era estranho e a guarda ficou ainda pior na segunda tentativa.

Os olhos de Qeva mantiveram-se frios enquanto alisava novamente a areia.

* * *

Quando Inevera regressou por fim à Cripta, doía-lhe o quase tanto o braço de segurar o pau como lhe doía a bexiga, que parecia prestes a explodir. As suas vestes continuavam salpicadas com sangue de Sharum.

Mas pareciam-lhe preocupações distantes, desconfortos físicos facilmente ignorados. Com Melan e Asavi ocupadas, pôde finalmente verter águas e usar os banhos.

Havia óleos perfumados e sabonetes, instrumentos para aparar unhas e pedras ásperas para alisar a pele. As outras raparigas fizeram questão de a ignorar enquanto pegava numa lâmina e terminava o trabalho que tinham começado na noite anterior, rapando os últimos restos de cabelo até a cabeça ficar completamente suave ao toque. Parecia-lhe estranha. Como se fosse a pele de outra pessoa.

Mas, enquanto o seu corpo descontraía, a mente de Inevera estava em queda livre. Tudo o que sempre soubera, tudo aquilo em que sempre acreditara fora-lhe arrancado e revelado como mentira. Nada parecia fazer sentido. Nada parecia importar.

Durante a ceia, sentiu-se desligada de si própria. Apercebia-se vagamente do corpo enquanto servia as dama'ting, correndo a satisfazer as suas vontades e desaparecendo com a mesma rapidez. Ironicamente, isto pareceu exatamente o que desejavam e servia-as melhor quando não pensava conscientemente nas tarefas atribuídas. Não que tivesse forças para pensar nelas, continuando a tentar encontrar um elemento constante ou uma verdade que lhe servissem de apoio. Até o Evejah, que orientara a sua educação e que acreditara ser a verdade derradeira, revelava ser subjetivo, com os grandes feitos de Kaji e as leis que os dama deles derivavam expondo-se diante dos seus olhos. O Evejah'ting incluía a perspetiva da Damajah acerca dos mesmos eventos que tinham moldado o

mundo e, frequentemente, era muito diferente do relato masculino.

Qual seria verdadeiro? O relato de Kaji ou o relato da primeira Inevera? Ou estariam ambos repletos de mentiras e verdades parciais? Os eventos ocorridos três mil e trezentos anos antes teriam alguma relevância?

Ansiava pelos braços da mãe, pela segurança que sentia quando Soli lhe despenteava o cabelo preto abundante. Mas esse cabelo tinha desaparecido e Soli também. Talvez voltasse a vê-lo, mas era mais provável que morresse no Labirinto antes de se tornar dama'ting, se alguma vez conseguisse alcançar esse objetivo. Sentiu uma pontada de pesar por Kasaad e pelos seus amigos Sharum embriagados. Poderia realmente julgar as ações de homens forçados a entrar no Labirinto para enfrentar sem necessidade hordas de demónios em cada noite?

Mas, apesar de toda a dor que sentia e do turbilhão emocional, Inevera percebeu que, mesmo que pudesse acenar com a mão e varrer os dois dias anteriores, não o faria. Passara nove anos na escuridão e, pela primeira vez, via uma luz.

Magia. Ensinavam-lhe a magia dos hora.

Inevera recordou a repulsa ao ver o minúsculo osso de demónio que Qeva usara para iluminar o caminho até à sua avaliação. Teria mesmo ocorrido apenas no dia anterior? Parecia-lhe que passara uma vida inteira. O que mais desejava naquele momento era segurar um osso de demónio na mão e curar ferimentos com um movimento.

Sentiu o coração acelerado e forçou-se a regressar à respiração ritmada que lhe permitia tocar o seu centro. Pouco depois, o seu corpo descontraíu e conseguiu afastar-se novamente. Os problemas e questões continuavam a girar à sua volta, mas assemelhavam-se mais a areia soprada pelo vento, um incómodo ignorável.

Arrastou os pés em silêncio no fim da fila das nie'dama'ting e conseguiu que o eunuco lhe entregasse uma malga cheia daquela vez. Comeu em silêncio e foi escoltada de volta à Cripta com as outras raparigas.

Encontra o teu centro! Melan gritara-lho ao pequeno-almoço, imediatamente antes do tabefe. Inevera quase desejou que voltasse a fazê-lo, apenas para conseguir lembrar a sensação.

Seria aquilo o que significava encontrar o centro? O que significava ser uma dama'ting? Aquelas mulheres não sentiriam realmente nada enquanto contemplavam o futuro e tomavam decisões de vida ou de morte para homens e mulheres, enquanto viviam como Damaji em palácios, com todos os seus desejos satisfeitos?

Quando regressaram à Cripta, a dama'ting deixou-as na sua liberdade noturna até a luz das guardas se extinguir. Ouviu trancas pesadas serem corridas depois de puxar as portas atrás de si. Inevera dirigiu-se para a sua enxerga e para o Evejah'ting que sobre ela repousava.

Mal percebeu a aproximação de Melan até se sentir lançada pelo ar. Embateu violentamente contra o chão e a dor puxou-a de volta à realidade.

Olhou para cima enquanto apoiava as mãos para se apoiar. Tal como acontecera nos banhos, as outras raparigas tinham formado um círculo à sua volta enquanto Melan se aproximava.

Suspirou. *Outra vez não.*

– Devo ensinar-te sharusahk – disse Melan. – Ser-me-á negada a Câmara das Sombras até aprenderes!

Inevera recuou lentamente enquanto Melan avançava e ficou encostada ao anel de raparigas. Uma delas empurrou-a para diante.

– Escorpião! – gritou Melan, curvando-se habilmente pela cintura e rodeando as ancas de Inevera com os braços enquanto erguia um pé para trás, atingindo-a em cheio na face.

Inevera tombou, atordoada, e precisou de vários momentos para recuperar antes de conseguir voltar a levantar-se. Melan manteve a postura.

– Escorpião – entoaram as raparigas em redor, cada uma assumindo a mesma postura. – Escorpião. Escorpião...

Inevera manteve a respiração estável e surpreendeu-se ao perceber que não sentia medo. Era óbvio que Melan pretendia

espancá-la, mas parecia inútil resistir. Duvidou que a rapariga lhe provocasse danos duradouros e, de qualquer forma, pouco poderia fazer para o evitar. O melhor seria submeter-se e aprender o que pudesse.

O seu centro estava forte enquanto adotava a postura do escorpião, conseguindo equilibrar-se apesar do inchaço que sentia na cara.

Aquela reação pareceu enfurecer Melan mais do que nunca, como se esperasse que Inevera chorasse e suplicasse. Naquele momento, Inevera sentiu pena dela. A mãe de Melan, a herdeira de Kenevah, lançara os ossos que a tinham trazido para ali. Que pretenderia provar com toda aquela raiva e ciúme?

– Flor murcha! – gritou Melan, baixando o corpo e movendo-se com rapidez, projetando os dedos rígidos da mão direita contra o abdómen de Inevera.

Sentiu uma dor súbita e perdeu a sensação nas pernas, desabando sobre o chão.

– Não é apenas saber como golpear – disse Melan. – Também é necessário saber onde. – Antes que Inevera conseguisse controlar os membros e erguer-se, Melan imobilizou-a no chão, pressionando os joelhos sobre os seus braços, mantendo-a indefesa e sem apoio.

Estendeu a mão, pressionando os nós dos dedos indicadores com força contra as têmporas de Inevera.

A dor era intensa, como um relâmpago queimando-lhe o cérebro. Viu pontos luminosos e debateu-se inutilmente, esquecendo a respiração.

Pareceu-lhe que passara uma eternidade até Melan se erguer. Inevera permaneceu deitada, respirando lentamente até conseguir reencontrar o centro.

– Flor murcha – começaram a entoar as outras raparigas, cada uma repetindo a postura enquanto o fazia. – Flor murcha. Flor murcha...

Inevera ergueu-se, trémula, e imitou-as.

– Uma áspide-dos-túneis – disse Qeva às raparigas, mostrando às nie'dama'ting uma caixa de vidro. No interior, via-

se um pedaço de pedra oco sobre fundo arenoso e, no interior da pedra, uma pequena serpente enrolada com escamas cinzentas. – Não existe criatura mais mortífera sob o sol.

Inevera e as outras Prometidas aproximaram-se para ver melhor. Tinham passado meses e os dias tinham adquirido um ritmo, começando sempre com sharusahk e com o tratamento de Sharum feridos, seguindo-se as lições, algumas partilhadas com outras raparigas da sua idade e outras a sós com Qeva.

– É tão pequena – murmurou.

– Não te deixes enganar pelo seu tamanho – disse Qeva. – O veneno de uma áspide-dos-túneis faz as picadas de escorpião parecerem beijos doces. Uma mordedura é suficiente para matar um Sharum em minutos. A áspide-dos-túneis ataca rapidamente e retira, esperando que a presa morra. Tem todo o tempo para esperar. Os outros animais não se alimentarão das criaturas que envenena, receando que o veneno também os mate. – Enquanto falava, retirou a tampa da caixa, arregaçando uma das mangas de seda até ao cotovelo. Com uma mão, segurou um pequeno rato do deserto pela cauda. Este guinchou e debateu-se, desesperado, pressentindo o perigo. Deixou-o cair na caixa da áspide, diante da pedra oca.

Imediatamente, a serpente moveu-se para morder o rato. Mas, apesar da sua velocidade, Qeva foi mais rápida. A sua mão moveu-se num borrão enquanto segurava a serpente pela cabeça e a erguia da caixa. Começou por se debater, mas os dedos de Qeva eram firmes e acalmou-a com ruídos serenos e carícias na cabeça.

– Podemos forçar a áspide a expor os seus dentes aplicando pressão na base do crânio. – Pressionou com o polegar e dois dentes curvos, antes alinhados contra o topo da boca, alongaram-se. Havia um minúsculo frasco de vidro sobre a mesa, com a abertura coberta por uma membrana fina. Qeva pressionou os dentes da serpente contra a membrana.

– As bolsas de veneno situam-se de cada lado da cabeça, aqui e aqui. – Apontou. – Apertá-las, fará o veneno escorrer para o nosso frasco. – Fê-lo e algumas gotas caíram no interior

do recipiente de vidro. Qeva voltou a colocar a serpente na caixa de vidro, onde se encolheu imediatamente e olhou o rato, movendo lentamente a cabeça de lado a lado. O rato fitou-a, paralisado em vez de tentar fugir e seguindo os movimentos da serpente. Por fim, a áspide atacou, mordendo uma única vez e abrigando-se na sua pedra oca, deixando o rato a debater-se sobre a areia. Momentos depois, estava imóvel e hirto.

– Mesmo depois de recolhermos o veneno, o resíduo nos dentes foi mais do que suficiente para matar – disse Qeva enquanto a serpente deslizava para fora do abrigo para reclamar o seu prémio, deslocando as mandíbulas para engolir o rato inteiro. – A áspide alimenta-se e adormece. Amanhã por esta hora, as suas bolsas de veneno voltarão a estar cheias. – Ergueu o frasco minúsculo, que conteria talvez três lágrimas de veneno. – Esta quantidade é suficiente para nos matar a todas dentro desta sala. Quem sabe dizer-me como se prepara o antídoto?

Várias raparigas ergueram a mão, mas nenhuma antes de Inevera.

Inevera e as outras raparigas ajoelharam-se à volta do círculo de almofadas, mantendo as costas direitas e os olhos atentos. Além das nie'dama'ting, havia várias raparigas dal'ting com toucados negros, enviadas para estudar no Palácio das Dama'ting antes de regressarem ao grande harém.

Qeva despiu a túnica e também o toucado e o véu. Por baixo, vestia calças de tecido diáfano que fluíam como fumo arroxeadado envolvendo-lhe as pernas e terminando em pulseiras de tornozelo decoradas com guizos dourados sobre os pés descalços de unhas pintadas da cor do tecido. Também a vestimenta que lhe cobria o tronco era transparente, dando liberdade aos seios firmes e deixando o ventre liso exposto, com uma corrente dourada prendendo a bolsa de hora em veludo negro e um pequeno frasco. Dúzias de pulseiras douradas tilintavam-lhe nos pulsos. O sexo estava descoberto, rapado como o resto do seu corpo, exceto as sobrancelhas e o cabelo preto abundante, que lhe caía em anéis lustrosos presos com

ouro. Apenas a face permanecia coberta com um véu de seda roxa opaca que acentuava o roxo diáfano. Óleo perfumado fazia-lhe reluzir o corpo.

Ao fundo da sala, um trio de eunucos envelhecidos começou a tocar um ritmo regular com zurna, tombak e kanun. Qeva moveu a cabeça e Khavel aproximou-se. O eunuco musculado estava vestido, como era habitual, apenas com as grilhetas douradas e com um pano de seda que pendia como uma bandeira sobre o seu grande membro endurecido. Como muitas das outras raparigas, Inevera sentiu os seus olhos atraídos para o membro escondido como o metal era atraído por um íman. Moveu-se, desconfortável.

A dama'ting riu-se.

– Como podem ver, Khavel está já preparado para o seu dever. Mas um homem deverá sempre ser provocado até perto da loucura antes de lhe ser permitido embainhar a lança. – Segurou o braço de Khavel e girou, usando o peso do eunuco para o projetar sobre as almofadas.

A seguir, começou a dançar. As suas ancas moveram-se ao ritmo da música enquanto começava a marcar um ritmo complementar com os minúsculos címbalos de latão presos aos polegares e aos indicadores. Os guizos dourados nos tornozelos e as pulseiras reforçavam o efeito enquanto girava sobre o leito de almofadas, com pés tão rápidos como se praticasse sharusahk. Com efeito, muitos dos seus movimentos eram os mesmos que praticavam em cada manhã nas horas antes do amanhecer.

Khavel fitou-a, hipnotizado como o rato diante da áspide-dos-túneis. O pano que o cobria estava esticado, parecendo prestes a rebentar e o mesmo se aplicava aos seus músculos, tensos e definidos, com veias pulsando com o fluir do seu sangue.

Continuou assim até Inevera começar a sentir-se zozna. A sala estava quente, repleta de fumo doce de incenso e começou a oscilar com a música, seguindo o ritmo da dama'ting. As outras raparigas reagiam da mesma forma, todas olhando atentamente enquanto a Noiva rondava a sua presa indefesa.

Por fim, Qeva atacou, aproximando-se das almofadas e puxando o pano de Khavel para revelar a sua lança orgulhosa. Passou um dedo sobre toda a sua extensão e o eunuco sem língua gemeu. Erguendo o frasco da corrente presa à cintura, verteu óleo na palma da mão e esfregou as mãos até conseguir cobri-las com a substância viscosa.

– Há sete carícias referidas pela Damajah nos seus relatos das noites em que se deitou com Kaji – disse a dama’ting, estendendo a mão para o membro de Khavel. – Observem com atenção enquanto demonstro cada uma.

Khavel lançou a cabeça para trás, voltando a gemer, mas a Noiva apertou-o com firmeza abaixo da extremidade semelhante a um cogumelo, emitindo ruídos apaziguadores enquanto esperava que voltasse a acalmar-se.

– Apesar de Khavel ser desprovido de bolas, os homens com quem se deitarem não o serão. Terão nas suas entranhas as gerações futuras de Krasia e o Evejah’ting ordena que nem uma gota da sua semente seja vertida ou engolida.

Uma e outra vez, os movimentos da dama’ting conduziram o pobre Khavel ao limiar do clímax, mas, de cada vez, esta aplicou pressão e esperou pacientemente que voltasse a controlar-se.

– Sete carícias – disse a dama’ting enquanto se posicionava para montar o eunuco. – Mas existem setenta vezes sete formas de nos deitarmos com um homem. Esta é a primeira, Jiwah Superior. Não bastará moverem-se para cima e para baixo sobre a lança. Deverão... enriquecer o movimento. – Demonstrou, usando muitos dos movimentos de anca da sua dança, agora aplicados à prática.

– Quando controlamos os órgãos de um homem nas almofadas, controlamo-los a eles – explicou a dama’ting. – E poderão assegurar também o vosso prazer. A maioria dos homens mal sabe onde deve enfiá-la e limitar-se-á a montar como um cão se lhe for concedida essa liberdade.

Enquanto se alongava no sharusahk matinal, Inevera sentiu os músculos doridos pelas horas incontáveis passadas a praticar a dança das almofadas. Tinha calos minúsculos nas pontas dos

dedos que seguravam os címbalos além de bolhas nos pés. Alisá-las-ia com pedra-pomes no banho, mais tarde.

Mas, além de dorida, Inevera também se sentia forte. Mais forte do que alguma vez sentira, mesmo quando transportava grandes pilhas de cestos pelo bazar. Estava preparada para iniciar o sharukin, mas Qeva não despiu a túnica. Ao invés, ordenou às raparigas que formassem um círculo à sua volta e convocou um eunuco musculado. Não era Khavel, mas um eunuco chamado Enkido.

Como os outros eunucos, Enkido comunicava com as mãos numa sucessão de gestos complexos que Inevera e as outras nie'dama'ting aprendiam como parte da sua educação. As dama'ting podiam transmitir ordens detalhadas aos seus servos com gestos e receber respostas igualmente detalhadas nas raras ocasiões em que eram necessárias.

Mas a semelhança terminava aí. Ao contrário dos outros eunucos, Enkido vestia sempre uma túnica negra, apesar de manter as grilhetas douradas da servidão. O seu véu era vermelho, significando que fora um instrutor Sharum antes de vir para o Palácio das Dama'ting, um especialista em sharusahk e um mestre do Labirinto. Dizia-se que tinha matado muitos alagai, gerado muitos filhos e ensinado muitos guerreiros antes de ser enfeitado por uma dama'ting, aceitando voluntariamente que lhe fossem cortadas as bolas e a língua.

Inevera ouvira dizer que continuava a usar as vestes negras para esconder as cicatrizes terríveis que recebera enquanto Sharum, mas, quando a dama'ting bateu com as mãos, despiu a túnica e fê-la gemer de espanto, tal como muitas das raparigas mais jovens.

Tinha cicatrizes, mas há muito tinham sarado. Eram mais símbolos de honra do que marcas desagradáveis. Não fora esse o motivo do espanto das raparigas, mas sim as tatuagens no corpo rapado e musculado. Sobre todo o corpo, havia linhas e pequenos círculos, com as marcas negras cobrindo-lhe os membros e o tronco até ao pescoço e à cabeça calva.

Qeva despiu também a túnica e ambos se ergueram nus, voltados um para o outro, apesar de a dama'ting manter o véu, como sempre fazia. Gesticulou e Enkido atacou, movendo-se com rapidez assustadora. O seu peso era duas vezes superior ao da mulher, mas não pareceu abrandá-lo enquanto se enfrentavam e conseguiu imobilizá-la, erguendo-lhe os pés do chão para não conseguir apoiar-se.

Mas a dama'ting não pareceu preocupada. Moveu-se ligeiramente e cravou dois dedos rijos num dos pontos tatuados do seu peito. Imediatamente, um dos braços perdeu as forças e Qeva conseguiu afastá-lo como se afastasse o braço de uma criança, afastando-se do eunuco e projetando-o até ficar de costas no chão.

– Todas as criaturas de Everam são guiadas por linhas de poder e por pontos de convergência onde os seus músculos, tendões, ossos e energia se concentram – explicou a dama'ting.
– São pontos de grande força, mas também de vulnerabilidade. Toquem o ponto certo e até os mais poderosos perderão a força.

Gesticulou e o guerreiro voltou a atacar, daquela vez sem tentar imobilizá-la e golpeando com pontapés rápidos como relâmpagos e murros súbitos como os movimentos de uma áspide-dos-túneis.

Mas a dama'ting curvou-se como uma palmeira numa tempestade, arqueando-se nesta e naquela direção sem que os golpes conseguissem atingi-la. Por fim, moveu-se quase com gentileza a meio de um pontapé, pressionando um dos pontos assinalados na sua perna de apoio. Cedeu e, apesar de Enkido conseguir controlar a queda, erguendo-se prontamente, perdera as forças na perna e não conseguia apoiar-se nela. Apoiou todo o peso do corpo na outra perna, erguendo as mãos num gesto protetor enquanto aguardava a ordem da dama'ting.

Esta voltou-se para as raparigas.

– Treinado no Sharik Hora, Enkido foi o maior mestre de sharusahk que os Sharum Kaji conheceram num século. Nenhum homem da tribo conseguiu vencê-lo e os alagai fugiam

diante de si. Mais do que uma dama'ting procurou a sua semente para abençoar as suas filhas e, através delas, descobriu a nossa arte. Mas, apesar de implorar uma e outra vez, foi-lhe recusada a aprendizagem. A Damajah ensina que nenhum homem merecerá possuir os segredos da carne. Por fim, a Damaji'ting apiedou-se dele e disse-lhe que apenas com a perda da língua e da liberdade lhe seria permitido vislumbrar os nossos segredos. Quebrou a lança sobre o joelho nesse preciso momento, usando a extremidade para cortar a língua e para mutilar a sua virilidade. Esvaindo-se em sangue, caiu aos pés da Damaji'ting. Deixando de ser um homem, foi tratado e abençoado com o direito de auxiliar na vossa formação. Tratá-lo-ão com todo o respeito.

Em uníssonos, Inevera e as outras raparigas curvaram-se diante de Enkido. Apesar de ser apenas um eunuco, olhou-as com a expressão severa de um instrutor avaliando os seus nie'Sharum e, quando falou com as mãos, as raparigas apressaram-se a obedecer.

Inevera mantinha a mão sobre o Evejah'ting, mas não o abriu, mantendo os olhos fechados enquanto recitava os versos sagrados:

E do metal sagrado forjou a Damajah os três tesouros sagrados de Kaji.

Em primeiro lugar, a capa,

Metal sagrado martelado em fio flexível,

Tecendo a mais fina seda com guardas de invisibilidade.

Trabalhou durante meses,

Seguindo a vontade de Everam

Até os olhos dos alagai se tornarem cegos à presença de Kaji com a vestimenta,

Com a facilidade com que os seus dedos cobertos de óleo kanis lhe deslizaram pela pele.

Em segundo lugar, a lança,

Metal sagrado martelado fino como pergaminho

Decorado com guardas,

Dobrado setenta e sete vezes sobre uma haste de hora.

*A lâmina foi feita da mesma folha,
Dobrada e fundida com pó de hora
Setenta e sete vezes
Nos fogos do abismo de Nie.
Trabalhou durante um ano,
Seguindo a vontade de Everam,
Até a aresta que revestiu com pó de diamante,
Conseguir cortar a pele de Nie.
Por fim, a coroa,
Metal sagrado guardado de ambos os lados,
Camuflando os muitos poderes que nela depositou.
Fundido num círculo cortado do crânio de um príncipe demônio.
As nove pontas de chifres principescos,
Cada um decorado com uma pedra capaz de concentrar o seu
poder único.
Trabalhou durante dez anos,
Seguindo a vontade de Everam,
Até o próprio senhor dos demônios ser impedido de tocar os
pensamentos de Kaji,
Ou de se aproximar se o Shar'Dama Ka o não desejasse.
Com estes tesouros, Kaji tornou-se o mais temido dos
guerreiros,
E os príncipes cobardes de Nie
Fugiam do campo de batalha sempre que abria a capa.*

Qeva acenou afirmativamente quando Inevera terminou, apontando a bancada em torno da qual as nie'dama'ting se tinham reunido, sobre a qual se dispunham taças de metal pronto para ser derretido.

– Os metais preciosos são melhores condutores de magia que os metais comuns. A prata é melhor que o cobre, o ouro é melhor que a prata. Mas a transferência nunca é perfeita. Haverá sempre perda.

Olhou Inevera.

– O que é mais precioso que o ouro?

Inevera hesitou, sabendo que não lhe serviria de nada olhar as outras raparigas em busca de auxílio. Por fim, abanou a

cabeça.

– Perdão, dama'ting. Não sei.

Qeva riu-se.

– Serias a tua homónima renascida se soubesses. A Damajah, abençoada seja, partilhou muitos segredos nos seus versos sagrados. Mas, em toda a sua sabedoria, guardou outros para que não fossem roubados pelos seus rivais. Muitos deles perderam-se nos milénios. As guardas de invisibilidade, os poderes da lança e da coroa e o metal sagrado.

Ergueu uma taça.

– Começaremos as nossas lições com o cobre.

Semanas depois, Inevera deu consigo de pé diante de um vidro espelhado, traçando guardas à volta dos olhos com lápis. Treinara os símbolos mil vezes, como vinham no Evejah'ting e invertidos, como teria de os desenhar ao espelho para obter a máxima potência.

Algumas das raparigas mais velhas, entre as quais se encontravam Melan e Asavi, tinham passado além do lápis, usando diademas delicados com moedas guardadas sobre as frentes, mas o primeiro diadema de Inevera era ainda um conjunto de moedas por terminar e uma medida de fio dourado numa bolsa à cintura.

Qeva inspecionou-a meticulosamente quando terminou os desenhos, erguendo-lhe o queixo com dedos firmes e voltando-lhe bruscamente a cabeça nesta e naquela direção. Não disse nada, emitindo apenas uma ligeira exclamação de satisfação, mas isso significou mais para Inevera do que o elogio mais rasgado. A falha mais ínfima seria anunciada em tom trocista a todas as raparigas e seria forçada a lavar a cara e começar do início.

Sentiu um arrepio enquanto a dama'ting levava um dedo a uma pequena malga de líquido negro. Parecia tinta, mas o cheiro bastou para a fazer perceber que se tratava do sangue vertido pelos demónios.

Estava morno quando Qeva lhe tocou a testa, mas não queimou como Inevera receou. A mancha provocava um

formigueiro e sentia a magia na pele, atraída pelas guardas traçadas a lápis e dançando sobre as suas linhas delicadas.

No momento seguinte, os seus olhos ganharam vida e o espanto roubou-lhe o fôlego, fazendo-a perder o centro. A luz de guardas ténue da sala foi suplantada por luz em cada canto, alastrando sobre o chão e entranhando-se nas paredes, iluminando os espíritos de Qeva e das outras raparigas. Era a luz de Everam, a linha de energia que procuravam alcançar e canalizar todas as manhãs no sharusahk, o fogo no centro de tudo que dava vida e poder a todas as coisas vivas. Era a alma imortal.

E conseguia vê-lo com clareza.

– Louvado seja Everam em toda a sua glória. – Inevera caiu de joelhos, tremendo enquanto chorava de alegria pela beleza que contemplava.

– Pousa as mãos no chão – disse-lhe Qeva. – Deixa que as lágrimas caiam, para que não escorram sobre os traços de lápis e te roubem a visão.

Inevera inclinou-se imediatamente para a frente, receando perder aquele dom precioso. As suas lágrimas caíram sobre o chão de pedra, provocando minúsculas espirais na magia que se infiltrava por Ala. Esperou ouvir troça de Melan e das outras raparigas, mas o silêncio manteve-se. Sem dúvida, sentir-se-iam tão espantadas como ela quando viram a luz de Everam pela primeira vez.

Quando parou de soluçar, Qeva deixou cair um lenço de seda no chão e Inevera secou os olhos com cuidado. As outras raparigas fitaram-na em silêncio enquanto se erguia.

Qeva apontou um pedestal de pedra com a superfície lisa talhada com dúzias de guardas, algumas decorando pedras polidas. Inevera vira as dama'ting usarem o pedestal para controlar a luz e a temperatura na câmara, mas o padrão era demasiado complexo para compreender.

Naquele momento, com os olhos banhados na luz de Everam, conseguia ver o poder que se movia pela teia. O padrão que

fora um mistério no momento anterior tornara-se claro e facilmente resolvido como um enigma de criança.

– Reduz as luzes – ordenou Qeva. – Não precisaremos delas para esta lição.

Inevera obedeceu imediatamente, movendo as pedras polidas para outras posições e retirando outras por completo, colocando-as numa pequena bacia.

Imediatamente, a luz das guardas diminuiu, mas a visão de Inevera tornou-se ainda mais clara, removido aquele brilho desnecessário, permitindo-lhe ver com maior clareza, iluminada pela luz de Everam.

– A visão das guardas ser-vos-á preciosa enquanto aprenderem o vosso ofício – disse Qeva. – É proibida apenas nas celas profundas da Câmara das Sombras, onde talharão os vossos dados.

* * *

Com a passagem dos meses, os estudos de Inevera consumiam-na. Acordava para o sharusahk, auxiliava as dama'ting com os feridos e frequentava lições de história, de guardas, poções, joalheria, canto, dança e sedução. As outras raparigas continuavam a desprezá-la, sobretudo depois de a verem talhar dados de madeira anos antes de muitas que tinham nascido para envergar as vestes brancas.

E, todas as noites, Melan espancava-a, chamando-lhe treino de sharusahk. Mesmo após meio ano, Qeva não se mostrava suficientemente agradada com o sharusahk de Inevera e Melan continuava a ver-lhe negado o acesso à Câmara das Sombras.

Inevera dormia sozinha todas as noites, apertando o Evejah'ting contra o peito enquanto ouvia as outras raparigas segredarem na escuridão ou partilhando camas e carícias. Até os seus sonhos passaram a ser assombrados pelas formas dos sete dados que tinham governado a sua vida desde o dia do Hannu Pash. Choraria, mas receava que Melan e Asavi, sempre juntas na cama ao lado, sentissem prazer pelo som do seu soluçar.

Inevera erguia-se orgulhosamente enquanto Kenevah inspecionava as grandes taças. Ali, na areia, Inevera traçara os círculos mais complexos que alguma vez tentara. Cada um era composto por quarenta e nove guardas, todas ligadas para trabalharem em uníssono. Entre as taças, via a sua caixa de treino com uma única guarda traçada no centro.

As guardas surgiam definidas na areia amarela fina, mas os seus dotes de guardadora nunca tinham sido verdadeiramente testados e não sabia se teriam algum poder.

Qeva erguia-se ao lado da mãe, olhando as guardas sem dizer nada. Não precisava de o fazer. Ter achado Inevera preparada para fazer o seu teste para os hora após menos de dois anos era muito eloquente. Ao lado de Qeva, erguia-se Melan, com a face serena enquanto fixava um olhar cortante em Inevera.

Por fim, Kenevah acenou com a cabeça.

– Corre as cortinas. – Inevera obedeceu e a Damaji'ting retirou um grande osso de demónio do veludo grosso da sua bolsa de hora. Inevera pensou na quantidade de sangue de Sharum derramado para recolher aquele osso.

Inevera uniu as mãos e Kenevah depositou nelas o pedaço de alagai hora sem preço. Era a primeira vez que tocava osso de demónio e, apesar de o Evejah'ting lhe ter ensinado o que devia esperar, era, mesmo assim, uma sensação estranha ter o poder a palpitar nas suas mãos e atraindo-lhe magneticamente o sangue.

Com cuidado e reverência, pousou o osso sobre a guarda centrada entre as duas taças e as guardas começaram a reluzir ligeiramente, aumentando a sua intensidade enquanto canalizavam o poder do osso. Emitiam uma luz dourada enquanto a areia escurecia. Os círculos começaram a girar. A princípio, foi um movimento lento que Inevera julgou imaginar, mas acelerou, como a espiral numa panela depois de ser vigorosamente mexida, fluindo e fundindo-se num oito.

O osso de demónio desapareceu no centro do vórtice e houve um clarão intenso antes de as taças ficarem negras. Dançaram

cores diante dos olhos de Inevera na escuridão, deixando-a zozna e desorientada.

– Está feito – disse Kenevah. – Abre as cortinas.

Inevera cambaleou pela sala escurecida, socorrendo-se mais da memória do que da visão, encontrando as cortinas grossas e puxando-as, enchendo a sala de luz.

Regressou para junto de Kenevah e Qeva, abrindo a boca de espanto enquanto via as taças, cada uma iluminada por um raio de sol. A areia desaparecera, tal como qualquer vestígio do osso de demônio colocado entre elas. A taça da esquerda estava cheia de água cristalina. A da direita estava cheia de cuscuz fumegante e pronto a comer.

Como preparação para aquela prova, Inevera jejuara durante seis dias, bebendo apenas um copo de couzi cheio de água em cada manhã e outro à noite. Sentia a garganta seca e o estômago dolorosamente vazio. Protestou ruidosamente como resposta ao cheiro do cuscuz.

Kenevah ergueu uma sobancelha ao ouvir aquilo.

– O teu jejum terminará em breve. – Entregou-lhe um par de paus de marfim, com as extremidades decoradas com ouro e joias. – Se formaste as guardas com precisão, bastará uma porção de comida para te encher o estômago... – ergueu um cálice de ouro decorado com pedras preciosas, mergulhando-o na água e enchendo-o – ... e a água será a mais pura que alguma vez bebeste, saciando-te a sede com um único gole.

Olhou Inevera com expressão severa.

– Se as guardas não estiverem corretas... morrerás momentos após a comida ou a água tocarem a tua língua.

Inevera sentiu um arrepio na espinha. A mão com que recebeu o cálice tremia.

– Tenho de o fazer?

Kenevah abanou a cabeça.

– Podes pousá-los, mas, se o fizeres, passarão anos antes que desperdices outra hora contigo. Se algum dia o fizer.

Inevera encontrou o seu centro e os dedos pararam de lhe tremer durante tempo suficiente para segurar os paus com

firmeza. Ergueu a mão, levando o cuscuz à boca.

Mastigou e arregalou os olhos. A fome dilacerante que a fizera cambalear desapareceu. Sentia uma força renovada preenchendo-lhe os membros enquanto erguia o cálice e bebia com vontade.

Kenevah sorriu enquanto Inevera esvaziava o cálice com olhos brilhantes. Era verdade que nunca provara água tão doce e refrescante. Era como provar a água do próprio rio de Everam.

A Damaji'ting recebeu os paus e o cálice, passando-os a Melan. As narinas da rapariga inflaram e Inevera permitiu-se um ligeiro sorriso. A única coisa que Melan poderia fazer para a impedir de ter acesso à Câmara das Sombras seria morrer.

– Suplico, irmãs – disse, proferindo o convite ritual –, comam e bebam da minha mesa, pois todas somos filhas da Damajah.

Melan ergueu um pouco de cuscuz da taça e ergueu o cálice, bebendo rapidamente para engolir a comida.

– Filhas da Damajah.

Qeva recebeu os objetos da sua mão, manuseando-os com mais reverência e com algum orgulho. Ergueu o véu o suficiente para levar os paus e o cálice aos lábios. Inevera avistou um indício de sorriso no canto da sua boca enquanto a seda voltava ao local.

– Filhas da Damajah.

Qeva voltou a encher o cálice para Kenevah enquanto a Damaji'ting veterana se apressava a receber os paus, provando rapidamente uma porção de cuscuz sem deixar cair um único grão. Mastigou devagar, pensativa, antes de provar a água, movendo-a delicadamente dentro da boca. Engoliu por fim, voltando a beber para esvaziar o cálice.

– Filhas da Damajah.

A Damaji'ting pousou os objetos e olhou Inevera.

– Quais são os melhores condutores de magia?

Inevera permaneceu silenciosa por um momento, pressentindo uma armadilha. Era como se a Damaji'ting lhe tivesse pedido para somar dois e dois. Uma questão tola.

– O ouro, Damaji'ting – respondeu –, seguindo-se a prata, o bronze, o cobre, o estanho, a pedra e o aço. O ferro não conduz. Existem nove pedras preciosas que concentram o poder, começando pelo diamante, que...

Kenevah calou-a com um movimento da mão.

– Quantas guardas de profecia existem?

Outra questão simples.

– Uma, Damaji'ting – disse Inevera. – Pois existe um único Criador. – A guarda era colocada no centro de uma face em cada um dos sete dados, guiando o lançamento.

– Traça-ma – pediu Kenevah, gesticulando a Melan, que ergueu pincel, tinta e pergaminho.

Inevera passara os meses anteriores desenhando na areia e o pincel pareceu-lhe estranho na mão, mas não fez qualquer comentário, mergulhando-o cuidadosamente e libertando-o do excesso contra a taça antes de começar a desenhar no pergaminho valioso.

Quando terminou, Kenevah acenou com a cabeça.

– E quantos são os símbolos de previsão?

– Trezentos e trinta e sete, Damaji'ting – disse Inevera. Os símbolos de previsão não eram guardas, mas palavras que representavam diferentes rumos do destino, um adornando o centro de cada face restante dos dados e ao longo de cada aresta dos sete dados poliédricos que as dama'ting usavam para prever o futuro. Por instinto, Inevera apertou a bolsa de hora e os dados de barro que continha, com arestas gastas após um ano de estudo aplicado.

Cada dado tinha um número diferente de lados: quatro, seis, oito, dez, doze, dezasseis e vinte. Cada símbolo tinha significados múltiplos, dependendo do padrão dos símbolos circundantes e do contexto. O Evejah'ting continha explicações detalhadas desses significados, mas ler os dados era menos uma ciência do que uma arte, uma arte sujeita a debate entre as dama'ting. Inevera vira-as discutir frequentemente acerca dos resultados de um lançamento. Nos casos mais extremos, recorriam a Kenevah para tomar uma decisão. Nenhuma se

atrevia a protestar depois de a Damaji'ting falar, mas nem sempre pareciam convencidas.

Kenevah gesticulou a Melan, que estendeu um pergaminho novo à sua frente. Inevera voltou a mergulhar o pincel. Traçou os símbolos com tamanho menor daquela vez e, apesar de a sua mão se mover com maior precisão, precisou de algum tempo para terminar. A Damaji'ting observava sobre o seu ombro durante todo o tempo e acenou imediatamente com a cabeça quando terminou.

– Possuis dados de barro? – perguntou Kenevah, formalmente.

Inevera acenou afirmativamente, enfiando a mão na bolsa de hora e erguendo os dados de barro que a Damaji'ting lhe entregara. Kenevah recebeu-os e colocou-os sobre a mesa junto a um bloco de marfim. Ergueu-o e fê-lo cair sobre os dados até deles não restar mais do que pó e lascas de verniz.

– Possuis dados de madeira? – perguntou Kenevah. Inevera levou a mão à bolsa de hora uma segunda vez, retirando os dados que talhara, lixara e gravara com tanto esforço a partir de um bloco de madeira sólido. A tarefa cobrira-lhe as mãos com minúsculas cicatrizes.

Quando Qeva lhe entregou o bloco, Inevera pensou que guardar os dados poderia ser a parte mais difícil do processo, mas não tinha qualquer talento para trabalhar a madeira e arrancar-lhe até as formas mais simples quase arruinou o seu percurso. Cortou-se inúmeras vezes, colocando de parte pedaços irregulares de madeira uma e outra vez antes de abandonar o bloco e talhar sabão até conseguir dominar o manuseamento das ferramentas.

As formas simples, de quatro, seis e oito lados, foram terminadas pouco depois, mas, mesmo com os cálculos geométricos expostos no Evejah'ting, precisou de horas para talhar os dados de dez lados e, mesmo então, um dos lados ficou ligeiramente maior que os outros, saindo com demasiada regularidade em cada lançamento. Teve de o descartar e

começar do início. Para passar o teste dos hora, os dados que entregasse a Kenevah teriam de ser absolutamente perfeitos.

Kenevah examinou os dados com cuidado antes de os colocar numa braseira. Melan esguichou óleo sobre os objetos preciosos, o produto de horas incontáveis, e incendiou-os. Inevera esperara-o, mas percebeu que não estava preparada para o choque da perda. Melan olhou-a e, daquela vez, era ela a sorrir.

Inevera inspirava profundamente, encontrando o seu centro enquanto Kenevah a olhava novamente.

– Possuis dados de marfim?

Inevera levou a mão à bolsa uma terceira vez, vertendo sobre a palma da mão os dados talhados a partir de dentes de camelo. Tinham sido feitos às cegas, com tiras de seda de bido cobrindo-lhe os olhos. Foram mais demorados que os dados de madeira, exigindo meses de trabalho e, de cada vez que precisava de pedir um novo dente, passava uma semana a lavar bidos.

Kenevah passou os dados entre os dedos, estudando-os com atenção. Acabou por lançá-los com força surpreendente contra a parede de pedra da câmara, acompanhando o movimento com um grunhido. O impacto fez estilhaçar os dados frágeis. Estendeu a mão e retirou a bolsa de hora vazia das mãos de Inevera, lançando-a à pira onde pereceram os seus dados de madeira. O veludo incendiou-se, fazendo erguer um fumo negro e denso.

– Poderás entrar na Câmara das Sombras – disse Kenevah, passando uma bolsa nova a Inevera, ainda mais rica que a primeira, com o veludo preto preso com um cordão dourado. – No interior, encontrarás oito alagai hora. Talharás os teus dados com eles, preservando cada lasca. Se não cometeres erros, o último será teu para que o uses como entendas. Se precisares de mais, terás um ano de penitência por cada osso.

A Câmara das Sombras. As outras nie'dama'ting falavam dela apenas em sussurros. Nas profundezas do palácio, intocada pelo sol, por luz de vela ou química, dizia-se que a câmara era tão

escura que as suas paredes pareciam erguer-se a quilómetros de distância, por vezes, parecendo apertar-se cada vez mais no momento seguinte. Uma treva tão completa que parecia o próprio abismo e, quem conseguisse manter-se em silêncio absoluto, conseguiria ouvir Nie sussurrando entre o negrume.

Os olhos de Melan faziam lembrar os de uma áspide-dos-túneis quando Inevera recebeu a bolsa.

* * *

Assim que as portas da Cripta se fecharam até à manhã seguinte, Melan empurrou Inevera para o chão. Tinha quinze anos e Inevera ainda não cumprira sequer onze. A diferença de alturas era óbvia, apesar de não ser tão grande como fora quando Inevera ali entrara pela primeira vez.

– Os meus dados estavam quase feitos! – gritou Melan. – Mais um ano no máximo e poderia envergar o véu branco. A mais jovem desde o Regresso! Mas, em vez disso, desperdicei dois anos a tentar ensinar sharusahk a uma comedora de porco trapalhona e acabei por a ver entrar na Câmara das Sombras antes de mim! – Abanou a cabeça. – Não. Esta será a tua última lição, mau lançamento dos dados. Morrerás esta noite.

Inevera sentiu o sangue gelar. Melan parecia suficientemente furiosa para ser sincera, mas que fariam as dama'ting se concretizasse a ameaça? Olhou as raparigas em redor.

– Não vejo nada. – Asavi, sempre leal a Melan, voltou as costas.

– Não vejo nada – disse a rapariga a seu lado, voltando-se também.

– Não vejo nada. Não vejo nada. – Foi repetido como os nomes dos sharukin enquanto cada rapariga se voltava.

Melan instruíra bem as outras raparigas. E porque não? Era a neta da Damaji'ting e permanecia invicta no sharusahk entre as prometidas. As outras raparigas olhavam-na como sua líder e esperavam realmente que se tornasse a dama'ting mais jovem desde o Regresso. Apenas a ordem da própria mãe o impedira.

Inevera nunca compreendera porque era tão severo o castigo de Melan e porque o mantivera durante tanto tempo. Conseguira tornar-se exímia na dança e no sharusahk. No seu segundo mês no palácio, as suas posturas eram tão boas como as das outras raparigas da sua idade. Dois anos depois, eram tão boas como quaisquer outras. Qeva deveria ter anulado a proibição muito antes, mas não o fizera. Porquê? Servira apenas para antagonizar Melan. Se a dama'ting acreditava poder ensinar humildade à filha daquela forma, seria uma tola.

Subitamente, percebeu, quando recordou as palavras proferidas por Qeva dois anos antes.

Se não mostrares ser suficientemente humilde, competente ou forte para sobreviver e vestir as vestes brancas, será inevera.

Talhar e guardar não eram os únicos critérios que poderiam impedir a entrada na Câmara das Sombras. Qeva desejava a líder mais forte para os Kaji e usara a própria filha como obstáculo a Inevera, quer Melan soubesse ou não.

– Escorpião – silvou Melan, avançando com violência.

Mas Inevera cansara-se de se fingir fraca. Passara dois anos humilde aos olhos de Everam. Chegara o momento de mostrar a sua força.

Nunca respondera aos golpes em todos os espancamentos noturnos. Não houvera nada a ganhar. Mas observara, esperara e planeara. Conhecia as fraquezas de Melan e, na sua cabeça, travara aquela batalha mil vezes.

Baixou-se, apoiando-se sobre os calcanhares e colocando uma mão no chão, atingindo com os dedos endurecidos o ponto de convergência na perna de Melan.

– Flor murcha – disse enquanto a perna de apoio de Melan perdia a força e a fazia desabar no chão.

Melan rebolou rapidamente e voltou a erguer-se, massajando a perna para recuperar as forças enquanto Inevera cedia terreno voluntariamente, sem demonstrar qualquer impulso agressivo. Mais do que uma das raparigas formando o círculo em redor espreitou sobre o ombro.

– Não veem nada! – guinchou Melan, fazendo-as voltarem-se novamente.

– Não vemos nada – ecoaram todas.

– Sorte – rosnou Melan. Inevera limitou-se a sorrir enquanto a rapariga voltava a avançar e respondeu ao Capuz de Serpente de Melan com um golpe hábil na garganta antes de se afastar do seu caminho.

– Vento dilacerante – disse, enquanto Melan cambaleava, desequilibrada e tentando respirar. As raparigas voltaram a olhar, mas Melan não lhes prestou atenção, virando-se e lançando-se contra Inevera, com pontapés e murros rápidos como golpes de uma áspide-dos-túneis, seguidos de perto por ataques contra os seus pontos de convergência.

Mas Inevera curvou-se como uma palmeira ao vento, vendo as linhas de energia com clareza enquanto Melan posicionava os pés e mirava os alvos. Quebrou as linhas uma e outra vez, por vezes limitando-se a roubar-lhe o fôlego e o equilíbrio e, noutras ocasiões, acrescentando uma dor aguda para reforçar a lição. Mas teve o cuidado de não provocar dano permanente. Inevera nunca disse às damas como Melan e as outras raparigas a tratavam, mas não acreditava que fizessem o mesmo por ela. Qeva procuraria pretextos para lhe negar a entrada na câmara e matar a sua filha ou deixá-la parálitica serviria perfeitamente.

Estava cansada de ser espancada. Melan voltou a avançar, parecendo usar o Coice de Camelo, mas passando inesperadamente para o Chifre de Carneiro, tentando esmagar o nariz de Inevera com a testa.

Inevera segurou-lhe a túnica, movendo-se para o lado e deixando a perna esquerda no seu caminho para a projetar. Continuou a segurar-lhe o braço e, se a outra rapariga resistisse, o seu braço seria arrancado à articulação. Como esperava, Melan acrescentou impulso à projeção para evitar que acontecesse, embatendo contra as costas de Asavi. As duas raparigas caíram ao chão, embrulhadas, e as outras em redor abriram a boca de espanto e afastaram-se.

Melan rosnou, torcendo as pernas à volta dos pés de Inevera para formar uma tesoura, fazendo-a cair também e colocando-se sobre ela. Debateram-se durante vários minutos no chão e a força superior da rapariga mais velha começou a notar-se enquanto se colocava atrás de Inevera, prendendo-a numa chave, batendo-lhe com a cabeça no chão de pedra mais do que uma vez. Após cada embate, Inevera sentiu um clarão atrás dos olhos e os ouvidos zumbindo enquanto perdia o equilíbrio por completo.

Conseguiu libertar um braço enquanto Melan lhe torcia os cordões do bido à volta do pescoço, sacrificando o controlo por um ponto de apoio. Afinal, que poderia Inevera fazer com um braço quando tinha Melan firmemente posicionada sobre as costas? Moveu a cabeça para trás para atingir o nariz de Melan, mas a rapariga percebeu o truque e moveu a cara para trás e para o lado.

Como Inevera sabia que faria. Rápida como um demónio da chama, cravou o indicador e o dedo médio nas narinas de Melan. Tinha as unhas afiadas e cortaram a cartilagem tenra enquanto puxava com força, ameaçando arrancar-lhe o nariz.

– Asavi continuará a querer beijar-te quando o teu nariz for um buraco arruinado? – sussurrou.

Melan não era a mais bonita das nie'dama'ting, mas facilmente seria a mais vaidosa. Guinchou, libertando-a para preservar a sua beleza. Inevera atingiu-a com vários golpes rápidos no caos que se seguiu, antes de rebolar para o lado, colocando-se de pé. Melan imitou-a, cambaleante. Não pôde fazer nada enquanto Inevera a atingia com um pontapé de escorpião na face, sentindo a maçã do rosto e o nariz sucumbirem ao golpe. Melan embateu com força no chão e precisou de esforço para voltar a erguer-se.

– Quando vir a tua cara amanhã, penso que a dama'ting Qeva levantará a proibição – disse Inevera, erguendo a sua nova bolsa de hora. – Entraremos juntas na Câmara das Sombras. E terminarei os meus dados antes de ti.



OITO

Os SHARUM NÃO VERGAM

302-305 DR

INEVERA ESPEROU NERVOSAMENTE no pavilhão das dama'ting, com a respiração formando uma névoa no frio cortante. Qeva estava presente, bem como três outras Noivas, sete Prometidas e quatro eunucos, incluindo o poderoso Enkido. Os eunucos vestiam o negro dos Sharum, com véus noturnos, lança e escudo. Sob as túnicas, envergavam malha fabricada pelo artifício das dama'ting, suficientemente forte para repelir a dentada de um demónio.

Mas, apesar do poder reunido num espaço tão reduzido, Inevera moveu os pés, incapaz de conter os nervos. A noite ia alta e estavam à superfície. A lei evejana proibia-o, mesmo às Noivas de Everam, mas Qeva e as outras conversavam despreocupadamente como se estivessem abrigadas no Subpalácio das Dama'ting. Inevera sabia que as hipóteses de haver alagai a passar pelos Sharum e pelo Labirinto, abrindo uma brecha na grande muralha seriam mínimas, quase inexistentes, mas, mesmo assim, sentia o coração acelerado no peito.

O medo e a dor são apenas vento, recordou a si própria, visualizando uma palmeira e encontrando o seu centro.

Erguendo-se junto à abertura da tenda, o mudo Enkido ergueu uma mão e fez uma série de gestos rápidos com os dedos.

– Atenção! – exclamou Qeva. – Aí vêm.

Todas se silenciaram e as Noivas colocaram-se na dianteira, lideradas por Qeva. Acenou com a cabeça a Enkido, que elevou a aba da tenda.

Meia dúzia de Sharum aproximaram-se do pavilhão, um deles conduzindo um camelo com patas envoltas em pano preto grosso. Tinha pano preto também sobre o corpo, o mesmo que envolvia as rodas da grande carroça que puxava.

O negro das suas vestes vinha coberto com o pó do Labirinto, a armadura tinha amolgadelas recentes e os escudos pesados estavam cobertos com manchas de sangue de demónio. Um deles coxeava ligeiramente e outro tinha um pano ensopado em sangue apertado à volta de um braço musculado. Todos mantinham os véus noturnos postos, mas Inevera reconheceu-os imediatamente pelas fardas sem braços com couraças de aço enegrecido decoradas com o sol dourado do dama Baden. Mesmo sem o andar gingado característico e o véu branco de kai'Sharum, Inevera teria reconhecido Cashiv e ainda mais o homem a seu lado. O seu ajin'pal.

Soli.

Não via o irmão há anos, mas reconheceu-o imediatamente mesmo com o véu erguido. Os seus olhos mostravam o brilho do sorriso fácil do seu irmão e conhecia o seu andar, a sua postura e os seus braços musculados tão bem como se conhecia a si própria. Suprimiu um gemido de espanto, mas não conseguiu impedir-se de o fitar.

A seu lado, Melan roncou de desprezo.

– Tens tantas hipóteses com ele como de conseguires o véu antes de mim, mau lançamento. São push'ting. Homens que amam homens. Diz-se que não há guerreiros mais valorosos na batalha do que os Sharum do dama Baden, mas prefeririam deitar-se com uma cabra a deitarem-se contigo.

Asavi riu.

– E ficaríamos mais satisfeitos.

– Silêncio! – silvou Qeva.

Cashiv e os outros Sharum avançaram para diante das dama'ting e curvaram-se em vénias profundas. Enquanto o faziam, os olhos de Soli passaram sobre Inevera, mas, mesmo com a cara exposta, pareceu não a reconhecer com a luz fraca.

– Ergam-se, honrados Sharum – disse Qeva. – Que Everam vos abençoe.

Cashiv e os outros endireitaram as costas.

– Everam é grande. Toda a honra e toda a glória Nele se iniciam. As nossas vidas pertencem-Lhe e às suas Noivas sagradas. É a primeira noite da Lua Minguante após o solstício de inverno. Viemos para entregar o tributo do dama Baden.

Qeva acenou afirmativamente.

– Everam aprecia o sacrifício do vosso sangue às Suas Noivas. Que oferenda trouxeram?

Cashiv voltou a curvar-se.

– Vinte e nove alagai, dama'ting.

Qeva arqueou uma sobrancelha.

– Vinte e nove? Não é um número sagrado.

Cashiv voltou a curvar-se.

– A dama'ting está sempre certa. Vinte e oito será o tributo tradicional. Sete demónios da areia, sete do barro, sete da chama e sete do vento. Um de cada uma das estirpes comuns por cada pilar do Paraíso. – Hesitou, com os olhos brilhando, divertido. – Mas o dama Baden está grato pelas bênçãos das dama'ting e ordenou-nos que erguêssemos uma armadilha especial. Para honrar o Criador, trouxemos também um demónio da água.

Várias nie'dama'ting abriram a boca de espanto. As Noivas não reagiram de forma visível, mas Inevera percebeu a mudança nas suas posturas tão facilmente como se gritassem de júbilo. Os demónios da água eram muito raros em Krasia e havia feitiços que só poderiam ser feitos com os seus ossos. O feitiço para criar água, por exemplo, poderia ser concluído com um fragmento de hora.

– Este tributo agrada a Everam e honra-O – disse Qeva. – Como conseguiram semelhante feito?

– O dama Baden ordenou-nos que bloqueássemos uma secção do Labirinto, removendo as guardas e fraturando o piso de arenito que impede que os alagai se ergam. Cavámos uma fossa profunda que o dama encheu com água das suas provisões, povoando-a com peixes e outras formas de vida. Precisámos de muitos meses, mas, por fim, o isco foi mordido e um demónio da água ocupou a fossa. Matou um dos meus homens e feriu dois outros enquanto o puxávamos para fora nas redes esta noite, sobrevivendo muito mais do que seria esperado no ar noturno. Acabou por morrer asfixiado e está intacto.

As dama'ting trocaram um olhar. Percebiam bem o custo da oferenda. A água usada bastaria para pagar o resgate de um Damaji e ficava conspurcada e inútil. Era uma prova da riqueza incrível do dama Baden... e do favor que buscava.

O dama Baden não fazia nada de graça.

– Esta oferenda agrada-nos muito, Cashiv asu Avram am'Goshin am'Kaji. A tua honra e a honra dos teus homens não conhecerá limites. Os prazeres do Paraíso serão vossos para toda a eternidade quando partirem desta vida. Façam avançar os vossos feridos.

Os dois homens com ferimentos mais graves avançaram e as dama'ting não hesitaram enquanto guardavam a pele em torno dos ferimentos, erguendo pequenos pedaços de hora para ativar a recuperação mágica. Os outros homens tinham apenas arranhões e queimaduras sem gravidade que as Noivas trataram com meios mais convencionais.

Quando terminaram, Qeva voltou-se novamente para os Sharum.

– Tragam a oferenda para a Câmara da Avaliação.

Movendo-se com a segurança de homens que tinham percorrido muitas vezes aquele caminho, Cashiv e os outros começaram a descarregar cadáveres de alagai da carroça, transportando-os por um alçapão que Inevera nunca vira antes,

colocado no vestíbulo. Grandes ferimentos nos troncos dos demónios da areia e do vento denunciavam a morte por ferrões, flechas do tamanho de lanças disparadas por escorpiões de madeira colocados sobre as muralhas. A armadura do demónio do barro estava esmagada por pedras pesadas atiradas aos fossos. O cheiro intenso do sangue negro era nauseabundo.

Os demónios da chama, afogados em poças rasas, não tinham marcas, tal como o demónio da água, uma massa viscosa de tentáculos espinhosos e escamas afiadas. A sua boca era enorme para o tamanho do corpo, com fileira sobre fileira de dentes malévolos.

Quando terminaram, Qeva gesticulou e Cashiv ajoelhou diante dela.

– Quatro perguntas – disse Qeva. – E uma benesse.

Cashiv acenou afirmativamente.

– Obrigado, dama'ting. Aceito humildemente este dom, apesar de estarmos às vossas ordens e de agirmos apenas para glória e Everam e não para obter recompensa. – As suas palavras indicavam que as repetira muitas vezes. Eram mais um cântico do que uma afirmação. Inevera compreendeu que seria provável que aquele encontro ocorresse todos os anos. Era uma transação comercial que se tornara um ritual. A forma como todos formaram rapidamente um círculo em redor seria outro indício.

Qeva ajoelhou-se diante de Cashiv enquanto levava a mão à bolsa de hora.

– Trazes o sangue do dama?

Cashiv ergueu uma caixa de madeira polida. No interior, havia um frasco de porcelana delicada. Passou-o à dama'ting, que esvaziou o conteúdo sobre os dados.

– Baixa o véu.

Quando Cashiv obedeceu, perguntou:

– Juras que este é o sangue verdadeiro do dama Baden e que falas com a sua voz, com as suas palavras e não as tuas, tendo Everam como testemunha?

Cashiv pousou as mãos no piso de lona do pavilhão e pressionou a testa contra o chão entre elas.

– Juro, dama'ting. Juro diante do próprio Everam, em nome de Kaji e pela honra e esperança de alcançar o Paraíso, que este é o sangue do dama Baden e que memorizei as suas perguntas ao pormenor.

Qeva acenou com a cabeça, erguendo a mão e fazendo os dados cintilarem com um brilho inofensivo. Cashiv não conseguiu evitar encolher-se.

– Então pergunta, Sharum. Os dados saberão se mentires.

Cashiv engoliu em seco e inspirou fundo, encontrando o seu centro de uma forma semelhante à das dama'ting. O seu sharusahk poderia ser muito diferente, mas a filosofia na sua base não era.

Cashiv olhou Qeva e proferiu palavras lentas e cuidadosas.

– Qual será a minha maior perda este ano e como poderei lucrar com ela?

– Bem proferido – considerou Qeva. – No ano passado, foram necessárias duas perguntas para saber o mesmo. – Sem esperar, abanou os dados nas mãos, entoando um cântico enquanto o brilho aumentava. Lançou-os e estudou o padrão com cuidado.

– Uma praga alastrará pelos rebanhos de cabras neste inverno – disse. – Só duas em cinco verão a primavera e serão demasiado débeis para ter grande valor. Diz ao dama Baden que venda agora os rebanhos e compre tantas ovelhas quantas conseguir.

Cashiv curvou-se e fez a sua segunda pergunta.

– Enquanto o meu palanquim passava pela cidade há um mês, um khaffit entre a multidão cuspiu-me. Como poderei encontrá-lo para fazer justiça?

Inevera sabia bem a que «justiça» se referia o dama. Alguém suficientemente tolo para cuspir sobre um dama merecê-la-ia, mas dizia muito do orgulho de Baden que desperdiçasse uma pergunta tão preciosa para vingar o ato.

Qeva não revelou qualquer emoção enquanto consultava os dados.

– Encontrá-lo-ás no bazar. A sua banca situa-se a trezentos e vinte passos para leste da estátua da Sagrada Mãe, perto do portão de Jaddah no distrito de Khanjin. Um vendedor de...

Inevera inclinou a cabeça, estudando o padrão formado pelos dados com o seu brilho ténue. *Melão pingo de mel*, leu.

– Bolos de mel – disse Qeva, após um momento. Inevera endireitou as costas, voltando a olhar os dados, segura da sua leitura. Olhou Qeva e não percebeu o que mais a amedrontava. Que o dama Baden torturasse e matasse o homem errado ou que a sua excelsa professora tivesse cometido um erro.

Hesitou. Deveria falar? Apressou-se a negar a ideia. Se apontasse o erro diante dos Sharum, seria provável que pagasse com a vida, bem como todos os guerreiros presentes, incluindo Soli. As dama'ting não poderiam ser vistas como falíveis.

Inspirou, encontrando o seu centro. Não fez nada.

Cashiv voltou a curvar-se.

– O dama Lakash tenta pôr fim à regra que isenta os Sharum pessoais de cada dama da luta no Labirinto fora da Lua Minguante. Como poderá isto ser impedido?

Qeva lançou os dados uma terceira vez.

– O genro e herdeiro do dama Lakash, o dama Kivan, falou mal de ti no conselho. Declara-te insultado e mata-o, tomando para ti em recompensa a sua Jiwah Ka, a filha mais velha de Lakash, Gisa, como tua Jiwah Sen. Desposa-a nessa mesma noite e concebe-lhe uma filha na terceira tarde após a cerimónia.

Cashiv contorceu a cara ao ouvir aquilo.

– O que me leva à pergunta final do dama, dama'ting: «Permaneço vigoroso com homens, mas perdi a capacidade de me deitar com as minhas esposas e de nelas gerar filhos. Como poderá isto ser restaurado?»

Qeva roncou de desprezo e guardou os dados. Ouviu-se um tilintar de pequenos frascos enquanto procurava na bolsa que

trazia à cintura, acabando por escolher um deles.

– Aplica isto pessoalmente na lança do dama antes do ato e diz-lhe que seja rápido. – Atirou o frasco a Cashiv. – Se não funcionar, enfia-lhe um dedo no cu.

Cashiv e os outros Sharum riram-se.

– E a benesse? – perguntou Qeva.

– O meu mestre perdeu nove provadores de veneno este ano – disse Cashiv. – Desconfia de um ou mais dos seus filhos.

– E, mesmo assim, desperdiça uma pergunta com um escarro de khaffit – recordou Qeva.

Cashiv curvou-se.

– Os filhos do meu mestre reforçam o seu poder e não lhe agradaria matar um deles nem acredita conseguir deter os outros se o fizesse. Pede, ao invés, um cálice, ornamentado à altura do seu estatuto, que consiga transformar magicamente veneno em água.

– Um dom precioso – disse Qeva. – Difícil de conseguir.

Cashiv sorriu.

– O meu mestre deseja que o seja menos com os ossos de um demónio da água.

Qeva acenou afirmativamente, erguendo-se.

– Podem ir. Diz ao vosso mestre que o seu cálice estará pronto na primeira Lua Minguante após o equinócio de primavera. Ensinar-lhe-emos a forma precisa de o segurar para que apenas ele saiba ativar o seu poder.

– A generosidade da dama'ting não conhece limites. – Cashiv voltou a tocar com a testa no chão e levantou-se. Enquanto todos se voltavam para partir, Soli olhou para trás. Por um instante, o seu olhar fixou-se no de Inevera.

E piscou-lhe o olho.

* * *

Os dias que se seguiram foram um horror enquanto Inevera e as outras nie'dama'ting que tinham conquistado a entrada na Câmara das Sombras diluíam a carne dos demónios com ácido e fogo, deixando os ossos intocados. Os ossos foram polidos com

óleos sagrados enquanto as nie'dama'ting entoavam cânticos incessantes a Everam até os tornarem negros e duros como obsidiana.

A imundície ácida foi neutralizada com uma base e o líquido resultante era venenoso ao toque, mas repleto de magia que as dama'ting podiam canalizar. Foi drenado para grandes vasilhas ligadas a tubos que o canalizavam para as paredes do palácio como um sistema circulatório, alimentando as guardas de luz, o controlo da temperatura e inúmeros outros feitiços guardados por todo o palácio.

O trabalho deixou as outras raparigas pálidas e enjoadas, com mãos queimadas e olhos lacrimejantes, mas Inevera mal notou. A sua mente estava muito distante de ventos tão insignificantes. Respirou pela boca enquanto entoava os cânticos, permitindo que as mãos levassem a cabo a tarefa monótona enquanto os pensamentos dançavam em torno da imagem de Soli. Preocupara-se muito com ele ao longo dos anos, sentindo um aperto no coração sempre que os Sharum feridos eram trazidos ao pavilhão. Teria sido suficiente vê-lo e saber que estava vivo, mas a piscadela de olho mudara tudo. Soli sabia o que era feito dela e continuava a amá-la. Diria a Manvah que estava bem e acalmaria o coração da sua mãe.

A câmara ecoava com o som dos címbalos de Inevera enquanto rodopiava, apoiando os pés descalços no piso de pedra polida. Tinha treze anos, mas o seu corpo era já o de uma mulher, esguio, mas enriquecido com curvas. Agitou as ancas na direção de Khavel e viu-o responder a cada movimento.

As raparigas mais jovens olhavam, fascinadas. Inevera passara a ministrar as aulas de iniciação à dança das almofadas, apesar de o bido que usava significar que ainda não experimentara a dança até à sua conclusão.

A lei sagrada decretava que as Prometidas de Everam permanecessem virgens até receberem o véu. Era esse o significado do bido. Na primeira noite, a Damaji'ting romper-lhe-

ia o hímen para consumir o casamento com Everam e Inevera tornar-se-ia uma Noiva de pleno direito.

Na segunda noite, ficaria livre para amar qualquer homem ou objeto que lhe agradasse. Que importância teriam, quando comparados com o abraço de Everam? Seriam meros brinquedos.

Inevera enfrentou o olhar do eunuco enquanto se contorcia diante dele. Firmemente enfeitado, tinha olhos vidrados e movia a cabeça ao ritmo dos seus movimentos. Era seu.

Khavel era um espécime físico perfeito. As dama'ting não admitiam menos que isso num eunuco cuja principal função era o prazer. Tinha face atraente, queixo orgulhoso e um corpo musculado tornado brilhante pelo óleo. Treinado desde tenra idade nas massagens e nas outras formas de um homem proporcionar prazer a uma mulher, seria sem dúvida um amante dotado. Segredava-se que a maioria das dama'ting recorriam a ele e que o mantinham numa dieta constante de drogas que aumentavam a virilidade, além de um regime rigoroso e ritual de exercício e sono. Quase todas as novas dama'ting da década anterior o tinham convocado aos seus aposentos na sua segunda noite e nenhuma se tinha arrependido de o ter feito.

Mas, sendo verdade que Inevera conseguia ver a beleza do eunuco, não despertava nela qualquer desejo. Não mais do que uma estátua perfeita de um homem o faria. As outras raparigas podiam ansiar praticar a dança das almofadas até ao fim, mas Inevera não passara anos a aperfeiçoar os seus dotes para os desperdiçar num meio homem. Preferia deitar-se com um khaffit.

Quando a sua demonstração terminou, alinhou as raparigas mais novas, ajudando-as a colocar os pés da forma correta e a mover as ancas, os dois elementos no cerne da dança das almofadas.

Depois da lição, Inevera deslocou-se até aos banhos, inspirando profundamente enquanto a água quente lhe ensopava os músculos. Melan e Asavi estavam presentes, ignorando-a de forma óbvia, mas, nos muitos meses passados

desde que derrotara a rapariga mais velha, a maior parte das outras nie'dama'ting tinham mudado a sua atitude para com ela.

– Posso banhar-te, irmã? – perguntou Jasira, erguendo um pano ensopado com água e sabão perfumado. Era dois anos mais velha e acabara de passar o teste de admissão à Câmara das Sombras. Inevera negou a oferta com um gesto. Tais ofertas tornavam-se comuns enquanto o seu poder crescia e o de Melan era reduzido. Como Kenevah previra, as outras raparigas recebiam-na, sussurrando entre si que seria um dia a Damaji'ting. Inevera poderia tornar a maior parte das nie'dama'ting suas servas voluntárias, conseguindo mesmo que fossem suas companheiras de almofada e obtendo prazer com elas. Mas não tinha qualquer interesse em tais coisas. As raparigas não a rejeitavam como tinham feito outrora, mas também não eram suas amigas.

Mais do que qualquer outra coisa, Inevera desejava poder falar com a sua mãe. Ou com o seu irmão. As únicas pessoas em quem confiava verdadeiramente.

Enquanto se vestia, olhou Melan.

– Vais para a câmara, irmã? Podemos caminhar juntas. – Melan olhou-a com desprezo e Inevera permitiu-se um ligeiro sorriso.

– Sorri enquanto podes, mau lançamento – sussurrou Melan. – Terminarei os meus dados hoje e receberei o véu amanhã. – Esboçou um sorriso predatório, mas o sorriso com que Inevera lhe respondeu não poderia ser mais apazível.

– Mesmo assim, serei dama'ting antes de ti – prometeu.

As raparigas sentavam-se num semicírculo diante de Qeva no vestíbulo da Câmara das Sombras. Sete Prometidas aspirando a receber um dia o véu branco.

Havia sempre uma lição antes do início do trabalho e a túnica da dama'ting parecia vermelha sob a luz das guardas, a única luz permitida na câmara.

Durante a lição, Melan mostrou-se inquieta, ajustando o peso do corpo e mordendo os lábios, mexendo com uma mão no

saco de veludo contendo os dados, ansiosa por voltar ao trabalho.

Era sempre assim. Inevera e Melan entravam na Câmara das Sombras juntas, mas, mesmo que Melan estivesse anos à frente de Inevera e tivesse troçado dela em público, parecia ter recebido com seriedade a ameaça que esta lhe dirigira ao dizer que terminaria os dados em primeiro lugar. Quando Qeva terminava a lição de cada dia, Melan quase corria para a câmara de talhe, sendo sempre a última a sair quando a dama'ting declarava encerrados os trabalhos do dia. Inevera imaginava que conseguia ouvir o raspar frenético das suas ferramentas através das grossas paredes de pedra.

Se Melan recebesse o véu antes dela, poderia ser perigoso... Ou possivelmente mortal. Todas as Prometidas a tinham ouvido prometer que terminaria primeiro e o poder que tivesse conquistado quando derrotou Melan desapareceria se a ameaça se revelasse vã. Além disso, Melan obteria os privilégios quase ilimitados das dama'ting e as suas oportunidades para a matar aumentariam muito. Havia outras entre as Noivas de Everam que a apoiariam, sem dúvida.

Por fim, as raparigas puderam partir e percorreram a passagem de pedra fria até ao túnel longo ladeado por pequenas câmaras de talhe. Não havia guardas de luz no túnel, mas Melan e as outras raparigas ergueram os seus dados incompletos, iluminando o caminho com o seu brilho vermelho. Apenas luz de guardas era permitida nas câmaras de talhe, mas nem essa seria livremente concedida. Teria de ser conquistada pelas mãos das raparigas. Sem luz, não conseguiriam ver as suas ferramentas, as suas mãos ou os dados.

Os diademas de visão guardada ficaram para trás, sendo proibidos nas celas de talhe. Inevera ouvira sussurrar na Cripta que uma rapariga tentara outrora trazer o seu diadema às escondidas para as celas para poder talhar iluminada pela luz de Everam. Os seus olhos foram-lhe arrancados antes de ser expulsa do Palácio das Dama'ting.

Inevera caminhou sem pressa enquanto as outras raparigas entravam nas câmaras de talhe. Qeva fechou as portas depois de entrarem e apenas resquícios de luz de guardas passavam sob as frestas. Uma a uma, as luzes perderam-se até ser apenas com este brilho difuso que Inevera alcançou a sua câmara. Depois de Qeva fechar a porta atrás dela, apressou-se a despir a túnica, colocando-a junto ao fundo da porta e deixando-a em escuridão plena.

Também Inevera podia invocar luz dos dados, mas escolheu não o fazer na Câmara das Sombras. O Evejah'ting advertia que até a luz de guardas podia enfraquecer os dados, desviando desnecessariamente o seu poder. A Damajah talhara os seus dados em escuridão completa e Inevera não via motivo para o fazer de outra forma. *Everam guiará as tuas mãos se fores digna*, dizia o livro sagrado.

Ajoelhando-se na escuridão, entoou uma oração à sua homónima enquanto erguia os dados e as ferramentas de guardadora, dispondo-as numa fileira ordenada com espaços regulares. Terminara o dado de quatro lados e o de seis, começando a trabalhar no de oito. O trabalho era lento e meticuloso, talhando, alisando, gravando, tudo num ritmo que acompanhava a sua respiração.

O tempo passou. Não soube quanto. O seu transe foi quebrado por um tilintar que ecoou pelo silêncio da câmara.

Melan terminara os seus dados.

Inevera arrumou prontamente os seus hora na bolsa e guardou as ferramentas. Não poderia continuar a trabalhar naquela noite. Inspirou fundo e saiu da câmara.

As outras raparigas já tinham saído, com Melan ao centro. A luz das guardas banhava a sua expressão triunfal. Erguia os dados e deleitava-se com as palavras de admiração e inveja. Quando viu Inevera, o seu sorriso de triunfo gelou-a.

Inevera sorriu-lhe também, curvando-se respeitosamente.

Reuniram-se na sala da lição. Melan ajoelhou-se com as nie'dama'ting rodeando-a num círculo. Pouco depois, começaram a entrar dama'ting e quase todas as Noivas da tribo

formaram um círculo exterior. Kenevah foi a última a chegar, movendo-se para o centro e ajoelhando-se diante da sua neta. A sua face permanecia imperscrutável enquanto erguia um baralho de cartas antigo e desbotado. O som das cartas sendo baralhadas ecoou pela câmara silenciosa.

A Damaji'ting pousou três cartas voltadas para baixo sobre o chão entre ambas. Em seguida, ergueu uma faca e entregou-a a Melan, que cortou a mão e deixou o sangue envolver os dados. Com isso, as guardas começaram a brilhar ligeiramente.

Kenevah apontou a primeira carta. Melan abanou os dados até cintilarem com um brilho feroz e atirou-os ao chão, espalhando-os segundo o método preciso que todas as raparigas aprendiam. Inevera esforçou-se por ver os símbolos, mas o ângulo não era o melhor e apenas Melan e Kenevah conseguiriam ler o padrão.

– Sete de Lanças – disse Melan, após um momento.

Kenevah apontou a carta seguinte e Melan voltou a lançar.

– Damaji de Crânios.

Outra vez.

– Três de Escudos.

Kenevah acenou com a cabeça, mantendo a face imperscrutável.

– Uma das Noivas anunciou-me hoje que transporta uma filha no ventre. Qual?

Melan voltou a lançar. Daquela vez, demorou mais tempo, estudando os dados com cuidado. Olhou as dama'ting reunidas e o suor escorreu-lhe pela testa.

– A dama'ting Elan – disse, por fim, referindo uma das Noivas mais jovens e que ainda não gerara uma herdeira.

Kenevah não disse nada, virando a primeira carta. A emoção das nie'dama'ting foi audível quando o Sete de Lanças foi exposto. Inevera sentiu um aperto no coração.

A carta seguinte foi virada. O Damaji de Crânios. O coração de Inevera subiu-lhe para a garganta.

Kenevah virou a terceira carta e ouviu-se um gemido de espanto. Era a Damaji'ting de Água.

Subitamente, Kenevah atingiu Melan com força na cara.

– Nenhuma Noiva está grávida, rapariga idiota!

Retirou-lhe os dados da mão, erguendo-os e estudando-os à luz das guardas.

– Desmazelada! Perdulária! Suficientemente bons para gerar luz, mas nada mais. Os teus dados de madeira, que talhaste pouco depois de vestires o bido pela primeira vez, eram melhores! Onde está o oitavo osso?

A face de Melan era uma máscara de choque e horror. Perdera o centro por completo. Dormente, levou a mão à bolsa de hora, retirando o seu oitavo osso e entregando-o à Damaji'ting.

Até do ponto onde se encontrava, Inevera conseguiu ver que era uma ruína torcida.

Kenevah ergueu os dados sob o nariz de Melan.

– Cada um destes representa um ano da tua vida. Serão expostos ao sol e regressarás ao marfim. Quando tiveres talhado três conjuntos perfeitos, poderás regressar à Câmara das Sombras e talhar um hora por ano até teres completado um novo conjunto. Cada dado será examinado antes de te ser confiado outro e Everam te ajude se houver neles a mais mínima falha.

Melan arregalou os olhos e o choque abandonou-lhe a expressão, substituído prontamente pela vergonha e pela compreensão do seu destino. Inevera respirou fundo, encontrando o seu centro e suprimindo o sorriso que ameaçava surgir-lhe nos lábios.

Kenevah devolveu os dados à mão de Melan e apontou a saída. Melan chorava sem controlo, mas ergueu-se e cambaleou em direção à saída. Asavi gritou e tentou segui-la, mas Qeva segurou o braço da rapariga e empurrou-a para trás com brusquidão.

No exterior da câmara, as nie'dama'ting mais jovens aguardavam. Todas abriram a boca de espanto quando viram Melan chorar e moveram-se em fila enquanto Kenevah e todas as outras Noivas e Prometidas seguiam o cortejo.

Caminharam até à torre mais alta do Palácio das Dama'ting. Porque Melan pareceu não subir com rapidez suficiente, Kenevah empurrou-a com força surpreendente. A rapariga tropeçou mais do que uma vez e Kenevah pontapeou-a até se erguer e continuar pelas escadas em espiral, alcançando uma varanda alta com vista privilegiada sobre a Lança do Deserto.

– Estende a mão – ordenou Kenevah. E Melan fê-lo enquanto todas se aglomeravam atrás dela, algumas na varanda e outras na câmara superior da torre. Os seus dedos estavam fechados com força em torno dos dados preciosos, o resultado de meia vida de trabalho.

– Abre a mão – disse Kenevah. O sol descia sobre o horizonte, mas, mesmo assim, continuava a banhar a varanda com a luz intensa de Everam. Chorando, Melan fez o que lhe ordenavam, abrindo os dedos e permitindo que o sol tocasse os dados.

O resultado foi imediato. Os ossos faiscaram e incendiaram-se, ardendo com intensidade cegante. Melan gritou.

Terminou num instante. A mão de Melan fumegava, a sua pele estava enegrecida nos pontos em que não expunha a carne. Os seus três dedos maiores ficaram fundidos e Inevera conseguia ver pedaços de osso chamuscado.

Kenevah voltou-se para Qeva.

– Trata-lhe a mão e liga-lha, mas não uses magia. Deverá suportar para sempre a marca do seu fracasso para que nunca o esqueça... – voltou-se e olhou as outras Prometidas – ... para que ninguém o esqueça. – Todas as nie'dama'ting além de Inevera engoliram em seco e deram um passo atrás ao ouvir as palavras.

Com Melan destruída, Inevera afastou da mente a política das nie'dama'ting, encontrando o seu centro e concentrando-se nos estudos. Continuou a destacar-se no treino, dominou as ervas e a magia dos hora, deu lições de sharusahk e dança das almofadas além de doutrinar as raparigas mais novas, cujo treino começava normalmente aos cinco anos.

No solstício seguinte, voltou a ver Soli e devolveu-lhe a piscadela de olho. Percebeu pelas rugas que se formaram à volta dos seus olhos que o gesto lhe agradou muito. Aquela memória fê-la flutuar em deleite durante seis meses.

Um ano depois, Melan completou os seus três conjuntos de marfim e voltou à Câmara das Sombras. Os cuidados de Qeva tinham sido esmerados, mas a mão da filha continuava um destroço com uma fração da mobilidade anterior. Permitiu que as unhas dessa mão ficassem longas e afiadas, dando-lhe a aparência de uma garra retorcida de alagai. A visão aterrorizava as outras nie'dama'ting, tanto pela sua aparência como por lhes recordar o risco que corriam todas as que aspiravam ao véu branco.

Mas, enquanto as outras raparigas se mostravam intimidadas por Melan e pela sua garra, Inevera não lhe prestava qualquer atenção. Não era nada. Uma pilha de estrume de camelo que já contornara. Bloqueando todas as distrações, continuou o seu trabalho lento e metódico nos dados. O facto de trabalhar em completa escuridão passara a ser do conhecimento geral, sussurrado às refeições e nos corredores por onde passava. Dizia-se que nenhuma das dama'ting, nem mesmo Kenevah, fizera o mesmo. Muitas pareciam ver aquilo como um sinal de que Inevera seria realmente a escolhida de Everam, cabendo-lhe ocupar o lugar da Damaji'ting anciã.

Mas a conversa era apenas vento e Inevera ignorou-a, mantendo o seu centro. Trabalhar na escuridão não significaria nada se lhe motivasse a confiança em excesso que condenara Melan.

– Arruinei-o para as suas esposas – contou a dama'ting Elan a Inevera numa noite enquanto lhe servia o chá. Nessa manhã, Elan convocara um belo kai'Sharum para a abençoar com uma filha.

Esperava-se que cada dama'ting gerasse pelo menos uma filha para lhe suceder. Os pais eram escolhidos cuidadosamente, pela sua inteligência e poder, e o momento da concepção era santificado pelos dados. Quando uma dama'ting escolhia um

homem, era-lhe enviado um palanquim, levando-o a uma casa de prazer privada que as Noivas mantinham no exterior do palácio sagrado porque nenhum homem podia passar os seus portões com as bolas intactas.

Nenhum homem era tolo ao ponto de recusar uma convocatória da dama'ting e, com a sua perícia com ervas e na dança das almofadas, a obediência dos seus desejos estava assegurada, mesmo que o homem fosse push'ting. Os homens regressavam do encontro esgotados e atordoados, não fazendo ideia de que tinham gerado uma filha que nunca conheceriam.

Poucas Noivas escapavam a gabar-se do feito.

– A sua jiwah não voltará a conseguir satisfazê-lo – troçou Elan. – Sonhará comigo até ao fim dos seus dias, pedindo a Everam que volte a dançar para ele mais uma vez. – Piscou o olho. – E poderei fazê-lo. A sua lança era rija e esmerada.

Muitas dama'ting se tinham afeiçoado a Inevera desta forma, tornando a rapariga sua confidente e esforçando-se por lhe conquistar a amizade. Desde o falhanço de Melan, era comumente aceite pelas Noivas que Inevera seria a herdeira de Kenevah. Algumas, como Elan, tentavam impressioná-la. Outras tentavam dominá-la ou ofereciam presentes com condições escondidas.

Inevera manteve o olhar baixo, os ouvidos apurados e as palavras neutras. Apesar de se ter distanciado da política das Prometidas, a política das Noivas era uma trama cujas minúcias ainda aprendia, uma trama que fazia a do bido parecer simples como entrançar o cabelo.

– A tua dança das almofadas é referida mesmo entre as dama'ting – disse-lhe Elan.

Referida como ineficaz, acrescentou mentalmente, mas encontrara o seu centro e a dama'ting não percebeu qualquer indício do que realmente sentia.

– O kai'Sharum não encontrará outra igual – concordou Elan.

Inevera voltou-se, vendo Asavi fitando-a com frieza do extremo oposto da sala. Dois anos mais velha que Melan, recebera recentemente o véu e Inevera movia-se com cautela

quando estava por perto, não lhe dando qualquer pretexto para se ofender. Separadas pelas portas da Cripta, Asavi e Melan já não podiam abraçar-se durante a noite, mas Melan era convocada com frequência aos novos aposentos de Asavi durante as horas diurnas e Inevera não duvidava que a sua amizade sobre as almofadas continuaria.

Numa madrugada do seu quinto ano como Prometida, Inevera estava no pavilhão das dama'ting quando um grito familiar anunciou a chegada de um grupo de Sharum trazendo os seus feridos. Era a manhã posterior à Lua Minguante e as baixas tinham aumentado nos anos anteriores.

– Deixa-me passar, push'ting miserável! É o meu filho!

Inevera sentiu o sangue arrefecer. Mesmo após meia década, conhecia a voz do seu pai.

Erguendo a túnica, correu sem qualquer sinal da compostura esperada das dama'ting em direção à cirurgia, onde um grupo familiar de Sharum sem mangas se erguia com as couraças de aço negro. A face de Cashiv estava banhada em lágrimas enquanto olhava Kasaad, cada um deles com guerreiros atrás de si. Kasaad tinha os olhos vermelhos e erguia-se de forma instável, provavelmente sentindo ainda os efeitos do couzi que bebia para ganhar coragem no Labirinto.

Vários guerreiros recebiam tratamento, mas Inevera conseguiu ver apenas um deles, correndo para junto de Soli com um grito. A face bela do seu irmão estava coberta de suor e pó, os seus olhos estavam vidrados e a pele pálida. O braço direito tinha sido cortado pelo bíceps por uma garra de alagai que quase o decepara. Um torniquete fora atado imediatamente abaixo do ombro e, apesar de o lençol em que se deitava estar ensopado de sangue, Inevera imaginou que teria derramado mais sangue ainda no chão do Labirinto e pelo caminho que percorrera até ao pavilhão.

Fora Prometida a Everam, sem família nem nome, mas não lhe importava e segurou a cabeça do irmão com as mãos, voltando-a gentilmente para que a olhasse.

– Soli – sussurrou, afastando-lhe o cabelo suado da cara. – Estou aqui. Cuidarei de ti e ficarás bom. Juro-to.

Viu-lhe um reconhecimento vago no olhar. Soli tentou rir, mas a tentativa transformou-se em tosse que lhe cobriu os lábios de sangue. A voz estava reduzida a um sussurro molhado.

– É meu dever cuidar de ti, irmãzinha. E não o contrário.

– Já não, irmão – sussurrou Inevera, sentindo as lágrimas inundarem-lhe os olhos.

– Não conseguiremos salvar o braço – disse Qeva, atrás dela. – Nem com ervas ou com hora. Terá de ser amputado. – Se a incomodava a falta de compostura de Inevera, não o demonstrou.

– Não! – gritou Kasaad. – É suficientemente mau que Everam me tenha amaldiçoado com um filho push’ting. Não aceitarei que seja também um aleijado! Enviem-no pelo caminho solitário e rezem para que Everam lhe perdoe o desperdício da semente!

Cashiv gritou, angustiado, e saltou sobre Kasaad, derrubando-o com facilidade e pressionando-lhe a cabeça selvaticamente contra o chão. Os amigos de Kasaad avançaram, mas os guerreiros de Cashiv bloquearam-lhes o caminho.

– Soli nunca significou nada para ti! – gritou Cashiv. – Para mim, é tudo!

– Transformaste-o num push’ting! – rosnou Kasaad. – Um verdadeiro Sharum não aceitará viver como um aleijado!

Qeva abanou a cabeça, desprezando o que via.

– Como se as suas opiniões tivessem alguma importância. – Bateu com as mãos e o ruído pareceu elevar-se como um trovão. – Basta! Todos para fora! Qualquer Sharum que permanecer neste pavilhão sem estar ferido quando terminar de contar até dez, será khaffit antes que o sol se ponha!

Aquilo conseguiu captar a atenção de todos. Os guerreiros excedentários saíram e Cashiv libertou Kasaad imediatamente, erguendo-se e curvando-se numa vénia profunda.

– Peço desculpa por trazer violência a este local de cura, dama’ting. – Dirigiu um olhar dorido a Soli e caiu de joelhos, pressionando a testa contra o chão. – Imploro-te, honrada

Noiva. Por favor, não faças Soli pagar pelos meus atos. Mesmo com apenas um braço, valerá cem homens comuns.

– Salvá-lo-emos – disse Inevera, apesar de não lhe caber fazê-lo. – Não deixarei o meu irmão morrer.

– Irm... – Kasaad ergueu o olhar. – Barba de Everam! Inevera?!

O reconhecimento iluminou-lhe a face e moveu-se com velocidade surpreendente, erguendo a lança do chão e afastando a filha com um pontapé. Desprevenida, Inevera embateu com força no chão, erguendo o olhar a tempo de ver Kasaad cravar a lança no peito de Soli.

– Antes morto que um aleijado push’ting poupado pelo coração mole da sua irmã!

Cashiv segurou-o imediatamente, erguendo-se atrás de Kasaad com um braço férreo e apontando-lhe uma faca longa e curva ao estômago. Inevera correu para Soli, mas o golpe do pai fora certo e o seu irmão estava morto.

– Não mereces ser levado por garra de alagai ou por lança – rosnou Cashiv ao ouvido de Kasaad. – Esventrar-te-ei como um khaffit esventrará um porco e ver-te-ei sangrar até morreres. Mereces mil mortes e tê-las-ás no abismo de Nie.

Kasaad riu-se.

– Cumpri a vontade de Everam e beberei dos seus rios de vinho no Paraíso. O Evejah diz-nos: «Não tolere o push’ting nem o aleijado!»

Qeva aproximou-se.

– Também diz: «Não bebas cereal fermentado...» e «golpear uma das Prometidas de Everam merece a morte».

Era verdade. O castigo por golpear uma nie’dama’ting era o mesmo que se aplicava a quem golpeasse uma dama’ting. O culpado seria declarado khaffit e executado em seguida. Apenas a mulher ofendida poderia poupar-lhe a vida.

Qeva desembainhou a sua faca curva e começou a cortar as vestes negras de Kasaad. Gritou e debateu-se, mas golpeou-lhe as linhas de poder com movimentos precisos, fazendo os seus membros perderem as forças.

– És khaffit, Kasaad sem nome digno de ser referido. Permanecerás às portas do Paraíso para toda a eternidade e, se Everam, em toda a Sua sabedoria, algum dia se apiedar da tua alma e a enviar de volta a Ala, reza para que sejas menos estúpido na próxima vida. – Voltou-se para Inevera, passando-lhe a faca. Cashiv puxou com força, arqueando as costas de Kasaad e oferecendo-lhe um alvo fácil.

Kasaad gritou e implorou, mas não havia qualquer compreensão nos olhos que o rodeavam. Por fim, acalmou-se e olhou Inevera.

– Se aceitas desperdiçar um guerreiro válido por um push’ting sem um braço, assim seja. Apressa-te, filha.

Inevera olhou-o, com a raiva fervendo nas veias. Sentia o punho de prata da faca duro e quente na sua mão, esguio com o seu suor.

– Não matarei o meu próprio pai – disse, por fim. – E não mereces uma morte rápida. – Olhou Qeva. – O Evejah diz que poderei poupá-lo, se desejar.

– Não! – gritou Cashiv. – Nie te carregue, rapariga! Farás justiça pelo teu irmão! Se a tua carne é demasiado pura para conspurcar, bastará que o digas e a minha mão será tua.

– Compreendes o que significa poupá-lo? – perguntou Qeva a Inevera, ignorando Cashiv por completo. – Everam deverá ser pago em sangue pela ofensa que lhe foi feita.

– Será pago – disse Inevera.

Qeva acenou com a cabeça e ergueu um torniquete, prendendo-o com firmeza em volta da perna com que Kasaad pontapeara Inevera. Olhou Cashiv.

– Segura-o bem.

O guerreiro assentiu, segurando-o com força ainda maior.

Inevera não hesitou, cravando a faca afiada no joelho do pai como um açougueiro cortando uma articulação. Sangue quente jorrou enquanto a metade inferior da perna era cortada com um ruído atroz quando os ossos se separaram. Os gritos de Kasaad ecoaram por todo o pavilhão, mas era um local habituado a tais sons e ninguém o estranhou.

Inevera segurou o pai pela barba, interrompendo-lhe os gritos enquanto lhe puxava a cara agonizante para que a olhasse.

– Irás até Manvah e servi-la-ás. Serve-a como se fosse a Damaji'ting. Fá-lo durante a vida que te restar e talvez me apiede e te deixe morrer vestido de negro. Mas, se voltares a golpeá-la ou não obedeceres a todas as suas ordens, saberei e cortarei a outra perna. E também os braços. Viverás uma vida longa sem membros capazes de te colocarem em apuros e morrerás como khaffit. Serás deixado como alimento para os cães e cagar-te-ão nas ruas.

Cashiv deixou tombar Kasaad, com um novo grito de angústia.

– Uma perna? A perna de um bêbado inútil? É o valor que atribuis a Soli?

Inevera moveu-se com rapidez, segurando-lhe o dedo e partindo-o com facilidade enquanto lhe interrompia a linha de energia da perna com o nó de um dedo. O membro cedeu e conseguiu projetá-lo violentamente até cair de costas.

– Julgas poder avaliar o amor que senti pelo meu irmão? Achas que os meus laços de sangue são mais fracos que os teus laços de sémen?

Cashiv fixou nela um olhar frio.

– A minha alma está pronta para o caminho solitário, Inevera vah Kasaad. Matei muitos alagai, gerei um filho e não te golpeei. É teu direito matar-me se desejares, mas não poderás negar-me o Paraíso como fizeste ao teu pai. Sentar-me-ei no grande salão de Everam ao lado de Soli e poderei consolá-lo do mijo de camelo que a irmã verte sobre a sua memória com cada fôlego deste comedor de porco. – A sua expressão era de ódio. – Fá-lo. Vamos!

Havia loucura nos seus olhos e Inevera percebeu que queria que o fizesse. Implorava que o matasse.

Abanou a cabeça.

– Sai daqui. Não te matarei por amares o meu irmão. Mesmo que te tenha tornado um tolo.

Depois de regressar ao palácio, Inevera dirigiu-se rapidamente para a Cripta. Havia poucas raparigas no interior àquela hora e as que viu apressavam-se a caminho das lições. Seria Inevera a ministrar uma delas antes de entrar na Câmara das Sombras à tarde.

Viu a nie'dama'ting Shaselle tecendo o bido depois do banho e estalou os dedos, captando a atenção da rapariga. Apesar de ser mais velha, o ruído fez Shaselle conferir-lhe a sua atenção imediata.

– Tenho assuntos para resolver – disse-lhe Inevera. – Ocupa-te da lição de herbologia básica às raparigas do segundo ano.

– Com certeza, nie'Damaji'ting. – Shaselle curvou-se e apressou-se a obedecer à ordem.

Nie'Damaji'ting. A herdeira de Kenevah. Não era um título formal. Seria provável que qualquer rapariga apanhada a usá-lo fosse punida com severidade.

Inevera nunca ordenara que outra rapariga a substituísse numa lição nem tinha qualquer direito de o fazer, mas, naquele momento, não lhe importava. Tudo o que importava era que estava finalmente sozinha. Lançou-se sobre a sua minúscula enxerga e chorou. Tentou guardar as lágrimas em frascos que pudesse oferecer a Everam com orações pela alma do seu irmão, mas as mãos tremiam-lhe e a tarefa revelou-se impossível. Sepultou a face nas almofadas, permitindo que o pano áspero ensopasse as lágrimas.

Soli partira. Não voltaria a ver o seu sorriso fácil ou a sua face bela. Não voltaria a ser confortada pelas suas palavras ou a sentir a segurança da sua presença. Num instante, todos esses futuros tinham desaparecido. Pensou se a dama'ting o teria visto nos dados no final do seu Hannu Pash.

E Kasaad? Teria prestado algum favor ao mundo quando o poupou ou seria um fardo pesado para a Lança do Deserto? Cashiv estaria certo? Teria fracassado em vingar o irmão como merecia?

O tempo passou e o sino da tarde soou. A Câmara das Sombras chamava-a, mas, mesmo assim, Inevera não se

ergueu. Desde a sua primeira entrada, nunca falhara uma sessão, mas não havia qualquer lei que a forçasse a estar presente. Se desejasse passar a vida inteira a talhar os dados, tinha esse direito.

Por fim, a porta da Cripta abriu e Qeva entrou, mantendo-se junto à porta.

– Basta, rapariga. Já choraste que chegue. A Lança do Deserto não tem água suficiente para a desperdiçares durante todo o dia. Encontra o teu centro. Kenevah convocou-te.

Inevera inspirou fundo uma vez e outra logo a seguir, limpando prontamente os olhos com a manga. Quando se ergueu, recuperara a compostura, mas continuava a sentir as entranhas dilaceradas.

Kenevah esperava no seu gabinete quando Inevera chegou. O bule de chá fervia e, sendo-lhe sinalizado que o fizesse, Inevera serviu duas chávenas e sentou-se diante da Damaji'ting.

– Nunca me disseste que o teu irmão era um dos homens de Baden – disse-lhe a anciã.

Inevera acenou com a cabeça.

– Receei que me impedisses de o ver se soubesses. – A confissão era equivalente a mentir à Damaji'ting, mas Inevera percebeu que não tinha forças para se importar.

Kenevah grunhiu.

– É provável que o tivesse feito. E talvez continuasse vivo. – Inevera olhou-a e viu-a encolher os ombros. – Ou talvez não. Os dados permitem-nos vislumbrar o futuro, mas mantêm-se silenciosos quanto ao passado.

– «O passado ficou para trás» – disse Inevera, citando a Damajah. – «Será inútil persegui-lo.»

– Então porque passaste o dia a chorar? – perguntou-lhe Kenevah.

– A minha dor é um vento forte, Damaji'ting – respondeu Inevera. – Até a palmeira se vergará ao vento, endireitando-se apenas quando deixa de soprar.

Kenevah ergueu o véu para soprar o vapor que se erguia do chá.

– Os Sharum não vergam.

Inevera olhou-a.

– Hã?

– Não vergam. Não choram – disse Kenevah. – São luxos que os Sharum não têm no Labirinto, quando a vida e a morte estão separadas por distância ínfima. Enquanto nos vergamos ao vento, os Sharum acolhem a sua dor e ignoram-na. Para quem não tiver sido treinado, o efeito poderá parecer o mesmo, mas não é. E, como um vento forte conseguirá quebrar até a árvore mais flexível, haverá dores demasiado grandes para serem acolhidas pelos Sharum. Quando isto acontece, lançam-se contra o inimigo, esperando morrer uma morte honrada sem submissão.

– Cashiv desejava essa morte – disse Inevera. – Ele e o meu irmão eram amantes.

Kenevah bebeu um gole de chá.

– Os outros Sharum trancam as suas amadas na Subcidade quando vão para o Labirinto. Os push'ting erguem-se a seu lado. Lutam de forma mais sensata por isto, mas também sentem a dor com maior intensidade quando um deles é levado.

– Olhou Inevera. – Mas negaste-lhe a morte. E também ao teu pai, apesar de o Evejah o exigir.

– O Evejah permitiu-me escolher – referiu Inevera. – E porque me importaria libertar Cashiv do sofrimento pela morte de Soli quando ninguém me libertará a mim?

Kenevah acenou afirmativamente.

– A morte tornou-se demasiado fácil em Krasia. Um visitante frequente e indesejado tornou-se como um velho amigo, recebido de braços abertos. Há três séculos, éramos milhões, enchendo esta grande cidade e as terras em redor. Lutávamos entre nós, mas algumas vidas perdidas por poços roubados não eram nada quando éramos tão numerosos como os grãos de areia no deserto. Agora, somos escassos como gotas de chuva e cada vida importa.

– Os alagai... – começou Inevera.

Kenevah silenciou-a com um movimento da mão.

– Os alagai podem levar a maior parte das vidas, mas é a nossa tolice que continua a permitir-lhes que o façam.

– A Alagai'ssharak – disse Inevera.

– Milénios de lutas tribais não se esquecem com o anoitecer, por mais que o Andrah e o Sharum Ka o digam – disse Kenevah.

– São corruptos, colocando os Kaji acima de tudo o resto e fazendo o que podem para diminuir os números dos seus rivais. O Sharum Ka é velho e passa a noite no seu palácio, deixando o Labirinto vazio de liderança genuína, mas continuamos a enviar os nossos homens mais valorosos para esse matadouro, noite após noite, perdendo-os mais depressa do que nascerão crianças para os substituir. As dama'ting fazem o que podem para manterem preenchidos todos os ventres férteis em Krasia, mas não há ventres em número suficiente para acompanhar o ritmo a que homens determinados avançam para a destruição.

– Que poderá ser feito? – perguntou Inevera.

Kenevah suspirou.

– Não sei se alguma coisa poderá ser feita. O nosso poder tem limites. Poderás herdar o meu véu um dia apenas para presidires ao fim do nosso povo.

Inevera abanou a cabeça.

– Não aceito que assim seja. Everam testa-nos. Não permitirá a nossa queda.

– Há três séculos que permite que aconteça – disse Kenevah.

– Everam abençoa os fortes, mas também os astutos. Talvez tenha perdido a paciência com os tolos.

Inevera continuou a trabalhar com precisão tranquila, mas sentia a tensão crescer enquanto se ia aproximando cada vez mais da conclusão dos dados. Mais uma semana, duas no máximo, e seria testada para receber o véu. Aos catorze anos. A mais jovem em séculos.

Recordou a forma como os dados de Melan tinham ardido quando expostos à luz do sol. Recordou o som dos seus gritos. O cheiro de carne queimada e o fumo pútrido que lhe fez arder os olhos. Mesmo depois de muitos cortes e de uma suspeita de cura com hora levada a cabo por Asavi, a mão de Melan

continuava a assemelhar-se a uma garra de demônio, disforme e coberta de cicatrizes.

Seria aquele o seu fim? Os instintos de Inevera diziam-lhe que não, mas não havia absolutos, mesmo nas previsões de Kenevah.

Acordou de um pesadelo com o coração acelerado. A escuridão mantinha-se na Cripta, mas supôs que a manhã não estaria muito distante e sabia que não voltaria a adormecer. Ergueu-se em silêncio da enxerga e ocupou-se com as suas abluções e com a retirada de seda de bido limpa da pilha, enrolando-a com a rapidez com que um homem vestiria a sua túnica. Estava pronta quando as guardas de luz se ativaram e não demorou a apressar as raparigas mais novas para que se vestissem e se preparassem para o sharusahk.

As baixas foram reduzidas no pavilhão nesse dia e estava prestes a regressar ao palácio quando chegou um par de rapazes vestindo ainda os seus bidos. Um era incrivelmente gordo (sabia que os instrutores quase matavam os nie'Sharum à fome) e apoiava outro rapaz, mais baixo e muito mais magro, pouco mais do que pele e osso. Não teria mais de dez anos e tinha o braço partido com tamanha gravidade que um osso branco lhe rasgava a carne enquanto o sangue jorrava do membro inerte. A face estava pálida e suada, mas não chorou e caminhou pelo seu pé até à mesa onde Qeva lhe repararia o braço. Assim que Qeva lhe acenou com a cabeça, o rapaz gordo curvou-se e saiu.

Inevera ajudara a tratar ossos partidos muitas vezes e conhecia as ervas e unguentos que deveria trazer à dama'ting. Trouxe ao rapaz um pau envolto numa camada de pano grossa para que o mordesse. Fixou nela olhos vidrados de dor, motivando a sua compaixão.

Colocou-lhe o pau na boca.

– Os dal'Sharum acolhem a sua dor.

O rapaz acenou afirmativamente, apesar de a face mostrar a confusão que sentia. Mordeu com força enquanto Qeva endireitava o braço, mas, após um momento, a tensão

afrouxou, abrindo a boca e deixando cair o pau. Inevera achou que teria ficado inconsciente, o que seria perfeitamente compreensível, mas mantinha os olhos abertos, olhando calmamente enquanto a dama'ting lhe alinhava os ossos e tratava a ferida. Era impressionante. Inevera vira Sharum adultos afastarem a vista quando a sua pele era cosida. Quando terminou, Qeva deu-lhe uma poção para o adormecer e para o impedir de se mover enquanto Inevera preparava o gesso.

– Instrutores – disse Qeva, como se cuspiasse a palavra. – Este rapaz é o último da linhagem de Jardir. O seu pai foi morto num ataque absurdo dos Majah a um poço. É suficientemente mau que os nossos homens sejam massacrados durante a noite, mas canso-me de remendar rapazes do sharaj. Muitos nem sequer chegam ao Labirinto, mutilados ou mortos no treino. Terá de parar.

– Parará – disse Inevera. – Encontrarei uma forma.

– Tu? – troçou Qeva. – Então já te achas a Damajah?

Inevera encolheu os ombros.

– Será melhor não fazer nada enquanto se espera que regresse?

Qeva semicerrou os olhos.

– Cuidado com as palavras, rapariga. Estão muito próximas da blasfémia.

Inevera curvou-se.

– Não foi a minha intenção, dama'ting.

Inevera olhou o rapaz enquanto dormia, muito depois de lhe ser permitido regressar ao palácio. Era bonito, talvez o suficiente para captar a atenção de uma dama'ting, mas não imaginava que abdicasse das suas bolas para passar a vida como eunuco. Havia poder nele. Sentia-o. Talvez fosse por esse motivo que sentia a necessidade de voltar a falar-lhe.

Moveu-se, abrindo os olhos castanhos. Inevera sorriu-lhe.

– O jovem guerreiro desperta.

– Falas – gemeu o rapaz.

– Serei algum animal para não falar? – perguntou Inevera, apesar de saber muito bem o que queria dizer. As dama'ting não

se rebaixavam a falar com nie'Sharum no pavilhão. Deixavam esse dever para as raparigas.

– Comigo, queria dizer – explicou o rapaz. – Sou apenas um nie'Sharum.

Inevera acenou-lhe com a cabeça.

– E eu sou uma nie'dama'ting. Receberei o meu véu em breve, mas ainda não o uso e posso falar com quem desejar. – Ergueu uma malga fumegante de papa de aveia até aos seus lábios. – Suponho que te matem à fome no Kaji'sharaj. Come. Ajudará os feitiços da dama'ting a sararem-te.

O rapaz assentiu, bebendo avidamente e esvaziando a malga em pouco tempo. Olhou-a.

– Como te chamas?

Inevera voltou a sorrir enquanto lhe limpava um pouco de papa da boca.

– Que atrevimento, para um rapaz que quase não tem idade para o seu bido.

– Desculpa – disse o rapaz.

Riu-se.

– O atrevimento não é motivo para remorsos. Everam não aprecia os tímidos. Chamo-me Inevera.

– A vontade de Everam – traduziu o rapaz. Moveu a cabeça, como se apontasse o peito com o queixo.

– Ahmann. Filho de Hoshkamin.

Inevera conteve o riso. Pretenderia cortejá-la aquele rapaz? Acenou com a cabeça educadamente, tentando perceber o que a atrairia nele. Pensou se aquele rapaz forte e arrojado seria um dos que morreria no treino, desperdiçando a vida antes do seu início. Ou se seria sacrificado no Labirinto pela vontade de tolos, tal como acontecera com Soli.

Inevera regressou ao palácio, dirigindo-se diretamente à Câmara das Sombras. Não havia mais tempo para demoras. Tinha perguntas a que apenas os dados conseguiriam responder. Dirigiu-se à sua cela e dispôs as ferramentas, passando dedos sensíveis sobre os ossos enquanto os retirava da sua bolsa de hora. Alisados por dez mil mãos e polidos com

óleos sagrados, a sua superfície era como vidro quebrado apenas pelos sulcos dos símbolos.

Uma guarda de profecia em cada um e um símbolo de previsão em cada aresta e no centro de cada uma das faces restantes. O dado de quatro faces tinha dezasseis símbolos. O de seis tinha trinta. O de oito, trinta e dois. E assim sucessivamente. Um a um, Inevera tocou os símbolos na escuridão, testando a sua perfeição como fizera vezes incontáveis. Ficavam mais pequenos com o aumento do número de faces, mas conhecia-os a todos como se lhe estivessem gravados na alma.

Por fim, ergueu o dado de vinte faces. O último do conjunto. O oitavo osso permanecia na sua bolsa de hora, intocado desde que Kenevah lho entregara. A maioria das raparigas cometia erros e precisava de usar o osso adicional. Não havia nisso qualquer vergonha, mas «construir um conjunto com sete» era uma honra especial e um osso era inutilizado com grande relutância. O oitavo osso seria seu para usar como entendesse se o mantivesse puro. Magia ao seu serviço.

O dado de vinte estava quase completo, restando talhar mais três símbolos. No passado, fizera-o lentamente, movendo delicadamente a ferramenta sobre o local preciso, mal riscando a superfície enquanto desenhava um símbolo tão pouco profundo que poderia ser apagado com polimento breve. Depois de passar os dedos sobre ele, traçava-o novamente, de forma ligeiramente mais profunda. E outra vez. E mais outra. Cem vezes se fosse necessário, até as linhas serem profundas e inconfundíveis.

Mas não naquele dia. Naquele dia, sentia o poder de Everam nos seus dedos e abriu grandes sulcos com a ferramenta, talhando o primeiro símbolo com um único movimento suave. Era estouvado, mas não conseguia evitar, virando o dado e começando a cravar o símbolo minúsculo seguinte. E o terceiro, conseguindo em segundos o que levava semanas nas outras faces. As mãos tremiam-lhe enquanto pegava num pano e limpava as lascas, receando passar os dedos sobre os símbolos.

Teria cometido um erro? Teria arruinado o dado? Se o tivesse feito, custar-lhe-ia um ano de trabalho e não teria nova oportunidade. Não sem se queimar.

Por fim, encontrou o seu centro e atreveu-se a tocar a superfície, maravilhando-se com a sua perfeição. Sem hesitar, ergueu a ferramenta mais afiada e perfurou a pele entre o polegar e o indicador, deixando o sangue envolver o dado e preencher os sulcos. Enquanto o fazia, orou.

– Everam, criador de Ala, Senhor da Luz, os teus filhos morrem. Lutamos entre nós quando deveríamos unir-nos, desperdiçando vidas quando deveríamos poupá-las. Como poderemos voltar às tuas graças para sermos salvos da extinção?

Enquanto sussurrava as palavras, ergueu os dados com cuidado nas mãos unidas, sentindo-os quentes ao toque quando a magia se ativou. A luz espreitava-lhe entre os dedos, fazendo-lhe as mãos brilharem com luz escarlate, projetando finos raios de luz que dançavam nas paredes da câmara.

Era proibido testar os dados sozinha. A lei era clara. Devia fazer soar a campainha antes de confiar nos dados, mas Inevera não se importou. Sentia o poder crescer-lhe nas mãos e não conseguia esperar mais.

Lançou.

Os dados espalharam-se pelo chão, reluzindo com a magia. Inevera viu-os moverem-se de forma sobrenatural, com o padrão ditado pelas guardas e não pelas leis da física ou da geometria. A seguir, ficaram imóveis, com alguns símbolos ainda palpitando, outros brilhando com intensidade e outros ainda escuros. Lê-los tinha tanto de arte como de ciência, mas, para Inevera, o significado foi claro como palavras num pergaminho.

Um rapaz chorará no Labirinto na 1077.^a aurora. Faz dele um homem para abrir o caminho ao Shar'Dama Ka.

Inevera sentiu a face corar e inspirou profundamente para encontrar o seu centro. Deveria encontrar o Shar'Dama Ka renascido? Significaria aquilo que era realmente a Damajah, como Qeva troçara? Não poderia saber, pois os dados

conseguiam ler o destino de outros, mas nunca de quem os lançava.

– Faz dele um homem – sussurrou. Os símbolos eram vagos naquele trecho. Representariam a cerimónia tradicional de imposição do véu pela qual todos os Sharum passavam? A iniciação sexual? A educação e o treino? O casamento? Os dados não explicavam.

Voltou a abaná-los.

– Everam, Criador do Paraíso e de Ala, Senhor da Luz e da Vida, como deverei fazer deste rapaz um homem?

Os símbolos voltaram a falar-lhe, mas a resposta que deram não foi mais clara e apenas a preencheu com nova ansiedade.

A Sharak Ka está próxima. O Libertador deverá ter todas as vantagens.

Sharak Ka. A Primeira Guerra. Sem o Libertador, o poço da humanidade secaria de vez e a última luz de Everam extinguir-se-ia em Ala.

O Libertador deverá ter todas as vantagens.

Apressou-se a recolher os dados, erguendo-os. Usando os dedos para tocar os símbolos, iluminou intensamente a câmara em que passara horas incontáveis e que nunca vira verdadeiramente. A luz foi refletida por um pequeno nicho na parede que abrigava a campainha prateada.

Tinham ficado para trás os dias de escuridão. Dali em diante, os dados iluminariam o seu caminho.

O teste para o véu passou rapidamente. Inevera não teve dúvidas e respondeu rapidamente, apesar de Kenevah lhe ter feito muito mais perguntas do que fizera a Melan ou a qualquer outra rapariga que se tivesse submetido ao teste desde então.

A Damaji'ting misturou as perguntas com truques e meias-verdades, tentando uma e outra vez confundir Inevera. Em redor da câmara, isto gerou murmúrios entre Noivas e Prometidas, pensando se Inevera teria cometido um erro no início do teste que Kenevah a tentava forçar a repetir. Os dados eram subjetivos e os erros ocorriam. Um seria permitido, mas dois não.

Porém, apesar de sentir a especulação, foi apenas vento para Inevera. Sentia a sabedoria de Everam fluindo através dos dados e falava com a segurança da Sua voz. Não havia respostas erradas e tanto ela como Kenevah o sabiam. Por fim, a anciã acenou afirmativamente.

– Bem-vinda, irmã.

As dama'ting mantiveram a compostura, pondo cobro imediato aos murmúrios. Algumas das nie'dama'ting reagiram com gritos de júbilo, mas não todas. Inevera moveu os olhos sobre elas, encontrando o olhar de Melan e enfrentando-o.

A rapariga moveu a cabeça num sinal quase impercetível de respeito, mas o olhar permanecia duro. Era difícil perceber se estaria resignada ou vingativa. Inevera supôs que não importaria.

Na Câmara das Sombras, com todas olhando-a, foi-lhe despida a túnica e removido o bido enquanto proferia o seu juramento a Everam.

– Eu, Inevera vah Kasaad am'Damaj am'Kaji, Prometida de Everam, aceito-O como meu primeiro marido, colocando os Seus desejos acima de quaisquer outros, aceitando o Seu amor como meu maior desejo, a Sua vontade como minha maior ordem, pois Ele é o Criador de todas as coisas grandiosas e verdadeiras e todos os outros homens serão meras sombras da Sua perfeição. Faço-o agora e para toda a eternidade, pois, na minha morte, juntar-me-ei às minhas irmãs-esposas no Harém Celestial e aí conhecerei o Seu toque sagrado.

– Ouço o teu juramento e declaro-te obrigada a cumpri-lo – disse Kenevah, erguendo os dados no ar e fazendo-os brilhar com a magia.

– Ouço – disse Qeva, erguendo também os seus dados iluminados.

– Ouço – repetiram as outras dama'ting, uma a uma, erguendo os dados. – Ouço. Ouço.

Inevera foi conduzida até uma mesa de mármore e forçada a ajoelhar-se, colocando as mãos sobre a mesa e pressionando a

testa entre elas. Sulcos na pedra assinalavam os pontos em que joelhos, mãos e testas incontáveis tinham repousado antes dela.

Kenevah ergueu um grande pedaço de mármore que parecia ter tido outrora a forma de um órgão masculino, mas que séculos de uso tinham deixado gasto, com a cabeça bolbosa pouco distinta da haste.

Qeva ergueu um cálice de água abençoada, vertendo-a sobre o falo e sussurrando orações enquanto o fazia. A seguir, ergueu um frasco de óleo de kanis sagrado e deixou-o escorrer sobre o mármore, acariciando-o com movimentos repetidos como se satisfizesse um homem. Usou cada uma das sete carícias, espalhando o óleo sobre cada centímetro.

Kenevah recebeu o falo e posicionou-se atrás de Inevera, que não conseguiu evitar unir as coxas, sabendo que era a pior coisa a fazer.

– O medo e a dor... – disse Kenevah.

– ... são apenas vento – terminou Inevera. Acompanhou-lhe a respiração, encontrando o centro e deixou que as coxas descontraíssem, abrindo-se.

– Com isto, consumo a tua união com Everam – disse Kenevah e não hesitou enquanto introduzia o falo dentro de Inevera, fazendo-a gemer de dor. Kenevah moveu repetidamente o membro de mármore, torcendo-o enquanto o fazia. A dor dominou Inevera, mas vergou como a palmeira, deleitando-se com o seu casamento com Everam. Era o seu verdadeiro marido e a verdade que proferia chegava-lhe através dos hora. Compreendeu finalmente o que significava ser uma das Noivas de Everam. Não voltaria a estar sozinha. Ele estaria sempre presente para a guiar.

Por fim, Kenevah cessou os movimentos.

– Está terminado, Noiva de Everam.

Inevera acenou afirmativamente, levantando-se lentamente, consciente da dor e do sangue que lhe escorria pelas coxas. As pernas vacilaram quando se ergueu, mas manteve o equilíbrio enquanto se voltava para Kenevah, que erguia um pano branco imaculado, prendendo-o diante da sua face.

Curvou-se.

– Obrigada, Damaji'ting. – Kenevah retribuiu a vénia e Inevera voltou-se e caminhou, nua além da bolsa de hora presa à cintura, passando pelas outras mulheres e saindo da câmara. Mantinha as costas direitas e o seu porte era orgulhoso.

Atribuíram-lhe aposentos no palácio e no subpalácio. Eram enormes e opulentos, repletos de tapeçarias caras, lençóis de seda e cortinas grossas de veludo, com utensílios de prata, ouro e porcelana delicada. A luz provinha de guardas que podia tornar mais ou menos intensas e havia uma banheira resguardada rodeada por guardas térmicas capazes de aquecer ou arrefecer a água ou os aposentos como desejasse. Um resgate de Damaji em magia para seu conforto, tudo controlado por um dos pedestais de pedra que aprendera a manipular enquanto ainda vestia o bido.

Assim que ficou sozinha, dirigiu-se ao armário contendo uma dúzia de túnicas de seda de um branco puro. Escolheu duas. Estendeu a primeira sobre a cama larga de dossel. E cortou a segunda com a faca.

Os eunucos já lhe tinham preparado um banho quente. Enfiou-se na água deliciosamente quente e esfregou-se com cuidado. Sentiu um indício mínimo de pelo na cabeça e sorriu. Não precisaria de voltar a rapar o crânio, mas manteria a depilação diária das pernas e das partes baixas.

Limpa e suave, pegou em pincel e tinta, pintando guardas à volta do seu sexo. O sangue parara de correr e a crosta formada foi levada pela água, mas Inevera sentia ainda a dor da consumação do seu casamento com Everam.

Correu as cortinas grossas, ativando a luz das guardas nas paredes, e ajoelhou-se no chão, respirando para encontrar o seu centro enquanto rezava. A seguir, levou a mão à sua bolsa de hora e retirou o seu oitavo osso. Era áspero como um fragmento de obsidiana arrancado a Ala com uma picareta.

Era uma oferenda sem preço, magia que poderia usar livremente. O sangue negro que percorria o interior das paredes do palácio como sangue preenchendo veias tinha utilizações

limitadas, mas aquele osso conseguiria alimentar um número infinito de feitiços. Poderia passar um ano inteiro antes de poder usar outro fora do pavilhão da cura. Sem dúvida, existiria já especulação acerca do que Inevera faria com o oitavo osso. Talvez o guardasse como arma ou escudo defensivo, como muitas dama'ting tinham feito, mantendo-o sempre consigo.

Mas Inevera não hesitou, encostando-o às guardas que pintara na pele, sentindo-as aquecer e ativarem-se, cintilando com poder sob a luz ténue das guardas. Sentiu as coxas ficarem tensas e o estremecimento que se seguiu não era totalmente de prazer nem de dor.

A magia da cura era a mais forte e a que canalizava maior quantidade de magia. O oitavo osso desfez-se em pó na sua mão e tocou-se entre as pernas. Fizera o seu trabalho.

O seu hímen tinha sido restaurado.

Se houver uma hipótese de casar com o Libertador, deverei apresentar-me diante dele como uma noiva adequada, sem ter conhecido um homem.

Estendeu a mão para a túnica de seda de onde cortara uma tira longa de tecido e iniciou movimentos bem conhecidos, tecendo o seu bido.

O quiosque familiar tinha desaparecido, substituído por um muito maior e mais rico.

– Cestos! – gritou alguém e Inevera ergueu a cabeça, surpresa, vendo o pai vestido com a cor castanha dos khaffit e apoiando-se numa bengala enquanto caminhava sobre uma perna de pau. – Os melhores cestos de Krasia!

Inevera esperou até um cliente entrar no quiosque e chamar a atenção de Kasaad. A seguir, contornou-o, passando além do balcão e ultrapassando a cortina que tinha atrás.

Viu aí a sua mãe, intocada pelo tempo enquanto prendia um aro entre os pés, tecendo. Estava rodeada por uma dúzia de outras tecelãs, algumas jovens e com faces expostas, outras de meia-idade ou anciãs. Ouviu-se um silvo quando passou a cortina e todas ergueram prontamente o olhar. Apenas Manvah regressou ao trabalho.

– Deixem-nos – disse Inevera em voz baixa. As tecelãs largaram os seus aros e puseram-se de pé, apressando-se a sair. Mesmo com os véus, Inevera julgou reconhecer algumas.

– Custaste-me uma tarde de trabalho pelo menos – disse Manvah. – Talvez mais. Aquelas gralhas não falarão de outra coisa durante dias.

Inevera soltou o véu, deixando-o cair da face.

– Mãe, sou eu. Inevera.

Manvah ergueu o olhar e não houve surpresa ou reconhecimento nos seus olhos.

– Foi-me ensinado que uma dama'ting não tem família.

– Não lhes agradaria se soubessem que aqui estou – admitiu Inevera. – Mas continuo a ser a tua filha.

Manvah roncou de desprezo e voltou ao trabalho.

– A minha filha não ficaria parada com tantos cestos para tecer. – Olhou-a. – A não ser que tenhas esquecido como se trabalha.

Inevera reagiu com um ronco tão parecido com o da mãe que a fez parar por um momento. A seguir, sorriu, voltando a colocar o véu e descalçando as sandálias. Sentou-se sobre um cobertor limpo e prendeu entre os pés um aro por terminar.

– Prosperaste o suficiente para teres Krisha e as suas irmãs tecendo para ti. – Retirou vários filamentos antes de estender a mão para uma pilha de folhas de palmeira. – Mas o trabalho delas continua medíocre.

Manvah repetiu o ronco.

– Muito mudou desde que o teu pai se tornou khaffit, mas nem tanto.

– Sabes como aconteceu? – perguntou Inevera.

Manvah acenou afirmativamente.

– Confessou-me tudo. A princípio, quis matá-lo, mas Kasaad não toca numa garrafa de couzi ou num copo de dados desde então e revelou ser melhor negociante que guerreiro. Consegui mesmo comprar irmãs-esposas. – Suspirou. – É irónico que nos orgulhemos mais de um marido khaffit do que de um marido

Sharum, mas o teu pai escolheu bem o nome que te deu. Não nos caberá questionar a vontade de Everam.

Enquanto teciam, Inevera contou-lhe o que acontecera durante os anos anteriores. Não escondeu nada, incluindo o seu primeiro lançamento dos dados e o que diziam, algo que não contara a mais ninguém.

Manvah olhou-a com curiosidade.

– Esses dados de demónio que dizes falarem por Everam, consultaste-os antes de vires aqui hoje?

– Sim – respondeu. – Mas sempre desejei voltar a ver-te depois de conseguir o véu.

– E se os dados te dissessem que não deverias fazê-lo? – perguntou Manvah.

Inevera olhou-a e, por um momento, ponderou mentir.

– Não teria vindo – disse, por fim.

Manvah acenou afirmativamente.

– Que te disseram? Acerca deste dia?

– Que serás sempre sincera comigo – respondeu Inevera. – Mesmo quando preferir não ouvir a verdade.

A pele à volta dos olhos de Manvah enrugou-se e Inevera percebeu que sorria.

– O dever de uma mãe.

– Que devo fazer? – insistiu Inevera. – Qual o significado dos dados?

Manvah encolheu os ombros.

– Diziam-te que deverás ir ao Labirinto na milésima septuagésima sétima aurora.

Inevera mostrou-se espantada.

– É isso? É esse o teu conselho? Posso conhecer o Libertador daqui a três anos e queres que me limite a... não pensar nisso?

– Preocupa-te, se preferires – disse Manvah. – Mas os anos não passarão mais depressa. – Olhou fixamente Inevera. – Estou certa de que encontrarás uma forma de ser produtiva até lá. Se não encontrares, tenho muitos cestos para tecer.

Inevera terminou o cesto.

– Estás certa, claro. – Ergueu-se para o juntar à pilha, notando enquanto o fazia que até o cobertor limpo em que se sentara lhe deixara pó na túnica imaculada. – Mas aceito o teu convite para voltar a tecer contigo. – Sacudiu-se. – Desde que me dês um sítio mais limpo onde possa sentar-me.

– Comprarei seda branca para o teu precioso traseiro de dama'ting – disse Manvah. – Mas tecerás até pagares o seu custo.

Inevera sorriu.

– A três draki por cesto, poderá levar anos.

Os olhos de Manvah rodearam-se de rugas.

– Uma vida inteira, se comprar seda nova antes de cada visita. Uma dama'ting não merecerá menos que isso.



NOVE

AHMANN

308-313 DR

INEVERA PERCORREU AS RUAS da Lança do Deserto na escuridão, sem sentir a apreensão outrora provocada por se erguer à superfície durante a noite. Mesmo se os dados não lhe tivessem prometido que veria o rapaz quando chegasse a aurora, tinham passado três anos. A sua bolsa de hora passara a conter ossos suficientes para a defender de praticamente qualquer ataque, demoníaco ou não, e considerava-se que apenas Qeva estava à sua altura no sharusahk.

A velha cidade estava tranquila à noite. Bela. Inevera tentou imaginar uma época em que a tinta e os dourados eram recentes, com pilares e esculturas que ainda não tinham sido submetidos ao desgaste dos elementos. Tentou visualizar como seria Krasia antes do Regresso, apenas há trezentos anos.

A imagem correu-lhe prontamente, maravilhando-a. A Lança do Deserto fora a capital de um vasto império no auge do seu poder e albergava milhões de habitantes. Aquedutos fizeram florescer o deserto e havia grandes universidades de medicina e ciência. Máquinas que faziam o trabalho de cem dal'ting. O Sharik Hora era o maior templo de Everam, mas havia centenas

de outros espalhados pela cidade e pelas terras circundantes, erguidos em louvor do Criador.

E houvera paz. O que mais se aproximava da guerra eram os ataques de tribos instaladas fora das muralhas, roubando poços e mulheres entre si.

Mas, depois, vieram os demónios e o Andrah tolo que invocou a alagai'sharak mesmo depois de se tornar claro que as guardas de combate estavam perdidas.

Inevera estremeceu e regressou ao presente. A cidade deserta já não parecia pacífica ou bela. Era um túmulo, como a cidade perdida de Anoch Sun, reclamada pelas areias milhares de anos antes. Seria esse o destino de Krasia se a maré de atrito não fosse invertida. A Sharak Ka aproximava-se e, se viesse no dia seguinte, toda a humanidade se perderia.

– Mas não acontecerá – prometeu às ruas vazias. – Não o permitirei.

Acelerou o passo. A aurora aproximava-se e deveria fazer a sua previsão antes que o sol rompesse o horizonte.

O instrutor Qeran acenou-lhe com a cabeça quando a viu aproximar-se, não fazendo qualquer comentário acerca da sua deambulação solitária pela noite. Era esperada e os Sharum nunca questionavam as dama'ting.

Consultara os dados acerca daquele dia muitas vezes ao longo dos anos, mas, por mais vezes que colocasse as suas questões, os hora mostravam-se evasivos, repletos de possibilidades ambíguas e condições desconhecidas. O futuro era uma entidade viva e nunca poderia ser completamente conhecido. Era afetado por ondas de mudança sempre que alguém usava a sua vontade para fazer uma escolha.

Mas havia pilares sólidos entre as ondas. Fragmentos de verdade que conseguia vislumbrar. Números de passos e de curvas, aleatoriamente referidos, que permitiam a Inevera, após semanas a estudar mapas do Labirinto, calcular com precisão o local onde o rapaz seria encontrado.

Conhecê-lo-ás quando o vires, disseram-lhe os dados, mas não era grande revelação. Quantos rapazes chorariam sozinhos

no Labirinto? *Dar-lhe-ás muitos filhos.*

Aquilo intrigara-a. As dama'ting podiam gerar as filhas de um homem em segredo, mas os filhos eram proibidos fora dos votos do matrimónio. Os dados tinham-lhe dito que estava fadada a casar com aquele rapaz. Talvez não fosse o Libertador, mas o seu pai. Talvez o Shar'Dama Ka nascesse do seu ventre.

Era um pensamento de tal forma honrado e poderoso que a sua mente mal conseguiu abrangê-lo. Mas continha também desilusão. A mãe de Kaji era abençoada sobre todas as mulheres, mas fora a Damajah a sussurrar sabedoria ao ouvido do Libertador e a orientar o seu caminho. Era possível que outra mulher partilhasse a sua cama e tivesse acesso ao seu ouvido.

O pensamento incomodou Inevera e, por um momento, perdeu o centro. Fora insincera nas suas orações? Que lhe parecia mais importante? Salvar o seu povo ou adotar o manto da sua homónima?

Inspirou lentamente, sentindo o seu fôlego, a sua força vital e permitindo que a conduzisse de volta ao seu centro. Sem excessos de arrogância, não conhecia outra mulher mais digna de guiar o Libertador. Se encontrasse tal mulher, daria um passo ao lado. Se não a encontrasse, casaria com ele qualquer que fosse o custo, mesmo que implicasse divorciar-se do seu marido ou casar com o próprio filho.

O Libertador deverá ter todas as vantagens.

Ouviu gritos adiante, o som da violência, e forçou-se a abrandar. Não chegaria a tempo de fazer a diferença. Quando os dados falavam com clareza, tinham assinalado um ponto fixo, como uma grande pedra erguendo-se do leito do rio do tempo. Encontraria o rapaz sozinho e a chorar. Aliás, já acontecera e seria inútil resistir a tal vento.

Viu surgir um Sharum, rindo enquanto voltava a prender os cordões das calças largas. O véu noturno pendia-lhe solto do pescoço e tinha sangue nos lábios. Parou de repente, empalidecendo quando a viu. Inevera não disse nada, memorizando-lhe a cara enquanto erguia uma sobrancelha e inclinava a cabeça para o caminho por onde viera. O guerreiro

curvou-se e apressou-se a passar por ela. A seguir, virou-se e correu com toda a rapidez.

Inevera seguiu em frente, ouvindo o rapaz soluçar. Manteve a respiração estável, caminhando com a sua passada habitual firme. Contornando a última esquina, viu o rapaz tremendo no chão. Tinha o bido à volta dos joelhos e o ombro sangrava no ponto onde o Sharum o teria mordido no auge da sua luxúria. Havia outras nódoas negras e arranhões, mas não conseguia perceber se resultavam daquele ataque ou da alagai'sharak.

Notou a sua aproximação e ergueu o olhar, com as lágrimas reluzindo-lhe na face, iluminadas pela luz das estrelas. E, como fora previsto, reconheceu-o.

O nie'Sharum que encontrara anos antes, na noite em que terminara os seus dados. Ahmann Jardir, que acolhera a sua dor e olhara em silêncio enquanto a dama'ting lhe reparava o braço partido. Ahmann Jardir, que, aos doze anos, conseguira de alguma forma matar o seu primeiro alagai e sobreviver a uma noite no Labirinto. Parecia-lhe um vislumbre do plano sagrado de Everam.

Pensou por um momento se também a reconheceria, mas estava oculta pelo véu e, no seu encontro anterior, a dor perturbara-lhe os sentidos. O rapaz permaneceu imóvel por um momento e apercebeu-se de repente, puxando rapidamente o bido para cima como se conseguisse cobrir a vergonha claramente escrita na sua face.

O coração de Inevera palpitou por aquele rapaz corajoso que sofrera tal humilhação quando merecia o triunfo. Quis aproximar-se dele e recebê-lo nos seus braços, mas os dados tinham sido claros.

Faz dele um homem.

Endireitou as costas e fez estalar a língua como um chicote.

– De pé, rapaz! – gritou. – Enfrentas alagai com bravura, mas choras como uma mulher por isto? Everam precisa de da'Sharum e não de khaffit!

Uma expressão angustiada surgiu na face do rapaz por um momento, mas acolheu-a, levantando-se e limpando as lágrimas

com a mão.

– Assim está melhor – disse Inevera. – Mesmo que tenhas demorado de mais. Não me agradaria ter vindo até aqui para prever a vida de um covarde.

O rapaz rosnou e Inevera sorriu para dentro. Havia nele aço por forjar.

– Como me encontraste?

Inevera retirou importância à pergunta com um aceno.

– Há anos que sabia como te encontrar.

Fitou-a, incrédulo, mas a sua descrença não significava nada para ela.

– Aproxima-te, rapaz, para que possa ver-te melhor. – Segurou-lhe a face, virando-a numa direção e na outra para captar a luz da lua. – Jovem e forte. Mas também o são todos os que chegam até aqui. És mais jovem do que a maioria, mas raramente isso será positivo.

– Vieste para prever a minha morte? – perguntou Ahmann.

– Arrojado, também – murmurou, suprimindo um sorriso. – Talvez haja esperança para ti. Ajoelha-te, rapaz.

Obedeceu e estendeu um pano de oração branco sobre o pó do Labirinto, ajoelhando-se com ele.

– Que me importa a tua morte? – perguntou. – Estou aqui para prever a tua vida. A morte ficará entre ti e Everam.

Abriu a bolsa de hora, esvaziando os dados preciosos sobre a mão, sentindo-os palpitar com poder. A aurora aproximava-se rapidamente. Se pretendesse lê-lo, teria de o fazer naquele momento.

Ahmann arregalou os olhos e ergueu os dados na sua direção.

– Os alagai hora.

Encolheu-se. Inevera não o culpava, recordando a sua reação da primeira vez que vira ossos de demónio, mas, se houvesse fraqueza nele, deveria ser esmagada.

– Voltamos à covardia? – perguntou, em voz baixa. – Para que servirão as guardas senão para usar a magia dos alagai para os nossos fins?

Ahmann engoliu em seco e voltou a aproximar-se.

Encontra rapidamente o seu centro, pensou, e havia nisso um estranho orgulho. Não fora ela a ensiná-lo a acolher a dor?

– Estende o braço – ordenou, desembainhando a faca curva, com o punho de prata decorado com pedras preciosas e com guardas traçadas na lâmina de aço.

O braço de Ahmann não tremeu enquanto o cortava e apertava a ferida, sujando a mão com o seu sangue. Ergueu os alagai hora nas duas mãos, abanando-os.

– Everam, dador de luz e de vida, imploro-te que permitas a esta humilde servidora o conhecimento das coisas que estão para vir. Fala-me de Ahmann, filho de Hoshkamin, último ramo da linhagem de Jardir, o sétimo filho de Kaji.

Sentia os dados palpitem com o poder enquanto os abanava.

– É ele o Libertador renascido? – murmurou, baixando a voz para que o rapaz não a ouvisse.

E lançou.

Perdeu o centro por completo enquanto se debruçava, fitando avidamente os dados que formavam um padrão sobre o pó do Labirinto. Os primeiros símbolos enregelaram-lhe o sangue.

O Libertador não nascerá. Será criado.

Silvou, rastejando sobre o pó, alheia à forma como conspurcava a sua túnica branca imaculada enquanto estudava o resto do padrão.

Este poderá sê-lo, mas, se receber o véu ou conhecer uma mulher antes do seu tempo, morrerá e o caminho que faria dele o Shar'Dama Ka será perdido.

Criado, não nascido? O rapaz que tinha à sua frente poderia ser o Libertador com condicionantes? Impossível.

– Estes ossos devem ter sido expostos à luz – murmurou, recolhendo-os e voltando a cortar o rapaz para um segundo lançamento mais vigoroso que o primeiro.

Mas, apesar da repetição, os dados formaram exatamente o mesmo padrão.

– Não pode ser! – gritou, erguendo os dados e lançando-os uma terceira vez, movendo o pulso de outra forma enquanto o fazia.

Mas, mesmo assim, o padrão permaneceu o mesmo.

– O que é? – atreveu-se a perguntar Ahmann. – O que vê?

Inevera olhou-o e semicerrou os olhos.

– Não te compete conhecer o futuro, rapaz. – Viu-o afastar-se e devolveu os dados à bolsa antes de se erguer, sacudindo o pó da túnica. Enquanto o fazia, respirava, procurando o seu centro apesar do coração que sentia acelerado no peito.

Olhou o rapaz. Tinha apenas doze anos e não compreenderia a enormidade do fardo que pairava diante dele entre as possibilidades infindáveis do futuro.

– Regressa ao pavilhão Kaji e passa o resto da noite em oração – ordenou, partindo sem sequer olhar para trás.

Inevera caminhou lentamente para a saída do Labirinto. O dama Khevat, adido do Damaji Amadeveram junto dos Sharum Kaji, esperá-la-ia. Era provável que toda a tribo sustivesse a respiração, como faziam sempre que chegava o momento de ler um Sharum potencial no fim do seu Hannu Pash. Mas não era a tribo que a preocupava e sim Khevat. O dama era astuto e poderoso, pertencendo a uma família unida por laços de sangue aos conselheiros do primeiro Libertador. Era tido em elevada estima pelo seu Damaji, pelo Sharum Ka e pelo próprio Andrah. Até uma dama'ting deveria mostrar-se cuidadosa no trato com alguém como o dama Khevat.

Mas que poderia dizer-lhe? Tradicionalmente, uma leitura permitia apenas duas respostas: sim e não. Sim, o rapaz era digno de receber o véu negro dos guerreiros e de se tornar homem. Não, o rapaz era cobarde ou fraco e quebraria como aço mal temperado ao primeiro golpe. As dama'ting viam mais coisas nas previsões, claro, vislumbres e possibilidades, mas não caberia aos homens saber tais coisas, nem mesmo a um dama.

Era possível dar alguns pormenores. Os dados mostravam com frequência potencial por canalizar, mostrando futuros em que poderiam distinguir-se como Guardadores, artilheiros ou

líderes. Estes últimos eram acompanhados com atenção pelo dama e, após um ano, os melhores eram enviados para o Sharik Hora para o seu treino como kai'Sharum.

Por vezes, os dados falavam de defeitos. Sede de sangue. Estupidez. Orgulho. Todos os Sharum tinham o seu quinhão e as dama'ting raramente os referiam a não ser que pudessem condenar outros em redor com a sua loucura.

Mas, depois de Inevera conferir as vestes negras a Ahmann, seriam meras sugestões que o dama e o Sharum Ka poderiam ouvir ou ignorar como lhes parecesse melhor.

Faz dele um homem, disseram os dados e, mesmo com doze anos, não havia dúvida na mente de Inevera de que Ahmann era digno das vestes. Mas, fosse ou não o potencial Libertador, era vulnerável, como fora provado pelo estado em que Inevera o encontrou. Seria impossível que alguém subisse tão alto sem fazer inimigos. Inevera sabia-o muito bem. E os dados tinham dito que, se recebesse o véu antes do seu tempo, morreria.

Os Libertadores não nascem. São criados. Deveria interceder? Teria sido por isso que os dados a tinham enviado até ele naquele momento? Ou existiriam cem outros Libertadores potenciais entre as tribos, aguardando a sua hipótese?

Inevera abanou a cabeça. O risco era demasiado elevado. Precisava de proteger o rapaz, o seu futuro marido. De proteger a sua honra e, mais importante ainda, de proteger a sua vida.

Não podia fazer muito por ele depois de vestir a túnica negra. Não podia negar-lhe o Labirinto ou as jiwah'Sharum no grande harém. Não podia protegê-lo de todas as facas e lanças apontadas às suas costas.

Faz dele um homem, mas não antes do tempo. Como se esperaria que soubesse qual era o momento indicado? Os dados dir-lho-iam? Se lhe negasse as vestes negras, haveria forma de voltar a merecê-las?

Contornou uma esquina e, como previra, viu Khevat à sua espera. O instrutor deveria tê-lo chamado. Encontrou o seu centro e aproximou-se dele, com os olhos velados por uma máscara de serenidade.

– Que as bênçãos te Everam estejam contigo, santa jiwah. – Khevat curvou-se diante dela e Inevera retribuiu com um aceno de cabeça. – Previste a morte de Ahmann Jardir? – perguntou.

Acenou com a cabeça em silêncio, sem acrescentar mais nada.

– E? – Notou-se na voz de Khevat uma ligeira sugestão de irritação.

Inevera manteve a voz tranquila.

– É demasiado jovem para vestir a túnica negra.

– É indigno? – perguntou Khevat.

– É demasiado jovem – repetiu Inevera.

Khevat franziu a testa.

– O rapaz é muito promissor.

Inevera enfrentou o seu olhar e encolheu os ombros.

– Se assim é, não deverias tê-lo enviado para o Labirinto em tão tenra idade.

O desagrado na expressão do dama aumentou. Era poderoso e podia influenciar quem o era mais ainda. Não era um homem habituado a ser questionado por alguém, muito menos por uma mulher. Ou a receber ordens. As dama'ting erguiam-se abaixo dos dama na hierarquia da cidade.

– O rapaz capturou um demónio com a rede. A lei de Everam é clara...

– Tolice! – ripostou Inevera. – Todas as leis têm exceções e enviar o rapaz para o Labirinto meia década antes de ter idade suficiente foi loucura.

O tom de voz do dama endureceu.

– Não te caberá decidi-lo, dama'ting.

Inevera franziu a testa e viu confusão na face do dama. Poderia ser seu superior, mas, nas áreas que dominavam, o poder das dama'ting era absoluto.

– Talvez não – concordou. – Mas cabe-me decidir se receberá as vestes negras e não o fará por culpa da tua decisão. – Ergueu a bolsa de hora e Khevat estremeceu. – Pretendes levar a questão ao tribunal? Talvez o Damaji Amadeveram me peça para te ler e determinar se continuas a ser digno de gerir o seu

sharaj depois de privares os Kaji de um guerreiro de grande potencial.

Khevat arregalou os olhos e os músculos faciais tremiam-lhe com fúria contida a custo. Inevera empurrava-o até ao limite. Pensou se perderia o controlo. Seria lamentável ter de o matar.

– Se o rapaz regressar ao Labirinto antes da idade, morrerá e não aceitarei tal desperdício – disse. – Envia-mo dentro de cinco anos e voltarei a avaliá-lo.

– E que farei com ele até lá? – perguntou Khevat. – Não pode voltar ao sharaj depois de pisar o Labirinto nem ir para o pavilhão dos Kaji sem as vestes pretas!

Inevera encolheu os ombros como se o destino do rapaz não lhe importasse.

– Essa preocupação não me pertence, dama. Os dados falaram. Everam falou. Criaste este problema e deverás encontrar uma solução. Se o rapaz é tão excecional como dizes, estou certa de que conseguirás encontrar-lhe um sítio. Se não for, haverá certamente lugar para costas fortes entre os khaffit.

Com aquilo, voltou-se e afastou-se, com os passos firmes camuflando o turbilhão emocional violento como uma tempestade de areia. Enraivecera propositadamente o dama para que ficasse determinado em manter intacta a honra do rapaz. Mesmo que apenas para a contrariar. Havia um único local em que Khevat poderia fazê-lo: o Sharik Hora.

Ahmann era demasiado velho para ser escolhido como nie'dama e, de qualquer forma, não demonstrava quaisquer inclinações, mas era perfeito para ser treinado como kai. Tanto quanto Inevera sabia, nunca nenhum nie'Sharum fora escolhido antes de receber as vestes negras, mas o Evejah não o proibia. No Sharik Hora, Ahmann aprenderia letras e matemáticas, filosofia e estratégia, guardas, história e formas mais avançadas de sharusahk.

Conhecimentos de que um Shar'Dama Ka necessitaria.

Devo conseguir-lhe todas as vantagens, pensou.

Como Inevera esperara, Ahmann foi enviado para o Sharik Hora no dia seguinte. O dama Khevat sorriu quando voltaram a

encontrar-se, acreditando ter conseguido superá-la na questão. Permitiu-lhe que o pensasse.

Acompanhou o progresso de Ahmann com frequência, escondendo-se nos recantos sombrios do subtemplo onde os nie'dama treinavam. O rapaz mantinha-se miseravelmente atrasado em muitos aspetos e as suas primeiras lições motivavam-lhe um especial ressentimento, acreditando ter já aprendido no sharaj tudo o que poderia aprender.

Rapidamente perdeu essa ideia e o ressentimento foi-lhe arrancado à força. Não tardou a aplicar-se plenamente nos estudos e progrediu a bom ritmo daí em diante.

Quase sete anos depois de ser queimada, Melan fez soar novamente a campainha. Inevera assistiu calmamente ao seu teste, apesar de saber que muitas se colocariam do seu lado se passasse.

A voz de Kenevah era sonora, o seu exame dos dados foi meticuloso e as perguntas foram complexas. Melan passou com distinção, usando a mão intacta para recolher os dados e lançando-os com a garra.

Mais tarde, nesse dia, Inevera percorria o longo corredor do subpalácio a caminho dos seus aposentos pessoais quando viu Melan esperando junto à sua porta. Estava coberta com túnica e véu, mas, mesmo que o porte da mulher não lhe fosse familiar, a mão disforme e as unhas longas e afiadas como garras de alagai chamaram-lhe a atenção.

Melan apontou-lhe uma dessas unhas, encolhendo as restantes com força.

– Enganaste-me.

Não havia mais ninguém no corredor, mas Inevera não recuou. Os dados não a tinham advertido para que esperasse um ataque, mas isso não significava que não ocorresse. Os hora revelavam mistérios além daquilo que uma mulher conseguiria perceber sozinha. Poderiam alertar para um veneno escondido, mas não podia esperar o seu auxílio num ataque declarado. Everam não demonstrava qualquer simpatia pelos fracos.

Abanou a cabeça.

– Não, Melan. Enganaste-te a ti própria. Bastou-me empurrar-te e partiste a correr. Se tivesses mantido o teu centro, terias terminado os dados um ano antes de mim. Mas deixaste que o teu orgulho e os teus ciúmes te governassem e foste suficientemente tola para tratar o talhe dos dados sagrados como uma corrida de camelos. Não mereceste o véu.

Os seus olhos ensombraram-se.

– Mereço-o agora?

– Terá sido esmagador cair como caíste – disse Inevera. – Sendo a dor, a humilhação e as marcas lembranças constantes. A maioria das raparigas seria vencida por isso e abandonaria o Palácio das Dama'ting. Até uma nie'dama'ting falhada será uma noiva muito cobiçada. Dama ricos teriam ignorado a tua mão mutilada pela tua perícia na dança das almofadas, sem referir os conhecimentos de cura, sharusahk e magia dos hora. Poderias ter casado e conseguido uma posição confortável como Jiwah Ka de um marido digno.

Melan inspirou fundo, sugando o tecido do véu e inflando-o quando expirou.

– Mas isso não te quebrou – prosseguiu Inevera. – Precisaste de coragem inacreditável para ignorar os olhares e a troça, regressando à câmara dia após dia durante estes longos anos. E precisaste de vontade inabalável para te manteres suficientemente centrada para talhar sete dados perfeitos. Mereces o véu.

Inevera moveu os olhos para a unha afiada de Melan por um instante. Não por receio. Apenas para recordar a Melan a sua postura, ameaçando-a como um rufia no bazar.

Melan olhou a mão e abanou a cabeça como se despertasse de um sonho. Voltou a inspirar e deu um passo atrás, baixando o braço.

Sem qualquer indicação, Inevera preparou-se. Se um ataque viesse, viria naquele momento.

– Podemos encerrar isto aqui, Melan. Não sinto por ti qualquer inimizade. Quaisquer que tenham sido os teus motivos, as tuas lições foram-me úteis, como me parece que

também te foram úteis as minhas. Agora, renascemos como Noivas de Everam e deveremos deixar a nossa disputa na Cripta, onde pertence. – Inevera estendeu-lhe os braços. – Bem-vinda, irmã-esposa.

Melan manteve-se onde estava durante um longo momento com os olhos arregalados. Aproximou-se dos braços de Inevera com movimentos hirtos, pretendendo dar-lhe um abraço formal, mas Inevera apertou-a com força, em parte para reforçar o momento e em parte para manter presa a garra perigosa.

Lentamente a princípio e depois com maior intensidade, como se um dique se fraturasse e acabasse por ceder, Melan começou a chorar.

No dia em que Jardir recebeu as vestes negras, sendo o primeiro a fazê-lo com um véu branco, Inevera percorreu os corredores do Palácio das Dama'ting a caminho da ala da Damaji'ting.

Encontrou um grupo de Noivas que se apressaram a afastar-se do seu caminho de forma precisa e ordeira, recordando a Inevera um bando de pássaros. As primeiras a saírem-lhe do caminho foram as mais jovens e menos influentes e as últimas as mais velhas e mais poderosas.

Políticas de chá. Kenevah servia o Chá da Lua Cheia todos os meses sem falta, controlando com precisão os lugares que cada uma ocupava para mostrar às mulheres o lugar que ocupavam na sua estima. Os lugares mais próximos da Damaji'ting raramente mudavam, mas acontecia frequentemente com os mais distantes e havia uma luta interminável para melhorar o estatuto. As dama'ting perdiam horas incontáveis com cada oportunidade de impressionar a Damaji'ting e as suas conselheiras mais próximas.

Inevera conteve a troça. Com os anos, conseguira sentar-se à esquerda de Kenevah, com Qeva, sentada à direita, sendo a única dama'ting em melhor posição. As preocupações das outras Noivas não significavam nada. A Sharak Ka aproximava-se e não tinha paciência para disputas mesquinhas acerca de ofensas imaginadas, para conversas acerca de quem segurava

este ou aquele dama pelo bido, acrescentando-se a sua proximidade do Andrah, o dinheiro que tinha na bolsa ou o número de esposas no seu harém.

Para algumas, a sua recusa em disputar o jogo da política do chá parecia apenas fazê-la parecer mais poderosa. Que segredos esconderia que lhe permitiam erguer-se acima das intrigas do palácio? A maioria dava-lhe espaço amplo, acreditando, e com razão, que saberia algo que desconheciam.

Mas outras viam fraqueza no seu alheamento. Kenevah era exímia em colocar as Noivas umas contra as outras e, mantendo Inevera à sua esquerda com o véu ainda branco e não preto, deixava claro que ainda não a designara formalmente sua herdeira. Isto levou a alguma especulação de que Kenevah não tinha certezas quanto às capacidades de Inevera para liderar a tribo e que poderia mandar matá-la e nomear Qeva Damaji'ting até os dados fazerem nova escolha.

Tinha já sofrido atentados contra a sua vida. Por três vezes, a sua comida e bebida fora envenenada. Numa ocasião, encontrou uma áspide-dos-túneis na sua cama e, noutra, um eunuco de passagem lançou-se sobre ela com uma faca.

De cada vez, os dados avisaram-na. Capturou a víbora e guardou-a numa caixa e fingiu ingerir os venenos sem qualquer sinal de efeito nocivo. Quanto ao eunuco, matou-o sem qualquer explicação além de dizer que a insultara. Nada mais seria exigido a uma irmã.

Nunca retaliou ou procurou conhecer a identidade das atacantes. Era irrelevante saber se as tentativas teriam vindo da própria Damaji'ting ou apenas de outras irmãs que pressentissem fraqueza. Não tinha tempo a desperdiçar com a preparação de venenos ou com a disseminação de rumores vingativos. Se os dados a advertiam, merecia a graça de Everam e não haveria nada a temer. Que valor teria a consideração das suas irmãs-esposas em comparação?

Ahmann era a sua única preocupação. Assegurar a sua segurança e a sua preparação para tomar o poder quando a oportunidade surgisse. Lançar as sementes desse poder. Se lhe

fosse permitido concretizar todo o seu potencial, toda a política krasiana se tornaria obsoleta. E, se não fosse, o seu povo destruir-se-ia no espaço de uma geração.

Mas, naquele dia, recebendo Ahmann o seu véu, a situação alterara-se. Enquanto dormira no Sharik Hora, estivera protegido. Poucos souberam que lá estava e a alagai'sharak não existia sob o templo de ossos. Nenhum rival poderia atacá-lo.

Naquele dia, tornava-se kai'Sharum e lideraria os homens na sua batalha noturna. Não temia grandemente pela sua segurança perante os alagai, mas a sua perícia e méritos depressa mereceriam a atenção dos outros kai'Sharum e do Sharum Ka. Os dama podiam não temer (ainda) um guerreiro tão promissor treinado como um deles, mas os Sharum mais poderosos veriam nele uma ameaça ao seu estatuto. Os Sharum não resolviam as suas questões com veneno e facas escondidas, mas, a qualquer sinal de fraqueza, desafiá-lo-iam como lobos.

Precisava de estar a seu lado, lançando-lhe os dados diariamente para afastar dele a morte. Krasia precisava dele. Inevera também. O Libertador precisava de acompanhamento.

Faz dele um homem.

As palavras ecoavam-lhe na cabeça enquanto o pressionou a prometer-se-lhe e a emoção sentida quando aceitou não foi totalmente motivada pelo dever para com Everam. Iletreado e pouco mais que um selvagem poucos anos antes, Jardir tornara-se capaz de debater tática, estratégia e filosofia com os dama mais sábios e de quebrar quem o enfrentasse no sharusahk.

E era belo. Todas as horas passadas a vê-lo no seu bido enquanto amadurecia levaram-na a desejá-lo. Ansiava por retirar o seu bido tecido pela última vez na sua noite de casamento e não voltar a vestir a maldita coisa.

Inevera alcançou a câmara de Kenevah e viu Enkido de guarda. O eunuco Sharum tinha um tom de grisalho no cabelo, mas continuava forte e perigoso, o único homem no mundo que conhecia os segredos da luta das dama'ting Kaji. Permitia às mulheres derrotarem-no no treino para mostrar como um movimento deveria ser corretamente aplicado, mas Inevera

observara-o com atenção, percebendo como mantinha o controlo em todas as ocasiões. Qualquer dama'ting que subestimasse Enkido seria tola.

Saudou-o no código gestual secreto dos eunucos, falando rapidamente com os dedos hábeis e transmitindo com a sua postura respeito, mas não deferência.

Afinal, não deixava de ser um eunuco.

Preciso de falar com a Damaji'ting, disseram as suas mãos.

Enkido curvou-se.

Informá-la-ei, mestra, replicaram as suas mãos. Bateu à porta e entrou depois de Kenevah o autorizar. Regressou no momento seguinte.

A Damaji'ting pede-te que aguardes aqui no vestíbulo. Indicou um divã de seda. Poderei trazer-te algo para beberes?

Inevera abanou a cabeça, dispensando-o com um gesto da mão. O eunuco retomou a sua postura de estátua diante da porta de Kenevah. Inevera esperou, confortável, mas à vista de quem passasse, durante quase uma hora.

Cerrou os dentes. Mais política de chá inútil. Kenevah não recebera ninguém anteriormente. Limitava-se a fazê-la esperar publicamente para deixar claro que podia fazê-lo.

Por fim, ouviu-se tilintar uma campainha e Enkido gesticulou-lhe que entrasse. Inevera passou a porta e o eunuco fechou-a atrás de si. Curvou-se numa vénia profunda. As janelas do gabinete da Damaji'ting estavam tapadas por cortinas de veludo grosso, não permitindo a entrada de qualquer luz natural. A luz de guardas iluminava o interior com o seu brilho.

– Não é frequente agraciáres-me com a tua presença, irmãzinha. – Kenevah fixava nela um olhar imperscrutável.

– Houve assuntos prementes a resolver, Damaji'ting – disse Inevera. – E o teu tempo é demasiado valioso para desperdiçar.

– Assuntos prementes – repetiu Kenevah, com um ronco de desprezo. – Posso saber quais são? Os teus dotes não conhecem igual e, no entanto, passas pouco tempo no palácio ou na corte. Mesmo no pavilhão da cura, apenas dedicas o tempo que te é exigido e nem um instante mais. Os meus

informadores avistaram-te por toda a cidade, até mesmo no território controlado por outras tribos.

Tenho sangrado rapazes, procurando outros como Ahmann, pensou Inevera. *Os Libertadores não nascem. Criam-se.*

Encolheu os ombros.

– Gostaria de conhecer a Lança do Deserto e as suas gentes. Para melhor poder servi-la.

– É malvisto – afirmou Kenevah. – E é perigoso pisar o território de outras dama'ting.

– Mais perigoso do que percorrer estes corredores? – perguntou Inevera.

Kenevah uniu os lábios com firmeza. Não era um sinal de que tinha ordenado os ataques contra a vida de Inevera, mas deixava claro que os conhecia.

– Se o meu tempo é assim tão precioso, o que te traz agora até mim?

Inevera curvou-se.

– Decidi casar-me.

Kenevah ergueu uma sobrancelha ao ouvir aquilo.

– Decidiste? E quem é o dama afortunado? Talvez Khevat? Ou casarás com Baden, já que não pareces demonstrar qualquer interesse real pela companhia masculina?

Inevera sentiu um aperto na garganta. Era verdade que Kenevah tinha espiões por toda a parte, mas o que teriam descoberto? O seu feitiço para restaurar a virgindade continuaria provavelmente a ser um segredo, mas não podia esconder o facto de os únicos eunucos autorizados nos seus aposentos serem os que eram já demasiado velhos para usarem as lanças. As nie'dama'ting serviam-na em quase tudo. Valera-lhe uma reputação de apreciar deitar-se com raparigas.

– Não é um clérigo, Damaji'ting – explicou Inevera. – É um Sharum.

– Sharum? – repetiu Kenevah, surpresa. – Ainda mais curioso. O rapaz que enviaste para o Sharik Hora?

Por um instante, a calma de dama'ting escapou-lhe e receou que os seus olhos tivessem dito demasiado a Kenevah quando

ouviu a anciã rir-se.

– Julgas-me tola, rapariga? Mesmo que não tivesses dado lugar a um enorme burburinho no palácio Kaji depois de recusares as vestes negras ao rapaz, as horas que passaste nas catacumbas para observar o seu treino foram bastante óbvias.

Os dedos de Inevera ansiavam por tocar a bolsa de hora. A magia dos seus ossos mais poderosos conseguiria atingir a anciã, matando-a instantaneamente. Com véu negro ou sem ele, sem que os dados tivessem escolhido outra sucessora, Inevera poderia avançar com a sua pretensão ao trono da Damaji'ting, apesar de ser provável que tivesse de matar Qeva e algumas outras para o manter.

– Também tenho ossos – disse Kenevah. Recordava-lhe a sua capacidade de previsão, mas era também uma ameaça. Inevera tinha um punhado de hora recolhido desde que recebera o véu. Seria provável que Kenevah tivesse centenas. Estaria sem dúvida protegida de formas que Inevera não podia ver e uma tentativa de homicídio falhada teria um único resultado.

Descontraiu e Kenevah acenou com a cabeça, devolvendo os ossos à bolsa.

– Não me consultaste acerca da união.

– Consultei os dados – replicou Inevera.

Viu raiva nos olhos de Kenevah, mas não na face.

– Não me consultaste a mim. E se tiveres lido mal os dados? Passaram mil anos desde a última Damaji'ting casada. Everam é o nosso marido. Não tens nenhum interesse no meu posto?

– Nada no Evejah'ting diz que não poderei receber o toucado negro se casar – recordou Inevera. – O facto de ser raro é irrelevante. Os dados instruíram-me a gerar filhos e obedecerei, seguindo a lei evejana.

– Porquê? – perguntou Kenevah. – O que torna este homem tão especial?

Inevera encolheu os ombros e esboçou lentamente um sorriso.

– O Evejah'ting diz que é a esposa certa a tornar um homem especial.

Os olhos de Kenevah ensombraram-se.

– Se a minha opinião te importa tão pouco, podes sair. Pensei em guiar-te no teu papel de herdeira, mas vejo que o meu tempo será melhor empregue procurando veneno no meu chá... ou preparando chá envenenado.

Inevera sentiu a pontada, mas não passou disso. O facto de a Damaji'ting estar informada acerca de Ahmann era um perigo. Não poderia dizer nada sem aumentar ainda mais a curiosidade acerca dele.

Ahmann segurava a mão de Inevera com firmeza enquanto a conduzia à sua câmara conjugal. Seguia-o de bom grado, mas parecia-lhe que a arrastaria se não acompanhasse a sua passada frenética. Movia-se como um lobo que soubesse ser perseguido enquanto trazia uma presa para o covil.

Os homens viam isto como avidez, incentivando-o enquanto puxava a sua nova noiva para o quarto e berrando sugestões brejeiras. Os guerreiros adoravam gabar-se das suas proezas sexuais, achando-se djinn apenas por conseguirem fazer uma mulher gemer.

Mas aulas incontáveis de dança das almofadas tinham ensinado Inevera a perceber e explorar a inexperiência de um homem. Nesse aspeto, Ahmann era ainda um rapaz. Nunca sequer vira uma mulher nua e muito menos beijara ou acariciara alguém. Estava aterrado.

Era adorável.

De certa forma, eram ambos virgens, mas, enquanto Ahmann não fazia ideia do que esperar sobre as almofadas, Inevera sabia que se dirigiam para um local onde o poder seria seu. Conhecia as sete carícias e as setenta vezes sete posições. Dançaria e enfeitiçá-lo-ia, conduzindo-o à glória sem sequer perceber que o controlo não era seu.

Faz dele um homem...

Alcançaram a câmara perfumada e repleta de almofadas cuidadosamente preparada pelas Noivas. Fumo perfumado de incenso pairava no ar e as velas emitiam um brilho ténue e trémulo. Havia uma área ampla de chão desimpedido onde

dançaria, rodeando uma pilha de almofadas. Lançá-lo-ia sobre aquelas almofadas e seria seu, preso como uma mosca em teia de aranha.

Sorriu por baixo do véu enquanto o via correr as cortinas pesadas atrás deles.

– Pareces pouco à vontade.

– Poderia ser de outra forma? – perguntou Ahmann. – És a minha Jiwah Ka e nem sequer sei o teu nome.

Inevera riu-se. Não pretendeu ser cruel, mas foi claro pela expressão de Ahmann que interpretou o seu riso como crueldade e arrependeu-se imediatamente.

– Não sabes? – perguntou, retirando o véu e o toucado. Deixara crescer o cabelo desde que se tornara dama'ting e pendia, longo e volumoso, em ondas de ébano brilhante.

Ahmann arregalou os olhos.

– Inevera.

Sentiu o coração palpitar ao perceber que a reconhecia. Virá-lhe a cara uma única vez e estivera entorpecido pela dor, mas, mesmo após todos aqueles anos, recordava. O horror abandonou-lhe o olhar, substituído por um fogo que pareceu capaz de a queimar. Subitamente, tornou-se mais difícil encher os pulmões com o ar perfumado.

– Na noite em que nos conhecemos – disse Inevera –, acabei de talhar os meus primeiros alagai hora. Foi o destino. A vontade de Everam. Tal como o meu nome. Precisava de uma pergunta para colocar. Um teste para verificar se os dados detinham o poder do destino. Mas que pergunta seria? Então, recordei o rapaz que conhecera pouco antes, com os olhos arrojados e modos rudes e, enquanto sacudia os dados, perguntei: «Voltarei a ver Ahmann Jardir?» Dessa noite em diante, soube que te encontraria no Labirinto depois da tua primeira alagai'sharak. Além disso, soube também que casaria contigo e te daria muitos filhos.

Inevera ensaiara o relato tantas vezes que falava com profunda convicção apesar das mentiras e das meias-verdades. Mas, no final, as suas palavras não importavam. A sua união

fora predestinada por Everam. Tinham sido feitos um para o outro. Era por esse motivo que a olhava daquela forma, fazendo-a sentir a cara ardendo e fazendo-a perder a sua calma de dama'ting. Deixou-se soprar pelo seu vento.

Quase quebrou, dizendo-lhe tudo. Olhando os seus olhos sinceros, pouco receava que viesse a tornar-se um monstro. Tinha sido escolhido por Everam. Se algum homem fosse capaz de suportar o fardo, seria ele.

Mas como dizer a alguém que poderá ser o Libertador? Era demasiado e aquela noite era demasiado importante. Teria de ser perfeita.

Encolheu os ombros e deixou cair a túnica branca num sussurro de seda. Vestia apenas o seu bido, com címbalos de dedo presos na trama. Esfregou os polegares sobre as pontas suaves dos indicadores, aguçando a sua destreza. Avançaria para ele, permitindo-lhe que a acariciasse até a sua respiração ficar ofegante. Depois, usaria sharusahk para lhe quebrar a linha de poder da perna, com um toque ligeiro que o faria tombar sobre as almofadas. A seguir, introduziria os dedos nos címbalos e marcaria um ritmo capaz de lhe incendiar o corpo.

Depois disso, dançaria, desfazendo lentamente o seu bido pela última vez. A dança, como o discurso, fora ensaiada com tanto cuidado que cada movimento fazia parte dela.

Quando Ahmann estivesse firmemente sob o seu controlo, deitar-se-ia sobre as almofadas e tornaria qualquer mulher que a seguisse uma imensa desilusão.

Mas continuava a olhá-la e as chamas nos seus olhos tornavam-se mais intensas. Sentiu-lhe o calor e corou. O incenso pairava denso no ar enquanto inspirava, deixando-a zozna e tornando difícil encontrar o seu centro. Sabia que devia agir, porém, esse pensamento pareceu-lhe chegar do exterior do seu corpo.

Observou indefesa enquanto Ahmann despiu a túnica e se aproximava dela em tronco nu, apertando-a contra ele e passando-lhe as mãos pelo corpo. Sentiu-o inspirar o perfume da sua garganta e emitir um rosnado que pareceu ecoar-lhe

entre as pernas. Apertou-a contra si, beijando-a e roubando-lhe o fôlego e o centro. Sentiu a dureza no interior das suas calças largas e soube que os seus planos cairiam por terra se lhe permitisse possuí-la como uma jiwah comum, mas, de alguma forma, tinha conseguido interromper-lhe as linhas de energia dos membros e estava indefesa quando a lançou sobre as almofadas.

Deitou-se sobre ela num instante, com mãos e boca vagueando-lhe pelo corpo, beijando aqui, mordendo ali, apertando-a com tanta força que a fez gemer de dor. As suas mãos tocaram-na entre as coxas, acariciando a seda do seu bido. Inevera gemeu, movendo-se com maior vontade contra ele.

Tenho de tomar o controlo, pensou, desesperada. Ou possuir-me-á sempre como desejar.

Girou e colocou-se sobre ele, desfazendo-lhe os atilhos da cintura e abrindo-lhe o bido. Havia óleo na câmara e humedeceu com ele as mãos, segurando Ahmann na primeira das sete carícias.

Gemeu e deixou-se cair, dominado pelo êxtase. Inevera voltou a controlar a respiração.

É meu, agora.

Contudo, não se manteve assim durante muito tempo. As carícias destinavam-se a marcar um ritmo na excitação de um homem, suspendendo-o aí, mas Ahmann apenas se tornou mais alvoroçado. Alternou as carícias, que, mesmo assim, não foram suficientes. Segurou-a com os braços poderosos e baixou uma mão, enfiando-lhe os dedos no bido e tentando puxá-lo.

Mas o bido tecido de uma nie'dama'ting era resistente e tornou inúteis os seus esforços. Gemeu e puxou com mais força, roubando o fôlego a Inevera.

Ahmann rugiu, procurando as pontas soltas da trama e não conseguindo encontrá-las. Prendeu os dedos na trama e tentou rasgar a seda, mas resistiu-lhe mesmo quando o esforço o fez cerrar os dentes.

– Não conseguirás até o desfazer – disse-lhe Inevera, voltando a empurrá-lo para as almofadas. – Dançarei...

– Depois. – Ahmann segurou-lhe o braço com força, puxando-a novamente para si. Levou a mão às calças e ergueu uma faca.

– Não podes... – gemeu Inevera.

– Sou o teu marido – disse-lhe. – Há anos que sonho contigo e tenho-te finalmente nos meus braços. É Inevera e não esperarei um momento mais.

Poderia tê-lo impedido. Poderia ter-lhe inutilizado o braço que segurava a faca ou poderia ter-se afastado, mas hesitou. Num instante, a seda foi cortada e estava dentro dela.

Nenhuma das lições de Inevera a tinha preparado para a explosão de prazer enquanto o marido a possuía. Sem as horas incontáveis a praticar a dança das almofadas, ter-se-ia sentido perdida. Movia as ancas livremente, torcendo as coxas e prendendo-o, puxando-a para ela de forma mais vigorosa por vezes e afastando-o noutras ocasiões.

Mas Ahmann não era um eunuco dócil e verificou que as posições treinadas eram mais difíceis de manter quando os seus próprios sentidos se incendiavam. Ahmann compensou a sua falta de experiência com a paixão e debateram-se sobre as almofadas, cada um tentando controlar o outro. Inevera sentiu o seu clímax aproximar-se e, contra tudo o que aprendera, deixou-o dominá-la, abalando-a da pele até ao centro. Uivou de prazer e as estocadas de Ahmann sucederam-se com abandono. Retesou os músculos, cravando as unhas nas suas nádegas duras até o ouvir rugir e ambos desabarem, ofegantes e esgotados.

Dormiram durante algum tempo e Inevera acordou sentindo que Ahmann voltava a acariciá-la. A sua respiração era profunda e regular.

Toca-me mesmo durante o sono, pensou, orgulhosa, movendo as ancas para junto dele, sentindo a sua dureza noturna.

Mas Ahmann não estava tão adormecido como parecia. Virou-a de bruços e montou-a como um cão monta uma cadela,

gemendo levemente enquanto a penetrava.

Quando controlamos o membro de um homem, controlamo-lo a ele, ensinara Qeva, mas Inevera não sentia ali qualquer controlo. De certa forma, não desejava qualquer controlo. Como seria aquilo possível?

Porque não é apenas um homem, disse uma voz dentro de si. *É o Libertador.*

Gemeu contra as almofadas.

Tens o membro do Libertador dentro de ti.

Os seus gemidos tornaram-se gritos. Moveu-se contra ele com força e não tardou a senti-lo esgotar-se mais uma vez, adormecendo profundamente.

Porém, Inevera não adormeceu. Passou o resto da noite acordada.

Os dados eram difíceis de ler e, por vezes, transmitiam apenas meias-verdades.

Soubera que devia fazer dele um homem, mas não esperara que também fizesse dela uma mulher.



DEZ

A PREOCUPAÇÃO DE KENEVAH

313-317 DR

—O MEU FILHO PROMETEU que me daria um palácio — exclamou Kajivah enquanto dançava pelos aposentos de kai'Sharum de Ahmann no palácio Kaji. O palácio não pertencia a Ahmann e muito menos a Kajivah, mas a mulher não parecia importar-se. Tal como não se importavam Ahmann e as suas três irmãs mais novas, Imisandre, Hoshvah e Hanya, que corriam de quarto em quarto, gritando.

— Prometeu-me e, sabendo Everam que nunca fomos gente afortunada, acreditei. Disseram que tinha sido amaldiçoada por me terem nascido três raparigas depois dele, mas que dirão agora?

Inevera fechou os olhos e inspirou fundo. *É apenas vento.*

— Que Everam te abençoou com um filho tão grandioso que não precisou de irmãos? — Não havia qualquer indício de sarcasmo no seu tom de voz, apesar de ter ouvido aquelas palavras mil vezes desde que conhecera Kajivah no dia do seu casamento, menos de uma semana antes.

— Precisamente! — guinchou Kajivah. — Uma mãe sabe estas coisas. Sempre soube que o meu filho estava destinado à grandeza.

Não fazes ideia, pensou Inevera. E, na verdade, como poderia fazer? Kajivah e as filhas eram iletradas e sem qualquer instrução, havendo pouco que as distinguisse umas das outras. Mulheres desprovidas de inteligência que tinham amado demasiado o único homem da família, dedicando pouco amor umas às outras. Até pouco tempo antes, tinham subsistido com o trabalho feito por mãe e filhas na limpeza das casas de famílias ricas e com a caridade de dama locais.

Agora, Kajivah não voltaria a trabalhar e viveria para sempre em opulência. Esse facto era quase mais do que conseguia contemplar. A verdadeira grandeza estava muito além da sua compreensão, como o céu estaria além da compreensão de um peixe.

Kajivah continuou a falar enquanto explorava a sua nova moradia. Era suficientemente inofensiva e respeitadora do véu branco de Inevera, mas mostrava-se um empecilho constante e exigia demasiada atenção ao filho quando Inevera mais o desejava.

Desejou poder livrar-se da mulher casando-a. Convencera Ahmann a prometer as suas insípidas irmãs aos seus tenentes antes mesmo de terem proferido os votos. Eram suficientemente atraentes e os casamentos cimentariam a lealdade dos seus homens. As raparigas choraram de alegria quando as informou, sem sequer perguntarem a quem seriam prometidas.

Mas Kajivah era demasiado velha para gerar filhos e nenhum dos homens que Inevera sugerira era suficientemente bom para que Ahmann concordasse entregar-lhe a sua santa mãe. E, assim, permaneceria junto deles, para desagrado de Inevera.

Servirá pelo menos para cuidar das crianças, supôs. Até se tornarem mais inteligentes que ela aos cinco anos de idade.

– Mãe! Olha para isto! – gritou Ahmann. Inevera voltou-se para ver o marido esticando uma mão temerosa para o repuxo na fonte do seu vestíbulo. Antes de os seus dedos tocarem a água, fez recuar a mão como se estivesse prestes a profanar algo sagrado. Tendo passado os dez anos anteriores dormindo

numa cela de pedra minúscula, parecer-lhe-ia um luxo impossível.

Inevera recordava a sua primeira visita ao Palácio das Dama'ting e sorriu enquanto Kajivah corria para junto do filho, começando ambos a usar um penico como jarro de água, sem saberem o que era, levando-o à boca e bebendo. As raparigas ouviram o riso e vieram a correr com muitos gritos e guinchos, todas provando a água da fonte.

Inevera abanou a cabeça e não demorou a tranquilizar-se. Kajivah era inofensiva e tê-la ao seu cuidado era um preço pequeno a pagar por trazer tanta felicidade a Ahmann.

Passaram três anos e, em cada verão, Inevera presenteou Ahmann com filhos. Dois filhos, Jayan e Asome, os seus herdeiros, e uma filha, Amanvah, que seria a sua herdeira. Adquiriu duas irmãs-esposas, Everalia e Thalaja, depois de entrevistar todas as dal'ting solteiras da tribo e lançando os dados para encontrar as melhores escolhas. Eram essencialmente servas, mas perfeitamente capazes de dar filhos a Ahmann que lhe enriquecessem o estatuto e lhe aumentassem a riqueza. Nenhuma das duas demorou a engravidar.

Ahmann revelou-se um excelente kai'Sharum. Inicialmente, foi-lhe entregue o comando de quinze homens e o dama troçara quando escolheu muitos dos seus companheiros no sharaj em vez de guerreiros mais experientes. Mas os homens de Ahmann conheciam-no desde que fora nie ka e estavam habituados a obedecer-lhe. A sua unidade tinha melhor disciplina que qualquer outra entre os Kaji e lutavam com maior ferocidade, derrotando tantos alagai que os outros kai'Sharum começaram a pressionar os seus homens, tentando motivar-lhes igual frenesim. Em breve, Ahmann passou a comandar cinquenta guerreiros, a maior unidade da tribo, e o menos capaz dos seus homens tinha um número de demónios abatidos capaz de impressionar qualquer instrutor.

Os outros kai'Sharum passaram a olhar Ahmann com apreensão.

– O kai Haval sonha em assar-me no espeto como um borrego – disse-lhe um dia enquanto o banhava. – Vejo-o nos seus olhos, apesar de não ter coragem para me desafiar.

– Precisarei do seu sangue – disse-lhe Inevera.

Ahmann olhou-a.

– Porquê?

Sempre fora arrojado e esse traço fortaleceu-se com a passagem dos anos. Continuava a obedecer-lhe, mas como se Inevera fosse uma conselheira, à semelhança de Shanjat, e não como a voz de Everam. Começara a questionar as suas decisões.

– Para ler o seu futuro – respondeu. – Para assegurar que não incluirá matar-te. – *E para continuar a procurar,* acrescentou em silêncio. *Na possibilidade de haver outros como tu.*

– Acabo de te dizer que não tem a coragem suficiente – disse-lhe Ahmann, afastando o olhar e encostando-se a ela. Fechou os olhos, mantendo-se sereno enquanto lhe massajava os músculos doridos entre o vapor. Teimoso.

– Os cobardes matam com a mesma frequência dos heróis – disse-lhe Inevera. – Apenas não atacam às claras. Uma faca nas costas. Uma mentira nos ouvidos de outros homens. Veneno na tua comida.

– Mesmo assim, teria de passar pelos meus cinquenta. E por mim. – Ahmann não precisava de se gabar da sua vigilância e força sem rival. Era verdade que a hipótese de outro homem conseguir magoá-lo era remota.

Mas, onde houvesse um homem empurrado para uma fantasia ciumenta, haveria também outros. Se a proteção do Libertador exigisse lançar os dados para cada homem, mulher e criança na Lança do Deserto, fá-lo-ia.

– E se atacar as tuas mulheres? – perguntou-lhe. – Ou os teus filhos? As histórias estão repletas de atos semelhantes. Conseguirás proteger-nos a todos durante todo o tempo? Que mal haverá em saber quão profundo será o seu ódio?

Ahmann suspirou.

– Não me odeia agora. Apenas me inveja. Começará a odiar-me quando tiver de lhe partir o nariz amanhã para te trazer a luva ensanguentada. Falas de unidade, da união do nosso povo, mas como poderá isso tornar-se realidade se é tão forte a desconfiança que sentes até mesmo da gente da nossa tribo?

O comentário fez Inevera retesar os músculos, mas curvou-se ao vento e acalmou antes que Ahmann percebesse.

– Talvez estejas certo, marido. – Secou-o e fê-lo sair do banho. Após a batalha noturna e um banho quente, até os músculos volumosos de Ahmann se mostravam descontraídos e dançou para ele antes de o montar, esgotando-lhe as forças que restavam.

Mais tarde, ouvindo-o rressonar num sono profundo, Inevera afastou-se dos seus braços e dirigiu-se a uma das suas câmaras pessoais. As palavras de Ahmann continuavam a assombrá-la. Eram tolas. Ingénuas.

E, no entanto, eram o tipo de sabedoria que Kaji transmitia no Evejah. A Damajah não confiara em ninguém, mas o Shar'Dama Ka procurou sempre ver o melhor nas pessoas, inspirando nelas atos de incrível lealdade.

Talvez seja realmente o Libertador.

Ajoelhou-se sobre uma almofada de veludo, estendendo um pano no chão à sua frente e erguendo os dados. Mantinha sempre consigo um pequeno frasco contendo o sangue de Ahmann e salpicou-os com algumas gotas do líquido precioso enquanto os abanava.

– Como conseguirá Ahmann unir o seu povo dividido? – sussurrou, lançando.

O Libertador deverá ter esposas que lhe deem filhos e filhas em cada tribo.

Inevera espantou-se. Frequentemente, os dados eram tão crípticos que os conselhos que davam se tornavam inúteis ou permitiam apenas um conhecimento mínimo. Noutras ocasiões, eram diretos como um tabefe na cara. Não apenas o casamento fora da tribo seria uma forma segura de ostracizar Ahmann (e também a ela própria), como o símbolo para «noiva» era o

mesmo usado para «dama'ting». Everam desejava que partilhasse o seu marido com outras dama'ting? Era demasiado para aceitar. Everalia e Thalaja podiam procriar com Ahmann, mas faltava-lhes a inteligência de Inevera ou os seus dotes na dança das almofadas. A beleza destas não era comparável à sua e não tinham qualquer conhecimento de magia ou de cura. Outra dama'ting Kaji seria um desafio suficiente como Jiwah Sen, mas pertencendo a outra tribo? Onze delas?

Inevera inspirou para encontrar o seu centro. Era uma serva de Everam, o instrumento da Sua vontade. Se os dados lhe ordenavam que o fizesse, assim seria.

Recolheu novamente os dados, arriscando um segundo lançamento.

– Como escolherei as noivas de Ahmann?

Já foram escolhidas.

Inevera ajoelhava-se numa pequena alcova de previsão no Palácio do Andrah quando Belina chegou. Havia muitas câmaras semelhantes. Quando o conselho reunia, o Andrah e o Damaji exigiam frequentemente feitiços e previsões demasiado banais para que fossem confiados à Damaji'ting. Eram delegados durante as pausas a um exército de Noivas experientes de cada tribo, que serviam as suas mestras na corte.

Como terceira conselheira de Kenevah, esperava-se que Inevera estivesse presente, apesar de tal não ser exigido pela lei sagrada. As mulheres mais velhas tinham ficado escandalizadas quando faltara a uma sessão pela primeira vez por exigência dos dados, ocupando-se a reunir benefícios para o seu marido. Aconteceu muitas vezes ao longo dos anos e o insulto implícito a Kenevah tivera consequências.

As tribos podiam opor-se com frequência, mas todas as dama'ting fundamentavam o seu saber no Evejah'ting e, assim, todas escolhiam as suas novas líderes fora do palácio. Alguns anos depois de Inevera começar a frequentar a corte, a primeira destas raparigas ascendeu ao cargo, sendo mais nova que ela.

Desde então, todas tinham coberto a cara com o véu negro. Todas menos Inevera. A sua presença na corte era uma

lembrança constante do sacrifício que fazia por Ahmann. As dama'ting conseguiram transmitir muito com o olhar e as novas herdeiras troçavam de Inevera com os seus, vendo-a permanecer onde estava enquanto seguiam em frente.

Odiava-as a todas. Sobretudo a Belina dos Majah. A dama'ting diminuta não tinha nada além de desdém nos olhos quando olhava Inevera.

O que tornou mais inesperado quando, no dia anterior, Inevera lhe passou uma mensagem no corredor, tão rapidamente que mais ninguém percebeu a troca.

A câmara de previsão de Inevera estava ricamente decorada, como convinha à sua posição como terceira dama'ting dos Kaji. Estava resguardada da luz solar e iluminada pelo brilho suave das guardas. Um serviço de chá em prata repousava a seu lado, com guardas térmicas mantendo quente o líquido no interior.

Serviu quando Belina entrou. Era um gesto calculado, apesar de sentir repulsa pela postura submissa perante alguém que precisava de dominar.

– Agradeço-te por vires, irmã.

Belina aceitou graciosamente a chávena. Era uma mulher pequena, não passando do metro e meio. Mas tinha um corpo sólido, com cintura pequena, seios grandes e pesados e ancas arredondadas. Parecia capaz de dar à luz um exército. Olhou Inevera com suspeição.

– Continuo sem perceber porque aqui estou.

Inevera manteve os olhos baixos enquanto enchia a sua chávena.

– Deixemos os jogos de parte, Belina. Ambas lançámos os dados antes deste encontro. Conta-me o que te disseram os teus dados e contar-te-ei o que me disseram os meus.

A chávena de chá de Belina estremeceu. Foi o único sinal da sua surpresa, mas, sendo ela uma dama'ting, foi quase como se a tivesse deixado cair ao chão. O lançamento dos dados era uma comunhão privada com Everam e, apesar de as Noivas debaterem por vezes o significado destes com as suas aliadas

mais próximas e dignas de confiança, era a indelicadeza suprema perguntar o que outra vira.

Olharam-se em silêncio durante algum tempo, beberricando o chá. Por fim, Belina encolheu os ombros.

– Disseram-me que me farás uma oferenda e que, em seguida, me oferecerás o teu marido. – Fixou olhos duros em Inevera. – Mas não tenho qualquer interesse em casar com um qualquer kai'Sharum insignificante, sobretudo quando pertence a outra tribo. Dizem que é ele o motivo para a tua Damaji'ting te negar o véu negro. Nenhuma oferenda poderá alterar isto.

Inevera não reagiu ao insulto.

– Não te pedirei que aceites casar com um kai'Sharum. Casarás com o Sharum Ka e o Sharum Ka não tem tribo.

Aquilo captou a atenção da outra mulher. Semicerrou os olhos.

– Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji será o próximo Sharum Ka? Sabes isto?

Inevera acenou afirmativamente, suprimindo um sorriso. O nome do seu marido «insignificante» era já conhecido entre as dama'ting das outras tribos.

– É inevera. – Não referiu o preço a pagar. Seria também a vontade de Everam e não poderia ser negado.

Belina bebeu um gole de chá.

– O próprio Andrah não recebe uma Damaji'ting como esposa há cinco gerações. Até o Sharum Ka me seria inferior... – Enfrentou o olhar de Inevera dom dureza. – E não aceitaria ser-te subordinada.

Inevera acenou com a cabeça.

– A oferenda, por ordem dos meus dados. Sangue para te mostrar parte do plano de Everam. Ergue os teus dados.

Belina olhou-a com desconfiança. Levou a mão à bolsa de hora, mas sem dar a entender se pretendia apenas apertá-la ou invocar magia protetora. Parecia não ter qualquer intenção de os retirar.

– Ofereces-me o sangue do teu marido? – Seria uma oferenda incrivelmente poderosa, capaz de conferir a Belina

grande poder sobre Ahmann. Tal como perguntar a alguém pelo resultado de um lançamento alheio, era algo que não se fazia.

Mas Inevera abanou a cabeça.

– Não o seu. – Desembainhou a faca e cortou a pele na base do punho. – O meu. – Belina gemeu de espanto quando Inevera lhe estendeu o punho, com a primeira gota formando-se já sobre o corte. – Estende os dados.

Ninguém treinado em magia dos hora poderia rejeitar tal oferta. Daquela vez, Belina obedeceu imediatamente.

É um início, pensou Inevera.

Ordena o que apenas um tolo recusaria durante vezes suficientes, ensinava o Evejah'ting, *e até a Jiwah Sen mais orgulhosa se habituará à obediência.*

Inevera viu o Andrah começar a ofegar enquanto dançava para ele. Era imensamente gordo e o simples ato de encher o peito parecia esgotá-lo.

Custar-lhe-á o desempenho. Tinha já temperado a sua comida e bebida com poções capazes de o manter excitado, mas tais esforços tinham limites com um homem daqueles.

Depois de lhe despir a túnica, teve de procurar sob as dobras do estômago até lhe encontrar o membro e precisou de todas as sete carícias para o enrijecer suficientemente para conseguir montá-lo. Por duas vezes, esteve perto do Paraíso nas suas mãos, mas apertou-o, sabendo que o destino do marido dependia daquela união. Quando a penetrou, apressou-se, uivando de forma teatral, emitindo sons falsos que mal conseguiam camuflar a repulsa, mas que, mesmo assim, o levaram ao frenesim. Com uma última torção, fê-lo terminar e deixou-o a arfar sobre as almofadas.

– Muito bem – gemeu ele, por fim, esforçando-se para se levantar e vestir a túnica. – O filho de Hoshkamin será o próximo Sharum Ka.

Inevera era a palmeira, vergando ao vento enquanto saía, mas, quando as cortinas caíram sobre o seu palanquim, o tronco quebrou e as lágrimas escorreram. Sabia há anos que

estava destinada a casar com Ahmann, mas não antecipara apaixonar-se por ele.

Poucas horas após Ahmann receber o turbante branco do Sharum Ka e pedir ao Damaji uma noiva de cada tribo, Kenevah convocou Inevera ao seu gabinete. As tribos menores tinham-se mostrado eufóricas e as suas Damaji'ting salivaram com a possibilidade de ter informadoras na câmara das almofadas do Sharum Ka, não sabendo ainda que seriam as suas herdeiras as escolhidas, ficando assim sob as ordens de Inevera.

Mas os Kaji eram a primeira das tribos desde que havia memória e o Damaji Amadeveram reagira com raiva à ideia de misturar sangue Kaji com o sangue de tribos menores. Kenevah não se manifestara na corte, mas o seu olhar era duro quando Inevera entrou.

– Acreditei que o teu marido tinha sido inteligente ao fazer este pedido tresloucado – disse-lhe a anciã. – Imagina a minha surpresa quando os meus dados – e agitou os ossos que segurava na mão – me disseram que eras tu a responsável. – Não pareceu surpreendida.

Inevera não disse nada e isto pareceu irritar ainda mais a Damaji'ting.

– Enlouqueceste? – perguntou a anciã, elevando a voz.

Inevera ergueu as mãos, reconhecendo a futilidade do gesto, mas sentindo que devia tentar mesmo assim.

– Não era isto o que desejavas? Aquilo de que falámos há tantos anos? Disseste que o Andrah e o Sharum Ka eram corruptos, favorecendo os Kaji de formas que dividiam e matavam o nosso povo. Jurei encontrar uma solução e assim fiz. Agora, temos um Sharum Ka corajoso e de coração verdadeiro ao serviço de todas as tribos.

– E ao teu serviço, acima de tudo – troçou Kenevah. – Não me julgues tola ao ponto de não perceber. E o Andrah? Também o substituirás? Alguns anos de estudo no Sharik Hora não tornam o teu marido arrivista um dama.

Inevera encolheu os ombros.

– Kaji não era um dama. Ergueu-se do sangue da alagai'sharak e uniu o mundo sob a sua lança.

Kenevah riu-se.

– Acreditas ser a primeira Inevera a tentar tornar-se a próxima Damajah? As histórias das Damaji'ting estão repletas dos seus falhanços sangrentos. Ou és suficientemente tola para acreditar realmente que o teu marido é o Libertador renascido?

– Vi futuros em que é – disse Inevera. – Assegurarei a sua concretização.

– Sim? – perguntou Kenevah. – Como achas que reagirá quando souber que tiveste de cavalgar a lança do Andrah para lhe assegurar o Trono da Lança?

Inevera sentiu a cara gelar. Kenevah sabia? O vento suave tornara-se uma tempestade de areia capaz de vergastar a palmeira mais flexível.

Kenevah voltou a rir.

– Achas-te especial? Aquele velho porco tem dama'ting oferecendo-se para lhe afagar a lança mole todos os dias em troca de favores. Eu própria me deitei com ele, muito antes de seres uma taça de couzi na mão patética do teu pai. As Noivas de Everam nunca rejeitaram prostituírem-se por favores, apesar de me parecer que serás a melhor de todas. Parece-te que Ahmann te golpeará quando descobrir? Seria uma ironia deliciosa terminar a tua ânsia de poder com a morte do teu marido por espancar a esposa dama'ting.

Inevera sentiu uma onda de medo dominá-la. *Nenhum sangue é mais tórrido que o de um Sharum traído*, ensinava o Evejah'ting. Era possível que Ahmann se enraivecesse e a matasse a ela, ao Andrah ou a ambos. Para conquistar o Trono dos Crânios, teria de matar o velho gordo um dia, mas não estaria em posição de o manter até ter filhos nie'dama em cada tribo. Precisaria de uma década pelo menos.

– O que queres? – perguntou.

– Um frasco com o sangue do teu marido para começar – disse Kenevah. – Eu própria lançarei os dados para ver o seu futuro e...

Inevera interrompeu-a.

– Nem pensar.

– Esqueces o teu lugar, rapariga – rosnou Kenevah. – Ainda sou a tua superior. Não me podes negar nada.

Inevera moveu a mão num gesto despreocupado.

– Os dados não escolheram outra rapariga. Por lei, serei a Damaji'ting quando morreres, quer apoies ou não a minha escolha.

– Se viveres até lá – disse Kenevah. – Terei o sangue de Ahmann Jardir mesmo que precise de te sangrar a ti em primeiro lugar. Se está realmente fadado para a grandeza, talvez possa ter algum uso como eunuco depois de seres trancada algures.

Inevera suspirou.

– Esperava conseguir evitar isto – disse, retirando um crânio de demónio da chama da sua bolsa de hora.

Kenevah lançou a cabeça para trás e riu.

– Um crânio de demónio da chama? Desiludes-me, Inevera. Esperava mais de ti. – Era inevitável que tivesse guardas contra o fogo à volta da mesa. Abriu os braços com as palmas das mãos viradas para mostrar que estavam vazias. – Ataca. Os dados escolherão outra depois de te matar. – Abanou a cabeça. – Que desperdício.

– Assim é – disse Inevera, acenando afirmativamente. Voltou-se e projetou uma grande língua de chama, mas não em direção a Kenevah. Ao invés, atingiu as cortinas de veludo grossas que cobriam as grandes janelas da Damaji'ting. Irromperam em chamas tão intensas que se desfizeram em segundos. Luz intensa do sol entrou, atravessando o fumo e iluminando cada recanto.

Um círculo de hora disposto à volta do local em que Inevera se erguia, obviamente destinado a aprisioná-la, explodiu, deixando buracos incandescentes na carpete grossa. Houve outras explosões na mesa de Kenevah e a velha guinchou, atingida por estilhaços flamejantes.

Inevera escondera já o seu crânio de demônio da chama na bolsa protetora. Contornou tranquilamente a mesa, erguendo-se diante da velha. O fumo provocava-lhe ardor nos olhos e nos pulmões, mas era tolerável.

– Nenhuma magia te valerá, velha miserável. Resolveremos isto com sharusahk.

Para seu crédito, a anciã não hesitou. Uma vida inteira de sharusahk não seria facilmente esquecida, mesmo que não enfrentasse ninguém há décadas. O seu ataque, Vento sobre Palmeira, foi executado com perfeição.

Mas foi lento. A sua postura podia ter sido perfeita, mas Kenevah era cinquenta anos mais velha que Inevera e isso notava-se na sua velocidade. Ramo ao Vento defletiu Vento sobre Palmeira e permitiu-lhe avançar, aplicando um pontapé contra a parte traseira do joelho da anciã. A perna cedeu-lhe e Inevera imobilizou-a.

Kenevah debateu-se e conseguiu inverter a chave enquanto embatiam contra o chão. O sharusahk ensinava a roubar energia livre sempre que possível e mesmo uma anciã conseguiria ser formidável, se pudesse canalizar força em quantidade suficiente. Rebolaram entre o fumo e as chamas que se extinguíam, gemendo e rosnando. Bateram à porta, mas Inevera tinha-a trancado com firmeza.

Kenevah mostrou ser uma adversária mais difícil do que esperara, mas o resultado deixou de estar em dúvida quando Inevera parou de facultar energia para a Damaji'ting roubar e, ao invés, aplicou os seus músculos contra os dela num lento empurrão até conseguir posicionar-se da forma desejada. Segundos mais tarde, deslocou uma das ancas de Kenevah. O uivo da Damaji'ting foi interrompido quando Inevera a contornou, rodeando-a firmemente com as pernas à volta da cintura e estendendo a mão para o véu negro que deveria ser seu há anos. Puxou-o contra a garganta de Kenevah, mantendo a Damaji'ting imobilizada enquanto a sua cara se tornava vermelha e parecia inflar. Pouco depois, os movimentos cessaram. Inevera manteve a posição durante mais algum

tempo e, finalmente, afrouxou os membros e desapertou o véu de seda.

Erguia o toucado e o véu negros quando as portas rebentaram com uma explosão de magia e Qeva e Enkido entraram, seguidos por doze mulheres, dama'ting e nie'dama'ting.

Qeva contemplou a destruição com horror nos olhos. A maior parte das chamas estava extinta, mas o gabinete estava repleto de destroços queimados e fumegantes. Viu a forma imóvel da mãe no chão, despojada do véu, e voltou-se para Inevera com um brilho homicida nos olhos.

– Kenevah era velha e fraca – disse Inevera, erguendo a voz.
– Chegou o momento de o toucado preto mudar de dona.

– Como te atreves? – perguntou Qeva. Matar uma Damaji'ting para iniciar a sucessão tinha precedentes, mas fazê-lo de forma tão aberta era inaudito. – A minha mãe e eu ensinámos-te tudo o que sabes. Que nos traias depois de te acolhermos...

Inevera riu-se.

– Depois de me acolherem? Não era uma mendiga na rua ou uma nie'ting. Não alteres a história para fazer de ti a minha salvadora. Arrancaste-me aos braços da minha mãe sem uma palavra e lançaste-me a um subterrâneo onde a tua própria filha tentou matar-me. – Melan estava presente. A sua mão em garra era inconfundível. Inevera enfrentou o seu olhar, desafiando-a a negar o que dizia. – E, quando verificou que não era como desejava – prosseguiu –, Kenevah tentou matar-me. Os dados dizem-me que o tentou sete vezes. Pelo menos, dei-lhe a cortesia de o fazer face a face.

– Mentos – rosnou Qeva.

Inevera abanou a cabeça.

– Porque mentiria quando as minhas palavras são irrelevantes? Sou a única escolhida pelos dados para suceder a Kenevah. Enquanto viver, as dama'ting Kaji são minhas.

– Se viveres – corrigiu Qeva, avançando e adotando uma postura de sharusahk. Quando saiu do vestíbulo sombrio, a luz do sol atingiu o hora que usara para rebentar as portas,

fazendo-o explodir-lhe na mão. Qeva guinchou e perdeu a concentração enquanto a explosão lhe roubava o equilíbrio.

Inevera avançou rapidamente enquanto estava distraída. Uma morte rápida e apenas Melan poderia desafiar o seu lugar.

Mas Enkido colocou-se entre ambas, aplicando um pontapé que projetou Inevera para o outro extremo do gabinete.

– Mata-a! – ordenou Qeva enquanto Inevera tentava erguer-se.

– Aceitas que um eunuco decida quem liderará as mulheres da nossa tribo? – perguntou Inevera, erguendo a voz. Como esperara, todos os olhos se moveram para Qeva, esperando a sua resposta. Nesse momento, enfiou a mão na sua bolsa de hora, apertando um pedaço de osso guardado com cuidado para não o deixar ser tocado pela luz.

– Não és digna de liderar se não conseguires derrotar Enkido – rosnou Qeva. – A minha mãe criou-o para que fosse a sua lança arremessada do Além.

Inevera não teve tempo para responder quando Enkido a atacou com violência. O seu sharusahk era diferente de tudo o que alguma vez vira. O tamanho e a ferocidade de um Sharum, a graça de um dama e a precisão de uma dama'ting. Nunca pressentira qualquer raiva no homem, mas era o sentimento que irradiava naquele momento.

Todos os Sharum deverão vingar a morte do seu mestre dama, mesmo que isso signifique a sua morte, ensinava o Ejevah e Kenevah não deixava de ser o seu mestre, mesmo sendo mulher. Mutilara-o, roubara-lhe a virilidade e a língua, mas Enkido amava o sharusahk acima de todas as coisas e concedera-lhe o seu maior desejo. Atacou Inevera com tudo o que tinha e, teve de admitir que, sem o auxílio da magia, teria sido o seu fim.

Mas o pedaço de osso guardado na sua mão canalizava magia pura pelo braço, dotando os seus membros com força e rapidez além de qualquer coisa que mera carne e osso conseguissem duplicar. Sentia a confusão de Enkido quando o primeiro golpe falhou e lhe cravou os dedos rígidos contra um rim.

Deveria ter sido um golpe decisivo, mas foi a sua vez de se sentir surpresa. Enkido vestia uma armadura. Os seus dedos atingiram uma das placas duras de cerâmica que os Sharum cosiam ao interior das túnicas no Labirinto. Sentiu-a estilhaçar-se com o impacto, mas a força do golpe foi absorvida, deixando-lhe os dedos doridos.

Conseguiu esquivar-se ao contragolpe por pouco, mas o eunuco voltou a mover-se, atingindo-a com as costas da mão na cara e projetando-lhe a cabeça para trás. O pontapé seguinte partiu costelas e fê-la embater contra a mesa queimada de Kenevah, que desabou com o impacto. Ouvia-se um gemido de espanto coletivo da multidão que se aglomerava no gabinete à sua volta.

Inevera teve de se esforçar para manter o punho fechado e não perder o hora enquanto absorvia o impacto, encolhendo-se e usando alguma da energia para rebolar, erguendo-se a alguma distância dos destroços. Enkido voltou a atacar, mas os seus pés estavam firmemente apoiados e não voltou a subestimá-lo.

Avançaram e recuaram, com Enkido golpeando e falhando o alvo e com Inevera aplicando golpes rápidos em resposta que foram maioritariamente defletidos pelo adversário ou pela sua armadura. Ambos se mostravam cautelosos, não permitindo espaços abertos e sem energia que pudesse ser canalizada. Inevera olhou Qeva, esperando pacientemente do lado de fora do anel de mulheres que rodeava o confronto, fresca e preparada para substituir Enkido, se fosse derrotado.

E teria hora próprios.

Enkido atacou-a com Flor Murcha e Inevera poderia ter-se esquivado, mas um impulso fê-la deixar-se atingir. A perna cedeu-lhe e Enkido avançou para aproveitar a vantagem, Porém, Inevera canalizou o poder do osso de demónio, restaurando a força do membro atingido. Golpeou-o com violência, cravando os dedos num espaço entre as placas de armadura, fazendo-o fletir os músculos do abdómen como reflexo. Enquanto se curvava, aplicou vários golpes precisos

contra as linhas de poder do pescoço e do ombro e, a seguir, partiu-lhe o joelho com uma patada violenta.

O eunuco não gritou enquanto tombava, tanto quanto um homem sem língua poderia gritar. Esforçou-se para se erguer novamente, mas, apesar do esforço visível na face, os seus membros intactos não lhe obedeciam. Acalmou-se, respirando profundamente e erguendo o olhar para ela com dignidade silenciosa, sem qualquer receio enquanto esperava que lhe tirasse a vida.

Mas Inevera não tinha qualquer interesse em matar o eunuco.

– Honraste a tua mestra, Sharum, no entanto, Everam continua a ter um plano para ti. – Sentiu o hora na mão reduzir-se a pó, esgotado, e pensou se viria a arrepender-se da misericórdia. Respirava com esforço e tossia como resultado da inalação do fumo no ar.

Qeva adotou uma postura de sharusahk, mas Inevera não fez o mesmo.

– Seremos dama cegos, seguindo a lutadora mais hábil? – perguntou Inevera às mulheres reunidas. – O Evejah'ting deunos os alagai hora para que nunca nos rebaixemos a tal selvajaria. – Olhou Qeva. – Foste tu quem me lançou os dados pela primeira vez. Acolheste-me quando poderias facilmente ter-me rejeitado. Porquê? O que viste?

– O teu futuro estava oculto – respondeu Qeva. – Foi o que a minha mãe me ordenou que procurasse.

Inevera acenou afirmativamente. Soubera-o.

– Deixou de estar oculto. Lança novamente os dados. Agora, na Câmara das Sombras, para que todas vejam.

Qeva arregalou os olhos ao ouvir aquilo e semicerrou-os em seguida, pressentindo uma armadilha. Um frenesim de sussurros alastrou entre as mulheres em redor, pressionando-a a agir.

Ordena o que apenas um tolo recusaria.

As duas pretendentes ao toucado negro lideraram o cortejo até ao subpalácio, seguidas por todas as mulheres e raparigas. Quando se bloquearam na câmara, longe da vista de homens,

Qeva ergueu os dados e aproximou-se de Inevera com os olhos plenos de ódio.

– Apenas algumas gotas do teu sangue. Mas não receies. Verterei o resto antes do fim do dia.

Inevera ergueu o véu, cuspendo sangue do lábio aberto sobre os dados de Qeva. Não lhe parecera possível aumentar a raiva da mulher, mas via nos seus olhos que conseguira fazê-lo. *Lamento, Qeva, mas terás de ser vergada como uma Jiwah Sen à frente de todas.*

Todas sustiveram a respiração enquanto Qeva abanava os dados e entoava as suas orações. Os hora cintilaram ferozmente, lançando uma luz sinistra sobre a multidão, mas Inevera não receou a luz ou os ossos. Erguia-se sobre Qeva enquanto esta se ajoelhava. Um pontapé bem aplicado conseguiria matar a mulher enquanto se concentrava no lançamento, mas Inevera não pretendia matar Qeva. Menos ainda do que desejara matar Enkido. A honra exigia que Qeva a matasse, mas os dados de Inevera tinham-na feito conhecer melhor o coração da mulher.

És mais filha de Qeva do que a sua prole. Poderá matar-te, mas nunca te trairá.

Qeva lançou e, enquanto os dados paravam, as outras mulheres perderam a compostura, com Noivas e Prometidas avançando apressadas para ver o padrão.

Algumas, como Qeva e Melan, perceberam o significado imediatamente e abriram a boca de espanto, tal como Belina e as outras. A maioria fitou os dados durante vários momentos antes que o seu significado se tornasse claro.

Qeva ergueu o olhar para ela e Inevera estendeu-lhe o toucado negro. Era uma coisa mesquinha e não a interessava realmente. Na verdade, nunca interessara. Era um degrau na escadaria que precisara de pisar apenas durante tempo suficiente antes de o deixar para trás.

– Envergarás o toucado negro, irmã Qeva – disse, antes de se voltar para Melan. – E tu, irmã Melan, o véu negro. Terei de zelar pelo meu marido e a política do chá das mulheres Kaji não

me interessa. Tenho o meu próprio palácio e objetivos mais elevados.

Qeva acenou afirmativamente, estendendo a mão para o toucado. Inevera afastou-o um pouco e as respirações foram suspensas em redor.

– Falarás pelos Kaji na corte – disse Inevera. – Mas, apesar de a voz ser tua, as palavras serão minhas.

Qeva curvou-se.

– Sim, Damajah. – Voltou a estender a mão e, daquela vez, Inevera permitiu-lhe que recebesse o toucado.

Estendeu o véu negro a Melan, que se curvou numa vénia ainda mais profunda.

– Sim, Damajah.

Inevera ergueu o véu, forçando os olhos de Melan a fixarem-se nos seus.

– Não debes voltar a proferir esse nome. – A sua voz ecoou pela câmara e voltou-se, enfrentando os olhares de cada mulher e rapariga. – Nenhuma de vós... Ainda não.

Por mais três ocasiões ao longo dos seis meses seguintes, Inevera precisou de decretos do Andrah e, de cada vez, o pagamento foi o mesmo. Tocava-a com maior arrojo, como se integrasse o seu harém. Quando se atreveu a morder-lhe o seio, quase o apunhalou.

Bastará, pensou. Ahmann construiu a sua reputação. O Andrah não poderá retirar-lhe o turbante branco e nenhum decreto valerá isto.

Nessa manhã, chamou Qasha, a sua Jiwah Sen Sharach e a favorita de Ahmann.

– Convidarei o Andrah esta noite – disse-lhe. – Faz com que chegue aos seus ouvidos que visitará o palácio do Sharum Ka durante a ausência do seu mestre. Quero que Ahmann nos encontre juntos. Chegou a altura de ensinar o Andrah a sentir medo, tal como chegou a altura de ensinar a Ahmann mais sobre o seu destino. Não tolerarei durante mais tempo os toques daquele gordo asqueroso.



ONZE

A ÚLTIMA REFEIÇÃO

333 DR Verão 28 Auroras antes da Lua Nova

—**P**ARA DE ANDAR de um lado para o outro, Rojer — disse Leesha. — Fazes-me dores de cabeça. — E, com efeito, os movimentos do traje de retalhos coloridos do Jogral provocara-lhe uma palpitação atrás do olho direito. Pressionava a têmpora com a mão.

Ahmann convidara-os para o pequeno-almoço na sua mesa antes de se juntarem à caravana de regresso ao Outeiro do Libertador. Leesha presumiu que ocorresse ao amanhecer, a hora tradicional para o pequeno-almoço antes de uma viagem longa, mas os krasianos demoravam-se. Tinham sido abandonados à espera numa das salas de receção durante horas.

Depois da primeira hora, Rojer ergueu o violino e começou a tocar, mas, como sempre, as suas emoções eram canalizadas pela música, numa melodia cortante que recordava a Leesha o ruído de unhas arranhando uma lousa. Pedira-lhe que parasse, mas era demasiado tarde. Sentiu as fossas nasais contraírem. Conhecendo bem a sensação, soube que se iniciava um ciclo de dores de cabeça.

Conhecera-as durante toda a vida. Por vezes, a dor e a náusea duravam uma hora. Noutras ocasiões, iam e vinham

durante uma semana ou mais, como a chuva na primavera. Na maior parte do tempo, as dores apenas a tornavam irritável e muitas eram repelidas com remédios facilmente misturados e evitando elementos que sabia poderem despoletá-las. Noutros momentos, podia escolher entre dor cegante ou um medicamento tão poderoso que a deixava delirante durante horas. Nas piores ocasiões, felizmente também as menos frequentes, não haveria nada a fazer além de encontrar um local privado e chorar.

Os ciclos pioravam com a idade e com o aumento da tensão e da responsabilidade e tornaram-se visitas regulares quando se tornou Herbanária do Outeiro do Libertador. Na Fortuna de Everam, rodeada pelos seus inimigos, passara a ser um estado quase constante, como um longo inverno sem sinais de primavera.

Não estava sozinha no desconforto. A tensão pairava no ar enquanto a delegação do Outeiro do Libertador aguardava aquela última formalidade antes de poderem iniciar a longa viagem para casa. O seu pai, Erny, mantivera-se de pé, caminhando urgentemente para a latrina por sete vezes durante a última hora e corou furiosamente quando a sua mãe o repreendeu.

– Não é natural, Ernal. Verter gotas de cada vez. Deverias permitir que Leesha te examinasse. – Elona erguia-se do lado oposto da sala, mas o olfato de Leesha envergonharia um lobo durante os seus ciclos. Captou o odor do perfume da mãe e aumentou-lhe a náusea. A pressão no crânio aumentou.

Como todos os outros, os outeiros fingiram não ouvir. Wonda, que se considerava guarda-costas de Leesha, permanecia sentada, curvando-se para diante numa cadeira demasiado pequena para o seu corpo imenso. O gigantesco arco guardado, sem corda, estava pendurado das costas da cadeira juntamente com a aljava de flechas. Uma faca pesada pendia-lhe do cinto.

Suficientemente grande para derrubar homens fortes, Wonda Lenhador tinha apenas dezasseis anos e, quando ficava

nervosa, como naquele momento, abanava-se lentamente para trás e para diante, passando os dedos sobre as cicatrizes de demônio na cara.

Gared Lenhador, medindo quase dois metros e com músculos salientes, era o único na sala com constituição comparável à de Wonda, apesar de estarem unidos apenas por um parentesco muito distante. Aborrecido e sem nada para matar, tentava talhar um cavalo de madeira, mas as suas mãos colossais, perfeitas para estrangular um demônio do vento caído, não eram indicadas para trabalho meticuloso. Aplicou demasiada pressão na faca e, parecendo-lhe que acontecia pela centésima vez, a lâmina escapou da madeira e cortou-lhe a mão.

– Nucleado seja! – Levou o polegar ensanguentado à boca e ergueu o braço para arremessar o pedaço de madeira, mas Leesha arqueou-lhe uma sobrancelha e conteve-se. Arrependeu-se imediatamente do gesto, mesmo tendo sido mínimo, quando uma pontada de dor lhe atingiu o olho.

Roger aproximou-se dela.

– Não posso andar, não posso tocar. Que posso fazer, Alteza?
– Todos olharam. Leesha não costumava tolerar aquele tom mesmo nos seus momentos de melhor disposição.

Mas a última coisa de que precisava naquele momento era uma discussão. Haveria ainda esperança de amainar o ataque e cada palavra irritada reduzir-lhe-ia as hipóteses. Tomou uma dose de pó para as dores de cabeça com um gole de água da garrafa de mistura. O líquido desceu-lhe ao estômago vazio, provocando-lhe um misto de fome e náusea. Não sentia qualquer fome, mas, se não comesse em breve, tudo ficaria pior.

Amaldiçoou-se por ter recusado o chá e os bolos que as esposas de Abban tinham servido nessa manhã no Palácio de Espelhos, mas acabara de limpar os dentes e queria ter o hálito fresco quando saudasse Ahmann. O seu convite fora para o pequeno-almoço, uma última refeição antes do início da viagem, mas o sol ia já alto no céu.

«Rapariga idiota», ouviu Bruna dizer-lhe na cabeça. «Mastiga uma folha de menta da próxima vez.» Leesha sabia que o espírito da sua antiga mentora estava certo. Procurou alguma coisa para comer nos bolsos do avental, mas, apesar dos mil e um remédios que podia preparar a partir do conteúdo, não encontrou sequer uma noz.

Rojer não parava de a olhar com desagrado e suprimiu o desejo de lhe responder no mesmo tom.

– Perdoa-me, Rojer. Sinto-me tão frustrada como tu. Por este andar, passará do meio-dia quando nos pusermos a caminho.

– Se nos deixarem partir – disse Rojer. – Cada minuto que passamos à espera, mais certezas tenho de que vou acabar trancado numa masmorra e terei as bolas cortadas ao anoitecer.

Rojer tinha bons motivos para rezear. Ahmann enviara a sua filha mais velha, Amanvah, uma dama'ting de pleno direito, e a sua sobrinha Sikvah como noivas potenciais semanas antes. Foram as duas escolhidas por Inevera e revelou-se que eram espias, fingindo não falar thesano quando, na verdade, eram fluentes, e tentando envenenar Leesha quando ameaçou o *status quo* na Riqueza de Everam.

Mesmo assim, para grande irritação de Leesha, Rojer permitira-se ser seduzido por elas, deitando-se com Sikvah enquanto Amanvah os incentivava. Desde essa noite, mostrara-se nervoso, pensando se, a qualquer momento, as Lanças do Libertador viriam buscá-lo por ter conspurcado as raparigas sem primeiro aceitar desposá-las.

– Talvez devesse ter mostrado algum controlo – disse-lhe.

– Como se pudesses falar – disse Rojer.

– Que queres dizer com isso? – perguntou Leesha.

A incredulidade tornou a expressão de Rojer tão cómica que Leesha quase se riu, impedida pelas palavras que se seguiram.

– Acreditas realmente que haverá alguém nesta sala, neste palácio ou mesmo nesta cidade que não saiba que te deitas com Ahmann Jardim?

Leesha fechou os olhos e respirou fundo.

– Tomei uma decisão ponderada com Ahmann, pesando todas as variáveis. Os teus cálculos foram feitos apenas com a piça.

– Cálculos? – Rojer riu-se. – Cresci num bordel, Leesha. Sei tudo sobre esse tipo de matemática.

– Basta, Rojer! – Leesha não conseguiu conter a irritação por mais tempo e uma palpitação dolorosa dilacerou-lhe o crânio, aumentando-lhe as forças enquanto se erguia de repente.

Mas Rojer recusou recuar.

– Que farás se não me calar? Começo a cansar-me da tua atitude, Leesha. Não és a duquesa-mãe de Angiers. Não tenho de te obedecer e não permitirei que te aches melhor que eu depois de te venderes ao demónio do deserto.

Gared ergueu-se, apontando a Rojer a faca de talhar.

– Não podes falar assim com Leesha, Rojer. O Homem Pintado ordenou que te protegesse, mas lavar-te-ei a boca com sabão se voltares a dizer isso.

Surgiu uma faca na mão de Rojer.

– Tenta, seu campónio, e terás uma faca no olho.

Gared empalideceu e, em seguida, a sua expressão transformou-se na de um predador furioso. Wonda colocou a corda no arco num instante e preparou uma flecha para disparar.

– Atiras essa faca e eu...

– Parem com isso! Todos! – gritou Leesha. – Wonda, baixa o arco. Gared, senta-te. – Voltou-se para Rojer. – E vê se tens maneiras e recordas que talvez seja por me ter «vendido» que ainda manténs as bolas!

– Leesha Papel! – bradou Erny, fazendo todos os olhos voltarem-se na sua direção. Erny tinha perto de sessenta anos, muito mais velho que a mulher, mas parecia mais velho ainda. Era magro, com apenas alguns indícios de grisalho no topo da cabeça. Tinha óculos de aros finos e a pele pálida era quase translúcida. No momento anterior, mantivera a cabeça baixa, parecendo adoentado enquanto ouvia as censuras de Elona, mas passara a fixar em Leesha um olhar severo. – Foi assim

que te eduquei? Exiges respeito e com razão, mas deves dar respeito em troca e dizer palavras justas.

Leesha sentiu a face arrefecer e, por um momento, esqueceu a dor de cabeça. O pai não erguia a voz com frequência e era ainda mais raro que adotasse aquele tom, mas, quando o fazia, ninguém poderia fazer nada além de obedecer porque tinha a razão do seu lado.

– Desculpa, Rojer – disse. – Tenho o estômago vazio e uma dor de cabeça tremenda. Não devia ter dito o que disse. Enviaram-te aquelas raparigas por acreditarem que podes transmitir o teu talento para encantar demónios aos teus filhos. Não haverá grande hipótese de acontecer se te matarem ou se te cortarem as bolas. Se fosses algum khaffit ou chin das ruas apanhado a dormir com a sobrinha do Libertador fora do casamento, poderias ter motivos de preocupação. Mas, depois de Inevera ter deixado tão claro que Sikvah já não era virgem, penso que será seguro dizer que foi planeado desde o início.

Rojer inclinou a cabeça.

– Então foi como que uma armadilha?

Leesha esboçou um sorriso pálido.

– E caíste nela. A questão será perceber o que acontecerá agora.

Elona roncou.

– Talvez te tranquem num harém durante o resto da tua vida para gerar filhos e para treinar um exército de pequenos magos do violino.

Gared riu-se, batendo com uma manápula gigantesca no joelho.

– É melhor que cortar lenha o dia todo, hã?

Rojer pareceu não partilhar o seu entusiasmo, empalidecendo e recomeçando a andar. Esfregou o peito, onde o medalhão da família repousava, seguro sob a camisa.

– Porque ignoram todos a resposta óbvia? – perguntou Elona.

– Idiotas, tu e a minha filha. Casa com elas, tonto.

– Mesmo que quisesse fazê-lo – disse Rojer –, esperarão um dote digno do seu estatuto. Não tenho nada para oferecer.

– A única coisa que querem de ti é a tua semente. – Segurou um punhado de pano do vestido e abanou-o num gesto eloquente. – Tens um poder que ninguém viu fora de uma história de Jak Língua de Escama e querem saber se consegues transmiti-lo aos teus filhos. Jardir disse-to quando se ofereceu pela primeira vez para te encontrar noivas. E quem sabe? Talvez esteja certo e tenhas alguma coisa no sangue que te permita encantar demónios. Valerá a pena descobrir.

– Não poderia... – disse Rojer.

Mas Elona insistiu. A sua voz era como um chicote que aumentava a dor na cabeça de Leesha.

– Não poderias o quê? Aceitar a melhor proposta de casamento de todos os tempos? Jardir é rico e poderoso como ninguém. Senta-te a meu lado e cala-te durante dez minutos sozinho com Inevera e as raparigas e poderá ser tudo teu. Terras. Títulos. Camponeses para governar e cobrar impostos. Mais ouro que uma mina milnesa.

– Ouro roubado – disse Leesha. – Camponeses roubados. Terras roubadas.

Elona retirou importância às suas palavras com um gesto.

– Tudo é roubado, no fundo. Sobretudo a terra. As pessoas a quem foi tirada não a recuperarão, seja como for, e Rojer será melhor senhor que algum krasiano.

Virou-se novamente para Rojer.

– E não esqueçamos o direito de partilhar a cama todas as noites com duas mulheres belas. Criador! Até te ajudarão a escolher mais! Julgas que ofertas como esta surgem todos os dias? Acredita, rapaz – moveu os olhos para Erny por um instante. – Não surgem.

– Eu... – começou Rojer.

Elona interrompeu-o com um sorriso cruel.

– Ou preferes rapazes? Talvez seja por isso que persegues a minha filha inalcançável em vez de cobiçares raparigas mais dispostas. Não há vergonha se quiseres que um homem te cubra uma vez por outra, mas deverás aceitar mesmo assim e

encher os ventres das duas com um par de fedelhos. Fecha os olhos e pensa em Gared durante o ato.

– Ei! – gritou Gared.

– Não prefiro rapazes! – ripostou Rojer.

Leesha inclinou-se para diante, massajando as têmporas.

– Se não comer em breve, gritarei.

– Os Sharum quebram o jejum tarde – disse uma voz. Leesha voltou-se, vendo Abban de pé junto à porta. – Acontece porque dormem depois de passarem a noite toda matando demónios. Mas nada temas. Acompanhar-te-ei até ao Libertador em breve.

Leesha pensou no que teria ouvido da conversa enquanto o khaf-fit gordo coxeava até ela sobre a muleta com um camelo esculpido no topo. Wonda ficou tensa quando levou a mão ao interior das vestes, mas Abban curvou-se ligeiramente na sua direção, retirando a mão para mostrar que segurava apenas uma maçã vermelha madura. Leesha percebeu nesse momento que ouvira tudo. Não negaria a possibilidade de Abban ter arquitetado o atraso apenas para ter uma oportunidade de ouvir.

– Obrigada. – Leesha recebeu a maçã e mordeu-a sem demora. O primeiro pedaço delicioso foi um remédio tão bem-vindo como qualquer um na sua bolsa de ervas. Tal como o olfato, também o seu paladar e o tato eram avivados durante uma crise e fechou os olhos para saborear cada dentada.

– Recorda, mestra – disse Abban em voz baixa para que os outros não o ouvissem. – Podes ser uma criatura de cálculo, mas Ahmann é uma criatura de paixão. O seu sangue fá-lo distinguir entre o que está certo e o que está errado e reage imediatamente e sem remorso. É um traço que lhe é útil como guerreiro e como líder, suponho.

– E então? – perguntou Leesha.

– Significa que o Libertador acredita que o destino dita que, um dia, te cases com ele. Que é essa a vontade de Everam. Poderá deixar-te partir agora, mas nunca deixará de te seguir. Quanto a ti, Jogral – continuou Abban, erguendo a voz e coxeando em direção a Rojer –, preocupar-me-ia menos com o

Libertador e a Damajah e mais com Hasik. Se souber que te deitaste com a sua filha sem um casamento honrado, considerará que a violaste. Na primeira distração de Ahmann, far-te-á pagar um preço multiplicado por dez e as tuas pequenas facas serão tão úteis como lenços de seda para o travarem.

Roger abriu a boca de espanto e voltou a levar a mão ao medalhão.

– Hasik é o pai de Sikvah? – Conheciam bem o guarda-costas enorme e brutal de Jardir.

– Disse-te o que aconteceria se Hasik descobrisse, Roger – disse Leesha. – E não descobrirá. Não permitas que Abban te assuste.

O khaffit encolheu os ombros.

– Digo apenas a verdade, mestra. – Curvou-se. – Variáveis para os teus cálculos.

– Nesse caso, dá-mas todas. – Leesha voltou a morder a maçã. Estava perto do caroço, mordiscando até restarem apenas as sementes. – Ambos sabemos que não interessará a Sikvah ou a Inevera contarem a alguém. A lei evejana proíbe que as mulheres testemunhem em casos de violação. Ahmann teria de aceitar a palavra de Roger e, mesmo que não o fizesse, a admissão de culpa implicaria também a morte de Sikvah.

– É verdade? – perguntou Roger.

– É verdade, apesar de desprezível – respondeu Leesha.

– A lei evejana pode ser flexível quando o sangue do Libertador está envolvido, mestra – disse-lhe Abban. – Consideremos o insulto de recusar as raparigas como indignas.

– Hasik matar-me-á se não aceitar – disse Roger, como se testasse as palavras que ouvira.

– Violará e matará, sim – concordou Abban.

– Violará e matará – repetiu Roger, sentindo-se dormente.

– Bah! Não é maior que Wonda – disse Gared, batendo com uma mão pesada no ombro de Roger. – Não te preocupes. Não deixarei que te toque, mesmo que sejas tonto ao recusar a oferta.

Rojer era muito mais baixo que Gared, mas, mesmo assim, pareceu conseguir olhá-lo do alto.

– Não te vanglories, Gared. Estás habituado a ser o maior peixe do charco, mas a verdade é que Hasik te lançaria ao chão em segundos.

– E violar-te-ia diante dos outros Sharum para que todos vissem a tua humilhação – concordou Abban. – É célebre por isso.

– Seu miserável... – disse Gared, erguendo a mão para o pescoço do khaffit, mas Abban esquivou-se com facilidade, apoiando o peso do corpo sobre a perna intacta e golpeando a perna do Lenhador gigante com a muleta.

A dor fez Gared rugir enquanto levava um joelho ao chão. Teimoso, virou-se para o alcançar novamente, mas estacou quando viu a muleta apontada à sua garganta, com uma lâmina minúscula destacando-se da extremidade.

– Ah – disse Abban, erguendo a lâmina para a barba de Gared e fazendo-o engolir em seco. – Desde pequeno que não ponho os pés num sharaj, mas ainda recordo sharusahk suficiente para derrubar um tolo desmiolado e tenho truques para conseguir mantê-lo no chão.

Deu um passo atrás e a lâmina desapareceu na sua muleta com um clique bem oleado.

– Ouçam as palavras que vos ofereço. Quando Hasik vier a minha casa sem Ahmann para lhe segurar a trela, curvo-me e afasto-me do seu caminho, independentemente do que fizer ou a quem. É um assassino entre assassinos e conheci muitos. Atentem nas lições do instrutor Kaval e talvez consigam igualá-lo um dia, mas não hoje. – Olhou Rojer. – Aprende com a mestra Leesha. Se não desejas aceitar as raparigas, adia a decisão.

– Como? – perguntou Rojer.

Abban encolheu os ombros.

– Diz que o vosso costume exige que sejam... prometidos, não é assim?

– Prometidos – confirmou Rojer.

– Diz que o vosso costume exige que sejam prometidos por um ano ou que deverás compor primeiro uma grande obra musical para abençoar o dia. Diz que não casarás até aprenderes a língua krasiana ou até ao primeiro dia da primavera. Não importa o que disseres, filho de Jessum. Importa apenas que salves a cara perante as raparigas e o meu mestre e que ganhes tempo para te afastares daqui.

Rojer e os outros seguiram Abban até à grande sala de jantar de Jardir. A luz do sol entrava pelas janelas altas, iluminando o espaço. A secção principal da sala de mármore era ocupada por uma sucessão de mesas longas e baixas rodeadas por almofadas sobre as quais centenas de Sharum, tanto a elite das Lanças do Libertador como os guardas pessoais do Damaji, se sentavam de pernas cruzadas, com lanças e escudos próximos enquanto se banquetevavam com pão, cuscuz e espetos de carne assada, tudo servido em louça magnificamente pintada por rapazes vestindo apenas bido brancos.

Rojer não deu qualquer sinal exterior, caminhando tão despreocupadamente como se atravessasse um prado florido, mas sentia o coração acelerado enquanto passava pelos guerreiros. Não haveria fuga daquela sala. Nenhum truque de fumo ou violino conseguiria livrá-los de tal hoste. Partiriam quando Jardir o desejasse ou não partiriam.

Abban conduziu-os entre os guerreiros até uma escadaria para o estrado ocupado pelo Damaji, pelos filhos e herdeiros de Jardir e por vários outros clérigos de posição elevada. Havia uma tapete grossa no chão e tapeçarias quentes nas paredes. Sentavam-se sobre almofadas de seda e comiam com gestos delicados comida rica disposta sobre travessas de prata moldada servidas por mulheres vestidas de negro da cabeça aos pés.

Os clérigos observaram com olhares plenos de ódio enquanto os outeiros passavam e subiam até ao estrado acima do seu. Não houve qualquer mudança no seu passo, nenhum indício na face, mas Rojer sentiu um aperto no peito como se o ar lhe fosse lentamente arrancado aos pulmões. Conhecia a perícia

com que os clérigos lutavam, sendo mais mortíferos com mãos nuas do que um Lenhador com o seu machado.

No estrado seguinte, o mais pequeno, continuando a ser um espaço amplo com tapete grosso e mármore decorado com ouro, sentava-se Jardir à sua mesa. As almofadas eram bordadas a ouro e eram de ouro as taças, jarros e pratos decorados com joias servidos pelas suas esposas, muitas delas damas de véus negros. Rojer sentiu uma pontada no estômago ao pensar em comer sobre uma mesa em que todos os servidores seriam exímios no envenenamento. Cobriam-se todas da cabeça aos pés, mas, mesmo assim, Rojer percebeu que Amanvah e Sikvah estavam entre elas. As suas formas e o modo gracioso como se moviam ficariam para sempre registados na sua mente.

Jardir sentava-se à cabeceira da mesa com Inevera à sua direita. Como sempre, a Damajah vestia seda diáfana que atraía o olhar ao mesmo tempo que prometia uma morte dolorosa para qualquer homem cujo olhar se demorasse em demasia. Nos extremos da mesa, sentavam-se os Damaji Ashan e Aleverak, os seus herdeiros, Asukaji e Maji, o primeiro e o segundo filhos de Jardir, Jayan e Asome, o kái'Sharum Shanjat e, claro, Hasik.

Apesar de ser uma ânsia obviamente fútil, Rojer sentiu um impulso louco para fugir. De forma subtil, introduziu um dedo entre os botões da sua camisa de retalhos para tocar o metal frio do seu medalhão. Quando o fez, sentiu aliviar-se uma parte considerável da tensão.

O medalhão era a maior distinção por bravura concedida pelo duque de Angiers e fora deixado a Rojer pelo seu pai adotivo, Arrick Doce Canção, como compensação por ter lançado a sua mãe aos nuclitas, mentindo posteriormente a esse respeito. Nem mesmo Arrick conseguiu suportar a vergonha e, quando reuniu os seus pertences após ser expulso do palácio do duque, deixou o medalhão, apesar de ter levado todos os objetos de valor a que conseguiu deitar a mão.

Mas, sendo verdade que Arrick o abandonara, outros mantiveram-se firmes nessa noite. Geral, o Mensageiro, lançara um escudo à sua mãe e, juntamente com o pai de Rojer, tinham-se colocado entre mãe e filho e os demónios que entravam pela porta arruinada. Morreram, tal como Arrick muitos anos depois, protegendo-o.

Leesha gravara os nomes de todos os que tinham perdido a vida por Rojer na medalha de bravura e tornou-se o seu talismã. Era um consolo quando o medo ameaçava dominá-lo, mas também uma lembrança de que os dias que lhe restavam tinham sido pagos com as vidas de todos os que o tinham amado. Quis acreditar que acontecera por haver nele algo de especial, algo digno de salvar, mas, na verdade, nunca vira grandes provas de que fosse esse o caso.

Leesha ocupou a almofada à esquerda de Jardir, seguida por Rojer, Elona, Erny, Gared e Wonda. Abban ocupou o seu lugar costumeiro, ajoelhando-se um passo atrás de Jardir, quase invisível do outro lado da mesa.

Sikvah pousou imediatamente uma minúscula taça de café espesso à sua frente e, quando os seus olhares se cruzaram, piscou-lhe o olho rodeado de pestanas negras e numerosas. Mais ninguém percebeu e foi um gesto caloroso e habilidoso que provocou em Rojer um pequeno arrepio de emoção. Mas ensaiara gestos como aquele vezes suficientes diante do espelho para não se deixar enganar. Amanvah e Sikvah podiam gostar dele, estando dispostas a serem suas noivas, mas não o amavam. Não o conheciam suficientemente bem para que fosse verdade, mesmo que acreditassem que sim.

E Rojer também não as amava. Eram criaturas brilhantes e belas, mas, sob a superfície, continuavam a ser um mistério.

No entanto, havia alguma coisa...

Pensava com frequência na noite em que o tinham seduzido, mas não era a sua união física que recordava. Pelo menos, não era a recordação mais frequente. Era a *Canção da Lua Nova* que lhe tinham cantado em dueto. Havia poder nas suas vozes.

Poder que Rojer, criado por aquele que fora, sem grandes dúvidas, o maior cantor do seu tempo, sabia ser raro e potente.

Inevera e Elona tinham feito tudo o que podiam para pressionar Rojer, convencendo-o a aceitar as noivas. Abban queria que se esquivasse à promessa sem a negar abertamente. Leesha parecia querer que recusasse, apesar de aplicar ao seu caso e sem pruridos a dança sugerida por Abban.

Ninguém parecia interessado naquilo que Rojer desejava.

A refeição pareceu alongar-se eternamente, com orações intermináveis e formalismos, frequentemente transmitidos entre expressões de desconfiança mal veladas. Ahmann concentrou a maior parte da sua atenção em Leesha, provocando o desagrado óbvio dos krasianos à sua volta. Discutiam o número de Sharum que comporiam a sua escolta na viagem de regresso ao Outeiro.

– Concordámos que seriam dez – disse Leesha. – E nem mais um. Gared diz-me que a caravana terá quase trinta.

– Concordámos que seriam dez dal’Sharum como escolta – concordou Jardir. – Mas precisarás de homens que conduzam as carroças com as minhas oferendas à tribo do Outeiro, que cacem a vossa comida, cuidem dos animais, preparem as refeições e lavem as roupas. Estes não erguerão as lanças até ser absolutamente necessário que o façam.

– Essas tarefas não cabem tradicionalmente às vossas mulheres? – perguntou Leesha. – Autoriza os teus dez guerreiros a trazerem as mulheres e os filhos. – Não disse «como reféns», mas Rojer ouviu-o mesmo assim.

– Mesmo que o fizesse – prosseguiu Jardir –, dez será um número insuficiente para assegurar a vossa segurança. Os meus batedores dizem-me que as estradas para o Outeiro se tornaram perigosas com bandidos chin.

– Não são chin – disse Leesha.

– Hã? – disse Jardir.

«Cuidado», pensou Rojer.

– Ensinaste-me que «chin» significa «forasteiro» – recordou Leesha. – Estas pessoas vivem na terra em que nasceram ou

foram dela expulsas pelo teu exército. São vocês os chin aqui.

Ouviram-se murmúrios irados entre os krasianos. Na Fortuna de Everam, o poder de Jardir era absoluto e os seus caprichos mais ligeiros tinham força de lei. Na verdade, os seus decretos podiam sobrepor-se a leis em vigor durante milhares de anos e faziam-no com frequência. Ninguém, muito menos uma mulher estrangeira, se atreveria a falar-lhe com tamanho arrojo na sua corte.

Jardir ergueu um dedo e todos se calaram.

– Um jogo de palavras que não altera o perigo. Vinte guerreiros. Dez kha'Sharum e dez dal, incluindo o instrutor Kaval para prosseguir as lições ministradas aos vossos guerreiros. E o meu Vigia, Coliv. Todos levarão as suas primeiras esposas e um filho do seu sangue.

– Metade serão raparigas – disse Leesha. – E nenhum poderá ter idade suficiente para o Hannu Pash. Não quero vinte rapazes retirados do sharaj um dia antes de perderem o bido.

Jardir sorriu e ergueu um dedo sobre o ombro.

– Abban, certifica-te de que assim seja.

Abban encostou a testa ao chão.

– Assim será, Libertador.

– Vinte e um – disse Inevera. – Um número sagrado. Amanvah é dama'ting e deverá ter um eunuco guardião. Enviarei Enkido com ela.

– De acordo – disse Jardir.

– Não é... – começou Leesha, mas Jardir interrompeu-a.

– A minha filha precisa de proteção, Leesha Papel. Parece-me que o teu honrado pai – indicou Erny – concordará que este ponto não será negociável.

Leesha olhou-o, mas Erny fixou nela um olhar severo.

– Está certo, Leesha. Sabe-lo bem.

– Talvez – replicou Leesha. – Se regressar connosco. Ainda não chegámos a acordo quanto a isso.

Inevera sorriu sobre o cálice dourado por onde bebia água.

– Mais uma coisa, filha de Erny, que não te caberá decidir.

Todos os olhos se voltaram para Rojer, que sentiu as entranhas contraírem-se. Concentrou-se no medalhão, pesado contra o peito, e inspirou fundo. Levou a mão ao seu saco de maravilhas multicolorido e retirou o estojo do violino.

– Grande Shar’Dama Ka – começou –, tenho praticado uma melodia que a tua filha e a sua aia me ensinaram. A *Canção da Lua Nova*. Disseste que a música em louvor de Everam era bem-vinda na tua corte. Posso tocar-ta?

Viram-se olhares curiosos à volta da mesa motivados pela evasão à questão, mas Jardir moveu uma mão e acenou afirmativamente.

– Claro que sim, filho de Jessum. Ficaríamos honrados.

Rojer abriu o estojo, retirando o velho violino que o Homem Pintado lhe oferecera, uma relíquia do velho mundo cuidadosamente preservada. As cordas eram novas, mas a madeira envernizada permanecia forte, produzindo uma ressonância rica que superava qualquer instrumento que alguma vez tivesse tocado. Após uma pausa cuidadosa, ergueu o olhar como se lhe tivesse ocorrido um pensamento.

– Seria apropriado pedir que Amanvah e Sikvah juntassem as suas vozes à melodia?

– A *Canção da Lua Nova* é uma canção honrada – respondeu Jardir, fazendo um gesto com a cabeça para as raparigas. Aproximaram-se dele em silêncio como aves voando para o punho de um falcoeiro e ajoelharam-se sobre almofadas um passo atrás.

Felizmente, não as vejo, pensou Rojer. Não posso arriscar distrações. Não aqui. Não agora.

Ergueu o arco de pelo de cavalo delicado na mão mutilada e fechou os olhos, bloqueando o sabor do café krasiano, o cheiro da comida das suas narinas, o burburinho da sala de jantar dos ouvidos. Concentrou-se até não restar nada no mundo além da sensação do instrumento nas suas mãos e começou a tocar.

Começou lentamente, num longo improvisado em volta das notas de abertura. Começava de forma suave, mas, enquanto aplicava mais e mais camadas à melodia, deixou-a subir de tom

até preencher o estrado de Jardir, alastrando sobre o nível dos Damaji, ecoando por fim por toda a sala. Rojer apercebeu-se vagamente do silêncio instalado em redor, mas era-lhe insignificante. Apenas a música importava.

Quando a melodia cessou, imobilizou o violino e recomeçou a juntar as notas. Não deu qualquer sinal, não houve qualquer gesto da cabeça ou do arco como poderia dirigir aos seus aprendizes, mas, mesmo assim, Amanvah e Sikvah juntaram-se-lhe imediatamente, entoando notas sem palavras para complementar o improvisado de Rojer enquanto aumentava a complexidade e o volume até à intensidade anterior e mais além.

«Os pulmões», pensou, sentindo o ar vibrando com a força das suas vozes. Sentiu-se enrijecer entre as pernas, mas ignorou-o como todas as outras distrações. Um bom desempenho podia surtir aquele efeito. Felizmente, os Jograis vestiam calças largas.

Quando a melodia voltou a atingir o seu auge, as jovens começaram a cantar. As palavras continuavam além da sua compreensão muito limitada do krasiano, mas Rojer achou-as belíssimas mesmo assim, pesarosas, mas com um tom de advertência. Amanvah e Sikvah tinham explicado o significado, mas o seu conhecimento do thesano, apesar de fluente, não deixava de ser insuficiente para traduzir a harmonia e a perícia que ressoavam entre a música e a letra original krasiana.

Era um desafio pelo qual Rojer ansiava. Havia poder na *Canção da Lua Nova*. Um poder ancestral.

A cada verso seguia-se um refrão sem palavras, um apelo ao Paraíso, suplicando a Everam força para suportar a noite. As vozes de Amanvah e Sikvah fundiram-se numa união que tornou quase impossível determinar onde acabava uma e começava a outra.

Tocou o primeiro refrão precisamente como lhe tinham ensinado, mas, antes do fim do segundo verso, iniciou uma variação, improvisando em torno do original. Era uma alteração mínima, mas era difícil de seguir por quem cantava. Mesmo

assim, conseguiram fazê-lo sem esforço, alterando a harmonia para seguir a melodia. No terceiro refrão, levou-as ainda mais além, elaborando a música e transformando-a em algo capaz de imobilizar um nuclita. Acompanharam-no mais uma vez, tão facilmente como se as conduzisse por um trilho de jardim com braços entrelaçados.

O quarto refrão falava de Alagai Ka, o pai dos demónios, que percorria a terra quando a lua desaparecia do céu. Rojer não sabia se tal criatura existiria realmente, mas o príncipe demónio que tentara matar Leesha e Jardir na Lua Nova algumas noites antes fora suficientemente aterrador. A música adquiriu uma sonoridade assustadora e, chegando ao fim do refrão seguinte, Rojer transformou-a num lamento discordante e penetrante que faria fugir um demónio da rocha.

E, novamente, Amanvah e Sikvah seguiram-no, sem ensaio nem indicação.

Verso após verso, Rojer testou-as, operando magia com o seu violino, porque era isso que fazia, banhando a grande sala de jantar com o seu poder. Acompanharam-no durante todo o percurso, mesmo enquanto improvisava um novo fecho para concluir a música e ceder lugar ao silêncio.

Quando o último eco abandonou a madeira, Rojer afastou o arco das cordas e abriu os olhos. Como se despertasse de um sono profundo, custou-lhe focar a realidade. Todos à volta da mesa, mesmo Jardir e Inevera, permaneciam sentados em silêncio atordoado, observando-o. Rojer olhou em redor, vendo as dúzias de clérigos na mesa em baixo igualmente hipnotizados, bem como as centenas de Sharum que ocupavam o chão.

Então, como se respondessem a um sinal, a sala irrompeu em aprovação trovejante. Os Sharum gritaram e assobiaram, batendo com os pés com tanta força que o chão pareceu tremer. Os clérigos mostraram-se mais controlados, mas o seu aplauso foi igualmente ruidoso. Gared aplicou-lhe uma palmada nas costas, quase conseguindo roubar-lhe o fôlego, e Leesha esboçou um sorriso que, outrora, lhe teria feito o coração

palpitar. Até Hasik aplaudiu e bateu com os pés, olhando a filha com orgulho evidente.

Jardir e Inevera não reagiram, no entanto, e o silêncio não tardou a instalar-se em redor, com todos os olhos fixos no Libertador para ver a sua resposta. O demónio do deserto sorriu lentamente e, para espanto geral, curvou-se numa vénia profunda a Rojer.

– Everam fala contigo, filho de Jessum – disse. E, com aquilo, os gritos e os aplausos recomeçaram.

Rojer retribuiu a vénia, tanto quanto a mesa à sua frente lho permitiria.

– Desejo casar com a tua filha e sobrinha, Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir am’Kaji. – Leesha não conteve um ligeiro gemido de espanto enquanto Elona exteriorizava discretamente a sua satisfação.

Jardir acenou com a cabeça, indicando Inevera com a mão direita e Elona com a esquerda.

– As nossas mulheres irão...

Mas Rojer abanou a cabeça.

– Desejo casar com elas aqui. Agora. Não há nada para ser negociado pelas mulheres. Não preciso de oferendas de noivado nem as desejo. E não tenho dinheiro para um dote.

Jardir uniu os dedos erguidos enquanto contemplava Rojer, com uma máscara imperscrutável na face que orgulharia um mestre Jogral. Parecia igualmente provável que ordenasse a Hasik que o esmagasse como um inseto ou que aceitasse a oferta. E o seu guarda-costas baixara uma mão para a lança.

Mas Rojer conquistara o seu público e não havia nele qualquer medo enquanto prosseguia.

– De qualquer forma, nenhuma quantidade de ouro ou joias seria digna de Amanvah e Sikvah. Que seriam tais ninharias para o Shar’Dama Ka? Em vez disso, traduzirei a *Canção da Lua Nova* para thesano e tocá-la-ei para o meu povo. Se a Sharak Ka se aproxima, como dizes, todos deverão rezear a Lua Nova.

– Acreditas que te venderei a minha filha por uma canção? – perguntou Inevera.

Rojer curvou-se na sua direção. Sabia que devia temê-la, mas sabia também que a razão estava do seu lado e sorriu-lhe.

– Perdão, Damajah, mas não te caberá decidi-lo.

– Com efeito – disse Jardir, antes que Inevera pudesse responder. Inevera não manifestou qualquer sinal de agitação, mas havia um calculismo frio nos seus olhos que assustava mais do que uma explosão.

Rojer voltou-se novamente para o seu marido.

– Dizes que Everam fala comigo. Não posso dizer se é ou não verdade, mas, se for, dir-me-á que houve magia real na tua corte agora mesmo. Magia mais antiga e profunda do que as guardas. Dir-me-á que, se perseguir essa magia com as tuas filhas, poderemos aprender a matar alagai apenas com música.

– Diz-me o mesmo, filho de Jessum – disse Jardir. – Aceito.

Hasik reagiu com um uivo de deleite que, minutos antes, teria arrepiado Rojer. Ouviram-se mais aplausos e batimentos de pés no chão vindos de baixo e as congratulações sucederam-se em redor da mesa.

– Seu filho do Núcleo matreiro – disse-lhe Gared, segurando-lhe um ombro com uma grande manápula e abanando-o com força suficiente para fazer o esqueleto estremecer. Até Inevera pareceu agradada com o resultado, apesar de Rojer saber que a sua ofensa não seria esquecida tão cedo. O único olhar de desagrado vinha de Elona que, sem dúvida, catalogara mentalmente toda a riqueza que acabara de rejeitar.

Mas Rojer via a riqueza apenas como uma forma de assegurar a sobrevivência e tinha já ouro suficiente para sobreviver graças ao Homem Pintado. Mesmo sem ele, o seu violino conseguira sempre encher-lhe a barriga no passado, bem como um local onde repousar a cabeça.

Jardir gesticulou a Amanvah, que avançou, curvando a cabeça.

– Rojer, filho de Jessum, ofereço-me como tua noiva seguindo as instruções do Evejah, tal como foi escrito por Kaji, Lança de Everam, que se senta à mesa de Everam até renascer para a

Sharak Ka. Prometo, com honestidade e sinceridade, ser a tua esposa obediente e fiel.

Jardir voltou-se para ele.

– Repete as minhas palavras, filho de Jessum: Eu, Rojer, filho de Jessum, juro perante Everam, Criador de tudo o que existe, e diante do Shar'Dama Ka, receber-te no meu lar e ser um marido justo e tolerante.

Rojer enfiou a mão na camisa, puxando o medalhão e prendendo-o na mão fechada.

– Eu, Rojer, filho de Jessum, juro perante Everam, Criador de tudo o que existe, e perante os espíritos dos meus pais, receber-te no meu lar e ser um marido justo e tolerante.

Aquilo provocou murmúrios de descontentamento. Rojer ouviu a voz do velho Damaji Aleverak entre eles, mas Jardir não deu sinais de ter sequer notado a alteração, apesar de Rojer não ser suficientemente tolo para acreditar que tal seria possível.

– Aceitas a minha filha como tua Jiwah Ka?

– Aceito – respondeu Rojer.

Os votos foram repetidos com Sikvah e Amanvah estendeu a mão para ela, retirando o véu negro.

– Bem-vinda, irmã-esposa, amada Jiwah Sen – disse-lhe, cobrindo-a com um véu de seda branca.

Hasik ergueu-se, empunhando lança e escudo. Por um momento, Rojer teve a certeza de que o dal'Sharum gigantesco pretendia matá-lo, mas, ao invés, Hasik bateu com a lança contra o escudo e emitiu um grito ululante. Imediatamente, todos os guerreiros presentes fizeram o mesmo e a sala ecoou com a sua cacofonia.

– Poderias, pelo menos, ter dito alguma coisa se era este o teu plano – disse Leesha enquanto Abban os acompanhava até à caravana.

– Não decidi nada até a canção terminar – replicou Rojer. – Mas, mesmo que tivesse decidido antes, que te importa com quem caso? Não finjamos que me consultarias se as posições estivessem invertidas.

Leesha apertou o tecido da saia com força nas mãos.

– Precisarei de te recordar que aquelas raparigas tentaram matar-me?

– É verdade – concordou Rojer. – Mas trataste Amanvah quando o antídoto a deixou doente e ofereceste-lhe asilo a ela e a Sikvah.

– Não te iludas – disse Leesha. – Continuam a ser obedientes a Inevera.

Rojer encolheu os ombros.

– Talvez. Por enquanto.

– Acreditas realmente que conseguirás mudá-las? – perguntou Leesha.

Rojer tornou a encolher os ombros.

– Achas que conseguirás mudá-lo? – Alcançaram a caravana e Rojer, a quem fora atribuída uma carruagem opulenta para viajar com as suas esposas, desapareceu no interior.

– Não subestimes o filho de Jessum – disse Abban a Leesha. – Conquistou muito poder hoje. – Indicou uma mulher que se erguia na dianteira da caravana com um livro de registos. – A minha Primeira Esposa, Shamavah. Acompanhar-te-á até ao Outeiro e escolheu pessoalmente os kha'Sharum que guiarão as carroças, acompanhados pelas suas esposas e filhos. Todos eles, maridos e mulheres, pertencem à minha família ou trabalham para mim. Não te darão qualquer problema.

– Não são os kha'Sharum que me preocupam – confessou Leesha.

Abban acenou afirmativamente.

– És muito sensata. Não me foi permitida qualquer influência na escolha dos dal'Sharum. Obedecerão a Kaval e, apesar de Ahmann ter dito aos instrutores que continua a desejar fazer de ti sua mulher e que deverá obedecer-te em tudo, suspeito que acabarão por obedecer a Amanvah.

– Nesse caso, será melhor esperarmos que a confiança de Rojer seja justificada – disse Leesha.

– Entristece-me ver-te partir, mestra – disse Abban. – Sentirei a falta das nossas conversas.

Roger entrou na carruagem matrimonial com um suspiro de contentamento. Era de fabrico rizonano, de madeira de boa qualidade e tinta dourada, com suspensão metálica para amortecer os solavancos da estrada. Uma carruagem de aristocrata rico.

Mas os krasianos tinham feito alterações, retirando os bancos e cobrindo o piso com carpetes coloridas grossas e almofadas de seda bordada. As paredes e o teto cobriam-se com veludo escuro em tons de vermelho e roxo e ervas perfumadas pendiam do teto em recipientes de bronze perfurado. As janelas eram de vidro, mas podiam ser abertas para deixar entrar ar, como sucedia naquele momento, correndo-se as cortinas de veludo para aumentar a privacidade. Lanternas a óleo de bronze e vidro estavam colocadas contra as paredes, acendendo-se e apagando-se com o girar de uma chave.

Estivera em bordéis menos orientados para o ato amoroso.

Parece que não querem que perca tempo. Não podia negar que também se sentia ansioso. Sikvah já se deitara com ele, mas recusou deixá-lo terminar dentro de si até estarem casados e Amanvah era virgem. Teria de ser gentil com ela.

Retirou um lápis e um bloco de notas do seu saco de maravilhas, continuando os apontamentos da *Canção da Lua Nova*. Sabia ler suficientemente bem e escrevia com letra miúda, mas nem as letras nem os símbolos musicais que Arrick lhe ensinara lhe ocorriam com a naturalidade com que tocava violino.

«Nem todos conseguirão ouvir uma música e repeti-la para sempre», repreendia-o Arrick sempre que se queixava das lições, sublinhando o conselho com um beliscão na orelha. «Se queres vender uma canção, terás de conseguir escrevê-la.»

Roger odiara o seu mestre nesse momento, mas sentia-se agora grato pela lição. Já anotara a melodia e a métrica da letra. Levaria tempo a traduzir por completo o significado, mas passariam duas semanas na estrada de volta ao Outeiro sem nada para fazer.

Rojer sorriu, acariciando uma das almofadas de seda. *Bom, quase nada.*

Ouviu vozes e espreitou por uma nesga entre cortinas, vendo Amanvah e Sikvah aproximando-se com um par de dama vestidos de branco, um Sharum de aspeto estranho e duas outras mulheres.

Rojer reconheceu imediatamente Asome, o filho de Jardir, e o seu sobrinho Asukaji. O guerreiro seria o guarda-costas de Amanvah, Enkido. Envergava as vestes negras tradicionais dos guerreiros, mas tinha os pulsos e os tornozelos rodeados por grilhetas douradas que pareciam soldadas e impossíveis de retirar.

Não reconheceu as mulheres. Ambas vestiam túnicas negras, mas o véu de uma delas era branco como o de Sikvah. A face da outra estava exposta, indicando que era solteira e não fora prometida.

Asome e Amanvah caminhavam à frente, discutindo. Pararam diante da carruagem, sussurrando palavras ásperas que Rojer não conseguia compreender. Asome segurou Amanvah pelos ombros e abanou-a com expressão irada. O seu suposto guarda-costas olhou, sem fazer nada. Pareceu duvidoso que qualquer krasiano se atrevesse a golpear o filho do Libertador. Sobretudo um mero Sharum.

Rojer sentiu uma pontada de medo. Sabia que Asome conseguiria matá-lo. Assistira à luta dos dama. O menos hábil entre eles conseguiria arrancar-lhe a cabeça e usá-la como brinquedo. Mas não podia limitar-se a olhar. Passou em revista o seu repertório de pantomina, tentando encontrar a personagem mais intrépida que conhecia e vestindo-o como uma capa.

Pontapeou a porta da carruagem, sobressaltando-os a todos.

– Tira as mãos da minha mulher! – disse Rojer com o rugido baixo do Homem Pintado. Moveu a mão intacta e surgiu nela uma faca de arremesso.

Asukaji silvou e pareceu preparado para saltar sobre ele, mas Asome soltou Amanvah e usou uma mão para deter o outro dama.

– Perdoa-me, filho de Jessum – disse Asome, sem se curvar. O seu thesano era compreensível, mas com sotaque pesado como o de Amanvah. – Um mero desentendimento entre irmãos. Não era minha intenção desrespeitar-te no dia do teu casamento. – A ira no seu tom de voz era contida a custo. Algum homem teria alguma vez ousado ameaçá-lo com uma faca?

– Tens uma maneira estranha de o mostrar – disse Gared, contornando a carruagem. O seu enorme machado pendia despreocupadamente de uma mão e a faca de mato guardada seria facilmente alcançável. Pelo canto do olho, Rojer viu Wonda surgir em silêncio do outro lado, empunhando o arco. Sabia que conseguiria disparar uma flecha num piscar de olhos.

Asukaji posicionou-se entre ela e Asome. Havia nele uma calma fria e Rojer pensou se Wonda conseguiria disparar antes de o dama a alcançar e se atingiria o alvo mesmo que conseguisse. Em redor, os dal'Sharum da escolta observavam.

Rojer curvou ligeiramente a cabeça, não foi mais que um aceno, e guardou a faca, mostrando a mão vazia.

– Honras-me, irmão, vindo abençoar pessoalmente o dia do nosso casamento e entregar-me a tua irmã e a tua prima.

Amanvah dirigiu-lhe um olhar de advertência. Rojer soube que corria riscos falando num tom tão familiar com homens que prefeririam matá-lo a dirigir-lhe a palavra, mas conseguiu avaliar bem a situação. O dama não se atreveria a atacar o novo genro do Libertador em público desde que se mantivesse delicado nas palavras.

– Assim é – concordou Asome, apesar de não haver qualquer concordância no seu tom de voz. A vénia com que retribuiu teve exatamente o mesmo grau e duração da vénia de Rojer. Asukaji imitou-o. – Abençoado seja este dia... irmão.

Asome olhou Amanvah e disse algumas palavras em krasiano. A seguir, os dois dama giraram sobre os calcanhares e afastaram-se para alívio coletivo.

– Que disse ele? – perguntou Rojer.

Amanvah hesitou até se voltar para ela, olhando-a.

– Disse: «Falaremos disto noutra ocasião.»

Rojer acenou com a cabeça como se não tivesse qualquer importância.

– Agradar-me-ia que apresentasses o resto da tua comitiva, esposa.

Amanvah curvou-se, gesticulando às outras mulheres para que se aproximassem. A primeira foi a mulher do véu branco. De perto, Rojer percebeu que era jovem, talvez da idade de Sikvah.

– A minha cunhada e prima Ashia – disse Amanvah. – Filha primogénita do Damaji Ashan e da irmã mais velha do Libertador, a sagrada Imisandre, Jiwah Ka do meu irmão Asume.

Rojer escondeu a surpresa ao ver a mulher curvar-se.

– Abençoado seja o dia do teu casamento, filho de Jessum. O meu coração enche-se de alegria por ver a minha abençoada prima casar contigo. – O seu tom não revelava nenhuma da insinceridade de Asume. Pelo contrário, parecia capaz de o beijar.

Voltou-se para a outra jovem, com a sua face exposta mostrando ter a mesma idade.

– A minha prima Shanvah – disse Amanvah. – Filha primogénita do kai'Sharum Shanjat, líder das Lanças do Libertador e da sagrada Hoshvah, irmã do meio do meu pai.

– As minhas bênçãos, filho de Jessum. – A vénia pronta de Shanvah foi tão acentuada que o seu nariz quase tocou o chão. Rojer conhecia bailarinas profissionais que dariam tudo por aquela força e flexibilidade.

– Fomos as quatro treinadas por Enkido no Palácio das Dama'ting desde a infância – explicou Amanvah, indicando também Sikvah com um movimento da cabeça. – Vieram despedir-se, pois poderá passar algum tempo até ao nosso reencontro.

Enkido curvou-se profundamente perante Rojer quando Amanvah o apontou.

– Rojer asu Jessum am'Estalagem am'Ponte – disse Rojer, dizendo o seu nome à maneira krasiana enquanto estendia a

mão. O guerreiro olhou-a com curiosidade por um momento. A seguir, estendeu a sua e segurou-lhe o pulso. Os seus dedos eram como barras de ferro. Não replicou.

– Enkido é um eunuco, marido – disse Amanvah. – Não possui lança. Por isso, poderá ser-lhe atribuída a responsabilidade de nos guardar durante a tua ausência. E não tem língua com que partilhar os teus segredos.

– Deixaste-os cortarem-te a árvore?! – berrou Gared, chocado. Todos os olhos se voltaram para ele e corou. Enkido limitou-se a olhá-lo em silêncio.

– Enkido não fala a vossa língua infiel – disse Amanvah. – Não compreendeu a tua indelicadeza.

Gared corou ainda mais ao ouvir aquilo, devolvendo o machado ao arnês nas costas e curvando-se enquanto recuava.

– Desculpem. Eu... hum... – Voltou-se e afastou-se rapidamente para cuidar do cavalo.

Rojer voltou a curvar-se para atrair novamente a atenção para si.

– Honra-me que tantas parentes do Libertador tenham vindo assistir à nossa partida. Por favor, não me permitam interferir nas vossas despedidas. Demorem o tempo que for necessário.

Afastou-se enquanto as mulheres iniciavam os seus abraços chorosos e acenou com a cabeça aos dois Lenhadores.

– Obrigado.

– Fazíamos apenas o nosso trabalho – disse Gared. – O Homem Pintado ordenou que te mantivéssemos seguro e é o que pretendemos fazer.

– Ainda bem que partimos – disse Wonda. – Quanto mais depressa nos afastarmos daqui, melhor será.

– Não podia concordar mais – replicou Rojer.

– Que foi tudo aquilo? – perguntou Rojer a Amanvah quando ficaram a sós na carruagem.

– Um assunto entre... – começou ela.

– É assim que iniciamos a nossa união, minha Jiwah Ka? – interrompeu-a Rojer. – Com meias-verdades e evasões?

Amanvah olhou-o, surpresa, mas depressa baixou o olhar.

– Estás certo, marido. Sem dúvida. – Estremeceu ligeiramente. – Tu e os teus companheiros não são os únicos ansiosos por abandonar a Fortuna de Everam.

– Porque estava tão irado o teu irmão? – perguntou Rojer.

– Asome considera que deveria ter recusado a vontade da minha mãe quando me instruiu a casar contigo – explicou Amanvah. – Discutiu com ela e... não correu bem.

– Não quer que a vossa casa se alie a alguém das terras verdes? – supôs Rojer.

Amanvah abanou a cabeça.

– Nada disso. Viu o poder que comandas e não é cego aos seus usos. Mas o meu pai tem muitas filhas dama'ting que acreditava poderem substituir-me. Sempre quis oferecer-me a Asukaji, apesar de um irmão não ter o direito de oferecer a sua irmã enquanto o seu pai for vivo.

– Porque queria oferecer-te a ti? – perguntou Rojer.

– Porque apenas a sua irmã mais velha estaria à altura do seu amado Asukaji – respondeu Amanvah com desprezo. – Não pode gerar filhos ao seu amante e tenta conseguir o que mais se aproximaria, como Asukaji fez quando convenceu o tio Ashan a oferecer Ashia ao meu irmão. Só as minhas vestes brancas me protegeram até agora. – Olhou-o. – As minhas vestes brancas e tu.

Rojer sentiu-se agoniado.

– No sítio de onde venho, considera-se... impróprio casar com um primo direito, a não ser que se viva num povoado remoto e não haja outra hipótese.

Amanvah acenou afirmativamente.

– Também não é visto com bons olhos entre o meu povo, mas Asome é filho do Shar'Dama Ka e da Damajah. Faz o que entender. Ashia foi forçada a dar-lhe um filho que trata como se fosse seu e de Asukaji.

Rojer estremeceu e suspirou de alívio quando a carruagem começou a balouçar sobre a suspensão, um sinal de que partiam finalmente.

– Não penses mais no assunto, marido – disse Amanvah, segurando-lhe o braço direito enquanto Sikvah se posicionava à sua esquerda. – É o dia do nosso casamento.



DOZE

A CENTENA

333 DR Verão 28 Auroras antes da Lua Minguante

ABBAN OFEGAVA, transpirando os lençóis de seda fina da cama no quarto principal do Palácio de Espelhos. A mesma cama em que Ahmann possuía a mestra Leesha pela primeira vez, uma cama roubada ao Damaji Ichach por sugestão de Abban. Agradou-lhe ter ali o seu prazer, deixando marcas na seda enquanto o líder da tribo Khanjin deitava a cabeça em algum local menos digno.

Shamavah já despertara, vestindo a sua túnica negra.

– Levanta-te, gordo. Tiveste o teu repouso e o tempo não abunda.

– Água – gemeu Abban enquanto se sentava na cama. Shamavah dirigiu-se ao jarro de prata arrefecendo sobre a mesa. Gotículas de água escorreram pelo metal enquanto servia uma taça, tal como as gotas de suor lhe escorriam pela pele.

– Um destes dias, o teu coração cederá e o controlo da tua fortuna passará para as minhas mãos – provocou, saciando primeiro a sua sede antes de voltar a encher a taça, trazendo-a até ele.

Se alguma outra das suas esposas o tivesse desonrado daquela forma, Abban tê-la-ia vergastado pessoalmente, mas

apenas sorriu a Shamavah. A sua Jiwah Ka nunca fora a mais bela das suas esposas e os seus anos férteis há muito tinham passado, mas era a única com quem se deitava por amor.

– Já controlas a minha fortuna – disse Abban, aceitando a taça e esvaziando-a enquanto ela o ajudava a vestir-se.

– Talvez seja por isso que me envias para longe – disse Shamavah.

Abban ergueu o braço, tocando-lhe a face com a mão livre. Sabia que apenas gracejava, mas, mesmo assim, era demasiado para conseguir suportar.

– Amaldiçoo cada minuto que passamos separados. – Piscou-lhe o olho. – E não apenas porque precisarei de trabalhar a dobrar sem ti.

Shamavah beijou-lhe a mão.

– A triplicar.

Abban concordou com um aceno de cabeça.

– Mas é por essa mesma razão que não confiarei em mais ninguém para iniciar o nosso comércio com a tribo do Outeiro. Deveremos solidificar as nossas operações e conquistar a gente das terras verdes, mesmo que isso implique um défice inicial nos livros de registo.

– Nie me leve antes que isso aconteça – disse Shamavah. – Não foi preciso muito para merecer a confiança dos outeiros e venderam-na por preço baixo. Não têm a resistência para esconder as suas fraquezas durante muito tempo.

Era verdade. Quando chegaram, vindos do Outeiro do Libertador, os nortenhos calavam-se sempre que Abban se aproximava, não confiando em ninguém que tivesse a pele morena. Mas Abban procurava-os sempre com oferendas. Nada tão arrojado como ouro ou joias, isso ofendê-los-ia. Mas uma almofada de seda casualmente oferecida a alguém que esfregava costas doridas após dias longos num banco de carroça? Uma palavra de elogio quando fazia falta? Especiarias exóticas para dar sabor à sua panela? Alguns fragmentos de informação acerca do seu povo?

Tais coisas foram livremente aceites pelos nortenhos, que se congratulavam ao aprender a dizer «por favor» e «obrigado» na sua língua, como se constituísse um grande feito.

E assim começaram a falar com ele, ainda receosos, mas com conforto crescente, permitindo-lhe orientar uma conversa sobre o tempo para a discussão de festivais de colheitas e outras celebrações, de costumes matrimoniais e de moral. Os nortenhos adoravam o som das suas vozes.

Não era a informação que Ahmann desejava, claro. O Libertador queria saber tamanhos de exércitos e posições ocupadas, pontos de importância militar ou simbólica e mapas. Queria mapas acima de tudo. A Guilda dos Mensageiros de Rizon queimara os seus no dia do ataque dos krasianos e os Sharum imbecis não se tinham dado ao trabalho de os travar. Os mapas na biblioteca do duque Edon eram profícuos na representação das suas terras, mas os que representavam territórios além das suas fronteiras tinham pelo menos uma década de desatualização. Para norte, o Outeiro do Libertador crescia exponencialmente. Pequenas aldeias aumentavam de tamanho com refugiados e fundavam-se novos povoados, muitos distantes das estradas de Mensageiros de que Ahmann precisava para mover os seus exércitos.

«A paisagem muda», dissera Ahmann. «Não poderemos alcançar a vitória sem compreender essa mudança.»

Era pensamento estratégico sadio, mas, por mais crédulos que fossem, os outeiros não eram tolos ao ponto de revelar aquelas informações. Mesmo assim, enquanto Ahmann rejeitaria mexericos e rumores, Abban reconhecia neles a força que possuíam.

Grandes coisas poderão ser obtidas de conversa de circunstância, costumava dizer Chabin, o seu pai.

Shamavah fizera praticamente o mesmo quando a gente das terras verdes viera para o Palácio de Espelhos. Todas as esposas e filhas de Abban falavam thesano, mas, seguindo as suas ordens, fingiram conhecer apenas um punhado de palavras, transformando simples interações em pantominas tão

complexas que os outeiros depressa pararam de se dar ao trabalho de falar com elas, apesar da sua presença quase constante. Traziam comida em silêncio, limpavam aposentos, mudavam lençóis e transportavam água, permanecendo quase invisíveis.

Após semanas consecutivas, os outeiros deixaram de esconder os seus desentendimentos mesquinhos. Mesmo quando julgavam estar sozinhos, era frequente que fossem ouvidos pelas muitas condutas de ar do palácio e Shamavah ordenava às mulheres que «limpassem» as condutas centrais de forma constante. Abban lia os seus relatórios acerca de tudo, desde idas à latrina a encontros sexuais. Alguns eram lidos com mais gosto que outros.

As inclinações dos corações dos nortenhos tornaram-se pergaminhos desenrolados. *Conhece os desejos de alguém*, dissera-lhe o seu pai, *e poderás cobrar o que desejares pela sua concretização*.

Construía a sua confiança como os degraus de uma escada, guardando os seus segredos e oferecendo conselhos sólidos. Ocasionalmente, parecia mesmo sugerir um rumo que não seria vantajoso para o seu mestre, uma tática que motivaria desconfiança a qualquer criança no bazar. Mas o truque parecia resultar sempre nos habitantes das terras verdes, sendo os mais hábeis entre eles negociantes miseráveis.

O que mais o deliciava era poder oferecer um segredo acerca de Inevera, comprando a sua confiança enquanto ajudava a anular as manipulações da Damajah.

Começava a suspeitar das suas manobras, mas pouco importava. As suas jogadas iniciais tinham sido demasiado subtis para poder opor-se a elas de forma declarada, usando agentes que desconheciam o papel desempenhado, incluindo o próprio Ahmann. O Shar'Dama Ka podia humilhar publicamente Abban, mas não tolerava semelhante abuso a outros, repreendendo brutalmente até os seus filhos e conselheiros mais próximos quando se mostravam violentos para com o khaffit.

Não era suficiente. Mais cedo ou mais tarde, Inevera ou um dos outros mandaria envenená-lo ou decretaria que fosse assassinado na cama, a não ser que aumentasse grandemente as suas defesas.

– Receio por ti durante a minha ausência – disse Shamavah, como se lhe lesse os pensamentos. – Por ti e pela nossa família, agora que seremos obrigados a deixar o Palácio de Espelhos.

– Terás outras preocupações nos próximos meses – disse-lhe Abban. – Consigo assegurar a minha proteção e a das nossas mulheres até ao teu regresso.

– E quanto aos nossos filhos? – perguntou Shamavah.

Abban suspirou longamente e ajeitou o turbante no espelho enquanto estendia a mão para a sua muleta com o camelo talhado.

– Isso será mais difícil – admitiu. – Mas um problema de cada vez. Por agora, tens uma caravana para apanhar.

Depois de se despedir da mulher e dos nortenhos, Abban coxeou de volta ao palácio de Ahmann. A mansão do duque Edon era a estrutura mais impressionante e defensável na Fortuna de Everam, apesar de ser muito menor que os palácios da Lança do Deserto. O próprio Abban tinha propriedades maiores em Krasia, apesar de estarem disfarçadas como armazéns arruinados em zonas pobres da cidade. Era pouco sensato que um khaffit apregoasse a sua riqueza perante dama e Sharum locais.

Os Damaji e os dama mais poderosos tinham reclamado para si as estruturas mais grandiosas na Fortuna de Everam quando a cidade foi capturada e os Sharum tinham-se apossado do melhor quinhão do que restava. Abban teve de se contentar com uma casa humilde na secção mais pobre e remota da cidade. O edifício nem sequer tinha espaço suficiente para alojar condignamente todas as suas esposas, filhas e criados. O seu pavilhão no novo bazar era mais grandioso.

Conseguira resolver o problema transferindo-os a todos para o Palácio de Espelhos enquanto comprava discretamente toda a terra no seu bairro pobre. Escravos trabalhavam dia e noite,

abrindo túneis em segredo sob o perímetro. Encheria os túneis com pedra para erguer a sua parede exterior. Os materiais estavam já armazenados. Quando alguém percebesse o que acontecia, a parede estaria erguida, protegendo o interior de olhares indiscretos. Mesmo que alguém conseguisse ver o que escondia, o edifício quadrado não apresentaria nenhum sinal exterior do esplendor que continha.

Mas uma parede não era nada sem guerreiros que a guardassem. Abban não era um guerreiro, mas conhecia o seu valor. Tinha muitos escravos chin robustos, mas não estavam à altura de Sharum verdadeiros. Se não estivesse preparado, os Damaji roubar-lhe-iam o seu novo palácio assim que o último tijolo fosse assentado.

Os corredores do palácio do Shar'Dama Ka estavam repletos de dama e dama'ting, com Sharum marchando em ambas as direções, guardando cada arco e porta. Dal'ting vestidas de negro apressavam-se a transportar tabuleiros e roupa de cama lavada. Abban manteve o olhar baixo, exagerando o coxear enquanto a muleta marcava um ritmo regular sobre a carpete grossa.

Parece sempre mais fraco do que és, ensinara Chabin. E Abban interiorizara bem a lição. Mutilada décadas antes, a perna ainda lhe doía, mas não tanto como dava a entender, mesmo a Ahmann. Uma simples bengala teria sido suficiente, mas a muleta fazia-o parecer muito mais indefeso. Como pretendia, quase todos afastavam dele o olhar para não revelarem a sua repulsa.

Hasik erguia-se diante da sala do trono e fixou nele um olhar feroz enquanto Abban se aproximava. Todo o círculo mais próximo de Ahmann desprezava o khaffit, mas a capacidade de ódio e sadismo de Hasik superava a de qualquer homem que Abban tivesse conhecido. Suficientemente alto e musculado para enfrentar os gigantes nortenhos no Outeiro do Libertador, recebera treino especial de sharusahk desde que se tornara guarda-costas do Libertador. A dor não significava nada para Hasik e até os kai'Sharum receavam enfrentá-lo. Pois Hasik não

se limitava a derrotar os seus inimigos. Deixava-os mutilados e humilhados.

Conheciam-se do sharaj, quando Abban e Ahmann eram amigos e Hasik era o maior rival de Ahmann. Passara a servi-lo com devoção fanática, mas o seu ódio de Abban apenas crescera, sobretudo porque este aproveitava cada oportunidade para deixar bem claro que Hasik não passava de um guarda-costas enquanto o Libertador dava ouvidos ao khaffit.

Incapaz de golpear Abban diretamente, Hasik descarregava as suas frustrações nas mulheres de Abban, indo frequentemente ao seu pavilhão para satisfazer pedidos do Libertador, encontrando sempre tempo para partir algum objeto de grande valor ou para violar a esposa ou filha de Abban que estivesse mais próxima.

No Palácio de Espelhos, as suas mulheres tinham estado a salvo de Hasik e, vendo negado aquele prazer, o ódio do guerreiro multiplicara-se. As suas narinas inflaram como as de um touro enquanto o khaffit se aproximava e Abban pensou se conseguiria controlar-se.

– Não fiques aí parado. Abre a porta – disse-lhe Abban, elevando a voz. – Ou deverei informar o Libertador de que demoraste a minha resposta à sua convocatória.

Hasik abriu a boca de espanto e pareceu prestes a engasgar-se com a própria língua. Abban olhou-o, divertido, até acabar por abrir a porta.

Ahmann punira exemplarmente aqueles que perturbavam os movimentos de Abban com frequência que levava Hasik a não se atrever a fazer o mesmo. Os seus olhos prometeram vingança enquanto Abban passava, mas o khaffit limitou-se a sorrir-lhe.

Havia um aglomerado de Damaji e outras individualidades em torno de Ahmann enquanto Abban coxeava pela sala do trono dentro. Ahmann dispensou-os com um gesto.

– Deixem-nos.

Olharam todos para Abban, mas nenhum ousou desobedecer. Ahmann dirigiu-se a uma câmara lateral mais pequena.

Continha uma grande mesa oval de madeira escura polida rodeada por vinte cadeiras, com um trono à cabeceira. Atrás do trono, um grande mapa cobria uma parede inteira e a mesa estava carregada com comida e bebida.

– Partiu? – perguntou Ahmann quando ficaram sozinhos.

Abban acenou afirmativamente.

– A mestra Leesha aceitou autorizar-me a estabelecer um entreposto comercial junto da tribo do Outeiro. Ajudará a facilitar a sua integração e dar-nos-á contactos valiosos no Norte.

Ahmann mostrou-se agradado.

– Muito bem.

– Precisarei de homens para guardar os carregamentos e os armazéns do entreposto – disse Abban. – Antes, tinha servos para este tipo de trabalho pesado. Eram khaffit, mas homens válidos.

– Tais homens tornaram-se todos kha'Sharum – disse Ahmann.

Abban curvou-se.

– Compreendes a minha dificuldade. Nenhum dal'Sharum aceitará ordens de um khaffit, seja como for, mas, se me permitisses escolher alguns kha'Sharum para me servirem neste aspeto, seria muito satisfatório.

Ahmann semicerrou os olhos. Podia ser ingénuo, mas não era tolo.

– Quantos?

Abban encolheu os ombros.

– Uma centena serviria. Uma ninharia.

– Nenhum guerreiro será uma ninharia, Abban. Mesmo tratando-se de kha'Sharum – disse Ahmann.

Abban curvou-se.

– Pagarei os seus estipêndios familiares do meu bolso, claro.

Ahmann pensou por um momento e acabou por encolher os ombros.

– Escolhe a tua centena.

Abban curvou-se tanto quanto permitia a muleta.

– Precisarei de um instrutor para prosseguir o seu treino.

Ahmann abanou a cabeça.

– Não poderei dispensar um instrutor, meu amigo.

Abban sorriu.

– Pensava que talvez pudesse ser o mestre Qeran. – Qeran fora um dos instrutores de Abban e Ahmann quando ambos passaram pelo sharaj. Era duro, preconceituoso e odiava ferozmente os khaffit. A sua perna fora mordida com tamanha gravidade por um demónio dos campos que as dama'ting tinham sido forçadas a amputá-la. O instrutor sarara, mas o seu orgulho não.

Ahmann olhou-o, surpreso.

– Qeran? Que me golpeou por não te deixar cair para a morte?

Abban curvou-se.

– Precisamente. Se o Libertador entendeu poupar-me e descobriu a minha utilidade, talvez o mesmo aconteça com o instrutor. Parece-me que tem passado por tempos difíceis. Ainda ensina no sharaj, mas os nie'Sharum não o respeitam como outrora.

Ahmann grunhiu.

– Os nie'Sharum são tolos até sangrarem pela primeira vez, mas em breve haverá sangue em quantidade. Se desejas que Qeran trabalhe para ti, terás de o convencer. Não posso ordenar-lhe que o faça.

Abban voltou a curvar-se.

– As promessas que fizeste à mestra da tribo do Outeiro alterarão os teus planos?

Ahmann abanou a cabeça.

– As minhas promessas não alteram nada. Continua a ser meu dever unir o povo das terras do Norte para a Sharak Ka. Marcharemos sobre Lakton na primavera.

Abban pressionou os lábios ao ouvir aquilo, mas acenou afirmativamente.

– Consideras que será um erro – disse Ahmann. – Preferirias que esperasse.

Abban curvou-se.

– De modo algum. Dizem-me que começaste já a reunir as tuas forças.

Ahmann acenou afirmativamente.

– Enfurecemos Alagai Ka ao matar o príncipe demónio. A próxima Lua Minguante marcará o início da Sharak Ka. Sinto-o no coração. Teremos de estar preparados.

– Claro – concordou Abban. – Os chin estão pacificados e oferecerão pouca resistência mesmo depois de retirares a maior parte dos teus guerreiros das suas terras. As suas mulheres estão devidamente cobertas, os seus filhos foram levados para o Hannu Pash e os homens foram escravizados. Passarão anos até os rapazes terem idade suficiente para prestarem provas para as vestes de dal'Sharum e os seus pais, os chi'Sharum não progridem bem no seu treino, pelo que ouço.

Ahmann arqueou uma sobrancelha.

– Ouves muita coisa do pavilhão dos Sharum, khaffit.

Abban limitou-se a sorrir.

– A minha perna pode estar mutilada, meu amigo, mas os meus ouvidos permanecem apurados.

– Os rapazes levados para o Hannu Pash foram separados das suas famílias e são suficientemente jovens para esquecer os seus velhos costumes – disse Ahmann. – Muitos serão dal'Sharum exímios e alguns serão dama valiosos que poderemos usar para converter as terras verdes. Os seus pais, no entanto, recordam demasiado e aprendem muito pouco. A maioria nunca abre os seus corações à honra que lhes oferecemos, treinando-os para travar a Sharak Ka.

– Antes disso, pede que travem a Sharak Sun contra os seus irmãos das terras verdes – referiu Abban. – Será algo difícil para qualquer homem.

– A Guerra Diurna foi prevista – recordou Ahmann. – Não poderá ser evitada se pretendemos vencer os alagai e libertar para sempre o mundo da sua imundície.

– As profecias são coisas vagas, Ahmann. Frequentemente mal interpretadas até ser demasiado tarde. Todas as histórias

no Evejah no-lo dizem. – Abban ergueu o seu livro de registos, um tomo pesado com páginas de grande tamanho, todas repletas com linhas minúsculas e apumadas de códigos indecifráveis. – As margens de lucro falam com maior clareza.

– Usá-los-emos em nosso benefício – explicou Ahmann. – Como alvos para as fundas e flechas do inimigo. Serão o escudo do meu exército, enquanto os verdadeiros Sharum serão a sua lança.

– As tuas lanças terão belas montadas, pelo menos – disse Abban. – Orgulhamo-nos dos nossos estábulos em Krasia, mas as manadas de cavalos selvagens que deambulam pelas pastagens da Fortuna de Everam envergonham-nos. Os chin chamam-lhes «mustangos». Bestas enormes e poderosas.

Ahmann grunhiu.

– Teriam de o ser para conseguirem sobreviver à noite.

– Os dal’Sharum revelaram grande perícia para os capturar e domar – referiu Abban. – Os teus exércitos serão velozes e poucos suportarão a sua carga.

Ahmann acenou afirmativamente, visivelmente satisfeito.

– A primavera tarda. Por cada dia que esperarmos, os nossos inimigos terão tempo de reunir forças.

– Concordo – tornou Abban. – E é por esse motivo que não deverás esperar. Ataca Lakton na primeira neve.

Ahmann olhou-o, surpreso, mas Abban manteve a expressão neutra. Agradou-lhe chocar o seu amigo.

– Desde quando Abban o cobarde passou a sugerir ataques? – perguntou Ahmann.

Abban ergueu o livro de registos.

– Desde que tal se tornou rentável.

Ahmann olhou-o durante um longo momento. A seguir, encheu uma taça de néctar, sentando-se no seu trono. Indicou a Abban que se sentasse.

– Muito bem. Fala-me da tua profecia de lucro. Como poderei saber quando cairá a primeira neve? Tornaste-te dama’ting e consegues prever o futuro?

Abban sorriu e encheu também uma taça, sentando-se à mesa e abrindo o livro.

– A primeira neve não é um acontecimento, mas uma data específica no calendário thesano. Trinta dias após o equinócio de outono. Em Lakton, é significativa pois é quando o duque local espera o pagamento do tributo dos povoados depois das colheitas.

– E queres que o roubemos – resumiu Ahmann.

– As lanças são inúteis quando transportadas por homens de estômago vazio, Ahmann – afirmou Abban. – O teu exército quase morreu de fome no inverno passado, sobretudo depois de aquele dama tresloucado ter incendiado os silos. Não poderemos suportar que a fome se repita.

– De acordo – concordou Ahmann. – Mas controlamos agora a maior extensão de terra agrícola em todo o Norte. Para que precisamos de mais?

– É verdade o que dizes – concordou Abban. – Mas o nosso exército cresceu. Os chi'Sharum atingem agora os milhares e tens uma nação em crescimento para manter e alimentar. Além disso, precisarás de privar Lakton das suas provisões para o inverno. A cidade está construída sobre um lago tão grande que se diz ser impossível ver a margem do seu centro.

– Parece-me difícil. – Ahmann indicou o grande mapa na parede. – Mas os das terras verdes parecem concordar.

– A cidade não poderá ser atingida com dardos de escorpião ou flechas a partir da margem – disse Abban. – Se conseguirem levar os seus navios repletos de provisões para a cidade, poderá passar um ano ou mais antes de conseguires vencê-los.

Ahmann uniu as pontas dos dedos.

– Que propões?

Abban ergueu-se pesadamente, apoiando-se na sua muleta de camelo enquanto coxeava até ao grande mapa na parede. Ahmann voltou-se para olhar o khaffit com interesse.

– Tal como a Fortuna de Everam, Lakton possui uma cidade – apontou com a ponta da muleta para o grande lago e para a cidade no seu centro – e dúzias de povoados espalhados pelo

ducado. – Moveu a muleta circularmente sobre uma extensão de terra muito maior. – Estes povoados possuem terra tão fértil como a da Fortuna de Everam, com colheitas quase tão prodigiosas. E praticamente não têm defesas.

– Então porque não anexar os povoados um a um? – perguntou Ahmann.

Abban abanou a cabeça, voltando a mover a muleta sobre a área.

– O território é demasiado vasto para conquistar. Não possuis homens em número suficiente e precisarias de aplicar recursos próprios nas colheitas. Se os habitantes não queimassem os campos assim que vissem o teu exército no horizonte. Muitos conseguiriam escapar-te entre os dedos, alcançando a cidade a tempo de transferir as provisões para os navios e levantar âncora. Será melhor esperar a primeira neve e atacar aqui. – Apontou uma grande povoação na margem ocidental do lago. – A Doca. Será para aqui que os chin trarão o seu tributo, para ser medido pelos mestres portuários, carregado em navios e enviado para a cidade do lago. Toda a frota estará neste porto ou ancorada por perto, aguardando a carga. A Doca tem fortificações débeis e não esperará um ataque sem aviso nesta altura do ano. Mas o teu exército será rápido sobre os seus mustangos. Um grupo de elite conseguiria capturar toda a colheita, a maior parte das docas de Lakton e metade da sua frota. Envia a tua força de assalto em seguida para esmagar os povoados depois do primeiro ataque-surpresa. Concentra-te primeiro na margem, negando-lhes um porto seguro, e os laktonianos ficarão aprisionados na sua ilha durante todo o inverno sem provisões adequadas. Quando a primavera chegar, poderão render-se sem luta e, se não o fizerem, terás já navios próprios para encher com Sharum e tomar a cidade.

Ahmann fitou o mapa durante longo tempo, franzindo a testa.

– Pensarei no assunto.

Queres dizer que consultarás os dados de Inevera, pensou Abban, mas foi suficientemente sensato para se manter calado.

Seria bastante adequado consultar os hora antes de um empreendimento tão arriscado.

Segurando a autorização escrita de Ahmann, Abban coxeou até ao campo de treino, dirigindo-se para o Kaji'sharaj.

Foi avistado imediatamente por Jurim, que treinara com ele quando ambos eram rapazes. Jurim rira quando Abban caiu da muralha do Labirinto, fraturando a perna, e fora lançado ao mesmo destino pelo instrutor Qeran como castigo. Mas, enquanto Abban ficara aleijado, Jurim recuperara por completo. E não esquecera.

O guerreiro passava tempo com os companheiros no pavilhão Kaji, desfrutando de taças de couzi e jogando sharak. Era um jogo que Abban se surpreendera por aprender que os homens das terras verdes também jogavam, apesar de lhe chamarem abrigo e de usarem regras diferentes. Um Sharum agitou os dados num copo e lançou, emitindo um rugido de vitória perante os olhares desagradados dos outros.

– Que fazes entre homens, khaffit? – gritou Jurim. Os outros guerreiros olharam-no. Abban sentiu um aperto no peito ao ver dois deles, Fahki e Shusten.

Os seus próprios filhos.

Jurim ergueu-se, não dando sinais de ter tido as costas vergastadas até ficarem em carne viva apenas uma semana antes. Sempre sarara depressa, mesmo antes de começar a absorver magia de demónio durante a noite.

O guerreiro aproximou-se, erguendo-se acima da cabeça do khaffit. Abban não era baixo, mas Jurim era mais alto ainda e magro como uma lâmina enquanto o gordo Abban era vergado pelo peso e forçado a apoiar-se na sua muleta.

Jurim não se atrevia a tocar-lhe, mesmo sem Ahmann por perto. Mas, tal como Hasik, não deixava escapar qualquer oportunidade para magoar e humilhar o seu antigo colega. Enquanto Hasik descarregava o seu ódio nas mulheres de Abban, Jurim e Shanjat atingiam-no com a mesma intensidade através dos filhos. Eram ambos Lanças do Libertador, afinal, os mais afamados e letais guerreiros do Shar'Dama Ka, com

experiência de batalha e mantidos jovens e fortes pela magia que absorviam em cada noite. Fahki e Shusten admiravam-nos.

Os dois jovens seguiram Jurim, mas não saudaram Abban. Nos seus olhos não houve sequer um reconhecimento mínimo. Com efeito, olharam para o chão, um para o outro, para o horizonte. Para qualquer lado menos para o seu pai. Numa cultura em que o nome do pai de um homem era mais importante que o seu próprio nome, não poderia haver maior insulto.

– Os teus filhos tornaram-se guerreiros válidos – congratulou Jurim. – Começaram por ser fracos, como se esperaria de filhos de um khaffit. – Fahki cuspiu no chão ao ouvir aquilo. – Mas acolhi-os sobre o meu escudo e encontrei aço neles. – Sorriu. – Deverão herdá-lo da sua mãe.

Os três guerreiros riram ao ouvir aquilo e Abban segurou o punho de marfim da muleta com tanta força que lhe doeu a mão. A lâmina envenenada estava escondida e conseguiria cravá-la no pé de Jurim antes que percebesse o que acontecia. Mas, apesar de isso lhe valer respeito momentâneo aos olhos dos filhos, depressa cessaria. Afinal, o veneno era uma arma de covarde e qualquer khaffit que golpeasse um Sharum, qualquer que fosse o motivo, seria condenado à morte. Se não fosse o conselheiro preferido do Libertador, o simples facto de lhe dirigir palavras menos respeitadas mereceria uma lança no peito.

Fahki e Shusten olharam-no com repulsa clara. Se golpeasse, entregá-lo-iam ao dama mais próximo sem hesitar e a sua sentença seria aplicada antes sequer de Ahmann ser informado.

Manteve a expressão neutra e forçou-se a curvar-se, erguendo o pergaminho com o selo do Libertador. Como muitos guerreiros, Jurim não sabia ler, mas conhecia bem a coroa e a lança.

– Venho cumprir a vontade do Shar’Dama Ka.

Jurim franziu a testa.

– Que assunto será tão importante para te fazer conspurcar o chão pisado por guerreiros?

Abban endireitou-se.

– Não te caberá sabê-lo. Leva-me ao instrutor Qeran e depressa.

Shusten rosnou.

– Não fales nesse tom aos teus superiores, khaffit!

Abban fixou nele um olhar gélido.

– Podes ter herdado o aço da tua mãe, rapaz, mas é óbvio que não herdaste também o cérebro se pretendes dificultar a vontade do Shar'Dama Ka. Procura alguma coisa útil para fazer ou, da próxima vez que estiver com ele, direi ao Libertador como os seus Sharum desperdiçam os seus dias jogando sharak e bebendo couzi quando deviam treinar.

Os rapazes empalideceram ao ouvir aquilo, olhando um para o outro antes de se afastarem rapidamente. Abban sentiu uma fria satisfação que não conseguiu estancar o sangue que escorria da faca que sentia cravada no coração. Que outros homens troçassem dele pela sua perna ferida e pelo coração covarde era algo com que aprendera a viver. Mas um homem que não tivesse o respeito dos seus próprios filhos não seria realmente um homem.

Em breve, prometeu a si mesmo. Em breve.

Muitos dos Sharum eram ostensivos na violação das proibições do Evejah, bebendo couzi para ganharem coragem durante a noite e para esquecerem a noite durante o dia. Mas poucos seriam suficientemente tolos para se embriagarem de tal forma que não conseguissem colocar-se em sentido quando um dama passava por eles.

A embriaguez de Qeran superava esse ponto. O instrutor sentava-se numa almofada manchada com as costas apoiadas contra o poste central da tenda, as vestes negras molhadas e tresandando a vômito. A seu lado, repousava a sua magnífica lança guardada, com uma peça transversal especial que lhe permitia usar a arma como muleta. A perna esquerda terminava imediatamente abaixo do joelho, com a perna das calças arregaçada. Presa ao coto havia uma perna de pau simples.

Olhou Abban com ódio quando o khaffit entrou. O ódio tornava duros os seus olhos pequenos.

– Vens vangloriar-te, khaffit? Estou quase tão inútil como tu, mas, pelo menos, o meu lugar no Paraíso está assegurado.

Abban deixou fechar-se a aba da tenda, deixando os dois homens sozinhos. A seguir, cuspiu-lhe sobre os pés.

– Não sou inútil, instrutor. Sirvo o nosso mestre todos os dias e nunca gemi como uma mulher pelo meu destino. Muito menos me embriaguei até acabar caído numa poça de mijo. Everam abençoou-te com um corpo forte, mas vejo que, sem ele, o teu coração é fraco.

A raiva transformou a expressão de Qeran e estendeu a mão para a lança, pretendendo erguer-se e trespassar com ela o coração de Abban. Mas ainda não se habituara por completo à perna de pau e o couzi roubava-lhe o equilíbrio. Cambaleou e Abban aproveitou para lhe golpear com força a perna de pau usando a muleta, arrancando-a à perna do instrutor. Quando Qeran caiu, voltou a golpear, arrancando-lhe a lança da mão.

O instrutor embateu com força no chão e ouviu-se um clique enquanto a lâmina de Abban se expunha, apontada ao espaço entre os seus olhos.

– Mataste muitos demónios no teu tempo, instrutor – disse Abban –, mas o teu lugar no Paraíso continuará seguro se fores morto na tua própria imundície por um khaffit aleijado que expulsaste do sharaj em vergonha?

Qeran permaneceu imóvel durante muito tempo, entortando os olhos para olhar a lâmina que pairava diante do seu nariz.

– Que queres? – perguntou, por fim.

Abban sorriu, recuando e fazendo retrair a lâmina para poder apoiar-se na muleta enquanto se curvava. Retirou o pergaminho com o selo do Libertador do interior do seu colete garrido.

– Quero que voltes a ser grande.

* * *

Abban e Qeran trocaram muitos olhares enquanto coxeavam através do campo de treino até ao khaffit'sharaj Kaji. O instrutor fora despido por uma das jiwah'Sharum, banhado com água fria e vestido com uma túnica negra limpa. Abban sabia, sem

qualquer dúvida, que a cabeça lhe latejaria do couzi enquanto semicerrava os olhos para bloquear a luz intensa do dia, mas o instrutor recuperara alguma da sua dignidade e não expunha o seu desconforto. Endireitava as costas enquanto caminhava com a cabeça bem erguida. Seguindo o costume, Abban caminhava um passo atrás, apesar de facilmente conseguir superar o lento coxear de que Qeran precisava para caminhar com dignidade.

Alcançaram uma secção do campo de treino onde treinavam kha'Sharum de vestes castanhas. Eram milhares apenas na tribo Kaji. A maioria praticava exercícios simples de lança e escudo que Abban recordava de uma época que lhe parecia ter ocorrido noutra vida. Voltavam-se em unísono, sobrepondo escudos enquanto moviam as lanças ao mesmo tempo. Um grupo menor treinava técnicas mais avançadas.

Qeran cuspiu no chão.

– A maior parte destes homens ainda deveria vestir bidos. Ou, melhor ainda, deveriam transportar água e polir escudos.

Um punhado de Sharum jovens percorria as fileiras. Vestiam de negro, mas os véus pendendo à volta dos pescoços eram castanhos, assinalando que eram instrutores de khaffit.

– Crias – troçou Qeran. – Afiando os dentes com khaffit na esperança de merecerem o vermelho.

Um dos jovens instrutores avistou-os e aproximou-se, olhando-os com desdém receoso até o véu vermelho de Qeran fazer os seus olhos iluminarem-se. Reconheceu a face do instrutor. Qeran integrara as Lanças do Libertador e a sua reputação era bem conhecida. Tinha sido ele a treinar o próprio Shar'Dama Ka, juntamente com o instrutor Kaval.

O jovem instrutor curvou-se, ignorando Abban por completo.

– Sou Hamash asu Gimas am'Tesan am'Kaji.

Qeran respondeu à vénia com um ligeiro aceno de cabeça.

– Treinei o teu pai. Gimas era um guerreiro audaz. Teve uma boa morte no Labirinto.

Hamash voltou a curvar-se, daquela vez de forma mais demorada.

– Que te traz ao khaffit'sharaj, honrado instrutor?

Abban coxeou para diante, estendendo o pergaminho. Os instrutores, tal como os kai'Sharum, recebiam formação especial que incluía letras e guardas, mas, pela forma como Hamash franziu a testa ao olhar o pergaminho, era óbvio que não prestara atenção às lições.

Abban ignorou a falha. Era-lhe vantajosa.

– O Libertador exige dez dos teus melhores kha'Sharum. Caber-me-á escolhê-los.

– A ti? Um khaffit saberá escolher guerreiros? – disse Hamash, movendo os olhos para Qeran.

Abban sorriu.

– Quem o fazia melhor? Afinal, são guerreiros khaffit.

– Não deixam de ser guerreiros – rosnou o jovem instrutor.

– O instrutor Qeran assegurará que estarão prontos para o combate – disse Abban. – Devo assegurar que terão cérebros à altura.

– Apenas dez? – perguntou Qeran, baixando a voz para que Hamash não ouvisse. – Disseste-me que o Shar'Dama Ka tinha ordenado uma centena.

– O Libertador não tem tribo, instrutor – retorquiu Abban. – Escolheremos dez de cada uma.

– Isso será mais do que uma centena – afirmou Qeran. As tribos de Krasia eram doze.

Inteligente, para um Sharum, pensou Abban.

– Recordo bem os teus métodos de treino, instrutor. Haverá quem não sobreviva aos seus rigores e outros não estarão aptos para a batalha quando terminares. – Tocou na perna com a muleta. – Começaremos com cento e vinte para que possas matar ou expulsar os que te falharem.

Qeran grunhiu e Hamash, que observara a conversa, fixou o olhar no seu. Arreganhou os lábios com repulsa ligeira.

– Nem um instrutor aleijado deverá permitir que um khaffit lhe fale com tamanho arrojo.

Os olhos calmos de Qeran nada revelaram das suas intenções quando a sua lança foi impelida para cima e atingiu Hamash entre as pernas. O jovem instrutor inclinou-se para a frente, e

Qeran rodou a arma, batendo com ela na parte lateral da cabeça dele e fazendo-o cair.

Hamash apressou-se a rebolar, mas Qeran antecipou o movimento, golpeando com o pé metálico da lança enquanto o outro instrutor se movia para o ponto certo. A bochecha de Hamash foi rasgada e vários dos seus dentes partiram. Tossiu sangue e fragmentos de dente, tentando em vão voltar a erguer-se, mas o espancamento não parou por aí. Qeran apoiava bem o pé que lhe restava e voltou a golpear uma e outra vez. A maior parte dos golpes foi dolorosa, mas não pretendiam provocar dano duradouro. Enquanto o jovem instrutor continuava a tentar resistir, a lança de Qeran partiu-lhe o braço pelo cotovelo com um ruído medonho. Rugiu de dor.

– Acolhe a dor e cala-te, tolo! – silvou Qeran. – Os teus homens observam! – E, com efeito, instrutores e kha'Sharum pararam o treino, olhando com bocas escancaradas.

Qeran voltou-se para os outros instrutores.

– Dispam os homens até aos bidos e formem esquadrões para inspeção! – rugiu, fazendo-os obedecer apressadamente como se a ordem tivesse vindo do próprio Libertador. Momentos depois, as lanças e escudos estavam cuidadosamente empilhadas, as túnicas estavam dobradas e os homens erguiam-se em sentido, vestindo apenas tangas castanhas.

Qeran cravou o pé da lança em Hamash, que continuava a debater-se no chão.

– De pé e obedece-me. Perderás o véu castanho. Volta a falhar ou desrespeita-me novamente e perderás também as vestes negras.

Abban conteve um sorriso enquanto Hamash tentava erguer-se, com face pálida e ensanguentada. Escolhera bem o seu instrutor.

Lívido e atordoado, com sangue escorrendo-lhe pela cara abaixo, Hamash coxeou atrás deles enquanto se aproximavam do primeiro esquadrão. Outro instrutor de véu castanho mantinha-se em sentido à sua frente. A sua vénia a Qeran foi tão baixa que a barba quase tocou o chão.

Percorreram a linha, com Qeran chamando cada homem, tratando-os como se fossem escravos em leilão.

– Flácido – disse do primeiro, beliscando-lhe o braço. – Mas algum tempo a papa rala e transportando pedra enquanto contorna as muralhas da cidade resolverão isto. Faz o primeiro sharukin. – O homem começou a transpirar, mas obedeceu, movendo-se lentamente pela sequência de movimentos.

Qeran cuspiu no chão.

– Patético. Até para um khaffit.

– Qual era a tua profissão antes de responderes ao chamamento do Libertador para a sharak? – perguntou-lhe Abban, erguendo livro e caneta.

– Fabricava lanternas – respondeu o homem.

Abban grunhiu.

– Eras mestre ou aprendiz?

– Mestre – respondeu o homem. – O meu pai era o dono da oficina, mas deixou-me treinar os meus filhos.

– Que diferença faz? – perguntou Qeran, mas Abban ignorou-o, fazendo mais perguntas antes de passar ao homem seguinte. Era tão magro que os ossos se percebiam sob a pele. Semicerrou os olhos quando se ergueram à sua frente.

Abban ergueu três dedos.

– Quantos?

O homem semicerrou ainda mais os olhos.

– Dois. – Havia dúvida na sua voz.

Abban recuou vários passos e o homem abriu os olhos por completo.

– Três – disse, com maior determinação.

Qeran empurrou o homem magro, fazendo-o cair de costas no chão.

– De pé, cão! – gritou um dos instrutores de véu castanho, golpeando-o com o pé da lança e fazendo-o regressar rapidamente à fileira.

– Este nem sequer pertence aqui. Muito menos entre a elite do Libertador – considerou Qeran.

Abban voltou a ignorá-lo, continuando a olhar o homem.

– Sabes ler? E fazer somas num ábaco?

O homem acenou afirmativamente.

– Sei. Quando tenho as minhas lentes.

Continuaram da mesma forma, com Qeran beliscando e empurrando os homens enquanto Abban os interrogava. A alguns foi ordenado que se afastassem dos outros. Um grupo de escolhas potenciais para Abban e Qeran.

Aproximaram-se de um que se erguia acima dos outros, com peito largo e braços grossos com músculo. Abban sorriu.

– Não escolham esse – advertiu um dos instrutores. – É forte como uma cáfila de camelos, mas não consegue ouvir os toques de formação. Ou outra coisa qualquer.

– Ninguém te dirigiu qualquer pergunta – disse Abban. – Lembro-me deste. Foi um dos primeiros a responder ao chamado do Libertador. Como se chama?

O instrutor encolheu os ombros.

– Ninguém sabe. Chamamos-lhe apenas Sem Orelhas.

Abban fez alguns gestos rápidos e o gigante abandonou a fileira para se erguer com os restantes potenciais.

Havia mais de mil kha'Sharum Kaji na capital. Quando os dama entoavam o recolher nos minaretes, mal tinham conseguido ver metade. Escolheram entre os potenciais, mas, mesmo assim, seguiam-nos mais de cinquenta homens. Abban e Qeran levaram-nos para o pavilhão, continuando a testá-los e a questioná-los até o grupo ficar reduzido a vinte, depois a dez, até concordarem finalmente em quatro, incluindo o gigante surdo-mudo.

Qeran tentou rejeitar o gigante.

– Um guerreiro incapaz de ouvir os toques de formação será um ponto fraco.

– Na alagai'sharak talvez – concordou Abban. – Mas, tal como as dama'ting têm os seus eunucos sem língua, poderei fazer bom uso de um homem que nunca ouvirá nada que não deva.

Regressaram no dia seguinte depois dos compromissos na corte, passando todos os momentos até ao anoitecer avaliando, questionando e discutindo até ficarem satisfeitos. Por seis

vezes, Qeran ameaçou partir se Abban negasse a sua autoridade sobre a escolha de um homem em particular.

– Então parte – disse Abban quando o fez acerca do sétimo homem, um cão dos fossos vindo de Arenito. Era um brutamontes poderoso, mas a estupidez vidrava-lhe os olhos e mal conseguia contar os dedos. – Não terei idiotas como soldados. – O brutamontes fixou em Abban um olhar feroz, mas o Sem Orelhas erguia-se atrás dele com os braços cruzados, forçando-o a manter o silêncio.

Qeran olhou-o e Abban retribuiu o olhar. Por fim, o instrutor encolheu os ombros.

– Se tivesses demonstrado aço semelhante em rapaz, teria feito de ti um homem.

Abban sorriu e baixou ligeiramente a cabeça.

– Esteve sempre lá, instrutor. Apenas não para a batalha.

– Tens bom olho – admitiu Qeran, relutante, enquanto olhava os seus dez novos recrutas. – Conseguirei transformar estes homens em guerreiros.

– Excelente – considerou Abban. – Amanhã, iremos ao khaffit’sharaj Majah e recomeçaremos.

Precisaram de mais um dia para escolher os Majah e de um terceiro para os Mehnding. Foi mais rápido daí em diante, com as tribos tornando-se menores enquanto percorriam a linha de pavilhões no campo de treino. A mais pequena era a dos Sharach, com apenas três dúzias de dal’Sharum de pleno direito e menos de cem kha’Sharum.

– Vimos centenas de homens melhores entre os Kaji – referiu Qeran depois de terem escolhido os melhores elementos dos Sharach. Como muitos dos guerreiros mais velhos, treinados antes de Ahmann ter unificado as tribos, Qeran mantinha-se ferozmente leal aos seus e preferiria que a maior parte dos seus recrutas partilhasse o seu sangue.

Abban acenou afirmativamente.

– Mas os Sharach são exímios com o laço de alagai. – Com efeito, tinham visto os guerreiros Sharach treinar com as armas, longas varas ocas com um fio de aço saindo por uma

extremidade para prender o pescoço de um demónio ou de um homem. Uma alavanca perto do guarda-mão conseguia apertar e alargar facilmente o laço. Havia posturas de sharusahk para manobrar a arma, controlando a vítima.

– Sei ensinar a usar a arma suficientemente bem – disse Qeran.

– Suficientemente bem não bastará, instrutor – considerou Abban.

O instrutor mostrou-lhe os dentes.

– Ensinei o próprio Libertador a lutar. Não basta?

Abban não se mostrou impressionado.

– Ensina-te-lhe muita coisa, mas os dama ensinaram-lhe mais e foi a fusão dos dois ensinamentos que lhe permitiu a mestria. Ahmann estuda os sharukin de todas as tribos e tu também o farás. Ensinarás estes homens, mas também aprenderás o que souberem. A lança e corrente dos Nanji. As técnicas de escada dos Krevakh. Tudo. E, se não estiveres à altura da tarefa, encontrarei quem esteja.

– Conseguirei aprender os truques de tribos menores – rosnou Qeran.

– Claro – concordou Abban. – E de melhorar muitos deles, sem dúvida. Escolhi o melhor instrutor vivo por um motivo. Transformarás o menos capaz destes homens num adversário à altura de qualquer kai'Sharum.

Qeran pareceu agradado por aquilo. Os Sharum eram criaturas tão simples. Um pouco de chicote seguido por um elogio e ficavam à mercê de quem soubesse lidar com eles.

– Não posso ensinar os segredos dos dama que os kai'Sharum aprendem – admitiu Qeran.

Abban sorriu.

– Deixa que me preocupe com isso, instrutor.

Uma paliçada de madeira erguera-se em redor da propriedade de Abban quando, juntamente com Qeran, fez marchar para o interior os seus cento e vinte kha'Sharum. As estacas estavam profundamente cravadas e unidas com firmeza para não permitirem vislumbres do que escondiam, mas tinham sido

cuidadosamente tratadas para parecerem pouco sólidas. As guardas que as cobriam eram fortes, mas pintadas sem esmero. Nada que atraísse a atenção para o que aconteceria do outro lado.

Era, claro, um disfarce elaborado. No interior, Qeran abriu a boca de espanto. Centenas de escravos chin trabalhavam para erguer e assentar pedra talhada numa muralha real, que já chegava à altura do peito, do lado interior da paliçada. Outros limpavam o entulho dos restos das casas da gente das terras verdes que outrora povoara o espaço. Grandes pavilhões tinham sido erguidos, alguns com colunas de fumo grossas elevando-se para o céu. O som de metal sendo martelado, de pedra sendo partida e os gritos dos trabalhadores preenchiavam o complexo.

– Constróis uma fortaleza – disse Qeran.

– Uma fortaleza a partir da qual canalizaremos armas e armaduras para as forças da Sharak Ka – disse Abban. – Uma fortaleza que precisará de ser protegida, sobretudo agora, quando está mais débil.

Talvez pela primeira vez desde que Abban o encontrara embriagado, Qeran sorriu, movendo o olhar experiente pela paliçada e pelos alicerces da muralha interior.

– Escolheste o homem certo para a tarefa. Os teus kha'Sharum patrulharão em turnos ao anoitecer.

– Servirá por enquanto, mas não será suficiente – disse Abban. – Os meus agentes compraram muitos escravos no leilão e o trabalho tornou-os duros, mas não são guerreiros. Deverás treiná-los também.

– Nunca me agradou a decisão do Shar'Dama Ka de armar os chin – disse Qeran. – O Evejah ensina-nos a desarmar os nossos inimigos e não a treiná-los.

– O teu desagrado é irrelevante, instrutor – disse Abban. – O Shar'Dama Ka falou. Não são inimigos. São escravos e não os maltrato. Dormem em abrigos quentes e com estômagos cheios. Muitos deles juntamente com as famílias. Livres de ataque.

– És tolo por confiares neles – disse Qeran.

Abban não conseguiu evitar rir-se, vendo-se forçado a parar de caminhar e a segurar a muleta para se equilibrar melhor. Limpou uma lágrima dos olhos enquanto olhava Qeran, que franzia a testa, não sabendo se o khaffit riria às suas custas.

– Confiar? – Voltou a rir. – Instrutor, não confio em ninguém.

Qeran grunhiu ao ouvir aquilo e continuaram o percurso. Abban levou-o até ao pavilhão dos armeiros, onde metal era martelado e as forjas ardiavam com intensidade. Mesmo com aberturas para ventilação nas paredes, o ar no interior era quase irrespirável, carregado com fumo, calor e com o vapor das tinas de arrefecimento. Bancas de artesão alongavam-se pelo pavilhão, com forjas de metal ou vidro, ferreiros, amoladores, carpinteiros, flecheiros, tecelões e Guardadores.

Cada banca era operada por várias mulheres vestindo as túnicas negras grossas das dal'ting, parecendo ignorar o calor húmido. Também Qeran não mostrava sinal de desconforto, apesar de ter começado a respirar da forma ritmada de um Sharum acolhendo a dor.

Abban inspirou o ar tórrido e rarefeito e expirou com agrado como se saboreasse um excelente tabaco do seu cachimbo de água. Era o perfume do lucro.

No centro do pavilhão, erguiam-se pilhas cada vez maiores de produtos terminados: lanças, escadas, ganchos e cabos, laços de alagai, bem como as armas mais pequenas, mas não menos letais, que os Guardadores escondiam. Ferrões de escorpião a granel e os gigantescos arcos movendo-se sobre carroças que os disparavam.

O instrutor escolheu uma lança ao acaso na pilha, fincando a perna de pau com firmeza e fazendo-a girar.

– É tão leve.

Abban acenou afirmativamente.

– Existe nas terras verdes uma árvore a que chamam madeira dourada e, fiel ao nome, valerá o seu peso em metal precioso. A madeira dourada é mais leve e mais forte do que a verga usada nas lanças de Sharum fabricadas em Krasia e precisa de menos verniz para endurecer as guardas cravadas na haste.

Qeran testou a ponta contra a carne da palma da mão, esboçando um sorriso amplo quando a ponta penetrou facilmente com pressão mínima.

– Que metal é este com tal gume?

– Não é metal – disse Abban. – É vidro.

– Vidro? – repetiu Qeran. – Impossível. Fraturaria ao primeiro golpe.

Abban apontou uma bigorna fria na banca da forja e Qeran não hesitou, coxeando até ela e golpeando com força suficiente para quebrar até uma lâmina de aço. Mas ouviu-se apenas um zumbido no ar e a bigorna ganhou uma nova marca.

– Um truque que aprendemos com a tribo do Outeiro – disse Abban. – Vidro guardado. Mais leve e mais forte que o aço e suficientemente rijo para manter o gume mais afiado. Prateamos o vidro para camuflar a sua natureza.

Levou Qeran a outra banca, passando-lhe uma placa de cerâmica.

– Estas placas são o que os Sharum usam atualmente por baixo das túnicas.

– Conheço-as bem – disse Qeran, secamente.

– Então também saberás que quebram com o impacto e defenderão no máximo contra um único golpe. Frequentemente, tornarão pior um golpe poderoso com o efeito dos estilhaços – referiu Abban.

Qeran encolheu os ombros.

Abban passou-lhe uma segunda placa, de vidro transparente guardado, refletindo a luz da forja.

– Mais fina e leve e suficientemente forte para quebrar a garra de um demónio da rocha.

– O exército do Libertador será imparável – sussurrou Qeran.

Abban riu-se.

– Um dal’Sharum comum não poderá pagar tal armamento, instrutor. Mas nada será bom de mais para as Lanças do Libertador. – Piscou o olho. – Ou para a minha centena. Os teus recrutas ficarão melhor equipados do que qualquer Sharum além da elite do Shar’Dama Ka.

Abban viu o brilho ganancioso nos olhos do instrutor e sorriu. *Mais uma oferenda e será meu.*

– Vem – disse. – Nenhum instrutor ao meu serviço coxeará sobre uma perna de pau barata.

Abban olhou com satisfação enquanto Qeran se movia diante dos khaffit e chin que escolhera para o treino. A perna de pau do instrutor fora atirada ao fogo, substituída por uma mola curva de aço guardado. Era simples, elegante e permitia-lhe recuperar quase toda a perícia em combate que perdera. Continuava a usar a lança para se equilibrar, mas os seus passos tornavam-se mais seguros a cada momento.

Os homens vestiam apenas os bidos e as túnicas ou outras vestes tinham sido queimadas. Os khaffit vestiam castanho e os chin uma tanga da cor das azeitonas verdes.

– Não me importam os títulos miseráveis que os instrutores vos tenham dado no sharaj – gritou Qeran. – São todos nie'Sharum para mim e continuarão a sê-lo até provarem o vosso valor. O vosso sucesso será recompensado. Com a túnica e o véu de um guerreiro. Com armas e armadura de qualidade. Com comida melhor. Com mulheres. Se me envergonharem – parou, parecendo fitar todos os seus olhares em simultâneo –, matar-vos-ei.

Os homens mantiveram-se imóveis, com costas arqueadas e peitos erguidos, sendo vários os que transpiravam e empalideciam, mesmo com o ar fresco da manhã. Qeran voltou-se para Abban e acenou com a cabeça.

– Agora – murmurou Abban ao seu sobrinho Jamere, mas o jovem dama avançava já em frente. Era alto, mas não era magro, nunca tendo obedecido às restrições alimentares do Evejah. Tão-pouco era gordo, movendo-se com a graça fluida que era a marca dos clérigos evejanos. Jamere passara a maior parte da sua vida no Sharik Hora e copiara ou roubara os manuais de sharusahk de quase todas as tribos, dominando técnicas proibidas. Técnicas que de bom grado partilhava com o seu tio.

– Ajoelhem-se diante do dama Jamere! – bradou Qeran e os homens caíram imediatamente de joelhos, sem que nenhum hesitasse em pousar as mãos no pó.

Jamere ergueu as mãos. Em uníssono, viram o pergaminho assinado por Ahmann numa mão e, na outra, o Evejah.

– Leais nie'Sharum! Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji, Shar'Dama Ka e voz de Everam em Ala ofereceu-vos ao seu servo Abban. Foi Abban quem orientou o olhar do Libertador para vós, permitindo a homens afastados da luz de Everam uma última hipótese de redenção, uma hipótese de provarem a vossa lealdade.

Varreu com o olhar os homens reunidos.

– Sois leais?

– Sim, dama! – gritaram em simultâneo.

– Everam está atento! – gritou Jamere, apontando o sol com as mãos. – Aqueles que servirem com lealdade e fé terão a sua recompensa tanto em Ala como no Paraíso. Aqueles que violarem os seus votos ou falharem no seu dever sofrerão grandemente nas suas horas derradeiras antes que Ele envie os seus espíritos para o abismo de Nie.

Abban suprimiu o riso. O brilho fanático nos olhos do sobrinho era apenas uma encenação experiente, como a de um Jogral nortenho. Era completamente desprovido de fé e assim fora desde que os clérigos o chamaram.

Mas o medo nos olhos dos homens demonstrava que o número era perfeito. Até Qeran pareceu encolher-se quando Jamere ergueu uma cópia do Evejah.

– A mão com que seguras a lança – ordenou Jamere e o instrutor pousou a mão direita sobre o couro gasto da capa. – Juras servir Abban asu Chabin am'Hamam am'Kaji? – perguntou Jamere. – Protegê-lo e obedecer-lhe e a nenhum outro além do próprio Libertador, deste momento até à tua morte?

Qeran hesitou. Moveu o olhar para Abban, unindo as sobrancelhas, ultrajado. Quando os três homens se tinham encontrado anteriormente para ensaiar o juramento, ninguém dissera que o instrutor seria incluído. Uma coisa era que Abban

exigisse juramentos aos khaffit e aos chin, outra seria esperar o mesmo de um instrutor dal'Sharum com o estatuto de Qeran.

Abban sorriu-lhe. *Faz a tua escolha, instrutor, pensou. Everam observa e não poderás negar o que escolheres. Serve-me ou volta a arrastar-te sobre uma perna de pau reles e a dormir sobre o teu próprio vômito.*

Qeran também o sabia. Abban abrira-lhe um caminho para a glória, mas a glória tinha o seu preço. O instrutor olhou os nie'Sharum expectantes, sabendo que cada segundo de hesitação seria uma dúvida que teria de lhes arrancar com violência.

– Juro servir Abban – rosnou por fim, enfrentando o olhar do khaffit –, até à minha morte ou até o Libertador me libertar deste juramento.

Abban levou a mão ao interior do colete e retirou uma pequena garrafa de couzi. Ergueu-a num brinde ao guerreiro e bebeu.



TREZE

CONQUISTAR O PÚBLICO

333 DR Verão 28 Auroras antes da Lua Nova

LEESHA OLHOU O CÉU que escurecia e teve de pressionar a mão contra uma órbita para aliviar uma pontada dolorosa. Com a partida tardia do palácio de Ahmann, a caravana para o Outeiro do Libertador fizera pouco progresso nesse primeiro dia, talvez apenas quinze quilómetros. Um Mensageiro conseguiria fazer a viagem entre Forte Rizon e o Outeiro do Libertador em menos de duas semanas. As Lanças do Demónio, não receando demónios e viajando a grande velocidade mesmo durante a noite, tinham-no feito em metade do tempo. Até a viagem para sul fora relativamente rápida, apesar da carroça lenta para acomodar os pais, pouco habituados à estrada.

O pai de Leesha nunca fora robusto, mesmo na juventude, e a juventude há muito se fora. Erny tivera espasmos diários na viagem para sul e vira-se forçada a dar-lhe tranquilizantes que o mantiveram num sono profundo. Viajavam numa carruagem muito mais confortável no regresso, mas, apesar de nunca se queixar, Leesha viu-o esfregando as costas quando acreditava que ninguém via e sabia que a viagem lhe seria dura.

– Deveríamos parar para passar a noite – disse a Shamavah, que partilhava a carruagem com Leesha e com os seus pais. Pelo menos, quando não estava ocupada a bradar ordens às

outras mulheres. As mulheres krasianas tinham uma hierarquia própria e não importava que Shamavah fosse a mulher de um khaffit. Todas as mulheres, e também os kha'Sharum, se apressavam a cumprir o que ordenava, mantendo a caravana em ordem impecável.

Mesmo assim, as carruagens pesadas moviam-se com lentidão que parecia massacrar os cavalos de batalha negros dos dal'Sharum e até os garranos robustos que Gared e Wonda montavam. Leesha recordou a advertência que Jardir fizera acerca dos bandidos e mordeu o lábio. Até em terras krasianas, havia muitos que desejariam a sua morte. Mais além, a carga de comida e roupa na caravana torná-los-ia presas irresistíveis para quem perdera tudo quando os krasianos lhes tinham roubado os seus lares. Os Sharum travariam os bandos mais pequenos, mas havia mulheres e crianças para tomar como reféns e Leesha sabia bem que os bandidos explorariam tal fraqueza.

– Claro. – O thesano de Shamavah era quase tão impecável como o do seu marido. – Há uma aldeia, Kajiton, além da próxima colina. Já foram enviados cavaleiros para preparar uma recepção condigna.

Kajiton. O nome do Libertador krasiano com um sufixo thesano. Dizia muito acerca do estado de Rizon... ou da Fortuna de Everam, como seria melhor que se habituasse a chamar-lhe. Ahmann distribuía terra às suas tribos como um homem que cortasse fatias de um bolo de aniversário para a sua família e, sendo verdade que os povoados não tinham sido tomados de forma tão brutal como Rizon, era claro pela vista da janela na carruagem de Leesha que as tribos se tinham instalado com firmeza e que a lei evejana imperava.

Não havia sinais de homens em idade para lutar além dos fracos ou pouco firmes e as mulheres thesanas que trabalhavam os campos faziam-no com vestidos pretos que as cobriam do tornozelo ao pescoço, com o cabelo cuidadosamente tapado por lenços. Quando os dama entoavam o cântico da oração ou se aproximavam, todos se apressavam a prostrar-se. O cheiro a

especiarias picantes krasianas vagueava pelo ar e começava a formar-se um crioulo misturando krasiano e thesano com gestos de mão e expressões faciais.

O ducado que conhecera já não existia e, mesmo que conseguissem expulsar os krasianos de alguma forma, era duvidoso pensar que poderia regressar.

A «receção condigna» revelou ser a presença de quase todos os habitantes do povoado, curvando-se e rastejando enquanto passavam e o esvaziamento da estalagem local além dos funcionários. Enquanto milhares de pessoas tinham fugido ao avanço krasiano, formando grupos de refugiados que aumentavam o tamanho de cada povoado e cidade a norte e a leste da Fortuna de Everam, era claro que muitas mais tinham ficado para trás ou sido capturadas e conduzidas ao ponto de partida. Havia centenas de thesanos em Kajiton. A terra em Rizon era fértil e a população muito superior à de todos os outros ducados combinados.

Enquanto entravam pela praça principal, Leesha viu uma grande estaca no centro com uma mulher pendendo inerte pelos pulsos acorrentados acima da cabeça. Estava obviamente morta e as marcas no seu corpo nu, bem como as pequenas pedras caídas em redor tornavam clara a causa. Uma placa sobre a estaca continha uma única palavra na esguia escrita krasiana, mas Leesha não precisou de tradução, tendo-a visto com frequência no Evejah.

Adúltera.

Voltou a sentir a dor na cabeça e achou que vomitaria na carruagem. Procurou nos bolsos do avental, retirando uma raiz e um punhado de folhas, enfiando-as na boca sem sequer se dar ao trabalho de as ferver em algo tragável. Mastigou, sentiu o seu sabor amargo e conseguiu engolir, sentindo imediatamente os seus efeitos. Recusava mostrar a sua fraqueza aos krasianos.

Pararam e crianças espalharam pétalas de flores das portas da carruagem até aos degraus da estalagem, comportando-se

como se não houvesse um cadáver em decomposição a poucos metros de distância.

«As crianças conseguem adaptar-se a tudo», costumava dizer Bruna e a experiência de Leesha dizia-lhe que era verdade, mas nenhuma criança deveria adaptar-se àquilo.

O dama local esperava, parecendo esculpido em madeira sólida de carvalho. A sua barba era de um cinzento férreo e os seus olhos de um azul frio. Kaval, que liderava a procissão, puxou as rédeas e saltou do seu cavalo com uma agilidade alheia às manchas grisalhas na sua barba, curvando-se perante o dama e trocando algumas palavras. O clérigo curvou-se numa vénia superficial quando Leesha saiu da carruagem.

– Então é esta a bruxa nortenha que enfeitou o Shar'Dama Ka – murmurou para Kaval em krasiano.

O cheiro das pétalas sob os pés não disfarçava o odor da morte e a dor e o ultraje provocavam em Leesha sentimentos homicidas. Além de tudo o resto, presumia também poder julgá-la? Precisou de se conter para não retirar a faca do cinto e cravar-lha na garganta.

Ao invés, fixou nele o olhar imperioso que aprendera com Inevera.

– A bruxa nortenha compreende o que dizes, dama – disse-lhe. – Qual é o teu nome, para que possa relatar a Ahmann as tuas boas-vindas?

O clérigo arregalou os olhos, chocado. Em Krasia, as mulheres solteiras falavam apenas quando a palavra lhes era dirigida e não se atreveriam a falar naquele tom com um dama capaz de a matar pela afronta e que não hesitaria em fazê-lo.

Mas Leesha falara em krasiano, demonstrando conhecer os seus costumes, e o seu uso do nome próprio do Libertador revelava uma familiaridade que faria qualquer dama abaixo dos Damaji mais poderosos molhar as vestes.

O dama hesitou, com o orgulho e o instinto de autopreservação travando uma batalha tremenda na sua face. Acabou por se curvar novamente, daquela vez de forma tão profunda que a sua barba longa roçou o pó do chão.

– Dama Anju. Mil perdões, Santa Pretendida. Não pretendi desrespeitar.

– Na minha terra, quem não pretende desrespeitar tem o cuidado de falar com respeito – disse Leesha. Limitava-se a palavras simples, pois o seu krasiano não era ainda fluente. – Retira dali o corpo daquela mulher e devolve-o à família para que possam sepultá-la segundo os seus costumes. Estamos no dia do casamento da primogénita do Libertador com Rojer asu Jessum amm’Estalagem am’Outeiro e a sua presença é um insulto.

Não estava inteiramente autorizada a falar por Rojer, mas, usando «am’Outeiro» em vez do correto «am’Ponte», pelo seu nascimento em Ponteflúvia, identificava-o como membro da tribo do Outeiro, o que faria dele um parente aos olhos dos krasianos.

As sobranceiras do dama Anju começaram a mover-se nervosamente. Só uma dama’ting se atreveria a falar-lhe naquele tom e a dar ordens a um dama e apenas por estar claramente referido no Evejah que a morte e a negação do Paraíso esperavam quem as magoasse ou limitasse os seus movimentos. Leesha não era uma dama’ting, mas o seu tom de voz deixou claro que acreditava que a sua posição como «Santa Pretendida» lhe conferia idênticos direitos.

O dama parou de respirar e Leesha soube que o tinha forçado em demasia. Viu a sua face avermelhar enquanto a raiva aumentava e levou a mão ao avental, prendendo entre os dedos uma pitada do pó cegante de Bruna. Atacá-la-ia a qualquer momento e ela lançá-lo-ia ao chão diante dos olhos de todos.

Anju começou a mover os pés.

– Não – advertiu Kaval, com a voz transformada num murmúrio suave.

O dama olhou o instrutor e viu a mão de Kaval sobre a lança. Ouviram-se outros sons e Anju voltou-se para ver que os dal’Sharum da escolta de Leesha tinham feito o mesmo. Wonda apontava-lhe uma flecha e Gared segurava o machado e a faca de mato.

Anju adotou uma postura mais submissa, mas a sua face estava inchada e a respiração rápida e superficial. Leesha não resistiu a torcer a faca, enfrentando o seu olhar com arrojo.

– Para honrar este momento sagrado, agradaria ao filho de Jessum que libertasses sete escravos chin, um por cada pilar do Paraíso.

A raiva impotente que viu nos olhos claros do dama foi agridoce. *Uma porção mínima do tratamento que mereces*, pensou.

Leesha afastou-se antes que Anju pudesse responder, dirigindo-se para a estalagem. Seguindo-a, ouviu as suas ordens serem obedecidas e manteve a expressão serena, sem revelar nada do que sentia.

Aprendia.

– Aqui vamos nós outra vez – gemeu Leesha quando o canto parou.

Roger e as suas esposas estavam casados há uma semana, mas os sons vindos da sua carruagem continuavam a ser uma alternância constante entre o canto das jovens e os seus gritos de paixão.

Sikvah começou a berrar pouco depois e Amanvah não tardou a juntar-se-lhe. Leesha escondeu a cabeça nas mãos, massajando as têmporas. O ciclo de dores de cabeça continuou durante toda a semana. A dor amainara, mas os músculos em redor do olho esquerdo permaneciam tensos, uma ameaça constante de que a dor poderia regressar em força a qualquer momento.

– Noite. Aquelas rameiras não conseguem calar-se durante cinco minutos?

– Pouco provável. – Elona suspirou, desejosa. – Não há nada como um rapaz de dezoito anos. Enrijecem sempre que o vento sopra e voltam a levantar-se dez minutos depois de os esgotarmos.

– Parece-me mais provável que aconteça a cada três horas – murmurou Leesha.

Elona riu-se.

– Continua a merecer o meu respeito e não respeito qualquer um. A sua piça tem duas noivas jovens para satisfazer e, pelo que ouço, dura muito mais do que a maioria dos rapazes da sua idade... e do que muitos bastante mais velhos. – Os seus olhos moveram-se para Erny, que parecia querer enfiar-se entre as almofadas do assento. – Retiro o que disse. Talvez devesse ter ficado com este para ti.

A cacofonia aumentou e Leesha abanou a cabeça.

– Exageram. Ninguém grita assim.

– Claro – disse Elona. – Qualquer noiva sensata saberá que deve fazer o marido sentir-se como um rei e um explorador, desbravando território novo para governar. – Olhou Leesha. – Mesmo assim, parece-me que vejo alguma inveja nos teus olhos. Sentes a falta do teu amante krasiano?

Leesha sentiu a face avermelhar e Erny olhou a porta como se ponderasse saltar da carruagem em movimento.

– Não é nada disso, mãe. Apenas não confio nelas. Enfeitiçam Rojer, mas mantêm-se leais a Inevera. Qualquer tolo o verá.

– Não me parece – retorquiu Elona. – Já que o tolo profissional não consegue vê-lo. Mas acho que tens razão. Eu faria o mesmo. Tu também. Deixaste o demónio do deserto com alguma coisa nos sementeiros antes de partires?

Leesha suspirou e colocou a cabeça fora da janela, inspirando profundamente o ar puro enquanto percorriam a estrada.

– Sentir-me-ei grata quando estivermos seguros no Outeiro. Deixaremos a Fortuna de Everam amanhã.

– Não era sem tempo – disse Elona, cuspiendo pela sua janela.

– Sim – concordou Leesha. – Mas os Sharum que nos mantêm seguros aqui atrairão atenção indesejada fora das fronteiras. Bandidos e homens do duque olharão a nossa caravana com avidez e Ahmann estava certo. Vinte guerreiros poderão não ser suficientes.

– Ofereceu mais – recordou Elona.

Leesha acenou afirmativamente.

– Mas vinte guerreiros, mesmo que sejam hábeis, poderão provocar estragos limitados no Outeiro. Mais do que vinte

seriam um problema e já temos problemas em número suficiente. Viste algum rapaz com mais de seis anos desde que deixámos a cidade?

Elona abanou a cabeça.

– Foram todos levados para o *Hanna Pats*, ou lá como lhe chamam.

– Hannu Pash – corrigiu Leesha. – Treino e doutrinação. Não tardarão a falar krasiano como nativos e a seguir as leis evejanas. Em dez anos, terão um exército capaz de esmagar as Cidades Livres como uma criança esmaga um formigueiro.

– Criador – gemeu Rojer, bebendo do odre de água fresca que Sikvah lhe erguia até aos lábios. Amanvah acariciava-lhe o capelo ensopado em suor, dizendo-lhe palavras doces ao ouvido enquanto lhe mordiscava a orelha.

Achara as mulheres krasianas retraídas e talvez o fossem em público, mas, sozinhas com os maridos, a história era diferente. Na privacidade da carruagem, Amanvah e Sikvah despiam as túnicas simples, vestindo sedas ricas e garridas como o traje de um Jogral. Metade do tecido era tão fino que se tornava transparente e o que restava não era mais discreto, debruado com fio de ouro, renda ou belos bordados. Continuavam a envergar véus, mas eram ornamentais, de seda colorida e diáfana, cobrindo-as da ponta do nariz até aos lábios. O cabelo permanecia descoberto, oleado e decorado com ouro.

– O nosso marido maneja a sua lança melhor que um Sharum – disse Amanvah. O sangue assinalara a sua virgindade na noite do seu casamento, mas era tão hábil na «dança das almofadas» como Sikvah.

– Os Jograis praticam muito – disse Rojer. – As mulheres costumavam lançar-se aos pés do meu mestre e atrevo-me a dizer que aprendi um truque ou dois, mas, sem ofensa, vocês as duas sabem fazer coisas que fariam corar as pegadas do bordel do duque Rhinebeck.

Sikvah riu-se.

– As mulheres do harém do teu duque nortenho não foram treinadas no Palácio das Dama'ting.

Roger abanou a cabeça.

– E acho que ainda não me mostraram tudo.

Amanvah beijou-lhe a orelha com tamanha delicadeza que o fez tremer.

– Há setenta e sete formas de uma mulher se deitar com um homem – sussurrou. – E temos anos para as partilharmos todas contigo.

Amanvah e Sikvah provaram não ser nada do que imaginara. Achara-as muito parecidas a princípio, mas, quanto mais as conhecia, mais via como eram únicas. Amanvah era mais alta, com seios mais pequenos e membros longos e delgados. Sikvah tinha ancas mais arredondadas, com braços e pernas mais grossos. As duas mulheres eram incrivelmente musculadas, com o contorno de cada músculo revelando-se em cada movimento. Era o resultado dos alongamentos que faziam todas as manhãs. Chamavam-lhe sharusahk, mas não se assemelhava nada à luta violenta que Roger vira os Sharum e o Homem Pintado ensinar.

Enquanto Amanvah era inabalável, Sikvah era mais emotiva. Esperara que Amanvah, com as suas vestes brancas, fosse a mais conservadora das duas, mas Sikvah era sempre a primeira a abrir a boca de espanto perante qualquer indiscrição.

– Dorme, marido – disse-lhe Amanvah. – Deverás recuperar o teu vigor. Sikvah, as cortinas.

Imediatamente, Sikvah moveu-se para puxar as cortinas de veludo sobre as cortinas translúcidas que cobriam as janelas da carruagem. Parecia que «Primeira Esposa» era mais do que apenas um título. Amanvah tomava a liderança em tudo, desde a conversa à sedução, dando ordens a Sikvah como a uma serva. Sikvah nunca mostrava qualquer resistência, desempenhando todas as tarefas como se seguisse sempre a sua própria vontade. Falava apenas quando lhe era dirigida a palavra, a não ser que Amanvah se afastasse ou se distraísse. Era então que Sikvah se revelava verdadeiramente.

Roger sorriu, sentindo-se adormecer enquanto as suas esposas iniciavam uma canção de embalar doce em krasiano. Estava habituado a dormir sestadas durante o dia, um truque dos

Jograis que lhes permitia manterem-se frescos e alerta durante as atuações noturnas. A maioria das pessoas não sabia ler e havia pouca coisa a fazer depois de o sol se pôr e de os pratos do jantar serem levados.

«Quando termina o trabalho dos outros, inicia-se o nosso», costumava dizer Arrick.

Acordou com um safanão que indicava paragem súbita da carruagem. Ergueu uma das cortinas pesadas e o clarão fê-lo voltar a fechá-la. A tarde aproximava-se do fim e estavam diante de uma estalagem modesta. Amanvah e Sikvah tinham vestido túnicas simples e cobriram com véus as suas sedas coloridas.

– Não é um pouco cedo para passarmos a noite?

– É a última aldeia antes de deixarmos a Fortuna de Everam, amado – explicou Amanvah. – Shamavah crê ser melhor descansar e reabastecer a caravana antes de seguirmos caminho. Se desejas dormir mais, fá-lo, por favor, enquanto os khaffit descarregam as nossas coisas.

Aquilo dar-lhe-ia muito tempo. As suas esposas não viajavam com pouca bagagem. Rojer esfregou a cara ensonada.

– Basta de sono. Preciso de esticar as pernas. – Ergueu-se e começou a vestir-se e, imediatamente, as duas mulheres começaram a ajudá-lo.

Não tardou a sair da carruagem, caminhando um pouco e iniciando o ritual de alongamentos e cambalhotas que usava para manter os seus dotes bem oleados. O ritual era um espetáculo em si próprio, cheio de piruetas e cambalhotas em corrida num sentido e no outro.

Como era habitual, a atuação em miniatura começou a atrair atenções. Krasianos e thesanos paravam para olhar e, quando começou a mover-se sobre as mãos, algumas crianças correram atrás dele com gritos de incentivo.

Por instinto, Rojer conduziu-as até à praça empedrada, descrevendo um círculo para conseguir espaço. O anel que criou depressa se encheu de gente, aldeões, Sharum, khaffit e dal'ting de qualquer tribo ocuparam o espaço disponível. Um

dama olhava-o com frieza, mas não parecia suficientemente tolo para interferir com o genro do Libertador.

Amanvah e Sikvah também o olhavam. Sikvah ria e aplaudia os seus movimentos com os outros, talvez de forma mais entusiasmada. Amanvah era o exato oposto, fixando nele os olhos frios.

«A única coisa pior que uma mulher que se ri de qualquer queda», ouviu dizer-lhe a voz de Arrick, «é uma que não acha nada engraçado.»

Aproximou-se delas.

– Marido, o que fazes? – perguntou Amanvah.

– Conquisto o público – respondeu Rojer. – Vê isto. Sikvah, traz-me o meu saco de maravilhas.

– Imediatamente, marido – disse Sikvah, curvando-se e desaparecendo entre a multidão. Amanvah continuou a olhá-lo fixamente, mas Rojer piscou-lhe o olho e continuou a aquecer o público. Manteve a atuação simples, não sabendo qual das suas piadas e canções brejeiras poderia ofender os krasianos. A música em Krasia limitava-se ao recato dos quartos ou ao louvor a Everam. As suas esposas ensinaram-lhe algumas das suas canções, mas o fanatismo da letra deixou-o desconfortável. Até a sua tradução da *Canção da Lua Nova* estar completa, Rojer limitava-se à música instrumental, não tardando a conseguir que os krasianos batessem com os pés e aplaudissem.

Na magia, a obediente Sikvah era a assistente perfeita, obedecendo a todas as suas ordens sem hesitação. Se, pelo menos, não estivesse vestida com uma túnica e um véu tão pouco apelativos. *Se vestisses as sedas da dança das almofadas, seríamos o melhor número em Thesa.*

O público rendeu-se sem resistência. Nem o dama conseguiu conter o riso em algumas ocasiões. Apenas Amanvah permanecia indiferente.

O céu escurecia quando a atuação terminou. Rojer ainda se erguia da sua última vénia quando a sua Primeira Esposa se virou e caminhou para a estalagem. Sikvah veio até ele imediatamente.

– A tua Jiwah Ka pede desculpa por não estar aqui para te saudar, mas a filha sagrada sentiu-se motivada a orar pela tua atuação brilhante – disse, como se fosse algo completamente natural.

Quer dizer que odiou, pensou. Ultrapassei algum limite e nem sequer sei qual foi.

– Foi para o seu quarto secreto? – perguntou Rojer. Sikvah acenou afirmativamente.

Rojer estava habituado a ter um pequeno quarto individual nas estalagens, mas Amanvah exigia sempre um mínimo de três. Um quarto comum para Rojer e um quarto privado, para onde poderia retirar sempre que o desejasse. Aceitava apenas os melhores quartos, ricamente equipados com os seus pertences. Em cada noite, os khaffit transportavam carpetes pesadas, lanternas e incensários, lençóis de seda e uma coleção de tintas e pós de maquilhagem que deixariam qualquer Jogral boquiaberto. Naquela estalagem, o estalajadeiro e a família tinham sido expulsos dos seus quartos para acomodar a filha de Ahmann Jardim.

Quando se retirara para dormir, Rojer viu a porta do quarto de Amanvah trancada, com Enkido guardando-a. Mesmo que soubesse o que perturbava Amanvah, mesmo que soubesse o que dizer, seria impossível passar pelo eunuco gigantesco.

A comida foi trazida pela filha da estalajadeira, uma mulher carnuda com quarenta e muitos anos, que manteve os olhos baixos e obedeceu a cada ordem. Sem homens por perto, Sikvah expôs novamente as suas sedas coloridas, servindo-o com empenho enquanto comia e apenas mordiscando a sua comida quando insistia que o fizesse.

– Tomarás em breve o teu banho, marido? – perguntou quando o viu terminar de comer. – A tua espantosa atuação te-te-á fatigado.

Era assim todas as noites. Amanvah calava-se em dado momento e pedia licença, desaparecendo no seu quarto secreto durante horas. Sikvah dedicava-se a rodeá-lo de atenções,

satisfazendo todos os seus desejos e cobrindo-o de elogios até ao regresso da Primeira Esposa.

Normalmente, as atenções de Sikvah tornavam-se realmente uma distração eficaz, mas Rojer nunca vira Amanvah parecer tão desagrada. Uma discussão crescia algures e queria apressá-la e seguir em frente.

– Que faz ali dentro, pelo Núcleo? – resmungou.

– Está em comunhão com Everam – respondeu Sikvah, começando a levantar as malgas vazias.

– Dados – disse Rojer.

Sikvah pareceu ofendida pelo seu tom.

– Os alagai hora não são um jogo, marido. A tua Jiwah Ka consulta os dados para ajudar a guiar o teu caminho.

Rojer franziu os lábios, não lhe agradando por completo o que ouvira, mas sem dizer nada. Sentiu uma grande vontade de um copo de vinho, apesar de duvidar que houvesse algum por perto. O álcool fora uma das primeiras coisas abolidas pelos dama nos povoados. Imaginou qual teria sido a reação do seu mestre Arrick. Teria chorado ou posto um laço ao pescoço para se poupar ao sofrimento.

Nesse momento, a porta de Amanvah abriu-se. Percebia-se muita coisa pela forma como alguém abria uma porta. Qualquer Jogral com experiência de palco o saberia. Amanvah não a abria da forma receosa de alguém arrependido nem da forma agressiva de alguém com temperamento inflamado. Fora uma ação calma e ponderada. Escondera a face com a sua máscara e continuava a vestir a túnica branca.

«Nucleado seja», pensou Rojer, invocando a sua máscara de Jogral enquanto Amanvah se sentava à sua frente, com olhos calmos mas penetrantes. Moveu-se ligeiramente para sentir o peso do medalhão ao pescoço.

– É isto que significa ser um Jogral? – perguntou Amanvah. – Dar cambalhotas e fingir cair para fazer rir crianças camponesas?

Rojer manteve a expressão serena, apesar de as palavras lhe darem vontade de arreganhar os dentes. Não era pior do que o

que ouvira a aristocratas arrogantes em Angiers, olhando-o do alto dos seus títulos enquanto o contratavam para os seus bailes e festas, mas as palavras feriam mais vindo da sua mulher.

Noite. Em que me envolvi eu?

– Não pareceste incomodada por atuar para os Sharum e para os dama na Fortuna de Everam – referiu Rojer.

– Na corte do Libertador, louvando Everam diante de convidados distintos e de Sharum leais! – silvou Amanvah. Sikvah apressou-se a afastar-se, ocupando-se noutro ponto do quarto. – A tua honra foi interminável nesse dia, marido, mas não poderás compará-la à indignidade de agir como um tolo diante de khaffit e chin.

– Khaffit – repetiu Rojer. – Chin. Estas palavras não significam nada para mim. Vi apenas gente na praça e cada um deles merece um pouco de alegria na sua vida.

A máscara de Amanvah era sólida, mas Rojer viu uma veia palpar na sua testa e soube que a tinha tocado. *Ponto para mim.*

Amanvah ergueu-se.

– Estarei na minha câmara. Sikvah, prepara o banho do nosso marido.

Sikvah curvou-se.

– Sim, Jiwah Ka. – E Amanvah saiu do quarto com passo apressado. – Desejas que prepare o teu banho? – perguntou Sikvah.

Rojer olhou-a, incrédulo.

– Claro. E corta-me também as bolas.

Sikvah estacou e, imediatamente, Rojer lamentou o que disse ao ver a expressão assustada na sua face.

– Eu... eu não...

– Esquece – disse Rojer, levantando-se e colocando a sua capa multicolorida. – Vou descer.

Sikvah olhou-o, preocupada.

– Há alguma coisa de que precisas? Talvez comida? Chá? Trarei o que desejares.

Rojer abanou a cabeça.

– Preciso apenas de caminhar por alguns momentos a sós com os meus pensamentos. – Indicou a cama. – Aquece-me a cama.

Sikvah não pareceu agradada com as instruções, mas a ordem de Rojer era clara e o seu marido aprendera que ela não recusaria sem bom motivo e sem a aprovação de Amanvah, faltando-lhe as duas coisas.

– Como queiras, marido.

Saiu do quarto, vendo Enkido e Gared no corredor. O eunuco de grilhetas douradas erguia-se rígido diante da porta de Amanvah, sem qualquer reação quando Rojer saiu.

Em contraste absoluto, Gared ocupava uma cadeira inclinada para trás, atirando cartas a um chapéu a alguns metros de distância. As suas armas repousavam contra a parede, facilmente alcançáveis.

– Ei, Rojer. Achei que já estivesses na cama. – Piscou-lhe o olho e riu-se como se tivesse dito uma piada hilariante.

– Não tens de passar a noite toda de vigia, Gar – disse-lhe Rojer.

Gared encolheu os ombros.

– Não. Mas costumo esperar que te deites antes de ir para a cama. – Indicou Enkido com um movimento da cabeça. – Não sei como aquele aguenta ficar ali como uma árvore durante a noite toda. Acho que não dorme.

– Desce comigo – disse-lhe Rojer. – Vou vasculhar atrás do balcão para ver se alguma coisa mais forte que chá escapou aos olhos do dama local. – Gared grunhiu e levantou-se. Rojer recolheu as cartas com rapidez ensaiada, baralhando-as enquanto descia os degraus. A taberna estava vazia além do estalajadeiro, Darel, que varria o chão. Como em todas as estalagens que visitara na estrada de Mensageiros para a Fortuna de Everam, os outros hóspedes tinham sido expulsos para acomodar a caravana de Leesha. Ela e a família, Gared, Wonda, Rojer e as suas esposas tinham recebido quartos, tal como os dal'Sharum e as suas mulheres. As restantes mulheres,

as crianças e os kha'Sharum dormiam em carroças dispostas em círculo no exterior.

Darel era um homem encorpado, mas há muito passara a idade de lutar, com mais grisalho na barba do que o seu alourado natural.

– Distintos mestres. – Curvou-se. – Como poderei servir-vos?

– Para começar, podes parar com essa merda de demónio – disse Rojer. – Somos todos chin aqui.

O homem descontraíu visivelmente, dirigindo-se para trás do balcão enquanto Rojer e Gared ocupavam bancos.

– Perdoem-me. Hoje em dia, nunca sabemos quem poderá estar à escuta.

– Uma grande verdade – considerou Gared. – É como pensar que poderemos ter uma guarda mal traçada algures.

– Tens alguma bebida a sério? – perguntou Rojer. – Tenho muita sede e não quero água. Há tanto tempo que não bebo nada que uma garrafa de desinfetante servirá.

Darel cuspiu para um escarrador de barro.

– O dama destruiu-me os barris de vinho no dia em que chegou ao povoado. Usou a bebida mais forte para regar uma pilha de tudo o que era «pecaminoso» na cidade e pegou-lhe fogo. Levou a boneca da minha neta. Disse que o seu vestido era indecente. – Voltou a cuspir. – A rapariga adorava aquela boneca. Mas será uma sorte não a ter levado a ela.

– É assim tão mau? – perguntou Rojer.

O estalajadeiro encolheu os ombros.

– A primeira semana foi dura. O dama veio com um papel do demónio do deserto que dizia que o povoado passava a pertencer à sua tribo. Houve quem resistisse e os Sharum fizeram-nos pagar. Quase todos obedeceram de então para cá.

– Então deixaram que comessem a mandar? – rosnou Gared.

– Não somos lutadores como a gente do Outeiro – disse Darel. – Vi o maior homem do povoado enfrentar um dama com metade do tamanho e ficar com os braços partidos como galhos

de árvore, apenas por se recusar a fazer uma vénia. Precisei de cuidar de mim e dos meus e não poderia fazê-lo morto.

– Ninguém te culpa – disse Rojer.

– Não é assim tão mau depois de aprendermos as regras – disse Darel. – A maior parte do livro sagrado krasiano diz o mesmo que o Cânone e, tal como nós, alguns são mais virados para a religião que outros. – Esboçou um sorriso e reduziu a voz a um sussurro. – E alguns são hipócritas. – Com aquilo, ergueu uma pequena garrafa de barro e dois copos minúsculos. – Alguma vez provaram couzi?

– Hmm-hmm – grunhiu Gared.

– Ouvi contar histórias – disse Rojer.

Darel riu-se.

– Por mais que falem no pecado do álcool, há entre a gente da areia quem destile uma bebida capaz de arrancar o verniz a uma porta.

Rojer e Gared receberam os copos que ofereceu, olhando-os com curiosidade. Rojer conseguia segurar o copo com facilidade mesmo usando a mão mutilada. O que Gared segurava parecia algo que uma criança usaria para servir chá a uma boneca.

– Mal dá para encher a boca. Bebe-se devagar ou depressa?

– Os primeiros dois depressa – recomendou Darel. – Torna-se mais fácil depois disso.

Tocaram os copos num brinde e esvaziaram-nos de uma vez só, arregalando os olhos. Rojer bebia desde os doze anos e achou que estaria habituado ao pior ardor provocado pelo álcool, mas aquilo era como beber fogo. Gared começou a tossir.

Darel limitou-se a rir, voltando a encher os copos. Voltaram a esvaziá-los e, daquela vez, tal como disse, foi mais fácil. Ou talvez tivessem apenas as línguas e as gargantas dormentes.

Gared esvaziou o terceiro copo, pensativo.

– Sabe a...

– ... canela – completou Rojer, movendo o líquido no interior da boca.

– Os krasianos são como o couzi. – Darel puxou os bigodes. – Ou como esta maldita barba que obrigam todos os homens a deixar crescer. Exigem algum tempo de habituação, mas, depois, deixam de ser assim tão maus. Deixam-me manter o negócio desde que pague os impostos e siga as regras e, se conseguir casar a minha neta antes de sangrar, não tenho de recear que as bruxas de branco lhe combinem o casamento.

Empalideceu subitamente, fixando o olhar em Rojer.

Rojer sorriu e ergueu a mão mutilada.

– Não molhes as calças. Posso ter casado com uma dama'ting, mas isso não significa que me assustem menos. Talvez seja boa ideia perderes o hábito de lhes chamares bruxas de branco. «Um ato praticado em privado acabará por se tornar público», como costumava dizer o meu mestre.

– Sim – concordou Darel. – É bem verdade.

– Que dizias? – disse-lhe Rojer. – Que os krasianos não são assim tão maus?

– Custa-me a engolir – disse Gared. – É como dizer que não é assim tão mau levar com uma bota no traseiro.

Darel encheu o seu copo de couzi e esvaziou-o com rapidez.

– Não digo que não sinta saudades dos bons velhos tempos e há quem esteja em situação muito pior que eu, mas, se nos lembrarmos de fazer vénias e de manter o nariz limpo, os krasianos deixam-nos em paz. Quando há uma disputa com um vizinho, procura-se o Orador do povoado em primeiro lugar e ele leva a questão ao dama se não for alguma coisa que consiga resolver no local. Os dama costumam ser justos, mas levam à letra aquela história de «olho por olho, dente por dente» do Cânone. Conheço um sujeito que perdeu uma mão por ter roubado uma galinha e outro que violou uma rapariga e teve de assistir enquanto faziam o mesmo à sua irmã.

Gared cerrou um punho.

– E isso não é assim tão mau?

Darel esvaziou outro copo.

– Sim, é mau. Mas não roubo galinhas nem violo raparigas. Calculo que acontecerá muito menos daqui para a frente. A lei

evejana é dura, mas ninguém poderá negar que resulta.

– E quando levam os rapazes? – perguntou Gared. – Se tivesse um filho, não aceitaria isso.

Darel bochechou com o seu terceiro copo, engolindo, pensativo.

– Tenho um neto que levaram. Não me agradou, mas deixam-no vir a casa todos os meses pela Lua Nova. Os rapazes passam por um mau bocado e voltam para casa com nódoas negras e arranhões, mas não ficam em pior estado que os rapazes krasianos. Aprendem a língua e as regras mais depressa que o resto de nós e o dama diz que os que merecerem a túnica negra se tornarão cidadãos de pleno direito, com todos os direitos de um senhor Sharum. Os que não conseguirem serão expulsos como khaffit. – Sorriu, esticando o pescoço. – O que não é muito diferente do que sempre fomos, sem contar com a comichão provocada pela maldita barba.

Roger provou o quarto copo. Ou seria o quinto? Sentia a cabeça começar a girar.

– Quantos rapazes levaram de... Onde estamos, afinal?

– Costumava chamar-se Macieira – explicou Darel. – Agora é um monte de palavras na língua das areias. Chamamos-lhe Vila Sharach. Porque passou a ser essa a nossa tribo. Tínhamos trinta rapazes na idade certa para o tal Hannu Pash.

Roger precisou de se segurar a Gared enquanto voltavam a subir os degraus. Bebera uma grande caneca de água e mastigara uma folha ácida, mas duvidava que as suas esposas se deixassem enganar quando cambaleasse a caminho da cama. Felizmente, Roger era aprendiz de Arrick Doce Canção e tinha muita experiência em fingir sobriedade quando estava muito longe dela.

– Constroem um exército maior do que o das Cidades Livres combinadas – disse, em voz baixa. – Lakton não tem hipótese.

– Temos de fazer alguma coisa – disse Gared. – Encontrar o Homem Pintado, lutar. Alguma coisa. Não podemos ficar sentados enquanto conquistam tudo a sul do Outeiro.

– A primeira coisa a fazer será avisar Lakton do que aí vem – disse Rojer. – Tenho algumas ideias a esse respeito, mas preciso de uma noite de sono e talvez de vomitar.

Precisou de toda a sua experiência como pantomineiro para se manter estável enquanto passava por Enkido. Se o eunuco gigante notou o seu estado, não deu disso qualquer sinal. No interior, Amanvah permanecia na sua câmara privada, com o brilho malévolos da luz das guardas escapando sob a porta. Dirigiu-se à cama sem problemas. Sikvah esperava-o, mas não disse nada quando desabou com a cara sobre a almofada. Sentiu que alguém lhe puxava as botas e a roupa, não resistindo nem tendo forças para ajudar. Acariciou-lhe as costas gentilmente, embalando-o, e depressa adormeceu.



CATORZE

A CANÇÃO DA LUA NOVA

333 DR Verão 20 Auroras antes da Lua Nova

ROJER SENTIA A CABEÇA LATEJAR quando o acordaram uma hora antes do amanhecer. A novidade de ter Sikvah a servi-lo, banhando-o, apanhando a roupa que deixava no chão, vestindo-o, começara a esgotar-se, mas sentiu-se grato naquele momento. Sentia-se como se a cabeça lhe tivesse sido escoiceada por uma mula e alguém lhe tivesse enchido a boca com algodão.

– Não bebo tanto desde Angiers – murmurou.

Sikvah ergueu o olhar.

– Hmm?

Abanou a cabeça.

– Nada. Vou precisar que entretenhas Erny e Elona na carruagem esta manhã. Preciso de falar com Leesha.

– Não é apropriado, marido – disse Amanvah, saindo da sua câmara pessoal com uma pequena caixa de madeira negra envernizada e muito polida. Passara toda a noite no interior? Rojer não se lembrava de ter vindo para a cama, mas dormira como uma pedra. – A filha de Erny é solteira e é a pretendida do meu pai. És um homem casado. Não podes...

Sikvah abotoava-lhe o punho da camisa, mas Rojer afastou a mão tão depressa que lhe motivou um gemido de espanto.

– Merda de demônio. Jurei ser um marido bom e leal e fui sincero, mas isso não significa que tenha abdicado do direito de falar em privado com os meus amigos. Se achares o contrário, temos um problema.

Sikvah pareceu escandalizada e Amanvah passou um longo momento em silêncio, olhando a caixa que segurava e tamborilando os dedos de uma mão sobre o topo. Rojer percebeu que dificilmente a veria mais irritada, mesmo que algum dia lhe cravasse uma faca no olho ou ordenasse a Enkido que lhe partisse os dedos.

Mas, naquele momento, não lhe importou. «O casamento é a morte da liberdade», costumava dizer o seu mestre. Abanou a cabeça, fazendo questão de abotoar o seu próprio punho. *Não para mim. Maldito seja se o permitir.*

Por fim, Amanvah olhou para cima e enfrentou o seu olhar.

– Como desejares, marido.

Leesha ficou um pouco surpresa quando Rojer pediu para viajar com ela naquela manhã, mas não o questionou. Recordou a si mesma que continuava irritada pela sua decisão de casar, mas seria mais sincera se admitisse que sentia muitas saudades dele. Rojer fora o seu melhor amigo e confidente mais próximo durante mais de um ano e sentia um vazio quando não estava por perto.

Amanvah e Sikvah tinham erigido uma muralha impenetrável com mais do que o seu canto e os seus gritos. Quando pararam para passar a noite, tinham guardado Rojer como leões guardariam uma presa. Era a primeira vez que estava sozinha com ele desde o início da viagem e, mesmo assim, tinham de manter as cortinas da carruagem abertas para respeitar o sentido de decência krasiano. Sharum passavam regularmente junto à carruagem, sem sequer esconderem que espreitavam para assegurar que permaneciam vestidos e sentados em bancos afastados.

Mas, mesmo assim, tinham privacidade. Gared e Wonda cavalgavam de cada lado da carruagem para manter todos os outros à distância e Leesha escolhera um condutor que sabia

não falar uma palavra de thesano. A maioria dos krasianos que sabiam dizer mais do que «por favor» e «obrigado» em thesano tendiam a guardar os seus conhecimentos em segredo, como Amanvah e Sikvah tinham feito, mas os outeiros aprenderam o truque e tinham afastado a maior parte durante a semana anterior. Elona revelara-se particularmente hábil nesse jogo, fazendo afirmações escandalosas e observando-os cuidadosamente à procura de sinais.

– Acho que a minha mãe terá apreciado demasiado a tua carruagem – disse Leesha. – Talvez seja difícil convencê-la a regressar a esta quando pararmos para almoçar.

– O ambiente estará um pouco frio – disse Rojer. – Amanvah e Sikvah não gostaram da ideia de ficarmos a sós.

– Terão de viver com isso. – Leesha indicou a janela com um movimento da cabeça, vendo Kaval passar a cavalo. – Ahmann também. Não aceitei afastar todos os homens da minha vida quando me deitei com ele, independentemente do que possa pensar a sua gente.

– É precisamente o que penso – concordou Rojer. – Mas acho que será uma batalha duradoura.

Leesha sorriu.

– É assim o casamento, pelo que sei. Arrependes-te da decisão?

Rojer abanou a cabeça.

– Ninguém pode dançar de graça. Deixo as minhas moedas no chapéu, mas nucleado seja se aceitar pagar mais do que é justo.

Leesha acenou com a cabeça.

– Qual é o motivo de conversa que justifica arriscar a ira das tuas esposas?

– O teu pretendido – respondeu Rojer.

– Não é... – começou Leesha.

– Usas o estatuto para pressionar os krasianos como se fosse – interrompeu Rojer. – Em que ficamos?

Leesha sentiu uma pontada na têmpora e fingiu afastar o cabelo para poder esfregá-la.

– Que te importa? Não me consultaste acerca do casamento.

– As minhas mulheres não raptam todos os rapazes são abaixo dos quinze anos – disse Rojer. – Se metade deles sobreviverem ao Hannu Pash...

– Em poucos anos, Ahmann terá um exército de fanáticos thesanos suficientemente numeroso para conquistar tudo daqui até Forte Miln – concluiu Leesha. – Não sou cega, Rojer.

– Então que pretendes fazer? – perguntou Rojer.

– Construir um exército próprio – respondeu. – O Outeiro terá de continuar a expandir-se e a treinar Lenhadores para a batalha. Ahmann declarou que somos uma tribo e não nos atacará se não o atacarmos primeiro.

– Acreditas realmente nisso? – perguntou Rojer. – Admito que não é como esperava, mas confias nele?

Leesha respondeu com um aceno afirmativo.

– Ahmann será muitas coisas, mas é honesto. Não escondeu os seus planos de conquistar todos os que se não lhe juntarem voluntariamente na Sharak Ka, mas isso não significa necessariamente que todos devam curvar-se perante ele durante o dia.

– E se significar? – perguntou Rojer.

– Nesse caso, talvez aceite a minha mão como uma conquista simbólica – disse Leesha. – Não é a minha primeira escolha, mas será melhor do que uma guerra aberta entre vizinhos.

– Poderá salvar o Outeiro – disse Rojer –, mas Lakton continua no cadafalso. Talvez a cidade consiga resistir melhor que Forte Rizon, mas os povoados não poderão ser defendidos. Os krasianos não tardão a engoli-los.

– De acordo – disse Leesha. – Mas não poderemos fazer muito a esse respeito.

– Poderemos avisá-los – sugeriu Rojer. – E pedir que passem a palavra. Poderemos oferecer refúgio e treino no Outeiro enquanto ainda é possível viajar pelas estradas.

– E como poderemos fazê-lo? – perguntou Leesha.

Rojer sorriu.

– Continua a fazer o teu número de princesa. Exige um teto todas as noites enquanto passarmos por Lakton. E bastará de expulsar os hóspedes das estalagens. Vou estrear a minha nova canção e preciso de um público.

– Não me parece que seja boa ideia, mestra – disse Kaval. Era o Sharum de patente mais elevada e o seu véu vermelho esvoaçava à volta do pescoço sob o sol do meio-dia. Tinham feito uma pausa breve para o almoço e para permitir que esticassem as pernas. O tom do instrutor era educado, mas havia frustração perceptível por baixo da camada superficial. Não estava habituado a dar explicações a mulheres.

– Não me importa a tua opinião, Sharum – disse-lhe Leesha.
– Não dormirei na berma da estrada com pedras como almofada quando há estalagens perfeitamente aceitáveis até ficarmos a dois dias de caminho do Outeiro.

Kaval franziu a testa.

– Já não estamos nas terras do Shar'Dama Ka. Será mais seguro...

– Acampar na estrada onde bandidos poderão atacar-nos durante a noite? – interrompeu Leesha.

Kaval cuspiu no chão.

– Os cobardes chin não se atreverão a atacar-nos durante a noite. Seriam chacinados pelos alagai.

– Bandidos ou demónios. Não pretendo passar a noite com uns ou com os outros – ripostou Leesha.

– A mestra nunca antes mostrou recear os alagai – referiu Kaval. – Preocupar-me-ia mais com lanças escondidas nalgum povoado chin desconhecido.

– O que se passa? – perguntou Amanvah, aproximando-se.

Kaval levou imediatamente um joelho a terra.

– A mestra deseja dormir num povoado chin esta noite, dama'ting. Disse-lhe que não era sensato...

– Está certa, claro – considerou Amanvah. – Também não desejo dormir na noite nua. Se receias alguns chin locais – pronunciou a palavra com desprezo –, deixa-nos na estalagem e

ergue uma tenda na floresta para te esconderes até ao amanhecer.

Leesha conteve um sorriso enquanto via Kaval curvar-se ainda mais para esconder a expressão de fúria.

– Não tememos nada, dama'ting – disse-lhe o instrutor. – Se é este o teu desejo, requisitaremos...

– Não farás nada disso – interrompeu Leesha. – Como disseste, já não estamos na terra do Libertador. As nossas camas serão pagas e não requisitadas com lanças. Não somos ladrões.

Leesha quase juraria conseguir ouvir o ruído do ranger de dentes. Os olhos de Kaval moveram-se para Amanvah, esperando que anulasse a ordem, mas a rapariga manteve um silêncio sensato. Recuperara alguma da sua altivez anterior, mas ambas recordavam o que acontecera da última vez que irritara Leesha.

– Chama os Sharum. Os vinte e um. E pede-lhes que se sentem ali. – Leesha apontou uma pequena clareira. – Dirigir-me-ei a eles enquanto comem. Não quero equívocos acerca do que será comportamento aceitável, tanto para batedores que enviemos à frente como para o grupo principal quando chegarmos a um povoado.

Afastou-se a caminho dos caldeirões onde as dal'ting preparavam o almoço para a caravana sob olhar atento de Shamavah. A maioria receberia uma sopa castanha grossa de caldo de carne e farinha com batatas e vegetais, juntamente com meio pão. Os Sharum comiam melhor, com espetos de cordeiro e cuscuz além da sua sopa, que tinha grandes nacos de carne. Leesha, os seus pais, Rojer e as suas esposas comiam ainda melhor: faisão assado coberto de ervas, costeletas de borrego e cuscuz temperado com especiarias e engrossado pela manteiga.

Leesha aproximou-se de Shamavah.

– Falarei com os Sharum ao almoço. Precisarei que traduzas as minhas palavras.

– Claro, mestra. – Shamavah curvou-se. – Seria uma grande honra.

Leesha apontou o local onde os guerreiros começavam já a reunir-se.

– Certifica-te de que se sentam formando uma meia-lua e de que receberão malgas. – Shamavah acenou afirmativamente e afastou-se, apressada.

Leesha dirigiu-se à mulher que preparava a sopa dos Sharum, retirando-lhe a concha das mãos e provando.

– Precisa de mais especiarias – disse, retirando alguns punhados dos recipientes de especiarias que as cozinheiras tinham disposto e atirando-as para dentro da sopa. Juntamente com algumas ervas do seu avental.

Fingiu voltar a provar.

– Perfeito.

Roger susteve a última nota da *Canção da Lua Nova* durante muito tempo, mantendo os olhos fechados, sentindo a madeira vibrar-lhe nas mãos. Interrompeu a nota de repente e Amanvah e Sikvah seguiram-no sem dificuldade.

Arrick chamava-lhe «o silêncio antes do rugido», aquele momento precioso de pausa entre a última nota de uma interpretação brilhante e o aplauso da multidão. Com as cortinas pesadas corridas, até a miríade de sons da caravana se via abafada.

Roger sentiu um aperto no peito e percebeu subitamente que sustinha a respiração. Não havia ninguém para o aplaudir, mas ouviu o ruído mesmo assim. Podia dizer sem excessos de confiança que, como trio, superavam qualquer coisa que tivesse feito sozinho.

Expirou lentamente, abrindo os olhos no exato momento em que Amanvah e Sikvah abriam os seus. Aqueles olhos belíssimos diziam-lhe que também sentiam o poder do que tinham construído.

Se soubessem, pensou Rojer. Em breve, meus amores. Em breve, mostrar-vos-ei.

Meus amores. Começara a chamar-lhes aquilo na sua cabeça, ainda que não o fizesse em voz alta. Pretendera que fosse uma piada, tratando por «amor» mulheres que mal conhecia, mas nunca fora engraçado. Houve momentos em que era apaixonado e outros, como na noite anterior e naquela manhã, em que se sentia amargurado.

E havia momentos como aquele, quando o vazio deixado pelo fim da música se preenchia com um amor tão sincero como conseguiria imaginar. Olhou as suas esposas e o que sentia ao ver Leesha Papel empalidecia por comparação.

– O meu mestre costumava dizer que a perfeição não existia na música – disse –, mas nucleado seja se não estamos perto.

A *Canção da Lua Nova* original tinha sete estrofes, cada qual com sete versos, cada verso com sete sílabas. Amanvah disse que era assim porque existiam sete pilares no Paraíso, sete terras em Ala e sete níveis no abismo de Nie.

A tradução fazia o seu momento de glória anterior, *A Batalha do Outeiro do Lenhador*, parecer uma cançoneta reles. A *Canção da Lua Nova* exercia o seu poder tanto sobre humanos como sobre nuclitas, era música capaz de dominar por completo um demónio e as palavras necessárias para dizer aos laktonianos o que precisavam de saber.

O Homem Pintado tinha pedido mais magos do violino como ele, mas Rojer falhara esse objetivo, chegando mesmo a questionar se o talento poderia ser ensinado. Começara a sentir-se como se estivesse bloqueado, tendo atingido o seu auge aos dezoito invernos. Mas, naquele momento, deparara-se com algo novo e sentia o seu poder voltar a crescer. Não era o que ele ou o Homem Pintado procuravam. Era algo ainda mais forte.

Desde que, claro, as suas esposas a interpretassem com ele e desde que os krasianos não percebessem o que fazia e o matassem por isso.

Amanvah e Sikvah curvaram-se.

– É uma honra acompanhar-te, marido – disse Amanvah. – Everam fala contigo, como diz o meu pai.

Everam. Rojer começava a fartar-se de ouvir o nome. O Criador não existia, com aquele nome ou com qualquer outro. «Não há grande diferença entre Homens Santos e Jograis, Rojer», costumava dizer Arrick. «Contam as mesmas velhas histórias de taberna uma e outra vez, maravilhando campónios e tolos e ajudando-os a esquecer a dor da vida.»

A seguir, rir-se-ia. «Só que são mais bem pagos e respeitáveis.»

Uma imagem surgiu na mente de Rojer: o brilho vermelho malévolo que escapava sob a porta da câmara privada de Amanvah todas as noites. Teria passado lá a noite inteira.

A tua Jiwah Ka consulta os dados para ajudar a guiar o teu caminho.

Rojer não fingia compreender a magia dos ossos das dama'ting, mas Leesha explicara-lha vezes suficientes para perceber que não tinha nada de divino. A ciência do velho mundo não permitira a utilização «do relâmpago no céu, do vento e da chuva»? Não sabia o que os dados lhe diziam, mas não era a palavra do Criador e não lhe agradava a ideia de obedecer cegamente aos seus desígnios.

– Os teus dados concordam? – perguntou, mantendo o seu tom de voz cuidadosamente neutral. Sikvah inspirou bruscamente, mas Amanvah manteve a máscara, não dando qualquer sinal dos seus verdadeiros sentimentos. O Jogral nele eriçou-se. Era um passatempo comum no salão da Guilda tentar fazer outros Jograis rir ou sair da personagem de qualquer outra forma enquanto ensaiavam os seus números. Rojer considerava-se exímio a fazê-lo.

Inclinou-lhe a cabeça. *Passarei o resto da minha vida a tentar arrancar-te uma reação sincera?*

– Os alagai hora nunca são absolutos, marido. São apenas um guia.

– E que te dizem a meu respeito? – perguntou Rojer.

Sikvah silvou.

– É proibido perguntar...!

– Para o Núcleo com isso! – ripostou Rojer. – Não dançarei uma melodia imaginária.

Amanvah voltou-se para levar a mão a um grande saco de veludo como aquele em que as dama'ting guardavam os seus ossos de demónio. Com as cortinas pesadas corridas, não havia luz natural na carruagem, o que era perfeito para magia dos hora. Estacou, desejando ter mantido uma faca presa ao pulso.

Mas Amanvah limitou-se a retirar um embrulho, entregando-lho com uma vénia.

– Os dados dizem-me muito e pouco a teu respeito, marido. O teu poder é inegável, mas o caminho da tua vida está marcado por divergências. Há futuros em que hordas de alagai dançam a tua música e outros em que o teu dom é desperdiçado. Grandeza e fracasso.

Roger desembalhou o pano garrido, expondo a pequena caixa de madeira que lhe vira nas mãos nessa manhã.

– Mas, quando lhes perguntei se devia casar contigo, disseram-me que sim e, quando perguntei que presente de casamento poderia ajudar-te a alcançar a grandeza, conduziram-me até isto.

Roger não sentiu qualquer gratidão. Passara todo aquele tempo sozinha para lhe fazer um presente? Criador... Esperaria que retribuísse? Ninguém lho dissera. Tentaria lembrar-se de perguntar a Shamavah qual era o costume quando parassem para passar a noite, ouvindo o seu conselho acerca do presente ideal, se fosse necessário.

Amanvah curvou-se numa vénia tão demorada como nunca vira, quase tocando a carpete no chão da carruagem com a cabeça.

– Aceita as minhas desculpas por demorar tanto a oferecer-te. Comecei a trabalhar há duas semanas, julgando que teria meses para o preparar. Os dados não previram que decidisses proferir os teus votos tão rapidamente.

Roger passou os três dedos da mão direita sobre a superfície lisa da caixa, sentindo as guardas que tinham sido queimadas na madeira antes de ser envernizada. Algumas eram guardas de

proteção, mas não conhecia a maior parte. Nunca tivera qualquer perícia para traçar guardas.

O que tem dentro?, pensou. Que teriam os dados demoníacos ordenado que lhe fizesse? Surgiu-lhe na cabeça uma imagem de Enkido. *Se for um par de grilhetas douradas, pego no meu saco de maravilhas e saio pela porta fora com a carruagem em movimento.*

Abriu a caixa e arregalou os olhos. No interior, sobre um leito de seda, havia um apoio para o queixo para usar com um violino, feito de pau-rosa polido com um centro moldado em ouro e preso a uma mola dourada. A peça estava coberta com guardas gravadas no ouro e talhadas no verniz da madeira, preenchidas com tinta dourada. Era belíssimo.

Como todos os instrumentos modernos, os violinos de Arrick e Jaycob tinham apoios para o queixo, mas o instrumento antigo que Rojer trouxera da sala do tesouro do Homem Pintado não, remontando talvez aos tempos antes da inovação. Um apoio para o queixo permitia ao músico manter o violino na posição certa apenas com o pescoço, libertando a mão para outras coisas, se fosse necessário.

– A peça foi feita pelo artesão que fabricava os instrumentos para o duque Edon. Foi concebida para o arauto real. – Rojer tocou com reverência o objeto enquanto Amanvah falava. – Precisei de muitas horas para a guardar e para a enriquecer com hora.

Rojer encolheu-se, afastando a mão como se a tivesse queimado.

– Hora? Há osso de demónio aqui dentro?

Amanvah riu-se. Era um som musical que Rojer raramente ouvia. *Será real, pensou, ou apenas parte da máscara?*

– Não pode magoar-te, marido. O mal de Nie morre com os alagai, mas os seus ossos continuam a conter a magia de Ala, criada por Everam muito antes de Nie ter criado o abismo para a perverter.

Rojer franziu os lábios.

– Mesmo assim...

– Contém apenas uma lasca de osso – explicou Amanvah. – Coberta com guardas e ouro puro.

– O que faz? – perguntou Rojer.

Amanvah esboçou um sorriso tão amplo que Rojer conseguiu vê-lo através do véu translúcido e, mesmo para o seu olhar experiente, pareceu-lhe verdadeiramente genuíno e provocou-lhe um arrepio.

– Experimenta-o – sussurrou Amanvah, erguendo o violino e entregando-lho.

Roger hesitou por um momento. A seguir, encolheu os ombros e recebeu o instrumento, prendendo a mola ao braço no ponto onde a ressonância seria maior. Girou os parafusos com cuidado para a apertar sem danificar a madeira e apoiou o violino contra o queixo, prendendo-o no sítio sem usar as mãos. Sentiu um ligeiro formigueiro onde lhe tocou a pele, quase como se ficasse dormente.

Esperou.

– Que é suposto acontecer?

Amanvah voltou a rir.

– Toca!

Roger ergueu o arco na mão mutilada e o braço do violino na outra, tocando uma melodia rápida. A ressonância chocou-o. O instrumento tornara-se duplamente mais sonoro.

– É espantoso.

– E isso sucede com a maior parte das guardas tapadas pelo teu queixo – explicou Amanvah. – Destapa-as e o som aumentará de intensidade.

Roger arqueou-lhe uma sobrancelha e voltou a tocar. A princípio, manteve a madeira coberta e o instrumento parecia mais sonoro do que o normal. Lentamente, ergueu o queixo, expondo mais guardas, e o volume começou a aumentar. Ergueu mais ainda o queixo e o volume duplicou e voltou a duplicar, fazendo os seus dentes estremecerem enquanto as esposas cobriam os ouvidos. Por fim, a dor fê-lo parar e a maior parte da peça continuava coberta.

– Isto abafará as vossas belas vozes – disse Rojer.

Amanvah abanou a cabeça, erguendo o véu para expor uma correia dourada com uma bola guardada no centro, apoiada contra a garganta. Sikvah mostrou uma joia semelhante no seu pescoço.

– Conseguiremos acompanhar-te, marido.

Rojer abanou a cabeça, atordoado. *Talvez a magia de ossos e dados não seja tão má, afinal.*

– Não sei o que dizer – disse, por fim. – É o presente mais espantoso que alguém me deu alguma vez, mas não tenho nada para dar em troca.

Amanvah e Sikvah riram-se.

– Já esqueceste a canção que acabámos de cantar? – perguntou Amanvah. – Foi o teu presente de casamento ao nosso santo pai. – Pousou-lhe uma mão sobre o braço. – Cantá-la-emos contigo esta noite para os chin.

Rojer acenou com a cabeça, subitamente roído pela culpa. Não faziam ideia do que a canção diria aos laktonianos.

O povoado de Pasto Verde parecia deserto quando a caravana chegou, não havendo sinais de humanos ou de gado nos campos. Os poucos indícios vagos de movimento desapareceram prontamente sobre as colinas, a caminho das florestas. Deixaram a caravana na estrada de Mensageiros enquanto as carruagens se dirigiram para o povoado. Mesmo então, continuaram sem ver ninguém.

– Não me agrada isto – disse Kaval. Coliv disse-lhe alguma coisa em krasiano, motivando-lhe um grunhido.

– O que foi? – perguntou Leesha.

– Diz que os chin apenas conseguem ser ligeiramente mais silenciosos que um trovão. Estão à nossa volta, espreitando de cada janela e de cada esquina. Enviá-lo-ei à frente como batedor...

– Não o farás – disse Leesha.

– É um Vigia Krevakh – disse Kaval. – Asseguro, mestra, que a gente das terras verdes nem sequer perceberá a sua presença.

– Não é deles que tenho medo – disse Leesha. – Quero-o aqui onde possa vê-lo. Esta gente tem motivo para cautela, mas não faremos nada para ameaçá-los.

No momento seguinte, a praça central tornou-se visível, rodeada por casas e lojas. Havia cinco homens esperando nos degraus da estalagem, dois armados com arcos de caça prontos a disparar e outros dois com forquilhas longas.

Leesha ordenou que parassem e saiu da sua carruagem. Foi imediatamente acompanhada por Rojer, Gared, Wonda, Amanvah, Enkido, Shamavah e Kaval.

– Deixem-me ser eu a falar – disse Leesha enquanto se aproximavam.

– Não parecem interessados em falar, mestra – disse Kaval, movendo a cabeça para um lado e para o outro. Viu arqueiros em todas as janelas à volta da praça.

– Não dispararão se não lhes dermos motivo – disse Leesha, desejando sentir-se tão confiante como as suas palavras. Ajeitou o avental para que todos vissem que era uma Herbanária. A capa de remendos multicoloridos de Rojer denunciava-o como Jogral, outro ponto em seu favor.

Rojer e Enkido posicionaram-se entre os arcos e Amanvah, com Gared protegendo Rojer. Leesha foi igualmente cercada por Kaval e Wonda.

– Ó da estalagem! – gritou Rojer. – Não pretendemos fazer mal. Procuramos apenas abrigo pago. Podemos aproximar-nos?

– Deixem as lanças aí! – gritou um dos homens.

– Não farei tal... – começou Kaval.

– A tua lança ou tu próprio, instrutor – interrompeu Leesha. – É um pedido justo e facilmente poderiam atingir-te onde estás.

– Kaval emitiu um rosnado baixo, mas curvou-se e pousou a lança, tal como Enkido.

– Quem são vocês? – perguntou o líder do grupo quando chegaram ao alpendre.

– Leesha Papel – respondeu Leesha.

O homem pestanejou.

– A mestra do Outeiro?

Leesha sorriu.

– A própria.

O homem semicerrou os olhos.

– Que fazes tão para sul? E com esta companhia? – Indicou os krasianos com a cabeça.

– Regressamos de um encontro com o líder krasiano – respondeu Leesha – e desejamos pernoitar no Pasto Verde.

– Desde quando enviam Herbanárias em missões diplomáticas? – perguntou o homem. – É trabalho de Mensageiro.

Roger deu um passo em frente, estendendo uma mão com um movimento da capa.

– Sou o arauto do Outeiro do Libertador. Roger Meia-Mão, antigo aprendiz de Arrick Doce Canção, outrora o arauto do duque Rhinebeck de Angiers.

– Meia-Mão? – repetiu o homem. – Aquele a quem chamam mago do violino? – Roger esboçou um sorriso amplo, confirmando com um aceno.

– Conhecem os nossos nomes, mas não conhecemos os vossos – disse Leesha. – Suponho que serás Havold, o Orador do povoado?

– Sim. Como sabias? – perguntou o homem.

– A vossa Herbanária, a mestra Ana, escreveu-me outrora, pedindo conselhos sobre como curar a tua filha Thea de uma tosse – disse Leesha. – Está de boa saúde, espero?

– Foi há dez anos – disse Havold. – Já tem filhos dela e não me agrada que durmam a um quilómetro de um bando de krasianos assassinos. Ouvimos as histórias dos que passaram por aqui no inverno passado, fugindo deles. – O seu queixo coberto com barba apontou Kaval e Enkido enquanto os lábios expunham a ponta dos caninos.

Leesha desejou que o instrutor não engolisse o isco e suspirou quando permaneceu em silêncio.

– Não posso falar por todos eles, mas posso falar pelos homens na minha caravana. Se forem deixados em paz, não incomodarão ninguém. A maioria permanecerá nas suas

carroças na estrada, mas os meus pais são gente de idade e agradeceria muito algumas camas para passar a noite. Como o meu arauto vos disse, podemos pagar em dinheiro e em entretenimento.

A boca de Havold formava uma linha rígida, mas acenou afirmativamente.

Leesha sentava-se na taberna com os seus pais, Gared, Wonda, Kaval e Enkido enquanto Rojer afinava o violino sobre uma cadeira simples de costas rijas num canto mal iluminado, com Amanvah e Sikvah ajoelhando-se sobre pano limpo de cada lado. Leesha percebia que o instrutor e o eunuco estavam inquietos com a presença de Amanvah e Sikvah no palco (tais coisas eram inauditas em Krasia), mas mantiveram-se tranquilos após alguns sussurros ríspidos da dama'ting. As outras mesas e bancos junto ao balcão estavam apinhados com os pastoverdeiros e havia mais ainda de pé ao fundo. Um Jogral atrairia sempre uma multidão, mas havia tantos olhares fixos nos krasianos à sua mesa como no palco e nem todos eram amistosos. O burburinho generalizado impediu Leesha de perceber pormenores das conversas, mas havia murmúrios irados por toda a taberna.

Por fim, a música começou.

Rojer não fizera nada para aquecer o público como no dia anterior. Nada de acrobacias ou malabarismos, nada de truques de magia, piadas ou histórias. Com as esposas no palco, limitou-se a tocar e nada mais.

Como fizera no salão de Ahmann, começou com uma melodia lenta e tranquila, aumentando a complexidade e o volume até o som encher a taberna, enfeitiçando todos os que ouviam. O público silenciou-se, vidrando os olhos. No seu coração, Leesha sabia que a sua forma de tocar não era verdadeiramente mágica, mas a forma como humanos e demónios eram afetados por ela sugeria realmente o contrário. Tinha um dom que ninguém poderia negar.

Quando a música iniciou um crescendo, Amanvah e Sikvah começaram a cantar, primeiro sem palavras, depois em thesano

perfeito:

*Everam o Criador
Viu o negrume frio de Nie
E sentiu insatisfação
Criando a abençoada Ala
Incendiou sol e lua como luzeiros
E criou homens à Sua imagem
Everam sentiu agrado
Nie sentiu-se vexada pela Criação
Manchando o Seu vazio negro perfeito
Pretendeu esmagar Ala
Quando Everam lhe travou a mão
Nie cuspiu negrume sobre o Seu mundo
A Mãe de todos os demónios
A Alagai'ting Ka estendeu as garras
Everam soprou um grande fôlego
Girando toda a Sua Criação
A Rainha dos Demónios fugiu
Ante o sol sagrado e o luar
Amaldiçoando, a Alagai'ting Ka
Refugiou-se no abismo negro
No centro de Ala
Mas Ala girou e a noite caiu
Trazendo os filhos sombrios de Nie
Gerados pela Alagai'ting Ka
Os destruidores, alagai
Everam contra o poderio de Nie
Exortou os homens a defenderem-se
Firmes no luar frio
O luar sempre incerto
O poder dos alagai crescendo
E, quando a lua desaparece do céu
Alagai Ka percorre Ala
Guardai a mente quando a Lua Nova começa
Para que o pai dos demónios
Não devore vossos pensamentos e sonhos*

*Everam Grande e Poderoso
Enviou a Seus filhos um último dom
Enviou-nos o Libertador
Shar'Dama Ka mostra o caminho
Para a glória e a luz do Paraíso
Unindo os filhos de Everam
Para limpar a escória da Rainha dos Demónios
Shar'Dama Ka aí vem
Para unir a humanidade
Ajoelhai diante dele e de Everam
Ou a sua lança conheceréis
Banhai-vos em sangue de alagai
Na gloriosa batalha
Da Sharak Ka, a Primeira Guerra*

Leesha sentiu uma dor na mão e percebeu que segurara a chávena de chá com tanta força que os seus nós dos dedos tinham empalidecido. Forçou-se a descontraír e a olhar em redor, vendo a taberna susteír a sua respiração coletiva. Depois do último verso, esperou que os krasianos erguessem as armas, apesar de terem sido todas deixadas nos seus quartos, ou que os pastoverdeiros se revoltassem. Ao invés, viu-se envolvida por uma cacofonia sonora. Kaval e Enkido rugiam e batiam com os pés, fazendo o pó cair das traves do teto. O aplauso dos thesanos era tão sonoro como uma caixa inteira de foguetes festivos.

Subestimara Rojer e não pela primeira vez. Parecia um rapaz com oito verões e com os primeiros indícios de barba na cara. Frequentemente, as suas ações faziam-no parecer ainda mais novo, petulante, impetuoso e inequivocamente teimoso. Leesha preocupava-se sempre que ignorava os seus conselhos, certa de que saberia mais que ele, de que conseguiria resolver todos os seus problemas se lhe desse ouvidos e fizesse o que mandava.

Mas Rojer fizera mais com uma canção do que poderia ter imaginado, dizendo aos pastoverdeiros tudo o que precisavam de saber sobre os krasianos e as suas crenças, advertindo-os do

perigo da Lua Nova e dizendo-lhes com clareza que o exército de Ahmann vinha a caminho.

E fizera-o sob os narizes dos krasianos, não revelando nada que os seus dama não bradassem de púlpitos e minaretes. Era como se tivesse dito que o céu era azul. Amanvah e Sikvah acreditavam ter cantado a glória do pai quando, na verdade, advertiam quem ouvia a canção para reunir os seus pertences e fugir com toda a velocidade.

Leesha acostumara-se a estar certa, mas, subitamente, era ela quem se sentia perdida e era Rojer quem conseguia ver as guardas na rede.

– Foi magnífico, Rojer – disse, erguendo-se enquanto respondiam com vérias aos aplausos a caminho da mesa. Kaval e Enkido ergueram-se imediatamente, rodeando as mulheres e protegendo-as.

– Obrigado – disse Rojer. – Mas foi um esforço conjunto. Nunca teria conseguido sem Amanvah e Sikvah.

– O meu marido é demasiado modesto – disse Amanvah. – Ensinámos-lhe uma canção que todos conhecem e ajudámo-lo a compreender o significado das suas palavras, mas foi ele quem a traduziu para a vossa língua, encontrando rimas e palavras como nunca poderíamos aspirar a fazer.

Leesha sorriu.

– Penso que também és modesta, Amanvah. – Olhou Rojer. – Mas é verdade que Rojer acrescentou... toques subtis que só poderemos classificar como brilhantes.

Por um instante, Rojer olhou-a com intensidade, demasiado rápido para que os outros percebessem. Amanvah olhou-a, curiosa, e Leesha desejou não subestimar outras pessoas além de Rojer. A dama'ting podia ser jovem, mas não era tola.

Havold aproximou-se depois do espetáculo e Leesha ensinou-lhe a guarda do demónio da mente e como fazer faixas com ela para serem usadas na Lua Nova.

– Queres dizer que aquelas coisas são reais? – perguntou Havold, abrindo a boca de espanto.

– Todas as ameaças na canção são reais, Orador – disse Leesha. – Todas.

Rojer acordou na manhã seguinte sentindo o colchão de penas mover-se quando Amanvah e Sikvah se levantaram. Esforçavam-se para não o acordarem, mas, após muitas noites entre os ladrões habilidosos da Guilda dos Jograis, aprendera a ter sono leve.

Manteve a respiração estável, fingindo mover-se no sono para ver melhor enquanto as mulheres acendiam lanternas de óleo e iniciavam o seu ritual matinal. Ainda não amanhecera e Rojer dormiria de bom grado mais uma hora antes de precisar de se erguer para se juntar à caravana, mas algumas coisas eram melhores que o sono.

Ver as suas esposas fazerem exercício era uma dessas coisas.

Amanvah e Sikvah vestiam apenas calças e blusas largas e diáfnas, deixando pouca coisa à imaginação enquanto assumiam as suas posturas de sharusahk. Rojer sentiu-se enrijecer e moveu-se sob os cobertores para se pressionar um pouco, contendo um gemido de prazer enquanto pensava na sorte que tinha.

Como sempre, as mulheres pareciam ter um sexto sentido que detetava a sua excitação. Voltaram-se para ele e Rojer não foi suficientemente rápido para fechar os olhos. Cessaram os exercícios imediatamente e dirigiram-se para ele.

– Não, por favor – disse Rojer. – Não interrompam por mim. Gosto de ver.

Sikvah olhou Amanvah, que encolheu os ombros, e retomaram as posturas.

– O vosso sharusahk não se assemelha nada ao que Gared e Wonda aprendem com Kaval – disse-lhes.

Amanvah roncou de desprezo.

– O sharusahk dos Sharum é como uivos de lobos à lua. Até o dos dama é apenas um canto de grilo. Isto – e uniu várias posturas numa sequência – é música.

Rojer concentrou-se, pensando em Darsy Lenhador, a pouco atraente Herbanária do Outeiro do Libertador. Imaginou-a nua e

a sua excitação perdeu-se antes de se erguer da cama, colocando-se diante de Amanvah, imitando-a enquanto passava de postura em postura.

Era surpreendentemente difícil, mesmo para alguém com treino de palco. Rojer conseguia mover-se sobre as mãos, dar cambalhotas e piruetas e dançar todas as danças dos salões reais ou das festas campestres, mas os sharukin testavam músculos que nem sabia possuir, forçando-o a melhor equilíbrio do que era necessário para equilibrar uma bola enquanto tocava violino.

Sikvah riu-se.

– Muito bem, marido.

– Não me mintas, jiwah – disse-lhe Rojer, sorrindo para a fazer perceber que a repreensão não era sincera. – Sei que foi horrível.

– Sikvah não mente – disse Amanvah, ajustando-lhe a postura. – Tens bons movimentos. Apenas o centro não está correto.

– O centro?

– Imagina que és uma palmeira dançando ao vento – disse Amanvah. – Vergas, mas não quebras.

– Fá-lo-ia de bom grado – disse Rojer –, mas nunca vi uma palmeira. Será como pedires-me que imagine uma fada.

Amanvah não franziu a testa, mas também não sorriu. Nos seus olhos, percebia-se que o sharusahk não permitia qualquer tentativa de humor. Rojer engoliu o sorriso e deixou-a guiá-lo.

– O teu centro é a linha invisível que te liga a Ala e ao Paraíso – explicou. – É equilíbrio, mas também é muito mais que isso. É o local calmo do silêncio, o local profundo onde tombas quando deixas a música dominar-te, o local apaziguador onde ignoras a dor. – Segurou-o entre as pernas. – É o local duro que usas para encher o ventre das tuas esposas e o local seguro que usas para dançar com o vento.

O seu toque fê-lo gemer e, daquela vez, Amanvah sorriu. Deu um passo atrás, gesticulando a Sikvah. As duas mulheres

levaram as mãos a bolsas na cintura, introduzindo os dedos nos címbalos minúsculos que usavam para a dança das almofadas.

* * *

Durante os dias seguintes, a cena repetiu-se num povoado laktoniano após outro, acalmando os habitantes dominados pelo medo dos Sharum e atuando para a população. Rojer sentiu uma pontada de culpa por enganar as suas esposas acerca da mensagem que transmitiam, mas, porque nem sequer o tinham informado de que falavam a sua língua quando o conheceram, conseguiu reprimir a sensação. Não era uma traição. Limitava-se a espalhar notícias que julgavam já serem de conhecimento comum.

Em cada manhã, Amanvah e Sikvah continuaram a ensinar-lhe sharusahk enquanto Enkido vigiava as imediações com expressão talhada em pedra. Parecia mais um embuste do que um esforço sincero, mas era suficientemente agradável. Leesha falara-lhe dos golpes precisos contra nervos que Inevera tentara e a facilidade com que a mulher a prendera numa chave de braços. Não havia nada disso nas lições das suas esposas. Melhorou um pouco, mas não o suficiente para tentar sequer uma das posturas mais difíceis.

– Precisarás de caminhar antes de dançares – disse Amanvah.

Aumentaram o ritmo da progressão enquanto se iam afastando do território controlado pelos krasianos. Numa ocasião, a caravana foi atacada, um ataque rápido a cavalo por uma dúzia de bandidos com lanças de arremesso e arcos curtos, destinado a distraí-los enquanto outro grupo saqueava as carroças da bagagem. Os Sharum não se deixaram enganar. Mataram quatro bandidos e feriram vários antes de os fazerem fugir. A caravana não voltou a ser incomodada daí em diante.

A menos de uma semana de distância do Outeiro do Libertador, começavam a sentir-se mais confortáveis, com a familiaridade de Leesha com as Herbanárias locais aumentando com a proximidade de casa. Algumas eram mulheres com quem se correspondera durante anos, mas que nunca conhecera. No

povoado de Forquilha, houve lágrimas e abraços, mas Rojer sentia apenas uma tensão crescente. A gente que ali vivia sentia-se mais protegida dos Sharum e isso tornava-os arrojados.

Nessa noite, na taberna, depois de terminar a *Canção da Lua Nova*, houve aplausos educados e o estalajadeiro gritou:

– Canta *A Batalha do Outeiro do Lenhador!* – O pedido foi acompanhado por um coro de incentivo, com muitos gritos e batimentos de pés.

Roger suprimiu um franzir da testa que ameaçava fazer vacilar a sua máscara de Jogral. Dois meses antes, cantara aquela canção dos telhados para que todos a ouvissem e vendera-a por bom preço à Guilda dos Jograis.

Olhou Amanvah.

– Por favor, interpreta-a se for o teu desejo, marido. Sikvah e eu regressaremos à nossa mesa. Ficaremos honradas por ouvir uma canção sobre o heroísmo noturno da nossa nova tribo.

Ergueram-se e afastaram-se com movimentos fluidos. Rojer quis beijá-las quando passaram por ele, mas, apesar de parecerem mais confortáveis com os costumes nortenhos, nenhuma mulher krasiana além da Damajah faria tal coisa em público.

A nossa nova tribo. Rojer cerrou os dentes. Saberiam realmente o que pediam? Não fora suficientemente tolo para cantar *A Batalha do Outeiro do Lenhador* dentro das fronteiras da Fortuna de Everam. Seria algo muito próximo de blasfémia.

Mas já não estavam na Fortuna de Everam. Estavam em terras laktonianas, rodeados por thesanos que mereciam saber como os seus primos a norte se tornavam mais poderosos e tinham um salvador próprio em torno de quem se poderiam unir. Rojer não acreditava realmente que Arlen Fardos fosse o Libertador, tanto como não acreditava que fosse Ahmann Jardir, mas, se as pessoas precisavam de alguém que lhes inspirasse força na noite e os motivasse a vencer, preferiria o Homem Pintado ao Shar'Dama Ka. Não passaria o resto da sua vida

mentindo a esse respeito e escondendo esse facto das suas esposas.

Aquele era um momento tão bom como qualquer outro.

Lentamente, começou a tocar. Enquanto a música ganhava ímpeto, o seu medo e ansiedade começaram a afastar-se como cinzas de demónio sopradas pela brisa matinal. Orgulhara-se tanto da canção quando a compôs e os seus dedos dançavam sobre notas familiares com tanto agrado que sentiu que o orgulho se mantinha. *A Batalha do Outeiro do Lenhador* poderia não ter o poder da *Canção da Lua Nova*, mas conseguia criar um escudo protetor na noite com ela, mantendo os nuclitas à distância, e exercia poder sobre os corações de toda a gente boa. Era já cantada por toda a parte e seria provável que lhe sobrevivesse, sobrevivendo à passagem das eras como as sagas antigas.

Deixou-se envolver pelo transe que a música sempre provocava, bloqueando as esposas, os Sharum, Leesha e os clientes da taberna. Quando se sentiu pronto, começou a cantar.

Mantivera a canção simples, tanto para que o público rural conseguisse aplaudir e cantar com ele, mas também para seu próprio benefício. A sua voz não era nada quando comparada com a de Amanvah e Sikvah ou com a do seu afamado mestre, Arrick Doce Canção. Até quando bebia de mais, quando começavam a rir-se e a chamar-lhe «Amarga Canção» e esquecia a letra a meio, Arrick mantinha níveis de destreza vocal que Rojer nunca conseguiria igualar.

Mas fora treinado pelos melhores e, apesar de lhe faltarem os pulmões e o talento natural como cantor, conseguia cantar suficientemente bem e a sua voz era sonora e afinada.

O Outeiro do Lenhador perdeu o seu centro

Quando a peste veio para ficar

Matou a grande Herbanária Bruna

Sua aprendiz longe de casa

Ninguém fugiu para se esconder

Todos se ergueram e seguiram

Matando demónios ao anoitecer

E o Homem Pintado saudaram
Em Forte Angiers, muito para norte
Leesha recebeu a má nova
A sua mentora morta, seu pai doente
O Outeiro a uma semana de viagem
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram
Sem guia encontrou pela noite escura
Apenas guardas de viagem de Jogra
Incapazes de suster os bandidos
Tal como as hordas de demónios
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram
Deixada como morta sem cavalo nem abrigo
Nuclitas rondando-a em bando
Encontraram um homem com pele tatuada
Que matava demónios com as mãos nuas
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram
O Outeiro arrasado quando chegaram
Nem uma guarda deixada intacta
E metade do povo que aí habitava
Morto e abandonado
Ninguém fugiu para se esconder
Todos se ergueram e seguiram
Matando demónios ao anoitecer
E o Homem Pintado saudaram
O Homem Pintado desesperado
Pedi que o seguissem e lutassem
Veremos o amanhecer se resistirmos

Lado a lado na noite

Ninguém fugiu para se esconder

Todos se ergueram e seguiram

Matando demónios ao anoitecer

E o Homem Pintado saudaram

Toda a noite lutaram com machado e lança

Faca de açougueiro e escudo

Enquanto Leesha trazia os caídos

Para sarar no Templo

Ninguém fugiu para se esconder

Todos se ergueram e seguiram

Matando demónios ao anoitecer

E o Homem Pintado saudaram

Outeiros defenderam os seus

Pela noite dura e longa

Transformando o campo de batalha

Em Cemitério dos Nuclitas

Ninguém fugiu para se esconder

Todos se ergueram e seguiram

Matando demónios ao anoitecer

E o Homem Pintado saudaram

Se alguém perguntar porquê ao anoitecer

Os Demónios se acobardam

Outeiros respondem com a verdade

Porque todos somos Libertadores

Ninguém fugiu para se esconder

Todos se ergueram e seguiram

Matando demónios ao anoitecer

E o Homem Pintado saudaram

– O verdadeiro Libertador! – gritou alguém entre o público, seguindo-se ecos de concordância.

Ouviu-se uma cadeira bater no chão e Rojer abriu os olhos para ver Kaval movendo-se na sua direção, enfurecido. Gared levantou-se, posicionando-se entre ambos. O Lenhador gigante era vinte centímetros mais alto e cinquenta quilos mais pesado. Segurou Kaval e, por um momento, pareceu conseguir controlá-

lo, mas o instrutor torceu-lhe o braço grosso como um tronco e Gared rugiu de dor antes de ser projetado pela taberna. Kaval nem sequer voltou a olhá-lo, acelerando o passo enquanto avançava até Rojer.

Instintivamente, Wonda levava a mão ao arco, mas, quando recordou que o deixara no seu quarto, não hesitou em atacar o instrutor desarmada. Manteve-se equilibrada sobre os calcanhares, elevando as mãos para se defender enquanto ia golpeando com murros e pontapés contidos, mantendo uma distância sensata. Resistiu mais alguns segundos que Gared, mas Kaval acabou por defletir um dos seus murros, atingindo-a na garganta com uma mão. Segurou-lhe o braço enquanto se esforçava para respirar e torceu-o, lançando-a sobre uma mesa, que se partiu ao meio com o impacto. Wonda embateu contra o chão entre uma chuva de farpas, cerveja e estilhaços de vidro.

O estalajadeiro ergueu uma moca e havia gente gritando a toda a volta, mas ninguém estava suficientemente perto para ajudar Rojer. Torceu o pulso para fazer deslizar uma faca de arremesso, mas o pânico atrapalhou-o e deixou-a cair enquanto Kaval se aproximava.

Mas Enkido estava lá, prendendo o braço sob a axila de Kaval, aplicando o seu impulso numa projeção. O instrutor percebeu o que acontecia, contornando-o rapidamente e conseguindo equilibrar-se. Gritou qualquer coisa em krasiano enquanto atacava com um pontapé seguido por um murro veloz. Nenhum dos golpes atingiu o alvo, com Enkido esquivando-se ao pontapé e prendendo o pulso de Kaval para desviar o murro. O braço livre moveu-se, atingindo o instrutor com violência na articulação do ombro. Enkido libertou o braço e este caiu inerte. Kaval golpeou com o outro punho, mas era como atingir fumo. Enkido saiu-lhe da frente e golpeou o outro ombro de Kaval, girando prontamente para lhe pontapear a parte traseira do joelho.

Com facilidade assustadora, colocou-se atrás do instrutor, prendendo-lhe os braços inertes e forçando-o a tombar. A face de Kaval agonizava enquanto os tendões protestavam, mas não

gritou. Enkido manteve-se silencioso como sempre, com a face inexpressiva.

– Basta – disse Amanvah e o eunuco libertou imediatamente o instrutor e recuou um passo. Kaval voltou-se para a dama'ting, falando em krasiano entre dentes cerrados. Rojer não compreendia o que dizia, mas o sentido tornava-se claro pelo brilho fanático nos olhos.

Amanvah respondeu em thesano com voz fria.

– Se tu ou algum Sharum tocarem com um dedo no meu marido, instrutor, passarão a eternidade sentados às portas do Paraíso. – Kaval arregalou os olhos ao ouvir aquilo. Pousou a testa no chão, mas a raiva continuava-lhe na face.

Amanvah voltou-se para Rojer.

– E tu, marido, não voltarás a tocar essa canção.

Rojer não precisou de tocar o medalhão para sentir força. A fúria repentina era mais que suficiente. Ninguém lhe diria o que podia ou não tocar.

– Ao Núcleo é que não voltarei. Não sou nenhum sacerdote. Não me cabe dizer às gentes em que devem acreditar. Tudo o que faço é contar histórias e ambas são verdadeiras.

A pequena veia na testa de Amanvah palpitou, indicando uma raiva que não se revelou nos seus olhos. Acenou afirmativamente.

– Nesse caso, o meu pai saberá disto. Kaval, escolhe o teu da'Sharum mais forte e rápido. Escreverei uma carta que deverá ser colocada na mão do Shar'Dama Ka e em nenhuma outra. Diz-lhe que leve dois cavalos, que mate apenas os alagai que lhe bloquearem o caminho e que a Sharak Ka poderá depender da sua rapidez.

Kaval acenou com a cabeça e ergueu-se para obedecer, mas Leesha levantou-se e colocou-se à sua frente, cruzando os braços.

– Não chegará ao destino – advertiu.

– Hã? – disse Amanvah.

– Envenenei os vossos Sharum – explicou Leesha – com algo muito mais potente que o antídoto fraco que tenho colocado na

sua sopa. Estão a vários dias de viagem do aliado mais próximo e, sem o antídoto, o vosso homem não sobreviverá metade desse tempo.

Amanvah fitou Leesha durante muito tempo e Rojer pensou se seria verdade. Certamente que não. Leesha era capaz de muitas coisas, mas de matar com veneno? Impossível.

Amanvah semicerrou os olhos.

– Kaval, faz como ordeno.

– Não estou a mentir – advertiu Leesha.

– Não – concordou Amanvah. – Não acredito que estejas.

– Mas enviarás um homem para a morte mesmo assim? – perguntou Leesha.

– Foste tu a condená-lo à morte – disse Amanvah. – Faço apenas o que devo para proteger os seus irmãos na Fortuna de Everam. Lançarei os dados e prepararei ervas para levar consigo, mas, se é verdade que o envenenaste e não conseguiste descobrir a cura, partirá para a glória como um mártir e a sua alma pesará contra ti quando fores julgada pelo Criador no fim da estrada solitária.

– Nenhuma de nós O enfrentará com a alma pura depois disto – disse Leesha.

– Nada mudará para esta gente por os assustares e confundires com mentiras e meias-verdades. Quando o meu pai escolher tomar as suas terras, serão tomadas. Ficarão mais fortes e terão uma hipótese de alcançar a glória e o Paraíso. – Amanvah moveu um dedo e o instrutor partiu. Alguns dos homens na taberna pareceram ponderar a hipótese de o travarem, mas Kaval mostrou-lhes os dentes e afastaram-se do seu caminho de forma muito sensata.

Com um último olhar irado a Rojer, Amanvah e Sikvah afastaram-se, dirigindo-se para os seus quartos, seguidas por Enkido. Rojer olhou-as com tristeza, vendo-as subir os degraus e desaparecer da sua vista. Era verdade que nunca deixaria de tocar *A Batalha do Outeiro do Lenhador*, mas não precisava de o ter feito naquele palco, à sua frente. Sabia como era sentir-se desamparado a meio de um número.

Quando o choque se dissipou, Rojer percebeu que ele e os outros outeiros tinham ficado completamente a sós pela primeira vez desde o início da viagem. Wonda e Gared pareceram mais feridos no orgulho do que nos corpos e vigiavam enquanto os outros falavam.

– Foi assustador – disse Rojer.

– Tiveste sorte – considerou Leesha. – Uma coisa será usar a *Canção da Lua Nova* para dizer aos locais que deverão fugir dos krasianos antes que percebam o que fazes, mas outra muito diferente será cantar sobre outro Libertador debaixo dos seus narizes. Foi como se tivesses cuspidos em tudo o que acreditam.

– Então devemos fingir que a Batalha do Outeiro do Lenhador nunca aconteceu? – perguntou Wonda. – Que lutámos por nada? Que o meu pai se limitou a morrer sem arrastar um bando de demónios da madeira consigo? Que o Homem Pintado não fez exatamente o que a canção diz?

– Começo a cansar-me de fingir que as coisas não são como são – disse Gared.

– Claro que não – respondeu Leesha. – Mas somos vulneráveis na estrada. Não tardaremos a regressar ao Outeiro. Até lá, sugiro que nos movamos com cautela.

– Estão todos bem? – perguntou o estalajadeiro, trazendo um tabuleiro de bebidas. Vinha acompanhado por Gery, o Orador da Forquilha, e por Nicholl, a Herbanária.

– Nunca estivemos melhor – respondeu Rojer, convidando-os a sentar com um gesto. – A noite não terá sabor se ninguém tentar matar-me.

Gery pestanejou, mas aceitou o convite para sentar e Nicholl fez o mesmo.

– Que aconteceu aqui, pelo Núcleo? Disseram que estavam convosco, mas parece-me que são vocês que estão com eles. São seus prisioneiros?

Rojer soube que esperavam que respondesse, mas sentiu-se dormiente e zozzo e não conseguiria fazê-lo. Leesha abanou a cabeça e ficou grato por poder ceder-lhe a palavra. Pelo menos, até ouvir o que disse.

– É mais complicado que isso, Orador – explicou Leesha. – E não deverás preocupar-te. Ficaremos suficientemente seguros. A mulher de branco é filha do líder krasiano...

Roger endireitou as costas e inclinou-se para diante. *Tem cuidado*, pensou.

– ... e é casada com Rojer. Depois desta noite, nenhum dos guerreiros se atreverá a magoar-nos sem ordem do Shar'Dama Ka e isso não acontecerá tão cedo. Quando acontecer, estaremos já seguros no Outeiro e mais bem preparados para o que aí vem do que a gente da Forquilha.

– Que significa isso? – perguntou o Orador. – Dizem-nos uma coisa, cantam outra e mostram-nos outra ainda.

– Significa que os krasianos vêm aí – disse Leesha. – Poderão não ser tão brutais como foram com os rizonanos se não forem estúpidos a ponto de resistir, mas o efeito será o mesmo. Todos os rapazes serão levados para aprenderem a combater demónios, todos os homens passarão a ser cidadãos de segunda, todas as mulheres passarão a ser cidadãs de terceira. O vosso povoado será submetido a um governador e ficarão sujeitos à lei evejana.

– Dizes-nos que não devemos lutar contra isso? – perguntou Gery. – Devemos aguentar como uma égua com o cio quando vierem espetar-nos?

– Diz-vos que fujam enquanto podem – explicou Erny. – Estão junto à estrada por onde o seu exército marchará. Se forem espertos, colherão o que vos cresce, guardarão tudo e sairão do seu caminho.

– E para onde iremos?! – quis saber Gery. – A minha família vive na Forquilha desde que há memória e o mesmo se aplica à maioria das pessoas aqui. Devemos limitar-nos a abandonar este sítio?

– Sim, se derem mais valor às vossas vidas do que à terra – disse Leesha. – Se quiserem manter-se fiéis ao vosso duque, vão para Lakton, se vos aceitarem. Há meses que os avisei da ameaça. A cidade no lago deverá estar segura, pelo menos por enquanto.

– Só vi o lago uma vez e mijei-me de medo – disse Gery. – Acho que nenhum de nós nasceu para viver sobre tanta água.

– Então venham para o Outeiro – sugeriu Leesha. – Ainda não conseguimos alargar-nos até aqui, mas crescemos. Quem vier não será rejeitado e poderá manter a sua comunidade e os seus líderes. Receberão boa terra, seguramente guardada, e receberão armas guardadas e treino para as usarem da melhor forma. Não tardará a ser o local mais seguro fora da fortaleza do duque Euchar em Miln.

– Seja como for, todos os homens capazes serão recrutados para enfrentar aquilo que não deve ser enfrentado. – Gery cuspiu no chão da taberna.

– Ei! – gritou o estalajadeiro.

– Desculpa, Sim – disse-lhe Gery. – Com todo o respeito, mestra Papel, mas somos gente simples aqui na Forquilha e não queremos ser matadores de demónios como os outeiros.

– Talvez seja mais fácil raptar esta princesa krasiana – disse Sim. – Pedir o povoado como resgate. Aqueles sacanas de preto são duros, mas nós somos mais.

– Não quererão fazê-lo – disse Rojer.

– Rojer está certo – concordou Leesha. – Se a tocarem com um dedo, os krasianos matarão todos os homens, mulheres e crianças na Forquilha e queimarão o povoado até não restar nada. Agredir uma dama'ting é punido com a morte.

– Primeiro, terão de nos apanhar – disse Sim.

A faca surgiu na mão de Rojer num ápice e segurou Sim pelo colarinho, imobilizando-o sobre a mesa, com a extremidade da faca fazendo-o verter uma gota de sangue do pescoço.

– Rojer! – gritou Leesha, mas ignorou-a.

– Esquece os krasianos – rosnou Rojer. – Não quererás fazê-lo porque é a minha mulher.

Sim engoliu em seco.

– É só conversa de taberna, mestre Meia-Mão. Não era a sério.

Rojer rosnou novamente, mas libertou-o e a faca desapareceu.

Gery ajudou Sim a erguer-se.

– Vai varrer a taberna e mantém essa boca suja fechada. – Sim acenou afirmativamente e afastou-se. Gery voltou-se para Rojer. – Perdão por isto, mestre Meia-Mão. Cada povoado terá o seu quinhão de cabeças de madeira.

– Sim. – Rojer continuava dominado pela adrenalina, mas a máscara de Jogral voltara ao sítio e tornou a sentar-se.

– Ninguém vos força a ir para um lado ou para o outro – disse Leesha ao Orador. – Mas ficar aqui coloca-vos no caminho de uma tempestade para a qual não estão preparados. Viram aquilo de que um Sharum irado foi capaz. Imaginem dez mil avançando contra vós, juntamente com quarenta mil escravos rizonanos.

Gery empalideceu, mas acenou afirmativamente.

– Vou pensar. Descansem esta noite. Ninguém será suficientemente tolo para provocar sarilho até à vossa partida pela manhã. – Com aquilo, ergueu-se e ajudou Nicholl a levantar-se antes de saírem da estalagem.

– Aquele terá pesadelos à espera na cama esta noite – disse Elona.

– Porque terá de ser diferente do resto de nós? – perguntou Leesha.

Nesse momento, um Sharum jovem de armadura completa entrou na estalagem com Kaval, armado com lança e escudo. Os dois homens subiram para os aposentos de Amanvah. O guerreiro jovem voltou a descer em corrida minutos mais tarde, saindo pela porta como uma flecha.

– Não envenenaste realmente os Sharum, pois não? – perguntou Rojer.

Leesha olhou-o por um momento, inspirou fundo e ergueu-se, percorrendo o corredor ao lado do balcão em direção ao seu quarto. Wonda seguiu-a.

Roger suspirou, erguendo a caneca de cerveja à sua frente e esvaziando-a em três tragos, com o líquido frio escorrendo-lhe pelos cantos da boca e pelo queixo.

– Está na altura de enfrentar o público.

Erny olhou-o com a expressão de reprovação que por vezes usava com a filha.

– És um belo violinista, Rojer, mas falta-te aprender muito para seres um bom marido.

Gared acompanhou Rojer até ao seu quarto, esperando ver Enkido guardando a porta, mas não havia sinais do eunuco, o que significava que estaria no interior. Não era bom sinal.

– Queres que entre contigo? – perguntou Gared.

Rojer abanou a cabeça.

– Não. Está tudo bem. Fica por perto para evitar que algum idiota siga a sugestão de Sim e tente raptar Amanvah. O resto é comigo.

Gared acenou com a cabeça.

– Estarei no corredor. Mas, se ouvir barulho, entro pelo quarto dentro.

Uma imagem surgiu na mente de Rojer. Farpas de madeira voando enquanto o demónio da rocha destruía a porta da estalagem do seu pai, quinze anos antes. Rojer não duvidava que Gared conseguiria quebrar a madeira pesada com facilidade semelhante.

Não disse o que ambos sabiam. Kaval vencera Gared como se fosse uma criança e Enkido fizera o mesmo a Kaval. Por mais irritante que o Lenhador encorpado fosse, por vezes, Rojer não tinha qualquer desejo de o ver morrer numa luta sem esperanças de vitória. Se não conseguisse sair daquilo sem lutar, não sairia.

Fingiu ajustar a túnica, precisando de tocar o medalhão. Sentiu-se imediatamente mais calmo. «Todos precisamos de alguma coisa para as dores da vida», dissera Arrick quando Rojer lhe perguntou porque bebia tanto vinho, «e sou demasiado velho para histórias de Jogral.» Estendeu a mão para a maçaneta da porta.

No interior, Rojer viu imediatamente Enkido colocado de um lado da porta com os braços cruzados. Como sempre, o eunuco pareceu nem notar a sua presença.

Amanvah e Sikvah vestiam as suas sedas coloridas, o que Rojer considerou ser um bom sinal, mas lançaram-lhe olhares desagradados assim que entrou.

– Tu e Leesha têm conspirado contra nós – disse-lhe Amanvah.

– Como? – perguntou Rojer. – O teu pai sabe que não lhe jurámos obediência. Ofereceu-nos um pacto e ponderamos a oferta. Não me comprometi a defender todos os seus interesses.

– Há uma diferença entre não defender os seus interesses e agir contra eles, marido – disse Amanvah. – O meu pai desconhece que contas histórias de falsos Libertadores ou que a mestra Leesha envenenou os seus guerreiros.

– O teu pai sabe tudo sobre o Homem Pintado e a sua ligação com o Outeiro. Contámos-lhe tudo na primeira visita. – Rojer franziu a testa. – E não podes censurar ninguém por usar veneno.

Amanvah não permitiu que a máscara caísse, mas a pausa antes da sua resposta foi suficiente para lhe permitir saber que tocara um nervo.

– Dizes à tua gente que fuja de nós – disse Amanvah – apesar de não termos quaisquer planos de marcha. Dizes-lhes que reúnam os seus pertences e partam para a grande cidade no oásis ou para o teu Outeiro para fortalecerem a tua tribo contra nós.

Rojer sentiu-se irritar novamente.

– E como sabes isso? Espias-me?

– Os alagai hora dizem-me muitas coisas, filho de Jessum – explicou Amanvah.

– Criador. Estou farto das tuas respostas crípticas e dos teus malditos dados! – ripostou Rojer. – Dás mais importância aos ossos de demónio do que às vidas de humanos.

Amanvah hesitou, mantendo a calma.

– Talvez não consigamos pôr cobro à tua blasfémia quando voltares ao Outeiro marido, mas não haverá mais paragens na estrada. E, mesmo quando chegarmos ao Outeiro, Sikvah e eu

nunca cantaremos a tua canção infiel ou toleraremos que seja cantada na nossa presença.

Roger encolheu os ombros.

– Nunca vos pedi que o fizessem. Mas participei na Batalha do Outeiro do Lenhador, esposa. Vivi-a e sei que foi real. Não fingirei que tais coisas nunca aconteceram porque contrariam os planos do teu pai. Se é realmente o Libertador, não importará. E, se não for...

– É – silvou Amanvah.

Roger voltou a encolher os ombros e sorriu.

– Nesse caso, não tens motivo de preocupação, não é?

– O meu pai é o escolhido por Everam – disse Amanvah –, mas Nie é forte. Poderá falhar mesmo assim, se o seu povo não for verdadeiro.

Novo encolher de ombros de Roger.

– Este não é o seu povo. Ainda não, pelo menos. Se desejar que passe a ser, deverá merecê-lo. Lutarei contra os demónios quando chegar a Sharak Ka. Ainda não decidi por quem.

Amanvah roncou de desprezo.

– És muitas coisas, filho de Jessum, mas não és um guerreiro.

Era um tabefe inesperado e Roger sentiu a máscara de Jogral vacilar. Havia raiva real na sua face quando se ergueu, conseguindo fazer Amanvah vacilar.

– Como vosso marido, ordeno-vos que venham comigo – disse, pegando no violino e no arco e voltando-se para sair do quarto.

Enkido deu um passo para lhe bloquear o caminho.

Roger caminhou até ele, inclinando a cabeça para fitar os olhos gélidos do eunuco.

– Esposa, retira o teu capado da minha frente.

Roger percebeu um brilho de compreensão que desapareceu imediatamente.

– Não falas a nossa língua, dizem-me. Seu grande miserável sem bolas. Percebes cada palavra. Mata-me ou sai-me da frente.

Pela primeira vez, o eunuco começou a mostrar emoção, uma raiva crescente que fazia lembrar o olhar de Kaval quando avançou para Rojer. Mas Rojer deixara de se importar, enfrentando-o.

– Enkido, afasta-te – disse Amanvah. O eunuco pareceu surpreso, mas obedeceu imediatamente à ordem. Rojer abriu a porta e saiu para o corredor, sobressaltando Gared.

Amanvah e Sikvah seguiram-no enquanto descia os degraus.

– Onde julgas que vais? – perguntou Amanvah, mas não se deu ao trabalho de lhe responder.

A taberna estava praticamente vazia quando desceram, restando apenas um pequeno grupo de locais junto ao balcão. Olharam Rojer surpresos, arregalando os olhos ao verem as mulheres krasianas nas suas sedas garridas.

– Marido! – gritou Sikvah. – Não estamos vestidas!

Rojer ignorou-a, atravessando a taberna e destrancando a porta da frente.

– Ei, o que fazes, pelo Núcleo? – gritou Sim, mas Rojer também o ignorou, saindo.

Como na maioria dos povoados thesanos, a estalagem ficava junto à praça central empedrada. Havia alpendres interligados e guardados entre muitos dos edifícios em redor para permitir que as pessoas se reunissem na estalagem depois do anoitecer, mas a praça principal era demasiado grande para guardar de forma eficiente. As pedras impediam que os demónios se erguessem ali, mas os demónios do vento vigiavam o local e mergulhariam sobre qualquer movimento. Outros demónios também deambulavam ocasionalmente até à praça, vindos da estrada.

No alpendre da estalagem, erguiam-se Kaval e dois outros Sharum, com armas e armadura completa.

– Saiam-me da frente. – Rojer passou por eles como se lhe devessem obediência e os Sharum afastaram-se enquanto caminhava pela praça. Avistou dois pequenos demónios da madeira no extremo oposto, testando as guardas dos edifícios, procurando uma abertura. Estacaram ao perceberem o

movimento, ficando mais parecidos com um par de árvores torcidas.

Rojer ouviu os guerreiros gemer de espanto quando as suas esposas o seguiram para o alpendre e sorriu enquanto afastavam o olhar. As mulheres tinham o sangue do Libertador e eram casadas. Olhá-las com luxúria seria suficiente para perderem os olhos.

Sem a capa guardada, os demónios viram-no enquanto passava a proteção das guardas e começaram a mover-se lentamente na sua direção. Rojer ignorou-os, sem sequer se dar ao trabalho de erguer o violino. No alto, o guincho de um demónio do vento ecoou pela noite.

Amanvah e Sikvah pararam no alpendre.

– Basta desta tolice! – gritou Amanvah. – Volta para dentro!

Rojer abanou a cabeça.

– Não me dás ordens, Jiwah. Vem até mim.

– O Evejah proíbe que as mulheres entrem na noite nua – disse Amanvah.

– E que outros homens nos vejam sem véu e vestidas com cores! A Damajah ordenou que mulheres fossem apedrejadas por isto – gritou Sikvah. Rojer olhou para trás e viu-a encolhida, tentando cobrir-se.

Os demónios estavam mais próximos, encolhendo as pernas, retesando músculos enquanto preparavam o salto. Sem qualquer medo, Rojer virou-se finalmente para eles e ergueu o arco na mão mutilada.

Os demónios eram criaturas de emoções primárias. Manipular essas emoções era a chave para conseguir controlá-los. Naquele momento, toda a sua atenção se fixava nele. Rojer aproveitou essa sensação e aumentou-a, projetando a sua concentração na música.

Aqui estou!, dizia-lhes. Concentrem-se em mim!

A seguir, parou de tocar e deu dois passos para o lado. Os demónios abanaram as cabeças, confusos pelo seu desaparecimento e Rojer recomeçou a tocar, reforçando também aquela sensação.

Para onde foi? Não o vejo em parte alguma!, transmitiu aos demónios. Começaram a vasculhar freneticamente a área, mas, mesmo que o seu olhar passasse sobre ele, a frustração por não conseguirem encontrá-lo permanecia. Rojer contornou-os com cautela, mantendo a despreocupação aparente na sua máscara de Jogral.

– Poderia dizer que o Evejah ordena que obedecem ao vosso marido – disse às suas esposas –, mas o Evejah não esteve no sítio para onde vamos. Jograis femininas vestem cores garridas e encontram-se agora nas terras verdes. Inevera teria de apedrejar todas as mulheres fora da Fortuna de Everam.

Uma multidão formava-se no alpendre. Gared estava presente, empunhando as suas armas, tal como Leesha e Wonda com o seu arco guardado, além de um ajuntamento de locais e dos três Sharum. As mulheres hesitaram, mas, então, Amanvah expirou ruidosamente, erguendo-se e caminhando ao seu encontro, seguida por Sikvah.

– Dama'ting, não! – gritou Kaval.

– Silêncio! – ripostou Amanvah. – Foi a tua ação irrefletida que nos conduziu a isto!

Gared e os guerreiros começaram a segui-las para a praça, incluindo também Enkido, que empunhava lança e escudo.

– Fica no alpendre, Gar – disse Rojer. – O mesmo se aplica ao resto de vós. Não precisamos de lanças nesta noite. – Os Sharum ignoraram-no até Amanvah lhes erguer uma mão. Retiraram, mas pareceram prontos a ignorar a ordem e a saltar para a noite se os demónios se aproximassem demasiado.

Os demónios da madeira fixaram as suas atenções nas duas mulheres, mas tinham testado as guardas em redor da praça e sabiam que estavam fora do seu alcance. Rojer aproveitou essa sensação e ampliou-a. Inclinou a cabeça, retirando o queixo das guardas e apontando a música na direção dos demónios.

Estão guardadas, disse-lhes, enquanto as suas esposas saíam para o espaço desprotegido. *Não podem tocá-las. Haverá luz e dor se tentarem. Procurem outra presa.*

Os demónios obedeceram e, enquanto Amanvah e Sikvah vinham até eles, Rojer transformou a sua melodia nas notas de abertura da *Canção da Lua Nova*. Imediatamente, começaram a cantar, acompanhando Rojer, com um eco e um sublinhado que ampliavam muitas vezes o efeito da música. Com aquele poder, Rojer conseguiu tecer uma teia de música em redor dos três que os tornou invisíveis aos nuclitas. Os demónios sentiam o seu cheiro no ar, ouviam-nos, conseguiam mesmo captar vislumbres esquivos, mas a origem de todos aqueles estímulos perdera-se e escapavam aos seus olhos uma e outra vez.

Protegido do ataque, Rojer acrescentou outra camada à melodia e Amanvah e Sikvah acompanharam-no imediatamente, lançando um chamamento para a noite. Lentamente, Rojer ergueu o queixo, expondo maior número das guardas de Amanvah. As suas esposas levaram as mãos às gargantas, manipulando as gargantilhas de alguma forma e imitando-o enquanto o volume se erguia.

O som alastrava até longa distância, começando por atrair os locais em redor da praça para as suas janelas e alpendres. Surgiram lanternas, lançando luz ténue sobre o empedrado. As pessoas olhavam num silêncio atordoado enquanto a canção cumpria a sua função, atraindo todos os demónios em redor.

Começaram por avançar lentamente, mas, pouco depois, havia mais de uma dúzia de nuclitas na praça. Cinco demónios da madeira farejavam o ar, procurando vítimas que não conseguiam encontrar. Dois demónios da chama guincharam e saltaram, deixando um rasto de chamas laranja enquanto corriam de um extremo da praça ao outro, incapazes de encontrar a origem da música, mas sem conseguir resistir ao chamamento. No alto, três demónios do vento giravam no céu, com os seus guinchos de ave de rapina ecoando pela noite. Dois demónios dos campos rastejavam junto ao chão, raspando com os ventres o empedrado enquanto tentavam manter-se invisíveis para a caçada. Havia mesmo um demónio da pedra, primo menor dos demónios da rocha, mas, mesmo assim, maior do que Gared, que media quase dois metros. Erguia-se tão imóvel

como a pedra que lhe dava nome, mas Rojer sabia que apurava todos os seus sentidos para os encontrar, explodindo então num turbilhão de movimento se permitisse que fossem vistos.

Leesha descrevera o poder dos demónios da mente, as vibrações na sua mente forçando-a a obedecer à sua vontade. Talvez a música tivesse um efeito semelhante, pensou Rojer. Talvez uma tentativa para imitar esse poder estivesse na origem da música e explicasse porque algumas melodias provocavam as mesmas emoções em quem as ouvisse,

Assim era o poder da *Canção da Lua Nova*. Rojer sentira-o pela primeira vez quando as suas esposas lhe cantaram, um poder semelhante ao seu, mas... diluído. Perdido nos milhares de anos desde a última ocasião em que foi necessário.

Naquele momento, Rojer invocava esse poder. Sob o seu controlo, o chamamento insistente da canção prendia a atenção dos demónios em algo que nunca conseguiriam encontrar e na ignorância de tudo o resto. Se desejassem, Gared ou os Sharum poderiam ter avançado para os golpear. Um golpe quebraria o feitiço e daria aos demónios uma ameaça a que poderiam responder, mas, de uma lança de Sharum ou do machado de Gared, um único golpe seria suficiente para mutilar ou matar.

Mas Rojer dissera a verdade quando lhes disse que as suas armas não seriam necessárias naquela noite.

Iniciou a primeira estrofe da canção, com Amanvah e Sikvah cantando para glória de Everam, e teceu o primeiro feitiço, um que tinham ensaiado muitas vezes na sua carruagem. Quando chegou o refrão, enquanto as mulheres apelavam ao Criador sem palavras, os demónios tinham esquecido a caçada, dançando como aldeões girando em roda no solstício.

Mantiveram o feitiço na estrofe seguinte, até Rojer alterar a melodia, transformando-a noutra sequência ensaiada. Começou a mover-se de forma casual pela praça, seguido pelas esposas. Os demónios seguiram-no também como crias de pato seguindo a mãe até à água.

Permitiu que se mantivesse pelo refrão e pela estrofe que se seguiu, mas acrescentou uma nota para indicar às suas esposas

que se aproximava uma mudança abrupta. Quando a estrofe chegou ao fim, os demónios estavam na posição que desejava e giraram os três, atingindo-os com uma sucessão de notas e gritos estridentes que os fizeram uivar e fugir da praça como cães vergastados.

Estavam quase fora de alcance quando iniciou a estrofe seguinte. Os nuclitas estacaram como caçadores tentando não ser vistos para não afastarem a presa. Com facilidade enervante, Rojer aumentou a tensão na melodia até deixarem de conseguir suportá-la, correndo pela praça, golpeando o vazio e rosnando, desesperados por encontrar a música e pôr-lhe fim.

Rojer continuou a conduzi-los, oferecendo pistas falsas do posicionamento das presas. Havia um velho poste de guardas no exterior da malha de proteção. Fez a música cobri-lo.

Aqui estou! Ataquem agora!

Imediatamente, os demónios guincharam e atacaram. Os demónios dos campos saltaram em primeiro lugar, abrindo grandes sulcos na madeira com as garras. Um demónio do vento mergulhou do céu para golpear o poste, embatendo contra um dos demónios dos campos. Os dois nuclitas atingiram o empedrado num emaranhado, mordendo-se e arranhando-se. Sangue negro salpicou a praça e o demónio do vento mal escapou com vida, elevando-se novamente com rasgões múltiplos nas suas asas de couro. Um demónio da chama cuspiu labaredas sobre o poste de guardas, incendiando-o.

A seguir, Rojer lançou a música sobre o demónio da pedra. Os demónios dos campos saltaram também sobre ele, mas o nuclita volumoso segurou um pela cabeça com as garras e esmagou-lhe o crânio contra o empedrado. Segurou o outro pela cauda, fazendo-o girar como um homem giraria um gato. Outro demónio do vento mergulhou, mas foi travado quando o da pedra o atingiu com o dos campos, lançando-o com tanta força que embateu contra uma das guardas de um alpendre, numa explosão de faíscas, caindo ao chão, fumegante e inerte. Um demónio da chama cuspiu labaredas para os pés do demónio da pedra, incendiando-as, mas isso não o impediu de

ser pontapeado pela praça, atingindo a trama de guardas com um clarão de magia. Quando as chamas se extinguiram, os pés do demónio da pedra permaneciam incólumes.

Roger permitiu-se sorrir. Tudo aquilo podia ser ensinado. Os refrãos, os «feitiços» que lançara sobre os demónios, eram melodias que tinha ensaiado e escrito. Outros músicos poderiam não conseguir reproduzir o poder e a harmonia do seu trio, mas podiam aprender de cor como atrair demónios ou como repeli-los, como ocultarem deles a sua presença ou como lançá-los num frenesim.

Mas aquela era apenas uma amostra mínima do poder que sentia com as mulheres a seu lado. O trabalho verdadeiramente subtil nunca conseguiria fixá-lo por escrito. Teria de ser vivido e sentido no momento, dependendo não apenas das estirpes de demónio, mas também de variáveis locais, construído sobre a própria atmosfera.

Fora aquilo que nunca conseguira ensinar. Olhou as suas jiwah, vendo espanto nos seus olhos arregalados e também um pouco de medo. Até Amanvah perdera a máscara, com a serenidade de dama'ting esgotada. Podiam imitá-lo, mas não podiam inovar.

Há mais, meus amores, pensou, voltando-se novamente para olhar os demónios. Adotou uma postura predatória, perseguindo os nuclitas enquanto os reunia juntamente com as suas esposas, separando-os por estirpe. A canção chegara ao fim, mas continuou a tocar, alongando e intensificando o refrão final, acrescentando nuances e mudanças tão depressa quanto Amanvah e Sikvah conseguiam segui-las. Os demónios recuaram, formando aglomerados densos, silvando e golpeando o ar, aterrorizados pelo poder que sentiam crescer, mas receando fugir para não voltarem as costas aos seus caçadores.

Nesse momento, Roger começou a feri-los, trespassando-os com a música em ondas dissonantes que pareceram golpear as criaturas como golpes físicos. Gritaram, alguns caindo sobre o empedrado, arranhando a própria cabeça como se conseguissem extrair assim o som, libertando-se dele. Até os

demónios do vento gritavam em agonia, mas a música prendia-os e não conseguiam fugir, voando em círculos desesperados.

Rojer olhou para cima e alterou novamente a melodia, atraindo os demónios do vento do céu noturno. *A origem de toda a vossa dor está aqui! Ataquem agora e silenciem-na!*

Mergulharam com velocidade assustadora, mas Rojer e as suas esposas não estavam no ponto para onde a música os atraía, ao lado e vários metros mais abaixo. Os demónios do vento atingiram o empedrado com força incrível, com os seus ossos ociosos estilhaçando-se com o impacto. Segundos depois, os seus cadáveres jaziam sobre a praça.

Voltou-se para os demónios da madeira a seguir, que uivavam como árvores quase quebradas por uma tempestade. Rojer recordou os engolidores de fogo, Jograis de Angiers que fingiam engolir fogo e voltar a cuspi-lo com um jorro de álcool soprado sobre uma chama. Era habitualmente considerado um número «baixo», algo chamativo e perigoso que se fazia para esconder a falta de talento. Os Jograis que o faziam magoavam-se com frequência e, na fortaleza da floresta, cuspir fogo era contra a lei, exceto em circunstâncias muito específicas. Era, habitualmente, um número de abertura para Jograis de maior craveira.

Tenho demónios da chama para abrir o meu número, pensou Rojer enquanto os fazia cuspirem chamas sobre os demónios da madeira, mirando-os com a facilidade com que Wonda miraria o arco.

Os demónios da madeira incendiaram-se imediatamente e, ao contrário do demónio da pedra, não eram imunes aos efeitos do fogo. Guincharam e debateram-se, erguendo os demónios da chama e esmagando-os, mas era demasiado tarde. Fumo negro erguia-se numa nuvem densa e fedorenta enquanto desabavam sobre o chão, carbonizados.

Apenas o demónio da pedra permanecia, com mais de dois metros de músculo cobertos por uma carapaça indestrutível que fazia lembrar seixos de rio. Erguia-se silencioso como uma

estátua, mas Rojer soube que os procurava desesperadamente, contendo a grande custo uma raiva assassina. Sorriu.

O trio começou a contorná-lo, intensificando o refrão, com notas cada vez mais elevadas enquanto expunha mais e mais guardas de amplificação. O demónio começou a guinchar, cobrindo a cabeça com as garras e procurando freneticamente uma saída, mas apertaram o círculo e pareceu-lhe que a dor vinha de todas as direções em simultâneo. O demónio vacilou e deixou cair um joelho ao chão, emitindo um rugido agonizante tão doce como qualquer melodia.

Até as pessoas em redor da praça cobriam os ouvidos. Rojer sentia a cabeça latejar e uma dor nos ouvidos, mas ignorou tudo isso, erguendo por completo o queixo do violino.

O demónio da pedra moveu-se uma última vez e ouviu-se um estalo como um velho carvalho quebrado por um vendaval. A sua couraça cobriu-se com fissuras e tombou ao chão, morto.

Parou de tocar nesse instante e as suas esposas pararam de cantar. A praça foi engolida pelo silêncio e Rojer apreciou o silêncio antes do rugido.



QUINZE

As MULHERES PAPEL

333 DR Verão 16 Auroras antes da Lua Nova

—**F**ECHA A BOCA, QUERIDA – disse Elona a Leesha. – Pareces uma campónia.

Leesha voltou-se para responder, mas percebeu que tinha realmente a boca aberta. Os seus dentes chocaram quando a fechou enquanto todos em redor da praça central de Forquilha irrompiam em aplausos, gritos de júbilo e batimentos de pés. Um dos Sharum emitiu um grito de alegria ululante e até Kaval pareceu ter esquecido a raiva.

Era compreensível. Não havia nada que os Sharum respeitassem mais do que o talento para matar demónios e Rojer acabara de demonstrar poder incrível, matando nuclitas sem sequer lhes tocar. Nem o Shar'Dama Ka conseguiria fazê-lo. Olharam-no, espantados, mas não mais do que os aldeões. Até Gared ostentava o brilho fanático no olhar que costumava reservar apenas para Arlen.

No entanto, o poder não fora totalmente de Rojer. Ouvira-o encantar demónios com o violino muitas vezes, mas não com intensidade suficiente para lhe magoar os ouvidos e para fazer estremecer as tábuas do piso. Havia magia de hora envolvida. Apostaria qualquer coisa.

Com pouco mais de dezassete anos, era fácil ver Amanvah apenas como uma rapariga, alguém que Leesha dominara antes. Mas envergava o branco das dama'ting e isso significava que fora educada nos segredos da magia dos ossos de demónio. Magia que Leesha vira Inevera demonstrar em todo o seu poder. Fizera alguma coisa ao violino de Rojer e também às gargantilhas que tanto ela como Sikvah usavam, aplicando a magia para amplificar a música que produziam.

Leesha conseguia compreender os princípios. Usar ossos para energizar guardas mesmo quando não havia demónios por perto. Começara já a experimentar, mas as sacerdotisas krasianas podiam contar com séculos de experiência enquanto ela começava a dar os primeiros passos.

A multidão continuava a aplaudir quando saiu do alpendre, dirigindo-se ao trio. Rojer curvava-se como um artista exímio, gesticulando às suas esposas para que fizessem o mesmo. Sikvah obedeceu, curvando-se mais ainda do que o marido, como era costume, apesar de o movimento se tornar escandaloso com as suas sedas privadas. Amanvah parecia decididamente desconfortável com a possibilidade de se curvar em trajos menores e contentou-se com um aceno de cabeça como a duquesa-mãe agradecendo uma cortesia.

Roger sorria enquanto Leesha se aproximava e o abraçava, ignorando o silvo de Amanvah.

– Rojer, foi incrível. Espantoso.

O sorriso juvenil de Rojer ameaçou tocar-lhe as orelhas.

– Não poderia tê-lo feito sem Amanvah e Sikvah.

– É verdade. – Leesha curvou-se para as duas mulheres. – Soaram como os serafins do Criador. – As duas arregalaram os olhos ao ouvir o elogio e Leesha voltou a sua atenção para Rojer antes de terem tempo para recuperar.

– Amanvah guardou o teu violino?

Roger acenou afirmativamente.

– Apenas o apoio para o queixo. As guardas permitem-me tocar com volume suficiente para arrasar um celeiro. E usá-lo faz-me sentir...

– Energizado? – completou Leesha. – Deverias estar meio surdo depois disto.

Rojer pareceu surpreso, levando um dedo ao ouvido.

– Hmm. Nem sequer um zumbido.

– Posso ver? – perguntou Leesha, casualmente. Rojer libertou a peça e passou-lha sem pensar. Amanvah moveu-se para o deter, mas foi demasiado tarde. Leesha segurou-a e deu um passo rápido atrás. Desabotoou um bolso especial no seu avental, retirando um par de óculos com aros de ouro que Arlen fizera para ela.

As lentes não corrigiam defeitos na visão, mas guardas nos aros e no vidro permitiam-lhe ver com a visão guardada que Arlen usava, tornando claro o fluxo da magia. O apoio para o queixo reluzia com poder e as suas guardas cintilavam como se tivessem sido talhadas a partir de um relâmpago. Reconheceu-as quase todas. Guardas de concentração e de elo, juntamente com guardas de projeção e... ressonância.

– É mais do que apenas amplificação, Rojer – disse-lhe. – Tem guardas de ressonância.

Rojer olhou-a sem perceber.

– Que significa isso?

– Significa que qualquer coisa dita perto deste violino ressoará noutro lugar. – Leesha voltou-se para Amanvah. Várias das numerosas joias que lhe adornavam a orelha cintilaram com magia. – Talvez num brinco?

Amanvah manteve a calma, mas a sua hesitação traiu-a, mesmo assim. Rojer olhou a sua esposa e a expressão de alegria transformou-se num esgar magoado.

– Foi assim que soubeste o que dissemos na taberna?

– Conspiravam – começou Amanvah.

– Não me venhas com essa merda de demónio! – ripostou Rojer. – Passaste semanas a fazer o apoio para o queixo. Não foi uma reação a nada que tivesse feito na estrada. O teu plano sempre foi espiar-me.

– És o meu marido – disse Amanvah. – É meu dever apoiar-te e manter-te seguro, enviando auxílio quando dele necessitares.

– Não paras de me mentir! – gritou Rojer. Os Sharum tornaram-se hirtos ao ouvir aquilo. Gritar a uma dama'ting era um crime impensável, mas não avançaram para se colocar diante dela como poderiam ter feito antes, continuando espantados pelo poder de Rojer. Até Enkido se deixou ficar, aguardando um sinal da sua mestra.

– És rápida a citar o Evejah quando te convém – prosseguiu Rojer –, mas não ordena também que se diga a verdade?

– Na verdade – interrompeu Leesha –, o livro afirma claramente que juramentos e promessas feitos a chin são inválidos se prejudicarem de alguma forma o serviço a Everam. – Amanvah fixou nela um olhar irado, mas Leesha limitou-se a sorrir, desafiando-a a contradizê-la.

– Para o Núcleo com isto – disse Rojer, retirando o apoio para o queixo das mãos de Leesha e erguendo-o para o lançar contra o empedrado.

– Não! – gritaram Amanvah e Leesha em simultâneo, ambas avançando para lhe segurarem o braço e travarem o gesto. Amanvah olhou Leesha, curiosa.

– Viste o poder que te deu – disse Leesha. – Não permitas que a raiva te faça destruí-lo.

– A mestra diz a verdade, marido – disse Amanvah. – Levaria um mês ou mais a fazer outro igual, se conseguíssemos encontrar uma peça de tamanha qualidade com que trabalhar.

Rojer olhou-a, friamente.

– Quando me deste a caixa, pensei que poderia ser um par de grilhetas douradas. Parece-me que não me enganei por muito. Não serei o teu escravo, Amanvah.

– Somos escravos do fogo porque pode queimar-nos? – perguntou Leesha. – Conheceste o seu poder, Rojer. Posso pintar guardas de silêncio numa caixa. Poderás guardá-lo quando quiseres privacidade, mas não o destruas.

– De qualquer forma, atirá-lo contra as pedras provocaria pouco dano – acrescentou Amanvah. – A magia fortalece o metal e a madeira. Será difícil destruí-lo e não haverá ninguém mais merecedor do seu poder.

Roger pareceu acalmar-se. Olhou o objeto com tristeza e guardou-o num bolso enquanto começava a caminhar em direção à estalagem.

– Vou para a cama.

Afastou-se sem esperar para ver se alguém o seguia. Amanvah e Sikvah seguiram-no como cães obedientes e Enkido acompanhou-as.

Alguns aldeões tinham saído para a praça para contemplarem em horror fascinado os cadáveres de demónio, mas o grito de um demónio do vento ecoou pela noite, fazendo-os voltar a correr para dentro. Leesha decidiu entrar também, apesar de as guardas no seu xaile serem suficientes para afastar o interesse de qualquer nuclita.

Antes de entrar, olhou uma última vez a estrada de Mensageiros, sobre a qual, naquele preciso momento, um Sharum cavalgava a toda a velocidade de volta à Fortuna de Everam.

Sozinha no seu quarto, Leesha chorou.

Não compreendia por completo os dados de demónio e os seus segredos de previsão ferozmente guardados pelas dama'ting. O Evejah falava de uma guarda de profecia, mas não a mostrava e Leesha não acreditava conseguir alguma vez persuadir uma Noiva de Everam a permitir-lhe voluntariamente que examinasse os seus dados.

Mas, pelo que percebia, os dados não providenciavam previsões específicas, apenas factos que sugeriam o que o futuro poderia trazer. Era provável que Amanvah não tivesse visto o veneno que dera aos Sharum e o seu antídoto exigia preparação complexa e demorada. Com a velocidade a que o guerreiro partira, Leesha duvidou que pudesse ter feito alguma coisa para o ajudar. Depois de um dia, sentir-se-ia fraco. Depois de dois, morreria.

Não houvera escolha. Não sabia como Ahmann reagiria à notícia de que pretendia militarizar o Outeiro como ponto de resistência ao seu avanço. Não podia esconder-lho para sempre, mas precisava de tempo. Tempo para avisar os laktonianos e a

duquesa Araine. Tempo para aumentar a população do Outeiro e para preparar tanto a Lua Nova como a Sharak Sun. Mas isso não a fazia sentir-se menos miserável quando se enfiou na cama, cobrindo a cabeça.

Pela primeira vez, desejou não ter ido à Fortuna de Everam. Desejava mesmo nunca ter deixado o Outeiro do Lenhador e nunca ter ido à cabana de Bruna Bruxa para aprender a arte das Herbanárias. Teria sido uma excelente fabricante de papel e teria deixado o pai tão feliz.

Mas, por mais que lhe agradasse transferir a culpa, sabia que seria demasiado fácil e que seria uma mentira.

– Porque devo aprender a preparar venenos? – perguntara, anos antes.

– Para que consigas preparar também os antídotos, rapariga – respondera-lhe Bruna. – Aprender as misturas e os sinais não te transformará numa maldita Herbanária Daninha.

– Herbanária Daninha? – perguntara Leesha.

– Herbanárias falhadas – explicou Bruna com desprezo. Vendem curas fracas e envenenam inimigos de nobres por dinheiro.

Leesha sentiu-se horrorizada.

– Há mulheres que fazem tal coisa?

Bruna grunhiu.

– Nem todas serão tão doces como tu nem terão tão boa moral. Uma das minhas aprendizas seguiu esse caminho. Nucleada seja se permitir que volte a acontecer. Mas precisas de saber o que enfrentas.

Enfrento-me a mim mesma, pensou Leesha. Mato homens porque isso me é conveniente. Serei melhor que uma Herbanária Daninha?

Voltou a soluçar e o seu corpo foi sacudido pelos espasmos do choro até adormecer. Nem no sono encontrou paz e os seus sonhos foram assombrados pela violência. Inevera, ficando roxa enquanto lhe apertava as mãos sobre o pescoço. Ahmann, observando enquanto os seus guerreiros matavam homens rizonanos e violavam as mulheres. Gared, com a garganta

rasgada pela lâmina escondida na muleta de Abban. Rojer, estrangulado na cama pelas próprias esposas. Kaval, espancando Wonda até à morte e chamando-lhe «treino». Os Lenhadores e os Sharum envolvendo-se numa tempestade sangrenta de lança e machado enquanto Arlen e Ahmann os lançavam uns contra os outros.

Um Sharum solitário morto na estrada.

Acordou sobressaltada, sentindo pontadas no estômago, e quase caiu da cama em desespero para alcançar o penico. O conteúdo agitou-se enquanto o arrastava de baixo da cama, mas, mesmo assim, não foi suficientemente rápida e o vômito misturou-se com a urina da noite anterior sobre as tábuas do soalho. Deixou-se cair de joelhos, estremecendo com vômitos, enquanto as lágrimas lhe escorriam pela face. Sentia palpitações dolorosas numa órbita e sabia que nova onda de dores de cabeça viria a caminho.

Em que me transformei, Bruna?

Bateram à porta e Leesha estacou. O amanhecer não passava de uma sugestão arroxeadada no céu visível pela janela. Era demasiado cedo para se juntar à caravana.

Outra batida.

– Vai-te embora!

– Abre esta porta, Leesha Papel, ou mandarei Gared deitá-la abaixo – disse a sua mãe. – Verás se não o faço.

Leesha ergueu-se devagar, sentindo as pernas fracas e ainda com o estômago dilacerado. Encontrou um pano limpo e limpou a cara. A seguir, vestiu um roupão sobre a camisa de dormir suja, apertando-o bem.

Dirigiu-se à porta e ergueu a tranca, abrindo uma nesga. A cara de Elona, parecendo ter acabado de engolir um limão, nunca era a primeira coisa que queria ver de manhã.

– Não é a melhor altura... – começou, mas Elona ignorou-a, empurrando a porta e entrando no quarto. Leesha suspirou e fechou a porta atrás dela, voltando a baixar a tranca. – Que queres, mãe?

– Pensei que tivesses perdido o hábito de me acordar e ao teu pai com o teu choro – disse Elona. – Sentes-te mal por teres matado aquele rapaz?

Leesha pestanejou. Por mais vezes que a sua mãe lhe lesse a mente e fosse direta ao assunto, conseguia sempre chocá-la.

– Não sintas – continuou Elona. – Fizeste o que tinhas de fazer e o rapaz sabia no que se envolvia quando ergueu a sua primeira lança.

– Não é assim tão simples... – começou Leesha.

– Pfagh! – Elona moveu a mão num gesto displicente. – Quantos rizonanos achas que matou quando conquistaram a cidade? Quantas vidas salvaste impedindo-o de contar o que aqui se passou?

Leesha sentiu as pernas cederem e deixou-se cair sobre a cama, esforçando-se para dar a entender que fora sua intenção sentar-se. O estômago fervia-lhe, com o movimento repentino ameaçando fazê-lo transbordar.

– Não o teria feito se assim não fosse, mas isso não quer dizer que deva orgulhar-me do que fiz.

Elona reagiu com um ronco de desprezo.

– Talvez não, mas, se valer alguma coisa, estou orgulhosa de ti, rapariga. Sei que não o digo tantas vezes como mereces, mas aí está. Não acreditei que fosses capaz de te ergueres daquela forma. Agrada-me ver que, afinal, herdaste alguma coisa minha.

Leesha franziu a testa.

– Por vezes, acho que tenho demasiado de ti, mãe.

Elona tornou a roncar.

– Seria a tua sorte.

– Porquê a mudança de ideias? – perguntou Leesha. – Forçavas-me a casar com Ahmann e a deixar que fizesse de mim uma rainha.

– Vi melhor o seu reino de então para cá – disse Elona. – Não pretendo passar o resto da minha vida livre de rugas com tudo tapado além dos olhos por baixo de sete camadas de pano. – Ergueu os seios, contidos com dificuldade por um vestido de

decote generoso. – De que serve tê-las assim se não as posso mostrar e rir-me enquanto os homens se babam e as mulheres se enfurecem?

Leesha arqueou uma sobrancelha.

– Livre de rugas?

Elona olhou-a com desagrado, desafiando-a a dizer mais alguma coisa.

– Permitir que aquele guerreiro partisse teria condenado todo o teu esforço. Podes ter exagerado no drama, mas não haverá dúvidas de que esta viagem foi positiva para o Outeiro. Trazes uma paz condicional, avaliaste a força do inimigo, sussurraste sabedoria e dúvida ao ouvido do seu líder e aprendeste sobre demónios da mente e magia de ossos. Tudo isso e ainda tiveste quem te fizesse encolher os dedos dos pés. Se Bruna Bruxa por cá andasse, ficaria mais orgulhosa do que Jan Lenhador quando mostrava o seu touro premiado.

Leesha esboçou um sorriso débil.

– Espero que sim. Pensava que a teria desiludido.

Elona voltou-se para a janela, olhando o seu reflexo com olhar crítico. Apesar de não haver homens por perto para a verem, ajeitou o cabelo por reflexo e alisou o peito do vestido.

– Talvez um pouco. Qualquer aprendiz de Bruna, qualquer filha minha, teria conseguido rebolar na cama sem emprenhar.

Leesha sentiu-se corar.

– O quê?

Elona apontou a mistura repelente no chão, não fazendo qualquer esforço para ajudar a limpá-la.

– Vi-te histérica muitas vezes, rapariga, mas nunca te vi vomitar por isso. Noite, nem sequer me lembro de alguma vez o teres feito. Tens mais do que as mamas e o traseiro da tua mãe. Também tens o meu estômago de ferro. – Sorriu, passando a mão pelo estômago. – Mas não parei de vomitar quando te trazia dentro de mim.

Leesha sentiu que o estômago em ebulição gelava. Tentou engolir enquanto contava mentalmente os dias desde o seu fluxo anterior, mas o nó na garganta impedia-a de o fazer.

Poderia ser verdade?

Com maior desespero do que quando puxara o penico, dirigiu-se ao seu avental com bolsos. Manuseou ervas e instrumentos como um Jograal fazendo malabarismos com bolas coloridas, moendo e misturando até obter um minúsculo frasco de líquido leitoso. Recolheu uma amostra de si própria e guardou-a no frasco, sustentando a respiração.

Os pulmões cederam muito antes de os químicos começarem a reagir. Virou-se de costas e começou a contar a passagem dos segundos até conseguir voltar-se novamente e ver se os químicos tinham passado de branco a rosa.

Um... dois... três...

– Já sabes o que se vai dizer – disse-lhe Elona. – Para de roer as unhas e pensa no que farás.

Leesha ergueu uma sobrancelha.

– No que farei?

– Não te faças de tonta, rapariga – ripostou Elona. – Também fui aprendiz de Bruna Bruxa. Conseguirias livrar-te do problema agora mesmo se quisesses.

– A sério, mãe? – perguntou Leesha, com azedume. – Tu? Que tentaste forçar-me a ter filhos durante a vida toda? A sugerir que mate uma criança?

– Não é uma criança. É um projeto – respondeu Elona. – Um projeto mau. Não é preciso ser um génio para ver que esse bebé seria um buraco suficientemente grande nas nossas guardas para permitir a entrada da mãe dos demónios.

Vinte e um... vinte e dois... vinte e três...

Leesha abanou a cabeça e sentiu-a palpitar.

– Não. Se estiver suficientemente adiantada para me fazer vomitar, deixou de ser um projeto. Queixaste-te de que desperdicei os meus anos férteis e tinhas razão, mãe. Se o Criador me quer dar um filho assim, aceitá-lo-ei.

Elona revirou os olhos.

– Escolheste uma má altura para seguir o Cãnone, rapariga. – Encolheu os ombros. – Mas, se não pretendes livrar-te dele,

será melhor que seduzas mais alguém depressa e de forma bem pública para ganhares tempo.

Leesha sentiu a boca abrir-se de espanto.

– Mãe, juro que, se disseres o nome de Gared...

Mas Elona surpreendeu-a com novo movimento displicente da mão.

– Pfagh! Consegues melhor que Gared Lenhador! Tenta aproximar-te novamente do outro Libertador, agora que já sabes como agradar-lhes. Faz com ele o que fizeste com o demónio do deserto e poderás tê-los aos dois comendo da tua mão e ajoelhados à tua frente quando chegar o inverno.

– Ou poderei fazê-los enfrentarem-se e arrastarem consigo os seus exércitos respetivos – disse Leesha.

– Isso acontecerá de qualquer forma e sabe-lo bem – disse Elona. – O melhor que poderás fazer será escolher o momento e a forma.

A expressão de Leesha transformou-se num sorriso contrariado.

– Não há nada que mais odeie do que admitir que as tuas palavras fazem sentido, mãe.

Elona riu-se.

– Fazer o Homem Pintado acreditar que a criança é sua poderá não ser possível – disse Leesha. – Não voltará a tocar-me. Sente medo de gerar uma criança amaldiçoada pela sua magia demoníaca.

Leesha encolheu os ombros.

– Então diz-lhe que tomas chá de pómulo. Ferve as folhas e deixa-as num sítio onde as veja. Diz-lhe que será apenas pelo prazer.

Sessenta e um... sessenta e dois... sessenta e três...

Leesha abanou a cabeça.

– Não é assim tão crédulo, mãe.

– Merda de demónio – disse Elona. – É um homem, Leesha. Todos eles precisam de acalmar a piça de vez em quando. Usa a boca para o atraíres de volta uma ou duas vezes. Fá-lo sentir-se seguro. Depois, embebeda-o e monta-o. Acabará antes que

perceba o que lhe aconteceu. – Sorriu. – Se fizeres um bom trabalho, voltará para pedir mais.

Leesha sentiu o estômago novamente às voltas. Ponderaria realmente aquela possibilidade?

– E quando, menos de um ano depois, vir que a criança tem pele morena e os olhos amendoados?

Elona encolheu os ombros.

– Nunca se sabe. O bebé pode sair a ti. Não tens nada visível do teu pai. E ainda bem.

– Prefiro ter herdado o seu coração – concordou Leesha. – E o que tem entre a cabeça.

– Mas as bolas herdaste-as de mim – disse Elona. – E podes agradecer ao Criador por isso. No dia em que os krasianos chegarem ao Outeiro, a única coisa que Ernal Papel fará será mijar-se pelas pernas abaixo. Não és indefesa, mas, quando chegar o momento, quererás ter um homem forte a teu lado.

Leesha quis gritar-lhe, mas não conseguiu encontrar a energia. A sua mãe começara a fazer muito mais sentido nos últimos tempos. Era ela que mudava ou seria Leesha?

Oitenta... oitenta e um... oitenta e dois...

– Confio tanto no Homem Pintado como no demónio do deserto – confessou Leesha.

Elona voltou a encolher os ombros.

– Então encontra outro. Enganei-me a respeito do violinista. Tem poder e ficaria a teu lado mesmo que o bebé nascesse com a barba bifurcada de Jardim, mas perdeste essa oportunidade... a não ser que queiras jogar um jogo mais sujo.

– O casamento de Rojer já tem problemas suficientes sem a minha ajuda – disse Leesha.

Elona acenou afirmativamente.

– Nesse caso, resta apenas uma hipótese.

Leesha olhou-a e viu-lhe um sorriso triunfante na cara.

– Mãe...

Elona ergueu as mãos.

– Ordenaste-me que não dissesse o seu nome e não o farei, mas pensa no assunto. É forte como um touro e mais corajoso

que qualquer homem no Outeiro. Os outeiros olharão para ele quando o Homem Pintado não estiver por perto. E ama-te. Sempre te amou, na sua forma abrutalhada. Além disso, tem um cérebro de ervilha. Conseguirias governar o Outeiro através de um homem assim.

Cem, pensou Leesha, olhando o frasco.

Sentiu que o coração lhe desabava até aos pés.

* * *

Um punhado de ervas em água fervente acalmou o estômago de Leesha, mas nada que se atrevesse a tomar teve qualquer efeito na dor dilacerante da sua cabeça. Quando saiu finalmente do seu quarto com Elona, encontraram Gared, Wonda e Erny na taberna, esperando junto a malgas de papa de aveia vazias.

Shamavah regateava com o estalajadeiro. Como sempre, encontrava defeito em tudo e, pela postura de Sim, parecia disposto a deixá-la escolher o preço se isso a fizesse partir.

Sem desviar o olhar, Shamavah apontou um dedo e uma das dal'ting vestidas de negro apressou-se a recolher o saco de Leesha. Normalmente, teria protestado, mas sentia-se exausta, com a cabeça dorida e os joelhos fracos. Foi-lhe trazida uma malga, mas ignorou-a, esperando impacientemente. Tudo o que queria era subir para a sua carruagem e ficar sozinha.

Na verdade, ninguém parecia sentir vontade de falar, olhando em redor desconfortavelmente enquanto Shamavah censurava Sim por coisas que tinham sido totalmente aceitáveis. Arrastou-se até Leesha sentir vontade de gritar.

– Noite, paga-lhe de uma vez por todas! – exclamou por fim.
– Não havia problema nenhum nos quartos! – O som da sua voz sobressaltou todos os presentes.

Shamavah curvou-se.

– Como a Pretendida desejar. – As palavras foram bruscas. Contou rapidamente as moedas e puseram-se a caminho. Enkido, erguido no topo dos degraus, bateu a uma porta e Amanvah, Sikvah e Rojer saíram.

As esposas de Rojer rodeavam-no como guarda-costas enquanto desciam e saíam pela porta fora, parecendo desafiar Leesha a aproximar-se com o olhar.

Não que Leesha sentisse qualquer vontade de o fazer. O pêndulo balouçara tantas vezes que, na noite passada, mal conseguia recordar quem estava irritado com quem e por que motivo. Ansiava pela sua carruagem.

A luz do sol magoava-a quando as dores de cabeça eram assim tão más. Os poucos metros do alpendre até aos degraus da carruagem fizeram-na recordar a descrição feita por Ahmann do sol intenso sobre as areias tórridas do deserto krasiano. No interior, correu as cortinas.

Erny ocupou o canto mais distante, correndo também as suas cortinas sem que precisasse de lhe pedir, apesar de deixar uma nesga aberta para iluminar o livro no seu colo. Elona sentou-se diante de Leesha, mas manteve-se abençoadamente silenciosa, fitando o vazio, com pensamentos distantes.

Leesha tinha de admitir que continuava bela. De tal forma que alguém que a não conhecesse poderia interpretar aquele olhar como o olhar vazio de uma criatura atraente e de cabeça oca. Como todas as suas outras poses, Elona cultivara aquela aparência. Estava muito longe de ter cabeça oca, como muitos aprendiam tarde de mais. Ouvira sempre dizer que herdara o cérebro do pai, mas não tinha assim tanta certeza. Elona Papel poderia ser muitas coisas, mas não era tola.

Não se ouviu música vinda da carruagem da Rojer enquanto a manhã se alongava, nem gemidos de prazer. Mas ouviram-se gritos. Em grande quantidade. E silêncios longos e dolorosos, que eram ainda piores.

Quando pararam para almoçar, Leesha saiu durante tempo suficiente para verter águas e pedir que lhe levassem uma malga à carruagem. Avistou Rojer esticando as pernas, mas manteve a distância para não provocar Sikvah, que estava por perto.

Os krasianos de todas as castas silenciavam-se quando Rojer se aproximava, apontando e segredando enquanto passava. Os

relatos do seu feito tinham alastrado.

Leesha sentia-se muito melhor quando a noite chegou. Sem pedirem autorização, os krasianos tinham passado ao largo do povoado seguinte, formando um círculo com as carroças alguns quilómetros mais além. Leesha caminhou pelo acampamento, inspecionando as guardas, mas os círculos krasianos eram fortes. Sharum patrulhavam o perímetro, matando os demónios que se aproximavam com golpes limpos das lanças sem abandonarem a proteção das guardas. Wonda fez o mesmo, mirando nuclitas com o arco para desimpedir a área. Gared corria para cada um dos alvos, roubando-lhes a vida que restasse com golpes rápidos de machado e faca de mato.

Leesha olhou-o, pensando no que a mãe dissera. Com efeito, Gared era bonito e Leesha amara-o outrora, antes de se mostrar egoísta e possessivo num grau que não conseguia tolerar.

Mas isso torná-lo-ia assim tão diferente dos outros homens que conhecera? Nenhum deles conseguira satisfazer por completo as suas expectativas. Seria Gared pior que Rojer, Marick, Arlen ou até Ahmann?

Deram-lhe uma tenda privativa, com tapetes quentes no chão e um amontoado convidativo de almofadas fazendo as vezes de cama. Wonda erguia-se diante da abertura da tenda, com o arco pronto.

A seu pedido, a rapariga trouxera-lhe uma pequena taça de sangue de demónio de uma das suas vítimas, reluzindo intensamente perante a vista guardada. Leesha escolheu um pincel de pelo de cavalo e o seu xaile mais simples, pintando guardas de engano e confusão e acrescentando guardas aprendidas na noite em que Inevera usara magia para a aprisionar na sua câmara. Guardas que canalizariam o poder tanto para demónios como para humanos.

As guardas cintilaram debilmente enquanto cobria os ombros com o xaile e erguia a aba da tenda. Wonda enrijeceu os músculos, olhando em redor e apurando o ouvido, mas os seus olhos não conseguiram vê-la, tal como os nuclitas não tinham conseguido ver Rojer. Moveu-se para espreitar pela aba, vendo

as almofadas e cobertores que Leesha dispusera para parecerem o seu corpo adormecido. Grunhiu e voltou a baixar a aba, tranquilizando-se novamente no seu posto fora da tenda.

Escondida à vista de todos, Leesha atravessou o acampamento até à tenda de Gared, ignorada pelas sentinelas Sharum. Continuava a não saber ao certo o que pretendia fazer. Mesmo que se deitasse com ele, não acreditava ter a coragem para se deixar ser surpreendida em pleno ato, como a mãe instruíra. E, sendo assim, de que serviria?

Inspirou fundo, tomando uma decisão e erguendo a mão para a aba da tenda. Uma voz grave vinda do interior fê-la parar.

– Não podemos continuar a fazer isto. Não está certo.

– Não te importaste quando te ensinei este jogo com o teu pai adormecido a três metros de distância – disse Elona. – Mas agora é errado?

Ouviu-se um movimento e Gared gemeu.

– Uma última vez – disse Elona. – Para que não me esqueças.

– Seremos apanhados – disse Gared, mas ouviu-se mais movimento e foi a vez de Elona gemer.

– Ainda não fomos apanhados – exclamou entre gemidos. Seguiu-se o ruído de carne embatendo contra carne de forma ritmada e Leesha sentiu-se agoniada. Abriu a aba da tenda e entrou, baixando o xaile. Elona rodeava o pescoço de Gared com os braços e este amparava-a no ar, com as saias dela pela cintura e as calças dele nos tornozelos.

– Foram agora – disse Leesha.

– Noite! – gritou Gared, deixando cair Elona e fazendo-a gritar quando o traseiro nu atingiu o piso duro e coberto de lona da tenda.

Leesha apoiou as mãos nas ancas.

– Quando acredito que não conseguirás descer mais baixo, mãe, encontras uma forma de me surpreender.

– A noite acusa o breu de ser escuro – murmurou Elona, levantando-se e ajeitando as saias. Gared puxara as calças para cima e tentava forçar o membro ainda rijo para dentro. Era um esforço fútil.

– Quando contar ao pai... – começou Leesha.

– Não o farás – interrompeu Elona. – Talvez não por respeito ou pelo que farias ao teu pobre pai, mas pelo teu juramento de Herbanária.

– Isto não é um assunto de Herbanária – disse Leesha.

– Tudo é um assunto de Herbanária quando tens o avental posto! – ripostou Elona. – Bruna alguma vez ignorou os assuntos do povoado? Juro-te que sabia de tudo. – Olhou-a com altivez. – E, além disso, não sou a única com um segredo. Que fazes aqui a meio da noite, Leesha?

Leesha olhou Gared, mas este tinha-lhe voltado as costas, continuando a tentar compor-se. A mãe encurralara-a e sabia-o muito bem.

– Anda daí – disse, erguendo uma ponta do xaile para cobrir os ombros de Elona. Escondê-las-ia a ambas enquanto regressassem às tendas respetivas.

Finalmente, Gared conseguiu fechar os cordões das calças e voltou-se para elas com uma expressão culpada.

– Voltaste a desiludir-me, Gared Lenhador – disse-lhe Leesha. – Quando começava a acreditar que tinhas mudado.

Gared parecia desolado.

– A culpa não é minha!

– Claro que não – disse Elona enquanto se aproximava do xaile de Leesha e se voltavam as duas para sair. – A Sra. Papel aproveitou-se de ti e ficaste tão indefeso como uma rapariga rizonana quando chegaram os Sharum.

Leesha estava preparada para o enjoo matinal daquela vez e conseguiu lidar com ele sem alertar ninguém para alguma coisa que não estivesse bem. Ao almoço, sentia-se normal.

Gared veio até ela enquanto esticava as pernas.

– Podemos falar um pouco?

Leesha suspirou.

– Acho que não há grande coisa a dizer, Gar.

Gared acenou afirmativamente.

– Acho que mereço isso.

– Achas? – perguntou-lhe Leesha. – Gared, estavas com a minha mãe!

– Que te importa isso? – perguntou-lhe Gared. – Declaraste a nossa promessa quebrada há muito tempo e não voltei a incomodar-te. Não te devo nada.

– E o meu pai, que te acolheu quando a tua casa foi destruída? – perguntou Leesha. – Devias-lhe alguma coisa? Ou ao teu próprio pai?

Gared ergueu as mãos.

– Não sabes como é, Leesh. Depois de Bruna me obrigar a dizer ao povoado que menti no que disse sobre ti, nenhuma rapariga aceitou aproximar-se de mim por um segundo que fosse. Mesmo quando partiste para Angiers, continuei a ser tão popular como um ramo de urtigas.

– Não as censuro – disse Leesha.

Gared conteve o desagrado, mantendo a paciência.

– Talvez, sim. Mas senti-me muito sozinho. A tua mãe foi a única mulher no povoado inteiro que me dedicou alguma atenção. A única que se comportou como se valesse mais do que cuspo. – Suspirou. – E, com a luz certa, é tão parecida contigo. Se fechasse os olhos, podia fingir...

– Ugh! – gritou Leesha. – Não preciso de saber que pensaste em mim enquanto... – Sentiu o enjoo regressar, subindo-lhe um sabor acre à boca.

– Perdoa-me – disse Gared. – Amaldiçoo-me todas as noites pelo que aconteceu. Era por isso que estava sempre tão furioso. Mas penso que talvez fosse o plano do Criador.

– Hã? – perguntou Leesha.

– O mundo inteiro seria diferente se tivéssemos mantido a nossa promessa – disse Gared. – Poderias nunca ter sido discípula de Bruna Bruxa ou partido para as Cidades Livres. Talvez não tivesses trazido o Libertador contigo.

– O Homem Pintado não é o Libertador, Gared – disse-lhe Leesha.

– Como sabes? – perguntou Gared. – O que te faz ter tanta certeza de que sabes como as coisas são? Talvez o Criador o

tenha criado imperfeito por um motivo. Talvez nos teste a todos. Talvez o Libertador deva apenas mostrar-nos o caminho, cabendo-nos percorrê-lo.

Leesha olhou-o com curiosidade.

– Quando entraram pensamentos tão profundos nessa cabeça dura, Gared Lenhador?

Gared franziu a testa.

– Achas que sou só um imbecil, não é? Não mereço a atenção dessa tua cabeça complicada?

– Gared, não queria...

– Claro que querias – interrompeu-a Gared. – És sempre tão humilde, mas é só uma encenação quando falas com os campónios. – Virou-se para se afastar.

Leesha segurou-lhe um braço.

– Não vás.

Mas Gared libertou o braço, recusando olhá-la.

– Não. Percebo tudo. Para as mulheres Papel, não passo de um machado forte e de uma piça dura.

Afastou-se com passos largos, fazendo Leesha sentir-se mais sozinha e confusa que nunca.



DEZASSEIS

ONDE OS KHAFFIT NÃO SEGUIRÃO

333 DR Verão 28 Auroras antes da Lua Minguante

INEVERA PUXOU O PANO GROSSO, sentindo-se asfisiada pelo verão húmido das terras verdes. Cada expiração contra o véu parecia acrescentar um sopro de vapor ao toucado. Prendia-se ao seu cabelo, ensopando-o com suor. Há anos que não era forçada a usar sequer a túnica e o véu das dama'ting, tão brancos que refletiam o sol mais quente e tão finos que permitiam que a pele lhe respirasse como se estivesse exposta. Fora daquelas incursões, nunca tivera de usar o negro das dal'ting e tentou perceber como conseguiriam suportá-lo.

Inspirou.

É apenas ar. Não há nada que as outras mulheres consigam suportar e tu não.

O disfarce era necessário e valia qualquer desconforto, pois permitia-lhe sair do palácio e mover-se pelo Bazar Novo sem ser incomodada. Não receava pela sua integridade física. Poucos se atreveriam a atacá-la e muitos acorreriam em sua defesa se tal fosse necessário, mas a Damajah não podia viajar sem escolta e isso atrairia uma multidão de curiosos como migalhas atrairiam pássaros, arriscando o seu precioso segredo.

Sem os seus dados, precisava do conselho da mãe mais do que nunca, um abrigo do vento que ameaçava quebrar até a palmeira mais flexível.

O Bazar Novo da Fortuna de Everam ainda não era tão grande como o Grande Bazar de Krasia, mas crescia diariamente e em breve, conseguiria ser um rival à altura desse monumento do comércio. Abban erguera o primeiro pavilhão na aldeia chin fora da cidade propriamente dita, quando a Fortuna de Everam sucumbiu às forças do Libertador. Seis meses mais tarde, o Bazar Novo engolira a aldeia e alastrara pelas terras em redor, tornando-se um ponto fulcral para mercadores, negociantes e camponeses.

Os mercadores e os seus mestres dama não tinham poupado despesas para proteger os seus bens, traçando ruas com a forma de grandes guardas, à semelhança do que a tribo do Outeiro fazia no Norte, com paredes baixas para acrescentar força às defesas e guardas para patrulhar as ruas, mantendo-as seguras quando a noite caía. Durante o dia, no entanto, cada centímetro de espaço era preenchido por mercadoria, com dal'ting, khaffit e chin apregoando ruidosamente os seus produtos.

Inevera avançou pelas ruas sinuosas, parando ocasionalmente numa banca ou quiosque para encher o cesto, parecendo apenas uma simples Jiwah Sen, fazendo compras para o jantar da sua família. Entregou-se plenamente ao papel, regateando legumes e um pequeno bloco de sal como se, à semelhança da maioria das mulheres, precisasse de esticar cada draki. Recordou o que Manvah passara, tentando alimentar quatro bocas com dinheiro que mal chegaria para três. Era estranhamente relaxante. Sabia que todas as mulheres na Fortuna de Everam invejavam a Damajah, mas, nalguns dias, ansiava por ter como maior preocupação convencer mercadores a venderem produtos abaixo do seu valor de mercado.

Quase chegara ao destino quando um guarda Sharum lhe apalpou o traseiro. Precisou de todo o seu controlo para não lhe partir o braço e de várias inspirações tranquilizantes enquanto

se afastava a rir com os seus companheiros para não os matar a todos com as mãos nuas. Se vestisse a túnica branca, não teria hesitado e teria sido o seu direito. Mas estava de preto. Que valor teria a palavra de uma dal'ting quando contrariada pela palavra de um Sharum?

Deveria vir mais vezes ao bazar, pensou. Perdi o contacto com a gente comum.

O seu pai erguia-se à entrada do pavilhão da sua mãe, tentando atrair clientes potenciais com a sua voz poderosa. Apesar das têmeoras grisalhas, os anos tinham sido bondosos para Kasaad. A perna de pau fora substituída por uma prótese cara de madeira polida, com articulações e molas. Mantinha a bengala, mas usava-a mais para acenar aos passantes e apontar os produtos em venda do que para se apoiar.

Continua sóbrio, admirou-se e, quando o ouviu rir, com uma gargalhada sonora e rica, sentiu-se agradada. Não era o riso de chacal que costumava partilhar com os outros Sharum depois de muitos copos de couzi. Era o riso de um homem feliz e em paz.

Era tão diferente do homem que conhecera que lhe parecia impossível que fosse o seu pai, o homem que assassinara Soli.

Inevera conseguiria reprimir as lágrimas, mas deixou que caíssem, escondidas pelo suor da cara e pelo véu grosso e negro das dal'ting. Porque precisaria de conter lágrimas pelo seu irmão ou pelo seu pai? Parecia-lhe que os dois homens tinham morrido naquela noite e que Manvah conseguira um novo marido, mais digno dela, mesmo sem a honra de um Sharum.

O pavilhão da sua mãe continuou a crescer ao longo dos anos, diversificando a sua atividade muito além da simples cestaria. Agradou-lhe, pois as palmeiras que forneciam o material para os cestos situavam-se centenas de quilómetros para sul. Havia tapetes e tapeçarias em vez deles e objetos tecidos com materiais das terras verdes, verga e folha de milho. Havia olaria, rolos de tecido, incensários e uma centena de outras coisas.

Inevera oferecera os dados a Manvah mais do que uma vez, para que os usasse como o dama Baden, conseguindo manter-se à frente das suas rivais, mas a sua mãe recusou sempre. «Seria um pecado contra Everam usar a magia das dama'ting para encher a minha bolsa», dissera, acrescentando com um piscar de olho, «e deixaria de ser tão divertido.»

– Que as bênçãos de Everam sejam contigo, honrada mãe – disse um rapaz depois de entrar no pavilhão. – Poderei ajudar-te na tua busca?

Inevera olhou-o e sentiu um aperto no coração. Vestia ainda a cor castanha de um rapaz não preparado para o Hannu Pash, mas parecia-lhe que olhava Soli ou o rapaz que fora outrora. Instintivamente, ergueu a mão e despenteou-lhe o cabelo como o seu irmão costumava fazer-lhe. Era um gesto de grande familiaridade e o rapaz pareceu surpreso.

– Perdoa-me – disse-lhe. – Lembras-me o meu irmão, que a noite levou há muito. – Quando o rapaz a fitou em silêncio, voltou a passar-lhe a mão pelo cabelo. – Pretendo começar por ver, mas chamar-te-ei quando estiver pronta para comprar. – O rapaz acenou afirmativamente, feliz por poder afastar-se.

– Todos os filhos de Kasaad têm a mesma aparência, qualquer que seja a esposa – disse uma voz, fazendo Inevera voltar-se para ver a mãe à sua frente. Com vestes negras ou sem elas, conseguiam sempre reconhecer-se uma à outra. – Faz-me pensar se Everam em toda a Sua sabedoria envia assim a alma do meu primogénito, que me foi levado demasiado cedo.

Inevera acenou afirmativamente.

– A tua família é abençoada com muitos filhos dignos.

– És a vendedora de barro? – perguntou Manvah. Quando Inevera confirmou com um gesto, prosseguiu: – Disse ao teu enviado que o preço era demasiado elevado.

Inevera curvou-se.

– Talvez possamos discutir o assunto em privado?

Manvah concordou e conduziu-a através do pavilhão até uma porta de pedra. Atrás do pavilhão, erguia-se um edifício de grandes dimensões. Era nele que vivia a família e onde

armazenavam os bens mais preciosos. Manvah dirigiu-se a um gabinete privado com uma mesa coberta com livros de registo e material de escrita, vendo-se também duas cadeiras das terras verdes e um espaço pequeno e resguardado para tecer.

Manvah voltou-se e estendeu os braços. Inevera deixou-se cair entre eles com alegria, partilhando ambas um abraço esmagador.

– Há anos que não me visitavas – disse-lhe. – Começava a pensar que a Damajah tinha esquecido a sua mãe.

– Impossível – disse-lhe Inevera. – Bastará que mo digas...

Manvah ergueu uma mão para a silenciar.

– A corte do Libertador não precisa de saber que o pai da Damajah é khaffit e não tenho qualquer interesse em política de chá ou em provadores de veneno. As minhas irmãs-esposas deram-me filhos e netos e vejo a minha filha e os seus filhos com frequência suficiente, mesmo que precise de os ver entre a multidão.

Manvah bateu com as mãos e, pouco depois, chegou uma rapariga com um belíssimo serviço de chá em prata, com o bule fumegante. Ignoraram as cadeiras, instalando-se nas almofadas do recanto resguardado e pousando o tabuleiro no chão. Manvah serviu e, sozinhas no gabinete, retiraram os véus e os toucados para poderem olhar-se. A face de Manvah tinha mais rugas do que na ocasião anterior e havia fios grisalhos no seu cabelo longo preso com ouro. Continuava bela e irradiava força. Inevera sentiu descontrair algo dentro de si. Aquele era o único local no mundo em que podia ser ela própria.

Manvah apontou com o bule uma pilha de fibras de verga.

– Não é o mesmo que tecer folhas de palmeira, mas todos teremos de nos adaptar ao novo caminho por onde o Libertador nos conduz.

Inevera acenou afirmativamente, observando por um momento enquanto Manvah escolhia fibras e começava a tecer. Após um momento, levou a mão à pilha e iniciou também um cesto, com os dedos fortes tornando-se mais confiantes enquanto sentia novamente a paz do trabalho.

– Algumas adaptações serão mais fáceis que outras.

Manvah riu-se.

– Como está a adorada Kajivah?

Inevera silvou enquanto uma farpa lhe furava o dedo.

– A minha honrada sogra está bem. Continua inteligente como uma vela gasta e continua a desperdiçar o tempo de todos os que a rodeiam com o seu palavreado inútil.

– Continuas sem conseguir encontrar-lhe um marido? – perguntou Manvah.

Inevera abanou a cabeça.

– Não quer que nenhum homem se intrometa entre ela e o filho e, seja como for, Ahmann não considera ninguém digno dela.

– Os teus dados não te dão respostas? – perguntou Manvah.

Não tenho dados, pensou Inevera, precisando de inspirar fundo para se acalmar.

– Consultei os dados uma vez. Disseram-me que Ahmann aceitaria o dama Khevat como seu padasto e que Kajivah não poderia recusar se pedisse a sua mão a Ahmann. Infelizmente, a resposta de Khevat à sugestão foi que preferiria casar com um burro.

Manvah riu-se e Inevera riu com ela. O riso fazia-a sentir-se bem. Não recordava a última vez que o fizera.

– Se não consegues encontrar-lhe um marido, atribui-lhe uma tarefa como a qualquer Jiwah Sen – disse Manvah.

– Falamos da mãe do Libertador – recordou Inevera. – Não poderei incumbi-la de transportar cântaros de água e qualquer tarefa de maior importância estaria acima das duas capacidades.

– Nesse caso, atribui-lhe uma tarefa falsa – disse Manvah. Os seus dedos continuavam a trabalhar, mas os seus lábios uniram-se enquanto fitava a parede por um momento. – Pede-lhe que planeie a Festa da Lua Cheia mensal do Shar’Dama Ka.

– Não há nenhuma... – começou Inevera.

– Invente uma – interrompeu Manvah. – Convince Kajivah de que é uma grande honra e de que agradecerá ao filho e ajudará a

mantê-lo favorecido por Everam. Atribui-lhe uma dúzia de assistentes para a ajudarem a planear a comida, a música, as cerimónias e listas de convidados. Passarás a vê-la muito raramente.

Inevera sorriu.

– É por isto que te procuro, mãe.

Manvah terminou o fundo do cesto e começou a construir a armação para as suas faces laterais.

– Toda a gente na cidade conhece os feitos dos meus netos, mas não se fala das minhas netas. Estão bem? Progridem nos seus estudos?

Inevera acenou afirmativamente.

– Todas as tuas netas estão bem e em breve serão dama'ting. Amanvah recebeu já o véu e casou.

– E quem foi o afortunado pretendente? – perguntou Manvah.

– Um chin da tribo do Outeiro – respondeu Inevera. – Não impressiona o olhar. É baixo, fraco e veste-se com mais cores que um khaffit daltónico... mas Everam fala com ele.

– O rapaz que encanta alagai com a sua música? – perguntou Manvah. Inevera arqueou uma sobrancelha, mas Manvah retirou importância ao seu incómodo com um gesto. – Todos na cidade falam dos chin na corte do Libertador. O rapaz, o gigante, a mulher guerreira – olhou fixamente Inevera – e a princesa das terras verdes.

Inevera voltou a cara e cuspiu no chão.

Manvah estalou a língua.

– Assim tão má?

– Proibi-o de casar com ela – disse Inevera, não se preocupando em camuflar o veneno na voz.

– Foi o teu primeiro erro – disse Manvah. – Nunca proibas nada a um homem. Até Kasaad, manso como é desde que o despojaste das vestes negras, pode ser teimoso como uma mula quando lhe proíbo alguma coisa. E o teu marido é o Shar'Dama Ka.

Inevera acenou afirmativamente.

– Está escrito no Evejah'ting: «Proíbe alguma coisa a um homem e desejá-la-á dez vezes mais.» Mas o meu coração falou antes da razão.

– E como reagiu o Libertador? – quis saber Manvah.

Inevera sentiu novamente vontade de cuspir, mas conteve-se e inspirou profundamente.

– Disse-me que não tinha autoridade para lhe impor proibições. Disse que faria dela a sua Jiwah Ka das terras verdes, com poder sobre as suas esposas nortenhas.

Manvah parou de tecer, erguendo a face para fixar os olhos nos olhos de Inevera.

– Esperavas que honrasse os seus votos matrimoniais quando tu não o fizeste?

As palavras magoaram e parte de Inevera arrependeu-se de ter contado à mãe a sua infidelidade com o Andrah, mas voltou a inspirar profundamente e deixou o incómodo afastar-se.

Dir-te-á as verdades que não desejas ouvir.

– Eu, pelo menos, tive a decência de o fazer em privado – exclamou Inevera. – Ele exhibe-a, recebendo-a na minha câmara de almofadas e envergonhando-me diante da corte inteira.

– Não acreditava ter criado uma tola – disse Manvah, partindo uma fibra longa de verga com uma torção da mão – mas assim será se acreditas que a distinção importará para um marido traído. Magoaste-o e retribui-te em triplo. Era uma conta que há muito deverias ter esperado pagar. Mas, na verdade, que diferença fará se cobrir uma rameira nortenha? Espera-se que homens grandes conquistem mulheres e continuas a ser a sua Jiwah Ka.

– Em título, mas já não na realidade – disse Inevera. – Há quase duas luas que não recebo a sua semente.

Manvah roncou.

– Se é isso que define uma Jiwah Ka, deixei de ser a primeira esposa de Kasaad há décadas. Desde Soli que não o recebo.

– Kasaad não é o Libertador – recordou Inevera.

– Então para de esperar e dirige-te à sua cama – sugeriu Manvah. – Mostra-lhe que recordas que é o Shar'Dama Ka. –

Fixou os olhos em Inevera. – E recorda-lhe que és a sua Damajah. Ouço dizer que a mulher partiu sem aceitar a sua proposta. Fâ-lo esquecê-la.

Inevera suspirou.

– Não é assim tão simples. A bruxa nortenha ofereceu mais do que apenas os seus portões do Paraíso a Ahmann. Segredou-lhe veneno aos ouvidos.

– Veneno? – repetiu Manvah.

– Era suficientemente mau que ela e a rameira da sua mãe caminhassem pelo palácio sem véu – disse Inevera –, mas trouxeram consigo a noção de que as nossas mulheres deverão disputar a alagai’sharak como as selvagens do Norte. Para lhe agradar, Ahmann decretou que qualquer mulher que enfrente um alagai em batalha será Sharum’ting, recebendo todos os privilégios de um guerreiro.

Manvah encolheu os ombros.

– E então?

Inevera sentiu-se espantada.

– Não acredito que aproves.

– Porque não? – perguntou Amanvah. Prendeu as vestes negras entre os dedos. – Acreditas que gosto de vestir isto? Olho as mulheres nortenhas e sonho ser tão livre como elas. Sonho possuir o meu próprio pavilhão em vez de gerir o de Kasaad. E porque não deverá ser assim? Porque os clérigos de Kaji viam as mulheres como gado e rechearam os versículos sagrados com opressão? É fácil ergueres-te acima disso. Podes passear nua pelo palácio.

– Não estou nua, mãe – disse Inevera. Manvah olhou-a e fê-la baixar o olhar, sabendo que a mãe não tolerava meias-verdades. Inevera vestia-se como entendia para desagradar aos Damaji e recordar-lhes o seu poder, mas seria inútil negar que era algo que muito lhe agradava.

– Nunca aprovaste a alagai’sharak quando Soli corria perigo – recordou Inevera. – Deveremos perder as nossas filhas na luta além dos nossos filhos?

– Odiava a alagai'sharak quando era um sacrifício inútil dos nossos homens pelo orgulho do Andrah – disse Manvah. – Mas os teus preciosos dados não te disseram que Ahmann é o Libertador enviado por Everam para nos liderar na Sharak Ka?

– Disseram-me que poderia ser – lembrou Inevera.

Manvah fixou o olhar nela.

– Será melhor que rezes para que seja ou terás desperdiçado o último quarto de século da tua vida. Seja como for, não disseram que a Sharak Ka vinha a caminho? Os alagai matam mulheres e homens sem distinção, filha. Permitir às mulheres que se defendam pode ser um conceito nortenho, mas não te deixes cegar ao seu poder. Recordas como Krisha e as suas irmãs-esposas feias espancaram o teu pai. Há mulheres que nasceram para lutar. Que lhes seja permitido fazê-lo. Por Nie, que sejam encorajadas. Adota o costume nortenho e roubarás o fruto da árvore desta mestra do Outeiro.

– Haverá protestos – disse Inevera.

Manvah acenou afirmativamente.

– Haverá gritos em público e raiva fria em privado. Um punhado de idiotas com peças murchas escolherá mulheres ao acaso para descarregar a sua raiva. Mas ninguém se oporá ao Shar'Dama Ka abertamente e em breve será aceite. – Sorriu. – Tal como foi aceite que expusesses o teu sexo em público.

Inevera fingiu uma expressão chocada e Manvah piscou-lhe o olho.

– Mas as mulheres de Krasia veneram-te por isso, mesmo que não se atrevam a admiti-lo em voz alta. Concede-lhes isto e conquistarás os seus corações para sempre.

Inevera percorreu rapidamente o bazar depois do encontro com a mãe. Odiava ter de deixar Manvah. De cada vez, magoava-a como se fosse a primeira, sabendo que poderiam passar meses até poder visitá-la novamente. Mas ausentara-se já durante demasiado tempo e não queria levantar suspeitas que pudessem conduzir alguém até ali. Manvah e Kasaad eram segredos que nem Ahmann conhecia. Qeva poderia recordá-lo, mas os dados tinham dito que a Damaji'ting Kaji nunca a trairia.

Foi então que o viu, numa coincidência tão grande que lhe custou acreditar que tivesse ocorrido sem o auxílio dos seus dados. Caminhava em sua direção com a túnica familiar sem mangas e com a couraça de aço negro decorada com o sol dourado.

Cashiv.

Estava igual ao homem que recordava de tantos anos atrás, o que dizia muito acerca da sua perícia em batalha. A sua face ostentava a expressão imortal das Lanças do Libertador, tão carregados com magia em cada noite que recuavam no tempo, aproximando-se mais do seu auge, apesar de os seus olhos e expressões traírem a sua verdadeira idade. Nos guerreiros mais velhos, como Kaval, os sinais demoravam mais tempo a manifestar-se, mas os mais jovens rejuvenesciam rapidamente e aí permaneciam. Cashiv tinha quase cinquenta anos, mas parecia rondar os trinta, continuando forte e ágil.

Seguiam-no dois Sharum, mantendo-se um passo atrás. Ambos belos de corpo e velhos de olhar. Inevera reconheceu-os aos dois e, por um momento, quase esperou que Soli estivesse entre eles.

Tinham passado anos desde que pensara no guerreiro. O dama Baden era uma voz forte na corte do Libertador, mas Inevera não via o seu kai'Sharum preferido desde que a amaldiçoara por poupar a vida de Kasaad. Tê-la-ia perdoado?

Estacou. Inevera era um nome comum e não sabia se Cashiv saberia que a irmã do seu amante morto se tornara a Damajah. Mas, se a visse ali...

O dama Baden não era um homem com que quisesse partilhar o segredo da sogra do Libertador. Poderia não ser tolo a ponto de a ameaçar abertamente, mas era uma fraqueza que Inevera não podia permitir.

Terei de o matar, percebeu. Rapidamente, antes que consiga dizer aos outros...

Preparou-se, vendo Cashiv e os outros passarem por ela sem sequer um olhar. Um dos guerreiros disse alguma coisa e Cashiv riu-se enquanto contornavam uma curva.

Inevera expirou. Não a tinham visto.

Claro que não, idiota, percebeu. Estás coberta de negro.

Inevera esperou o regresso de Ahmann nos seus aposentos. Envergava as suas sedas e joias da dança das almofadas, incluindo uma tiara nova de moedas de ouro branco decorada com guardas copiadas da coroa de Ahmann para proteger a sua mente da intrusão de um demónio da mente e também com as que lhe permitiam visão guardada e lhe apuravam os sentidos. Conseguia ver o brilho da magia enquanto deslizava em espirais sobre o chão como um demónio da areia, atraída pelas muitas guardas em redor.

Tinha aposentos próprios, claro. Os mais ricos entre todas as esposas de Ahmann, apesar de cada uma possuir câmaras particulares ricamente decoradas para dormir e para receber o Libertador quando procurasse a sua porta. Todas se rapavam e oleavam com frequência, sempre prontas para lhe dar prazer.

A magia que os homens absorviam durante a alagai'sharak, canalizada através das lanças que cravavam na carne dos demónios, fazia mais do que mantê-los jovens, do que conceder-lhes poder e do que sarar-lhes as feridas. Despertava uma paixão animal, um desejo de caçar, de matar, de acasalar. Mesmo antes de provar a magia, Ahmann fora um homem de grande luxúria. Com o tempo, o seu desejo tornara-se interminável e levava as suas esposas a recuperarem de amanheceres doridos nos banhos, com massagens delicadas dos eunucos.

Mas, sendo verdade que cada esposa tinha aposentos ricos, o fausto dos aposentos de Ahmann não tinha igual e era aí que repousava com maior frequência. As suas Jiwah Sen alternavam-se para o esperarem, preparando banho, comida e bebida, vestindo seda garrida e diáfana.

O calendário era controlado pessoalmente por Inevera, um dos seus muito deveres como Jiwah Ka. Ocasionalmente, usava os dados para ajustar o calendário e assegurar que as mulheres eram mantidas de esperanças, mas até isso dependeria sobretudo da sua vontade. Tal como o Chá da Lua Cheia de

Kenevah, Inevera usava o calendário para demonstrar agrado para com aquelas que mais lhe agradavam e para censurar as que se situavam no extremo oposto.

As escolhidas também a serviam a ela e recebiam o toque do Shar'Dama Ka apenas quando o permitia, o que acontecia raramente. Inevera admitia que outras mulheres tocassem Ahmann para bem do seu povo, para que os seus laços com cada tribo permanecessem fortes e para que a sua luxúria fosse saciada quando precisava de se ocupar de outros assuntos. Mas levava-o para as almofadas pessoalmente com maior frequência do que todas as esposas combinadas. O seu uso quase constante de magia dos hora mantivera-lhe o corpo jovem e forte e as suas paixões eram memoráveis. Ahmann raramente conseguia descontraír sem uma mulher que lhe apagasse o fogo e também ela sentia a sua paciência forçada quando se passava demasiado tempo desde o prazer. As outras mulheres tinham as suas oportunidades e agradeciam-nas a Everam.

Mas nenhuma das suas esposas se deitara com o Shar'Dama Ka desde que levara Leesha Papel para a cama. Inevera recusara deixá-lo perceber a sua ira e as outras esposas tinham sido rejeitadas como um homem com um garanhão novo rejeitará um passeio de camelo.

Apesar das palavras da sua mãe, Inevera continuava a precisar de lutar para manter o seu centro quando pensava na rameira nortenha. Quando lançara os dados antes da primeira viagem de Ahmann ao Outeiro do Libertador e os ossos lhe disseram que se apaixonaria por uma mulher chin e a engravidaria, não quis acreditar. Era a primeira vez em anos que duvidava de um lançamento. Não acontecia desde a vinda do Par'chin.

Rezara todas as noites durante a sua ausência para que o coração do marido se mantivesse fiel, pois os dados revelavam apenas o que poderia acontecer e não necessariamente o que aconteceria.

Mas a sua mãe estivera certa. Ahmann não esquecerá o Andrah. Matá-lo não lhe trouxera grande paz. Não tocara outro

homem desde então e também não tocara as suas Jiwah Sen, mas não importava. Sentia a desconfiança do marido como um vão nas suas guardas.

Deitar-se com Leesha Papel e envergonhar a sua Jiwah Ka não seria um bálsamo mais eficaz, mas era algo que Ahmann precisaria de aprender por si mesmo. Certamente, o homem que poupava a vida a Hasik e casara com a sua irmã conseguiria perdoar a sua Primeira Esposa.

«Tudo tem o seu preço», ensinava o Evejah'ting. Ahmann precisava dela para vencer a Sharak Ka e Inevera precisava dele para lhe conceder o poder necessário. Como Damajah, podia obter dele benefícios que, de outra forma, estariam fora do seu alcance. Precisavam de se reconciliar rapidamente, antes que o cisma se tornasse insuperável.

Era por esse motivo que o esperava naquela noite.

Por isso e não pela dor no coração.

Sentiu uma vibração ligeira num dos seus muitos anéis e soube que as portas exteriores dos aposentos do seu marido tinham sido abertas. Dera ordens para não ser incomodada e poderia ser apenas Ahmann.

Sentiu o vento do medo. Rejeitá-la-ia como fizera às outras? Até Qasha e Belina, que tinham sido as suas Jiwah Sen preferidas nas almofadas, foram rejeitadas em benefício da mulher das terras verdes. Teria sido enfeitado pela pele branca como Melan e Asavi tinham advertido? Que aconteceria à unidade do seu povo se assim fosse? Os Damaji e as Damaji'ting podiam tolerar que recebesse uma mulher chin como troféu e companheira de almofadas, mas sentá-la no seu estrado provocaria neles uma raiva impossível de conter. A suas Jiwah Sen esperariam uma solução de Inevera e, se não a encontrassem, o respeito que lhe deviam e o poder alimentado por esse respeito diluir-se-iam como fumo.

Mas o medo não tinha lugar nas decisões de uma mente ordenada. Curvou-se ao vento e deixou-o soprar sobre ela, controlando a respiração e encontrando o seu centro.

Enfrentaria o problema e repararia o dano antes que fosse tarde de mais.

As portas abriram-se e Ahmann entrou. A sua respiração estava tranquila, mas cheirava a suor e a sangue, além do fedor do sangue negro dos demónios. Era o cheiro de um homem que regressava da alagai'sharak e sabia que o seu marido estivera na linha da frente, liderando enquanto outros líderes comandavam da segurança da retaguarda.

O cheiro inebriou-a. Possuíra-a assim por inúmeras vezes, com luxúria trovejante como efeito da magia que lhe fluía pelas veias. Dançava para ele e esqueceria o banho ou a sauna até a curvar sobre a peça de mobiliário mais próxima para se satisfazer. A memória arrepiou-a.

A toda a volta, objetos imbuídos com a magia dos hora cintilavam, com o seu poder contido pelas carapaças de metal que protegiam da luz os ossos de demónio. Havia também guardas cintilando para aquecer a água do banho, para arrefecer o ar do verão e para proteger a câmara de olhos indiscretos.

Nada cintilava tanto como o próprio Ahmann. As guardas que lhe traçara na pele com cicatrizes brilhavam com o poder absorvido durante a batalha noturna e a sua coroa brilhava mais ainda. O brilho da Lança de Kaji era como o próprio sol.

Mas, apesar de todo aquele poder, os ombros de Ahmann estavam caídos como se fossem esmagados por um fardo pesado.

Inevera agitou a mão, ativando um anel de rubi no seu dedo mínimo que continha um pedaço minúsculo de osso de demónio da chama. Velas acenderam-se em redor e o incenso preferido do seu marido começou a queimar.

Foi então que Ahmann percebeu a sua presença. Suspirou, erguendo os ombros e endireitando as costas, olhando-a com cautela.

– Não esperava ver-te esta noite, esposa.

– Sou a tua Jiwah Ka, Ahmann – disse Inevera. – Este é o meu lugar.

Ahmann acenou afirmativamente, sem descontrar.

– Também é o teu lugar facilitar a minha aquisição de novas esposas. No entanto, não fizeste qualquer esforço para chegar a acordo com Leesha Papel, apesar do seu valor óbvio.

– Sirvo Everam e a Sharak Ka antes de te servir a ti, marido – replicou Inevera. – Como deverás fazer também. Quer desejes vê-lo ou não, metade dos teus Damaji enfurecer-se-iam se tivesses designado Leesha Papel como tua Jiwah Ka do Norte.

– Que se enfureçam – disse Ahmann. – Sou o Shar'Dama Ka. Não preciso do seu amor. Apenas da sua lealdade.

– Poderás ser o Shar'Dama Ka. – Inevera pronunciou as palavras como uma chicotada. – Ou poderás ser apenas aquilo que fiz de ti. Mesmo assim, cortas o meu poder pela metade de forma tão despreocupada como cortarias um pão. Tudo por uma mulher de que não sabes nada. Os dados disseram-me que te conquistasse todas as vantagens, mas não poderei fazê-lo por um tolo que mija sobre quem daria a vida por ele e banha os seus inimigos em ouro.

– Nunca chegaria a esse ponto se não tivesses recusado recebê-la como Jiwah Sen – disse Ahmann. – Onde esteve a sabedoria nisso? Voltei para casa com uma mulher com quem desejava contrair um casamento honrado, uma mulher capaz de trazer milhares de guerreiros para a Sharak Ka e também feitiços de guardas que nem tu conheces. Abban tinha já negociado o dote com a mãe e era uma ninharia. Algumas terras, ouro, um título nortenho sem qualquer significado e o reconhecimento da sua tribo. Consideraste que era inaceitável. Porquê? Teme-la?

– Temo o que a bruxa fez à tua mente – respondeu Inevera. – Atribuis-lhe valor muito superior ao que possui. Deveria ter sido trazida como um troféu, deitada sobre a tua sela. Não a deverias ter trazido para a corte, atribuindo-lhe um palácio.

– A primeira Damajah não temia mulher alguma – disse Ahmann. – A verdadeira Damajah tê-la-ia dominado. Diz-me, os dados disseram-te que eras a Damajah ou que poderias sê-lo?

Inevera sentiu-se como se a tivesse esbofeteado. Inspirou fundo para permanecer calma.

– Não viste a sua gente nem passaste semanas com ela na estrada – continuou Ahmann. – Os nortenhos são fortes, Inevera. Se o custo de uma aliança for a existência de uma mulher em todo o mundo que não precise de se curvar diante de ti, será um preço assim tão elevado?

– Será elevado para ti? – perguntou Inevera. – O Homem Pintado, a quem os nortenhos chamam Libertador, é a chave da Sharak Sun, Ahmann. Até um tolo conseguirá vê-lo! E a tua preciosa Leesha Papel protege-o, mantendo-o seguro até poder cravar-te uma lança nas costas.

A expressão de Ahmann ensombrou-se e Inevera receou ter ido demasiado longe, mas não se irritou.

– Não sou um tolo tão grande. Temos agentes no Outeiro. Se este Homem Pintado surgir, serei informado e matá-lo-ei se não se curvar diante de mim.

– E eu trar-te-ei a filha de Erny ou uma prova da sua deslealdade para com Everam – prometeu Inevera. Ergueu-se das almofadas, movendo as ancas e virando-se para que as velas atrás dela tornassem invisíveis as sedas que vestia, revelando cada curva. O incenso tornava o ar carregado quando se aproximou dele e Ahmann susteve a respiração enquanto a sentia rodear-lhe o pescoço com os braços.

– Acredito que és o Libertador, amado – disse-lhe. – Acredito com todo o coração que Ahmann Jardir é o homem que liderará o nosso povo até à vitória na Sharak Ka. – Ergueu o véu com arrojo e beijou-o. – Mas precisarás de todas as vantagens para derrotares Nie em Ala. Deveremos manter-nos unidos.

– *A unidade vale qualquer preço em sangue* – disse Ahmann, citando o Evejah. Retribuiu o beijo, enfiando-lhe a língua na boca. Sentiu a sua tensão e soube onde se acumulava. Num instante, despiu-lhe a túnica, conduzindo-o para o banho. Enquanto se deitava na água quente, Inevera introduziu os dedos nos címbalos pendurados do cinto e começou a dançar, girando nas suas sedas diáfanas entre fumo e luz de velas.

– Pretendo atacar Lakton em menos de três meses – disse Ahmann em voz baixa enquanto permaneciam deitados. Mantinha-a próxima, com o corpo musculado nu além da coroa, que raramente removia, nunca o fazendo durante a noite. Inevera vestia apenas as suas joias. – Trinta dias depois do equinócio, no dia a que a gente das terras verdes chama primeira neve.

– Porquê essa data? – perguntou. – Os Damaji atribuíram-lhe alguma importância nas suas cartas astrais? – Não se esforçou para esconder a censura no tom de voz. A arte dos dama de ler augúrios nos céus era uma tolice primitiva comprada com os alagai hora.

Ahmann abanou a cabeça.

– Os espiões de Abban informam que é o dia em que o tributo das colheitas é transportado para a capital. Um ataque preciso deixá-los-á sem abastecimento para o inverno enquanto esperamos melhor tempo com os armazéns cheios.

– Passaste a aceitar conselhos militares de um khaffit? – perguntou Inevera.

– Conheces o valor de Abban tão bem como eu – replicou Ahmann. – As suas profecias de lucro são quase tão exatas como os teus hora.

– Talvez – concedeu Inevera –, mas não arriscaria o destino de todos os homens por elas.

Ahmann concordou com um gesto.

– E por isso te peço que confirmes as suas informações. Lança os ossos.

Inevera firmou o maxilar. Ahmann enfrentara o guarda-costas do príncipe dos demónios e não vira o demónio da mente drenar a magia dos seus ossos, reduzindo-os a pó. Até ali, mantivera a perda em segredo, escondendo-a até dele.

– Os alagai hora dizem o que desejam, amado – retorquiu. – Não posso exigir-lhes que confirmem informação.

Ahmann olhou-a.

– Vi-te fazê-lo mil vezes.

– As condições não são... – começou Inevera, mas um aumento do brilho de uma das joias na coroa de Ahmann interrompeu-a.

– Mentos – disse Ahmann, com voz dura e certa. – Escondes-me alguma coisa. O que é? – O brilho da coroa continuou a aumentar enquanto fixava os olhos nela. Inevera sentiu-se impotente perante tal olhar.

– O príncipe dos demónios destruiu os meus dados – afirmou, odiando a confissão, mas receando insistir até compreender o que acontecia. Usava um dos poderes escondidos da coroa.

De acordo com o Evehah'ting, o metal sagrado estava decorado com guardas de ambos os lados em torno de um núcleo de osso de demónio. Inevera ansiava pelos segredos daquelas guardas, mas não conseguia desvendá-los sem destruir o precioso artefacto e nem ela se atreveria a tamanho sacrilégio.

O olhar de Ahmann era azedo.

– Poderias ter-me contado.

Inevera ignorou o comentário.

– Comecei a talhar um novo conjunto. Em breve, voltarei a conseguir lançar os dados.

– Talvez uma das tuas Jiwah Sen possa lançá-los entretanto – disse Ahmann. – Isto não pode esperar.

– Pode – disse Inevera. – A primeira neve dista três meses e tens preocupações mais urgentes.

Ahmann acenou com a cabeça.

– A Lua Nova.

Inevera acordou com os braços de Ahmann prendendo-a de forma possessiva, mesmo enquanto dormia.

Com cuidado para não o acordar, colocou o polegar sobre um ponto de pressão no seu braço, tornando-o dormente durante tempo suficiente para sair da cama. Os seus pés descalços afundaram-se na carpete grossa e os seus passos foram tão leves que as pulseiras com guizos que mantinha nos tornozelos não produziram qualquer som.

Ahmann tornava-se mais poderoso a cada dia, dormindo cada vez menos, mas até o Libertador precisava de fechar os olhos entre uma e três horas e certificara-se de que descansaria. A sua semente escorria-lhe lentamente pela perna enquanto avançava até à varanda. Pensou se aquela união geraria uma criança. Sem os dados, não podia saber ao certo, mas o seu amor fora poderoso e há demasiado tempo que não lhe dava um filho.

Guardas eunucos abriram as grandes portas de vidro. Inevera não lhes prestou qualquer atenção ao passar por eles, sentindo a brisa quente e o sol sobre a pele. Os guardas que zelavam pelas esposas de Ahmann não possuíam bolas nem lança e nem sequer se atreveriam a olhar-lhe o traseiro.

Inevera debruçou-se no parapeito de mármore com vista sobre a Fortuna de Everam, a terra verde outrora conhecida como Rizon. Sentiu a extensão do seu poder enquanto contemplava o horizonte. Sentia-o como sentia o sol na pele e a semente na coxa.

O palácio de Ahmann nas terras verdes era uma construção modesta. O seu anterior proprietário, o duque Edon de Forte Rizon, fora um governante fraco, descendendo de uma longa linhagem de governantes fracos. Rodeados por riqueza vasta, tinham sido incapazes de extrair mais do que um fio de ouro aos seus súbditos. Com tamanha abundância, Edon poderia ter um palácio que faria o Andrah suspirar de inveja. Ao invés, a sua residência possuía meros quatro pisos e tinha apenas duas alas, com muralhas estreitas e baixas. Inevera conhecia uma dúzia de dama com palácios mais impressionantes em Krasia. Não seria digno do Shar'Dama Ka, apesar de ser preferível aos pavilhões usados durante a travessia do deserto.

Os seus melhores artesãos traçavam já planos para demolir aquela «mansão» e construir no seu lugar um palácio tão grandioso que as suas torres roçariam o fundo do Paraíso, além de um subpalácio tão profundo que faria tremer a mãe dos demónios no seu abismo.

Mas, apesar de a linhagem de Edon ser fraca, não era composta por tolos. A colina que escolheram proporcionava uma vista notável. A Fortuna de Everam alongava-se diante dela até onde a vista alcançava, repleta de solo rico e com abundância de rios e regatos. Fileiras ordenadas de colheitas e árvores divididas em segmentos geométricos por amplas estradas de terra prolongavam-se desde o interior da cidade como os raios de uma roda. Aqui um milheiral. Ali um pomar. Cem aldeias tributárias, facilmente divididas entre as tribos para saciar a sua luxúria de saque depois da difícil travessia do deserto e da marcha dura durante o inverno.

A gente das terras verdes era muito mais numerosa que o seu povo, mas não eram guerreiros. Com as previsões de Inevera e os Sharum de Ahmann, o ducado fora conquistado tão facilmente como um gato caça um rato. A sua riqueza tornara os chin fracos.

Era adequado que Ahmann construísse ali uma capital, mas o seu povo não poderia tornar-se demasiado confortável naquela terra de abundância. Lançara os dados enquanto sangue vermelho ainda pingava das lanças dos guerreiros e vira o mesmo destino aguardando os krasianos se não continuassem a conquista das terras verdes. O deserto tornara-os duros e essa dureza era muito necessária na guerra que aí vinha.

Por mais que odiasse admiti-lo, havia mérito no plano do khaffit para atacar Lakton antes do inverno.

Inevera voltou para dentro, assinalando às suas servas que trouxessem água quente e óleos aromáticos. Vestiram-na com seda vermelha translúcida. Outra mulher sentir-se-ia vulnerável saindo da câmara de almofadas com tão pouco, mas Inevera era a Damajah e ninguém se atreveria a importuná-la.

Em silêncio, desceu a escadaria que os seus escravos tinham talhado na rocha da colina, conduzindo a uma grande caverna natural. Guardas eunucos acompanharam-na à frente e atrás, mesmo que não se sentisse minimamente ameaçada no seu local de poder. Era cega sem os seus dados, incapaz de prever

perigos, mas, mesmo que um atacante louco ou um alagai inesperado passasse as suas guardas, não era indefesa.

Por fim, alcançou uma grande porta de pedra e os guardas posicionaram-se de cada lado enquanto extraía a única chave de uma bolsa à cintura. A chave era falsa, girando com um estalido sem qualquer significado, mas, com a aproximação da sua mão à fechadura, os hora cobertos de ouro na sua pulseira aqueceram, possuindo guardas especiais que os ligavam a ossos idênticos dentro das fechaduras, fazendo deslizar os grandes ferrolhos. Mesmo que um ladrão conhecedor de guardas adivinhasse o truque, a sua pulseira seria impossível de duplicar e Inevera mantinha-a sempre consigo. Mesmo pesando toneladas, a porta abriu-se silenciosamente com um único toque e fechou-se com igual facilidade depois de entrar.

No interior, deambulou por passagens que nunca tinham sido tocadas pela luz de Everam. Não transportava qualquer lanterna na escuridão, mas as moedas de ouro guardado à volta da cabeça aqueceram um pouco, abrindo-lhe os sentidos para a magia em redor. O poder do abismo vibrava nas paredes e erguia-se no ar como fumo, iluminando-lhe o caminho e permitindo-lhe caminhar como se fosse dia claro.

Inevera não temia o poder que a rodeava. Ao invés, deleitava-se com ele. Everam criara Ala e o poder no seu centro era também Seu. Os servos de Nie poderiam aproveitar a magia na sua fonte para os seus fins, mas não lhes pertencia. Traçar guardas era a arte de roubar novamente esse poder e aplicá-lo aos propósitos de Everam.

Seguiu em frente até alcançar um ponto especial na parede rochosa, ajoelhando e fazendo deslizar uma pedra para revelar as suas ferramentas, a bolsa de hora e os ossos do príncipe demónio que Ahmann matara, cintilando mais intensamente com magia do que quaisquer outros que tivesse visto.

Ahmann não acreditava que fosse Alagai Ka, o pai dos demónios, mas não havia dúvida de que a criatura teria sido gerada por ele, poderosa de formas que nem Inevera conseguia compreender por completo. Roubara-lhe a bolsa de hora e

absorvera o seu poder sem dificuldade, deixando-lhe apenas cinzas no lugar da sua ligação anterior a Everam.

Mas, apesar de estar cega, não perdeu tempo com lágrimas, talhando arrojadamente os ossos. A sua perícia aumentara muito desde os seus anos como Prometida e conseguia ver com clareza à luz das guardas. Talvez os dados já completos lhe permitissem visão parcial, como um homem com um só olho, mas os sete trabalhavam em harmonia e as partes eram inúteis sem a sua soma total.

O sol aproximava-se do seu ponto mais alto quando saiu da Câmara das Sombras e regressou ao palácio. Melan e Asavi aguardavam-na enquanto se aproximava da sala do trono, acompanhando-a enquanto os guardas Sharum se curvavam e abriam as portas para que entrasse.

– Que novas há? – murmurou Inevera.

– O Libertador chegou há pouco à corte, Damajah – disse-lhe Asavi. – Perdeste apenas o ritual.

Inevera acenou afirmativamente. Fora um movimento calculado, libertando-a das formalidades da corte repletas de longas listas de feitos e de orações entediadas. A Damajah estava acima de tais coisas e o seu tempo seria mais bem empregue na Câmara das Sombras até conseguir restabelecer totalmente o seu poder. A oração era inútil para quem se habituara a falar diretamente com Everam.

Os seus olhos moveram-se para as bolsas de hora das suas companheiras. Teriam os seus dados denunciado a cegueira da Damajah? Melan e Asavi tinham-na servido lealmente durante muitos anos, mas não deixavam de ser krasianas. Se sentissem fraqueza, explorá-la-iam, como ela faria no seu lugar. Por um momento, Inevera ponderou confiscar-lhes os dados ou os dados de uma Noiva menor para recuperar a visão até completar o seu novo conjunto.

Abanou a cabeça. Tinha autoridade para o fazer, mas o insulto seria demasiado grande. Seria o mesmo que pedir que cortassem uma mão e lha entregassem. Deveria confiar que Everam não as informaria da sua fraqueza a não ser que tivesse

perdido o Seu favor e, depois de se ter reconciliado com Ahmann, não havia motivo para pensar que tal seria possível.

Inspirando para recuperar o centro, entrou pelas portas abertas.

Como sempre, a sala do trono estava apinhada. Os doze Damaji aconselhavam o Libertador, aglomerados à direita do estrado. Eram encabeçados pelos líderes das duas tribos mais fortes, Ashan dos Kaji, cunhado de Ahmann, e o ancião Aleverak dos Majah, com o seu único braço. Cada Damaji era servido pelos segundos filhos das noivas dama'ting de Ahmann, exceto Ashan, que era acompanhado por Asome, filho de Inevera, e pelo seu sobrinho Asukaji.

Ahmann prometera a liderança dos Kaji ao filho de Ashan, apesar de isso tornar Asome, o segundo mais velho dos setenta e três filhos de Ahmann, herdeiro de nada.

Mas não havia inimizade entre os primos. Antes pelo contrário, tinham a mesma idade e foram companheiros de almofadas desde que eram rapazes no Sharik Hora.

Não incomodava Inevera que fossem amantes, mas sentira-se furiosa quando Asome decidira casar com a sua prima Ashia para lhe gerar o filho que o irmão não poderia dar-lhe. Magoara-a ceder Amanvah a um chin, mas seria melhor do que arriscar que Ahmann a entregasse a Asukaji em novo incesto, apenas para fortalecer os laços já inquebráveis com Ashan.

À esquerda do estrado, sentavam-se as doze Damaji'ting, lideradas por Qeva. Tal como sucedia com os Damaji, estas mulheres eram acompanhadas pelas suas sucessoras: Melan pelos Kaji e as esposas dama'ting de Ahmann pelas restantes tribos. Os dois grupos de mulheres dependiam da vontade de Inevera. Enquanto os Damaji discutiam ruidosamente entre si em plena corte, as Damaji'ting permaneciam em silêncio.

Hasik, que estava do lado de dentro das portas, bateu com os calcanhares quando a viu, golpeando ruidosamente o chão com o pé de metal da sua lança guardada.

– A Damajah!

Inevera não olhou o guarda-costas do marido. Centenas de alagai tinham sucumbido à sua lança e tornara-se seu irmão por casamento quando desposou Hanya, a irmã imprestável de Ahmann. Mas fora Hasik a atacar e morder o seu amado naquela noite fatídica no Labirinto. Ahmann vergara-o, mas continuava a ser pouco mais que um animal. Sabia bem que apenas poderia tocar a irmã mais nova do Libertador com a mais gentil das mãos, mas não superara o seu gosto por provocar dor a outros. Hasik tinha os seus usos, mas não era digno do seu olhar a não ser quando tinha necessidade dos seus serviços.

Todos ergueram o olhar ao ouvirem o anúncio, voltando-se como um bando de árvores para se curvarem enquanto se aproximava. A Damaji olhou-os, mas ignorou-os logo em seguida, fixando o olhar nos olhos de Ahmann e não o afastando enquanto atravessava a sala. Moveu as ancas como se dançasse sobre as almofadas e, com as suas vestes vaporosas, era como se acariciasse toda a sala enquanto se aproximava do marido.

Conseguia sentir a mistura de desejo e ódio que irradiava dos Damaji enquanto passava por eles a caminho do estrado, suprimindo um sorriso. Era suficientemente humilhante que uma mulher se sentasse acima deles, mas a luxúria que despertava era ainda pior. Sabia que muitos Damaji tinham esposas escolhidas precisamente por se parecerem com ela e encantava-a exercer sobre eles esse domínio. Encorajava a prática em segredo, sabendo que contribuiria apenas para os enfeitiçar ainda mais.

– Mãe – disse Jayan, curvando-se respeitosamente. O seu primogénito aguardava na base do estrado, vestindo as vestes negras de guerreiro e o turbante branco do Sharum Ka.

– Meu filho. – Inevera sorriu com um aceno de cabeça, surpresa pela sua presença. Jayan não tinha paciência para clérigos e para política. Reclamara uma das mansões da cidade como seu palácio e construía um novo Trono da Lança, passando os seus dias em corte com outros Sharum.

Independentemente do que pudesse dizer a seu respeito, Jayan tornara-se um notável Primeiro Guerreiro.

Dois passos à esquerda de Ahmann ajoelhava-se o khaffit gordo, Abban, vestido com belas sedas coloridas e sempre preparado para segredar ao ouvido do seu marido. A sua presença ofendia muitos, apesar de, após algumas lições severas, ninguém se atrever a protestar diante do Libertador.

Por seu lado, Inevera considerava que o conselho de Abban era mais útil que os conselhos de muitos homens presentes na sala, mas isso contribuía apenas para a tornar mais cautelosa perante ele. Por vezes, Ahmann desprezava Abban, mas também confiava nele. Se tal servisse os propósitos do khaffit aleijado, seria simples sussurrar-lhe veneno ao ouvido em vez de conselhos sensatos. Os dados nunca tinham sido claros quanto aos seus motivos e tinha razões para manter a desconfiança.

Inevera permitiu que o pensamento se diluísse, vergando ao seu vento. Lidaria com o khaffit a seu tempo. Ergueu novamente os olhos para Ahmann.

Trouxera o Trono do Crânio consigo desde Krasia e sentava-se sobre ele no topo do estrado de sete níveis, como Shar'Dama Ka perfeito. Envergava a Coroa de Kaji tão confortavelmente como outro homem envergaria um turbante desbotado e gasto. Empunhava a invencível Lança de Kaji como se fosse parte do seu braço, fazendo com ela gestos casuais, vendo cada palavra sua ser recebida como bênção e ordem.

Mas havia um novo elemento, a capa de seda guardada oferecida pela pega das terras verdes no seu primeiro encontro. Inevera sentiu que o desagrado lhe inflava as narinas e inspirou, tornando-se a palmeira.

A capa era bela, não o negava. De um branco puro, bordada com frio de prata com centenas de guardas que ganhavam vida à noite, fazendo os olhos dos alagai desviarem-se de quem a envergasse como um oleado repelia a água. A lendária Capa de Kaji, tecida pela própria Damajah, tinha poderes semelhantes, mas perdera-se nas profundezas do tempo, encontrada em

farrapos no sarcófago onde tinham encontrado a lança do Libertador.

Ahmann acariciava a seda com a mão livre como se acariciasse uma amante e a sua presença sobre os seus ombros dizia muito aos homens e mulheres presentes. Usando abertamente a capa de Leesha, Ahmann dizia que não apenas era sua pretendida, mas possuía também uma ligação com o divino.

Como eu, outrora, pensou Inevera, amargamente. Poderia estar vestida apenas com seda vaporosa, mas era a falta dos dados que a fazia sentir-se nua.

Mesmo assim, esboçou um sorriso radiante enquanto se erguia diante do marido, sentando-se no seu colo sem qualquer vergonha e erguendo o véu para o beijar diante de todos. Ahmann estava habituado àquela encenação, mas nunca se mostrara confortável com ela. Inevera saiu-lhe do colo com agilidade e dirigiu-se para o leito de almofadas à direita do trono. Enquanto o fazia, percebeu o olhar de Abban. Não havia luxúria nos seus olhos. Havia respeito.

Lembra-te, khaffit, pensou. *Tentaste seguir-me para a cama de Ahmann com a tua pega nortenha, mas ela partiu.* Ajeitou o cabelo, girando subtilmente o fundo do brinco para ouvir as palavras que Abban segredava ao seu marido.

– Como decorre a concentração das nossas forças, meu filho?
– perguntou Ahmann.

– Bem – respondeu Jayan. – Aumentámos a guarnição na cidade interior e exterior e começámos a organizar patrulhas.

– Excelente – considerou Ahmann.

– Mas o custo foi elevado – acrescentou Jayan – para convocar e recrutar guerreiros das aldeias chin, equipando-as para a Lua Minguante.

– Para decorar o seu palácio – sussurrou Abban. – O imposto de guerra do Sharum Ka terá gerado receita mais que suficiente.

– Quanto? – perguntou Ahmann ao filho.

– Vinte milhões de draki – disse Jayan. Hesitou. – Trinta seria melhor.

– Barba de Everam – murmurou Abban, esfregando a têmpora enquanto a agitação dos Damaji começava a tornar-se notória. Inevera não os censurava. Era uma quantia obscena.

– Tenho tanto dinheiro para gastar? – perguntou Ahmann em voz baixa.

– Poderíamos acelerar o ritmo com que derretemos o tesouro dos chin e cunhamos nova moeda e maximizar a produção das tuas minas de ouro – disse-lhe Abban –, mas penso que seria pouco ajuizado entregar uma única peça de cobre ao rapaz sem saber de forma pormenorizada para onde foi o imposto de guerra e como serão gastos os novos fundos.

– Não poderei humilhar o meu filho de tal forma – disse Ahmann.

– O khaffit está certo, amado – considerou Inevera. – Jayan não conhece o valor do dinheiro. Se lhe concederes o que pede, voltará para pedir mais dentro de duas semanas.

Ahmann suspirou. Também nunca fora particularmente bom com dinheiro, mas, pelo menos, confiava nos seus conselheiros.

– Muito bem – disse a Jayan. – Assim que ordenares aos teus khaffit que entreguem a Abban um registo completo da forma como foi gasto o imposto de guerra, juntamente com as tuas projeções para os fundos adicionais.

Jayan permaneceu imóvel, movendo a boca sem produzir qualquer som.

– Talvez possa ajudar, irmão – disse Asome. – Sempre foste mais hábil com a lança do que com a caneta.

– Preciso tanto da ajuda de push'ting como da ajuda de khaffit – rosnou Jayan.

Asome não mordeu o isco, curvando-se com um sorriso altivo.

– Como queiras.

Poderia não ser herdeiro de nada, mas não era segredo que os dois filhos mais velhos de Ahmann aspiravam a suceder-lhe e que não perdiam oportunidades para sabotarem os méritos um do outro perante o pai.

Asome pedira mais de uma vez ao pai que instituísse novamente o cargo de Andrah, sentando-o no trono. Até então, Ahmann negara-lhe tal honra. Asome era mais jovem um quarto de século do que qualquer Andrah na história e a nomeação colocá-lo-ia acima do irmão mais velho.

Jayan era impulsivo enquanto Asome era cauteloso, facilmente irritável enquanto Asome era calmo e de voz serena, brutal enquanto Asome era subtil. Se Asome fosse colocado acima da sua posição, haveria sangue e muitos Damaji apoiariam Jayan. O Sharum Ka servia o conselho dos Damaji. O Andrah comandava-os. Uma coisa era receber ordens de Ahmann, outra, muito diferente, seria receber ordens de uma dama que mal deixara o bido há um ano.

– Trar-te-ei os registos que pedes, pai – disse Jayan, fixando um olhar feroz no seu irmão mais jovem.

No seu zahven.



DEZASSETE

ZAHVEN

326-329 DR

OUVIRÁ UMA VOZ DO SEU PASSADO e encontrará pela primeira vez o seu zahven.

Inevera ponderou durante longo tempo o lançamento dos dados. Alguns dos símbolos de previsão eram diretos e fáceis de compreender, independentemente do contexto. A maioria não o era. Inevera era mais dotada para os decifrar do que qualquer outra mulher viva, mas até ela encontrava mais confusão do que verdade nos alagai hora.

Zahven era um símbolo antigo que tivera muitos significados ao longo dos anos, nenhum dos quais podendo ser encarado de forma ligeira. Podia significar «irmão» ou «rival», «equivalente» ou «némesis». Os homens referiam-se aos que ocupavam posição idêntica na hierarquia social de outras tribos como seus zahven, mas Everam também era considerado zahven de Nie.

Mas quem seria o zahven de Ahmann? Não tinha irmãos ou mesmo primos e o seu ajin'pal era Hasik, alguém que Ahmann já conheceria. Haveria outro Libertador potencial? Um desafiador? Ou estaria destinado a encontrar o representante de Nie em Ala? Estavam na Lua Minguante, quando se dizia que os alagai eram mais fortes e Alagai Ka se ergueria do sétimo nível

do abismo. O príncipe dos demónios viria ao Labirinto naquela noite?

Inevera inspirou profundamente, permitindo que o medo e a ansiedade a varressem como vento, mantendo a serenidade.

Mas, mesmo segura na sua respiração, outra parte da profecia continuava a perturbá-la. Qual seria a voz do passado de Ahmann e porque não a conheceria?

«O passado chama quando as suas dívidas exigirem pagamento», ensinava o Evehah'ting. Inevera recordava a noite em que Soli e Kasaad tinham entrado no pavilhão das dama'ting e não conseguia discordar.

Pouco faltava para a aurora no primeiro dia da Lua Minguante, quando as dívidas eram pagas e as promessas eram cumpridas. Sharum seriam enviados para casa com os seus salários e os filhos seriam libertados do sharaj para verem as suas famílias.

Inevera pousou os dados, respirando até encontrar o seu centro. A seguir, ergueu-se lentamente e dirigiu-se à câmara de almofadas onde Ahmann dormia. Na maioria das noites, regressava ao palácio quando o Labirinto ficava limpo de alagai, habitualmente horas antes da aurora. Dormia até o sol ir alto, despertando ao meio-dia para iniciar o seu dia.

Mas, quando a Lua Minguante chegava, despertava ao amanhecer para poder ter tanto tempo quanto possível com os seus filhos.

Despiu a túnica e deitou-se sobre as almofadas para o acordar.

Inevera encostava-se a um pilar de mármore, olhando Ahmann com Jayan e Asome. Os rapazes mais velhos eram os mais próximos do pai e erguia-se com eles no centro da sala, diante de um boneco de treino suspenso no ar, dando-lhes lições no manejo da lança e no sharusahk.

As suas irmãs-esposas estavam presentes, claro, juntamente com os filhos destas, ajoelhados num círculo em redor. Um pequeno exército. Inevera habituara-se a chamar «irmãzinhas» às suas Jiwah Sen, tal como Kenevah lhe chamara. O diminutivo

não lhes agradava, sendo mulheres em posição de poder nas tribos respetivas, mas nenhuma se atrevia a protestar. Era Lua Minguante e Ahmann concederia parte da sua atenção a cada esposa e filho antes da grande refeição.

– Um dia, serei Sharum Ka! – gritou Jayan, golpeando o boneco com a lança.

Inevera olhou tristemente o seu primogénito, agora com doze anos. Fora uma criança viva, outrora. Não inteligente como o seu irmão Asume, mas suficientemente curioso. Três anos no sharaj tinham esgotado o brilho dos seus olhos, deixando-o com a expressão morta de todos os Sharum, a expressão de um animal brutal e irracional. Alguém que contemplava a vida e a morte e via maior valor na segunda. Jayan obtinha os melhores resultados na luta, mas mostrava dificuldades com somas e textos simples que Asume, um ano mais novo, superara anos antes. Mais facilmente se limparia com papel do que leria as palavras nele escritas.

Suspirou. Se Ahmann lhe tivesse permitido enviá-lo aos dama... Mas não. Queria filhos Sharum. Apenas os segundos filhos poderiam vestir o branco. Os restantes eram enviados para o sharaj.

Enquanto olhava Ahmann com os rapazes e via o amor nos seus olhos, não conseguiu culpá-lo.

Como se lhe lesse os pensamentos, Ahmann voltou-se e olhou-a.

– Agradar-me-ia que as minhas filhas pudessem também regressar a casa na Lua Minguante.

Gastá-las-ias como trocado miúdo em homens que não seriam dignos delas, pensou Inevera, respondendo apenas com um ligeiro abanar de cabeça.

– A sua formação não deverá ser perturbada, meu esposo. O Hannu Pash das nie'dama'ting é... rigoroso. – Com efeito, tinha-as preparado desde o nascimento.

– Certamente, não poderão tornar-se todas dama'ting – disse Ahmann. – Precisarei de filhas para casar com os meus homens mais leais.

– E assim será – replicou Inevera. – Filhas que nenhum homem se atreverá a magoar e que te deverão lealdade superior até à que merecerão os seus maridos.

– E que deverão a Everam lealdade superior à que merecerá o seu pai – murmurou Ahmann.

E lealdade a ti própria, acima de qualquer outra, ouviu dizer a voz de Kenevah.

– Assim é.

Houve agitação entre os guardas e Ashan entrou na sala. Como dama pessoal do Sharum Ka, raramente era visto na Lua Minguante, ocupado com cerimoniais e bênçãos. Asukaji entrou com ele e o rapaz aproximou-se imediatamente de Asume. Pareciam mais irmãos que primos, muito mais parecidos entre si do que Asume era parecido com Jayan.

Ashan curvou-se.

– Sharum Ka, os kai'Sharum desejam que arbitres uma disputa.

Inevera sentiu retesar-se cada músculo no seu corpo. *Aqui está.*

Ahmann arqueou uma sobrancelha quando viu Inevera erguer-se para o acompanhar, mas não fez qualquer movimento para a impedir, não que o pudesse ter feito. Saíram do palácio e desceram os grandes degraus de pedra até à praça, voltada para o campo de treino dos Sharum. No extremo oposto, situava-se o Sharik Hora e, de cada lado, os pavilhões das tribos.

Perto do fundo dos degraus, dentro das muralhas do palácio, um grupo de Sharum e dama rodeava dois homens. Um deles era khaffit, muito gordo e vestindo sedas mais garridas que uma esposa dançando sobre almofadas. Vestia o colete castanho e o barrete dos khaffit, mas a sua camisa e calças largas eram de seda multicolorida e o barrete estava envolvido por um turbante de seda vermelha com uma pedra preciosa no centro. O seu cinto e chinelos eram de pele de cobra. Apoiava-se numa muleta de marfim com um camelo talhado, encaixando a axila entre as bossas.

O outro homem era um chin nortenho, vestindo roupas esfarrapadas e desbotadas, suficientemente empoeiradas para parecerem castanhas, mas empunhava uma lança, que os khaffit eram proibidos de tocar, e não havia nele nenhum vestígio da deferência que qualquer khaffit são demonstraria perante tantos guerreiros. Um Mensageiro das terras verdes. Inevera vira-os no bazar, mas nunca falara com um.

Inevera olhou Ahmann, percebendo pelos seus olhos que reconhecia o khaffit.

A voz do seu passado.

Olhou com maior atenção, estudando a face do homem. Precisou de olhar além dos queixos múltiplos, recuando anos, mas, por fim, conseguiu recordar o rapaz que levava Ahmann até ao pavilhão das dama'ting tantos anos antes. Um rapaz que visitara o pavilhão anos mais tarde e partira com uma perna mutilada que as dama'ting não souberam se algum dia sararia. Abban, filho de Chabin, o mercador que costumava vender couzi ao seu pai. Era motivo suficiente para antipatizar com ele.

– Que te faz pensar que és digno de te erguer aqui entre homens? – perguntou Ahmann. A ira no seu tom de voz surpreendeu-a. Talvez a dívida do seu passado fosse cobrada e não paga. Que outro motivo levaria um khaffit a vir ao palácio do Primeiro Guerreiro, arriscando a sua ira?

– Perdão, grande senhor. – Abban ajoelhou-se e colocou a testa no chão.

– Olha para ti – rosnou Ahmann. – Vestes-te como uma mulher e exibes a tua riqueza imunda como se não fosse um insulto a tudo em que acreditamos. Devia ter-te deixado cair.

Cair?, pensou Inevera, curiosa.

– Por favor, grande senhor – disse Abban. – Não pretendo insultar. Estou aqui apenas para traduzir.

– Para traduzir? – Ahmann ergueu o olhar e notou a presença do nortenho pela primeira vez. – Um chin? – Voltou-se para Ashan. – Chamaste-me aqui para falar com um chin?

– Ouve as suas palavras – insistiu Ashan. – Verás.

Ahmann estudou demoradamente o homem das terras verdes e acabou por encolher os ombros.

– Fala. Depressa. A tua presença ofende-me.

– Este é Arlen asu Jeph am’Fardos am’Ribeiro – disse Abban, indicando o Mensageiro. – Partiu de Forte Rizon, no Norte, e apresenta-te saudações, implorando permissão para lutar esta noite ao lado dos homens de Krasia na alagai’sharak.

Ahmann abriu a boca de espanto e Inevera também se sentiu dominada por uma onda de choque. Um nortenho que desejava lutar era como um peixe pedindo para nadar na areia tórrida.

Os homens começaram a discutir se o desejo deveria ou não ser concedido, mas Inevera ignorou-os.

– Marido – disse, em voz baixa, tocando-lhe o braço. – Se o chin deseja erguer-se no Labirinto como um Sharum, deverá estar predestinado.

Inevera conduziu o chin até uma câmara de profecia. Ahmann insistiu em acompanhá-la e não conseguiu pensar numa forma fácil de lhe negar o pedido. Por vezes, o seu marido podia ser ingénuo, mas não era tolo. Sentia o seu interesse pelo homem e, se o nortenho fosse realmente o seu zahven, também poderia senti-lo.

– Estende o braço, Arlen, filho de Jeph – disse ao nortenho depois de desembainhar a faca. O chin franziu a testa, mas não hesitou em arregaçar a manga e estender o braço.

Corajoso, pensou Inevera enquanto fazia o corte. Os dados pareciam vibrar-lhe nas mãos enquanto os sacudia e lançava.

Um arrepio desceu-lhe pela coluna enquanto lia o resultado.

Não...

Pressionou o polegar sobre o corte no chin. Gemeu, mas não resistiu. Voltou a humedecer os dados e lançou-os novamente.

E uma terceira vez.

O destino de Arlen asu Jeph am’Fardos am’Ribeiro expunha-se diante dos seus olhos, idêntico no terceiro lançamento ao que fora no primeiro. Inevera lançara os ossos a guerreiros incontáveis, mas nunca vira nada assim desde Ahmann.

Poderá ser ele o Libertador? Olhou-o. Não impressionava. Não era baixo nem alto, o seu cabelo tinha a cor da areia e rapava a face como um khaffit. Não era desagradável ao olhar, mas tão pouco era belo como Ahmann.

Mas os seus olhos eram duros como os do seu marido e o mesmo potencial zumbia em seu redor como insetos atraídos por uma lanterna – futuros em que os homens lhe chamavam Libertador, em que era martirizado ou morria sozinho, em que fracassava, provocando a extinção da humanidade.

Se pudesse ter novos maridos como Ahmann coleciona esposas. Reviu mentalmente as possibilidades, mas era impossível. Os seus poderes não eram infinitos e nem uma dama'ting poderia ter dois maridos mortais. Um forçava já os limites. Aquele chin, apesar de todo o seu potencial, não podia ser o líder que o seu povo seguiria e não poderia haver dois homens daqueles, no Norte e no Sul. A terra não era suficientemente grande para ambos. Acabariam por a dilacerar, perdendo a Sharak Ka no processo.

Terá de ser Ahmann.

– Pode combater. – Guardou os dados e limpou o corte, estancando o sangue que escorria. Administrou-lhe uma salva e ligou-o com pano limpo, guardando no bolso o pano com que lhe limpara o sangue.

Ahmann e o chin abandonaram imediatamente a câmara e ouviu o marido gritar ordens no corredor. Ajoelhou-se e retirou novamente os dados, apertando o pano ensanguentado sobre eles.

– Como poderá Ahmann apoderar-se do poder do filho de Jeph? – perguntou, lançando.

Quando o zahven encontrar o poder, partilhará o segredo com os seus verdadeiros amigos, mas morrerá antes de o ceder.

Inevera recolheu novamente os dados, guardando-os na bolsa, levantando-se e saindo da câmara de profecia. Ahmann estava ao fundo do corredor, prestes a sair para o campo de treino. Segurou-lhe o braço.

– O chin será instrumental na tua ascensão até te tornares Shar'Dama Ka – segredou. – Acolhe-o como um irmão, mas mantém-no no alcance da tua lança. Um dia, precisarás de o matar para seres louvado como o Libertador.

Alarmes soaram pela cidade nessa noite, ecoados por sinos e pelos gritos de mulheres por toda a Subcidade. Havia uma brecha na primeira muralha.

Era impensável. Inaudito.

Porém, era Lua Minguante e os dados tinham dito que Ahmann encontraria o seu zahven. O homem das terras verdes tê-lo-ia matado? E se não falassem do chin? E se Alagai Ka se tivesse erguido realmente naquela noite, enfrentando-o Ahmann naquele preciso momento? Estaria pronto se a Sharak Ka começasse naquela noite?

Na manhã seguinte, pareceu-lhe que a resposta às duas últimas questões era afirmativa. Um demónio da rocha destruíra o grande portão, chacinando guerreiros às dezenas e abrindo caminho para centenas de outros alagai. Tal não ocorrera em toda a história da Lança do Deserto, uma calamidade suficientemente grande para gelar o sangue ao homem mais corajoso.

Ahmann, todavia, rechaçara-os, voltando a selar o portão e salvando inúmeros guerreiros. Juntamente com o chin, tinha enfrentado o demónio da rocha no Labirinto, aprisionando-o até ao nascer do sol. Foi apenas por sorte que conseguiu escapar.

Mas o preço fora elevado. Mais de um terço dos guerreiros de Krasia mortos numa noite e o demónio, como viria a descobrir, fora um inimigo pessoal do chin. O Andrah queria-o morto e Ahmann teve de arriscar a sua reputação para o salvar, desafiando abertamente o seu líder, declarando-o Par'chin, um bravo forasteiro. Foi apenas o amplo apoio dos Sharum e de dama-chave que salvaram o nortenho e mantiveram a cabeça de Ahmann sobre os seus ombros.

– Precisaréi de mais sangue do Par'chin – disse Inevera.

Ahmann riu-se.

– É um pedido fácil de satisfazer. O Par'chin sangra com frequência no Labirinto, mas sempre com grande custo para os alagai. – No seu encontro seguinte, trouxe-lhe um trapo tão ensopado com o sangue do chin que conseguiu encher um pequeno frasco quando o apertou. Inevera prendera um pedaço de hora ao vidro sob camadas de esmalte opaco e guardou-o para preservar a essência no frio.

Foi Inevera a servir pessoalmente o chá ao Par'chin na noite em que trouxe a lança. Ahmann olhou-a, incrédulo, mas queria aproximar-se o mais possível do objeto. O homem das terras verdes não disse nada quanto à sua proveniência enquanto os restantes Sharum contemplavam a lança maravilhados, mas admitira em privado a Ahmann que a trouxera das ruínas da cidade santa de Anoch Sun.

As cortinas pesadas da sala de jantar foram corridas e envergava a sua tiara guardada. Há anos que não servia chá, mas os movimentos precisos do ritual tinham sido interiorizados quando era nie'dama'ting, permitindo-lhe concentrar-se na lança. Reluzia como o próprio sol, emitindo a luz de Everam. Tal poder poderia resultar apenas de um núcleo de osso de demónio. As centenas de guardas interligadas eram incrivelmente belas e o metal era de uma qualidade que nunca antes vira.

– Honras-me, dama'ting – disse o Par'chin quando se curvou para lhe encher a chávena. O seu krasiano era impecável, tal como a sua etiqueta. O sorriso era sincero. Ou seria um ladrão exímio, com cada expressão cuidadosamente trabalhada, ou desconhecia o que faziam aos saqueadores de túmulos.

– A honra é nossa, Par'chin – retorquiu. – És o único nortenho a alguma vez ter acrescentado a sua lança às nossas. – *E a atrever-se a olhar-nos nos olhos enquanto tentas roubar-nos,* acrescentou em silêncio.

Olhou novamente a lança. Há muito ansiara por poder examiná-la condignamente, mas as dama'ting estavam expressamente proibidas de tocar em armas. Era uma enorme ironia, já que aquela fora claramente fabricada por uma delas. O

facto de ser um genuíno artefacto de Anoch Sun estava além de qualquer dúvida. Independentemente da sua origem, a lança morderia os alagai como nenhuma arma conseguia fazer há milénios. Mas, no tempo do Shar'Dama Ka, tinham existido muitas armas semelhantes empunhadas pelos filhos e pelos tenentes de Kaji. Seria aquela uma dessas ou realmente a Lança de Kaji, fabricada com o metal sagrado pela própria Damajah? Havia apenas uma única forma de ter a certeza.

Precisou de um movimento mínimo do braço para enrolar a seda branca solta da sua manga à ponta da lança. O tecido rasgou-se quando se endireitou.

Inevera gemeu e fingiu tropeçar, entornando o chá. Em redor da mesa baixa, Sharum ajoelhados afastaram os olhares para não testemunharem o seu embaraço, mas o chin foi rápido, apanhando o bule com uma mão e amparando-a com o outro braço.

– Obrigada, Par'chin. – Inevera olhou a lança caída no chão, vendo o que esperara ver. Ao longo de todo o seu comprimento, havia uma bainha quase impercetível. Sem a visão guardada, seria invisível.

A bainha sobre a qual a Damajah enrolara a folha de metal sagrado fina em redor do núcleo.

O Par'chin trouxera-lhes a Lança de Kaji.

– É esta a noite – disse Inevera, caminhando de um lado para o outro, excitada. Soubera que o Par'chin encontraria poder, mas nunca sonhara com algo semelhante. – Há muito que a previ. Mata-o e apodera-te da lança. Quando o sol nascer, declarar-te-ás Shar'Dama Ka e, dentro de um mês, governarás toda a Krasia.

Planeava já a sua ascensão. O Andrah tentaria travá-lo ou matá-lo, mas os Sharum eram mais leais a Jardir. Se os guerreiros vissem Ahmann matando alagai no Labirinto, segui-lo-iam em magotes, começando com os que lhe eram mais próximos.

– Não – disse Ahmann.

Precisou de um momento para interiorizar a palavra.

– Os Krevakh e os Sharach declararão de imediato o seu apoio. Mas os Kaji e os Majah opor-se-ão com firmeza... Hã? – Voltou-se para ele. – A profecia...

– Para o abismo com a profecia – disse Ahmann. Não assassinarei o meu amigo, por mais que os ossos de demónio te digam que o devo fazer. Não o roubarei. Sou o Sharum Ka. Não sou um gatuno.

A explosão de raiva de Inevera escapou à sua capacidade de controlo. Esbofeteou-o, com o gesto ecoando das pares de pedra.

– És um tolo! É agora o momento da divergência, quando o que poderá ser se torna o que será. Quando o sol nascer, um dos dois será aclamado como Libertador. Cabe-te a ti decidir se será o Sharum Ka da Lança do Deserto ou algum chin salteador de sepulturas vindo do Norte.

– As tuas profecias e divergências cansam-me – disse Ahmann. – As tuas e as de todas as dama'ting! São apenas palpites para vergar os homens à vossa vontade. Mas não trairei um amigo, independentemente do que finjas ver nesses nacos guardados de merda de alagai!

Inevera sentiu-se como se tudo o que construía durante vinte anos se desmoronasse em seu redor. Teria percorrido tanta distância para fracassar porque o tolo com que casara não tinha coragem para matar um homem que profanara a sepultura de Kaji? Guinchou e ergueu a mão para voltar a golpeá-lo, mas Ahmann segurou-lhe o pulso e ergueu-o bem alto. Debateu-se por um momento, mas ele era muito mais forte.

– Não me forces a magoar-te – advertiu.

E atrevia-se a ameaçá-la? As palavras fizeram Inevera recompor-se. Uma vida inteira de treino com Enkido ensinou-lhe que a força poderia ser roubada com um simples toque. Torceu-se, cravando dedos endurecidos num ponto que lhe interromperia a linha energética do ombro. O braço que a segurava ficou inerte e afastou-se da sua mão, recuando um passo para ajeitar a túnica enquanto respirava para recuperar o centro.

– Continuas a acreditar que as dama'ting são indefesas, marido. Melhor do que ninguém, deverias saber o contrário. – Segurou-lhe a mão dormente, esticando o braço enquanto pressionava o polegar livre sobre o ponto de pressão no ombro, restaurando a linha de energia. – Não és um ladrão se apenas reclamares o que é teu por direito.

– O que é meu? – repetiu Ahmann.

– Quem é o ladrão? – perguntou Inevera. – O chin que saqueia o túmulo de Kaji ou tu, o seu descendente, que recupera o que foi roubado?

– Não sabemos ao certo se é realmente a Lança de Kaji – disse Ahmann.

Inevera cruzou os braços.

– Tu sabes. Soubeste no momento em que a viste, tal como sempre soubeste que este dia viria. Nunca te escondi este destino.

Ahmann não disse nada, mas Inevera soube que conseguia convencê-lo. Tocou-lhe o braço.

– Se preferires, posso colocar-lhe uma poção no chá. A sua morte será rápida.

– Não! – gritou Ahmann, afastando-se – Escolhes sempre o caminho menos honroso! O Par'chin não é um khaffit que possa ser abatido como um cão! Merece uma morte de guerreiro.

É meu, pensou Inevera.

– Então dá-lhe uma. Agora, antes que comece a alagai'sharak e se conheça o poder da lança.

Mas Ahmann abanou a cabeça e fê-la perceber que não poderia ser convencido.

– Se tem de ser feito, fá-lo-ei no Labirinto.

Na manhã seguinte, Ahmann regressou ao Palácio do Sharum Ka triunfante, erguendo bem alta a Lança de Kaji para que todos a vissem. Os Sharum gritavam de júbilo e os dama observavam, alguns em fervor religioso, outros aterrorizados. O seu mundo estava prestes a mudar para sempre e os que tivessem um mínimo de inteligência percebê-lo-iam.

Mas, apesar de parecer um líder orgulhoso e intrépido, havia uma sombra no olhar de Ahmann. Estava rodeado por uma multidão de tenentes e bajuladores, mas Inevera percebeu que precisaria de falar com ele sem demora. Gesticulou, enviando as suas irmãzinhas. Nenhum homem deteria uma dama'ting e as onze Jiwah Sen depressa formaram um círculo impenetrável em redor de Ahmann, separando-o dos outros e conduzindo-o para uma câmara privada onde poderiam falar livremente.

– O que aconteceu? – perguntou. – O Par'chin...

– Morto – interrompeu Ahmann. – Cravei-lhe a lança entre os olhos e abandonei o seu cadáver nas dunas, longe das muralhas da cidade.

– Graças a Everam – expirou Inevera, descontraindo músculos que não percebera estarem contraídos. Nem os dados tinham conseguido dizer-lhe com certeza que assassinaria o seu amigo.

E fora assassínio, apesar das palavras doces que usara para tornar a traição cruel mais fácil de engolir. O chin era um saqueador de sepulturas sem deus, mas não fora educado nas verdades de Everam e ela própria teria roubado o túmulo de Kaji se soubesse onde se encontrava e o que continha. Aconselhou Ahmann a regressar lá logo que lhe fosse possível.

Ergueu um braço, pousando-lhe uma mão no ombro.

– Lamento a tua perda, marido. Era um homem honrado.

Ahmann afastou rudemente o ombro da sua mão.

– Que sabes tu de honra?

Afastou-se dela com passos largos, dirigindo-se ao pequeno altar a Everam onde dizia as suas orações privadas. Inevera não tentou segui-lo, mas girou o brinco, inspirando profundamente enquanto ouvia o marido chorar.

Seria Ahmann o Libertador? Se tal homem fosse criado e não nascido, poderia saber algum dia se tivera sucesso sem o ver matar Alagai'ting Ka, a Mãe dos Demónios?

Certamente, Inevera ter-lhe-ia conquistado vantagens, mas, se fosse alguém, teria de ser ele. Tinha superado com distinção todos os testes na sua vida e, mesmo que a tivesse tomado pela força, a lança fora trazida até ele pelo destino. Qualquer

outro homem teria apunhalado o chin sem pensar duas vezes, mas, apesar de todo o seu poder e do seu estatuto, Ahmann continuava a chorar pela sua traição.

Teria aproveitado a ocasião se não lho tivesse ordenado? Mesmo que nunca o tivesse conhecido? Se fosse suficientemente forte, mas fosse também o tipo de animal iletrado e preconceituoso normalmente produzido pelo Kaji'sharaj, teria feito amizade com o Par'chin, matando-o no momento certo? Haveria alguma coisa divina em Ahmann que o empurrasse para o poder por mais humilde que fosse a sua condição?

Não sabia.

– Hoje – disse Ahmann enquanto Inevera o ajudava a vestir a túnica e a armadura.

Passara quase meio ano desde que se apossara da lâmina e iniciavam o último esforço para invadir o Palácio do Andrah. Poderia ter conquistado a cidade mais cedo se pretendesse enorme carnificina, mas Ahmann sabia esperar e deixar que os homens o seguissem, como acontecia em números cada vez maiores a cada dia que passava.

– Temos mais homens dentro do palácio do que ele – disse Ahmann. – Abrirão os portões com o amanhecer, matando os últimos Sharum que defendem os costumes antigos. Ao meio-dia, sentar-me-ei no Trono dos Crânios. Enviar-te-ei um estafeta quando for seguro que entres com as tuas Jiwah Sen.

Inevera acenou afirmativamente como se fossem ótimas notícias, apesar de ter ouvido em segredo as reuniões com os seus generais, confirmando as conclusões a que chegou com os dados. Não precisou de dizer ou fazer grande coisa depois de a lança estar nas mãos de Ahmann. Preparara-o para conquistar e liderar e cumpria ambos os papéis com a naturalidade com que uma ave se erguerá no céu.

Ahmann partiu ao encontro dos seus homens e Inevera chamou as suas irmãs. Despiram-lhe a túnica branca de seda e entrou num banho quente enquanto Everalía e Thalaja

aguardavam para lhe esfregarem a pele e para a massajarem com óleo perfumado.

– Tragam-me as minhas sedas da dança das almofadas – disse a Qasha, que se apressou a obedecer.

– Inteligente – considerou Belina, sorrindo. – Vesti-las-ás sob as vestes brancas para mais depressa poderes ajudar o teu marido a celebrar a sua ascensão.

Inevera riu-se, lançando a cabeça para trás.

– Oh, irmãzinha. Não voltarei a vestir a túnica branca.

Inevera deitava-se sobre as almofadas por trás do Trono dos Crânios no Sharik Hora. O templo dos ossos dos heróis tornara-se o seu palácio e havia ali magia ancestral. Não tão vistosa como a magia dos ossos de demónio, mas não menos potente. Milhões de homens tinham dado a vida com orgulho para decorar aquele local e os seus espíritos enriqueciam a pedra.

Saber que os seus antepassados observavam fê-la sentir-se ainda mais descarada, deitada sobre um leito de almofadas de seda vestindo apenas seda translúcida. As calças tinham cortes a todo o comprimento da perna, presas com ouro nos tornozelos e expondo pedaços de pele nua enquanto se movia. No tronco, vestia apenas uma faixa longa de seda que mal lhe cobria os seios e não fazia nada para os esconder. Estava presa com um nó simples entre as omoplatas, com as pontas longas pendendo-lhe junto aos braços e prendendo-se a pulseiras douradas. O cabelo estava oleado e preso com ouro.

Mas também nisso havia poder. Ahmann odiava ver a sua mulher assim exposta, mas era positivo para lhe recordar publicamente que, mesmo como Shar'Dama Ka, o seu poder não era infinito. E, assim, era forçado a fingir que a escolha era sua.

Era uma lição importante e, a não ser que o palpite lhe falhasse, estava prestes a ensiná-la novamente. Diante deles erguiam-se Kajivah, Ashan, Imisandre, Hosvah e Hanya, juntamente com as sobrinhas de Ahmann, Ashia, Shanvah e Sikvah.

– O Hannu Pash convocou o meu filho Asukaji para envergar o branco, Santo Libertador – dizia Ashan. – Mas a minha filha, Ashia, sangue do teu sangue, recebeu a túnica negra das dama'ting. É um insulto.

– Deverás amar as tuas filhas, Ashan – disse-lhe Ahmann. – Se entrarem no Palácio das Dama'ting, poderás não voltar a vê-las. Não há qualquer desonra em ser dal'ting. – Apontou Kajivah.

Ashan curvou-se diante da mulher.

– Não pretendia ofender-te, Santa Mãe.

Kajivah retribuiu a vénia.

– Não ofendeste, Damaji. – Voltou-se para o seu filho e, mesmo que se sentasse sete degraus acima dela, parecia-lhe que o olhava de cima para baixo.

– Não há desonra em ser dal'ting, meu filho, mas é um fardo pesado. Um fardo que as tuas irmãs e eu carregámos durante muitos anos. Aceitarias que a lei defendesse um marido que golpeasse uma filha do teu sangue?

Ahmann voltou-se para Inevera, mas esta interrompeu-o antes que pudesse falar.

– Os dados não as chamaram. – As palavras foram proferidas com voz calma, apenas para os ouvidos do homem que partilhava o seu nível no estrado. – Aceitarias um aleijado como Sharum?

Ahmann franziu o cenho, mas manteve a voz igualmente baixa.

– Dizes que as minhas sobrinhas não são melhores que aleijados?

Inevera abanou a cabeça.

– Digo que foram destinadas a outros caminhos. Não precisarão de ser ordenadas para alcançarem a grandeza, amado. Vê-te como exemplo disso mesmo. Se desejares, receberei as raparigas no Palácio das Dama'ting e treiná-las-ei, como treinaste no Sharik Hora.

Ahmann olhou-a por um momento. A seguir, acenou afirmativamente e voltou a olhar os outros.

– As raparigas serão levadas para o Palácio das Dama'ting como dal'ting e serão treinadas. Sairão como kai'ting e, depois de casadas, envergarão um véu branco com a túnica e o toucado negros, tal como farão a minha mãe e irmãs a partir deste dia. Tal como sucede com as dama'ting, qualquer homem que golpear uma kai'ting perderá os membros com que a transgressão foi cometida ou a vida.

– Libertador... – começou Ashan.

Ahmann silenciou-o com um movimento subtil da lança.

– Tomei a minha decisão, Ashan.

Inevera ergueu-se enquanto o Damaji recuava, humilhado. Bateu com as mãos e esfregou-as de júbilo por receber três raparigas tão jovens e moldáveis. Na verdade, não sabia o que fazer com elas, mas, por vezes, era esse o caminho.

«Lança à terra as sementes que possúires», dizia o Evejah'ting. «Pois poderão gerar frutos inesperados.»

Inevera conduziu as raparigas da grande câmara pela sua porta privativa. Aí, do outro lado da porta, erguiam-se Qeva e Enkido, que teriam ouvido cada palavra proferida no interior graças à acústica precisa.

– As raparigas aprenderão letras, canto e dança das almofadas durante quatro horas por dia – disse Inevera a Qeva.

– As outras vinte pertencerão a Enkido.

Ashia abriu a boca de espanto ao ouvir aquilo e Shanvah segurou-a com uma mão. Sikvah começou a chorar.

Inevera ignorou-as, voltando-se para o eunuco.

– Faz delas algo digno.



DEZOITO

ENCONTRO TENSO

333 DR Verão 11 Auroras antes da Lua Nova

LEESHA SENTIU ACALMAR-SE o estômago enquanto os arredores familiares do Outeiro se tornavam visíveis. Era bom estar em casa. As aldeias de refugiados, cada uma formando uma grande guarda própria, cresciam com velocidade incrível.

Ouviu-se um grito e a caravana travou de forma abrupta. Leesha enfiou a cabeça pela janela e viu uma companhia de Soldados de Madeira na fronteira da grande guarda central. Cinquenta soldados bloqueavam a estrada sobre cavalos de batalha pesados, com as armaduras de madeira envernizada refletindo o sol. Um ruído entre a vegetação que ladeava a estrada denunciava a presença de arqueiros com armaduras ligeiras de couro, cada um com um arco preparado a disparar e segurando mais duas flechas na mão.

Atrás deles, erguiam-se centenas de outeiros, alguns com lanças, mas outros com as ferramentas dos ofícios respectivos. Alguns eram seus conhecidos. A maioria não.

– Que significa isto? – gritou Kaval e Leesha soube que o imbecil levaria a mão à lança. Abriu a porta da carruagem, tropeçando com a pressa e acabando por cair no chão. Levou a mão ao ventre, receosa, mas cerrou os dentes e ergueu-se.

– Mestre Leesha! – gritou Wonda, desmontando. Leesha conseguira levantar-se antes que a rapariga a alcançasse e gesticulou-lhe que se afastasse. Como esperara, os krasianos empunhavam lanças e os arqueiros pareciam preparados para os abaterem antes de fazerem perguntas.

– Baixem as armas! – gritou. A sua voz não era aumentada pela magia dos hora, mas o talento para gritar era outra coisa que herdara da sua mãe. Todos os olhares se voltaram para ela. Ninguém se moveu.

– Quem és tu para dares ordens aos soldados do conde Thamos? – perguntou um dos soldados a cavalo. Montava um belo animal de batalha em vez dos garanhões angieranos mais comuns montados pelos restantes Soldados de Madeira e a sua capa era presa por uma corrente de ouro. Sobre o elmo, via-se um tufo de capitão.

– Sou a mestra Leesha Papel, Herbanária do Outeiro do Libertador – disse Leesha. – E apreciava que me poupassem o trabalho de coser feridas de homens demasiado ávidos com dedos nervosos sobre o arco.

– Outeiro do Lenhador – corrigiu o capitão. – E chegas tarde. O teu Mensageiro das areias chegou há mais de uma semana e não disse nada sobre trazeres contigo metade do exército krasiano.

Kaval riu-se ao ouvir aquilo.

– Se um centésimo do exército do Libertador se fizesse à estrada, o trovejar dos nossos passos bastaria para te fazer cair do cavalo, rapaz.

O capitão mostrou os dentes e Leesha avançou para a estrada, posicionando-se entre eles.

– Mantém a língua quieta, instrutor. Não permitirei que cubras de vergonha o meu regresso.

Gared e Wonda flanquearam-na, Wonda a pé e Gared parecendo particularmente gigantesco sobre o seu cavalo pesado diante dos soldados montados. Os Soldados de Madeira começaram a trocar sussurros quando o viram. A reputação de Gared precedia-o. Outra coisa em que a sua mãe estivera certa.

Desejava conseguir esquecer a visão dos dois unidos como cães.

– Quem és tu, pelo Núcleo? – perguntou Gared ao capitão. A sua ira era palpável. – Não me agrada que me apontem lanças a mim e aos meus em solo pelo qual sangrámos. Será melhor que as baixem antes que vo-las enfie pelo traseiro acima.

O capitão sorriu.

– Não estás em posição para fazer ameaças, Lenhador. Já não tens qualquer autoridade aqui.

– Sim? – Gared levou os dedos aos lábios e assobiou. Os Lenhadores atrás dos Soldados de Madeira moveram-se ao ouvirem o som, passando de cada lado dos homens do conde. Eram liderados por Dug e Merrem Açougueiro e Leesha viu outros conhecidos na dianteira. Yon Grisalho, o seu filho e os seus netos, todos parecendo ter a mesma idade. Samm Serra, Ande Lenhador, Tomm Cunha e os seus filhos. Evin Lenhador e o seu cão gigante.

Os Lenhadores não ameaçaram, mas não precisaram de o fazer. O mais baixo entre eles era mais alto que qualquer soldado apeado do conde. Até os cavaleiros pareceram encolhidos nas suas armaduras. Sombra tinha quase o tamanho dos cavalos e relinchavam de medo quando passou por eles. Se o animal crescesse mais, Evin não tardaria a montá-lo em vez do seu cavalo.

Os Soldados de Madeira hesitaram, olhando o seu capitão e esperando as suas instruções. Mas a oportunidade passou e ficaram cercados, com o capitão sendo separado dos seus homens.

Mais Lenhadores surgiram entre as árvores e o seu olhar feroz fez com que arcos prontos a disparar fossem apontados ao chão. Dug e Merrem saudaram Gared com uma continência militar quando se colocaram a seu lado.

– Dizas? – perguntou Gared, com arrogância.

A expressão do capitão revelava o seu desagrado, mas abanou a cabeça, recuperando a compostura. Ergueu uma mão e fez aos seus homens uma série de gestos complexos.

Baixaram as lanças, parecendo aliviados, mas pareceram prontos a erguê-las novamente a qualquer momento.

O oficial desmontou, retirando o elmo e curvando-se brevemente para Leesha.

– Sou o escudeiro Gamon, capitão da guarda condal. Viemos para te escoltar até Sua Alteza.

– E precisavas de setenta homens para o fazer, capitão Gamon? – perguntou Leesha. – O coração do Outeiro tornou-se assim tão perigoso?

– Não tens nada a temer aqui, mestra – assegurou Gamon. – Mas, por ordem do conde Thamos, nenhum krasiano poderá entrar na cidade empunhando armas.

– Permitirei que Nie me leve antes de avançar desarmado – rosnou Kaval em krasiano. Leesha voltou-se para ele, arqueando uma sobrancelha. – Perdoa-me, mestra – disse o instrutor –, mas a minha lança foi um presente do próprio Libertador e não a entregarei a um chi'Sharum covarde das terras verdes.

– Entregarás – disse-lhe Gamon – ou temos ordens para as levarmos, independentemente de quem tentar impedir-nos. – Olhou Gared e Leesha. – Superam-nos em número, mas o conde comanda mil Soldados de Madeira. Desejam verter sangue pelos esforços de Sua Alteza para manter o seu povo a salvo de conhecidos invasores?

Leesha esfregou a têmpora.

– Se é esse o seu objetivo, tem uma forma estranha de o mostrar. – Abanou a cabeça. – Mas não. Não desejamos. – Voltou-se para Kaval. – Não lhe entregarás as tuas armas, instrutor. Entregar-mas-ás a mim.

– Receio que não seja suficiente, mestra – disse Gamon.

Leesha olhou-o, altiva.

– Ficarão desarmados, capitão. Não insistas em prender o nuclita pelos chifres.

Gamon abriu a boca, mas não emitiu qualquer som. Seria resposta suficiente. Leesha voltou-se novamente para Kaval.

– Recolhe as lanças dos teus homens, dal e kha'Sharum, e guarda-as sob a minha carruagem. Tens a minha palavra de que

serão devolvidas quando partirem do Outeiro.

Kaval hesitou, olhando sobre o ombro.

– Não procures a dama'ting – silvou-lhe em krasiano. – Ahmann ordenou-te que me obedecesses a mim e não a ela. Faz como te digo. Agora.

O instrutor arreganhou os dentes, mas curvou-se e obedeceu, recolhendo as armas dos seus homens e guardando-as em segurança. Era óbvio que teriam facas e Coliv teria ainda um autêntico arsenal escondido, mas a honra dos krasianos impunha um limite. Se Leesha ou o capitão Gamon tentassem revistá-los, haveria sangue.

Darsy destacou-se da multidão para se erguer a seu lado. Não se curvou, abraçando Leesha com tanta força que lhe roubou o fôlego.

– Não sabes como estou feliz por teres regressado.

Leesha retribuiu o abraço, recordando a antipatia passada de Darsy. A mudança não era nova, mas continuava a surpreendê-la.

– Capitão – disse –, escolta-nos até Sua Alteza. Gostaria muito de falar com ele.

O soldado acenou afirmativamente, devolvendo o elmo à cabeça e montando o cavalo. Os Lenhadores abriram o círculo, permitindo-lhe que se reunisse aos seus homens, mas mantendo-se próximos e conferindo a Leesha uma sensação de segurança e proteção que não sentia há meses. Era bom estar em casa.

Darsy avançou para retirar as rédeas ao krasiano que conduzia a carruagem de Leesha e o homem desceu enquanto Leesha subia, dividindo ambas o banco para poderem conversar em privado quando a caravana recomeçou a sua marcha. Wonda manteve-se por perto no seu cavalo, enquanto Gared puxava o seu, apeado, para poder trocar impressões com os Lenhadores.

– Recebeste a minha última mensagem? – perguntou Darsy. – Não recebi uma resposta.

Leesha abanou a cabeça.

– Estamos na estrada há semanas. O Mensageiro não terá chegado a tempo. O que tem acontecido? Esperava que Thamos quisesse mostrar a sua força quando regressássemos, mas não esperava uma comissão de boas-vindas armada. As coisas azedaram?

Darsy abanou a cabeça.

– O conde tem sido bom para o Outeiro. Justo para as gentes e garantindo um fluxo contínuo de abastecimentos do Norte. Os seus engenheiros contribuíram muito para acelerar as novas grandes guardas e para alojar as pessoas. O mesmo se aplicará ao Protetor novo. É um pouco mais rigoroso que Jona, mas as pessoas começam a gostar dele. Se as coisas continuarem como até aqui, seremos maiores que Angiers dentro de um ano.

– Não me surpreende – disse Leesha. – Foi arrojado da parte do duque entregar o Outeiro ao conde e, mesmo que tenha mil homens, continua a estar em desvantagem numérica. Achará melhor não nos dar motivos para nos opormos a ele até o seu poder estar seguro. Precisar-se-á de todo o apoio quando o Homem Pintado regressar.

Darsy pigarreou.

– Era isso que dizia a mensagem. Voltou há duas semanas. Mas... está diferente.

Leesha olhou-a.

– Diferente como?

– Diz que se chama Arlen Fardos – explicou Darsy. – E trocou a sua túnica de Protetor por roupa comum. Diz que vem de um sítio chamado Ribeiro de Tibbet, um povoado no meio de nenhures em Miln.

– A sério? – Leesha sentiu um sorriso amplo surgir-lhe na face. Teria Arlen enfrentado finalmente os seus demónios, voltando a encontrar-se? Recordou a sua despedida atabalhoada, o muito que desejara que partisse e a segurança que sentira no último abraço.

– Eu própria assisti – disse Darsy. – Mas há mais. Tem... poderes.

Leesha olhou-a.

– Sempre teve poderes. As guardas...

– Mais do que isso – interrompeu Darsy. – Na primeira noite desde que regressou, Ande Lenhador foi aberto como um porco no açougue durante uma purga de demónios. Estava lá, pronta para o deixar partir para o Criador. Não podia ter feito nada. Tu também não. Mas o Homem Pintado moveu uma mão e as feridas fecharam diante dos meus olhos. Ande levantou-se no dia seguinte como se não tivesse acontecido nada.

– Limitou-se a mover as mãos? – perguntou Leesha. – Não traçou guardas na pele de Ande com sangue de demónio?

– Claro que não! – Darsy mostrou-se chocada. – Que raio de alma desvairada poria sangue de demónio perto de uma ferida?

– Esquece isso – disse-lhe Leesha. – Limitou-se a gesticular ou traçou guardas no ar?

Darsy pensou por um momento.

– Talvez tenha traçado guardas, calculo. Mas não eram guardas que eu conheça.

Leesha acenou afirmativamente.

– Precisarei de falar com Ande mais tarde.

– Fala com metade do povoado – disse Darsy. – Na noite seguinte, foi ao hospício e esvaziou-o. Nem uma unha encravada deixou por tratar.

– Criador – exclamou Leesha. Aprendera alguns segredos de cura com magia de hora na Fortuna de Everam, mas nada com aquela escala. O demónio da mente que enfrentara com Inevera lançara feitiços traçando guardas no ar, mas não funcionara quando tentou fazê-lo, mesmo quando o fez segurando o chifre do demónio. Onde obteria Arlen tal poder? A quantidade de magia despendida seria inacreditável.

– Sim – concordou Darsy. – E tem andado pelas aldeias de refugiados todas as noites, fazendo o mesmo. Por toda a parte, ouvem-se histórias de moribundos que voltaram a pôr-se de pé. Continua a dizer que não é o Libertador, mas cada vez menos gente acredita nele. Noite... Eu própria começo a acreditar.

Leesha franziu a testa.

– Como lida o conde com isso?

– Tal como tentou lidar com Gared agora mesmo – disse Darsy. – Tenta impressionar com o seu poder e é posto no sítio. O Homem Pintado não se opõe abertamente a Thamos, mas qualquer tolo verá que obrigou o conde e o novo Protetor a encolherem-se atrás das suas portas, escolhendo muito bem as palavras em sítios onde outros poderão ouvi-las.

Leesha esfregou a dor nas têmporas, desejando que Arlen estivesse ali para lhe curar a dor de cabeça como fizera com todos os outros enfermos do Outeiro.

– Há mais alguma coisa que precise de saber?

– Enfrentou um demónio esperto na última Lua Nova – disse Darsy. – Um demónio capaz de entrar dentro da nossa cabeça e que faz os outros nuclitas lutarem como se tivessem um bom general. Pôs-nos todos a fazer faixas guardadas para a cabeça antes que a lua volte a escurecer. – Ergueu uma faixa de pano e Leesha recebeu-a, examinando a guarda mental idêntica que distribuía pelos povoados no caminho de regresso.

Acenou afirmativamente.

– É tudo?

Darsy abanou a cabeça, baixando a voz.

– Não está sozinho.

A dor intensificou-se. Darsy não dera pormenores, mas o seu tom era bastante claro.

– Hmm?

– Traz uma rapariga com ele – confirmou Darsy. – Renna Curtidor. Diz que também é do Ribeiro. – Fez uma pausa, fixando o seu olhar num ponto distante. A voz tornou-se neutra. – Diz que estão prometidos.

Darsy manteve os olhos fixos no vazio, esperando uma reação de Leesha. A maioria das pessoas do Outeiro falara da forma como Arlen entrara pelo Templo dentro durante a Batalha do Outeiro do Lenhador, berrando o seu nome quando pensou que correria perigo. Trocaram sussurros sobre a forma como aparecera pela primeira vez a seu lado e disseram que o tinham visto indo e vindo da cabana de Leesha a toda a hora. Sussurraram e especularam. Não era segredo que todo o

povoado rezara para que se despachassem, começando a estranhar a demora. A própria Leesha o pensara também.

Naquele momento, Leesha percebeu que sustinha a respiração e forçou-se a expirar. Era ridículo sentir-se magoada. Há muito se cansara de esperar por Arlen e começara a estudar outras possibilidades. Noite... O enjoo que a atormentava todas as manhãs confirmava que seguira em frente. Mas desejava-o. Se também a tivesse desejado, ter-se-ia entregado sem hesitar.

Mas não a desejava. Dizia que era a sua maldição. Que não podia constituir uma família com o sangue conspurcado pela magia dos demónios. De alguma forma, isso apenas a fez amá-lo mais. O seu sacrifício era tão nobre, tão orgulhoso. Sentira-se fraca por ter procurado os braços de outro.

Teria sido verdade? Poucos meses mais tarde, passara da rejeição do amor à promessa a outra. Teriam todas as suas afirmações sido encenadas? Pensar aquilo enfureceu-a. Como se atrevia? Julgá-la-ia tão fraca, tão desesperada pelo seu amor que não conseguia suportar a verdade? Julgaria que precisava de uma mentira para adoçar o medicamento amargo enquanto a rejeitava? Cobarde.

Tudo aquilo lhe passou pela cabeça, mas aprendera com as damas e a sua expressão não traiu os seus pensamentos.

– Muito bem – conseguiu dizer, por fim. – Merece ser feliz e uma boa mulher ajudá-lo-á a manter os pés assentes na terra.

– Esta não – murmurou Darsy. Leesha olhou-a, curiosa, mas a sua companheira esfregou o pescoço e não acrescentou pormenores.

Para surpresa de Leesha, não se dirigiram para o Cemitério dos Nuclitas, virando para outra área da grande guarda. Tentava perceber qual seria o destino quando a fortaleza do conde Thamos se tornou visível.

Continuava em construção, mas uma enorme paliçada fora já erguida, com troncos alcatroados firmemente unidos, alta e suficientemente grossa para permitir que soldados patrulhassem o topo com bestas e para possuir ameias para cobertura quando disparassem.

O portão da paliçada abriu-se para um pátio mais do que suficiente para acomodar a caravana inteira. Enquanto os soldados lhes acenavam que passassem, tornou-se claro que era precisamente essa a intenção de Thamos: fazê-los entrar e fechar o portão atrás de si. Leesha receou que, depois de entrarem, os krasianos pudessem não voltar a sair. Sempre soubera que eram reféns e espiões em simultâneo, livremente oferecidos por Ahmann como prova de boa-fé, mas a sua intenção fora tratá-los como a quaisquer outros, permitindo-lhes que vissem de perto a bondade do seu povo.

Duvidou que o conde Thamos fizesse o mesmo. Tinha demonstrado a sua benevolência até ali, mas a sua missão fora sempre clara: controlar o Outeiro, aprender os segredos do combate contra os demónios e traçar uma fronteira clara entre Angiers e os krasianos. A postura geral na corte fora de desprezo pela gente do deserto. E não se poderia dizer que não fosse merecido depois do seu ataque a Rizon, mas uma escalada de violência era a última coisa de que precisavam naquele momento. Ahmann tinha meios para esmagar o Outeiro, e talvez também Angiers, se lhe fossem dados motivos.

– Para a carruagem – disse a Darsy. A mulher obedeceu imediatamente. O resto da caravana também parou e Leesha desceu e abriu a porta.

Elona olhou para fora, apreciando a fortaleza do conde. Assobiou.

– O príncipe tem-se mantido ocupado nos últimos meses. É casado?

Leesha suspirou. Continuava a não suportar olhar a sua mãe.

– Espero que não. Os boatos que circulam pela corte dizem que se deita com qualquer rapariga que olhe na sua direção.

– Precisa da mulher certa para lhe deixar a cabeça às voltas – disse Elona.

– Disse «rapariga», mãe – recordou Leesha. – Não me parece que sejas o seu tipo.

– Não fales com a tua mãe assim! – disse Erny. Leesha olhou-o e quis gritar. Continuava a defendê-la. Seria provável que

continuasse a fazê-lo se soubesse o que acontecera com Gared. Noite, talvez soubesse. Erny não era o tolo que as pessoas pensavam quando o assunto era a sua mulher, mas Elona estivera certa quanto à sua coragem.

Fingiu não ouvir a voz do pai.

– Vou ter uma audiência com Sua Alteza agora. Pedirei a alguns Lenhadores para vos escoltarem de volta a casa. Quando chegarem e ninguém vir, peguem nas lanças dos krasianos e escondam-nas na oficina. Num sítio onde ninguém as encontre.

Erny não pareceu incomodado pela ausência de resposta de Leesha e de Elona e acenou afirmativamente.

– Conheço o sítio certo. Tenho uma tina com fundo falso.

– Ah, sim? – perguntou Leesha. – E para que precisavas dela?

Erny sorriu.

– Para impedir rapariguinhas curiosas de mexerem nos meus químicos que podiam magoá-las.

– Há quinze anos que misturo ingredientes piores – disse Leesha.

– Sim – concordou Erny. – Mas não tive nenhum motivo para falar do esconderijo nesse tempo todo. – Ergueu um dedo. – E conhecerás os meus segredos quando decidir partilhá-los, menina. E não antes. Cuidado com o tom se quiseres saber onde escondo o ouro.

– Não está a mentir – murmurou Elona. – Estou com ele há quase trinta anos e ainda não sei.

O capitão Gamon cavalgou até junto deles.

– O conde espera – disse, impaciente. – Qual é a demora? – Na sede do poder do conde e com os seus besteiros no alto da muralha, pareceu recuperar alguma da altivez que demonstrara na estrada.

– Envio os meus pais para casa antes de me reunir com Sua Alteza – disse Leesha. – E o resto da caravana precisa de descanso.

– Podem descansar dentro da fortaleza – disse Gamon. – Foram preparados aposentos. Ficarão mais seguros aqui dentro.

– Mais seguros de quem? – perguntou Leesha.

– Muitos dos novos súbditos de Sua Alteza vêm do Sul e recordam o que esta gente fez aos seus lares – recordou-lhe Gamon.

– Sei disso – disse Leesha. – Mas são hóspedes e não prisioneiros.

Virou-se para Gared e para os Lenhadores, que tinham vindo colocar-se a seu lado.

– Penso que os Lenhadores conseguirão controlar um grupo de krasianos desarmados, não é?

– Não te preocupes, rapariga – disse Yon Grisalho, batendo com o cabo do machado contra a mão. – Quem for suficientemente tonto para provocar sarilhos não tardará a arrepender-se. – Era perturbador ouvir a voz do velho vindo de um homem na flor da idade. Acompanhara durante anos o lento rejuvenescimento de Yon, mas a mudança súbita após meses de ausência continuava a abalá-la um pouco. O cabelo quase não apresentava vestígios de grisalho e parecia um homem de quarenta anos e não de setenta.

– Sim – disse Dug. – Trataremos disso.

Gamon abanou a cabeça.

– A convocatória real refere-te a ti e à tua esposa pelo nome, Dug Açougueiro. Juntamente com o capitão Lenhador, o mestre Estalagem e a menina Lenhador. – Indicou Wonda.

– Eu? – perguntou Wonda. – Porque quer o conde ver-me?

– Não faço ideia. – O tom de Gamon era trocista. Os angieranos concediam às suas mulheres mais direitos que os krasianos, mas a diferença não era muita. Não aprovavam que as mulheres se envolvessem em assuntos políticos ou militares. Leesha abriu a boca para responder à letra, mas Gared antecipou-se.

– Tem maneiras – rosnou. – Matou mais nuclitas sozinha do que a tua miserável companhia inteira.

As sobrancelhas de Gamon formaram um V rígido. Ali, dentro da fortaleza, os Soldados de Madeira eram mais numerosos, mas chegavam mais Lenhadores a cada momento. Uniu os lábios, sem dizer nada.

Gared grunhiu e voltou-se para Yon.

– Vigia a caravana enquanto estivermos lá dentro. Ninguém os incomoda, mas ninguém poderá sair. Atenção especial aos de preto.

Yon acenou afirmativamente.

– Sim, rapaz. Não te preocupes.

Rojer aproximou-se. Seguindo o costume krasiano, Amanvah seguia-o um passo atrás. Kaval, Coliv e Enkido vinham um passo atrás dela, seguidos por Shamavah.

– Onde está Sikvah? – perguntou Leesha. – Sente-se bem?

Amanvah abanou a cabeça com um estalido de lábios.

– Finges compreender os nossos costumes, mestra Papel, mas parece-me óbvio que os teus conhecimentos terão falhas óbvias se acreditas que um homem deverá trazer a sua Jiwah Sen para a corte.

O tom de Amanvah era tão altivo como sempre, mas Leesha sentia a raiva que escondia. Curvou-se.

– Não pretendia insultar. – Amanvah não respondeu.

– Sua Alteza não vos convocou – disse-lhe o capitão Gamon.

– Tu e os teus selvagens podem esperar no pátio.

O olhar de Amanvah voltou-se para ele, com a serenidade de dama'ting quebrada pela indelicadeza. Kaval e Enkido eriçaram-se, mas Amanvah acalmou-os com um gesto.

– O meu pai é Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji. Shar'Dama Ka e Libertador, que unirá toda a humanidade. Receberá como grande insulto a notícia de que fui forçada a esperar sobre as almofadas por algum príncipe menor.

– Não me importa que o teu pai seja o próprio Criador – ripostou Gamon. – Esperarás até seres convocada.

As sobranceiras delicadas de Amanvah pareceram aproximar-se, mas não continuou a argumentar.

Leesha sentiu que a situação se deteriorava e voltou-se para Evin, que acariciava distraidamente o dorso do seu cão, quase tão alto como ele próprio. Não gostara de Evin na juventude de ambos, fora cruel, egoísta e nunca merecera a sua confiança,

mas, como tanta gente, a chegada do Homem Pintado tinha-o transformado.

– Evin, podes acompanhar os meus pais a casa, por favor?

Evin respondeu com um aceno afirmativo, saltando para o lugar do condutor da carruagem. Sombra aproximou-se do veículo e os cavalos bateram com os cascos e relincharam de medo.

Evin assobiou.

– Sombra! Vai procurar Callen! – O latido do cão foi como um trovão antes de se afastar. Evin puxou as rédeas com força, controlando os cavalos, antes de as estalar, fazendo mover a carruagem. O resto da caravana permaneceu sob o olhar atento dos Lenhadores e dos Soldados de Madeira enquanto Leesha e os outros passavam os portões interiores.

A fortaleza do conde continuava em construção, mas os alicerces tinham sido colocados e havia já partes da mansão erguidas e funcionais. Um grupo de Soldados de Madeira reunia-se junto da entrada principal, com lanças e escudos preparados.

Leesha aproximou-se de Gared, baixando a voz.

– Gared, se o conde tentar dar-te um título ou uma farda, não aceites imediatamente.

– Porque não? – perguntou Gared, não se dando ao trabalho de baixar também a voz.

– Porque lhe estarias a entregar o teu exército, imbecil – disse-lhe Rojer, aproximando-se pelo lado oposto. Também a sua voz estava demasiado baixa para ser ouvida pelos outros.

Gared virou-se, fixando no Jogral um olhar irado.

– Também sou só uma grande piada para ti? O Homem Pintado mandou-me manter-te seguro durante a sua ausência, Rojer. Jurei pelo sol e prometi que o faria. Atravessei-me diante de demónios, de krasianos e o Criador saberá de que mais para cumprir a promessa.

Avançou rapidamente e o homem mais baixo, que parecera tão orgulhoso no momento anterior, encolheu-se ante a sua presença.

– Mas nunca me disse que tinha de aceitar a merda que me atirasses e tens tido muitas liberdades. Parece-me que o regresso ao povoado significa que a minha promessa foi cumprida. Tem cuidado daqui para a frente, aleijado miserável. Da próxima vez que me chamares imbecil, arranco-te os dentes.
– Lambeu dois dedos e ergueu-os suficientemente alto para que fossem tocados pelo sol que entrava sobre as muralhas do conde. – Juro pelo sol.

– Gared – começou Leesha, cautelosa, enquanto Rojer permanecia chocado –, tens todo o direito de ficar irritado pela forma como te tratámos com pouca consideração e peço-te desculpa. Por vezes, culpo-te por tudo o que está mal na minha vida, mas a verdade é que não fizeste nada que um milhão de outros rapazes não teria feito. Perdoei-te. Compensaste o teu erro mil vezes.

Gared grunhiu.

– Bem podes dizê-lo.

– Mas Rojer está certo – continuou Leesha. – Se deixares que o conde te conceda um título, será o mesmo que dizer que os Lenhadores fazem parte do exército angierano.

Gared encolheu os ombros.

– E não fazemos? Comportam-se como se fosse eu o parvo, mas parece-me que foram vocês que esqueceram de que lado estamos, rebolando nos lençóis com krasianos e esquecendo quem esteve do nosso lado quando precisámos.

– Não foi o duque Rhinebeck – disse Rojer.

Gared acenou com a cabeça.

– Sei-o bem. Foi o Libertador. O Homem Pintado deixa o conde liderar o Outeiro por agora e isso basta-me. Se me mandar cortar-lhe a cabeça amanhã, também o farei.

– E todos os Lenhadores estarão contigo – disse Leesha, angustiada.

– Isso mesmo. Seguem-me. Não a ti, Leesh. – Indicou Rojer com a cabeça. – Nem aqui ao violinista. Podem voltar a apanhar ervas e a tocar cantigas. Os homens têm isto controlado.

– O Criador nos ajude – murmurou Leesha enquanto Gared se voltava e seguia em frente.

– O Outeiro mudou desde a tua última presença aqui, mestra.

Thamos sentava-se sobre um trono pesado num estrado elevado colocado no extremo do seu salão. Continuava em construção, com madeira exposta nas paredes e no teto alto em algumas partes e com traves cobertas de alcatrão noutras. O ar estava cheio de pó e do cheiro de creto sendo misturado, que a dor de cabeça ampliava. Serradura varrida recentemente estalava sob os seus pés. Mesmo assim, a dimensão do salão impressionava e seria avassaladora quando estivesse terminado.

Para reforçar os seus sinais de poder, o conde vestia armadura completa e mantinha a lança próxima. A barba estava impecavelmente penteada para acentuar um queixo definido e atraente. A sua cintura era estreita e os ombros eram largos. A sua aparência era de arrojo e nobreza. Um criado erguia-se atrás dele, segurando o elmo e o escudo do conde como se pudesse ser chamado para a batalha a qualquer momento.

À direita de Thamos, erguia-se o Protetor Hayes, o homem que Araine prometera no seu encontro tantos meses antes. Honesto na sua fé e justo, dissera, mas de coração angierano.

A duquesa-mãe estava por trás de tudo o que os angieranos faziam, quer o soubessem ou não. Leesha testemunhara pessoalmente a extensão do poder da mulher aquando da sua visita à corte. O duque e os príncipes mais velhos eram controlados pelo seu primeiro-ministro, Janson, mas Leesha há muito suspeitara que o mais jovem respondia diretamente à duquesa.

No mesmo encontro, Araine prometera também enviar Thamos e os seus soldados, mas não referira a intenção de fazer dele conde.

Devia ter previsto isto, pensou Leesha. A mulher voltou a fazer de mim tola, mesmo depois de me censurar por não conseguir acompanhar a dança.

Diante do trono, Lorde Arther erguia-se atrás de um pequeno atril, segurando uma caneta e com um livro de registo aberto e

um tinteiro cheio. O capitão Gamon erguia-se à esquerda, de costas bem direitas e com a lança firmemente apoiada no chão. Atrás dele, um peão segurava-lhe o elmo e o escudo.

– Parece-me que mudou bastante, Alteza – disse Leesha enquanto fletia as pernas numa cortesia. – Não costumávamos rodear os nossos cidadãos com bestas carregadas no regresso de uma viagem.

– Os nossos cidadãos não costumavam visitar os nossos inimigos sem autorização da coroa – disse Thamos.

– Talvez porque nunca antes tivemos inimigos – recordou Leesha. – Tinha cinquenta guerreiros krasianos no meu povoado, rodeados por um exército inteiro, e fiz o possível para garantir a segurança da minha gente. Não tínhamos mais de uma semana para aguardar uma resposta da coroa e não há nada no documento fundador do povoado que me impeça de ir onde bem entender.

Thamos suspirou.

– Habitaste-te a ser obedecida no Outeiro, mestra. E seria compreensível quando a vossa única utilidade era fornecer algumas caravanas de madeira por ano, mas tudo isso mudou. Sou o senhor do Outeiro e dos seus arrabaldes. O conselho do povoado responde perante mim e não o contrário. Limpo o rabo com o vosso documento fundador.

Leesha sorriu.

– Fazei como entenderdes, Alteza, mas não vos surpreendais se os outeiros não reagirem bem.

– Uma ameaça, mestra? – perguntou Thamos. – Depois de o trono de hera ter respondido ao teu pedido de ajuda, enviando comida, equipamento, engenheiros, Guardadores e soldados para ajudar a proteger os refugiados e para preparar as fortificações contra o ataque dos krasianos?

– Não foi uma ameaça – disse Leesha. – Agradecemos o auxílio e estamos gratos a Sua Senhoria pela consideração. Era apenas um conselho.

– E que «conselho» me dás acerca da companhia de soldados inimigos que trouxeste contigo? – perguntou Thamos. – Poderás

dar-me um motivo para não os prender e executar a todos?

– Vi o exército krasiano – retorquiu Leesha. – Magoar a minha escolta enviada de boa-fé para garantir a nossa segurança na estrada e para inaugurar as relações entre os nossos povos seria iniciar uma guerra que não poderemos vencer.

– És tola se acreditas que lhes cederemos um centímetro de terreno – rosnou Thamos.

Leesha acenou afirmativamente.

– E é por isso que devereis sorrir e ganhar tempo enquanto o Outeiro se prepara. Tratai os vossos hóspedes com cortesia. Mostrai-lhes que a nossa forma de vida é justa e que também nós somos fortes.

Thamos abanou a cabeça.

– Não permitirei que espiões krasianos vivam e se movam livremente no interior das grandes guardas do Outeiro.

Leesha encolheu os ombros.

– Não será necessário que o façais. Permitirei que fiquem na terra que me pertence.

– Na terra que te pertence? – perguntou Thamos.

– Bruna recebeu quatrocentos hectares de terra hereditária de vosso pai, o duque Rhinebeck II. – Sorriu. – Se bem me lembro, como prova de gratidão por ter sido parteira no vosso nascimento, Alteza.

Thamos corou e Leesha permitiu que o sorriso se esbatesse.

– Quando Bruna morreu, deixou-me as terras em testamento. Mantive deliberadamente cada hectare fora das grandes guardas.

– As terras em redor da cabana zelada por Darsy? – perguntou Thamos. – Duvidas da minha sinceridade quando ofereço as minhas muralhas para abrigar esta gente e sugeres que vivam em terras não guardadas?

– As minhas terras são mais seguras do que poderão parecer, Alteza – disse Leesha. – Sem as suas lanças, não são suficientes para constituir um problema real, sobretudo com as mulheres e filhos por perto. Os krasianos trazem oferendas e mercadoria para negociar, com a promessa de mais. Permitti-lhes que façam

negócio e enviaremos mercadores espiões até eles. Se não conseguirmos evitar a guerra, será benéfico adiá-la enquanto construimos o nosso exército e aprendemos os costumes dos nossos inimigos.

Thamos afastou a frustração da expressão, perdendo a maior parte da tensão nos ombros.

– A minha mãe disse-me que serias assim.

Leesha sorriu.

– A duquesa-mãe conhece-me bem. Espero que se encontre de boa saúde.

Thamos pareceu alegrar-se um pouco com a referência à sua mãe.

– Não está tão enérgica como foi, mas penso que nos sobreviverá a todos.

Leesha acenou com a cabeça.

– Algumas mulheres têm vontades demasiado fortes para morrerem antes de terminarem o seu trabalho.

– Envia-te os seus cumprimentos – continuou Thamos. – E presentes.

– Presentes? – repetiu Leesha.

– Uma coisa de cada vez – disse Thamos, olhando Gared. – Gared Lenhador?

Gared avançou.

– Sim, Alteza?

Arther retirou um pequeno pergaminho enrolado do atril e quebrou o selo, desenrolando-o para ler:

– Gared Lenhador, filho de Steave, do povoado de Outeiro do Lenhador, em nome de Sua Senhoria, o duque Rhinebeck III, Portador da Coroa de Hera, Protetor da Fortaleza da Floresta e Duque de Angiers, é-te pedido e exigido, no ano trezentos e trinta três depois do Regresso, que assumas o posto de capitão dos Lenhadores ao serviço de Sua Senhoria juntamente com o título de Escudeiro da corte. Ser-te-á confiado o distrito do Outeiro para que o orientes e submetas a impostos de manutenção da tua casa, respondendo apenas perante Sua

Alteza, Lorde Thamos, Marechal dos Soldados de Madeira. Aceitas esta honra e este dever?

Um sorriso amplo surgiu na face da Gared.

– Capitão? Escudeiro?

– Não. Aceites – disse-lhe Leesha entre dentes cerrados. Era um título sem qualquer significado. Gared era já o líder dos Lenhadores. Não passava de um engodo para o fazer jurar lealdade à coroa e admitir que os Lenhadores faziam parte do exército de Rhinebeck e não de uma força independente.

Gared riu-se.

– Não te preocupes. Não vou aceitar.

Olhou o conde.

– Obrigado, Alteza, mas há muitos mais Lenhadores no Outeiro do que Soldados de Madeira.

Todos em redor ficaram tensos. A mão de Thamos procurou a haste da lança.

– Que dizes, Gared Lenhador?

Gared indicou Gamon com o queixo.

– Nucleado seja se tiver o mesmo posto deste miserável. Quero ser general. E... hmm... barão ou algo parecido.

Gamon franziu a testa, mas Thamos acenou afirmativamente.

– Feito. – Leesha escondeu a cara na mão, sentindo nova palpitação na têmpora.

– Imbecil – sussurrou Rojer. Apenas Leesha o ouviu.

Thamos ergueu-se e apontou a lança a Gared.

– Ajoelha-te.

Gared sorriu triunfalmente a Leesha e avançou, pousando um joelho no chão. Thamos colocou a ponta da lança sobre o ombro musculado do Lenhador. O Protetor Hayes também avançou, estendendo um livro gasto mas de encadernação magnífica, com capa decorada com folha dourada.

– Coloca a tua mão direita sobre o Cânone, meu filho.

Gared fê-lo, fechando os olhos.

– Juras lealdade a Sua Alteza, o conde Thamos do Condado do Outeiro, respondendo perante ele e perante nenhum outro até ao dia da tua morte?

– Sim – respondeu Gared.

– Juras aplicar a sua lei – prosseguiu Hayes –, administrar justiça aos seus súbitos, o povo do Outeiro do Lenhador, e punir os seus inimigos?

– Sim – respondeu Gared. – A última coisa em dobro.

Thamos esboçou um sorriso sombrio.

– Pelo poder que me foi concedido pelo meu irmão, o duque Rhinebeck, Portador da Coroa de Hera, Protetor da Fortaleza da Floresta e senhor de Angiers, nomeio-te general dos Lenhadores e barão do Outeiro do Lenhador. Podes erguer-te.

Gared levantou-se, ficando mais alto do que Thamos erguido sobre o seu estrado. O conde indicou os Açougueiros.

– Ser-te-ão providenciadas farda e armadura. Por favor, reúne-te com os teus tenentes depois do fim da audiência e prepara as tuas tropas para inspeção. Os Açougueiros ocuparam-se da escolha dos oficiais menores, mas poderás alterar as suas decisões se desejares. – O seu tom de voz fez perceber que seria uma péssima ideia.

– Sim – respondeu Gared, estendendo a mão. – Obrigado.

Thamos olhou a mão como se Gared tivesse acabado de se limpar com ela, mas encolheu os ombros e apertou-a mesmo assim.

– Sei que muito honrarás o trono de hera, general Lenhador.

Gared sorriu.

– General Lenhador. Soa-me bem.

Thamos grunhiu.

– E então, general, qual é a tua avaliação do exército krasiano?

– É grande, como diz Leesha – respondeu Gared. – Mas está disperso. Acabarão por chegar aqui, mas levarão algum tempo. Temos tempo para nos prepararmos.

– Concordas com a mestra Leesha quando diz que deveremos permitir que se movimentem livremente pelo Outeiro?

Gared abanou a cabeça.

– Manter-me-ia atento a eles, claro. Mas vi-os lutar contra nuclitas e homens e não posso negar que têm muito mais

prática que nós. Enviaram homens para nos ensinarem truques para matar demónios. Acho que seríamos tolos se não aceitássemos.

– Muito bem – disse Thamos. – Ordena aos teus homens que escoltem a caravana até às terras da mestra Papel. Destaca homens para guardarem a fronteira. Treinem com os Sharum, mas mantenham-nos guardados em todos os momentos. Dois homens nossos para cada um deles.

– Três seria mais sensato – disse Gared.

Thamos acenou com a cabeça.

– Faz como entenderes, general.

* * *

Como me envolvo em sarilhos destes?, pensou Rojer.

Mas não tinha remédio que não fosse falar. Nucleado fosse se aceitasse acampar no quintal de Leesha quando havia um quarto à sua espera na taberna de Smitt.

Pigarreou ruidosamente e todos se voltaram para ele.

– E as minhas esposas? Podem ficar no povoado?

– O teu casamento infiel não significa nada aqui – respondeu o Protetor Hayes. – Ter mais de uma mulher é abominável. O Criador não reconhecerá tal união.

Rojer encolheu os ombros.

– Poderá não significar nada para ti, Protetor, mas não me importa a tua opinião. Proferi os meus votos.

– Rejeitar o reconhecimento do casamento seria um insulto intolerável para os krasianos – acrescentou Leesha.

Hayes pareceu prestes a responder, mas Thamos silenciou-o com um gesto.

– Terás uma esposa em Angiers, Rojer Estalagem. Escolhe uma. Se quiseres que a outra viva nos teus aposentos e te aqueça a cama, os criados não farão perguntas.

– Aposentos? – repetiu Rojer. – Criados?

Thamos acenou com a cabeça.

– Peço que me sirvas como serviste o meu irmão, como arauto real do Outeiro.

Rojer manteve a máscara de Jogral, apesar de o choque não poder ser mais completo se Thamos tivesse dado um salto mortal antes de começar a cantar. Recordou como era quando Arrick fora arauto real do duque Rhinebeck. Ouro e vinho fluíam com idêntica facilidade e tanto ele como Rojer vestiam as mais ricas sedas e camurças. Senhores e senhoras curvavam-se diante de Arrick como se fosse seu igual e a sua voz ecoava o poder do trono onde quer que fosse. Tinham aposentos ricos na mansão do duque e acesso ao seu bordel exclusivo. Arrick passava lá quase todas as noites e deixava o jovem Rojer entregue ao cuidado das senhoras quando partia em viagem, quando se embriagava ou quando passava a noite com uma mulher.

Por outras palavras, ficava com elas quase todas as noites.

Mas tudo isso terminara num instante, quando Rhinebeck caiu embriagado na cama da sua pega preferida, onde Rojer dormia profundamente. No seu estado, não percebera a diferença, puxando a roupa de Rojer para baixo e superando os seus esforços de defesa.

– Gostas de te fazer de difícil, rapariga? – balbuciou o duque, com hálito tresandando a álcool. Riu-se. – Não te servirá de nada. É melhor que aceites o que tenho para te dar. Serei rápido.

Foi só quando Rojer gritou e lhe aplicou uma cotovelada no estômago volumoso, saltando da cama, que o duque recuperou alguma clareza de espírito e acendeu o candeeiro. Viu Rojer tremendo e empunhando uma pequena faca enquanto puxava a roupa para cima.

O duque rugiu e Arrick descobriu que a sua comissão real tinha sido anulada quando voltou dos povoados. Teve menos de uma hora para retirar os seus pertences e a si próprio da mansão. O duque nunca falou publicamente dos motivos para a sua expulsão e alguns dos seus apreciadores albergaram-no, mas começou a beber cada vez mais, alienando-os a todos até um ponto em que tanto ele como Rojer deixaram de saber

durante o dia onde passariam a noite. Deviam dinheiro a todos os taberneiros e estalajadeiros da cidade.

Roger recordou tudo isso num instante e olhou Thamos, pensando se seria tão impulsivo como o irmão. Não que importasse. Arrick fora fiel ao duque, comunicando de bom grado novos impostos e exigências ao povo, seguro da sua posição. Roger não tinha igual desejo de falar por Thamos, um homem que conhecia apenas pela sua reputação como mulherengo de pavio curto.

Roger curvou-se, mantendo a calma.

– Honrais-me, Alteza, mas receio ter de recusar.

A resposta deixou Arther e Gamon tensos, mas mantiveram o silêncio. O Protetor Hayes abanou a cabeça como se Roger fosse um tolo.

– Pensa bem, Roger Estalagem – disse Thamos. – Com a tua esposa infiel, serias o embaixador ideal à corte do demónio do deserto e é a tua mestra quem aconselha que será necessário fazê-lo. O trono seria muito generoso. Poderias receber mesmo terras e um título, tal como o general Gared.

Roger encolheu os ombros.

– Leesha Papel não é a minha mestra e não quero o que Gared recebeu. Quero apenas treinar os meus aprendizes e os Jograis que vos acompanharam até ao Outeiro na arte de encantar nuclitas.

O olhar de Thamos endureceu.

– Não vejo motivo para permitir que os meus Jograis sejam treinados por alguém que recusa jurar-me fidelidade.

Roger curvou-se.

– Com o devido respeito, Alteza, não são vossos Jograis. São meus. Comprados e pagos legalmente ao mestre de guilda Cholls. Tenho os documentos escritos que o provam. Se me negardes estes homens, não apenas desperdiçareis poder para salvar vidas, como todos os artistas de Angiers não tardarão a cantar que o conde Thamos do Outeiro não honra as dívidas contraídas por outros homens.

Pela primeira vez, Thamos pareceu realmente irado, mas o Protetor Hayes pousou-lhe uma mão delicada sobre o braço, acalmado-o.

– Muito bem – disse. – A tua pequena comitiva poderá ficar na estalagem se o Orador Smitt vos aceitar. Mas não esquecerei isto.

Roger curvou-se novamente.

– Obrigado, Alteza.

Thamos inspirou fundo, acalmado-se.

– Quanto aos presentes da minha mãe...

Thamos gesticulou a Arther, que ergueu um pequeno pergaminho preso com fita verde, entregando-o a Leesha.

– Sua Senhoria governa ainda os assuntos das mulheres em Angiers e nomeou-te Herbanária Real do Condado do Outeiro.

Leesha esforçou-se por manter a expressão tranquila. A duquesa-mãe conseguira colocá-la numa posição delicada e sabê-lo-ia bem, pois não podia esquivar-se como Rojer fizera. Legalmente, uma Herbanária Real superava todas as outras na hierarquia. Não podia rejeitar sem que o cargo fosse atribuído a outra Herbanária, que começaria a diminuir o seu poder no Outeiro. Mas aceitar a honra não seria muito diferente do que Gared fizera ao aceitar um título. Legitimaria o poder de Thamos e aceitaria o seu domínio. Além disso, a posição torná-la-ia a sua Herbanária pessoal. A possibilidade de ver o conde despido agoniava-a, apesar de esse se ter tornado o seu estado natural por aqueles dias. Passou a mão pelo corpete, imaginando a vida que crescia dentro de si.

A sala ficou mortalmente silenciosa, esperando a sua resposta. Thamos parecia esperar que recusasse como Rojer fizera. Leesha não percebia se isso lhe agradaria ou não.

– Talvez tenhas direito a uma farda juntamente com o título – disse Gared, arrogante, fazendo-a querer atirar-lhe uma pitada de pimenta à cara.

Acabou por fazer uma cortesia, segurando as saias e fletindo as pernas.

– Estou honrada por poder considerar a oferta, Alteza. Tereis a minha resposta dentro de uma semana.

Thamos uniu os lábios e encolheu os ombros.

– Ansiamos pela tua resposta. Espero-a até ao sétimo dia para prever a necessidade de convocar uma Herbanária de Angiers para aceitar a posição.

Leesha acenou afirmativamente e Thamos voltou-se para Wonda.

– Quanto a ti, Wonda Lenhador, não tenho títulos, terras, cargo ou posição para te oferecer, mas a minha mãe afeiçoou-se a ti e enviou-te um presente. – Um criado empurrou um cabide com rodas sustentando dúzias de gibões, cada um decorado com as armas pessoais da duquesa Araine, um corvo de madeira pousado sobre um arco ornamental. – As mulheres não podem integrar a hierarquia militar, mas as arqueiras do Outeiro são lendárias e a minha mãe deseja apadrinhar-vos.

O criado escolheu um dos gibões e aproximou-se de Wonda.

– Posso?

Wonda acenou afirmativamente, parecendo receosa. Permitiu que o homem lhe retirasse a capa guardada e curvou-se enquanto lhe enfiava o gibão grosso pela cabeça. Wonda acariciou-o, maravilhada. Curvou-se.

– Nunca vesti roupas tão finas. Agradecei a Sua Senhoria, por favor.

Thamos sorriu.

– Os gibões são insignificantes. Podes dá-los a outras mulheres que considerares dignas, mas a minha mãe insistiu que o primeiro fosse teu. A coroa atribuirá também uma quantia para uma equipa de fabricantes de arcos e de flecheiros e para os seus materiais. – Gesticulou novamente e os guardas afastaram a cortina que cobria uma passagem, permitindo a entrada de um homem de meia-idade magro, com músculos finos e um gibão decorado com o martelo e o cinzel da Guilda dos Artesãos. Seguiam-no três jovens transportando volumes envoltos em lona que dispuseram cuidadosamente sobre o chão. Desembrulharam-nos, expondo uma notável armadura de

madeira com guardas belíssimas e cintilando com uma camada de verniz polido tal como as armaduras usadas pelos Soldados de Madeira. Wonda abriu a boca de espanto.

– Mais tarde, poderá fazer-se uma prova adequada, mas gostaria de te ver experimentar pelo menos a couraça – disse Thamos.

Wonda acenou afirmativamente e o artesão ergueu a peça e começou a prendê-la. Leesha quase esperara que lhe desse uma forma feminina, com seios onde não existiam, mas a duquesa foi mais cautelosa e a couraça assentou perfeitamente. Parecia magnífica.

– É tão leve – afirmou Wonda, maravilhada.

O artesão sorriu, acenando com a cabeça.

– Inicialmente, pensámos em fazer-te uma cota de malha, mas os arqueiros precisam de ser rápidos e ágeis. Uma armadura de madeira conseguirá proteger-te tão bem como o melhor aço milnês e apenas com uma fração do peso.

Leesha suspirou. Era outro ardil da duquesa-mãe para sabotar o seu poder. Wonda tornara clara a sua lealdade durante o chá que partilharam e Araine não ficara agradada. Quis dizer a Wonda que devolvesse a armadura, manifestando o seu pesar. A rapariga fá-lo-ia imediatamente se Leesha lho dissesse, mas olhando a sua cara de felicidade indisfarçável tão rara desde que os demónios tinham levado o seu pai, marcando-a com cicatrizes, não sentiu coragem.

Roger começou a descontrair enquanto todos admiravam a nova couraça de Wonda, mas Thamos voltou a olhá-lo, fazendo regressar imediatamente a tensão.

– Suponho que terá chegado o momento de recebermos os nossos hóspedes – disse o conde, esfregando as mãos. Arther fez um sinal aos guardas da porta, que deixaram entrar Amanvah, Enkido, Kaval e Coliv.

– Princesa Amanvah de Krasia – anunciou Arther, elevando suficientemente a voz para ser ouvido nos quatro cantos da sala. – Sua Alteza Real, o conde Thamos, príncipe de Angiers, comandante dos Soldados de Madeira e senhor do Condado do

Outeiro dá-vos as boas-vindas à sua corte, a vós e a vossos conselheiros.

– Espero que haja um bom motivo para me terem feito esperar – disse Amanvah – e para a indelicadeza dos vossos chi’Sharum quando viemos em paz e com boa vontade. – Apontou um dedo acusador ao capitão Gamon. – Em Krasia, açoutamos homens que não sabem respeitar os seus superiores.

Roger suspirou. Percebeu que aquilo não correria bem.

Thamos pareceu surpreendido pela postura agressiva.

– As minhas desculpas, princesa, se haveis sido tratada de forma indigna aquando da vossa chegada. – Olhou Gamon. – Asseguro-vos que educarei os meus homens quanto à etiqueta adequada no futuro. Quanto à espera, certamente não me negaríeis uma breve audiência privada com os meus súbditos antes de vos receber.

– Nomeou Gared general – disse Roger – e ofereceu-me uma comissão como seu arauto real.

Amanvah olhou-o e riu-se. A gargalhada sonora ecoou pela câmara.

– Saber isto diverte-vos? – perguntou Thamos. O seu tom de voz endurecia enquanto a paciência se esgotava.

Amanvah olhou o conde, semicerrando os olhos.

– Como se o meu marido recusasse o apadrinhamento do senhor de todo o mundo e se entregasse ao de um príncipe menor. É uma noção ridícula.

– Príncipe menor? – repetiu Thamos. O seu tom tornou-se afiado como uma lâmina.

Amanvah voltou-se novamente para Roger.

– Conde. É inferior a duque na vossa cultura?

– Sua Alteza é terceiro na linha de sucessão ao trono de hera – explicou Roger.

Amanvah acenou afirmativamente e virou-se novamente para Tamos.

– O meu pai conheceu um dos vossos duques nortenhos. Edon IV de Rizon. Quando o duque Edon se ajoelhou com a

testa pressionada contra o chão, implorando entre lágrimas pela sua vida, foi obrigado a jurar fidelidade completa ao Shar'Dama Ka e a lambar o pó das sandálias dos doze Damaji. Ter-lhes-ia chupado as piças se o meu pai tivesse sugerido que tal lhe agradaria.

A expressão de impaciência de Thamos transformou-se em raiva. A sua face avermelhou e Rojer quase conseguia ouvir os seus dentes rangendo. Segurou a lança com tal força que a haste parecia prestes a partir.

– Não importa! – exclamou Rojer. – Não tenho qualquer patrono e não desejo um! Comporei o que quiser e cantarei o que quiser cantar. Para o Núcleo quem disser o contrário!

Amanvah acenou com a cabeça.

– Como deverá ser.

Rojer estranhou o comentário, mas retirou-lhe importância.

– E tu, esposa, manterás a língua educada sob o teu véu.

– Vosso marido é sensato – disse Thamos. – O vosso pai descobrirá que Angiers não é tão fraca como Rizon. Estamos preparados para ele.

– Os rizonanos foram fracos – disse Amanvah. – O meu pai torna-os fortes. Vê que o Outeiro já é forte e propõe tornar-vos uma tribo independente, autónoma e com líderes próprios. Em troca, pede apenas duas coisas.

– Que coisas serão essas? – perguntou Thamos. – Que preço é justo para comprar aquilo que já possuímos?

– Em primeiro lugar – disse Amanvah –, deverás aceitar que é o Shar'Dama Ka e deverás segui-lo quando a Primeira Guerra começar.

– Primeira Guerra? – repetiu Thamos.

O Protetor Hayes debruçou-se sobre ele.

– A Batalha Final, Alteza. Quando o Libertador unir a humanidade e nos comandar até fazermos os demónios regressar ao Núcleo.

Amanvah acenou afirmativamente.

– Está previsto no vosso Cânone tal como no Evejah. Não é assim, Protetor?

O Protetor Hayes anuiu.

– Assim é. Mas não vemos nada que indique que o vosso pai seja o profetizado. O Libertador poderá estar já entre nós, tal como poderá chegar amanhã ou daqui a mil anos. Nada no Cãnone nos diz que trará com ele violação, homicídio e uma religião ímpia.

– Todas as guerras trazem derramamento de sangue e caos – disse Amanvah. – É o preço da unidade, mas é um preço justo. No entanto, o meu pai oferece-vos a paz e serão sensatos se a aceitarem.

Thamos franziu a testa.

– E qual é o segundo preço da vossa generosa oferta de paz? Amanvah sorriu.

– Que a mestra Papel aceite ser sua esposa, claro.

Ouviu-se um ruído vindo algures do lado da sala e o Homem Pintado saiu de trás de uma tapeçaria pesada que fazia as vezes de parede.

– Isso não acontecerá.

Todos pareceram chocados. Leesha vira-o pela última vez apenas alguns meses antes, mas, como Darsy lhe dissera, mudara muito durante esse tempo. A túnica de Protetor desaparecera. Vestia calças simples com suspensórios e uma camisa branca gasta, aberta à frente para mostrar parte da grande guarda tatuada no peito. Os pés guardados estavam descalços enquanto avançava sobre o chão frio.

Mas, em vez de o tornar mais humano como Leesha teria esperado, a mudança conseguia apenas que Arlen se destacasse mais, com as centenas de guardas intrincadas no pescoço e na cabeça rapada marcando-o de formas que a túnica de Protetor com o seu capuz tinham escondido.

Um passo atrás, seguia-o aquela de quem Darsy falara. Renna Curtidor. A sua prometida. Leesha avaliou-a com olhar crítico, mas a aparência da jovem era tão mirabolante que se tornava quase impossível de julgar. Teria talvez vinte e poucos anos, com cabelo preso sem grande cuidado numa trança longa e grossa que lhe pendia pelas costas. Não estava muito coberta,

vestindo apenas um colete justo e uma saia de tecido grosseiro cortada quase até à cintura de cada lado. Do cinto, pendia uma faca pesada, uma bolsa de couro e um longo colar de contas. Tal como Arlen, estava coberta da cabeça aos pés com guardas, apesar de, pela intensidade menor da cor, parecerem pintadas com caulinegra e não tatuadas.

Nucleado seja, pensou Leesha. Isto depois de me forçar a jurar que não faria o mesmo.

– Que te faz pensar que tens o direito de me dizer com quem posso ou não posso casar? – perguntou, enquanto Arlen se aproximava.

– Conheço muito melhor que tu o teu pretendente – disse Arlen. – Se demorasses mais tempo, iria salvar-te.

Leesha sentiu novo assomo de raiva e não tentou camuflá-lo.

– Não preciso que me salvem.

– Desta vez – disse Arlen. – Não te deixes enganar pelas almofadas de seda e pela delicadeza no trato. Os krasianos apresentam-se diante de ti cheios de sorrisos, mas, por baixo, há dentes afiados. E isto é válido acima de tudo para Ahmann Jardim.

– Quem és tu para falares com tamanha familiaridade do meu santo pai? – exigiu saber Amanvah.

Arlen voltou-se para a dama'ting, curvando-se superficialmente e falando-lhe em krasiano com a perfeição de um nativo.

– É o meu ajin'pal. Sou Arlen asu Jeph am'Fardos am'Ribeiro, conhecido entre a tua gente como...

– Par'chin! – rosnou Kaval. Voltou-se para Coliv e passou rapidamente o dedo pela garganta.

O Vigia reagiu de imediato, levando a mão ao interior da túnica negra e movendo o braço, disparando vários triângulos de metal afiado na direção de Arlen. Leesha receou que fosse o seu fim, mas Arlen nem sequer pestanejou ou deu um passo ao lado. O seu braço moveu-se com velocidade inacreditável enquanto defletia as lâminas com a facilidade com que uma brisa delicada sopraria folhas. Tilintaram sobre o chão,

inofensivas, mas o instrutor e o Vigia avançavam já para o atacarem de flancos opostos. Ambos empunhavam armas. Coliv uma foice com uma corrente longa presa e Kaval dois bastões curtos.

– Ensinei-te a lutar, Par’chin – disse Kaval. – Acreditas realmente estar à altura de um verdadeiro Sharum?

Arlen sorriu enquanto posicionava os pés numa postura de combate.

– Passou muito tempo desde que tu e Coliv tentaram assassinar-me, instrutor. E tinhas mais homens contigo quando aconteceu.

Assassiná-lo?, pensou Leesha. Mas, antes de conseguir interiorizar a palavra, Coliv contornou Arlen e golpeou-o com a corrente pesada pela retaguarda. Rodeou um dos punhos de Arlen, mas este segurou-a e puxou com força, desequilibrando-o. Kaval tentou o mesmo estratagema para iniciar o seu ataque, girando os bastões com grande velocidade, mas Arlen esticou a corrente e usou-a para bloquear os dois primeiros golpes. O terceiro foi bloqueado por uma torção da corrente antes de projetar o instrutor, fazendo-o cair.

Leesha ouviu as suas costelas estalarem com o impacto, mas o instrutor ergueu-se imediatamente, passando o bastão que lhe restava para a mão esquerda enquanto desembainhava uma faca com a direita.

– Parem com esta loucura! – gritou Leesha, mas ninguém a ouviu. Os guardas de Thamos pareciam prontos a intervir, mas o conde não lhes ordenou que o fizessem, olhando a batalha com grande interesse. Também Gared e Wonda observavam, espantados.

Coliv conseguiu erguer-se, separando a foice da corrente e usando uma adaga curta na mão livre. Os seus ataques foram velozes e precisos, repletos de ameaças e movimentos enganadores, mas Arlen bloqueou-os sem grande esforço, brincando com ele enquanto Kaval regressava à luta, carregando sobre a sua retaguarda com a faca erguida.

Renna avançou para o travar, mas passou demasiado perto de Amanvah e Enkido intercetou-a. Tentou segurá-la, mas foi demasiado veloz, esquivando-se e atacando com um pontapé rotativo que o atingiu com violência no plexo solar.

O eunuco não emitiu qualquer som e não perdeu o controlo, aproveitando o golpe para girar e para encostar as costas às suas. Segurou-lhe a trança e puxou-a com força sobre o ombro.

Leesha acreditou que o combate terminaria ali, mas a jovem surpreendeu-o, girando e saltando sobre o eunuco, ficando ambos novamente frente a frente enquanto o esmurrava no estômago.

Daquela vez, Enkido não evitou um ligeiro grunhido, mas não lhe soltou a trança, puxando-lhe a cabeça contra o punho e fazendo-lhe o sangue esguichar da boca. Sem lhe dar tempo para recuperar, golpeou com dedos hirtos um nervo que lhe fez a perna desabar. Segurou-lhe os pulsos e torceu com força, obrigando-a a pousar um joelho no chão.

Tanto Leesha como Enkido julgaram que era o fim, mas Renna Curtidor era cheia de surpresas. Emitiu um rosnado feroz, imobilizando-se. Leesha juraria que não voltaria a conseguir usar a perna durante vários minutos e Enkido tinha mais do dobro do seu peso, mas, cerrando os dentes, Renna forçou-se lentamente a endireitar as pernas, vencendo a força dos músculos do eunuco. Os olhos frios deste arregalaram-se, incrédulos, enquanto as suas posições se invertiam e era forçado a recuar, com a coluna vergando como um arco e as pernas sacudidas pelo esforço.

Tem poderes diurnos, percebeu Leesha. Tal como Arlen.

Subitamente, Renna torceu os braços, libertando facilmente os pulsos das mãos de Enkido. Apanhou uma das mãos e puxou o homem para ela, segurando-lhe o cinto. O eunuco golpeou-a novamente, desesperado, enquanto o erguia sobre a cabeça, mas a rapariga ignorou os golpes, projetando-o pela sala e fazendo-o embater contra os painéis de madeira da parede, esmagando-os. Atordoadado, tentou erguer-se dos destroços.

O combate entre Arlen e os Sharum prosseguia. Kaval e Coliv atacavam com ferocidade que Leesha nunca vira, mas Arlen esquivava-se e bloqueava com facilidade, com expressão absolutamente tranquila e concentrada. Ocasionalmente, retribuía um golpe, apenas para mostrar que conseguia fazê-lo com impunidade. Retirou a faca a Kaval, atingindo o instrutor na cabeça com o lado rombo da lâmina e projetando-o contra Coliv. Quando o Vigia o atacou novamente, houve um momento confuso que terminou com a adaga de Coliv cravada na sua nádega enquanto Arlen se afastava do seu alcance com passos que quase pareciam de dança.

Leesha não fingia compreender como os guerreiros lutavam, mas conhecia o suficiente da cultura krasiana para compreender que Arlen humilhava intencionalmente os dois homens. Avançar para uma batalha contra um inimigo mais poderoso e morrer com honra era o sonho de qualquer guerreiro. Mas ser derrotado e sobreviver seria o seu pior pesadelo. Sentia a vergonha e a raiva impotente que irradiavam e quase sentiu pena.

Quase.

Mas tinham tentado assassinar Arlen. Ouvira-o da sua boca e, apesar das outras dúvidas, sabia que aquilo era verdade.

O Homem Pintado nasceu no deserto krasiano, há quatro verões, dissera-lhe Arlen, quando lhe perguntara a idade na estrada no ano anterior.

E o homem por baixo da tinta?, perguntara Leesha. *Que idade tinha quando morreu?*

Foi morto, respondera Arlen, apesar de nunca ter dito por quem.

Leesha viu-o enfrentar os dois Sharum e soube que olhava dois dos assassinos. Dois dos homens que o tinham forçado a percorrer o caminho que conduzira à loucura de guardar a própria pele. Ahmann teria sido outro? Se o aviso de Abban fosse digno de confiança, era provável que sim.

Se conheceres o filho de Jeph, se puderes fazer-lhe chegar uma mensagem, diz-lhe que fuja para o fim do mundo e mais

além. Porque essa será a distância que Jardir estará disposto a percorrer para o matar. Poderá existir apenas um libertador.

Independentemente do que lhe tivesse feito, Arlen era um homem bom. Um homem bom que aqueles homens tinham tentado assassinar, quase conseguindo. Envergonhou-se ao perceber que parte de si queria vê-los magoados e queria esquecer a anestesia quando lhe colocasse no sítio os ossos partidos.

Os dois Sharum posicionavam-se para novo ataque quando um grito ululante dilacerou o ar. Estacaram enquanto Amanvah gritava em krasiano:

– Parem com isto imediatamente.

Kaval e Coliv travaram os ataques, mas não recuaram. O instrutor olhou a dama'ting de soslaio, mantendo-se atento a Arlen.

– Filha Sagrada, há mais neste homem do que compreenderás. É um traidor de sangue que deseja usurpar o título de Shar'Dama Ka. A honra exige que morra.

Coliv acenou afirmativamente.

– O instrutor diz a verdade, Filha Sagrada.

Arlen sorriu.

– Digam-me, Sharum, se Everam existir, como punirá as vossas mentiras?

Amanvah voltou-se para ele.

– Então não afirmas ser o Libertador?

– Todos nós somos o Libertador – disse Arlen. – Todos os que se erguem com coragem na noite em vez de se esconderem atrás das suas guardas... ou debaixo do solo. – Fixou nela um olhar eloquente.

– O meu povo já não o faz, Par'chin – disse Amanvah.

– Nem o meu – retorquiu Arlen. – Todos nós trabalhamos para libertar a humanidade dos alagai.

– Filha Sagrada, não dê ouvidos às mentiras deste chin – disse Kaval. – A justiça e a segurança do teu pai exigem que o matemos agora.

– Como se conseguissem fazê-lo – rosnou Arlen. – É verdade que temos uma dívida de sangue, mas não sou eu o devedor. Poderia ter saldado a dívida hoje, mas apenas mato alagai.

– Porque é este homem uma ameaça tão grande? – perguntou Amanvah a Kaval. – Ele próprio diz que não pretende o título do meu pai.

– Diminui o seu valor com as palavras que profere – disse Kaval. – Diminui a sua honra com a boca infiel enquanto ganha tempo como um cobarde, esperando o momento para atacar.

A expressão de Amanvah era imperscrutável.

– Foste tu o primeiro a atacar, instrutor. O meu pai falava frequentemente do Par'chin e sempre como um homem honrado.

– A sua honra perdeu-se quando traiu o teu pai no Labirinto – disse Kaval.

Arlen avançou, com um brilho furioso no olhar.

– Pretendes que falemos do Labirinto, Kaval? Deverei contar a todos os que nos ouvem o que aconteceu nessa noite e permitir que julguem quem perdeu a honra?

O instrutor não respondeu, trocando um olhar com Coliv. Amanvah fitou-o.

– Então, instrutor? Que tens a dizer?

Kaval pigarreou.

– Não é um assunto de que estejamos autorizados a falar. Jurámos silêncio ao Shar'Dama Ka. Deverás confiar no meu julgamento neste assunto.

– Deverei? – repetiu Amanvah, com o tom de voz convertido numa chicotada brusca. – Dal'Sharum, quem julgas que és para dizer a uma Noiva de Everam o que deverá ou não fazer? – Os homens pareceram inquietos, mas a sua postura continuou agressiva. Estavam prontos para atacar a qualquer momento.

– Por favor, Par'chin – disse Amanvah. – Elucida-nos acerca da noite de que falaste.

Arlen abanou a cabeça.

– Queres saber? Pergunta às Lanças do Libertador. Pergunta ao teu pai. E, se não te responderem, talvez devas perguntar

porquê.

Amanvah continuou a olhá-lo enquanto semicerrava os olhos. A seguir, voltou-se para Kaval.

– Recua e obedece. Não voltarás a atacá-lo sem a minha autorização e não ta concedo neste momento. – Vendo que os dois homens hesitavam, acrescentou: – Não voltarei a ordenar.

Havia tal autoridade na sua voz que até os guerreiros se sentiram abalados e acabaram por obedecer, ocultando as armas enquanto se posicionavam atrás da jovem dama'ting.

– Parece-me que os teus novos vizinhos te manterão divertida, mestra Papel – disse Thamos. E Leesha não conseguiu evitar sentir que talvez o tom arrogante se justificasse.

Arlen aproximou-se de Leesha, com a voz transformando-se num murmúrio.

– Alegra-me ver que voltaste em segurança.

– O mesmo te digo eu – afirmou Leesha.

– Precisamos de falar – disse Arlen. – Esta noite depois do ocaso. Só nós os quatro na tua cabana.

– Quatro? – perguntou Leesha antes de pensar no que fazia. Reuniões clandestinas com Arlen não eram nada de novo, mas tinham sido sempre três os presentes. Ela própria, Arlen e Rojer.

Fora uma pergunta inútil, confirmando o que já sabia.

– Renna e eu somos prometidos. Onde for, ela também irá.

Surpreendeu-a achar as palavras dolorosas, apesar de previsíveis.

– Rojer e Amanvah são casados – referiu Leesha. – Negarás à sua esposa o mesmo direito?

Arlen encolheu os ombros.

– A casa é tua, Leesha. Convida quem desejares. Mas, se quiseres a história toda, seremos apenas quatro.

Leesha indicou Renna com o queixo. A jovem percebeu a sua expressão e olhou-a com ferocidade.

– Não me imploraste que não pintasse guardas de caulinegra em ninguém?

Arlen suspirou.

– Não foi a primeira vez que me enganei, Leesha Papel. Também não acredito que tenha sido a última.

– A que distância fica o teu palácio? – perguntou Amanvah enquanto a sua carruagem percorria a estrada, avançando para o centro do Outeiro do Libertador.

– Palácio? – repetiu Rojer.

Amanvah curvou-se.

– Perdoa-me, esposo. Esqueço que não possuem palácios no Norte. A tua... mansão?

– Ah... – disse Rojer. – Também não tenho uma dessas. Alojome com Smitt.

– Não conheço essa palavra – retorquiu Amanvah. – O que é «conzmit»?

– Com Smitt – corrigiu Rojer. – É uma pessoa. O dono da estalagem.

– E vives nesta... casa pública de lua a lua? – Amanvah estava incrédula.

– Que mal tem? – perguntou Rojer. – Mudam-me os lençóis uma vez por semana e não preciso de cozinhar.

– Inaceitável – disse Amanvah.

– Terás de aceitar – replicou Rojer – porque é tudo o que tenho! Disse ao teu pai que não tinha dinheiro e estava a ser sincero. É suficientemente mau que tenhas provocado o conde. Também precisas de criticar o sítio onde vivo?

Amanvah curvou-se.

– Perdoa-me, esposo. Não foi minha intenção ofender. Pretendia apenas dizer que alguém tão tocado por Everam deveria viver num lar digno da sua grandeza.

Rojer sorriu. Era difícil discutir aquele argumento.

Grande parte dos habitantes do povoado tinha-se reunido quando chegaram à estalagem, mas Rojer não lhes prestou grande atenção. Queria instalar as suas esposas com brevidade para poder encontrar-se com o Homem Pintado depois do ocaso e descobrir o que se passava.

– Precisarei de alguns quartos adicionais – disse a Smitt.

Sikvah pegou-lhe na mão, puxando-o delicadamente.

– Por favor, esposo. Tais transações são indignas de ti. Se me permitires... – Avançou, começando a negociar de forma semelhante à de Shamavah durante a viagem. A princípio, Smitt pareceu chocado, depois exasperado e, por fim, conciliador. No fim, Sikvah contou várias moedas de ouro, passou-lhas para a mão e Smitt voltou-se, chamando um dos seus filhos. Regatear parecia ser uma coisa que os krasianos tinham no sangue.

– O mercador terá de despejar alguns dos seus residentes e preparar os nossos aposentos – disse Sikvah, quando voltou para junto dele. – Convidou-nos a esperar aqui ou no antigo quarto do nosso esposo.

– Antigo? – perguntou Rojer. – Adorava esse quarto. Tem a melhor acústica de toda a estalagem.

– Não era adequado, esposo – disse Sikvah, fazendo Rojer suspirar. Não era uma discussão que pudesse ganhar.

A porta da frente abriu-se e um grupo de Jograis entrou, facilmente reconhecíveis pelos estojos dos instrumentos e pelas roupas de retalhos multicoloridos. Acompanhava-os uma jovem e vê-la encheu-o de culpa tremenda. Kendall, a sua aprendiz, que quase perdera a vida por culpa da sua estupidez.

Uma memória surgiu-lhe na mente. Recordou Gared trazendo Kendall, ferida e ensanguentada, do campo de batalha. Abanou a cabeça para se livrar da imagem.

– Rojer! – gritou Kendall, correndo para ele e abraçando-o. – Disseram que tinhas voltado! Estávamos tão preocupados!

Foi puxada e Rojer viu que Sikvah torcia o pulso da rapariga com dois dedos, imobilizando-a com a facilidade com que imobilizaria uma criança irrequieta.

– Quem és tu para tocares o meu esposo?

Kendall olhou-a e, mesmo entre o esgar de dor, viu-se uma expressão de surpresa.

– Esposo?

– Sikvah! – exclamou Rojer. – Liberta-a! Esta é Kendall, uma das minhas aprendizas.

Sikvah libertou o pulso de Kendall imediatamente e a jovem esfregou-o. Sikvah e Amanvah começaram a caminhar à sua

volta como lobos, avaliando-a de todos os ângulos.

– A gente das terras verdes permite grande liberdade aos seus escravos – referiu Amanvah. – Mas parece adequadamente vigorosa. Quantos escravos possuiis?

– Não sou escrava dele – ripostou Kendall. – Ninguém é dono de mim.

– Está certa – disse Rojer. – Ela e os outros aprendizes são gente livre e Kendall é a mais talentosa de todos.

As esposas continuaram a contornar a rapariga enquanto os restantes Jograis se aproximavam. Rojer conhecia-os todos por reputação ou pessoalmente. O seu líder era Hary Rebolador. Outrora, no início da sua carreira, Hary tocara equilibrado sobre uma grande bola. Não repetira o truque desde então, mas o nome «Rebolador» ficara para sempre.

Hary estava velho, aposentado dos espetáculos e ensinando Jograis, mas era respeitado como compositor e como violoncelista. O mestre de guilda Cholls prometera mestres, mas parecia que os mestres reputados não tinham grande interesse em arriscar a vida no Outeiro. Sly Seiscordas era ainda mais velho, dependurando do ombro a guitarra gasta. Rojer vira-o atuar uma vez e espantara-o a rapidez dos seus dedos, mas fora pelo menos há uma década.

Os outros eram mais jovens, artistas que disputaram esquinas com Rojer pouco mais de um ano antes. Wil Flautista era ainda um aprendiz nesse tempo. Rojer pensou se teria sido promovido apenas pela aceitação daquele encargo.

Hary apertou a mão de Rojer.

– Agrada-nos ver que regressaste, mestre Meia-Mão. Durante a tua ausência, tenho honrado o acordo que estabeleceste com o mestre de guilda, ensinando sinais sonoros aos teus aprendizes. Mostraram-se... indisciplinados. Mas consegui fazer alguns progressos...

Indisciplinados. Rojer grunhiu. Um grande eufemismo. Eram um bando de rústicos que sentara num círculo e que ensinara a tocar de ouvido. Não houvera nada que se assemelhasse ao

treino formal da guilda, algo que Rebolador era conhecido por defender ferozmente.

Mas esses dias aproximavam-se do fim.

– Esquece tudo isso – disse Rojer, levando a mão ao saco e retirando as pautas que preparara da *Canção da Lua Nova*. Estendeu-as contra o peito do homem e Rebolador aceitou-as por reflexo. – Uma canção nova que preciso que todos aprendam. Pede aos teus aprendizes para fazerem muitas cópias.

Rebolador olhou as páginas, sobressaltado.

– Uma teoria...?

– Provada – disse Rojer. – Funcionou com o meu trio. Vejamos se funcionará com outros.

O quarto de Rojer estava como o deixara, mas, após tanto tempo passado no Palácio de Espelhos e nos melhores quartos de cada estalagem entre o Outeiro e a Fortuna de Everam, via-o iluminado por luz nova. Era pequeno e apertado, contendo apenas uma cama e um baú envelhecido.

Mantém sempre os sacos prontos, costumava dizer Arrick.

Rojer dirigiu-se ao baú e começou a remexer o interior, mas Sikvah pousou-lhe uma mão no braço.

– Por favor, esposo. Permite que os criados se ocupem disso. O teu esforço envergonha-nos.

– Não tenho criados – disse Rojer.

– Nesse caso, pedirei aos criados de Smitt que transportem as tuas coisas quando os novos aposentos estiverem preparados. – Sikvah puxou-o até ceder, sentando-se na cama.

Olhou Amanvah.

– Que querias dizer com «como deverá ser»?

– Hmm? – tornou ela.

– Quando estávamos diante do conde – recordou Rojer. – Quando disse que não tinha patrono e não precisava de um.

Amanvah curvou-se.

– Lancei os ossos desde a nossa... discordância, esposo. Dizem-me que deverás libertar-te de qualquer fidelidade para que o teu poder permaneça puro. Peço desculpa por ter

duvidado de ti. Sikvah e eu somos tuas, agora. Seguiremos o caminho que escolheres na tua luta contra os alagai. Foi por isto que o nosso pai nos casou contigo e não voltaremos a negar-te. Se ordenares que vistamos apenas as nossas sedas coloridas e cantemos na noite, fá-lo-emos.

– E se ordenar que cantem *A Batalha do Outeiro do Lenhador*? – perguntou Rojer.

– Faremos o que mandares e encontraremos formas de fazer com que te arrependas. – Amanvah piscou-lhe o olho. – Somos tuas esposas, não tuas escravas.

Rojer ficou atordoado por um momento, mas acabou por rir.

– Confias neste Homem Pintado? – perguntou Amanvah. – Sabes o que aconteceu entre ele e o meu pai?

– Sim, confio nele, mas não sei. – Rojer abanou a cabeça. – Não sei o que aconteceu. Falarei com ele esta noite. Talvez aprenda alguma coisa.

– Partilharás connosco o que te contar? – perguntou Amanvah.

Rojer olhou-a longamente.

– Se me pedir para guardar segredo das suas palavras, respeitarei o seu pedido. – Franziu a testa e encolheu os ombros. – A não ser que decida não o fazer. – Sorriu-lhe. – Tenho de me manter livre, não é?



DEZANOVE

SALIVA E VENTO

333 DR Verão 11 Auroras antes da Lua Nova

LEESHA SENTAVA-SE NA CADEIRA de balouço preferida de Bruna, envolta no xaile da anciã enquanto bordava, tentando ignorar a dor intensa atrás do olho. Darsy zelara pela cabana durante a sua ausência, mas a horta mostrava que mantinha a sua falta de talento com as plantas e não tinha qualquer jeito para manter as coisas no seu sítio devido. Leesha precisaria de dias para colocar tudo exatamente como lhe agradava.

Mesmo assim, o simples ato de se sentar na cadeira da sua mentora, coberta com o seu xaile, era um enorme conforto. Muitas vezes durante semanas recentes duvidara da possibilidade de algum dia voltar a casa. Mesmo naquele momento, parecia-lhe surreal.

Mas porque não pareceria? Estava em casa, mas, de inúmeras formas, as coisas não voltariam a ser as mesmas. Havia realeza no Outeiro, alguém determinado a rejeitar os velhos costumes, incluindo uma grande parte do poder de Leesha. Conseguiria travá-lo? Deveria fazê-lo?

Havia krasianos erguendo uma cidade de tendas no seu quintal, em terra que Bruna lhe confiara. Ajudariam a construir a paz com que Leesha sonhava ou seriam um cancro no coração do Outeiro, como vira em pesadelos?

Arlen, que acreditara ser capaz de manter o Outeiro em segurança, deixara-os entregues à sua sorte e regressara alterado. Faltava perceber se a mudança seria positiva ou negativa.

E tenho uma criança no ventre.

Mesmo que os químicos não o tivessem confirmado, cada dia a deixava mais segura de que havia vida crescendo dentro de si. O filho de Ahmann Jardim. Teria de ser, pois não se deitara com mais ninguém. Também aquilo lhe parecia surreal. Arlen rezeira engravidá-la com um filho demoníaco e, em resposta, dissera-lhe que não importava. Depois de o demónio do deserto a deixar de esperanças, dizia o mesmo a si própria, mas seria verdade? Amaria a criança, mas quantas vidas se perderiam quando Ahmann avançasse para a reclamar? Não conseguiria esconder para sempre o seu estado. Noite, seria mesmo possível que as dama'ting já o tivessem visto nas suas previsões.

Acariciou o ventre, sentindo uma lágrima escorrer-lhe junto ao nariz.

Que seja uma menina, por favor.

O pensamento envergonhou-a. Amaria menos um menino? Claro que não. Mas era pouco provável que Ahmann movesse um exército para norte por uma filha.

Voltou a recordar as palavras da mãe. *Encontra um homem e deita-te com ele.* Elona sabia muito bem como fazê-lo.

Mas, apesar de atroz, a sua mãe também estava frequentemente certa. Elona via o mundo pela lente dos seus desejos e compreendia os desejos dos outros de uma forma que a lógica de Leesha nunca conseguiria alcançar. Seria o que planeara fazer com Gared, deitar-se com ele e convencê-lo de que o filho era seu, menos atroz do que a traição de Elona ao seu marido com o filho de um antigo amante?

Noite, pensou Leesha. Acho que o meu plano era pior.

O pior de tudo era que continuava a ponderar a possibilidade. Não com Gared, claro, mas haveria certamente outros candidatos. O Outeiro era rico em homens corajosos e fortes.

Até Yon Grisalho se tornava cada vez mais jovem e bonito e a sua mulher morrera há quinze anos. Beliscara-lhe o traseiro vezes suficientes para dar a entender o seu interesse, mas fora sempre inofensivo. A fantasia inútil de um velho lúbrico. Agora...

O pensamento fê-la estremecer ao recordar o sorriso desdentado. *Não. Yon, não.* Mas havia outros. Quantas vidas conseguiria salvar se a paternidade do seu filho fosse mantida em segredo?

Claro que Ahmann também poderia marchar para norte para matar o homem que tocara a sua pretendida. Noite, Kaval poderia fazê-lo por ele. Era uma possibilidade assustadora, mas não poderia ignorá-la. Ahmann acreditaria realmente que fazia o que era necessário para salvar o mundo, mas era implacável na perseguição desse objetivo e decidira que Leesha, ou pelo menos, o que havia entre as suas pernas, seria a porta de entrada no Norte. Mataria quem tentasse tocar-lhe.

Tal como tentou matar Arlen. Não queria acreditar. Queria juntar aquilo ao engano de Arlen quanto aos motivos para a rejeitar, mas os dois aspirantes a Libertadores eram incrivelmente sinceros. Disse-o e acreditou nele. Mas, tal como Ahmann quando contornou o assunto do Par'chin, também Arlen fizera comentários crípticos. Chegara o momento de o fazer dizer toda a verdade.

Noite, que pensará quando vir o meu ventre inchar?

Ouviu música à distância, percebendo que Rojer se aproximava. Tinham combinado conversar em segredo antes da chegada de Arlen, mas Leesha não percebera que era tão tarde. Olhou pela janela e viu que o amanhecer se aproximava e que esquecera o bordado no colo. O céu escurecia mais depressa a cada dia. O solstício há muito passara e a luz diminuía enquanto a escuridão se fortalecia. O pensamento fê-la estremecer.

Mas, enquanto a música se aproximava, conseguiu afastar os receios e as preocupações de Leesha tal como fazia aos demónios. Colocou o bule sobre o lume e deixou-lhe a porta aberta, sabendo que Wonda patrulhava o quintal, mantendo à distância todos os outros visitantes.

Rojer entrou pouco depois, segurando o violino e o arco. Leesha olhou o instrumento, mas o apoio guardado para o queixo estava ausente.

– Deixei-o na estalagem – disse Rojer. Apontou com o arco o velho xaile de Bruna sobre os ombros de Leesha. – Mal podias esperar para te embrulhares nesse trapo velho, não?

Leesha sentiu a lã tricotada entre os dedos, inúmeras vezes remendado ao longo dos anos pelos dedos hábeis de Bruna. Havia anciãos no Outeiro que diziam que o usara quando eram rapazes, mais de meio século antes ou mais. Leesha nunca o lavara e continuava a cheirar a Bruna, fazendo-a recuar a um tempo em que aquela cabana era o local mais seguro do mundo.

– Tens os teus talismãs, Rojer. Eu tenho os meus.

Rojer colocou a sua Capa de Invisibilidade de remendos multicoloridos guardada pela própria Leesha sobre as costas de uma cadeira, ignorando por completo os cabides junto à porta. Ergueu o saco de maravilhas e pousou-a na cadeira, elevando os pés para a mesa e prendendo o violino sob o queixo.

– Uma grande verdade.

Leesha pontapeou-lhe a cadeira enquanto ia buscar chávenas de chá e biscoitos, fazendo-o baixar os pés.

– O que precisaste de dizer às tuas esposas para permitirem que viesses sem escolta?

– Foi mais fácil do que pensas – disse Rojer. – Uma festa na cabeça e uma tolice qualquer sobre dados antes de Amanvah me pôr a caminho.

– Nada nesses dados é fácil – disse Leesha, trazendo o chá.

– É verdade – concordou Rojer. – Mas o seu poder parece-me muito real.

Leesha conteve a vontade de cuspir.

– Uma muleta que lhes permite afinarem um pouco os palpites, mas, se fossem tão poderosos como as dama'ting julgam, os krasianos teriam já todas as mulheres do Norte envergando véus e todos os homens empunhando lanças.

– É uma boa muleta – considerou Rojer, beberricando o chá. Fez uma careta. – Nunca pões açúcar suficiente. – Retirou uma pequena garrafa do bolso e verteu um pouco de líquido cor de caramelo para dentro da chávena. Leesha franziu a testa, mas Rojer limitou-se a sorrir, erguendo-lhe a chávena antes de beber um gole. – Resolvido. Mas podemos falar de chá amargo e de dados de demónio mais tarde. O tempo é curto para discutir a louca.

Leesha não precisou de perguntar a quem se referia. Uma imagem de Renna Curtidor surgiu-lhe na mente, vendo a jovem erguendo Enkido sobre a cabeça. Leesha pôde observá-la bem nesse momento. Sob todas as guardas de caulinegra e rosnados, havia uma cara bonita e arredondada e um corpo que envergonhava até o de Leesha, coberto de músculos apesar de não ser muito generoso em curvas femininas.

Era isso que queria?, questionou-se. *Uma mulher capaz de estrangular um demónio com as mãos?*

Se assim fosse, a culpa não seria de Renna. Não era justo culpá-la.

– Não sabemos se será mais louca do que ele, Rojer.

Rojer riu-se.

– Odeio ser o Mensageiro a trazer-te esta mensagem, Leesha, mas Arlen é completamente louco. Devo-lhe a vida e não o esqueço, mas o homem sempre virou à esquerda quando a gente sã virava à direita.

– É por isso que é poderoso – considerou Leesha. – E o mesmo poderá dizer-se a teu respeito.

Rojer encolheu os ombros.

– Também nunca conheci um Jogral são. – Voltou a beber. – Dizem que se prometeu a ela. Achas que é a sério?

– Não nos diz respeito, Rojer – respondeu Leesha.

– Merda de demónio – exclamou Rojer. – Diz respeito a toda a gente. Sobretudo a ti.

– Como? – perguntou Leesha. – Estivemos juntos durante uns cinco minutos, há um ano, e não falámos desde então.

– Foi rápido, hã? – disse Rojer. – Nunca se ouve isso nas sagas.

– Fomos... interrompidos – disse Leesha, recordando o demónio da madeira que interrompera o seu abraço. Nunca odiara tanto um nuclita como naquele momento. – Isso não significa que me diga respeito onde o enfiou desde então.

– Sabes que estão na estalagem do Smitt? – perguntou Rojer. – Ao fundo do corredor. Terei de os ouvir todas as noites. Melly, a filha do Smitt, diz que fazem as paredes tremer depois de caçarem demónios.

A chávena de Leesha começou a tremer e teve de a segurar com força. Rojer apontou-a com o arco do violino.

– É por isso que te diz respeito.

– Já não falta muito – disse Arlen. Teriam percorrido quilómetro e meio desde o limite da grande guarda do Outeiro do Lenhador para alcançar a cabana da Herbanária. Havia uma estrada guardada, mas Arlen escolheu um caminho mais direto através da floresta. Em dado momento, Renna notou um ponto familiar.

– Fica muito perto daquele teu velho esconderijo.

– Leesha precisava de cuidado – disse Arlen. – É uma rapariga inteligente, mas, por vezes, envolve-se em sarilhos.

A memória de Leesha Papel na sala do trono do conde veio à memória de Renna como acontecera repetidas vezes durante horas. A mulher fora suficientemente má quando a imaginara, corajosa, inteligente e rica, praticamente venerada pelos outeiros, mas, claro, Arlen nunca referira que também era bonita como um amanhecer, com aquela aparência suave e indefesa que os homens adoravam.

– Ficaste por perto para que o Homem Pintado pudesse salvá-la como o herói de uma história de taberna?

Arlen parou de caminhar e suspirou. A seguir, virou-se e olhou-a nos olhos.

– Proponho um acordo, Ren. Contas-me todos os pormenores do teu envolvimento com Cobie Pescador e conto-te tudo sobre o meu envolvimento com Leesha Papel.

Renna sentiu aumentar a ira e viu a magia ambiente acorrer até ela, alimentando a emoção e ampliando-a. Emoções fortes eram visíveis na aura mágica que rodeava as pessoas à noite. A sua raiva era um brilho irregular que seria inconfundível para Arlen, mas limitou-se a olhá-la calmamente. Não recuou, mas também não contribuiu para a enraivecer mais, forçando-a a acalmar.

Estava certo. Tinha feito, e sentido, coisas com Cobie Pescador que não tinham qualquer relação com Arlen e que não precisava de conhecer. Não lhe dizia respeito.

Mas como poderia negar-lhe o mesmo? Deixara Leesha para trás no Outeiro durante meses para estar com ela e prometera-se-lhe. Que importava o que sentira antes ou o que tinham feito?

Mas importava.

– Cobie Pescador está morto – disse. – Leesha Papel convidou-nos para o chá.

Arlen suspirou.

– Que queres que faça, Ren?

Suspirou no ritmo que Arlen lhe ensinara, acolhendo a raiva como acolhia a dor. Banhada pela sensação, recuou subitamente e deixou-a partir. A magia serenou.

– Não fui justa – disse, por fim. – Isto não é fácil.

Arlen riu-se.

– É verdade. Também não é fácil para mim, Ren. Apenas peço... que não batas em ninguém se ninguém te bater primeiro. Pode ser?

Renna riu-se.

– Sim, pode ser. Mas não prometo mais nada.

– Muito bem – disse Arlen, enquanto chegavam a um caminho pavimentado com grandes blocos quadrados de creto recentemente moldado. Guardas poderosas tinham sido gravadas na pedra, bloqueando o acesso de qualquer nuclita. Reluziam ligeiramente, atraindo a magia ambiente que se erguia do Núcleo.

As guardas tornavam-se mais complexas enquanto se aproximavam do destino. A estrada terminava na entrada de uma horta imensa, maior do que o campo de Harl, mas não ocupado com colheitas comestíveis que Renna conhecesse. Apenas ervas. Uma horta de Herbanária.

Um trilho de terra serpenteava pela horta, com plantas crescendo em aglomerados dispostos pela área de um lado e do outro do caminho. Pedras de guarda pintadas rodeavam cada aglomerado, aquecendo algumas plantas e arrefecendo outras, atraindo humidade do ar para nutrir raízes.

– Janota – grunhiu Renna, sabendo que era muito mais do que isso. Havia redes de guardas demasiado complexas para que as compreendesse. Mesmo vendo a magia fluir, podia apenas adivinhar os seus efeitos. Nem sequer fora ainda apresentada formalmente a Leesha Papel e não gostava dela. Era como uma feiticeira numa história de Jograis.

Saíram da horta, passando a um pátio amplo com uma pequena cabana no centro. Um local simples e desprezioso entre a vegetação bela e esplendorosa. Por algum motivo, aquilo fez Renna gostar ainda menos de Leesha Papel.

Arrepiou-se apesar de a noite estar quente e cobriu-se melhor com a capa, odiando que tivesse sido um presente seu.

Um turbilhão de movimento anunciou a saída de uma mulher das sombras, coberta com uma Capa de Invisibilidade própria. Empunhava um arco com a flecha respetiva apontada para baixo, envolvida por magia cintilante, mas Renna reconheceu-a. Wonda Lenhador, outra das aprendizas de Arlen, parecendo impressionante com a sua nova armadura de madeira.

A jovem erguia-se sobre eles, mais alta do que qualquer mulher e duas vezes mais larga. Sorriu e a magia à sua volta tornou-se calorosa e convidativa enquanto se curvava profundamente.

– Libertador.

– Disse-te mais do que uma vez que não sou o Libertador, Wonda – disse Arlen, mas o desagrado habitualmente presente

na sua voz quando abordava aquele assunto estava ausente. Gostava da rapariga. – Chama-me Arlen.

Wonda abanou a cabeça, mantendo os olhos baixos.

– Acho que não conseguirei fazê-lo.

– Sr. Fardos? – propôs Arlen.

Wonda sorriu.

– Sim, acho que servirá. – Voltou-se para Renna, curvando-se novamente. – Bem-vinda à cabana, Sra. Curtidor. É uma honra conhecer-te. Vi o que fizeste a Enkido na sala do trono e já o tinha visto lutar antes. Espero ter metade do teu talento um dia.

Há um preço, pensou Renna, mas acenou afirmativamente, olhando Arlen.

– Tive um bom professor.

Wonda sorriu, olhando Arlen com um brilho nos olhos quase de devoção.

– Sim. – Voltou a olhar a cabana. – A mestra Leesha está lá dentro com Rojer. Se não se importarem de esperar um momento, anuncio-vos.

– Gosto dela – disse Renna enquanto a jovem se aproximava.

Arlen acenou afirmativamente.

– Se tivesse cem mulheres como Wonda Lenhador atrás de mim, atacaria o próprio Núcleo.

Wonda surgiu à porta uma hora depois do anoitecer.

– Chegaram, mestra Leesha.

– Obrigada, Wonda – disse Leesha. – Peço-te que os mandes entrar. Depois, vigia o quintal e certifica-te de que teremos privacidade.

Wonda acenou afirmativamente.

– Sim, mestra. – No momento seguinte, Arlen entrou, parecendo mais descontraído do que alguma vez o vira. Renna Curtidor entrou a seguir, com olhos inquietos iluminados por uma suspeita predatória. Percebeu o olhar de Leesha e fê-la perceber que a olhava fixamente.

A voz de Elona soou-lhe na cabeça. *Diz alguma coisa, rapariga idiota.*

Leesha recompôs-se e aproximou-se dela.

– Bem-vinda à minha cabana. Renna, não é? – Moveu o olhar para Arlen. – Nunca fomos formalmente apresentadas. Sou Leesha Papel. – Estendeu a mão para a capa da rapariga e abriu a boca de espanto. Era a Capa de Invisibilidade que fizera para Arlen.

Deu-lha? Sentiu uma pontada de raiva ao recordar o afinco com que trabalhara na capa, exigindo-lhe maior esforço do que a sua capa e a capa de Rojer combinadas. Quisera tanto impressioná-lo, mostrar-lhe o poder das guardas, mas Arlen mal a olhou quando lha colocou sobre os ombros e não a usara desde então.

Foi o teu presente de promessa?, questionou, amargamente. Subitamente, o novo relacionamento de Arlen pareceu tornar-se algo que lhe dizia respeito de forma inequívoca.

– Sei quem és – disse Renna.

Algo no seu olhar fez Leesha querer erguer o cajado de Bruna e atingi-la com ele, mas manteve um sorriso amistoso.

– Chá?

– Por favor – respondeu Arlen, rodeando Renna com um braço e afastando as duas mulheres.

Rojer ergueu-se da cadeira, pousando as mãos no chão e dando uma cambalhota.

– Rojer Meia-Mão. Às tuas ordens.

Renna riu-se e aplaudiu, parecendo de repente uma criança inocente.

– Renna Curtidor – disse-lhe, enquanto o deixava beijar-lhe a mão. – Arlen falou-me muito de ti.

– Não acredites numa palavra – aconselhou Rojer com uma piscadela de olho. Renna sorriu-lhe e Leesha quis gritar, mas manteve um sorriso radiante.

– Vem ajudar-me com o chá, Rojer – pediu. Este obedeceu e, enquanto se erguiam junto à bancada entre o retinir de chávenas e pires, sussurrou: – Noite, de que lado estás?

– Não sabia que havia lados – afirmou Rojer, com um tom de voz doce. – Pensei que não nos dissesse respeito. – Leesha pontapeou-o, mas esquivou-se sem sequer entornar uma gota

do chá que levou a Renna e Arlen na sala. Leesha trouxe as suas chávenas da mesa da cozinha e viu Arlen e Renna juntos no seu sofá e Rojer na cadeira mais próxima. Pensou se os homens tentariam intencionalmente mantê-la e a Renna tão distantes quanto seria possível.

– Entãããooo – disse Rojer, alongando a palavra. – Como tens andado?

– Ocupado – respondeu Arlen. – O Outeiro cresce com rapidez todos os dias, engolindo povoados inteiros enquanto vamos recebendo mais gente de todas as Cidades Livres. Começámos a trabalhar o padrão das grandes guardas que traçámos durante o inverno e ativámos já algumas delas.

O olhar de Arlen moveu-se para ela.

– Funciona, Leesha. As grandes guardas não param de crescer. Um dia, enfrentar demónios será irrelevante. Não haverá nada para enfrentar. Estarão todos presos no Núcleo. A este ritmo, o «conde» Thamos não tardará a intitular-se duque e Rhinebeck não poderá fazer grande coisa para o impedir.

– Mas tu sim – disse Rojer.

– Não me diz respeito – replicou Arlen. – Não me importa quem se sente no trono, desde que as grandes guardas sejam construídas e as pessoas sejam preparadas para o que aí vem.

– E o que é? – perguntou Leesha.

– Guerra – respondeu Arlen. – Os demónios avançarão para impedirem o que tentamos fazer. Antes que o sistema de grandes guardas atinja a massa crítica.

– Merda de demónio. – Rojer olhou Leesha e voltou a olhar Arlen. – Estou farto de vos ouvir dizer que as coisas não vos dizem respeito quando estão rodeados por elas. Todas estas pessoas vêm para aqui das Cidades Livres, construindo grandes guardas e armando-se, por ti, Arlen Fardos, pelo Homem Pintado e não pelo conde Thamos.

Arlen encolheu os ombros.

– Talvez. Ou talvez estejam apenas fartos de se esconderem e queiram lutar pela possibilidade de serem livres. É verdade que serei uma bandeira que os atrairá para aqui, mas isso não me

dá direito ao trono, mesmo que aspirasse a ele. E não aspiro. Porque me oporia a Thamos? É um pouco egocêntrico, mas faz o que um bom governante deverá fazer. Constrói estradas e povoados, ajuda as pessoas a guardarem os seus lares e a plantarem colheitas, nomeia magistrados e regentes para manter a paz, recolhe o lixo, empresta dinheiro e mantém o povo alimentado e unido no trabalho para o bem comum. Os seus impostos são elevados, mas justos. Mostra-se recetivo a novos cidadãos desde que jurem fidelidade a Angiers e não tem homens em número suficiente para intimidar ninguém.

– Ouvi dizer que tem mil Soldados de Madeira – disse Rojer.

Arlen abanou a cabeça.

– É verdade que tem mil homens capazes de cobrirem a cabeça com um elmo de madeira e de marcharem empunhando uma lança, mas os Soldados de Madeira não chegarão a duas centenas. Os restantes conseguirão acertar com uma flecha no alvo, mas são sobretudo Guardadores, engenheiros e pedreiros.

– E agora também contam com Gared e com os Lenhadores, graças a ti – disse Leesha.

Arlen tornou a encolher os ombros.

– O conde saberá usá-los melhor durante o dia. Em troca, são-me confiados durante a noite, juntamente com os Soldados de Madeira. Também Thamos se junta à luta durante a noite e crava a lança onde lhe disser que o faça.

– Por enquanto – disse Leesha.

– Thamos sabe que posso deitar abaixo o portão da sua fortaleza com um pontapé a qualquer momento – disse Arlen. – Enquanto estiver por perto, poderei mantê-lo na linha.

– E quando não estiveres? – perguntou Leesha.

Arlen sorriu.

– Terás de ser tu a fazê-lo. E sem desapareceres como fizeste na corte.

O sorriso malicioso enraiveceu Leesha em silêncio. O seu «desaparecimento» fora um pretexto para se encontrar com a duquesa Araine, a verdadeira detentora do poder em Angiers, sendo os seus filhos pouco mais que fantoches. O encontro de

Arlen com o duque e com os seus irmãos fora uma fachada. Mas, claro, não podia dizer-lho sem violar a confiança de Araine.

Terei de permitir que me ache tola. Pensar aquilo enfurecia-a.

– Que novas há do duque Euchor? – perguntou, para mudar de assunto.

– Rhinebeck nunca pagará o preço que Euchor exige como pagamento do auxílio – disse Arlen. – A não ser que os krasianos se ergam diante das suas muralhas e talvez nem assim. Não haverá qualquer aliança.

O peso da afirmação tombou sobre os presentes. Significava que Angiers teria de enfrentar Ahmann sem aliados, o que, por seu lado, significava que não haveria auxílio a Lakton antes de os krasianos voltarem os seus olhares naquela direção. Quanto tempo restaria aos laktonianos? Um ano? Três, no máximo?

– Que queria? – perguntou Rojer.

– Rhinebeck ainda não tem herdeiro – explicou Arlen. – Euchor quer que se divorcie da duquesa Melny e case com uma das suas filhas, todas mães de filhos.

– Hypatia, Aelia e Lorain – recordou Rojer. – Famosas em todas as Cidades Livres por serem indistinguíveis de demónios da rocha. Será como pedir a Rhinebeck que baixe as calças e se curve sobre um barril.

Arlen concordou com um aceno.

– Se os krasianos conquistarem Angiers, o trono de metal bloqueará a sua progressão em Ponteflúvia.

– Euchor é um tolo – considerou Leesha.

– Mais do que julgas – disse Arlen. – Euchor possui os segredos do fogo, Leesha, e os planos necessários para transformá-los em horrores nunca sonhados. – Mostrou um livro antigo encadernado com couro e passou-lho. A capa dizia: *Armas do Velho Mundo.*

– Descansa antes de leres – recomendou Arlen. – Passarás uma semana antes de conseguires voltar a adormecer.

Leesha recebeu o livro, olhando Arlen nos olhos enquanto o fazia. Pareciam tão calmos, tão pacíficos. Os olhos de um

homem que deixara de se preocupar com o amanhã para se concentrar exclusivamente no presente.

– Mudaste tanto. As roupas comuns, o teu nome... – *Os teus olhos*, quis acrescentar, contendo a língua de forma sensata.

– Regressei às raízes – disse Arlen, indicando Renna com a cabeça. – Não voltarei a esquecê-las.

– Se esqueceres, levarás outra sova – disse Renna, pousando-lhe a mão na perna.

Arlen cobriu a mão com a sua, apertando delicadamente. Um gesto mínimo, mas muito eloquente. Leesha suprimiu um arrepio enquanto Arlen a olhava.

– Sei o que sou, Leesh. Sei quem sou. Deixei de ter dúvidas ou preocupações.

– Como? – perguntou Leesha.

O tom de Arlen tornou-se sério.

– Na última Lua Nova, um demónio tentou matar-me.

Roger riu-se.

– Como é isso diferente de qualquer outra noite?

– Não era um nuclita comum, Roger – disse Arlen, com a voz assumindo um pouco da entoação do Homem Pintado. O sorriso abandonou a face de Roger.

– Um demónio inteligente – disse Leesha. – Darsy contou-me. Capaz de nos entrar na cabeça.

Arlen levou os dedos à têmpora.

– E eu consegui entrar na sua. Não durante muito tempo, mas o suficiente para saber o que enfrentamos e para ver a magia da forma como a veem. O que vi não conseguirei esquecer.

Ergueu a mão, traçando guardas minúsculas no ar. Uma a uma, as lanternas apagaram-se. Leesha enfiou a mão no avental para alcançar os óculos guardados, mas, antes de conseguir pô-los, Arlen traçou uma guarda de luz no ar acima deles, que cintilou, enchendo a cabana com mais luz do que quando o sol da manhã atingia as janelas em cheio.

– Criador – sussurrou Roger.

– É apenas uma amostra. – Arlen ergueu-se, puxando uma faca do cinto. – Tornou-se quase impossível que alguém me magoe e, quando acontece... – cortou a mão, traçando uma linha de sangue.

– Arlen! – gritou Leesha, levantando-se e aproximando-se para inspecionar o corte. Chegava ao osso. Viu o branco do osso antes de o sangue jorrar, pingando sobre o chão. Mesmo com pontos, poderia nunca sarar em condições. Olhou Renna, mas a rapariga parecia despreocupada.

– ... consigo sarar num instante – concluiu Arlen. A sua mão desfez-se em fumo passando através dos dedos de Leesha e voltando a formar-se, perfeitamente intacta e sem marcas além do padrão complexo de tatuagens que dançava sobre a pele. Até o sangue no chão desapareceu.

Leesha colocou os óculos guardados para observar com maior atenção. Com a visão guardada, Arlen brilhava mais do que alguma vez vira e notou com alguma surpresa que também Renna cintilava com poder.

– Consigo sarar outros – disse Arlen. – E matar demónios sem lhes tocar. Todos os dias, descubro novos poderes. O potencial é infinito.

– Darsy contou-me que esvaziaste o hospício – disse Leesha. – Mas, por mais que brilhes, não conseguirás acumular energia suficiente para esse tipo de magia. Onde foste buscar o poder? A hora? A sangue de demónio?

Arlen abanou a cabeça.

– Muletas. Estavas certa quando disseste porque as grandes guardas me deixavam fraco, Leesha. Puxam a minha magia, sugando-a para se fortalecerem. – Sorriu. – Mas, agora, consigo inverter o processo.

Inspirou fundo e Leesha gemeu de espanto quando a magia ambiente deslizou sobre o chão até ele. As guardas pintadas e gravadas na cabana, que antes cintilavam com poder, viram o seu brilho diminuir enquanto Arlen se tornava tão luminoso que era difícil olhá-lo.

– Aprendeste isto tudo com o demónio da mente? – perguntou Leesha.

Arlen acenou afirmativamente.

– Mas não os subestimes apenas porque tive sorte e matei um. Apenas roço a superfície de poderes que, para eles, são tão naturais como respirar. Virão mais e não voltarão a subestimar-me.

– Era semelhante a um homem, mas mais baixo? – perguntou Leesha. – Com uma cabeça bolbosa e chifres pequenos?

Arlen semicerrou os olhos.

– Nunca o contei a ninguém. – Olhou Renna.

– Não me olhes assim, Arlen Fardos – disse-lhe ela. – Não contei nada do que aconteceu.

– Um deles atacou-nos na Fortuna de Everam – disse Leesha.

Arlen olhou Rojer.

– Não é de mim que fala – disse o Jogral. – Estava no banho. Perdi o momento.

Arlen pareceu sobressaltado.

– O que aconteceu?

Leesha conteve a repulsa provocada pela memória.

– Chegou com a Lua Nova, tal como o teu. E... apoderou-se de mim.

Renna olhou-a, com a empatia surgindo-lhe nos olhos pela primeira vez.

– Forçou-te a fazer coisas?

Leesha acenou afirmativamente.

– Tinha vindo para matar Ahmann... Ou melhor, para lhe arruinar a reputação. Usou-me e a Inevera, a sua mulher, contra ele, como se fôssemos marionetas.

– Como quebraste o feitiço? – perguntou Arlen.

– Ahmann tocou-nos e as guardas na sua coroa cintilaram – disse Leesha. – O controlo do demónio cessou imediatamente. Ahmann matou-o, mas talvez tivesse sido derrotado se não o tivéssemos distraído primeiro.

Arlen acenou com a cabeça, olhando Renna.

– O homem não será nada sem uma boa mulher a seu lado. – Renna sorriu-lhe e Leesha teve de conter o vômito que ameaçava subir-lhe até à garganta.

– Estava sozinho? – perguntou Renna.

Leesha abanou a cabeça e viu nos olhos da mulher que já sabia o que se seguiria.

– Tinha... um guarda-costas. Um nuclita capaz de mudar de forma.

– Um demónio mimético – disse Arlen.– Conseguem transformar-se em qualquer coisa que vejam ou imaginem. Em circunstâncias normais, não conseguem imaginar grande coisa, mas com um demónio da mente controlando-os...

– Ahmann disse que era um dos príncipes de Alagai Ka – disse Leesha. – E que viriam mais na Lua Nova seguinte.

Arlen concordou com um gesto.

– O miserável pode ser um filho do Núcleo que merece a morte, mas não está errado. A Lua Nova virá dentro de semana e meia. Dei o meu melhor para preparar o Outeiro, mas as coisas ficarão suficientemente feias para fazer a Batalha do Outeiro do Lenhador parecer um jogo de crianças.

Leesha concordou.

– Aqui e também na Fortuna de Everam. Os demónios da mente receiam Ahmann, tal como te receiam a ti. Se o matasses, far-lhes-ias um grande favor. – Esperava que as palavras magoassem, recordando-lhe o seu juramento de se opor aos nuclitas de todas as formas, como tinham feito outrora numa caverna onde se tinham abrigado na estrada para Angiers.

Esperou que ficasse chocado, furioso ou triste, mas limitou-se a olhá-la pacientemente.

– Não conseguirás manipular-me com uma promessa que te fiz quando era um rapaz, Leesha. Fiz muitas promessas na vida e serei eu a decidir quando e como serão cumpridas.

– Qual foi a promessa? – perguntou Renna.

– Explicarei mais tarde – disse Arlen, com um indício de desagrado na voz. Renna não pareceu agradada, mas não

insistiu.

– Tanto Abban como Ahmann falaram do Par'chin como um amigo – disse Leesha.

Arlen riu-se. Se a surpreendia que tivesse ouvido antes o seu nome krasiano, não o demonstrou.

– Abban não tem amigos, Leesha! Apenas conhecidos que poderão ser-lhe úteis. Eu fui um deles, sem qualquer dúvida. E Ahmann Jardir tem duas caras. Uma amável e justa e outra, a real, que mostra com menos frequência. A que é capaz de fazer qualquer coisa pelo poder.

– O que aconteceu no Labirinto? – perguntou Leesha, sem rodeios. – O que te fez? Basta de enigmas! Se queres que deixemos de confiar neste homem, dá-nos um motivo!

Pela primeira vez, a calma abandonou o olhar de Arlen. Rojer estendeu a garrafa e Arlen traçou despreocupadamente uma guarda no ar, fazendo-o voar para a sua mão como o metal seria atraído por um íman. Desenroscou a rolha e bebeu um longo trago, permanecendo sentado com os braços apoiados nas coxas e os olhos baixos.

– Ahmann Jardir foi o meu ajin'pal – começou. – Terão ouvido a palavra, sem dúvida, mas não acredito que alguém consiga compreender o que significa. Acompanhou-me na minha primeira batalha real contra os demónios. Ergueu-se a meu lado. Sangrou comigo...

– Como o que fizeste com os outeiros – recordou Rojer.

– E comigo – disse Renna.

Arlen acenou afirmativamente.

– Sim, mas foi diferente. Os krasianos não queriam que lutasse. Não me consideravam digno. Jardir ergueu-se a meu lado enquanto os restantes prefeririam ter-me enforcado. Recebeu-me no seu palácio, aprendeu a minha língua. Foi como um irmão para mim. Ensinou-me coisas acerca do mundo e de mim próprio que precisaria de uma vida inteira para aprender sozinho.

– Então eram verdadeiros amigos – disse Leesha, apesar de as palavras não dispersarem o receio crescente provocado pelo

tom de voz de Arlen.

– No que me diz respeito, sim – concordou Arlen. – Mas, olhando para trás, penso que terá estado sempre pronto para me cravar uma lança nas costas quando deixei de lhe ser útil. Planeou sempre marchar para norte e usar-me para traçar os seus planos. – Expirou. – Ou talvez não. Talvez isso tenha vindo depois.

A cabana ficou em silêncio. Todos esperavam as palavras de Arlen, incluindo Renna.

Suponho que não lhe contará tudo, afinal, pensou Leesha.

– Não me limitava a lutar ao lado dos krasianos nesse tempo – disse Arlen. – Continuava a trabalhar regularmente como Mensageiro e passei anos a vasculhar em ruínas. Encontrei mais ouro do que a maioria das pessoas verá em toda a vida, comprando mapas antigos que, na maior parte dos casos, não conduziam a parte alguma, e estive perto da morte mais vezes do que consigo contar. Até que, alguns anos atrás, Abban me prometeu um mapa que permitiria chegar a Anoch Sun.

– O local da sepultura de Kaji – disse Leesha.

Arlen acenou com a cabeça.

– Quase morri para obter o mapa. Foi copiado sob o nariz dos dama. Passei semanas a vaguar pelo deserto procurando o local. Os krasianos diziam que se tinha perdido nas areias, mas sou teimoso.

– Não precisas de o dizer – concordou Leesha.

Os olhos de Arlen reluziram.

– Acabei por encontrá-la, Leesha! Anoch Sun, a cidade perdida de Kaji. Encontrei-a! Estava parcialmente sepultada, mas, mesmo assim, era muito mais bela do que qualquer local que alguma vez tenhas visto. Os seus palácios envergonhariam a residência de qualquer duque, perfeitamente preservados por baixo da areia. No maior de todos, encontrei uma escadaria para as catacumbas e procurei.

Roger inclinava-se para diante, com avidez.

– Que encontraste?

– Kaji – respondeu Arlen. – Ou um dos seus descendentes. Estava embalsamado e envolto em pano, com os braços segurando ainda a lança.

– A Lança de Kaji – disse Leesha, sentindo um frio no estômago. *A lança de Ahmann.*

Arlen confirmou com um aceno.

– Trouxe-a para Krasia para partilhar os seus segredos. Todos me julgaram um mentiroso até cintilar pela primeira vez quando matei um demónio no Labirinto. Uma hora depois, liderava a carga, com todos os Sharum entoando o meu nome. Duas horas depois, Jardir e os seus homens prepararam uma armadilha para me roubarem a lança, com a participação de Kaval e Coliv. Espancaram-me e levaram a lança, atirando-me a um fosso com um demónio da areia vivo.

– Criador – exclamou Renna, arregalando os olhos. Arreganhou os lábios num rosnado e segurou o cabo de osso da enorme faca embainhada à cintura.

– Como escapaste? – perguntou Rojer.

– Matei o demónio e saí do fosso – disse Arlen. – Jardir atingiu-me na cabeça e abandonou-me nas dunas para morrer.

Renna rosnou.

– Vou esventrar aqueles filhos de uma...

Arlen pousou a sua mão sobre a dela e acalmou-a.

– Kaval e Coliv apenas cumpriam ordens. A culpa não é sua. São apenas soldados. É Jardir quem os comanda.

– Terá visto o teu saque da cidade sagrada e do túmulo de Kaji como uma terrível profanação – disse Leesha.

Arlen encolheu os ombros.

– Deveria ter permitido que a magia perdida continuasse adormecida sob as areias?

– Claro que não, mas deverás compreender o seu ponto de vis-ta – disse Leesha.

Arlen olhou-a, incrédulo.

– Compreendo que Jardir me roubou a arma mais poderosa em todo o mundo e, em vez de partilhar os seus segredos, usou-a para assassinar e escravizar por Thesa inteira. O que

não consigo compreender é porque continuas a defender aquele filho de um camelo... – Arregalou os olhos. – Deitaste-te com ele.

– Isso não te diz respeito! – Leesha não quis gritar, mas a raiva crescera dentro dela durante toda a noite, juntamente com uma náusea crescente e uma dor na cabeça capaz de derrubar uma vaca. Percebeu que a explosão confirmava as palavras dele e isso conseguiu apenas enfurecê-la mais. – Bem podes falar! – Apontou Renna com a mão.

Renna não disse nada, mas ergueu-se, contornando a mesa para avançar até Leesha. Os seus olhares fixaram-se e Leesha percebeu como Rojer se teria sentido quando viu avançar Kaval. Procurou no avental algo com que se pudesse defender, mas Renna puxou-lhe o pulso.

– Se tens alguma coisa a dizer-me, estou aqui – rosnou.

– Aaah! – berrou Leesha quando a rapariga lhe torceu o pulso.

Arlen aproximou-se num instante, segurando o pulso de Renna.

– Basta, Ren! – Puxou-a e, por um momento, Renna resistiu-lhe. Arlen era forte como um demónio da rocha e a rapariga conseguia resistir-lhe. Parecia tão surpreendido como Leesha e, por um momento, pensou se Renna a mataria. A rapariga selvagem curvou-se, os seus narizes quase se tocaram e Leesha encolheu-se, receando mijar-se e perder a pouca dignidade que lhe restava.

Mas Renna limitou-se a falar, com voz controlada.

– Prometeu-se a mim, Leesha Papel. Também se prometeu a ti?

Leesha olhou-a, boquiaberta. As palavras eram quase idênticas às que Gared Lenhador dissera ao Mensageiro Marick imediatamente antes de se enfrentarem por Leesha.

– N...não – gaguejou, por fim.

– Então não te metas nos nossos assuntos. – Renna soltou-lhe o pulso e recuou. Arlen soltou-lhe o braço e Renna virou-se e saiu da cabana com passos largos.

Leesha esfregou o pulso dorido e fixou em Arlen um olhar rancoroso.

– Que mulher encantadora que aí tens.

Arlen olhou-a com desagrado e fê-la arrepender-se imediatamente das palavras. Estendeu a mão para ele, mas os seus dedos atravessaram-lhe o corpo enquanto se dissipava em fumo e desaparecia.

Por um momento, Leesha e Rojer olharam o local onde antes se erguera. Por fim, Rojer abanou a cabeça e olhou Leesha com um sorriso.

– Poderia ter sido pior.

Leesha olhou-o, furiosa.

– Não devias voltar para junto das tuas esposas?

Rojer abanou novamente a cabeça, aproximando-se e abraçando-a.

– Podem esperar um pouco.

Leesha tentou afastar-se, mas ela segurava-a com firmeza e, após um momento, parou de resistir. Mesmo assim, continuou a abraçá-la e, lentamente, ergueu os braços para retribuir.

E chorou.

Renna passou por Wonda Lenhador quase sem a olhar, acelerando o passo enquanto entrava na horta labiríntica. Querendo distanciar-se tanto quanto fosse possível da cabana daquela bruxa, começou a correr. Mas, por maior que fosse a sua velocidade, a dor e a raiva seguiam-na e percebeu que eram sensações impossíveis de acolher.

Desembainhou a faca. Caçaria, matando um nuclita e deleitando-se com a sua carne imbuída de magia. O poder acalmaria a sua dor. Perdida nesse torpor, sentiria apenas êxtase.

Recordou o que sentira quando Arlen lhe segurou o pulso. Puxara com força e resistira-lhe. Teria conseguido afastá-la, mesmo assim, se tivesse aplicado toda a sua força, mas até desse ponto conseguia aproximar-se. Em breve, seria tão forte como ele.

Uma neblina ergueu-se no seu caminho. Por um momento, ficou tensa, pensando que seria um nuclita para matar. Mas o sol pusera-se há muito e nunca vira um nuclita erguer-se depois desse momento. Era Arlen.

Um dos seus novos truques. Não mentira quando lhe dissera que descobria mais poderes a cada dia que passava e a confiança com que os usava, pelo menos diante de Renna, crescia de igual forma. Chamava àquele truque específico «deslizar», infiltrando-se abaixo do solo e navegando correntes de magia, viajando de um local ao outro num instante.

Renna tentara fazer o mesmo, mas, até ali, desmaterializar-se revelara estar além das suas capacidades. Talvez por não ter comido ainda carne de nuclita em quantidade suficiente ou porque ainda não tivera tempo de mudar. Não percebia qual das explicações seria mais adequada. Poderiam passar meses. Ou anos.

Mas chegarei lá, prometeu a si mesma. Tão certo como o sol nascer.

Arlen solidificou, segurando Renna quando correu contra ele.

– Que foi aquilo, pelo Núcleo? Prometeste-me que te controlarias.

Renna abanou a cabeça.

– Prometi não bater em ninguém. Não o fiz.

Arlen suspirou.

– É verdade, se quiseres ser literal. Mas és uma mulher adulta, Ren. Não podes andar por aí a intimidar as pessoas.

– A bruxa precisava de ser intimidada. E precisava que lhe recordassem que não lhe pertences. – Olhou Arlen com ferocidade. – E não lhe pertences, mesmo que costumassem deitar-se e tenhas decidido não me contar.

Recomeçou a mover-se, escolhendo uma direção ao acaso e avançando de forma a forçar Arlen a acelerar o passo.

– Nunca te perguntei quem tinhas levado para o palheiro, Ren. Concordámos que o passado deve ficar no passado.

Renna agitou-lhe uma mão.

– Não te censuro. Sei que tenho defeitos e a Senhora Perfeita tem tudo o que um homem pode querer. Dinheiro, magia e a estima de todos. E repara que também matou um demónio da mente! No teu lugar, também me poria de parte.

Arlen segurou-a e fê-la virar-se para o olhar.

– Não te ponho de parte, Ren. Não o faço agora e nunca o farei. É verdade que Leesha tem qualidades, mas também teve os seus momentos menos felizes. Independentemente do que possa ter feito, olhaste-a com ódio. – Riu-se. – Nunca a vi tão intimidada. Achei que se mijaria.

Renna sorriu.

– Esperei que sim.

– Ouviste-o da sua boca – disse Arlen. – Não me prometi a ela, Renna Curtidor. Prometi-me a ti.

Renna olhou-o, querendo acreditar nas palavras, mas continuavam a parecer-lhe merda de demónio. Tinham dançado a mesma dança noutras ocasiões. Arlen conseguia falar sem parar, dizendo-lhe que era o centro do seu mundo e que nunca quereria outra mulher. Dir-lhe-ia que era o seu amanhecer e anoitecer.

Sabia que, se ouvisse durante tempo suficiente, os seus argumentos a convenceriam ou ficaria tão farta de os ouvir que concordaria com tudo apenas para que terminassem.

Mas, no final, não passavam de palavras.

– Renna Fardos – disse-lhe.

– O quê? – disse Arlen.

– Curtidor, não – disse Renna. – Se és sincero, procurarás um Protetor e cumprirás a tua promessa. Esta noite. Ou, então, não passará de saliva e vento.



VINTE

UMA ÚNICA TESTEMUNHA

333 DR Verão 11 Auroras antes da Lua Nova

ARLEN OLHOU RENNA durante muito tempo. Sentia-se nua com aquele olhar como sentira quando o príncipe nuclita lhe entrara na mente. Pensou, e não pela primeira vez, se Arlen aprendera também aquele truque. Os seus olhos julgavam-na.

– Achas que estás preparada para isso, Ren? – perguntou, mantendo a voz baixa.

Renna endireitou as costas e olhou-o.

– Sim. Há muito tempo que estou pronta.

– Não deverá haver segredos entre marido e mulher – disse Arlen.

– Bem sei – tornou Renna.

Arlen levou a mão à cara, esfregando as têmporas com o polegar e o indicador.

– Achas que sou estúpido, Ren? Pensas que não percebo que tens comido carne de demónio? Cheiro-a no teu hálito, vejo-a no teu sangue, saboreio-a na tua magia. Fizeste-o na própria noite em que te implorei que não o fizesses. E fizeste-o em cada oportunidade desde então.

Renna cerrou os dentes, tentando conter a raiva e fracassando. Julgava-a? Depois de o ter feito para lhe salvar a

vida? A magia preencheu-a, enchendo-a de força e multiplicando-lhe a raiva. Conseguiu contê-la a custo.

– Já te disse antes, Arlen Fardos. Não podes dar-me ordens.

Arlen veria sem dúvida o alvoroço da sua magia e a raiva crescendo-lhe na face, mas não pareceu preocupado. Acenou afirmativamente.

– É verdade. E não o fiz. Dei a minha opinião. Se quiseres ignorar os meus conselhos, é contigo. Nem sequer me incomoda que não me tenhas contado. Não posso erguer-me ao sol e dizer que nunca guardei segredos. As pessoas têm direito à sua privacidade.

– Então qual é o problema? – perguntou Renna.

Arlen suspirou.

– Já to disse. Como posso casar com quem me acha um tolo?

Com aquelas palavras, a raiva partiu tão depressa como chegou, substituída por uma culpa tão forte que Renna achou que não conseguiria suportá-la. As lágrimas inundaram-lhe os olhos e turvaram a visão de Arlen. Sentiu as pernas fracas e tombou de joelhos.

Arlen colocou-se imediatamente a seu lado, suportando-a, e encostou-se a ele, ensopando-lhe a camisa branca com as suas lágrimas. Segurou-a com firmeza, acariciando com os dedos o que restava do seu cabelo.

– Pronto, Ren. Não é assim tão mau. – Cobriu-lhe a cara com a mão, inclinando-lhe a cabeça para o olhar. – O Criador saberá que não sou perfeito.

– Só queria conseguir acompanhar-te – disse Renna. – Sei que tens um caminho duro pela frente e prometi percorrê-lo contigo. Não poderei fazê-lo se fores para o Núcleo e me deixares aqui em cima a chamar por ti.

Arlen puxou-a o suficiente para conseguir sorrir-lhe.

– O teu chamamento salvou-me de ficar lá aprisionado para sempre, Ren. Não reduzas o teu valor.

– Não basta – disse Renna. – Mais cedo ou mais tarde, irás para lá. Vejo-o na expressão triste com que ficas às vezes,

quando olhas um caminho para o Núcleo. Não te digo que não o faças, mas não deixo que vás sozinho.

Arlen olhou-a com expressão neutra, apesar da lágrima que lhe crescia num olho.

– Farias isso por mim, Ren? Descerias ao Núcleo?

Renna acenou afirmativamente.

– Iria a qualquer lado, Arlen Fardos. Desde que estivesse contigo.

Arlen soluçou e, de repente, era ela a ampará-lo e não o contrário.

– Não te posso pedir que o faças, Ren. Não o posso pedir a ninguém. Não há regresso possível daquele sítio.

Segurou-lhe a face nas mãos, forçando-o a olhá-la.

– Não pediste. Mas não podes dar-me ordens.

Beijou-o e, por um momento, sentiu-o estacar. Era como se o mundo se afastasse, mas, então, curvou-se e retribuiu o beijo, com os braços apertando-a contra ele.

– Amo-te, Arlen Fardos – disse-lhe ela.

– Amo-te, Renna Fardos – disse-lhe ele.

O Cemitério dos Nuclitas estava repleto de atividade quando regressaram ao povoado. Mais de uma dúzia de Jograis preenchia o espaço em redor da concha acústica, afinando instrumentos, enquanto o instrutor krasiano preparava um grupo de recrutas novos – madeira verde, como os Lenhadores lhes chamavam. O general Gared, certamente o maior homem que Leesha alguma vez vira, atravessou a praça com os Açougueiros atrás de si, berrando ordens. Formou-se uma patrulha de Lenhadores, esperando a bênção do Protetor Hayes antes de partirem para a noite.

Arlen aproximou-se deles e o sacerdote viu-o, vacilando na oração. Depressa recuperou a compostura e continuou, mas várias cabeças começaram a virar-se na direção dos recém-chegados. Os sussurros aumentaram de intensidade como sempre acontecia quando Arlen estava por perto.

Gared começou a aproximar-se, mas Arlen deteve-o com uma mão erguida, aguardando em silêncio até a bênção chegar ao

fim e o Protetor traçar guardas no ar sobre os guerreiros. Em circunstâncias normais, os Lenhadores teriam partido imediatamente, mas deixaram-se ficar onde estavam enquanto Hayes se virava para Arlen.

– Senhor Fardos, menina Curtidor – disse-lhes o Inquisidor com uma vénia. A sua voz parecia tensa. Não tinham falado desde que Arlen deixara o seu jantar e tinham-se evitado mutuamente. – Que poderei fazer por vós?

– Perdoa-me incomodar-te, Protetor – começou Arlen. – Preciso... de um favor.

O Inquisidor arqueou uma sobrancelha ao ouvir o pedido, olhando a multidão reunida enquanto os mais próximos transmitiam as palavras aos restantes. Toda a praça começou a sussurrar.

Por um momento, o Inquisidor não respondeu e Renna receou que o tivessem ofendido sem remédio. Mas acabou por acenar com a cabeça.

– Com certeza. Vamos para os meus aposentos no Templo... Arlen abanou a cabeça.

– Para o altar. – Renna deu-lhe a mão a seguir àquilo e o gesto não passou despercebido a Hayes. – Disseste que nos casarias. Quero que o faças. Esta noite. Agora. – O burburinho da multidão tornou-se uma cacofonia de sussurros excitados transformando-se em gritos e assobios. Outros pediam silêncio, suspensos de cada palavra.

– Têm a certeza? – perguntou o Inquisidor. – O casamento é algo feito sob o sol, não apressado a meio da noite.

Arlen acenou afirmativamente.

– Prometi-me há quinze anos, Protetor. Chegou o momento de cumprir a promessa.

– Já vem atrasado – disse Renna.

Hayes voltou-se para Franq.

– Prepara o altar. – Olhou a multidão crescente. – Não temos espaço suficiente...

– Seremos só nós, Protetor – disse Arlen. – Não preciso de uma cerimónia grande. Não será um espetáculo de Jograis.

Ouviram-se gritos desiludidos entre a multidão, que se transformaram num rugido de aprovação. Gared ergueu machado e lâmina, batendo metal contra metal e produzindo um ruído atroante.

– Pouco barulho! O homem salvou o povoado e, se quer privacidade, tê-la-á! – Voltou-se para os Lenhadores. – Ouviram-no! Desimpeçam o caminho! Ninguém se aproxima do Templo!

Imediatamente, os Lenhadores formaram, rodeando-os e abrindo um caminho entre a multidão.

– Precisarão de uma testemunha, pelo menos – disse Hayes. Arlen voltou-se, olhando Gared.

– Aceitas erguer-te a meu lado, Gar?

– Eu? – guinchou Gared, parecendo-se subitamente mais com um rapaz adolescente do que com o general gigantesco dos Lenhadores.

– Ergueste-te a meu lado contra uma horda de demónios – disse-lhe Arlen. – Acho que aguentarás isto.

– Sim – disse Gared. – Seria uma honra.

– O barão será suficiente – disse Hayes, olhando Franq. – Pede a todos os outros que esperem no exterior. – O Discípulo acenou afirmativamente e apressou-se a caminho do Templo. As pessoas afastavam-se diante do Inquisidor e do casal. Mantinham-se próximos, seguindo-os, mas os Lenhadores asseguravam que não se aproximavam demasiado.

– Tens as alianças? – perguntou o Protetor Hayes a Arlen.

– Não precisamos de... – começou Renna, mas as palavras morreram-lhe na garganta quando Arlen levou a mão ao bolso, retirando dois anéis de ouro entrelaçado com prata cobertos com guardas minúsculas. Mesmo sem olhar de perto, reconheceu os símbolos delicados. Os anéis canalizavam a sua magia, reluzindo intensamente com poder.

Olhou-o e Arlen esboçou um sorriso felino.

– Achavas que não tinha planeado isto, Ren? Pensei fazê-lo depois da Lua Nova, se continuássemos vivos, mas terminei os anéis há dias.

Renna sentiu lágrimas nos olhos e não se esforçou para impedir que caíssem enquanto Arlen lhe enfiava a aliança mais pequena no dedo. As mãos tremiam-lhe enquanto pegava na maior e lha colocava.

– Vais ter uma noite de núpcias e tanto – sussurrou.

O Protetor tossiu.

– Em nome do Criador, aqui no Seu Templo, declaro-vos marido e mulher. Partam e multipliquem-se em Seu nome. Podes beijar...

Renna lançou-se aos braços de Arlen, pressionando os lábios contra os seus e, se o Protetor completou a frase, as palavras perderam-se no batimento trovejante do seu coração.

– Devo-te um favor – disse Arlen ao Protetor quando finalmente se afastaram. – Não esquecerei isto.

Hayes sorriu.

– Nem eu.

– Parabéns – disse Gared, batendo com a mão nas costas de Arlen quando se voltou para o barão. A palmada teria projetado um homem comum ao longo de vários metros, mas Arlen manteve-se firme. – Foi uma honra ser a vossa testemunha. Não merecia.

– A honra foi nossa, Gared Lenhador – disse Arlen. – O Outeiro passou a ter bons homens para zelar pela sua segurança.

Subitamente, Gared pareceu triste.

– Não tenho sido tão bom como deveria. Mesmo depois de chegares aqui. Cometi... erros.

Arlen sorriu, erguendo uma mão bem alto para a pousar no ombro do Lenhador gigante.

– Todos cometemos erros, Gared. Mas os que conseguem percebê-lo estão bem encaminhados para serem homens melhores. O que quer que tenhas feito, perdoo-te.

A expressão que surgiu na face de Gared foi inconfundível. Endireitou-se, erguendo-se muito acima do Inquisidor, que se posicionava um degrau acima no altar, e baixou a cabeça.

– Vou percorrer o resto do caminho. Começando agora mesmo. – Olhou Hayes. – Que o Criador seja minha testemunha.

– Amo-te, Arlen Fardos – sussurrou Renna. Arlen pegou-lhe na mão e levou-a pelo Templo abaixo.

Gared avançava à sua frente, empurrando as grandes portas como se não pesassem nada. Abriram com estrondo, revelando centenas de pessoas rodeando o Templo e com mais chegando por cada rua, enchendo o Cemitério dos Nuclitas. Via-se gente nas varandas em redor da praça, tentando ver melhor, e crianças sobre os ombros dos pais.

Renna estacou. A única vez que vira semelhante multidão foi na noite em que todo o Ribeiro de Tibbet se reuniu na Praça Central para a ver presa a uma estaca e entregue aos demónios. Mil almas tinham vindo assistir sem fazer nada enquanto os nuclitas a dilacerassem.

Sentiu uma palpitação no peito e, antes de perceber o que fazia, levava a mão à faca.

– Marido e mulher! – rugiu Gared e o grito de júbilo que se ergueu da multidão foi ensurdecedor, chocando Renna e fazendo-a recompor-se. Manteve-se imóvel, atordoada, enquanto flores apanhadas à pressa começaram a cair sobre eles e os Jograis na concha acústica iniciavam uma melodia.

Arlen curvou-se, oferecendo-lhe o braço, dizendo com voz demasiado baixa para ser ouvida por alguém sem a sua audição reforçada:

– Não vieram para te magoar, Ren. Apenas querem cumprimentar-nos e dançar.

Renna aceitou o braço enquanto a levava pela multidão dentro. Uma mulher mais velha aproximou-se, com um sorriso nervoso na cara enquanto se curvava.

– Meg Lenhador – disse. – A minha família orgulhou-se de acompanhar o teu marido na Batalha do Outeiro do Lenhador. Nenhum de nós estaria aqui sem ele.

Passou-lhe para as mãos um vaso de barro ricamente pintado e decorado com algumas flores meio murchas.

– Está na minha família há cem anos. Não sei se será verdade, mas o meu avô disse-me que o comprou a um Mensageiro que lhe disse ter sido feito antes do Regresso. Sei que não é muito, mas gostaria muito que ficasses com ele para abençoar o teu casamento.

Renna não soube o que dizer. A mulher comportava-se como se a oferta não tivesse qualquer significado, mas os seus olhos tornavam claro que lhe oferecia algo que via como um tesouro. Não o fazia de ânimo leve.

– Eu... Obrigada por... – começou, finalmente, mas a mulher foi engolida pela multidão enquanto outra ocupava o seu lugar. Renna conhecia-lhe a cara, mas não sabia como se chamava. Adorava a roseira no seu quintal e dissera-lho certo dia.

– Sandy Alfaiate. – A mulher curvou-se atabalhoadamente, desequilibrada pelo grande ramo de rosas preso com uma fita de seda vermelha que segurava nos braços. Renna via os cortes e arranhões pelos rasgões nas mangas sofridos quando colhera apressadamente as rosas. Teria deixado a roseira completamente despida para fazer o ramo. – Sei que gostas de rosas e uma noiva deverá ter um ramo. – A sua face estava mais vermelha que as rosas e voltou-se para partir, olhando uma última vez para trás, apontando a fita. – É seda krasiana verdadeira – referiu, antes de desaparecer entre a multidão. Renna tentou enfiar o ramo no vaso, mas não coube e teve de segurar as duas coisas com dificuldade.

Sentiu-se embriagada com a sucessão de pessoas. Os seus sentidos noturnos, os instintos que mantivera vivos enquanto enfrentava nuclitas, berravam-lhe, esperando que toda aquela gente avançasse para lhe cravar garras. Mas não paravam de se curvar e de oferecerem presentes escolhidos à pressa. Os outeiros não tinham dinheiro, mas uma e outra vez avançaram para oferecer coisas que Renna sabia serem muito mais preciosas.

– Ergui-me com o teu marido...

– ... aceita, por favor...

– ... Mary Soprador...

- ... aceita, por favor...
- ... marido salvou-me a vida...
- ... a vida do meu filho...
- ... todos nós...
- ... aceita, por favor...
- ... aceita, por favor...
- ... aceita, por favor...

Mesmo com a sua força noturna, tornou-se difícil segurar todos os cestos e embrulhos. Não tardou a sentir-se como uma mula de carga de um Mensageiro e as pessoas continuavam a avançar, formando uma linha com centenas. Milhares.

Espantosamente, foi uma mulher krasiana a salvá-la.

Surgiu entre a multidão, coberta da cabeça aos pés com pano preto à maneira do Sul, mas os seus olhos eram ternos.

– O que é isto? – perguntou, elevando a voz. – Uma noiva não deverá precisar de carregar os seus presentes na noite do seu casamento! – À sua volta, todos estacaram e a mulher, num tom de voz habituado a dar ordens, apontou algumas das mulheres que já tinham oferecido os seus presentes. – Procurem mesas onde poderão ser depositados, para que coisas preciosas não toquem este chão santificado pelo sangue do vosso povo derramado na alagai'sharak.

As mulheres acenaram avidamente com a cabeça, arrastando outras consigo, e os presentes foram retirados das mãos de Renna. A mulher krasiana olhou-a e, pelas rugas à volta dos olhos, percebia-se que sorria.

– Permite-me que me apresente. Sou Shamavah, Primeira Esposa de Abban, filho de Chabin, da linhagem de Haman dos Kaji. – Arlen olhou-a ao ouvir aquilo e a mulher enfrentou-lhe o olhar. – O meu marido sempre foi um amigo sincero do Par'chin.

Arlen continuou a olhá-la por um momento mais. A seguir, sorriu e acenou com a cabeça.

– É bom voltar a ver-te, Primeira Esposa de Abban. Espero que as tuas irmãs-esposas e filhas se encontrem bem.

Shamavah curvou-se.

– Saúdo-te, filho de Jeph. É meu profundo desejo que tu e a tua honrada família tenham prosperado durante estes anos. – Virou-se novamente para Renna. – Se me permitires auxiliar, seria uma grande honra ajudar a Jiwah Ka do Par'chin nesta noite sagrada.

Renna pestanejou. A seguir, acenou afirmativamente, gaguejando.

– Está bem.

Shamavah voltou a curvar-se, erguendo uma pequena prancheta, papel e caneta. Quando a mulher seguinte ofereceu o seu presente a Renna, Shamavah registou o seu nome e a natureza do presente, instruindo-a a depositá-lo sobre as mesas que preparavam e cobriam com pano branco.

– Posso destacar guardas para a mesa se desejares – disse Shamavah, quando viu que Renna olhava.

– Não será necessário – respondeu-lhe Arlen. – Ninguém roubará nada aqui.

Shamavah acenou afirmativamente.

– Como queiras.

Prosseguiu durante algum tempo e Renna sentiu-se descontraído lentamente enquanto a krasiana controlava tudo com eficiência tranquila. Quem quer que fosse aquela Shamavah, esposa de um sujeito cujo nome esquecerá, salvará-lhe a vida.

Ouviram-se um grito e um grupo de Soldados de Madeira avançou entre a multidão, com as suas armaduras e escudos envernizados brilhando enquanto empurravam os outeiros. Renna sentiu Arlen ficar tenso por um momento e até Shamavah pareceu ansiosa. Mas os soldados dividiram-se em duas fileiras, abrindo caminho para o conde Thamos, parecendo tão impressionante com sedas e veludos como parecera com a armadura. O seu medalhão oficial pesado pendia-lhe ao peito e envergava uma tiara de hera dourada sobre o cabelo, com uma guarda da mente moldada no centro.

O conde caminhou até Renna, curvando-se numa vénia cortesã que fez um joelho pairar a centímetros do empedrado.

– Congratulo-te na noite do teu casamento. – Beijou-lhe a mão. – Aceita, por favor, este humilde presente do povo do Condado do Outeiro. – Moveu a mão para trás e Arther avançou, parecendo algo ofegante. Também envergava roupas finas, mas parecia tê-las vestido de forma mais apressada. Ergueu uma caixa de veludo preto que o conde lhe retirou das mãos, abrindo-a enquanto se virava, mantendo a vénia e aproximando-a de Renna.

Sobre um leito de seda, havia um colar de ouro delicado, com um aglomerado de pedras preciosas ao centro em volta de uma esmeralda do tamanho de um olho de cão. Renna continuava a habituar-se ao conceito de dinheiro, algo que de pouco servia no Ribeiro de Tibbet, mas reconhecia uma fortuna quando a via.

Estendeu a mão, roçando os dedos pelas pedras polidas.

– É magnífico.

Arther avançou lentamente, segurando a caixa enquanto Thamos erguia o colar bem alto para que todos o vissem.

– Sê-lo-á ainda mais quando te rodear o pescoço – disse, elevando a voz.

Era um presente incrível, mais valioso que todos os outros juntos, mas algo nele parecia falso. Os outeiros ofereceram as coisas mais valiosas que possuíam. Thamos, com os dedos carregados com anéis de pedras preciosas, dava-lhe apenas dinheiro. Importar-se-ia realmente com o casamento ou seria apenas mais política?

Renna esfregou com o polegar a aliança em volta do dedo. O colar era realmente belo, mas tinha já a única joia que lhe importava usar.

Sorriu, erguendo a voz para alcançar o tom do conde.

– Obrigada, Alteza. Será uma honra usá-lo esta noite, mas não poderei aceitar tal presente enquanto houver gente com fome no Condado do Outeiro.

Shamavah silvou e os cantos do sorriso de Thamos torceram-se um pouco, mas recuperou prontamente, voltando a curvar-se enquanto lhe prendia o colar à volta do pescoço.

– É teu para que lhe faças o que entenderes, Renna Fardos. Vende-o amanhã e encherás muitos estômagos vazios.

Renna sorriu e acenou afirmativamente enquanto a multidão voltava a gritar de júbilo. Arlen pegou-lhe na mão e apertou-a ligeiramente, fazendo-a sentir o seu amor com aquele gesto simples.

Leesha ergueu o olhar quando Wonda assomou à porta, batendo ao mesmo tempo que abria, como era seu hábito. Sentava-se novamente à mesa com Rojer, tendo ambos passado quase uma hora olhando as chávenas respetivas, perdidos em pensamento.

– Perdoa-me por te incomodar, mestra Leesha – disse Wonda –, mas há alvoroço no povoado. Não sei o que se passa, mas ouve-se aqui. Duvido que seja bom.

Leesha pousou a chávena e estendeu a mão para a capa meia guardada que fizera para substituir a que dera a Ahmann. A dor de cabeça eterna, que acalmara por um momento, voltou a sentir-se.

– Criador, será demasiado pedir uma noite tranquila?

Roger ergueu-se num instante, alcançando a capa e o estojo do violino.

– Amanvah e Sikvah estão lá – foi tudo o que disse, correndo para a porta.

– Rojer, espera! – gritou Leesha, mas corria já como se o Núcleo inteiro o perseguisse.

Wonda viu-o partir e suspirou.

– Espero que aquelas krasianas saibam o que têm. Daria tudo por um homem que se sentisse assim por mim.

Leesha cobriu-lhe o ombro com uma mão.

– A magia deu-te o corpo de uma mulher, Wonda, e sei que estiveste com rapazes no... calor que se segue a uma caçada de demónios, mas tens apenas dezasseis anos. Ainda tens tempo para compreender os homens e procurar o que seja perfeito para ti. E não precisas de um homem que te salve como a maioria das raparigas.

Wonda acenou afirmativamente.

– Acho que é esse o problema. – Moveu a mão sobre a cara marcada. – E isto também. Sou boa para uma noite de diversão, mas ninguém quererá levar-me a um baile de solstício.

– Se algum homem olhar para ti e vir apenas as cicatrizes, não te merecerá – considerou Leesha.

– Talvez seja melhor enfiar uma peúga nas calças e começar a perseguir raparigas em vez de esperar um homem que me mereça – disse Wonda enquanto se faziam ao caminho para o povoado.

– Disparate – disse Leesha. – Mantém a cabeça bem erguida e não tardarão a enfrentar-se para chegarem perto de ti, Wonda Lenhador. Ouve o que te digo.

Caminharam com passos rápidos, mas Leesha resistiu à vontade de começar a correr. Anos a acompanhar os passos lentos de Bruna tinham-lhe ensinado paciência. «Se as pessoas não sobreviverem até à minha chegada, não poderia fazer grande coisa por elas, seja como for», costumava dizer a sua mestra. «Não poderei ajudar ninguém se cair e partir a anca.»

Havia uma grande rocha na berma a meio caminho do povoado e erguia-se sobre ela uma silhueta visível a custo com a luz guardada. Wonda mirou uma flecha enquanto se aproximavam, mas perceberam que era apenas Rojer, ouvindo atentamente.

– Seja o que for, não são sarilhos – disse, saltando para junto delas. – Parece uma festa. – O seu alívio era visível, mas, odiando a possibilidade de perder uma festa, insistiu que apressassem o passo ainda mais.

A música, os gritos de júbilo e o riso aumentaram de intensidade enquanto se aproximavam do Cemitério dos Nuclitas, criando um retinir contínuo. Leesha via postes movendo-se no ar enquanto tendas de festa eram erguidas à pressa e havia Jograis na concha acústica e mulheres dançando no palco.

– Mas que raio...? – perguntou Rojer.

Stela, a jovem neta de Smitt, passou por eles a correr, transportando um cesto de flores acabadas de colher.

– Stela! – chamou Wonda. – Que se passa?

Stela abrandou e virou-se para eles, mas sem parar.

– Não ouviram? O Libertador acaba de casar! – Voltou a virar-se e desapareceu entre a multidão.

Rojer e Wonda olharam Leesha. Via-os sustendo a respiração, esperando uma reação.

– Wonda – começou –, sê uma querida e volta à cabana para trazer os fogos de festa. Tem cuidado pelo caminho.

Wonda olhou-a por um minuto. A seguir, retirou a corda do arco, pendurando-o sobre o ombro antes de correr de volta à cabana.

– Sentes-te bem? – perguntou Rojer.

Leesha encolheu os ombros.

– Tomou a sua decisão, Rojer. O que sinto a esse respeito será irrelevante. Arlen Fardos salvou-nos e a este povoado. Se é isto que quer, se é isto o que lhe dá paz...

Rojer olhou-a.

– Calamo-nos e dançamos.

Leesha sorriu.

– Sim.

Stela passou novamente por eles e regressou momentos depois, correndo com mais flores. Daquela vez, Leesha parou-a, colocou-lhe uma moeda na mão e escolheu um punhado de flores.

– Por aqui – disse Rojer, movendo-se em direção a um aglomerado de krasianos que se separavam do resto da multidão. À sua frente, erguiam-se Amanvah e Sikvah, rodeadas por um círculo de dal'Sharum. Rojer apressou o passo e Leesha precisou de erguer as saias para conseguir acompanhá-lo.

Amanvah viu a sua aproximação e dirigiu-se imediatamente para junto do marido, seguida um passo atrás por Sikvah.

– Saudações, esposo. Parece-me que regressámos num dia auspicioso para a tribo do Outeiro. Diz-se que o Par'chin e a sua nova Jiwah Ka não deram qualquer aviso. A gente da tua tribo não estava preparada e foram... caóticos na sua alegria. Enviei

Shamavah para ajudar a noiva antes que a asfixiassem com as suas demonstrações de carinho.

– Foi muito amável da tua parte – disse-lhe Leesha.

Amanvah curvou-se, mas não afastou os olhos de Rojer.

– É uma honra poder contemplar os vossos costumes matrimoniais nortenhos.

Rojer abanou a cabeça.

– As festas de casamento não são costumes que devam ser seguidos. São festas para serem vividas.

Amanvah abanou a cabeça e até Sikvah pareceu abalada.

– Esta não é a nossa tribo...

– O Núcleo! – exclamou Rojer. – São ou não as minhas esposas?

Amanvah pestanejou.

– Claro que somos...

– Então... – Rojer segurou-a pelos braços e puxou-a para si, sorrindo quando os seus narizes se tocaram com o véu de seda branca fina pelo meio – ... peço-te que me honres, fechando a boca e dançando.

Com aquilo, levou-as às duas para o espaço amplo libertado da multidão no Cemitério dos Nuclitas. Havia gente rodopiando selvaticamente com movimentos muito praticados. Amanvah e Sikvah observaram a dança com receio. Não haveria nada assim em Krasia. Que homens e mulheres solteiros se tocassem daquela forma era contra a lei evejana e tocar uma dama'ting que não fosse a sua mulher faria um homem perder a mão. Pelo canto do olho, Rojer viu Enkido por perto.

– Olhem para mim – ordenou Rojer. As mulheres viraram-se para o olhar. – Sei que esta dança parece assustadora, mas é muito simples. Olhem para os meus pés. – Moveu-se numa série de passos rápidos, com os pés descrevendo oitos. – Tentem – disse, continuando a repetir o mesmo padrão. – Excelente! – exclamou Rojer enquanto o faziam. – Agora, batam com as mãos e com os pés, seguindo o ritmo da música. – Começou a bater com os pés, marcando um ritmo regular sobre o empedrado. – Começam a perceber – disse Rojer, avançando

para Amanvah. – Quando passamos perto um do outro, prende o teu braço no meu e usaremos o impulso para te fazer rodopiar. A seguir, continuas.

– Como no sharusahk. – Amanvah acenou com a cabeça. Prendeu-lhe o braço, elevando-se para o ajudar a rodopiá-la. Manteve o ritmo com facilidade e um risinho escapou-lhe dos lábios quando voltou ao chão e continuou a dançar.

– Agora tu, Sikvah! – disse Rojer, voltando-se para a outra esposa e curvando-se enquanto dançava para junto dela. Sikvah guinchou de deleite quando a ergueu.

E assim continuaram, envolvendo-se num padrão alternado entre ambas. As duas mulheres riam abertamente e Rojer sentiu o coração inundado de alegria.

– Por aqui! – gritou, segurando os braços das duas e dançando com elas no meio da multidão. Guincharam quando outros homens se aproximaram delas, mas os braços grossos de Gared arrebataram Amanvah, voltando a pousá-la a tempo de Rojer lhe segurar o braço.

– Barba de Everam – gemeu Amanvah, ofegante. Mas havia alegria na sua voz.

– Honras-nos por seguires as nossas tradições – disse-lhe Rojer, antes de ser levada pelo homem seguinte na fila. Virou-se a tempo de apanhar Sikvah, rodopiada por um dos aprendizes de Benn Soprador.

– Não acredito que acabo de fazer isto! – gritou Sikvah, deleitada.

Prosseguiu durante algum tempo. Vendo a dama'ting a dançar, outros homens e mulheres krasianos juntaram-se à multidão, batendo com mãos e pés. Limitaram-se ao contacto com as suas famílias, mas começaram a imitar a dança, rindo enquanto rodopiavam.

Um dos Jograis no palco avistou Rojer e apontou-o com o arco do violino, gritando:

– Meia-Mão!

O nome ecoou pela multidão como um rugido.

– Meia-Mão! Meia-Mão! Vem para o palco! – A dança parou de repente e todos os olhos se fixaram nele. Rojer curvou-se perante as esposas, fazendo uma pausa para sussurrar algo ao ouvido de Amanvah, erguendo o estojo do violino e saltando os degraus de pedra da concha acústica enquanto as suas esposas se afastavam. Os outeiros receberam a sua subida ao palco com gritos de júbilo.

Daquele ponto, Rojer conseguiu ver o feliz casal, Arlen e Renna, rodeados por uma multidão, acenando e trocando apertos de mão. Shamavah erguia-se ao lado de Renna e Gared imitava-a ao lado de Arlen, mantendo o respeito e ocupando-se das suas necessidades.

– É uma honra estar aqui numa noite tão especial – disse Rojer, erguendo a voz. Não tinha o apoio mágico para o queixo para ampliar o som, mas a concha quase cumpria a mesma função e, de qualquer forma, sabia como projetar a sua música. A multidão acalmou e viu que Arlen e Renna o olhavam. Acenou-lhes com entusiasmo. – Não estaria aqui, nenhum de nós estaria, sem aquele homem ali. – Apontou. – Arlen Fardos. Salvou a minha vida mais vezes do que conseguirei contar. Uma vez, aqui mesmo.

Ouviram-se gritos de concordância em toda a praça. Rojer permitiu que se prolongassem por um momento, reforçando as palavras, antes de pedir silêncio com as mãos erguidas. Olhou em redor e, vendo um homem bebendo uma caneca de cerveja espumosa, pediu a caneca com gestos e ergueu-a bem alto.

– E, agora, o nosso amigo escolheu uma bela noiva. – Moveu a outra mão. – Renna Fardos!

Ouviu-se um rugido e centenas de outeiros beberam em unísono enquanto Rojer esvaziava a caneca inteira, devolvendo-a ao homem, que a ergueu como se fosse um troféu.

– Vejo muitas caras novas neste palco – disse Rojer, voltando-se para os mestres da Guilda dos Jograis e para os seus talentosos aprendizes –, mas tocarei uma canção que compus e

espero que consigam acompanhar-me. – Sorriu à multidão. – Talvez até possam ajudar-me com a letra.

Com aquilo, ergueu o violino e tocou as primeiras notas de *A Batalha do Outeiro do Lenhador*. O público reconheceu-a e recomeçou a gritar de júbilo, batendo com os pés com tanta força que Rojer julgou sentir o palco sólido a estremecer. Viu Kendall à sua direita e convidou-a a juntar-se-lhe, girando o arco até começar também a tocar.

Iniciaram a melodia juntos, uma canção que já tinham tocado juntos mil vezes. Os outros Jograis tinham-na aprendido, claro, juntando-se à dupla com facilidade e acompanhando-os enquanto Rojer começava a cantar. Manteve um ritmo lento, permitindo que cada verso criasse um mundo próprio enquanto levava os outeiros numa viagem às provações e ao triunfo daquela noite.

Havia um solo na composição, mas Kendall continuou a tocar enquanto os outros músicos se silenciavam. Os seus dotes com o violino tinham evoluído muito desde a última vez que a vira e sorriu-lhe.

Sem nunca recusar um desafio musical, o solo tornou-se um duelo, enquanto cada um deles tocava melodias cada vez mais complexas. Kendall esteve à sua altura até Rojer rir alto e lhe permitir um último assalto antes de passar ao verso seguinte da canção. As pessoas ergueram as mãos e gritaram quando a última nota se ouviu e os músicos se silenciaram. Via-se gente limpando lágrimas por toda a audiência.

Avistou uma mancha colorida pelo canto do olho e voltou-se para ver a aproximação de Amanvah e Sikvah. A sua Jiwah Ka vestia sedas garridas de vermelho e laranja, e a sua Jiwah Sen apresentava-se de azul e verde. O tecido era opaco, mas tão fino e solto como se esperaria de seda krasiana. Ostentavam joalheria guardada e as suas gargantilhas.

Subiram ao palco e os outeiros olharam-nas com as bocas escancaradas de espanto. Os trajes eram mais modestos do que os que usavam no quarto, mas mostravam mais pele do que qualquer mulher krasiana, incluindo uma dama'ting, se atreveria

a mostrar em público. Mesmo pelos padrões nortenhos, a sua vestimenta era escandalosa.

Amanvah curvou-se, estendendo a Rojer o apoio para o queixo.

– Obrigado, minha Jiwah Ka – disse-lhe este, recebendo a peça e prendendo-a na base do violino.

Voltou-se novamente para o público.

– Aprendi uma canção nova durante a minha ausência. Tive de a traduzir para thesano e de fazer algumas alterações, mas fala de uma coisa importante para todos nós e penso que o casal guardado gostará de a ouvir. – Apontou Arlen com a cabeça. – Espero que gostes.

E, com aquilo, iniciou a *Canção da Lua Nova*. Não houve hesitação e Amanvah e Sikvah acompanharam-no com perfeição. Com as guardas ampliando as suas vozes e com a concha acústica projetando o som, o poder da canção ecoou pela multidão.

Os outros músicos permaneceram em silêncio, receando juntar-se à interpretação enquanto ouviam atentamente. Os outeiros fizeram o mesmo, arregalando os olhos de espanto.

Quando terminou, o silêncio foi completo. Rojer olhou Arlen e ergueu uma sobrancelha. Estava a mais de cem metros de distância, mas, mesmo assim, Rojer não duvidou de que perceberia a expressão. Acenou com a cabeça e começou a aplaudir vigorosamente. Pouco depois, todos aplaudiam com ele, gritando e batendo com os pés.

– Agora – disse Rojer, sorrindo –, vamos dançar! – Iniciou outra melodia e os outros músicos ergueram os instrumentos e acompanharam-no.

Leesha poderia ter passado à frente na fila. Era a mestra do Outeiro e aqueles eram ainda os seus filhos. Se tivesse ido diretamente até ao casal, ninguém a teria impedido. Assim que percebessem quem era, curvar-se-iam respeitosamente.

Mas não tinha pressa, satisfeita por ter tempo para ordenar os pensamentos. Os seus dedos moveram-se nervosamente sobre as flores enquanto via Arlen e Renna. A jovem sorria

amplamente, pronunciando palavras de gratidão e fixando um olhar genuinamente satisfeito nos outeiros que lhe prestavam os seus respeitos.

Não sabes nada sobre ela, disse Leesha a si própria, mas, enquanto o fazia, soube que era mentira. Sabia uma coisa. Sabia que Arlen a amava. Se gostasse realmente dele, isso deveria bastar-lhe.

Mesmo assim, mesmo com a música de Rojer, a fila avançou com velocidade alarmante e não tardou a ser a sua vez de se colocar diante deles.

Todos estacaram por um momento, incluindo Gared. Apenas Shamavah permaneceu indiferente.

– Mestra Papel, filha de Erny – anunciou a Renna enquanto lhe escrevia o nome na lista.

Leesha sorriu e curvou-se.

– Uma noiva deverá ter uma grinalda adequada para o cabelo – disse, erguendo o círculo que tecera com as flores do cesto de Stela.

Renna olhou-a e os seus olhos disseram muito mais do que quaisquer palavras poderiam dizer. Inundaram-se com lágrimas.

– É linda. Obrigada. – Curvou-se enquanto Leesha lhe colocava sobre a cabeça.

– Que o vosso casamento seja abençoado – disse Leesha, voltando-se para Arlen. Viu-o abrir-lhe os braços e encaixou-se entre eles, apertando-o com força e libertando-o logo a seguir.

Esperou que não notasse as lágrimas na camisa. Viu Wonda, segurando as rédeas de uma mula muito carregada e pediu licença, aproximando-se da rapariga.

– Trouxe os melhores – disse.

– Obrigada – disse Leesha, passando uma fita de estalos a um rapaz que passava, juntamente com um fósforo. O sorriso tocou as duas orelhas e fugiu com o seu prémio depois de um grito de entusiasmo.

– Achas que consegues trazer-me uma bebida?

– Claro – respondeu Wonda. – Chá? Água?

Leesha abanou a cabeça.

– Algo capaz de tirar o verniz ao meu alpendre.

Rojer ria enquanto as suas esposas dançavam no palco, com as sedas garridas enfunando-se e motivando o espanto e o júbilo da multidão. Com uma dúzia de Jograis tocando, puxaram Rojer para dançar e fizeram o mesmo a Kendall e todos bateram palmas e riram. Fogos estouravam entre o público: estalos, foguetes, assobiadores e rodas de fogo. Um espaço abriu-se no centro da praça, onde Leesha se erguia, lançando foguetes e iluminando o céu noturno com estrelas efémeras.

A dança acalmou quando as pessoas começaram a olhar o espetáculo com espanto. Amanvah e Sikvah arregalaram os olhos enquanto Leesha fazia um foguete erguer-se no ar e aplaudiram, espantadas, quando explodiu numa chuva de cores.

– É um bom momento para apresentarmos os nossos respetos – disse Rojer, levando-as pelas escadas abaixo e aproximando-se para o local onde Arlen e Renna se erguiam. As suas esposas arrastaram Kendall consigo.

– Fala-nos mais dos vossos costumes matrimoniais nortenhos – perguntou Amanvah à rapariga.

– Costumamos dar presentes quando apresentamos os nossos respetos – explicou Kendall. – Mas, depois daquela canção... qualquer presente motivaria uma pálida comparação.

– Teremos de oferecer alguma coisa, se é essa a tradição – disse Sikvah.

Amanvah acenou afirmativamente.

– Assim faremos, da forma que nos foi mostrada. – Rojer não sabia como interpretar aquilo, mas tinha pouco tempo para pensar enquanto a multidão se afastava para permitir a sua passagem.

Arlen puxou Rojer para um abraço inesperado. Era chocante. Desde quando o Homem Pintado dava abraços?

– Foi magnífico, Rojer. Ouvei a *Canção da Lua Nova* antes, mas nunca assim. Tem...

– Poder – completou Rojer. – Poder para matar um demónio da rocha sem dificuldade. Terás os teus magos do violino como

te prometi. – Voltou-se e deslizou para a frente de Renna, sorrindo. – Um presente para o teu dia especial.

Renna corou quando Amanvah se aproximou dela.

– Sou Amanvah, Primeira Esposa de Rojer, filho de Jessum, dos Estalagens da Tribo do Outeiro. – Voltou-se para as suas acompanhantes. – Estas são Sikvah, minha irmã-esposa, e Kendall, aprendiz do meu marido. – As mulheres curvaram-se quando foram apresentadas e Amanvah levou a mão à bolsa, retirando um pedaço de seda branca pura. – Kendall informa-me que é tradicional oferecer presentes de casamento entre o teu povo. Acontece o mesmo no meu povo. – Ergueu o tecido. – És a Jiwah Ka do Par'chin e deverás ter um véu de noiva. Este é o meu, tecido com a seda mais pura e abençoado no Palácio das Dama'ting.

Renna manteve-se em silêncio enquanto Amanvah lhe prendia o véu sobre a cara, escondendo-lhe a pele guardada do nariz ao queixo.

– Durante quanto tempo terei de o usar?

Sikvah riu-se.

– Até o Par'chin o remover para te beijar.

Renna grunhiu.

– Para o Núcleo com isso. – Virou-se para Arlen, erguendo o seu próprio véu e beijando-o com avidez. Amanvah, Sikvah e Kendall riram e aplaudiram e houve mais gente a fazer o mesmo.

– Que tal foi? – perguntou Renna, voltando-se novamente para elas. O véu tornou a cair e não fez qualquer esforço para o afastar.

Amanvah sorriu.

– As tradições de casamento não são assim tão diferentes no meu povo. – Olhou Rojer. – Por vezes, lamento não ter tido tal celebração.

Roger olhou-a, vendo tristeza nos olhos da sua esposa. Todas as raparigas nortenhas sonhavam com o dia do seu casamento e percebeu que o mesmo acontecia com as krasianas. Passara por cima de toda a tradição ao casar com elas num ápice e

percebeu subitamente que tinha esmagado os seus sonhos. Teria de as compensar.

– Não tiveste? – perguntou Renna. – Então partilha a minha e dança comigo. – Pegou na mão de Amanvah e chamou também Sikvah e Kendall, arrastando-as para o baile. Ouvia-se um grande grito de júbilo e os Jograis iniciaram nova canção.

– Tens dois minutos para vir para aqui, Arlen Fardos – gritou Renna.

– Ah, o casamento – disse Rojer, fazendo Arlen rir-se.

– De cada vez que se tornar difícil, recordarei que tens duas – disse Arlen, vendo as quatro mulheres dançando. – Sabes o que fazes? Casar com uma dama'ting não é uma coisa ligeira e, além disso, o sangue de Jardir corre-lhe nas veias...

Rojer encolheu os ombros.

– Poderia perguntar-te o mesmo. Por vezes, acho que sei o que faço. Noutras vezes...

– ... deixas-te levar pela corrente – concluiu Arlen.

Rojer acenou afirmativamente.

– Sim. Mas ouviste o poder da *Canção da Lua Nova*. E os momentos de felicidade superam os outros.

– Sei como é – disse Arlen. – Poderemos morrer todos com a Lua Nova, mas, neste momento, acho que nunca me senti tão tranquilo.

– É um pensamento sombrio para a noite do teu casamento – disse Rojer. – Mais um motivo para dançarmos.

– Sim – concordou Arlen, antes de avançarem sobre o empedrado. Surpreendeu Rojer com o seu talento para a dança, rindo enquanto fazia rodopiar Renna com um braço e Kendall com o outro. Os outeiros aproximaram-se, alternando-se na dança com a noiva e o noivo e ostentando expressões de êxtase.

– Que danças têm nos casamentos em Krasia? – perguntou Renna a Amanvah quando os músicos deram aos outeiros um momento para recuperarem o fôlego.

– Não dançamos em público – respondeu Amanvah. – Mas há uma dança que fazemos para os nossos maridos depois de

retirarmos para a câmara nupcial.

– Ah, tens de me ensinar! – gritou Renna. Amanvah e Sikvah olharam uma para a outra, antes de olharem Rojer.

– Dançar não é pecado aqui. – Sorriu. – Mas mantenham-se vestidas.

Amanvah abanou a cabeça.

– Há coisas que apenas um marido poderá ver.

– Temos de ver isto – disse Brianne Lenhador, subitamente. – Senhoras, formem um círculo! As raparigas krasianas vão mostrar-nos a sua dança! – Momentos depois, as mulheres altas do Outeiro rodearam Renna e as esposas de Rojer. Rojer pôde ficar, mas até Arlen foi expulso do círculo, afastando-se para ser saudado por mais convivas.

– Não te dei um presente – disse Sikvah a Renna, retirando da bolsa do cinto os seus címbalos de dedo. – Aceita-os, por favor, para ajudar na tua dança.

Ajudou Renna a colocar os címbalos enquanto Amanvah enfiava os seus nos dedos. Momentos depois, marcava um ritmo enquanto as mulheres do Outeiro acompanhavam com palmas. Rojer acompanhou a melodia com o violino, usando o apoio guardado para o queixo para ampliar o som e, em breve, os Jograis começaram a acompanhá-lo, mesmo sem verem o que acontecia no círculo de mulheres.

Livre dos olhares dos outros homens, Amanvah começou a ensinar a Renna a torção das ancas que conseguia usar com poder tão hipnótico. A jovem depressa conseguiu duplicar o movimento e muitas das mulheres do Outeiro, incluindo Kendall e Brianne, a imitaram. Sikvah movia-se entre elas, ajudando a corrigir os passos e o movimento das ancas.

Roger sentiu uma sensação familiar entre as pernas e corou, movendo a capa para ajudar a cobrir as calças multicoloridas largas. Apenas vira as suas esposas dançarem daquela forma antes de fazerem amor e parecia-lhe que tinham conseguido condicioná-lo com sucesso. Renna e Kendall dançaram como se tivessem nascido para aquilo e Rojer sentiu-se corar ainda mais, enquanto as mulheres do Outeiro guinchavam de agrado como

reação aos movimentos sensuais. Outras mulheres krasianas se juntaram, ajudando a demonstrar os movimentos e seguindo as indicações da dama'ting. Por fim, Rojer pediu-lhes licença, sentindo-se como se espreitasse quartos alheios.

Algum tempo mais tarde, o círculo desfez-se. Krasianos e outeiros coraram e riram em unísono. Os Lenhadores trouxeram as varas de casamento e reuniram o casal. Uma tenda matrimonial fora erguida no extremo oposto do Cemitério.

– O que é isto? – perguntou Amanvah.

– Os noivos sentar-se-ão naquelas cadeiras – explicou Rojer, apontando –, que os outeiros erguerão sobre varas, transportando-os à volta da praça para que todos os vejam. Normalmente, o cortejo continua até ao novo lar do casal, mas, quando não têm um, a tenda substitui-o. O Par'chin transportará a sua esposa ao colo sobre o limiar e todo o povoado se unirá num enorme alarido enquanto... bom...

– Enquanto rebolam um com o outro – completou Kendall.

– Enquanto consumam – disse Rojer. Olhou as esposas para perceber se teriam ficado ofendidas, mas Amanvah e Sikvah pareceram encantadas com a possibilidade. Seguiram avidamente o cortejo enquanto contornava o Cemitério dos Nuclitas três vezes, acabando por parar diante da tenda. Arlen saltou da sua cadeira alta, apanhando Renna nos braços. Beijou-a e entraram na tenda, fechando a aba atrás de si.

Imediatamente, Amanvah emitiu um grito ululante amplificado dez vezes pela sua gargantilha guardada. Sikvah e as outras mulheres krasianas imitaram-na enquanto os outeiros começavam a gritar de júbilo e a bater com os pés, batendo também em panelas e barris de cerveja, fazendo chocar canecas e tudo o resto que pudessem fazer para reforçar a cacofonia. Leesha lançou mais fogos.

Apenas os Sharum não participaram. Kaval olhou a tenda com ódio e Rojer receou que tentasse incendiá-la.

Amanvah percebeu o olhar.

– Se não consegues ser educado, instrutor, torna-te útil. Leva os teus homens e mata sete alagai em honra da união, um por

cada pilar do Paraíso.

Kaval curvou-se, parecendo visivelmente frustrado.

– Não temos as nossas lanças, dama'ting.

As sobranceiras de Amanvah formaram um vê e tanto Rojer como Kaval perceberam que perdia a paciência.

– Durante mais de trezentos anos, os Sharum mataram alagai sem lanças guardadas, instrutor. As guardas de batalha tornaram-vos fracos? Esqueceram o vosso treino?

Kaval ajoelhou-se e pressionou a testa sobre o empedrado.

– Perdoa-me, dama'ting. Será feito. – Pareceu quase aliviado enquanto gesticulava aos outros homens e abandonavam o Cemitério dos Nuclitas.

Qualquer desculpa para matar demónios, pensou Rojer.

– Se matam sete, mataremos setenta – disse Gared a Wonda.

– Lenhadores! Tragam os vossos machados! Vamos dar ao Libertador um presente de casamento: uma pira de demónios tão grande que o Criador conseguirá vê-la do Paraíso!

Amanvah viu os Lenhadores reunirem-se e partirem para a noite e suspirou, segurando o braço de Rojer.

– O meu pai está certo – disse. – O vosso povo não é assim tão diferente do nosso.

Wonda fizera o que Leesha lhe pediu, trazendo uma pequena garrafa de líquido de cor âmbar. Leesha não estava habituada a bebida forte e não fazia ideia do que seria, mas queimava-lhe a garganta e aquecia-lhe os membros como o couzi que Abban lhe dera. Pouco depois, vira-se envolvida por um nevoeiro confortável, divertindo-se com as caras entusiasmadas das crianças e dos adultos que contemplavam os seus fogos.

Mas, quando levaram Arlen e a sua nova mulher à volta da praça durante três vezes antes de serem conduzidos à tenda matrimonial, quase lhe pareceu que os seus filhos troçavam dela. Todos sabiam que gostara de Arlen Fardos. Fora motivo de conversa em todo o povoado.

Tal como acontecera com Marick. E Gared. Independentemente do que fizesse, a sua vida amorosa parecia ser sempre o motivo de sussurros pelas costas.

O riso trovejante dos outeiros começou a incomodá-la. Teriam tal gosto na sua humilhação? Transformara-se realmente na sua mãe?

Viu novamente Elona com Gared na sua mente. Mas Gared desapareceu e foi substituído por Arlen, cujo corpo nu guardado passara tantas horas a estudar, vendo-o manter a sua mãe erguida com pouco mais do que a força da peça. Elona olhou Leesha e riu-se, continuando a mover as ancas e a saltar sobre ele. A seguir, foi substituída por Renna Curtidor, guinchando de prazer enquanto Arlen a estocava.

Conseguiria jurar que ouvia o som que os dois faziam dentro da tenda matrimonial, mesmo sobre o ruído da multidão. Fazia rebentar fogos festivos, mas de nada servia. Retirou um grande foguete do seu arsenal cada vez menor e prendeu-lhe a vara entre um par de pedras soltas, esperando que o estouro lhe deixasse os ouvidos a zumbir durante horas.

Mas não conseguiu manter o foguete direito e, quando acendeu o fósforo, queimou os dedos e deixou-o cair com um guincho, levando-os à boca enquanto lhe escorriam lágrimas pela cara abaixo.

– Noite, olha para ti. Estás podre de bêbada – disse uma voz. Leesha voltou-se e viu Darsy erguendo-se sobre ela. – Dá-me isso – disse-lhe Darsy, retirando-lhe os fósforos da mão. – Chamam-me tonta, mas até eu sei que beber e lidar com fogos não combina. Estás a tentar perder dedos? Pegar fogo a uma casa? Matar alguém?

– Não me pregues sermões, Darsy Lenhador – ripostou Leesha. – Sou eu a Herbanária do Outeiro. Não és tu.

– Então porta-te à altura – disse outra voz. Leesha viu Elona colocar-se ao lado de Darsy. A última pessoa no mundo que queria ver. – Que diria Bruna se te visse neste estado?

Guardamos os segredos do fogo por um motivo, dissera Bruna. Não podemos confiar que os homens saibam respeitar tal poder.

Subitamente, Leesha sentiu-se horivelmente envergonhada. Pensar que poderia ter desiludido a sua mentora era demasiado

e começou a chorar.

Darsy amparou-a e apertou-a contra si, escondendo da multidão o seu momento de fraqueza.

– Está tudo bem, Leesha – sussurrou. – Todas temos os nossos momentos. Vai com a tua mãe. Eu ocupo-me dos fogos.

Leesha fungou e acenou com a cabeça, limpando os olhos e endireitando as costas quando se afastaram. Aproximou-se lentamente da sua mãe, esforçando-se para não tropeçar nas pedras irregulares que cobriam o chão. Quando Elona lhe ofereceu o braço, aceitou-o com dignidade. Apenas a sua mãe sabia quão pesadamente se apoiava nele.

– Só um pouco mais e poderás descansar – disse Elona. Dirigiram-se para um dos muitos bancos que rodeavam a praça e as mulheres que o ocupavam ergueram-se prontamente, cedendo o lugar com vérias apressadas.

– Muito bem – disse Elona. – Quanto bebeste?

Leesha encolheu os ombros. Procurou no avental, retirando a garrafa que Wonda lhe dera e passando-a à mãe. Elona ergueu-a à luz, retirou a rolha e cheirou. Bebeu um trago.

– Também eu começaria a sentir-me zozza se tivesse bebido tanto. Calculo que estejas pronta para vomitar tudo o que comeste desde o enjoo matinal.

Leesha abanou a cabeça.

– Só preciso de um minuto para recuperar o fôlego.

– Não o terás – disse Elona, endireitando-se e puxando subtilmente o vestido para ampliar o decote como fazia sempre que um homem se aproximava. – Olhos em frente. Não cambaleies.

Leesha ergueu o olhar e viu o conde Thamos aproximando-se, parecendo esplêndido com as suas roupas finas e joias. Alguns Soldados de Madeira seguiam-no, mas o conde pareceu nem notar a sua presença, com o sorriso aprazível descontraído e fácil. Curvou-se daquela forma altiva comum aos aristocratas, aceitando fazê-lo mesmo quando o seu estatuto não o exigia.

– É um prazer voltar a ver-te, mestra – disse, voltando-se para Elona. – Certamente teria sido informado se tivesses uma

irmã, o que significa que esta bela mulher será a tua mãe, a famosa Sra. Papel.

Leesha revirou os olhos. Esperara que o príncipe conseguisse ser mais original. Se lhe dessem um klat por cada vez que um homem usara a mesma frase para cair nas boas graças de Elona, seria mais rica que o duque Rhinebeck.

A resposta de Elona também era sempre igual, rindo como se nunca tivesse ouvido nada tão inteligente enquanto baixava o olhar e corava adequadamente. Leesha duvidou que alguma coisa conseguisse realmente fazer Elona corar, mas a sua mãe conseguia simulá-lo quando queria.

Elona ofereceu a mão para que o conde a beijasse.

– Receio que todas as histórias sejam verdadeiras, Alteza.

Uma grande verdade, pensou Leesha, inspirando fundo para se serenar.

O sorriso de Thamos era completamente predatório, como o sorriso de lobo do Mensageiro Marick. Leesha não suportava ver Thamos olhando a sua mãe daquela forma. Não quando estava a seu lado. Não naquela noite. Esboçou um sorriso e puxou também o seu vestido.

– Os festejos agradam-vos, Alteza? – perguntou, captando-lhe o olhar e enfrentando-o tão bem quanto conseguia. Os olhos dele não paravam de descer e voltar a subir, mas, como Elona, fingiu não reparar.

– Nunca assisti a um casamento nos povoados – disse Thamos. – E percebo agora que foi uma grande perda. Isto faz os nossos bailes de corte parecerem aborrecidos.

– Sois muito amável – disse-lhe Leesha. – Mas como poderão as mulheres do Outeiro com os seus vestidos feitos em casa comparar-se a cortesãs pintadas vestindo seda e ouro?

Os olhos de Thamos voltaram a descer e Leesha sentiu o sorriso ampliar-se.

– As cortesãs importam-se mais consigo próprias do que com qualquer outra pessoa. – Sorriu e estendeu-lhe uma mão enquanto os Jograis iniciavam nova melodia. – Podem lançar o isco, mas nunca puxam a linha.

As horas seguintes foram um borrão indistinto na sua memória enquanto Leesha dançava e ria com o belo conde. Partilhou-a com outros, contrariado, mantendo-se sempre por perto, e os seus beijos na carruagem quando a acompanhou a casa foram quentes e apaixonados. O seu membro estava rijo dentro das calças, e pressionou-se contra ele, roçando-o com ancas e coxas. Sentia-se humedecer cada vez mais com cada momento e ponderava a mecânica de o possuir ali mesmo na carruagem quando chegaram à cabana e o cocheiro desceu e abriu a porta.

Thamos foi o primeiro a sair, estendendo a mão a Leesha para que se apoiasse enquanto caminhava com passos incertos.

– Regressa à festa – disse Thamos ao cocheiro. – Voltarei a pé.

– Alteza – começou o cocheiro –, anoiteceu e a floresta está cheia de krasianos...

– Então volta ao amanhecer – disse Leesha. – Vai-te!

O cocheiro encolheu os ombros e fez estalar as rédeas, fazendo a carruagem mover-se sobre a estrada.

– Subtil – disse Thamos, sorrindo enquanto Leesha o segurava pelo braço e quase o arrastava para dentro.

Poupou o fingimento, puxando-o diretamente para o quarto. Acendeu uma luz química suave e voltou-se para o empurrar com força, fazendo-o cair de costas sobre as colchas. Sorriu e ergueu as saias, trepando sobre ele, beijando-lhe a cara, os lábios e o pescoço

– E agora, Alteza, aproveitar-me-ei de vós.

Thamos gemeu, afrouxando-lhe os cordões do vestido enquanto roçava a cara pelo seu decote.

– Costuma ser ao contrário.

Leesha sorriu.

– É verdade, mas fazemos as coisas de forma diferente no Outeiro. Vou montar-vos até o cocheiro regressar. – Levou a mão abaixo, abrindo-lhe a fivela do cinto e debatendo-se com os fechos e cordões das suas calças. Imaginava conseguir segurar-lhe o membro em segundos, mas teve de interromper o

contacto visual para olhar o último nó antes de conseguir desatá-lo. Conseguiu finalmente abrir-lhe as calças, mas o membro que encontrou perdera grande parte da sua dureza.

Segurou-o na mão, acariciando delicadamente enquanto o beijava, mas permaneceu frouxo. Moveu-se mais para cima, pressionando-lhe a cara contra os seios enquanto puxava com mais força e isso pareceu ajudar, endurecendo-o suficientemente para o ato. Livrou-se do saíote e pressionou-o contra a sua abertura, mas sentiu-o voltar a murchar.

– Que se passa? – perguntou, voltando a envolvê-lo com a mão.

– Aaah... Nada... – gemeu Thamos. – Mas é tarde... e a bebida... e não esperava que fosses tão...

– Arrojada? – perguntou Leesha, descendo para lhe cuspir sobre o membro, lubrificando as carícias. O conde gemeu enquanto levava o membro humedecido à boca, mas continuou sem enrijecer.

Noite... Será problema meu?, pensou. Será Ahmann o único homem no mundo que me deseja?

Afastou o pensamento, saindo da cama.

– Onde vais? – perguntou ele. – Só preciso de...

– Chiu – disse-lhe Leesha, retirando os braços do vestido e empurrando-o para baixo. – Vou dar-te aquilo de que precisas.

Viu-a despir-se com a luz ténue e, olhando para baixo, Leesha viu-o endurecer novamente quando se curvou para remover a última peça. Tinha uma lança de que qualquer homem se orgulharia e fê-la morder o lábio, ansiosa por a sentir dentro de si. Estendeu a mão e apertou-a gentilmente.

O conde reagiu com um rugido animal e levantou-se no instante seguinte, curvando-a sobre a cama. Leesha cedeu e gritou de prazer quando a penetrou por trás. Pressionou-se contra ele, reagindo às suas investidas poderosas enquanto sentia aumentar o seu próprio prazer.

E então, com um gemido, terminou e desabou sobre ela. Leesha insistiu, tentando aproveitar a última fricção para a aproximar do clímax, mas voltara a afrouxar e saiu de dentro

dela. Sentiu vontade de chorar, mas não tinha energia suficiente. Desejou ter pedido ao cocheiro para esperar enquanto bebiam uma chávena de chá em vez de prender o conde ali durante toda a noite. Esperou que fosse suficientemente corajoso para partir.

Mas Thamos despiu o resto da roupa e enfiou-se na cama a seu lado.

– Foi fantástico – murmurou, enquanto se pressionava contra as suas costas. Puxou as cobertas sobre ambos e envolveu-a com os braços grossos, roçando-lhe o nariz contra o pescoço. – Desejei-te desde a primeira vez que te vi no hospício de Jizell, mas nunca sonhei que seria tão bom.

E, por um momento, Leesha sentiu o seu desespero acalmar, sentindo-se segura e quente nos braços do conde. Talvez não tivesse conseguido satisfazê-la, mas ela sim. Havia uma estranha sensação de orgulho nisso e sorria quando adormeceu profundamente.

Ainda não amanhecera quando Leesha acordou de um sonho com Ahmann e com as noites que passaram nos braços um do outro. A magia tornava-o uma criatura de paixão ilimitada e possuía-a com frequência a meio da noite, com ambos meio adormecidos e de olhos fechados. Acordava-a com beijos e carícias enquanto ela o acariciava lentamente. Quando voltava a sentir-se suficientemente excitada para o receber, penetrava-a e movia as ancas até ambos gritarem de prazer. No momento seguinte, voltavam a dormir uma sesta rápida antes de a possuir novamente para celebrar a aurora.

Criador, como sentia a sua falta. Após vinte e oito anos de negação, tivera uma semana de gula e o corpo ansiava-lhe pelo seu toque. Por qualquer toque, na verdade. Sabia que o aumento do desejo era um sinal comum da gravidez, mas não esperara que se tornasse mais debilitante que as dores de cabeça e a náusea constantes.

Atrás dela, Thamos roncava satisfeito, com o peito rijo e peludo contra as suas costas. Moveu-se contra ele, roçando o traseiro contra as suas virilhas. Sentiu movimento e fê-lo deitar-

se de costas, recebendo-o na boca como fizera antes. Daquela vez, enrijeceu quase imediatamente.

Thamos gemeu, continuando meio adormecido, mas baixou uma mão, acariciando-lhe o cabelo e fazendo-a perceber que estava acordado. Montou-o num instante, continuando humedecida pela sua semente e pela sua excitação. O conde gemeu e ergueu mãos cuidadosas, acariciando-lhe ancas e seios enquanto o montava. Manteve os olhos fechados, imaginando Ahmann.

Ocasionalmente, sentia o conde contorcer-se e erguia-se, curvando-se para o beijar até a sua respiração acalmar. A seguir prosseguia.

Não tardou a sentir o seu clímax aproximar-se e acelerou o ritmo, imobilizando o conde enquanto o usava. Num momento, gritava de prazer e Thamos segurava-lhe as ancas como se a sua vida dependesse disso. Determinada como se sentira, durou muito tempo. Quando começou a acalmar, sorriu e voltou a contrair-se, acelerando lentamente o ritmo e voltando a cativar o conde.

Beijou-o, mas ambos ofegavam e o beijo terminou com uma gargalhada.

– Incrível – disse Thamos.

– Sim – concordou Leesha, com sinceridade, apesar de o seu estômago parecer não acordar, fervendo como uma sopa esquecida sobre o lume.

Inspirou profundamente, tentando controlar o incómodo, mas, após alguns momentos, precisou de cobrir a boca com a mão e saiu a correr do quarto, vomitando na latrina. Tornara-se um ritual diário e Leesha quase começara a ansiar por ele, apenas para conseguir superá-lo e começar a manhã.

Vomitava trazia sempre consigo uma dor de cabeça intensa e, instintivamente, ergueu a mão para massajar a têmpora. Mas surpreendeu-se.

Pela primeira vez em meses, a dor de cabeça estava ausente. Não se limitara a acalmar, desaparecera por completo. Sentiu a

face contorcer-se enquanto as lágrimas lhe escorriam e deixou-se chorar, sentindo a alegria do momento.

Thamos voltou a vestir as calças e a camisa, esperando junto à porta da latrina quando saiu, nua e envergonhada, mas sentindo-se novamente forte. Sorriu-lhe, cobrindo-a com uma colcha e dando-lhe um copo de água.

– Uma noite de bebida e dança afeta-nos a todos de alguma forma. Se não falares da minha, não falo da tua.

Leesha acenou afirmativamente, recebendo o copo e bebendo um gole.

– Antes de ser duque – começou Thamos –, o meu irmão costumava dizer-me que a melhor cura para uma noite de bebida é um prato de *bacon* e ovos. Testei a teoria e nunca encontrei cura melhor.

– Eu preparo-tos – disse Leesha, grata por alguma coisa para fazer.

– Ter-me-ia ocupado disso... – começou o conde.

Leesha sorriu-lhe.

– Mas nunca cozinhaste um ovo na vida, não é, Alteza?

Thamos encolheu os ombros e esboçou um sorriso a que Leesha imaginou que nenhuma mulher conseguisse resistir.

Curvou-se numa vénia teatral.

– Será uma honra preparar o pequeno-almoço de Vossa Alteza.



VINTE E UM

AURAS

333 DR Verão 11 Auroras antes da Lua Nova

A FESTA CONTINUOU durante horas depois de Arlen e Renna saírem da tenda matrimonial, algo despenteados. Esperara que a consumação do casamento fosse delicada, mas a sua mulher saltou sobre ele como um animal assim que a aba da tenda caiu, com a sua aura iluminada pela luz da luxúria.

A minha mulher. Renna Curtidor. O pensamento deixou-lhe a cabeça às voltas tal como a sua união carnal. Fugira de casa para escapar ao casamento com uma rapariga a que estava destinado.

Destinado? Grunhiu. Passaste a vida a acreditar que não existem Criador nem Libertador, mas envolves-te com uma rapariga e, de repente, isso prova a existência de um plano divino?

Mas, por mais que quisesse considerar o pensamento ridículo, não conseguia.

Cambalearam sobre pernas fracas em direção à multidão efusiva e Arlen sentiu-se novamente espantado com a sua aura.

Outrora, considerara a magia algo malévolos, mas estava muito além de tais definições, não sendo mais malévolos que a chuva ou a eletricidade. Pulsava dentro de todas as coisas vivas,

definindo-as no seu interior e no seu exterior com uma profusão de detalhes. As auras humanas eram mais ténues e muito mais complexas que as auras dos demónios, mas havia grande quantidade de magia ambiente ali, no centro das grandes guardas do Condado do Outeiro. Sem sequer o perceberem, os outeiros marcavam essa magia com a sua felicidade, fazendo-a dançar alegremente em seu redor, poderosa e contagiante.

Arlen via auras desde que pintara pela primeira vez guardas de visão à volta dos olhos, mas nunca compreendera o significado das subtis variações de cor, brilho e textura até ao seu encontro com o príncipe nuclita. Por um instante, as suas mentes tocaram-se e vira o mundo como o viam os demónios.

Desde então, bastava-lhe um olhar superficial para lhe dizer muito sobre o estado emocional de uma pessoa e um olhar fixo canalizava para ele uma torrente constante de informação. Sabia quando lhe diziam a verdade e quando mentiam, quando alguém estava pronto para lutar ou quando fugiria. Conseguia ver cada emoção que uma pessoa sentia em qualquer momento, apesar de precisar de adivinhar os motivos.

Não conseguia ler pensamentos como os príncipes nuclitas... ainda não, pelo menos. Mas, concentrando-se, conseguia penetrar as pessoas com um toque de magia, carregando-o com a sua essência e voltando a absorvê-lo, passando a conhecê-las de forma mais íntima do que seria possível a uma amante ou a uma Herbanária, conhecendo cada cicatriz, cada mágoa, cada sentimento. Uma queimadura de saliva flamejante aqui, um arranhão de gato ali, contando a história de cada um.

Por vezes, surgiam-lhe imagens na mente, pessoas, locais e coisas com ligações emocionais fortes a quem assim conhecia, mas precisava de interpretar esses vislumbres.

Até as plantas podiam guardar segredos. Inspirando um sopro de vento que passasse através de uma árvore, Arlen conseguia adivinhar-lhe os anos com maior facilidade do que um Lenhador contando anéis. Via os anos de cheia e de seca. Os incêndios e os nevões longos. Os tipos de garra de demónio que lhe tinham

rasgado a casca. Tudo desde que a semente germinara na terra, apreendido num instante.

Shamavah esperava-os quando regressaram à festa, juntamente com Rojer, Kendall e as suas esposas. A aura de Rojer era particularmente interessante. Quando o Jogral atuava, tocando o violino ou representando um papel, uma máscara cobria-lha, tornando impossível que Arlen a lesse.

Mas, noutros momentos, o seu jovem amigo era um livro aberto. Imagens flutuavam à sua volta, algumas difusas, outras distintas, todas ligadas a Rojer com complexos filamentos de emoção.

Arlen conseguia distinguir a sua aura e a aura de Renna, juntamente com as de Amanvah, Sikvah e Leesha. Conseguia perceber que Rojer tinha dúvidas acerca de Renna e do casamento, mas tomara decisões questionáveis próprias nesse aspeto e não sentia direito de o censurar. Estava feito e, como seu amigo, Rojer apoiá-lo-ia.

Colocou uma mão sobre o ombro do Jogral.

– Também podes contar comigo, Rojer. A sério. Nada que possas pensar acerca de Renna diminuirá o que te devo.

Rojer pestanejou.

– Como soubeste o que...

Houve um clarão na aura de Amanvah quando se focou nele. Era rápida, percebendo o sentido das palavras do marido antes mesmo que acabasse de falar.

Por um instante, viu imagens flutuando à sua volta, sobretudo imagens dos seus pais. Amanvah movia-se sob a sua sombra. Pairando entre as suas imagens, havia um livro.

– Pensas que o Evejah diz que apenas o Libertador consegue ler o coração dos homens – adivinhou Arlen.

A aura de Amanvah foi abalada pelo choque, mas, então, a jovem dama'ting ficou... serena, com a superfície das suas emoções sepultada sobre o ritmo delicado da sua respiração. Fitou-o com a mesma intensidade, mas a sua capacidade de a ler desapareceu.

– É o que diz o Evejah – concordou Amanvah. – Mas tu não és o Libertador.

Arlen olhou Sikvah, surpreso por perceber na sua mente a mesma disciplina sólida de Amanvah. Era mais do que parecia. Talvez isso estivesse relacionado com o seu véu branco.

Mas, enquanto as esposas de Rojer escondiam as suas auras, não conseguiam camuflar a magia dos itens que traziam consigo. Ossos guardados contidos nas gargantilhas de ambas faziam as suas gargantas parecerem arder. Arlen examinou as guardas. Eram semelhantes às do violino de Rojer. Vira o seu efeito amplificador no palco. Magia útil.

Outras peças de joalheria brilhavam com fogo semelhante. A bolsa de hora na cintura de Amanvah palpitava com ele e também Shamavah trazia alguns pedaços de osso de demónio entre os seus anéis e pulseiras, apesar de apenas poder adivinhar o seu efeito.

– Não confiam em mim – disse Arlen.

– Há algum motivo para confiarmos? – perguntou Amanvah.

Arlen concentrou-se, trespassando a jovem com o seu toque mágico, conhecendo-a.

– Não, mas eu confio em ti, Amanvah vah Ahmann. – Indicou Sikvah com a cabeça. – Em ti e na tua irmã-esposa. Vejo que não são aliadas de Nie e que as vossas intenções para com o meu amigo são sinceras.

– Hã? – perguntou Rojer.

– Não te entusiasmes demasiado – disse-lhe Arlen. – Podem obedecer a todas as tuas palavras, mas não hesitariam em contrariar o seu sentido se julgassem que seria o melhor para ti.

Amanvah não pareceu incomodada pelo comentário.

– O nosso honrado marido precisará ocasionalmente de... orientação.

Arlen riu-se.

– Justo e verdadeiro.

– Ei! – gritou Rojer.

Arlen sorriu.

– Não me acho o Libertador, Amanvah. Também não acredito que o teu pai o seja. Não acredito que o Libertador seja mais do que um símbolo capaz de inspirar as pessoas.

– Um descrente em vez de um herege? – perguntou Amanvah. – É melhor?

Arlen curvou-se.

– Caber-te-á decidi-lo, princesa.

Os cantos dos olhos de Amanvah enrugaram-se.

– Uma decisão para tomar noutro dia. Obrigada por nos honrares com a possibilidade de participarmos na tua festa.

Shamavah avançou. Ergueu a mesma prancheta que Arlen lhe vira centenas de vezes, motivando-lhe um turbilhão de memórias calorosas dos pavilhões de Abban no Grande Bazar.

Conseguia ver imagens na sua aura, ligadas a ela com linhas negras e vermelhas, calculando dívidas pagas e dívidas por saldar. Amanvah enviara-a como oferenda de paz e Shamavah agradeceu a oportunidade de cair nas boas graças de Amanvah e de Arlen em simultâneo. Faria o que fosse necessário para tornar perfeita aquela noite, independentemente de quem precisasse de subornar ou repreender, mas era um empréstimo que, um dia, teria de ser pago.

Arlen sorriu.

– Pareces-te demasiado com o teu marido. Fazes o meu coração ansiar por encontrar novamente o meu amigo Abban.

Shamavah curvou-se.

– O filho de Jeph é muito amável. – Não deu qualquer sinal exterior, mas a sua aura indicava que as palavras que ouvira a tinham tocado realmente.

E tinham sido sinceras. Arlen sentia muitas saudades do mercador khaffit seu amigo, mas Abban provara muitas vezes que, apesar de merecer confiança ocasional, nunca merecia confiança cega. Mentia quando precisava de o fazer, mas o mais frequente era que houvesse algo que decidia não dizer. Normalmente, algo importante.

Arlen passara em revista os acontecimentos da sua última visita a Krasia dez mil vezes, sem nunca dissipar uma sensação

de dúvida. Fora Abban, afinal, quem encontrara o mapa que o conduziu às ruínas de Anoch Sun e ao túmulo de Kaji, onde encontrara a lança guardada. Mostrara-lha em primeiro lugar, comprovando a sua autenticidade. Nessa mesma noite, Jardir, outrora o melhor amigo de Abban, tentara matá-lo para obter a lança.

E, naquele momento, trabalhavam em conjunto. Mesmo que Marick não o tivesse confirmado meses antes, uma grande parte das conquistas krasianas tinham a marca de Abban. Era melhor do que a alternativa, pois Abban nunca se mostrava tão brutal ou perdulário como Jardir. Após a derrota inicial de Forte Rizon, amplas extensões de terra tinham sido conquistadas, com casas, campos de cultivo e filhas permanecendo intactos, mantendo as rotas comerciais abertas, mesmo que sob o jugo dos dama e da lei evejana. Era o resultado dos esforços de Abban para sussurrar misericórdia ao ouvido de Jardir, ainda que o fizesse apenas a pensar no lucro.

De que lado estás, Abban?, pensou. Não sabes que o teu amigo tentou matar-me? Consegues aceitá-lo? Ou sempre foi esse o teu plano?

Suspirou. Importaria? Deixava de fazer sentido desperdiçar tempo a pensar no assunto. Em breve, confrontaria os dois homens e descobriria a verdade. Mas, em primeiro lugar, teriam de sobreviver à Lua Nova.

A fila de gente esperando congratulá-los voltou a formar-se assim que regressaram à festa. Ergueu-se diante deles uma anciã, conduzindo um homem de meia-idade a seu lado. Os seus olhos brancos fitavam o vazio. Havia neles algo de familiar e Arlen percebeu na aura da mulher que o conheceu e que se sentia sua devedora.

– Lorry Pastor, senhor e senhora Fardos – disse a mulher com uma vénia rígida. – Este é o meu filho, Ken. Não temos nada para oferecer além dos nossos respetos e da nossa gratidão, mas espero que os aceites. Os nuclitas levaram o resto da nossa família na estrada enquanto fugíamos dos krasianos. Ter-me-iam levado a mim e ao meu Kenny também se não nos tivesses

socorrido. – Pousou a mão no braço do homem. – As coisas não têm sido fáceis, mas o Outeiro acolheu-nos no seu coração quando recebeu a nossa caravana e não temos passado frio nem fome, mesmo que Kenny não possa trabalhar. Sentimo-nos gratos por isso.

– Todo o Outeiro merecerá crédito por isso – disse Arlen. – E tu também por seres tão forte nos momentos mais difíceis.

Olhou Ken Pastor, erguendo-se silenciosamente ao lado da mãe. A aura do homem era de vergonha silenciosa, odiando-se pela sua dependência da mãe idosa e pela sua incapacidade para ajudar a família. Mas a mãe apoiava-se nele na sua velhice e havia nisso uma centelha de orgulho.

– Sempre foste cego?

Ken acenou afirmativamente.

– Sim. Desde que me lembro.

– Uma febre levou-lhe a vista quando ainda estava no berço – disse Lorry.

Arlen trespassou-o com a sua magia, Conhecendo os olhos de Ken e encontrando a origem do seu problema. Ergueu a mão por instinto, canalizando o poder da grande guarda enquanto traçava guardas com um dedo na testa do homem e à volta dos seus olhos.

Ouviram-se gemidos de espanto enquanto as nuvens brancas se dissipavam nos olhos de Ken, substituídas por um castanho vibrante enquanto movia a cabeça em todas as direções. A sua aura cintilou com um brilho intenso de alegria, que se transformou em desorientação e num medo esmagador. Finalmente, fechou os olhos com força, cobrindo-os com as mãos enquanto todo o seu corpo tremia.

Arlen tranquilizou-o com uma mão sobre o ombro.

– Tornar-se-á mais fácil dia a cada dia, Ken Pastor. Garanto-te. Compreendo muito bem o que passas.

Pouco depois de serenar o alarido provocado pelos Pastores, chegou um kha'Sharum solitário. Não hesitou na sua aproximação, mas Arlen percebia o medo na sua aura. O medo e a vergonha. Ouviu a inspiração brusca de Amanvah,

demasiado baixa para que mais alguém a ouvisse e a sua aura brilhou com raiva um momento antes de regressar a calma das dama'ting.

O guerreiro ajoelhou-se diante de Arlen, pressionando a testa contra o empedrado. Não precisou de Conhecer o homem para perceber o que sentia. Passara tempo suficiente com os Sharum para saber quando seria insultado e não pelo pobre kha'Sharum incumbido de transmitir o insulto.

Sem dúvida, o instrutor Kaval considerara ser uma afirmação política de mestre enviar um guerreiro khaffit para lhe prestar os seus respetos e para entregar a primeira oferenda ao Paraíso. Era um insulto passivo que, de modo conveniente, mantinha as supostas Lanças do Libertador, homens que tinham ajudado Jardir a derrubar Arlen e a roubar-lhe a Lança de Kaji, longe dele.

Mas ver o guerreiro khaffit não insultou Arlen. Quantas vezes vira os khaffit serem maltratados em Krasia, sendo-lhes negados todos os direitos e toda a possibilidade de ascensão social? Fora assim desde o Regresso, mas, poucos anos depois do início do seu reinado, Jardir alterara-o. Resultaria também de sussurros de Abban, sendo uma forma rápida de aumentar o número de guerreiros, ou o seu ajin'pal traiçoeiro desenvolveria uma consciência?

O guerreiro ajoelhado pousou um par de chifres de demónio da madeira aos pés de Arlen e Renna. Arlen conseguia ver a magia destes alimentando lentamente o poder da grande guarda.

– Jaddah. – Arlen traçou o símbolo do primeiro pilar do Paraíso no ar. Amanvah olhou-o, surpresa, mas ignorou-a, sorrindo ao guerreiro.

– Jaddah – concordou este. Os seus olhos moveram-se para Amanvah e o medo intensificou-se.

– Ergue-te com orgulho – disse-lhe Arlen em krasiano. Quando o homem obedeceu, Arlen curvou-se. – Não receies, irmão. Kaval não compreenderá a ironia de enviar um khaffit para entregar um insulto que receu entregar pessoalmente,

mas eu sim. São os kha'Sharum que honram os dal'Sharum e não o contrário.

O guerreiro curvou-se profundamente e a mudança na sua aura foi bela de contemplar, com a vergonha tornando-se orgulho e o medo tornando-se agrado.

– Obrigado, Par'chin. – Curvou-se novamente a Renna e, por fim, a Amanvah. A seguir, virou-se e correu de volta à noite.

Restavam seis pilares.

– Repreenderei Kaval – disse Amanvah depois de o guerreiro partir. – Compreende, por favor, que este insulto não foi meu.

– Fui sincero – disse-lhe Arlen. – Combati ao lado de Sharum durante a noite, mas nunca tive grande paciência para quem aceita derramar sangue por qualquer ofensa menor. Kaval apenas se insultou a si próprio.

Amanvah curvou-lhe a cabeça e a sua aura mostrou respeito, apesar de os olhos não dizerem nada. Retribuiu com uma vénia breve.

No momento seguinte, chegou Wonda Lenhador, pousando o chifre longo e curvo de um demónio do vento, ainda com a membrana dorsal presa.

– Teria sido a primeira, mas estas coisas são mais difíceis de retalhar do que de matar.

Arlen sorriu. Havia na sua aura um orgulho feroz, mas tocado pelo receio. Olhou-a com maior atenção, Conhecendo-a. Queria pedir-lhe alguma coisa. Alguma coisa egoísta que receava que não conseguisse fazer ou, pior ainda, que pudesse não querer conceder-lhe.

– Abençoada sejas, Wonda Lenhador – disse-lhe Amanvah –, primeira entre as Sharum'ting.

«Sharum'ting?» Arlen sentiu-se surpreendido. Jardir passara a conceder direitos também às mulheres? As surpresas nunca cessariam?

– Orgulho-me de ti, Wonda – disse Arlen, elevando a voz para que os outros o ouvissem. – Ser a primeira mulher guerreira em Krasia não é um feito menor. Se houver alguma coisa que possa fazer por ti, bastará que mo digas.

Wonda sorriu e o alívio banhou-lhe a aura.

– Dizem que devolveste a visão a Ken Pastor.

Arlen acenou afirmativamente.

– Sim.

Wonda cortara o cabelo para que caísse sobre a metade da cara que o demónio ferira, mas afastou-o, revelando as cicatrizes profundas. Baixou a voz.

– Consegues remover as minhas cicatrizes?

Arlen hesitou. Poderia fazê-lo num instante, mas, olhando a aura de Wonda, não conseguiu perceber se deveria ou não fazê-lo. Traçou uma guarda no ar para que a sua resposta apenas fosse ouvida por ela.

– Consigo. – Viu os seus olhos iluminarem-se e a sua aura ostentou agrado e receio em simultâneo. – Mas, quando chegar a Lua Nova, o que te preocupará, Wonda Lenhador? A tua gente ou a tua cara?

A vergonha preencheu-lhe a aura e Arlen apontou a sua própria cara, coberta com centenas de tatuagens.

– As cicatrizes podem proteger-nos, Wonda. Recordam-nos o que é realmente importante.

A rapariga acenou afirmativamente e Arlen pousou-lhe as mãos sobre os ombros, apertando. Precisou de erguer a cabeça para a olhar nos olhos.

– Pensa no assunto. Depois da Lua Nova, se ainda o desejares, bastará que peças.

A sua aura adquiriu uma cor e textura mais neutras, mas um lento rodopiar iniciou-se no interior desta enquanto pensava nas suas palavras.

– Suponho que isto signifique que não aceitarás a proposta do demónio do deserto? – perguntou Thamos, mastigando o último pedaço de *bacon*.

Leesha sorriu-lhe. O seu apetite regressara e sentia-se forte pela primeira vez em semanas.

– É pouco provável.

– A minha mãe diz que podemos confiar que farás o melhor para o Condado do Outeiro – disse Thamos. – Mas que não

deverei confundir isso com a obediência às minhas ordens.

Leesha riu-se enquanto se levantava para levantar os pratos.

– A duquesa-mãe está certa.

– És muito parecida com ela – disse Thamos.

Leesha pousou a mão na anca.

– Espero que não o seja demasiado. Ou preferirei não pensar na noite passada. Sei que os aristocratas gostam de manter a pureza das suas linhagens.

Thamos riu-se.

– Nem tanto. Mas devo informar-te de que a minha mãe foi uma grande beleza no seu tempo.

– Disso, não tenho dúvidas – disse Leesha.

– Quanto às linhagens... – Thamos encolheu os ombros. – A nossa era uma casa menor há um século. O meu avô foi o primeiro de nós a sentar-se no trono de hera e foi mais o dinheiro do que o sangue a colocá-lo lá.

Ergueu-se rapidamente, tomando-a nos braços.

– Seja como for, és o que o Outeiro tem de mais semelhante à realeza. Já pensaste no que poderias fazer como condessa?

Leesha roncou de desprezo, empurrando o conde.

– Vossa Alteza tem reputação de se deitar com qualquer rapariga que pestaneje em vossa direção. Devo acreditar que conseguirás ser fiel?

Thamos sorriu e beijou-a.

– Por ti, poderia estar disposto a tentar.

– Se algum de nós continuar vivo na próxima semana, pensarei no assunto – prometeu Leesha, beijando-o brevemente nos lábios e afastando-se para retomar as limpezas. Não duvidava da sinceridade da oferta, mas era mais política do que afeto. Uma união entre ambos solidificaria o controlo de Thamos sobre o Outeiro e o controlo de Rhinebeck sobre o seu ducado, como Araine bem sabia.

Seria algo assim tão mau? Não conseguia perceber.

– É verdade que também enfrentaste um daqueles demónios da mente de que Arlen Fardos falou? – perguntou Thamos.

Leesha acenou afirmativamente. Dirigiu-se à sua escrivaninha, erguendo um envelope selado com lacre e pressionando-o com o seu símbolo, um almofariz. Entregou-o ao conde.

– Para a tua mãe.

Thamos ergueu-lhe uma sobrancelha.

– Para o meu irmão, queres dizer.

Leesha ergueu também uma sobrancelha.

– Teremos de jogar esse jogo, mesmo a sós?

– Não é um jogo – disse Thamos. – Rhinebeck é o duque e é paranoico e orgulhoso. Se o desrespeitares abertamente, haverá consequências.

Leesha acenou com a cabeça.

– Sim, mas entregar-lhe-ás o teu relatório e certamente poderás entregar uma mensagem a Araine...

– A Sua Senhoria – corrigiu Thamos.

– A Sua Senhoria – concedeu Leesha – sem interferência. Tu próprio disseste que as Herbanárias continuavam a responder perante ela. Não há aqui qualquer desrespeito.

Thamos franziu a testa, mas aceitou a carta.

– Serei honesta, Alteza – disse Leesha. – Não sei a que ponto poderei confiar em ti, estejas ou não na minha cama. Vieste aqui por vontade própria ou por queres consolidar o teu poder sobre o Condado do Outeiro?

Thamos sorriu.

– Pelos dois motivos, claro. O Outeiro do Lenhador sempre fez parte de Angiers e dependeu do trono para muitas coisas, incluindo para manter a estrada de Mensageiros que vos manteve ligados ao resto do mundo. Era um povoado irrelevante até há pouco tempo, mas os juramentos de fidelidade não são coisas que se possam quebrar quando se chega ao poder. Terias esperado que o trono vos abandonasse à vossa sorte se descobrissem ouro ou carvão nas vossas terras?

Leesha abanou a cabeça.

– Claro que não.

– Estas guardas que Arlen Fardos vos trouxe não são diferentes – disse Thamos. – E que fizemos nós que fosse assim tão terrível? Não trouxemos comida e sementes, gado e roupas quentes para a vossa gente no seu momento de necessidade, como pediram? A minha fortaleza poderá parecer ameaçadora, mestra, mas destina-se a deter os krasianos e não a aterrorizar o povo que fui incumbido de proteger.

Leesha concordou com um aceno.

– Se servir de alguma coisa. Em dois anos, os krasianos terão mais guerreiros do que o número de homens, mulheres e crianças em Angiers. Agora mesmo, conseguiriam esmagar o Outeiro num dia se fosse esse o seu desejo, apesar de precisarem de abandonar a Fortuna de Everam e de adiarem o confronto com os seus inimigos em Lakton. Mas, depois de o Outeiro ser seu, pouco poderíamos fazer para o recuperar e Lakton ficaria presa como um dente num alicate.

Thamos abanou a cabeça.

– Os krasianos nunca conquistarão Lakton. A não ser que as ratazanas do deserto se transformem subitamente em marinheiros. Os laktonianos têm povoados espalhados por centenas de quilómetros da margem do lago, onde poderão ancorar para se abastecerem. Nenhuma força no mundo conseguiria guardá-los a todos e os ribeirinhos e os demónios do pântano provocar-lhes-iam grandes perdas se tentassem. Os laktonianos conseguem manobrar os seus navios sem dificuldade e lançar chuvas de flechas sobre a Doca ou sobre as margens, mas os portuários são cobardes e não verão qualquer proveito em levar o combate para além da margem. Um laktoniano desembarcado é como um demónio do vento preso ao chão. Não assustará ninguém.

– Concordo – disse Leesha. – Tenho dito aos laktonianos nos povoados que fujam para o Outeiro.

Thamos semicerrou os olhos.

– Já ages como condessa? Não tinhas qualquer direito de fazer semelhante convite. Atingimos a nossa capacidade máxima.

– Tolice – disse Leesha. – A nossa única hipótese de resistir ao avanço krasiano será crescendo tão rapidamente quanto for possível. Precisamos de encher o Outeiro. – Suspirou. – Se restar Outeiro para encher depois da Lua Nova.

Thamos segurou-lhe as mãos, aproximando-se.

– Não precisamos de nos opor, Leesha Papel. Permitirei que todos os camponeses piolhosos daqui até ao deserto krasiano acampem à minha porta se me deres as respostas de que preciso.

– Respostas? – repetiu Leesha, apesar de saber muito bem a que se referia.

Thamos acenou afirmativamente.

– Quantos guerreiros têm os krasianos e onde estão colocados? O que aprendeste com os demónios da mente que tanto te aterroriza? Podemos confiar que Arlen Fardos não desperdiçará vidas enquanto os combater? Apoiarás o meu governo?

O sol começava a erguer-se e ambos ouviram aproximar-se a carruagem do conde. Leesha suspirou.

– Ponderarei vossas perguntas, Alteza. E terei respostas em breve.

Thamos ergueu-se com precisão militar, curvando-se numa vénia tensa. O formalismo repentino deveria ter parecido frio, mas os seus olhos nunca deixaram os dela e a sua face barbuda foi decorada por um sorriso malicioso.

– Jantar, então. Esta noite.

Leesha sorriu.

– Parece-me que a vossa reputação como caçador é merecida, afinal.

Thamos piscou-lhe o olho.

– Enviarei o meu cocheiro ao anoitecer.

O sol quase se erguera quando a fila de congratulações se esgotou e muitos dos outeiros continuavam a dançar. Os Lenhadores e os Sharum tinham regressado imbuídos de energia mágica, deixando uma pilha de ossos de demónio alta

como um homem no centro do Cemitério dos Nuclitas e trazendo nova vida aos festejos.

Arlen inspirou fundo e dirigiu-se à concha acústica dos Jograis. Saltou para o palco com facilidade sem precisar de subir os degraus, apesar de a plataforma se erguer quase dois metros acima do chão. Os artistas tinham parado de tocar e cederam-lhe o palco. A multidão manifestou ruidosamente o seu agrado e Arlen estendeu a mão a Renna, que também saltou para o palco sem dificuldade, antes de a abraçar.

– Sei que parece loucura – disse-lhe Renna –, mas juro que consigo ver o amor que estas pessoas sentem por ti como uma auréola. Nunca vi nada tão bonito.

– Por nós – corrigiu Arlen, apertando-a um pouco. – Sim. É como olhar o amanhecer.

– Não pode durar, pois não? – perguntou Renna. – Não com o que aí vem.

Amo-te, Renna Curtidor. Arlen abanou a cabeça.

– Será uma lua de mel sangrenta.

Renna pousou-lhe a cabeça sobre o ombro.

– Ainda bem que pudemos dançar primeiro.

– Sim – concordou Arlen, apertando-a uma última vez antes de a soltar para erguer as mãos, pedindo silêncio. A multidão silenciou-se, apesar de não fazer grande diferença. Com as guardas que traçou no ar, a sua voz foi ampliada e seria ouvida por todos com clareza.

– Quero agradecer-vos a todos por esta noite espantosa – disse. – Eu e Renna não falámos a ninguém dos nossos planos e, mesmo assim, o Outeiro deu-nos a melhor festa que um casal poderia esperar. – Aquilo motivou um rugido acompanhado por batimentos de pés.

O céu clareava, fazendo a pele de Arlen cobrir-se com dormência e ardor. Conhecia aquela dor matinal e aprendera a canalizar o poder para longe da superfície da pele, protegendo-a da luz e preservando-o ao máximo.

Mesmo assim, o sol queimava o excesso de poder que permanecia preso às suas guardas, fazendo-o sentir como se

irrompessem em chamas. Houvera um período, não muito tempo antes, em que interpretara a dor como significando que o sol o rejeitava. Mas aprendera a verdade e deleitava-se com a sensação que o sol provocava.

A seu lado, Renna abria a boca de espanto.

A dor ensina, Par'chin, dissera-lhe Jardir certa vez. *E, por isso, concedemo-la livremente. O prazer não nos ensina nada e deverá ser merecido.*

Arlen pegou-lhe na mão.

– A dor é o preço de caminhar ao sol, Ren. Merece-a. – Acenou afirmativamente, inspirando. Também os guerreiros sentiram o efeito do sol, mas, sem guardas na pele ou sangue de demónio nas suas veias, a magia esgotou-se rapidamente. Mostraram-se algo agitados, coçando a pele exposta como se fossem subitamente afetados por uma alergia. Viam-se faíscas aqui e ali enquanto manchas de sangue de demónio sobre os seus couros rígidos se inflamavam ruidosamente. Um Lenhador que ficara coberto com a imundície viu as suas vestes incendiarem-se. Arlen esteve prestes a ir até ele quando o homem ergueu um barril de cerveja meio vazio e o despejou pela cabeça abaixo. À sua volta, ouviram-se gritos de júbilo.

– Da próxima vez, poupa a cerveja e mijamos-te em cima! – gritou um Lenhador. Seguiram-se gargalhadas.

– O Outeiro tem sido bom para nós – continuou Arlen. – Mas chegou o momento de ficar sozinho com a minha mulher. – Renna apertou-lhe a mão ao ouvir a última palavra, provocando-lhe um arrepio. – E chegou o momento de voltarmos todos ao trabalho. Uma noite de dança fez-nos muito bem, mas a Lua Nova está a dez auroras de distância e há trabalho a fazer. Os demónios virão em força e o Condado do Outeiro precisará de estar preparado para os enviar de volta ao Núcleo, onde pertencem.

Apontou o grande monte de chifres de demónio no momento em que a luz do sol os tocava. A pilha incendiou-se com tamanha intensidade que foi doloroso olhá-la e os Lenhadores

rugiram de prazer, erguendo os machados no ar. Até os Sharum gritaram, erguendo os punhos.

Com aquele som, Arlen soube que os príncipes dos demónios tinham motivos para rezear. Mas vira também aquilo de que o Núcleo era capaz. Quando pensava demasiado no assunto, era ele que sentia medo.

Renna tocou-o.

– Estás bem?

Arlen cobriu-lhe a mão com a sua.

– Ótimo, Ren. Estou ótimo.

– Tudo foi entregue – disse Shamavah enquanto os escoltava de volta aos seus aposentos na taberna de Smitt. Abriu a porta para lhes mostrar os seus presentes de casamento cuidadosamente dispostos no interior do quarto. As rosas tinham sido adequadamente cortadas e colocadas no velho vaso pintado. A comida fora exposta num bufete. Outros tesouros cobriam cómodas e mesas de cabeceira.

Arlen vivera mais de um ano no Outeiro, aprendendo a conhecer bem os Lenhadores enquanto os treinou para se defenderem contra os demónios. Sabia como eram preciosos os objetos dispostos em redor. Mas também vira o orgulho intenso nas auras dos ofertantes. A gratidão sincera e o amor. A... fé.

Foi a última que mais o abalou. Aquela gente faria qualquer coisa que lhes pedisse, não por adoração, mas por confiança. Provara-lhes ser merecedor da sua confiança e acreditavam realmente que nunca os abandonaria.

E não o farei, prometeu em silêncio. Se os demónios vencerem o Outeiro na Lua Nova, será porque morri tentando impedi-los.

Shamavah aproximou-se das rosas, erguendo um cordel à volta do vaso com um pedaço de papel preso.

– Cada presente está etiquetado com o nome do ofertante. Consultarei Ernal Papel e trarei as cartas de agradecimento adequadas para que as assinem.

Renna endireitou as costas e o seu cheiro mudou. Era algo primitivo por comparação com a leitura das auras, mas, mesmo

durante o dia, os sentidos reforçados de Arlen permitiam-lhe uma torrente interminável de informação acerca de tudo em redor. Captava o cheiro do seu medo como se tivesse um pedaço de estrume preso às botas.

Sentiu uma pontada de simpatia, não precisando de uma imagem para perceber a causa. Como a maior parte das pessoas do Ribeiro de Tibbet, Renna não sabia ler nem escrever.

Arlen virou as costas a Shamavah, baixando tanto a voz que apenas a audição apurada de Renna conseguiria captá-la.

– Não te preocupes, Ren. Ensino-te a escrever o teu nome, para começar, e não tardarás a saber ler.

Renna moveu o olhar para ele e sorriu, com o seu cheiro passando a transmitir gratidão e amor.

– Também deveríamos fazer alguma coisa simpática por Gared. Por ter sido nossa testemunha.

– Sim – concordou Arlen.

– Seria uma honra escolher um presente para o barão – disse Shamavah.

Arlen abanou a cabeça.

– Eu ocupar-me-ei disso. Obrigado.

Shamavah curvou-se.

– O colar que o conde te ofereceu é muito belo – disse a Renna. – De certeza que não desejas guardá-lo?

Aí vem, pensou Arlen.

Renna aproximou-se do espelho admirando o colar enquanto passava as pontas dos dedos sobre as pedras preciosas. Arlen conseguia cheirar o prazer que sentia e ouviu o seu suspiro ténue.

Era uma carícia de despedida. Renna acenou afirmativamente e retirou-o.

– Não é justo exhibir algo assim quando há tanta gente a passar necessidades.

– Não subestimes a inspiração que o povo poderia obter de um líder ricamente vestido – disse-lhe Shamavah. – Mas, se for realmente essa a tua generosíssima vontade, teria todo o gosto

em comprá-lo. Posso pagar em moeda ou, se preferires, em comida e gado entregues diretamente aos necessitados.

Renna olhou-a e Arlen sentiu-se chocado ao perceber que o seu cheiro lhe dizia que acreditava realmente que a mulher estava a ser generosa.

– Farias isso por nós?

A culpa não é sua, disse a si próprio. É o mesmo que a leitura. Se a gente do Ribeiro soubesse negociar, o Leitão não seria dono de metade do povoado.

Shamavah sorriu, fazendo um gesto com a mão como se não fosse nada.

– Não me incomoda minimamente. O colar é bonito e não me custará vendê-lo a algum Damaji rico como presente para uma das suas esposas.

Arlen virou a cara e revirou os olhos.

– Não te incomoda – murmurou, apenas para os ouvidos de Renna. – E será uma oportunidade para os krasianos estabelecerem contactos comerciais por todo o Condado do Outeiro numa incumbência em que evocarão o nosso bom nome.

Cheirava a descrença de Renna enquanto olhava Shamavah, seguindo-se logo a seguir a sua desilusão. Fingiu examinar o colar mais uma vez enquanto murmurava a resposta, mantendo a troca acessível apenas aos seus ouvidos.

– Não deverei vendê-lo?

– Vende, mas exige que seja pago em moeda – sussurrou Arlen. – Pagamento no ato da entrega.

Renna virou-se, esboçando um sorriso amplo a Shamavah.

– Agradeço-te a ajuda. O pagamento pode ser feito em moeda no ato da entrega.

Shamavah acenou afirmativamente como se não tivesse esperado outra resposta.

– Posso examinar a peça nas minhas mãos? – Renna passou-lha e viu-a examiná-la com cuidado, prendendo uma lente no olho enquanto erguia as pedras à luz.

– Agora encontrará defeitos e tentará regatear para baixar o preço – murmurou Arlen. – Diga o que disser, diz-lhe que é louca e ameaça vendê-lo a Smitt. Dobrará a oferta. Pede cinco vezes mais.

– A sério? – Sussurrou Renna sem deixar de sorrir. – Não quero insultá-la.

– Não insultarás – murmurou Arlen. – Os krasianos não respeitam alguém que não consiga regatear. Aceita metade.

Renna esperou que Shamavah terminasse a sua inspeção.

– Mais vistoso que valioso. – A mulher de Abban carregou a voz com o tom adequado de desaprovação. – Os diamantes são turvos e a esmeralda tem uma falha. O ouro não é tão puro como o que temos em Krasia. Talvez a novidade de possuir algo que pertenceu a um conde das terras verdes atraia um comprador. Dou-te cem draki por ele.

Renna riu-se, apesar de ser provável que não compreendesse a quantia.

– Acho que a tua lente precisa de arranjo. Estas pedras não têm problema nenhum e o ouro é puro como a neve. Se não queres pagar o que vale, de certeza que Smitt...

Shamavah riu-se e curvou-se.

– Subestimei a Jiwah Ka do Par'chin. Tens bom olho. Duzentos draki.

Renna abanou a cabeça.

– Mil.

Shamavah abriu a boca numa perfeita simulação de indignação.

– Poderia comprar três colares iguais com tal quantia. Trezentos e nem um klat mais.

– Quinhentos ou vendo-o a Smitt – disse Renna, com voz fria.

Shamavah olhou-a, mas Arlen não precisou de sentidos adicionais para perceber que ponderava um último esforço. Acabou por se curvar.

– Não posso negar nada à nova Jiwah Ka no dia do seu casamento. Quinhentos.

– Agradecida – disse Renna. – Isso porá gado em muitos quintais e vestirá muitos corpos.

– Regateias bem – disse-lhe Shamavah. Voltou-se para Arlen e formaram-se rugas à volta dos seus olhos, emitindo um cheiro de diversão. – Em breve, deixarás de precisar dos conselhos do Par'chin.

– Muito bem, Wonda. Esperei tempo suficiente – disse Leesha. – Sai.

– Não quero – respondeu Wonda.

– Wonda Lenhador – advertiu Leesha. – Se não saíres dentro de... – Abriu a boca de espanto quando Wonda saiu, vestindo as roupas oferecidas pela duquesa Araine. – Criador – exclamou.

– Pareço estúpida, não pareço? – perguntou Wonda, com azedume. – Eu sabia.

– Nada disso – disse-lhe Leesha. – Estás magnífica. Quando te virem no povoado e ouvirem dizer que isto foi feito pelo costureiro da duquesa-mãe, todas as mulheres do Outeiro quererão vestir o mesmo.

E era verdade. Por mais que custasse a Leesha admiti-lo, o costureiro real, excedera-se, criando um traje tão modesto e prático que poderia ser usado por qualquer soldado, mas com um cunho marcadamente feminino.

A blusa era de seda verde-escura bordada com hera e guardas em fio dourado para conferir textura à frente. As mangas eram largas do ombro até ao cotovelo, mas cingidas nos antebraços para que não atrapalhassem o movimento da corda do arco e pudessem ser facilmente enfiadas nas suas braçadeiras de madeira. Sobre a blusa, vestia um colete grosso de couro castanho, acolchoado no interior e abotoado justo. Fora concebido para funcionar como camada intermédia entre a couraça e a blusa, mas a o corte requintado do colete tornava-o igualmente adequado quando não trazia a armadura.

Da cintura até aos joelhos, as calças largas de lã fina castanha faziam lembrar as saias cortadas que muitas das mulheres guerreiras do Outeiro gostavam de usar. Suficientemente soltas para parecerem um vestido quando se

mantinham imóveis. Em batalha, Wonda usava sobre esta uma saia flexível de placas de madeira dourada, concebida para permitir liberdade de movimentos e rapidez, oferecendo em simultâneo a proteção de guardas poderosas.

As pernas das calças estreitavam do joelho para baixo, terminando numa bainha abotoada que deslizava com facilidade para a pele das botas altas que calçava sob as perneiras e sapatos de madeira. Com aqueles sapatos, Wonda conseguia suportar a força total da dentada de um demónio da madeira num pé enquanto lhe pontapeava o crânio com o outro.

Sob o braço, prendia o elmo aberto de madeira polida, decorado com mais guardas e hera. Se os sapatos não conseguissem esmagar o crânio do demónio, facilmente poderia golpeá-lo com a cabeça. Seria simples para Leesha acrescentar guardas mentais e guardas de visão à volta dos olhos.

– E os gibões? – perguntou Leesha.

– Dei-os – respondeu Wonda.

– Não ficaste com um para ti? – perguntou Leesha.

Wonda abanou a cabeça.

– Não trabalho para a duquesa-mãe. Não me parece bem usar o seu brasão. Se me deres um gibão com um almofariz, visto-o. Se não o fizeres, isto bastará. – Retirou a capa guardada do cabide junto à porta e cobriu com ela os ombros.

Leesha pestanejou. Fingiu ir buscar a sua chávena de chá para conseguir limpar subtilmente os olhos.

– Terei as guardas adicionais para a tua armadura prontas até à Lua Nova. Para o teu arco também, se o perderes de vista por mais de dez segundos.

Wonda olhou a arma onde a deixara contra a parede, junto à porta e sem a corda posta.

– Não percebo o que precisas de fazer ao arco. Foi o Homem Pintado que o fez.

– Não mudarei uma única guarda – assegurou Leesha. – Apenas enfiarei uma lasca de osso de demónio no punho.

Wonda fez uma careta.

– Porquê?

– Porque Arlen consegue carregar as guardas de um arco com as mãos, mas tu não – disse Leesha. – O osso manterá as guardas sempre ativas. Mesmo flechas não guardadas romperão a pele de demónios contra os quais sejam disparadas.

Wonda arqueou uma sobrancelha.

– Sim? Isso agrada-me... – Subitamente, ficou tensa, aproximando-se da janela e levando uma mão à faca. Desconstruiu depois de espreitar.

– É só Darsy. – Olhou novamente Leesha. – De certeza que não pareço estúpida?

Leesha ignorou a pergunta.

– Abre a porta, por favor, enquanto ponho o bule ao lume.

Um momento mais tarde, Darsy entrava, torcendo as mãos.

– Há uma coisa que precisas de saber, Leesha. Não te agradará.

Leesha suspirou.

– Boa tarde também para ti, Darsy.

Vendo que Darsy permanecia onde estava, torcendo as mãos como massa de padeiro, Leesha gesticulou-lhe com os dedos.

– Desembucha. Se conseguisti deixar-te nesse estado.

Darsy acenou afirmativamente.

– O cocheiro do conde voltou ao Cemitério dos Nuclitas depois de te deixar em casa ontem à noite e bebeu uma caneca de cerveja. Ou seis. Disse a quem o quis ouvir que não valia a pena dormir porque lhe tinhas dito que viesse buscar o conde ao amanhecer.

– Criador – exclamou Leesha. – E quantos quiseram ouvi-lo?

Darsy encolheu os ombros.

– As pessoas falam, Leesha. Sabes isso melhor que ninguém. E até os recém-chegados te conhecem de nome. Precisarás de percorrer dez quilómetros para encontrares quem ainda não saiba.

– Que importa a alguém com quem a mestra Leesha passa a noite? – perguntou Wonda.

– Não importa – concordou Darsy. – Mas tenta convencê-los disso.

Leesha passou uma mão pelo ventre. *Despacha-te, pedira-lhe Elona. Fá-lo à frente de todos.*

Presenteou Darsy com um suspiro dramático.

– Ignora a conversa desde que seja mantida fora do hospício. Não estaríamos no Outeiro se não houvesse gente a trocar mexericos sobre a minha vida amorosa.

Darsy roncou.

– Pelo menos tens uma.

– Sim – concordou Wonda.

Darsy olhou a rapariga como se notasse a sua presença pela primeira vez.

– Adoro a roupa. Trouxeste-a do Sul?

Wonda abanou a cabeça.

– A duquesa Araine enviou-ma. Bebi chá com ela na primavera passada. Parece que gostou de mim.

Arlen olhou Renna, tranquila, enquanto cumpria a sua sesta vespertina costumeira. Beijou-lhe a têmpora.

– Volto antes de acordares, querida – respondeu com um gemido satisfeito e segurou-lhe o braço, sorrindo. Colou-se a ela por um momento antes de se afastar. Exausto como se sentia, teria adorado cair na cama a seu lado, mas não havia tempo para descanso. Canalizou a magia no seu sangue, fortalecendo-se e avançou para a porta e pelos degraus abaixo, deixando rapidamente a estalagem para trás. As pessoas apontaram quando passava, mas movia-se com demasiada rapidez para que se atravessassem no seu caminho.

Arlen gostava de pensar que nada debaixo do sol conseguiria assustá-lo, mas sentia a serenidade desvanecer-se a cada passo que dava em direção à cabana de Leesha. De toda a gente no Outeiro, a aura de Leesha era a mais difícil de ler. À superfície, mostrava-se serena como uma dama'ting, mas, imediatamente abaixo, era um poço tumultuoso de emoções contraditórias. Era um dos motivos para se ter sentido tão atraído por ela. Era frequente sentir algo semelhante.

E nunca com maior intensidade que na noite anterior, quando Leesha oferecera a Renna a grinalda florida. Fora um gesto de

incrível gentileza, que muito fizera para serenar Ren, mas Arlen percebeu o conflito interior. Com qualquer outra pessoa, não teria pensado duas vezes antes de a penetrar com o seu toque de magia, Conhecendo-lhe os sentimentos por completo, mas, com Leesha, parecia-lhe uma violação. Uma coisa era Conhecer pessoas para conseguir curá-las ou para as ajudar, liderar ou inspirar. Outra era vasculhar na alma de uma mulher com quem não era casado para perceber o que sentiria a seu respeito.

Arlen quis explicar-se-lhe, mas como poderia fazê-lo? Objetivamente, Leesha Papel era tudo o que um homem poderia desejar numa mulher. Bela, brilhante, bondosa, rica, dedicada. Mas, na ocasião certa, não lhe bastou. Tinha-se distanciado já em demasia por um caminho sombrio e sentiu que não a merecia. Precisava de uma mulher que o arrancasse àquele caminho, mas não era ela. Era algo que nenhuma antiga amante queria ouvir. Tanto como não queria ouvir que Jardim se deitara com ela.

Passou-lhe uma imagem pela mente dos dois entrelaçados e reagiu com um esgar de desagrado.

Supera isso, disse a si próprio. Leesha tomou as suas decisões e eu as minhas. Não altera o que aí vem ou o pouco tempo que nos resta.

A porta da cabana estava entreaberta e ouviu as vozes das mulheres muito antes de alcançar o alpendre. Não pretendera ouvir a conversa, mas os seus ouvidos não precisavam de pedir permissão, captando cada palavra.

Leesha dormira com Thamos? Parecia-lhe uma noção absurda, mas não a ouvia fazer qualquer esforço para desmentir. Seria verdade.

Abanou a cabeça. *Não importa. Apenas a Lua Nova importa.*

Estava descalço, mas certificou-se de que os seus passos eram sonoros pelos degraus do alpendre acima, anunciando a sua presença muito antes de alcançar a porta. Bateu, esperando permissão para entrar.

Darsy, Wonda e Leesha olharam-no, surpresas. Darsy e Wonda cheiravam vagamente a medo, mas o odor de Leesha

era tão difícil de decifrar como a sua aura. Havia algo diferente nela desde o seu regresso, algo que não conseguia identificar. Sentiu-se novamente dominado pela ânsia de a Conhecer e sentiu-se grato pela luz do sol que entrava na cabana, banindo a magia.

O ar na cabana de Leesha estava, como sempre, repleto por uma miríade de fragrâncias: especiarias, ervas, plantas vivas e secas, terra húmida e comida fresca. Um cheiro a *bacon*, acima de todos os outros, pairava deliciosamente sobre o espaço. Mas nenhum desses odores conseguia disfarçar o odor a sexo que vinha do quarto ou o odor acre do vômito.

Suponho que será verdade, pensou, tentando não cerrar os dedos num punho. Leesha era livre de fazer o que quisesse, mas Thamos tinha uma reputação com as mulheres que não era terrivelmente positiva. Se a magoasse ou à sua reputação, Arlen partir-lhe-ia o nariz perfeito.

Inspirou fundo. *É apenas a magia a falar*. Esforçou-se para acreditar.

– Bom dia, senhoras – disse, esboçando um sorriso aprazível.
– A visita foi interrompida ontem à noite. – Olhou Leesha. – Importas-te que conversemos?

Leesha pestanejou e abanou a cabeça logo a seguir.

– Claro que não. Vem comigo à horta. Há muito tempo que ninguém cuida dela.

Arlen acenou afirmativamente e Leesha pegou num cesto contendo ferramentas de jardinagem e saiu para a horta. Enquanto percorriam o labirinto verde, Arlen ouviu as palavras trocadas por Darsy e Wonda no interior da cabana.

– O que não daria para ser uma abelha na horta agora – disse Darsy.

– Têm gente em número suficiente à sua volta, Darsy Lenhador – disse Wonda. – Espero não ouvir dizer que estiveram juntos na horta da próxima vez que for ao povoado.

– Estás a ameaçar-me, rapariga? – perguntou Darsy, erguendo a voz e perdendo a paciência.

– Sim – replicou Wonda, com voz neutra. – E será melhor que me dê ouvidos.

Arlen sorriu. Darsy obrigaria outra pessoa qualquer a engolir aquelas palavras. Mas nem Darsy era tola ao ponto de golpear Wonda Lenhador.

Leesha parou junto a um canteiro de raiz-porqueira, puxando por uma ferramenta para extrair ervas daninhas.

– Juro que Darsy deveria ser uma lenhadora. É muito melhor a matar plantas do que a fazê-las crescer.

Arlen acenou afirmativamente.

– E também gosta tanto de espalhar boatos como qualquer pessoa no povoado. Wonda acaba de a obrigar a guardar silêncio acerca do nosso passeio com uma ameaça.

Leesha cheirou a riso.

– Adoro aquela rapariga. – Começou a escavar. – Suponho que a tua mulher não gostaria de saber que estiveste aqui.

– Disse-lhe onde vinha – disse Arlen. – Não quero começar o meu casamento com mentiras.

– Foi repentino – considerou Leesha.

Arlen encolheu os ombros.

– Foi uma noite estranha.

– Sim – concordou Leesha.

– Perdoa-me a forma como te tratei – disse Arlen. – Não tinha o direito de me enfurecer.

– Tinhas – disse Leesha. Arlen olhou-a, surpreso, e viu-a erguer uma colher de jardineiro cheia de terra fresca e rica, exalando um cheiro intenso a vida. – Não peço desculpa por nada nem digo que teria agido de forma diferente se pudesse voltar atrás. Mas, se o que dizes de Ahmann é verdade, tiveste o direito de ficar tão furioso como o Núcleo. Sinto muito. Nunca quis magoar-te.

– O que disse é verdade – assegurou Arlen.

– Eu sei – disse Leesha. – Não posso dizer que aprovo sempre as tuas escolhas, mas nunca conheci homem mais honesto que tu. – Encolheu os ombros. – Mesmo que isso valha pouco.

– Então ambos lamentamos, mas sem lamentar – disse Arlen.
– Para onde vamos a partir daqui?

– Para a discussão do que interessa, claro – disse Leesha. – A Lua Minguante está a dez auroras de distância. Tens um plano?

Arlen franziu a testa. *A Lua Minguante*. Como lhe chamavam os krasianos. Por algum motivo, aquilo irritou-o.

– Tenho muitos planos pequenos – disse Arlen. – Não sei o que os demónios farão. Preparar um plano grande dependeria de uma escolha ao acaso.

– De acordo – retorquiu Leesha. – São espertos. Talvez mais que nós.

– Sim, talvez – considerou Arlen –, mas olham-nos do alto e não compreendem os nossos hábitos tão bem como julgam. Algo me diz que tentarão esmagar-nos de imediato. Que atacam com uma horda suficiente para fazer tremer uma montanha, matando-me e a Jardir, fazendo dispersar os nossos exércitos e deixando o resto do mundo temeroso.

Leesha estremeceu.

– Achas que conseguirão fazê-lo?

Arlen encolheu os ombros.

– Talvez. – Ergueu um dedo. – Mas, se falharem, as pessoas ganharão coragem e começarão a juntar forças. Seremos mais fortes daqui a seis meses do que somos agora.

– Então respondemos ao ataque com tudo o que temos – disse Leesha.

Arlen acenou com a cabeça.

– E não estarão preparados para metade do que consigo fazer.

Leesha passeou pelo povoado mais tarde nesse dia, encontrando-se com velhos amigos e pacientes, perguntando pela sua saúde. Era como Darsy dissera. Arlen esvaziara o hospício até dos ferimentos e doenças menos graves, fazendo todos os outeiros regressarem ao trabalho, onde eram mais necessários.

Mas as Herbanárias mantinham-se ocupadas, recrutando todos os homens e mulheres capazes de usar uma agulha para

fazerem faixas para a cabeça e bordar versões aceitáveis das Capas de Invisibilidade.

Encontrou-se com o conselho do povoado, apesar de o seu poder se ter tornado maioritariamente simbólico e com pouco poder real. Thamos nomeara magistrados e cobradores de impostos que, estranhamente, respondiam perante Gared.

Abanou a cabeça. Gared Lenhador, barão do Outeiro do Lenhador, capital do Condado do Outeiro. Precisaria de bastante tempo para se habituar àquilo.

O resto do povoado parecia inchado de orgulho pela nomeação. O Outeiro nunca tivera um senhor próprio e depressa esqueceram que Gared fora o rufia do povoado apenas alguns anos antes. Fora popular em criança, bonito e forte como um touro. Foi prometido a Leesha Papel, cujo pai transformava papel em ouro. Mas, depois da separação, a sua reputação ficara tão arruinada como a sua, pois Bruna obrigara-o a confessar publicamente que mentira quando dissera que se tinha deitado com ela.

Sem noiva e sem o apreço do povoado, Gared tentara impor respeito pela força, com sucesso incerto. Ninguém era suficientemente tolo para o irritar e acabavam por evitá-lo.

Tudo isso mudou com a Batalha do Outeiro do Libertador. Gared acabara de perder o pai e todos concordaram que Steave fora sempre uma má influência para o rapaz. O caso de Steave com Elona era de conhecimento comum. Mas Gared emergira da batalha como herói e arriscara a vida todas as noites desde então, mantendo a segurança do povoado. Fora fácil esquecer o seu passado. Muitos Lenhadores tinham encontrado o seu chamamento da mesma forma e todo o povoado se unira, perdoando as falhas uns dos outros na sua necessidade de sobreviver à noite.

Leesha nem sequer podia dizer que Gared seria um mau senhor. O conde impedi-lo-ia de abusar do poder e parecia satisfeito com a delegação da responsabilidade e com a concentração na liderança dos Lenhadores. Se Arlen estivesse

certo e o povo precisasse de ser inspirado por heróis reais, Gared encaixava perfeitamente na descrição.

Mas voltou a recordar a imagem dele com a sua mãe e abanou a cabeça, tentando livrar-se dela.

Era como se nada conseguisse fazê-la esquecer aquilo.

Como prometido, a carruagem de Thamos veio buscá-la ao anoitecer. Leesha estava no hospício e muitos a viram entrar. Trocaram-se sussurros e Leesha podia apenas imaginar o que diriam. Seria troça ou esperariam outro casamento grandioso em breve?

Conhecendo o Outeiro, talvez seja uma mistura das duas coisas. Leesha resignou-se e recostou-se no interior da carruagem luxuosa. As coisas piorariam quando a barriga lhe começasse a inchar e seria melhor que acreditassem que o pai da criança era Thamos.

A nova fortaleza do conde era impressionante, tinha de o admitir. Apenas um esqueleto do que seria se os nuclitas ou os krasianos não a destruíssem antes, mas constituía-se já como uma posição defensiva forte, construída sobre terreno elevado e com uma paliçada temporária de estacas afiadas para proteger os trabalhadores que abriam os alicerces e içavam pedra para construir uma muralha mais permanente.

Leesha foi recebida no pátio por Lorde Arther, que a escoltou além de pavilhões montados para albergar trabalhadores, criados e soldados. O centro da fortaleza era um labirinto esquelético, mas Arther conduziu-a até uma pequena secção habitável onde se situavam os aposentos pessoais de Thamos e que se tornariam quartos de hóspedes logo que os aposentos oficiais do conde estivessem terminados.

Mesmo assim, a sala de jantar estava ricamente decorada, como caberia a um príncipe de Angiers. Thamos aguardava no extremo de uma mesa longa, conversando com o capitão Gamon, mas, assim que Leesha chegou, os dois homens ergueram-se e o capitão curvou-se profundamente.

– Um prazer voltar a ver-te, mestra Papel. Com a tua licença.
– Gamon saiu pela porta assim que Leesha lhe acenou com a

cabeça.

Thamos puxou-lhe a cadeira pessoalmente enquanto uma criada lhe enchia os copos de vinho. Dispensou a mulher com um gesto e fê-la sair.

– Enfim, sós – disse o conde. – Passei o dia a pensar em ti.

– Tu e o povoado inteiro – disse Leesha. – O teu cocheiro contou histórias a metade do Outeiro depois de nos deixar ontem à noite.

O conde arqueou uma sobancelha.

– Queres que mande cortar-lhe a língua?

Leesha arregalou os olhos e Thamos riu-se.

– Uma piada! – Ergueu as mãos para aplacá-la. – Apesar de merecer castigo.

– Que te ocorre? – perguntou Leesha.

– Uma semana a abrir fossas de latrina sem pagamento fá-lo-ia pensar nos seus atos – disse Thamos. – Não posso tolerar línguas de trapo entre os meus servos. – Piscou o olho. – Pelo menos, quando isso não se adequar aos meus desígnios.

– E isto não se adequa aos teus desígnios? – perguntou Leesha. – Não me passearias na tua carruagem e não me ofereceria um título se não acreditasses que o casamento comigo te traria vantagens no Outeiro.

– Cortejar-te devidamente traz-me vantagens – concordou Thamos. – Deitar-me contigo como se fosses uma rameira de taberna não. – Abanou a cabeça. – Quase consigo ouvir o que a minha mãe dirá quando descobrir.

– Não vejo qualquer motivo para que descubra – disse Leesha.

Thamos riu-se.

– Não te iludas. A minha mãe tem mais espiões no Outeiro do que os que conseguirias contar.

– Que poderemos fazer a esse respeito? – perguntou Leesha.

Thamos ergueu o copo.

– Aceitas a posição como Herbanária Real e trabalhamos em conjunto para benefício do Condado do Outeiro. Entretanto, convido-te para jantares, envio-te flores e cubro-te com

presentes caros enquanto te entretenho com a minha conversa animada e disposição aprazível. Depois disso... veremos.

– E esperas que estes jantares terminem no teu quarto? – perguntou Leesha.

Thamos sorriu.

– Recordo-te, mestra Papel, que foste tu quem se aproveitou de mim na noite passada.

Leesha aproximou o seu copo do dele, fazendo-o tilintar.

– É verdade.

Gared supervisionava a formação dos Lenhadores no Cemitério dos Nuclitas quando Arlen se aproximou dele.

– Boa noite, barão – disse-lhe.

Gared olhou-o, com o embaraço bem presente na sua aura.

– Não me parece bem que me chames isso, senhor.

– General? – perguntou Arlen, sorrindo.

– Noite. Acho que será ainda pior – respondeu Gared.

– Não é pior do que chamares-me «senhor» – disse-lhe Arlen.

– Acho que a nossa diferença de idades será de meia década. E se deixássemos as formalidades? Chamo-te Gared e tu chamas-me Arlen.

O embaraço transformou-se em receio. Gared estendeu-lhe a mão, mas Arlen pousou-lhe a mão no ombro.

– Tens demónios de um lado e nuclitas do outro, Gar. Ou sou gente comum e não sou bom de mais para não me tratarem pelo nome ou sou o maldito Libertador e terás de me obedecer.

Gared esfregou a nuca.

– Suponho que não terei escolha, quando pões as coisas nesses termos.

– Arlen – disse Arlen.

– Arlen – repetiu Gared.

Arlen aplicou-lhe uma palmada no ombro.

– Não te queimou a língua, pois não? Caminha comigo. Tenho uma coisa para te mostrar.

Gared acenou afirmativamente e dirigiram-se para um local resguardado onde Renna aguardava com Derrocada. Segurava com força as rédeas grossas de couro entrançado do garanhão,

apesar de este parecer ter desistido finalmente de resistir. Precisara de muito tempo e de várias rédeas partidas, mas Derrocada acabara por aceitar que Renna, que tinha um décimo do seu peso, era suficientemente forte para o imobilizar.

Gared parou ao ver o magnífico animal, emitindo um assobio baixo.

– É maior que o Dançarino do Ocaso.

– O Derrocada é o pai do Dançarino – disse Arlen. – O único cavalo que alguma vez vi com tamanho para ti, Gared Lenhador, e não me parece que haja mais alguém suficientemente forte para o domar. Os Lenhadores conseguiram enfiar-lhe uma sela, mas nenhum conseguiu montá-lo.

– Não deixes que Arlen te assuste – disse-lhe Renna, passando as rédeas a Gared. – O Derrocada é um doce de criatura. Só precisa que o compreendas.

– Sim? – perguntou Gared. Ergueu a mão para acariciar o pescoço do cavalo, mas Derrocada voltou para ele um olhar feroz e fê-lo mudar de ideias.

– Sim – disse Renna. – Esteve trancado atrás das guardas durante anos, mas nasceu para correr livre pela noite.

– Sei como é – disse Gared.

Renna acenou afirmativamente.

– Não o prendas dentro de paredes e não lhe toleres tolices e acabará por ser teu amigo. E, com as guardas talhadas nos cascos, esmagará o crânio de qualquer demónio que te olhe da forma errada.

– Isso agrada-me. – Gared olhou Derrocada nos olhos. O cavalo tentou afastar-se, mas, apesar de Gared não ser tão forte como Renna, continuava a ser o homem mais forte que Arlen alguma vez conhecera. O seu braço grosso fletiu-se e as rédeas estalaram, mas a cabeça de Derrocada não se moveu enquanto Gared lhe pousava uma mão no pescoço. Após um momento, o cavalo voltou a descontrair.

– Não mereço isto – disse Gared.

– Não te cabe decidir o que as pessoas te oferecem – disse Arlen. – Mereceste este cavalo mais de dez vezes.

– Não me referia só ao cavalo – disse Gared. – Não mereço nada disto. O conde fazer de mim um oficial! A mim! Ao miserável Gared Lenhador. – Abanou a cabeça. – É como se estivesse prestes a ser apanhado numa mentira e forçado a voltar a cortar árvores. Preciso que me digas o que queres que faça.

– Quero que sejas homem e penses pela tua cabeça – disse-lhe Arlen. – Gostes ou não, és o barão do Outeiro do Lenhador. A tua tarefa será zelar em primeiro lugar pela tua gente e obedecer ao conde logo a seguir. Se te ordenar alguma coisa que não te pareça certa, segues a tua consciência.

– Não quero essa responsabilidade toda – disse Gared. – Não sou esperto nem nada que se pareça. E a minha consciência costuma meter-me em sarilhos.

– Não precisas de ser esperto para distinguir o que está certo do que está errado – disse Arlen. – E sei bem como é ter responsabilidades indesejadas. Mas a vida não é justa, Gared Lenhador. Não terás sempre alguém por perto para te dizer o que deves fazer.



VINTE E DOIS

LUA NOVA

333 DR Outono Primeira Noite da Lua Nova

A LUA NOVA DEIXAVA a entrada da caverna escura como breu. Era pouco mais que uma fissura, uma ferida aberta numa saliência rochosa sobre uma colina esquecida. O espaço no interior era estreito, mas prolongava-se sem fim, conduzindo a um labirinto interminável de fissuras e túneis, alguns apertados, outros abrindo-se para cavernas gigantescas, conduzindo ao Núcleo do mundo. Nem a luz das estrelas chegava ali e a escuridão era verdadeira.

Dessa escuridão, surgiu algo ainda mais negro, uma corrupção além da ausência de luz. Fluiu como tinta, cobrindo o chão da caverna com negrume oleoso e jorrando para a noite. Aí, junto à colina, formas ergueram-se da mancha, crescendo enquanto alastravam, solidificando num aglomerado de seis árvores erguendo-se diante da entrada da caverna como dentes.

Uma grande estalagmite formou-se no centro da caverna, solidificando num enorme demónio mimético. Fileira sobre fileira de dentes formou-se sobre os maxilares colossais e os seus membros terminavam em grandes garras. O resto do seu corpo, afiado em algumas partes, suave noutras, fluía como os anéis de uma serpente, sem nunca serenar.

O nuclita estudou a área atentamente antes de deslizar para se posicionar no fundo da caverna. Aí, montou guarda enquanto o Consorte Real se formava.

Era pequeno e curvado como se sucumbisse ao peso da imensa cabeça sobre o corpo pequeno e esguio. Os seus chifres eram vestigiais e pulsavam com pequenas saliências que trepavam pela pele de carvão que lhe cobria o crânio. As unhas e os dentes eram afiados, mas pareciam-se mais com agulhas do que com as enormes lâminas do mimético.

Não que o consorte precisasse de tais apetrechos. Os corpos e os sentidos dos seus miméticos eram meras extensões dos seus. Via através dos seus olhos e matava com as suas garras, saboreando o ar da superfície através das suas narinas. Era frio e sensaborão, quase desprovido de magia, queimado em cada ciclo pela odiada estrela diurna. Na corte, o ar era quente, denso e pesado com a magia irradiada pelo Núcleo e cada inspiração era deliciosa e transbordava de poder.

Instintivamente, o demónio canalizou magia da fissura, uma nascente de poder que conduzia diretamente à origem. Preencheu-se com ela, enchendo-se de poder, e moveu-se para a abertura da caverna. Semicerrou os olhos com a luz ténue das estrelas, sentindo uma ligeira diminuição da sua energia, como uma brisa suave roubando o calor superficial.

A caverna situava-se nas colinas rochosas e permitia ampla vista da superfície. A sudoeste e nordeste, os humanos amontoavam-se, com os seus viveiros apinhados enquanto se deleitavam com a sua nova força. Mesmo a muitos quilómetros de distância, o consorte conseguia sentir a magia que aglomeravam. Precisava de um esforço mínimo para penetrar a

consciência rudimentar dos obreiros do vento que sobrevoavam essas áreas e recolher mais informação.

Os resultados eram impressionantes. Os humanos costumavam precisar de milênios para reunir aquele tipo de força, sobretudo com os obreiros reduzindo-lhes os números por diversão. Tudo aquilo em pouco mais que uma rotação.

Considerara os primeiros relatórios, retirados das memórias menos que fiáveis dos obreiros, como nada mais do que anomalias, enviando dois príncipes menores para lidarem com o assunto. As informações resultantes tinham sido perturbadoras. Humanos de três dos viveiros locais tinham recuperado tanto as guardas de combate como a determinação, duas coisas que acreditavam ter esmagado sem remédio. Com o fortalecimento dos seus obreiros, as mentes humanas começavam a moldar-se. A Rainha não tinha qualquer desejo de extinguir os humanos (de que se alimentariam as suas mentes se acontecesse?), mas também não podia tolerar aquela insurgência.

Mas os príncipes, ávidos pelas boas graças do consorte e da Rainha, tinham-lhe assegurado que não lhes seria difícil matarem as mentes revoltosas e dispersarem os seus exércitos antes que a sua corrupção pudesse alastrar aos outros viveiros. O seu último relatório indicava que preparavam um ataque.

E, a seguir, nada mais.

Toda a corte de mentes aguardara o seu regresso, mas houve apenas silêncio e a perceção crescente do impensável. Tornou-se óbvio que tinham falado, mas isso não seria desgraça suficiente para impedir que regressassem. Não quando o Núcleo reconstituísse o seu poder e substituísse os seus obreiros, permitindo que regressassem ainda mais fortes. A resposta foi muito mais sinistra.

Não tinham apenas falhado. Tinham sido destruídos.

Os príncipes eram jovens, fracos pelos padrões dos seus irmãos, mas, mesmo assim, eram astuciosos e cautelosos, em completo controlo da sua magia, enquanto os humanos brincavam como ela como crias traçando as suas primeiras

guardas. Como era possível que tivessem sido completamente derrotados?

A Rainha enraivecera-se quando a verdade se tornou clara. Todos os príncipes, dos mais débeis aos mais fortes, eram para ela pares potenciais e considerava-os preciosos, sobretudo naquele momento. A sua fúria e a incoerência com que a expressou tornaram claro algo que os seus semelhantes já sabiam há algum tempo: que estava próxima da postura e que, em breve, toda a corte seria dilacerada enquanto os príncipes lutassem pelo direito de fertilizar os seus ovos.

O consorte odiava a superfície e odiava mais ainda ter de subir até ali naquele momento. Podia estar na corte, servindo a Rainha e mantendo os seus rivais à distância. Em vez de estar ali, lidando com gado que se esquecera de que era comida. Mas a Rainha exigira que viesse pessoalmente e, apesar de a sua mente estar confusa naquele ponto adiantado do seu ciclo, continuava suficientemente poderosa para forçar qualquer demónio suficientemente tolo para não lhe obedecer. Se não preferisse matá-lo com um golpe banal das garras. Pertencia à Rainha por completo e odiava-a por isso.

Ampliou a mente, procurando as mentes dos outros príncipes nuclitas que se tinham erguido na noite sem lua, a muitos quilómetros de distância. Três para norte e três para sul. O consorte persuadira a Rainha a enviar também os seus maiores rivais à superfície, submetidos à sua autoridade enquanto esmagava a rebelião.

Era um risco. Quanto mais os príncipes se afastassem da Rainha, menor seria o seu poder sobre eles. A cada hora que passava, teriam mais liberdade para desobedecer às suas ordens e às ordens do consorte. O combate torná-los-ia mais fortes e experientes e, durante a batalha, poderiam aproveitar a oportunidade para se atacarem mutuamente. Devorar a mente de um rival podia duplicar o poder de um príncipe, talvez o suficiente para lhe permitir arrojo suficiente para atacar o consorte. Podiam mesmo atacar em uníssono. Poucas coisas conseguiriam levar os príncipes nuclitas mais poderosos a unir

esforços, muito menos a conspirar para matar um dos seus, mas derrubar um consorte com o acasalamento tão próximo era uma dessas coisas. O consorte era mais forte que qualquer um deles, mas não era mais forte que todos eles juntos.

Apesar de todos os riscos, era melhor retirá-los da corte por completo. A Rainha estava inchada com ovos e, a qualquer momento, podia iniciar a postura, motivando-lhes um frenesim para serem os primeiros a chegar a seu lado.

Era por aquela razão que o consorte tinha escolhido a caverna como ponto de partida da batalha. Sendo o caminho mais direto para o Núcleo em milhares de quilômetros, conseguia canalizar poder suficiente para repelir qualquer ataque e levar prisioneiros para a sua provisão privativa. Ouviria o chamamento da Rainha antes dos outros à superfície e conseguiria ser o primeiro a regressar à corte.

Não seria o primeiro a chegar a seu lado, mas a Rainha não escolheria imediatamente e o consorte enfrentara desafidores antes. Era velho, mais velho do que quase todos os outros combinados, e a magia nas suas veias era ainda mais velha. Alimentara-se de muitas mentes, em primeiro lugar do seu pai, dos seus tios e irmãos, seguindo-se os seus filhos e netos com posturas posteriores. Tinha astúcia à altura do seu poder e milhares de anos de experiência.

Fechou os olhos, com o crânio palpitando enquanto tocava as mentes dos seus generais. Estavam ainda menos agradados, isolados da magia do Núcleo, limitados no que conseguiriam armazenar e canalizar pelos canais à superfície e a partir dos seus subordinados. Seria suficiente para enfrentar quase qualquer inimigo à superfície, mas não sem se tornarem vulneráveis aos seus semelhantes. Todos se mostravam apreensivos enquanto uniam os seus pensamentos superficiais aos do consorte.

Transmitiu-lhes as percepções dos obreiros do vento espíões e, imediatamente, informações recolhidas pelos outros começaram a inundar-lhe a mente, reforçando os resultados do

reconhecimento dos seus obreiros. Campos de batalha foram prontamente escolhidos e os preparativos executados.

O consorte retirou-se das suas mentes, permitindo que os generais se ocupassem dos pormenores. Um fluxo contínuo de informação acompanhou os seus esforços. O próprio ar zumbia com a energia.

Voltou a concentrar-se na terra à sua frente, espreitando da sua caverna segura. Quantos séculos tinham passado desde a última vez que sentira necessidade de visitar a superfície? Inalou o seu fedor pelas narinas e captou um cheiro que lhe humedeceu os dentes.

Humanos.

Precisou apenas de um momento para conseguir localizá-los, sem sequer precisar de recorrer aos obreiros. O pequeno povoado, distante dos caminhos mais percorridos, conseguira esconder-se bem da carnificina resultante de qualquer unificação, mas, apesar da força das suas guardas protetoras, não havia guardas da mente. Conseguiria penetrar a consciência dos locais tão facilmente como um mimético conseguiria assumir a sua forma.

Com uma palpitação mental irresistível, todos os machos, fêmeas e crias no povoado pararam o que estavam a fazer e reuniram rapidamente o alimento e água que conseguiriam transportar, passando além da proteção das guardas, juntando-se aos outros enquanto obedeciam silenciosamente ao chamamento do demónio.

O caminho que percorreram estava repleto de obreiros, atraídos pela presença do consorte como a magia era atraída por uma guarda, mas os humanos marcharam sem serem incomodados através da floresta densa e pela colina alta acima. Não tardaram a reunir-se diante da entrada da caverna, fitando com olhos vazios.

Bastaria identificar o líder, apesar de não ser uma mente. Sem resistência, cambaleou para o seu fim. Um dos miméticos segurou-o, fazendo crescer uma garra curva para cortar o

pescoço do humano, deixando o resto do corpo cair. Avançou, abrindo o crânio para o oferecer ao seu mestre.

O consorte introduziu as garras delicadas no crânio, retirando a carne doce e levando-a à boca. Era dura e preenchida com as necessidades e desejos inúteis da sua raça, traços há muito expurgados da provisão privativa. Esquecera o sabor diferente do gado da superfície e saboreou cada pensamento e emoção da vida do homem enquanto lambia o fluido pegajoso dos dentes.

Olhou os outros humanos, mais de duzentos, e sentiu um prazer repentino. O que pagariam os seus semelhantes na corte por um paladar da superfície?

O crânio pulsou-lhe enquanto pressionou mais a sua vontade nas mentes dos humanos, transmitindo-lhes instruções precisas. Um a um, ergueram os seus fardos e dirigiram-se para a fissura no fundo da caverna. Enquanto passavam, marcou-os com o seu cheiro para que nenhuma criatura, demónio ou não, se atrevesse a incomodá-los na longa marcha até ao Núcleo.

A tarde aproximava-se do fim no último dia antes da Lua Nova enquanto Leesha observava o armeiro real de Araine ocupando-se da última prova de Wonda.

Leesha perdera muitas noites de sono a trabalhar na armadura, reforçando as poderosas guardas de defesa com guardas de força, velocidade e confusão. Quando se mantivesse imóvel, os olhos dos nuclitas seriam repelidos pela sua presença da mesma forma que os olhos dos homens eram repelidos pela face de uma mulher quando o seu decote era amplo. A armadura canalizaria magia ambiente além de canalizar também a magia dos nuclitas que a atacassem e as lascas de osso de demónio que colocara no material funcionariam como baterias quando outras fontes de poder não fossem acessíveis.

Energizara o arco de Wonda da mesma forma, bem como as manoplas de Gared, seu machado e a sua faca de mato. Independentemente do que sentisse por ele, Gared estaria na linha da frente dos combates daquela noite e não sentia qualquer dúvida quanto ao seu lado no conflito. Conseguiria

esmagar diamantes com os punhos e as suas armas já formidáveis cortariam como nunca.

Mas, para todas aquelas guardas, usara apenas os ossos de demónios da madeira comuns. O braço seco e o fragmento de chifre do demónio da mente foram mantidos a salvo, usando apenas as garras minúsculas (pouco maiores que as unhas cuidadas de uma aristocrata) para energizar as guardas nos elmos. Nenhum príncipe nuclita conseguiria entrar-lhes na cabeça como lhe tinha acontecido. A memória fê-la estremecer.

– Verdadeiramente magnífica – disse Thamos, entrando na sala de provas. – Os meus Soldados de Madeira rangerão os dentes de inveja.

Wonda corou, baixando a vista como sempre fazia quando via o belo conde. Wonda nunca se afastava muito de Leesha e conhecia todos os seus segredos, incluindo as noites passadas com o conde. Mas, mais do que isso, era uma rapariga pouco habituada ao tipo de atenção masculina que Thamos dedicava a todas as mulheres que se erguessem à sua frente, independentemente da sua idade ou beleza.

Faz-te sentir que és a única presente, pensou Leesha, olhando-o e suprimindo também um sorriso tímido.

– Obrigada, Alteza. – Wonda tentou curvar-se, mas o armeiro puxou-a com força para que se endireitasse.

– Quieta – gemeu.

Wonda corou ainda mais, mas Thamos fingiu não notar.

– Dizem-me que espere que a nossa mestra seja ainda mais arrojada durante a noite do que Darsy Lenhador.

– Mantê-la-ei segura – prometeu Wonda.

– Não tenho dúvidas. – Thamos sorriu, mas Leesha percebeu-lhe a tensão nos lábios. Tinha dúvidas e discutira-as longamente com Leesha em privado. Moveu os olhos para um recanto privado e acompanhou-o para conversar sem ouvidos alheios por perto.

– Gostava que reconsiderasses – disse-lhe. – Mantém-te a meu lado na batalha. Os meus Soldados de Madeira...

– Formariam um anel à minha volta com cinco homens de espessura e impedir-me-iam de fazer o meu trabalho – disse Leesha. – Tal como tu, precisam de se concentrar nos demónios e não na minha proteção. – Sorriu. – Wonda e eu fazemos isto há muito mais tempo.

A expressão de Thamos azedou, mas não podia discordar.

– Não é apenas com os demónios que me preocupo. Os meus espiões informam-me de que, desde a nossa... desde a noite do casamento, muitos krasianos têm resmungado a teu respeito e proferido ameaças.

– Isso lembra-me uma coisa – disse Leesha. – As armas deverão ser devolvidas aos Sharum quando se apresentarem na formação para o combate desta noite.

– O quê?! – exclamou Thamos. – Não ouviste o que acabo de...

– É irrelevante – disse Leesha. – Precisamos de todos os guerreiros capazes prontos para lutar esta noite e os Sharum já provaram poder matar com ou sem as armas. A sua religião proíbe que ataquem alguém durante a Lua Minguante. Apenas os demónios precisarão de os recear. Quando a lua voltar a crescer, tornarão a cedê-las.

– Proíbo-o – disse Thamos.

Leesha sorriu.

– Já foi feito, Alteza. Nenhum outeiroiro te apoiará se tentares voltar a desarmá-los.

Thamos abanou a cabeça, rindo.

– És uma mulher impossível, Leesha Papel.

– De certeza que não preferirias uma das senhoras insípidas da corte como tua condessa? – perguntou Leesha.

O sorriso predatório de Thamos regressou.

– Nem pensar.

Roger observava enquanto Hary Rebolador erguia a batuta, alongando a nota final. Os Jograis e aprendizes tinham ensaiado a *Canção da Lua Nova* quase sem parar desde que haviam recuperado do casamento de Arlen e de Renna. Se o desempenho de Roger na celebração não tivesse sido impulso

suficiente, a sua demonstração fora da grande guarda na noite seguinte fora-o sem qualquer dúvida.

A maioria dos músicos ainda não estava preparada. Hary revelara ser um professor notável, aprendendo a canção rapidamente e esforçando-se incansavelmente para a transmitir, mas apenas os Jograis mais dotados conseguiram interiorizar os arranjos mais complexos no tempo de que dispunham.

Tinham testado as suas capacidades na noite anterior com resultados variados. Muitos Jograis conseguiam afetar os demónios tanto como Rojer fizera outrora, hipnotizando-os, fazendo-os dançar ou seguirem-nos, fazendo-os fugir ou atacar. Conseguiam até caminhar pela noite sem incómodo, desde que mantivessem a melodia.

Mas não conseguiam improvisar nem ferir os demónios como Rojer fazia, acompanhado por Amanvah e Sikvah.

Algum desse poder residia no volume que o trio conseguia produzir com a magia dos seus hora, mas Rojer ouvia na música dos outros Jograis que, por mais sonora que se tornasse, um demónio recuperaria imediatamente assim que o som parasse. Apenas Kendall parecia ter algo que se aproximasse minimamente do talento necessário e até ela tinha um longo caminho a percorrer.

Hary fechou um punho e os músicos terminaram em perfeita sincronia. Seguiu-se a desordem. Alguns começaram a falar com os seus companheiros, a afinar instrumentos ou a guardá-los nos estojos. Hary aproximou-se do local onde Rojer se sentava.

– Soaram bem, não?

Rojer acenou afirmativamente.

– Suficientemente bem para quem tem menos de duas semanas de prática. Espero que seja suficiente.

Hary grunhiu.

– Um conselho, Rojer. Se quiseres ser professor, uma palmada nas costas encoraja mais do que um aceno carrancudo.

Não de acordo com Arrick, pensou Rojer, mas sorriu e acenou aos músicos que descansavam.

– Muito bem! Estiquem as pernas. A noite será longa.

Voltou-se novamente para Hary.

– Desculpa. Todos estão nervosos hoje.

– Esta Lua Nova será assim tão má? – perguntou Hary. – Passei por muitas sem sequer pensar duas vezes. Até passei algumas na estrada, quando construía reputação nos povoados.

Roger encolheu os ombros.

– Poderá ser uma grande produção para uma sala vazia – admitiu. – Noite... Espero que seja. Mas, se o que Leesha e o Homem Pintado dizem for verdade e os demónios espertos que mataram tiverem família que virá à sua procura esta noite, precisaremos de toda a ajuda possível. – Puxou o capuz da capa guardada. Leesha bordara-o com guardas mentais, mas desenhara uma na testa com maquilhagem de Jogral, mesmo assim, e os outros Jograis tinham-no imitado.

– Esta tua canção é capaz de muita coisa – assegurou Hary. – Desiludes-te por não conseguirmos destruir demónios da rocha com ela, mas já conseguimos proteger-nos e a outros, para não referir a possibilidade de permitirmos uma vantagem importante aos guerreiros.

Roger abanou a cabeça, sem abandonar o sorriso destinado aos músicos.

– Uma vantagem, talvez, mas não uma vantagem importante. Nenhum músico conseguirá manter os demónios hipnotizados depois de alguém lhes cravar um machado.

– Mesmo assim – insistiu Hary. – Não acredito que tenhas dado a canção sem pedir nada em troca.

– Que esperavas que fizesse? – perguntou Roger. – Que a guardasse como refém enquanto os meus amigos morriam?

Hary abanou a cabeça.

– Claro que não. Mas o conde ofereceu-te a posição de arauto real e isso é alguma coisa. Muitos homens matariam por esse lugar.

Muitos homens mataram por esse lugar, pensou Roger, olhando Hary. Os Jograis de Angiers sabiam ter maneiras quando havia aristocratas por perto e aceitavam as comissões que lhes eram oferecidas, mas as opiniões no salão da guilda

raramente eram leais ao trono de herá. Rhinebeck costumava ser odiado pelas suas leis e impostos.

– Ser arauto real não trouxe grande proveito ao meu mestre, se bem me lembro..

– Não foi Arrick quem impediu o duque de molhar o pincel por ter adormecido na cama da sua rameira preferida – recordou Hary. – Isso enfurecerá qualquer homem e muito mais um aristocrata. Tiveste sorte de não ter recebido o tratamento que lhe destinara a ela.

Roger manteve a máscara. Não o surpreendia que Hary conhecesse os pormenores da queda em desgraça de Arrick. Os Jograis eram mexeriqueiros famosos, sobretudo acerca uns dos outros.

– Poderias ter regateado como este Gared, mesmo que não quisesses a posição – prosseguiu Hary. – Recebeu um baronato e bastou-lhe pedi-lo. Um baronato! O ducado cresce, rapaz. Ouve o que te digo. E o Condado do Outeiro será o seu centro. Não queiras chegar tarde de mais.

– Sim – concordou Roger –, mas o que fez Angiers por mim? Rhinebeck desperdiçou um inchaço e livrou-se do meu mestre como se fosse lixo. Deixou-nos a um espetáculo de rua de distância de morrermos à fome. Quem poderá garantir que ele ou este novo conde não farão o mesmo comigo ou com Gared quando a luta chegar ao fim?

– Não gosto mais do duque que tu – disse Harry –, mas és jovem e talvez não conhecesses tão bem o teu mestre como gostas de pensar. Conhecia-o muito antes de nasceres e Arrick Doce Canção nunca foi homem para se preocupar com mais alguém além de si próprio. A bebida tornou-o desleixado e o orgulho pela posição que ocupava fê-lo olhar com desdém quem não tivesse nada a oferecer-lhe. O duque procurava apenas um pretexto para terminar o contrato quando te apanhou no bordel.

Roger abriu a boca, preparado para defender furiosamente o seu mestre, mas as palavras prenderam-se na sua garganta. Conhecia bem os defeitos de Arrick.

– Para ser sincero – disse Hary –, nenhum de nós compreendeu porque tomava conta de ti.

Rojer riu-se.

– Quando o público se afastava, nem tudo era canção e dança.

Hary concordou com um aceno.

– Sim, estou certo de que seria um verdadeiro nuclita quando estava com os copos, mas manteve-se a teu lado, mesmo quando teria sido melhor para a sua carreira abandonar-te. Lembras-te de Tom Violino se ter oferecido para te acolher?

– Arrick partiu-lhe o nariz – disse Rojer. Abanou a cabeça. – De qualquer forma, não queria ir com Tom. Dizia-se que revistava os bolsos dos seus aprendizes para assegurar que não escondiam klats, mas era sabido que apenas queria apalpá-los.

Hary voltou a acenar com a cabeça.

– Sim, mas Tom tinha contactos. Esse murro custou muito trabalho a Arrick. Como o que deste a Jasin Tom Dourado quando se riu da morte do teu mestre.

– Ouviste falar disso? – perguntou Rojer, deixando cair a máscara, chocado.

Hary riu-se.

– Se ouvi falar? Rapaz, não se falou de outra coisa no salão da guilda durante meses! Poderás não ter o sangue de Arrick, mas, de algumas formas, és-lhe idêntico.

– Não sei se deverei receber isso como elogio ou como insulto – disse Rojer. Esmurrar Jasin motivara a morte do seu patrono na guilda, o mestre Jaycob, e enviara Rojer para o hospício de Leesha, espancado até sentir o hálito da morte nos seus lábios. Conseguira salvá-lo, mas, quando aconteceu e em várias ocasiões posteriores, desejou que o tivesse deixado partir.

Hary encolheu os ombros.

– Não sei qual era a minha intenção quando o disse. – Piscou-lhe o olho. – Se estivesse no teu lugar, Arrick tentaria conseguir um condado próprio.

– Porquê ficar por aí? – perguntou Rojer. – Sou casado com a filha do demónio do deserto e melhor amigo do Libertador. O

meu primogénito deveria ser rei.

Hary fitou-o por um instante, tentando perceber se falava a sério. Por fim, começou a rir e Rojer juntou-se a ele. Era bom rir na face da morte e os dois homens sucumbiram às gargalhadas até sentirem dores nos flancos.

Quando terminaram, Rojer suspirou.

– Concentremo-nos em manter toda esta gente viva durante as próximas noites. Se conseguirmos fazê-lo, haverá outros vinte e sete dias para me preocupar com a recompensa adequada dos aristocratas.

Renna viu Arlen dirigir-se para a concha acústica dos Jograis. Passaram-se dias desde a última vez que dormira, mas continuava a rejeitar teimosamente os seus esforços para o convencer da necessidade. Até naquele dia, quando precisava de estar no seu melhor.

– Não descansarei enquanto houver trabalho para fazer – dissera-lhe. E percebeu pelo seu tom que não cederia. Arlen Fardos conseguia ser tão teimoso como uma mula.

Mas houvera realmente muito trabalho para fazer e, com menos de uma hora para o anoitecer e graças a ele, em grande parte, todo o trabalho estava feito. Ou tão feito como poderia estar. A rede de grandes guardas era fraca nalguns pontos, mas estava ativada e intacta, com cada guarda distribuindo poder para as restantes. Nenhum nuclita, nem mesmo um demónio da mente, conseguiria entrar no Condado do Outeiro ou sobrevoá-lo a menos de um quilómetro.

Um burburinho alastrou enquanto Arlen se posicionava no centro do palco. Não estavam presentes todos os habitantes do Outeiro. A maioria ocupava já os seus lugares, protegendo trabalhadores que erigiam fortificações para fortalecer as secções mais débeis das grandes guardas até ao anoitecer e mais além. Mas os líderes estavam ali, aguardando as palavras derradeiras de Arlen.

Lenhadores, experientes e novatos, erguiam-se em sentido. Eram sobretudo os homens de braços grossos que surgiam com tanta abundância no Outeiro, mas havia muitos com feições que

faziam pensar em sítios longínquos. Havia também centenas de mulheres, muitas vestindo calças largas e coletes semelhantes às vestimentas que Wonda envergava sob a armadura. A maior parte empunhava arcos e acariciava as penas das suas flechas guardadas como poderiam acariciar um amante. Todas envergavam faixas na cabeça pintadas com guardas mentais.

De costas direitas, os Soldados de Madeira montavam os seus cavalos velozes. As lanças longas tinham sido equipadas com punhos especiais que lhes permitiam usá-las em carga. Lanças mais curtas pendiam de correias facilmente alcançáveis. O conde Thamos, resplandecente na sua armadura esmaltada, erguia-se sobre eles no seu cavalo pesado com arreios de vidro guardado sobre madeira talhada.

Os Sharum de Kaval, novamente armados com lança e escudo, erguiam-se num quadrado rígido. Renna olhou-os, quase esperando problemas, mas pareciam os mais disciplinados de todos.

Um ajuntamento de Herbanárias, reconhecíveis pelos seus aventais com bolsos, rodeava Leesha de um lado e os Jograis erguiam-se junto de Rojer e de Hary Rebolador do outro. Até o Inquisidor Hayes e os seus acólitos aguardavam as palavras em silêncio.

– Fizemos um bom trabalho este mês, preparando-nos para os demónios. – Mesmo sem magia, a voz de Arlen era ouvida com clareza a grande distância. Ouviram-se aplausos e gritos de júbilo e esperou que terminassem antes de continuar, com expressão severa. – Mas não vos minto. Os demónios sabem que ficamos mais fortes e erguer-se-ão nesta noite em números como nunca sonharam, determinados a devolver-nos à lama. Pior ainda, lutarão com inteligência, atacando onde formos mais fracos e onde puderem provocar maiores estragos. Todos vocês – olhou os krasianos de forma eloquente – verão nesta noite um combate como nunca antes viram. – Moveu o olhar sobre a multidão, parecendo fitar cada um dos presentes em simultâneo. – E, nesta noite, não poderão esperar que vos salve.

Aquilo provocou um murmúrio chocado e Arlen deixou-o alongar-se por um momento antes de continuar.

– Podemos matar todos os demónios que quisermos, mas, enquanto as suas mentes estiverem vivas, será como combater gotas de chuva. Caçarei demónios da mente, nesta noite, e nem sempre terei tempo para combates menores.

A sua voz endureceu e os seus olhos brilharam intensamente.

– Mas, se confiar em alguém no mundo para cuidar de si próprio, confio na gente do Condado do Outeiro. Posso contar convosco?

A multidão irrompeu num rugido de armas erguidas.

– Não te desiludiremos!

– Não te preocupes connosco. Quando voltares, continuaremos a rachar demónios da madeira!

Arlen ergueu um punho e todos voltaram a silenciar-se, apesar de a energia no ar ser densa.

– Tive a honra de me erguer com muitos de vós neste mesmo local, derramando o nosso sangue e uma boa quantidade de sangue de demónio sobre as pedras que pisam. Perdemos gente boa e muitos sofreram ferimentos que mantêm até hoje. Mas matámos mais do que morremos, vencemos os demónios e vimo-los arder quando o sol nasceu. – Voltou a olhar os krasianos. – Em Krasia, isso torna este solo sagrado e torna-nos todos membros da mesma família.

Viram-se acenos de concordância entre a multidão e ouviram-se murmúrios afirmativos, apesar de ninguém se atrever a erguer a voz, presos às palavras de Arlen.

– Durante mais de trezentos anos, esperámos a vinda do Libertador para nos salvar dos demónios. E, enquanto esperámos, esquecemos que cada um de nós era forte. Suficientemente forte para que, juntos, nada consiga travar-nos. Mas os Libertadores de outros tempos não o fizeram sozinhos. É verdade que lhes é atribuído o mérito, mas não teriam tido qualquer hipótese sem os milhares, milhões de pessoas valorosas como vocês que se ergueram a seu lado. É por isso que se erguerão pelos vossos nesta noite. Com orgulho. E, na

Lua Cheia, quando o Condado do Outeiro continuar de pé e orgulhoso, se alguém vos perguntar quem é o Libertador, serão sinceros se responderem: «Sou eu.»

A multidão voltou a manifestar-se, gritando «Libertadores!» uma e outra vez. Os krasianos não se juntaram a eles, mas bateram com as lanças contra os escudos para aumentar o ruído e pareceram não ficar indiferentes às palavras. Tinham sido escolhidas com cuidado para evitar afirmações de que Arlen era o Libertador e de que Jardir não o era. O momento não se prestava a divisões.

Arlen deixou a energia fluir pela multidão, repelindo os seus medos. A seguir, ergueu as mãos até obter silêncio.

– Não sei de onde os ataques virão. Suspeito que virão dos povoados exteriores, mas é difícil dizer. É por isso que nos erguemos aqui. O Outeiro do Lenhador é o centro da rede e conseguiremos avançar prontamente para ajudar quem precisar. Os demónios não tardarão a erguer-se, mas as mentes virão apenas mais tarde, quando a escuridão for completa. Por agora, mantenham as vossas armas preparadas e mostrem-se atentos aos vossos comandantes. Preparem-se para a guerra.

Com aquilo, saltou do palco com ligeireza e juntou-se a Renna.

– Caçar demónios da mente? – perguntou-lhe esta.

– Tantos quanto conseguir – disse Arlen. – O que disse aos Lenhadores aplica-se também a ti, Ren. Não poderei conter-me esta noite. Não te deixo para trás por achar que não tens o que é necessário, mas, quando a noite chegar, terei de ir para onde sou preciso e terei de o fazer depressa. Talvez mais depressa do que conseguirias acompanhar-me.

As palavras magoaram Renna, recordando-lhe o aviso que Arlen lhe fizera quando partiram do Ribeiro de Tibbet. *Ou consegues acompanhar-me ou deixo-te para trás no próximo povoado.* Palavras duras, mas Renna esforçara-se e sacrificara muita coisa para conseguir acompanhá-lo. Mesmo assim, não era suficiente. Arlen conseguia desmaterializar-se e penetrar no solo da grande guarda, viajando até qualquer ponto no

Condado do Outeiro no tempo necessário para inspirar fundo e voltar a expirar.

– Conseguiria acompanhar-te se me ensinasses o truque – disse.

Arlen abanou a cabeça.

– Não é como acolher a dor ou saber projetar um demónio. Precisei de anos a absorver magia e a comer carne de demónio antes de conseguir desmaterializar-me. E precisei de meses para aprender a fazê-lo sempre que queria e a voltar ao normal. E isso será apenas aprender a boiar. Falo de nadar com corrente tão forte que conseguirá arrastar-te como um galho.

Renna franziu a testa.

– Não posso dizer que me agrade o que ouço.

Arlen encolheu os ombros e sorriu.

– Também não o digo. Mas farei o que for preciso para manter o Outeiro seguro. Preciso de saber que também o farás. Os Lenhadores são fortes, mas, comigo fora da equação, será tua a maior força no Outeiro. Sem o teu contributo, poderão quebrar. Nada de correres sozinha esta noite. Precisam de ti.

– Achas que não o sei? – ripostou Renna. – Os outeiros têm sido bons para mim. Bons de maneiras que nunca julguei possíveis. Só os abandonarei se morrer.

Arlen tocou-lhe a cara.

– É esta a mulher a que me prometi. Mas – e beijou-a – não te esqueças de respirar.

Renna espetou-lhe um dedo no peito.

– E tu não esqueças que o teu lugar é aqui em cima. – Apontou o empedrado. – E não lá em baixo, enfrentando todos os demónios do mundo. Se nos deixares, vou atrás de ti e arrasto-te pelas bolas. – Colocou-lhe a mão entre as pernas e apertou para dar força às suas palavras. Arlen emitiu um ruído a meio caminho entre um guincho e uma gargalhada.

– Prometo – disse-lhe ele, com a voz tornando-se aguda. E Renna riu-se.

Mais fácil do que esperava, pensou Arlen quando Renna o libertou. Conseguia cheirar as emoções contraditórias dentro

dela, reforçadas pela magia. Durante a semana anterior, conseguira controlar melhor o seu temperamento do que em qualquer outra ocasião desde que provara a magia pela primeira vez na viagem do Ribeiro de Tibbet, meses antes.

A sua mãe teria dito: «A vida de casada assenta-lhe bem.» Mas tinha igualmente a ver com a revelação de que sempre soubera que comia carne de demónio. Sentiu-se mais leve depois de abandonar o peso daquela mentira. Manteve-se em silêncio por respeito, achando que lhe diria e que esperaria o momento certo. Mas, com a passagem dos dias e das semanas, percebeu que não era isso.

Tornou-se um teste para ver se algum dia admitiria se não a confrontasse. Um teste da sua sensatez e do seu amor. Um teste da confiança que lhe merecia. Renna tinha uma vida inteira de más decisões atrás de si. Deveria começar do princípio, mas reforçava a mentira com cada dia que passava.

Foi só depois de a ter confrontado e de lhe ter perdoado que compreendeu como tinha sido teimoso. Demasiado orgulhoso para se aproximar de alguém que precisava dele até que lhe provasse... o quê? O passado de Arlen também não estava limpo de más decisões e nunca hesitara em seguir as suas próprias opiniões. Que direito teria de a julgar por fazer o mesmo?

– O que foi? – perguntou Renna. E Arlen percebeu que a olhara fixamente.

– Nada – respondeu, pousando-lhe uma mão na cara e beijando-a profundamente. – Acho que a vida de casado me assenta bem. – Sorriu e o cheiro dela preencheu-se com amor.

Virou-se rapidamente, querendo manter aquela visão e aquele cheiro na memória. Mesmo que confiasse que não conspiraria a recordação, não havia tempo a perder.

Dirigiu-se ao local onde se erguiam Evin Lenhador, Yon Grisalho e um par de Soldados de Madeira montados. Sombra movia-se por perto e os cavalos, mesmo o de Evin, pareciam nervosos. Apenas Derrocada, Dançarino do Ocaso e Promessa se mantinham indiferentes, olhando o grande cão como um cão

olharia um gato. Nem um cão gigantesco conseguia ameaçar um mustango angierano.

Gared e o capitão Gamon juntaram-se a ele, montando todos ao seu sinal. Arlen estava habituado a erguer-se acima de todos quando montava Dançarino do Ocaso, mas Gared estava mais alto. O barão e o garanhão enorme olhavam-se com desconfiança mútua, mas seriam um terror em batalha. Arlen vira nas suas auras a forma como as pessoas olhavam Gared, como confiavam nele e, independentemente do que visse no barão, não acreditava que pudesse desiludi-los nos dias vindouros.

Leesha, Rojer e o conde chegaram pouco depois, seguidos pelas esposas de Rojer e pelo guarda-costas silencioso destas. Esperariam no Cemitério com os outros enquanto grupos de batedores como o de Arlen patrulhavam a fronteira, esperando perceber onde seriam mais necessários.

Arlen percebia que isso incomodava Thamos e sorriu. O conde tinha defeitos como qualquer homem, mas mostrava ser um bom líder do Outeiro. O príncipe era um guerreiro hábil quando a sua coragem despertava, mas, como batedor, traria maior incómodo que proveito. Haveria combates suficientes se uma carga do seu cavalo pesado se tornasse necessária.

– Boa sorte – disse Leesha. Por mais difícil que lhe fosse lê-la, conseguia ver nela o mesmo. Um desejo feroz de os acompanhar. Não tinha medo e achava-se mais bem equipada do que a maioria para avaliar a situação na fronteira. Estava certa, mas os seus dotes de cura eram muito mais valiosos naquela noite. Estava preparado para discutir com ela, mesmo que de nada valesse. Quando Leesha Papel decidia fazer uma coisa, nem o Núcleo conseguiria impedi-la.

Mas a discussão não veio. Independentemente do desejo do seu coração, Leesha sabia que seria mais útil preparando o hospício e esperando para perceber onde os combates seriam mais intensos.

Rojer aproximou-se em seguida.

– Continuas a não querer que vos acompanhe? – A sua voz tinha o mesmo aço que usava quando interpretava o papel de Marko Caminheiro, o lendário viajante intrépido. Parecia a todos os que ouvissem que o tinham discutido durante toda a semana, apesar de, na verdade, ser a primeira vez que abordavam o assunto.

Arlen olhou Rojer e encolheu os ombros, não dando sinais de perceber a verdadeira natureza da representação.

– Vem se quiseres, mas não será necessário. Não podemos adivinhar qual das patrulhas encontrará algo. O melhor será ficares aqui e esperares o sinal. Suponho que todos estaremos bastante ocupados em breve.

O sinal seria dado pelos melhores fogos de Leesha entregues a cada patrulha. Os foguetes chiariam e deixariam um traço brilhante no céu noturno, levando as reservas para onde fossem necessárias. Tinham cores especiais para determinar a dimensão da ameaça e para transmitir a existência de feridos.

Mas Rojer surpreendeu-o.

– Irei. O Dançarino já nos transportou aos dois em ocasiões anteriores.

Amanvah colocou-lhe a mão sobre o ombro.

– Marido...

– A jiwah permanecerá em silêncio! – Rojer manteve-se voltado de costas para as suas mulheres, mas virou a cabeça, falando-lhes com um olhar oblíquo e recordando a forma como vira os homens krasianos recordar às mulheres o seu lugar. Arlen pestanejou, chocado pela rapidez com que o Jogral assimilara a nova cultura. – Esperarão as duas aqui com os outros enquanto me junto à patrulha.

Por mais disciplinadas que fossem, as mulheres não conseguiram esconder a indignação nos seus cheiros por serem tratadas como da'ting comuns. O cheiro de Rojer dizia que sabia que acabaria por pagar por aquelas palavras, mas limitava-se a recitar falas.

Amanvah voltou-se para Enkido, movendo os dedos num turbilhão de movimento. Arlen aprendera alguma coisa sobre

códigos gestuais krasianos nos tempos passados no Labirinto, mas aquilo era muito mais complexo. Os Sharum usavam alguns gestos rápidos. Amanvah parecia manter uma conversa completa. Ocasionalmente, o grande eunuco fazia o sinal de nie, tentando recusar, mas Amanvah insistia. Por fim, o eunuco curvou-se e caminhou até Rojer. Ajoelhou-se e pousou a cabeça no chão, erguendo-se em seguida. Era um gesto de guerreiro oferecendo a vida em proteção do seu kai'Sharum.

Mas Rojer abanou a cabeça.

– A Damajah ordenou-te que protegesses o seu sangue, Enkido. Ficarás com as minhas esposas.

– Kaval, então – disse Amanvah, entre dentes cerrados.

Rojer riu-se, mas também aquilo era uma reação calculada.

– Depois de tentar matar-me? Nem pensar. Consigo cuidar de mim. Além disso – ergueu o violino –, se me meter em sarilhos, saberás.

Arlen notara antes a ligação, como um fio cintilante no ar, ligando o apoio do queixo no violino aos brincos de Amanvah. Quando o sol se pusesse, ouviria o que fosse dito perto de Rojer e, aparentemente, Rojer sabia que assim era. Interessante.

Arlen montou Dançarino do Ocaso e estendeu uma mão. Rojer aceitou-a e o Jogral foi erguido com facilidade.

Amanvah avançou, estendendo uma máscara de seda colorida que combinava com os tons incertos do seu traje multicolorido. Havia guardas mentais bordadas na seda, além de guardas de visão.

– Pretendia que fosse um presente de Lua Minguante – disse Amanvah – para ajudar a manter seguro o nosso honrado marido. Nunca a tires. – O seu cheiro era honesto. Quaisquer que fossem as motivações das mulheres krasianas, e Arlen sabia que as tinham em grande número, não haveria dúvidas de que o amavam.

Enquanto Rojer colocava a máscara de seda, a sua máscara de Jogral caiu.

– Devia oferecer-vos também alguma coisa?

Amanvah abanou a cabeça.

– As esposas oferecem presentes de Lua Minguante ao seu marido. O presente deste será voltar para casa vivo, com a honra e a lança intactas.

Arlen sentia o cheiro do medo de Rojer, mas a sua máscara de Jogral voltara a erguer-se. Riu-se, colocando a mão entre as pernas.

– Sim. Mantê-la-ei a salvo.

Amanvah não se mostrou divertida. Fungou e girou sobre os calcanhares, afastando-se, seguida por Sikvah e Enkido. Rojer olhou-os. Arlen virou bruscamente Dançarino do Ocaso, forçando-o a afastar o olhar enquanto liderava o grupo pela estrada abaixo.

– Podes pedir desculpa quando regressares – disse, em voz demasiado baixa para ser ouvida pelos outros. – Nada te magoará com dois Fardos e Gared Lenhador a teu lado.

Rojer olhou Gared e algo aconteceu entre eles. O cheiro de Gared era irado e havia vergonha no de Rojer.

Magnífico, pensou Arlen e golpeou com os calcanhares os flancos de Dançarino do Ocaso, dirigindo o grupo para a fronteira a galope.

– Porquê aqui? – perguntou Renna enquanto entravam no povoado de Abrigonovo.

Menos de um mês antes, Arlen e Renna tinham encontrado os Lenhadores limpando o local de demónios. Desde então, o mais novo distrito do Condado do Outeiro albergava cerca de mil e duzentos colonos, na sua maioria rizonanos que tinham vindo para norte, fugindo dos krasianos e esperando encontrar abrigo em Angiers. Não foram bem-vindos na cidade, que abarrotava já com refugiados e recusava receber mais.

Quando o príncipe Thamos viajou para sul para assumir o controlo do Outeiro, seguido por centenas de soldados, por carroças de mantimentos e por manadas de gado, centenas tinham-nos seguido. Alguns deixaram mesmo a cidade apinhada e os povoados limítrofes, esperando encontrar vida melhor no Outeiro.

– Se pretendesse atacar o Outeiro, fá-lo-ia aqui – respondeu Arlen.

Havia algumas casas por terminar, mas os homens e mulheres de Abrigonovo tinham concentrado a maior parte dos seus esforços na construção de ruas, paredes e vedações para formar a sua grande guarda, a última na rede de proteção do Condado do Outeiro. Cada grande guarda era uma barreira independente das restantes, mas, quando se uniam, todo o seu poder era partilhado, permitindo aos povoados que sofriam ataque direto canalizar o poder dos que permaneciam seguros, sobretudo da grande guarda poderosa do Outeiro do Lenhador, protegida no centro da rede.

A grande guarda fora ativada apenas na noite anterior. Os abrigueiros aplaudiram quando os primeiros demónios a testaram e foram repelidos e havia gente dançando nas ruas cintilantes.

Arlen sabia que era algo frágil. A grande guarda do Outeiro do Lenhador era formada por ruas empedradas, blocos de creto e aglomerados densos de árvores ancestrais, grandes edifícios e por um regato desviado que alimentava um pequeno lago. A grande guarda de Abrigonovo era formada por estradas de terra batida, matagais rasteiros, vedações de madeira e terrenos agrícolas recentemente semeados. Edifícios incompletos, paredes de pedra empilhada, baluartes de terra e alguns velhos aglomerados de árvores acrescentavam força à guarda, mas seria proteção escassa se os demónios queimassem a floresta e lançassem pedras pesadas contra estruturas fulcrais. Até um pequeno grupo de nuclitas liderado por uma mente conseguiria penetrar a grande guarda, entrando nas ruas de Abrigonovo.

– Talvez o saibam – disse Renna. – Talvez esperem que estejas aqui e ataquem no extremo oposto do condado.

Arlen encolheu os ombros.

– Não esconderei que pensei o mesmo, mas que outra coisa poderemos fazer? Temos batedores por todo o condado com foguetes. Se derem o sinal, consigo chegar lá antes de os foguetes se extinguirem. Até lá...

– Guardamos o ponto fraco – terminou Gared.

Arlen olhou os abrigueiros, muitos deles demasiado jovens ou demasiado velhos para serem de grande utilidade numa batalha, mas, mesmo assim, erguiam-se com lanças e escudos guardados à pressa, prontos para defender o seu novo lar. Outros mantinham-se preparados em filas para movimento de baldes de água e, mesmo enquanto o sol se punha, os homens mais fortes continuaram a vergar as costas sobre a terra, com cada pazada de terra que acrescentavam aos baluartes fortalecendo a grande guarda.

Ouviram-se um burburinho quando o sol finalmente mergulhou sobre o horizonte, cobrindo o condado com um manto escuro. As ruas de Abrigonovo começaram a reluzir mansamente quando a grande guarda começou a canalizar o poder que se erguia do Núcleo. Era fácil de ver dentro do povoado, mas o brilho alongava-se até à fronteira.

– Os demónios poderão erguer-se à nossa frente e não sabere-mos – disse Gamon.

Gared abanou a cabeça.

– Não se erguem. Leesha guardou-me o elmo para que conseguisse ver na escuridão. Não percebo a maior parte do que vejo, mas os demónios brilham como archotes. Se aqui estivessem, vê-los-ia. – Rojer acenou afirmativamente. A sua máscara dizia-lhe o mesmo.

– Exige habituação – disse Renna. – Mas tens razão. Não há demónios por perto.

– Talvez não venham este mês – arriscou Evin, mas, nesse momento, Sombra começou a rugir e Arlen viu o medo tocando as auras dos seus companheiros. De todos menos Renna, cuja aura se tornou ávida... faminta.

– Estão ali – disse esta. – Mas não estão perto. Consigo cheirá-los.

– Estão mais fracos enquanto se erguem – disse o capitão Gamon. – Faz sentido que se ergam fora do alcance dos nossos arcos.

Arlen concordou com um aceno, apesar de aquilo não lhe permitir qualquer consolo. Inspirou fundo, canalizando magia além do seu campo visual, saboreando-a. Havia realmente demónios aglomerando-se à distância. Mais do que alguma vez sentira no mesmo local, mas, mesmo assim, eram menos do que esperara.

No momento seguinte, o ruído de árvores dilaceradas e terra revolvida começou a soar e todos o ouviram.

– Vêm aí! – gritou alguém. Os abrigueiros mostraram-se mais receosos, segurando as armas com força e tentando ver alguma coisa na escuridão. Alguns perderam a coragem por completo, fugindo para as suas casas e trancando as portas... mesmo que não lhes servisse de nada.

– Malditos desertores! – rosnou Gamon. – Devia...

– Devias fechar a boca e olhar em frente – disse Arlen. – O teu trabalho é combater. Os outros são apenas gente assustada. Não ajudará ninguém se nos voltarmos uns contra os outros com demónios junto às guardas.

O capitão conseguiu manter a compostura, mas a sua aura mostrava o ultraje por ser repreendido por um aldeão que considerava uma ameaça à autoridade do seu senhor, juntamente com muitos dos conselheiros mais fiéis do conde. Arlen não desejava atizar aquele fogo, mas precisava de se certificar de que Gamon e os seus homens conheceriam o seu lugar. A aura do capitão dizia-lhe que cumpriria o seu dever e obedecer-lhe-ia. Seria suficiente.

– Devemos dar o sinal? – perguntou o capitão.

Arlen abanou a cabeça.

– Ainda não. Pode ser um truque.

A cacofonia intensificou-se, tornando-se um rugido de fundo permanente, fazendo lembrar o interior de uma taberna ruidosa. Prolongou-se, mas, mesmo assim, nenhum demónio se aproximou. Rojer, Gared e Renna inclinaram-se para diante, forçando a vista guardada, mas nem mesmo Arlen conseguia ver sinais do seu brilho.

Usarão magia para camuflar a sua aproximação?

– Preferia que atacassem de uma vez por todas. – O som tornara-se tão intenso que Rojer precisou de gritar para ser ouvido.

– Tentam apenas perturbar-nos – disse Gared.

– Funciona – replicou Rojer.

– Mantenham a calma. – Arlen traçou uma guarda para que as palavras fossem ouvidas com clareza sem precisar de gritar. Os outros descontraíram um pouco ao perceberem o seu tom de voz. Desejou que fosse igualmente simples acalmar o nó que sentia no estômago.

Inflou as narinas, captando um cheiro acre. Momentos depois, viu fumo deambular da floresta, sufocando os defensores e turvando-lhes a visão enquanto refletia uma luz alaranjada vinda de entre as árvores. Até a visão guardada de Arlen foi afetada.

– Tentam fazer-nos fugir com fumo? – perguntou Gared, tossindo.

– É mais provável que tentem cobrir um ataque – considerou Gamon.

Arlen não disse nada enquanto voltava a canalizar, sentindo um pequeno grupo de demónios da chama aproximando-se, camuflados pelo fumo, incendiando alegremente tudo no seu caminho.

Normalmente, os demónios da madeira mantinham os demónios da chama à distância, matando os que entrassem na floresta. Mas, influenciados pela mente, cediam imediatamente o seu território, permitindo aos demónios da chama criar um anel de fogo capaz de matar meio Outeiro sem precisarem de erguer uma garra.

A saliva flamejante não conseguia penetrar a grande guarda e havia corta-fogos na fronteira, como proteção contra os fogos comuns que provocava na área densamente arborizada. Mas nenhuma guarda poderia impedir que o fumo asfixiasse os abrigueiros.

– Gared está certo. – Arlen ergueu o olhar para o céu, mas não viu outros sinais de fumo. – Fazem-no aqui porque o vento

é favorável. Preparem os arcos! – gritou. Os abrigueiros apressaram-se a obedecer. Após tanto tempo vivendo da terra, a maioria dos outeiros sabia disparar arcos e muitos eram caçadores exímios. Em tão grande número que não houve flechas guardadas suficientes para todos. Os ferreiros passaram a usar moldes, mas, mesmo assim, a velocidade de fabrico era limitada. Cada arqueiro acabara por receber meras três flechas guardadas. Alguns copiaram os símbolos para as pontas das flechas restantes nas suas aljavas, mas os dotes de Guardador dos outeiros eram irregulares. Arlen esperou que menos de metade funcionasse. E as que funcionassem teriam a sua força diminuída em metade.

Todos os tiros teriam de contar.

Yon, Evin e os Soldados de Madeira desmontaram, preparando as cordas dos arcos. Tinham aljavas repletas de flechas guardadas e havia mais nas montadas. Todos eram arqueiros dotados, mas a sua perícia tornava-se inútil com o fumo e a escuridão.

Arlen traçou guardas sonoras, fazendo a sua voz erguer-se daquele lado da fronteira.

– Peço que confiem em mim. Preciso de matar os demónios da chama antes que nos sufoquem. – Hesitou. – E isso implica sair da grande guarda e entrar pela nuvem de fumo dentro. Certifiquem-se todos de que têm as guardas mentais bem colocadas e de que têm as melhores flechas prontas a disparar.

– Nem pensar! – gritou um homem. Muitos dos abrigueiros ecoaram o seu sentimento. A sua aura coletiva brilhava com o medo.

Surpreendentemente, foi Gared a avançar.

– Não tínhamos uma grande guarda na Batalha do Outeiro do Lenhador! – bradou o Lenhador gigante. – Se começarmos a esconder-nos dentro dela, o Outeiro estará perdido. Se quiserem lutar pelas vossas casas, terão de sair para a noite! Ou escondam-se nas vossas camas e esperem ser comidos!

Arlen sorriu enquanto o medo na aura da multidão começou a ceder lugar à determinação. Olhou Gared, vendo-o preenchido

por uma confiança fanática na sua liderança.

– Obrigado, general. Não o teria dito de melhor forma. – A aura de Gared... corou. – Preciso que os lideres, Gar – disse-lhe. – Tenho um truque na manga, mas, ironicamente, terei de estar dentro da grande guarda para o usar.

– Ironi... quê? – perguntou Gared. A seguir, abanou a cabeça, fazendo diminuir a confusão na sua aura. – Não importa. Se me ordenares que marche para o Núcleo, faço-o a correr.

Arlen pousou-lhe uma mão sobre o ombro.

– Os demónios da chama continuam muito distantes na floresta. Preciso que te aproximes e os apanhes de surpresa. Não temos tempo nem flechas para desperdiçar.

Gared tossiu.

– Os arcos não servirão de muito com aquele fumo todo. Como conseguiremos ver o que miramos?

Arlen desmontou, sentindo a palpitação da grande guarda sob os pés descalços.

– Quando se posicionarem, mostrar-vos-ei os vossos alvos. Certifica-te de que ninguém dispara até à minha ordem.

Gared acenou afirmativamente, levando o resto dos batedores e os melhores arqueiros de Abrigonovo para a escuridão. Não se tinham afastado muito quando desapareceram no fumo, um a um.

Arlen inspirou profundamente e canalizou mais poder do que alguma vez tentara canalizar, recorrendo à totalidade da rede de guardas do Outeiro. Sentiu as entranhas ardendo com o poder e soube que não conseguiria contê-lo durante muito tempo sem ser consumido.

– Preparem-se – disse aos outeiros, com a voz ouvida com clareza à distância. A seguir, ergueu dois dedos e traçou guardas térmicas e de ar, dando forma à energia enquanto a libertava. Um enorme sopro de vento ergueu-se, varrendo o fumo e soprando as chamas como velas de aniversário.

Sentiu-se zozzo enquanto a magia lhe atravessava o corpo e partia, mas não havia tempo a perder. Canalizou novamente o poder da grande guarda, daquela vez traçando guardas que

projetaram no ar luz branca intensa, transformando momentaneamente a noite em dia. Ali estavam, expostos pela luz, os demónios da chama, com olhos e bocas brilhantes enquanto se erguiam, imóveis, assustados pelo brilho repentino.

Quando a magia tornou a abandoná-lo, Arlen cambaleou. Renna aproximou-se e segurou-lhe um braço. No momento seguinte, Rojer segurou o outro.

Arlen permitiu que o amparassem, canalizando um pouco mais de poder para transmitir a sua voz aos arqueiros.

– Fogo.



VINTE E TRÊS

ARMADILHA

333 DR Outono Primeira Noite da Lua Nova

ROJER OUVIU A VIBRAÇÃO coletiva de cordas de arco e os gritos dos demónios da chama enquanto os outeiros os exterminavam.

Continuava a habituar-se à visão guardada permitida pela máscara, mas, no momento anterior, vira Arlen brilhando como o sol. Naquele momento, o seu brilho era ténue. Mais ténue até que o das pessoas comuns.

– De volta à grande guarda – ordenou Arlen após um momento. – Agora. – A luz que conjurou começou a falhar e tombou ainda mais, apoiando de repente todo o seu peso sobre Renna e Rojer. Rojer cambaleou, mas Renna endireitou-os aos dois com tamanha facilidade como faria a uma criança pequena. Rápido como um gato, Rojer recuperou o equilíbrio.

Ergueu o olhar e viu os primeiros abrigueiros correndo de volta com uma expressão triunfal na cara.

– Recompõe-te – disse, entre dentes. – Não sei o que te aconteceu, mas esta gente precisa de te ver de pé.

– Não lhe digas o que...! – começou Renna, mas Arlen interrompeu-a.

– Não. Está certo – disse. – Preciso apenas de um momento para... – A neblina luminosa a seus pés começou a correr para

ele, restabelecendo-lhe o brilho. Ergueu-se novamente, libertando-se do seu apoio. – Pronto.

Os abrigueiros ocuparam novamente as suas posições no interior da fronteira e Gared e os restantes batedores regressaram para junto de Arlen, Renna e Rojer, sem perceberem o momento de fraqueza. À distância, o som trovejante de árvores caindo e um tremor no solo provocado por pedra sendo arrancada prosseguiu sem cessar.

– Que fazem eles, pelo Núcleo? – berrou Gared, elevando a voz acima do ruído.

– É uma armadilha – disse Rojer. – Tentam atrair-nos para mais longe.

Arlen abanou a cabeça.

– Porquê fazer tanto barulho se é uma armadilha? Fazem alguma coisa. Aposto as bolas.

– O que fazemos? – perguntou Gared.

– Não fazemos nada – respondeu Arlen. – Mas eu vou espreitar.

Renna abanou a cabeça.

– Vamos espreitar. – Arlen olhou-a e percebeu o olhar duro que fixava nela. – Arlen Fardos, não te ocorra por um segundo que te deixarei ir sozinho.

– Não pedirei a ninguém que o faça – disse. – Nuclitas comuns não conseguem magoar-me, Ren. Ficarei bem.

– O demónio mimético feriu-te – disse Renna. – E o demónio da mente ainda mais.

– Sim, mas agora sei como feri-los a eles – explicou Arlen.

– Feriste um deles – recordou-lhe Renna. – E só depois de ter avançado com a tua capa guardada para o apunhalar nas costas. Quem sabe quantos andarão por aí esta noite?

– Talvez a armadilha não nos seja destinada – disse Rojer. – Poderá ser uma armadilha só para ti.

Arlen fitou-o em silêncio.

– Está certo – considerou Renna. – Assim que saíres da grande guarda, ver-te-ão como uma lanterna na escuridão. Atacarão todos ao mesmo tempo.

Rojer mordeu o lábio.

Não o digas, não o digas, não o digas.

– Eu vou – disse, amaldiçoando-se. Todos o olharam, surpresos e Rojer não os censurava. Não era conhecido pela sua bravura, mas não havia outra saída. Orgulhava-se do poder que trouxera de volta ao mundo com a *Canção da Lua Nova*, mas, depois de ver o que Arlen acabara de fazer, percebeu claramente qual dos dois era mais dispensável.

Arlen abanou a cabeça.

– Nem sequer sei se o teu poder funcionará num demónio da mente. Podes fazer um gato perseguir um ponto de luz refletida durante toda a tarde e os nuclitas comuns não são mais inteligentes, mas será inútil tentar o mesmo truque com pessoas.

Rojer encolheu os ombros.

– Até as pessoas podem cegar quando lhes refletas luz para os olhos. E não acabei de ouvir Renna dizer que as capas de Leesha funcionaram? – Segurou a bainha da sua capa multicolorida guardada, girando para a fazer erguer-se.

– Rojer, não posso permitir-te que... – começou Arlen.

– Não. Eu é que não te posso permitir – disse Rojer. – Posso não conseguir apagar um incêndio na floresta com um gesto da mão, mas conseguirei fazer isto.

– Conseguiremos fazê-lo – corrigiu Gared, colocando-se a seu lado. – Vou contigo. A capa que Darsy me fez não é tão boa como a tua, mas nunca me falhou.

– Porque raramente a usas. – Rojer abanou a cabeça. – O teu lugar é com as tuas tropas, general.

Gared cuspiu-lhe nos pés.

– Às vezes, consegues ser um sacaninha miserável, Rojer, mas nucleado seja se te deixar ir sozinho.

Rojer sentiu um nó na garganta, mas engoliu-o e reforçou a máscara de Jogral. Quis continuar a protestar, mas, na verdade, sentia-se mais seguro com Gared do que ousaria admitir.

– Também vou – disse Renna, retirando a sua Capa de Invisibilidade dos alforges de Promessa e cobrindo os ombros

com ela.

– Ren. – Havia uma súplica na voz de Arlen quando lhe segurou o braço.

Voltou-se e fitou-o.

– Tu próprio o disseste. Não podes perder tempo a preocupar-te com coisas menores. Tens demónios da mente para caçar e eu preciso de proteger as pessoas quando não puderes fazê-lo.

Olhou-a e colocou-lhe uma mão delicada sobre a face.

– Serei cuidadosa e trá-los-ei de volta vivos – garantiu Renna. Arlen acenou afirmativamente, por fim, abraçando-a e beijando-a.

– Ei! – disse Gared. – Poupem-nos o espetáculo de recém-casados!

Leesha olhou Amanvah, vendo-a ocupar um sofá de seda com Sikvah na tenda de Thamos, com o seu guardião silencioso erguendo-se atrás delas numa atitude protetora.

O conde erguera o pavilhão no limite do Cemitério dos Nuclitas para aguardar relatórios e comandar as suas forças. Como habitual, preencheria a tenda com todos os símbolos do seu estatuto real e da sua riqueza. Tapeçarias faustosas cobriam as paredes de pano e o chão estava coberto com peles grossas e macias como pelo de gato. O mobiliário era de madeira polida pesada, decorado com aplicações de filigrana. E, claro, trouxera um trono.

Mas todo aquele luxo trazia consigo as responsabilidades da etiqueta. Amanvah e Sikvah podiam ser inimigas, mas eram também princesas, correndo-lhe nas veias o sangue do líder krasiano. O seu estatuto exigia tratamento adequado à realeza, incluindo acesso à tenda de Thamos e toda a sua cortesia. O rapaz encarregue de as servir era de sangue nobre e corria aterrorizado enquanto Sikvah lhe gritava ordens e amaldiçoava a sua lentidão. Amanvah repousava silenciosamente a seu lado, com a cabeça inclinada para um lado.

Ouve Rojer.

Pensar aquilo incomodou Leesha. Amanvah tentara assassiná-la e, mesmo assim, Rojer confiava nela para saber tudo o que acontecia, enquanto Leesha e Thamos permaneciam na ignorância. Fossem ou não suas esposas, Leesha estivera com Rojer durante todos os dias em quase dois anos. Como poderia confiar mais nelas?

Deveria ter guardado o elmo de Gared da mesma forma sem lhe dizer, pensou, sentindo imediatamente uma pontada de culpa. Que direito teria de invadir a privacidade de Gared daquela forma?

Não. Abanou a cabeça. *É o que fazem as dama'ting. Preferia tornar-me Elona a começar a usar os seus métodos.*

Mas desejava tanto ter uma forma de ouvir o que acontecia!

Subitamente, Amanvah silvou e começou a falar apressadamente em krasiano, com muitas das palavras sendo interjeições grosseiras. Falou demasiado depressa para que Leesha conseguisse acompanhar o que dizia, mas a raiva no seu tom era clara, sem qualquer artifício de dama'ting. Sikvah olhou-a, chocada, enquanto Amanvah se erguia, caminhando para trás e para diante sem interromper a sucessão de insultos.

Leesha não conseguiu suportar.

– O que foi? O que aconteceu?

Amanvah olhou-a por um momento, ponderando as palavras.

– O meu honrado marido é corajoso, mas é um tolo.

– Todos temos um pouco de cada uma dessas naturezas em nós, por vezes – disse Leesha.

Amanvah acenou afirmativamente, respirando profundamente enquanto a sua calma de dama'ting regressava.

– É inevera.

– Está bem? – perguntou Leesha.

Amanvah moveu uma mão.

– Por agora. Ofereceu-se para sair para a noite.

– Porquê? – perguntou Leesha. Não lhe parecia algo que fizesse o Rojer que conhecia.

– Aparentemente, acreditam que os demónios sentirão o poder do Par'chin se abandonar a grande guarda – explicou

Amanvah. – E, por isso, o Par'chin enviou o meu honrado marido, o tonto Gared e a sua Jiwah Ka para a noite em reconhecimento. – Uma das sobrancelhas de Amanvah ergueu-se, mas, com o véu posto, Leesha não percebia o significado do gesto. – O seu nome é sinónimo de bravura, mas ordena a outros que abandonem a grande guarda quando receia fazê-lo pessoalmente. Afinal, não passa de um covarde.

– Nesse caso, o que serei eu, aguardando aqui? – perguntou Thamos. Todos os olhares se voltaram para o conde e Leesha percebeu a tensão na sua face. Recordou-o na cama naquela primeira noite e lembrou também as histórias que Darsy lhe contara sobre o seu receio dos demónios e sobre a necessidade de superar esse medo com demonstrações de coragem erráticas. Aterrorizava-o ser considerado covarde e perder o respeito do seu povo. – Um líder deverá permanecer em segurança para comandar as suas forças.

Amanvah roncou, olhando-o com altivez.

– O meu santo pai não fica sentado no seu trono quando o sol se põe e é o maior líder que o mundo alguma vez viu. És chin e a tua cobardia era esperada, mas sempre ouvi dizer que o Par'chin era diferente.

Thamos pareceu furioso, com a paciência limitada que lhe restava evaporando-se rapidamente. Num momento, começaria a gritar e o resultado seria negativo para todos.

Leesha colocou-se entre ambos, fixando o olhar em Amanvah.

– Com todo o respeito, Amanvah, vi o teu honrado pai enviar homens, incluindo os seus próprios filhos, para fazerem reconhecimento na noite. Sei que te preocupas com o teu marido, mas Rojer ergueu-se na noite centenas de vezes. Ficarás bem.

– Como podes ousar saber aquilo que nem os dados revelam? – perguntou Amanvah.

– Não posso – admitiu Leesha. – Mas tenho fé.

Amanvah pestanejou antes de acenar afirmativamente.

– É inevera. – Inspirou e expirou para se acalmar, regressando ao seu canto da tenda e ajoelhando-se em

meditação enquanto ouvia.

Rojer segurava o violino e o arco na mão esquerda intacta enquanto saíam para a noite, confiando na proteção das capas. Mantinha a mão direita livre. Mesmo com apenas três dedos, conseguia armá-la com uma faca guardada e lançá-la em segundos.

– Vou à frente – disse Renna. – Estou habituada a ver na escuridão. – Nem Rojer nem Gared a contrariaram. Rojer continuava a habituar-se à máscara que Amanvah lhe oferecera. Conseguia ver suficientemente bem para não chocar com nada e para que um demónio não lhe passasse despercebido, mas as espirais de magia colorida prendendo-se a tudo distraíam-no e confundiam-no, deixando-o inseguro como se estivesse envolvido por um denso nevoeiro matinal.

Enquanto Renna avançava, no limite da sua visão guardada, Rojer voltou-se para Gared.

– Tinhas razão. Não te dei o devido valor. Valha o que valer, peço desculpa. Por vezes, deixo-me embrenhar tanto no meu drama que esqueço que não sou a única personagem na peça.

Gared grunhiu.

– É uma árvore caída. É inútil trepá-la.

Rojer voltou-se para ele.

– Eu sei. Apenas...

– Estamos na noite, Rojer – interrompeu Gared. – E sinto-me preso dentro de uma maldita nuvem com as cores do arco-íris. Já não estou irritado contigo. Olha para a frente.

Rojer acenou afirmativamente, virando o seu olhar numa e noutra direção, mas, enquanto o fazia, algo se aliviou dentro de si. *Menos um motivo de preocupação. Agora, só preciso de tentar não ser comido por demónios.*

A lentidão da marcha era agonizante. A Capa de Invisibilidade de Leesha nunca falhara, porém como precisava de ser mantida justa sobre quem a vestia, não podiam mover-se com a rapidez necessária. Rojer e Renna tinham mais experiência, marcando o ritmo a Gared.

Imediatamente além da linha de árvores, começaram a ver sinais da dança dos demónios da chama: troncos enegrecidos e chão chamuscado que fora solo florestal fértil. As suas botas e as bainhas das capas tornaram-se negras com a cinza.

Mais à frente, os ruídos da destruição não se assemelhavam a nada que Rojer tivesse ouvido. O instinto bradava-lhe que fugisse na direção oposta, mas controlou-se e continuou a colocar um pé diante do outro enquanto abriam caminho entre as árvores.

Não precisaram de percorrer grande distância. A floresta terminava abruptamente, violentamente, num cenário de completa devastação. Nem todos os explosivos que Leesha conseguiria fabricar teriam provocado uma fração dos estragos. O solo estava enegrecido e esburacado, com grandes montes de terra solta ao lado de enormes buracos de onde árvores inteiras e pedras pesadas tinham sido arrancadas.

Havia algo de repelente no local. Uma sensação nefasta que Rojer conseguia sentir em cada fibra do seu corpo. Não pertenciam ali.

Demónios dos campos, com os seus corpos esguios e rasteiros, patrulhavam a área, trepando os montes de terra e farejando o ar. No ar, viam demónios do vento voando em círculos.

Renna voltou para junto deles.

– Demasiados esconderijos para demónios. Ficamos perto uns dos outros daqui para a frente.

Rojer e Gared acenaram afirmativamente, movendo-se os três pela destruição fora. Enormes pilhas de pedras erguiam-se a seis metros de altura ao lado de troncos amontoados. Rojer olhou uma das pilhas antes de se voltar na direção de onde tinham vindo.

– A que distância conseguiria um demónio da rocha atirar uma daquelas?

Gared avaliou a pilha e também olhou para trás.

– Uma das grandes? A mais distância do que me agradaria.

– Estão a preparar munições – disse Rojer. – Devíamos voltar e...

– Ainda não – interrompeu Renna. – Se isso é tudo o que fazem, onde estão os demónios da rocha e da madeira?

Rojer engoliu em seco, sabendo que estava certa. Seguiram em frente, contornando as pilhas de madeira e rocha que, em breve, poderiam ser lançadas sobre Abrigonovo. Por fim, espreitaram o outro lado de um gigantesco monte de terra e viram os demónios em ação.

O solo tinha sido inteiramente despojado de árvores e pedras e enormes trincheiras eram cavadas por demónios da madeira e da rocha, bem como por demónios de outros tipos que Rojer não reconhecia. As trincheiras mediam seis metros de largura e mais de três de profundidade e os demónios lançavam a terra com as grandes garras como se fossem apenas folhas secas. Quando alcançaram uma grande pedra, foi arrancada e levada para uma das muitas pilhas.

– O que fazem? – perguntou Gared, olhando as trincheiras aparentemente dispostas ao acaso. – Constroem um perímetro defensivo? Não parece algo que os demónios fariam.

– São demónios espertos – recordou-lhe Renna. – Há uma mente ou mais de uma por perto, dirigindo-os.

– Continua a não fazer sentido – disse Gared. – Os demónios fogem com o sol. Qual o propósito de conquistar e defender terreno?

Rojer olhou as formas precisas que se formavam no solo e sentiu a face arrefecer, conseguindo identificar finalmente o sentimento de repulsa que sentira crescer gradualmente enquanto se aproximavam.

– Constroem uma grande guarda.

Gared e Renna olharam-no e Rojer sentiu um aperto repentino na bexiga. *Criador, estou prestes a mijar-me.*

Sem palavras, correu para o grande monte de terra, afastando a capa e puxando os cordões das suas calças multicoloridas. O jorro começou mal conseguiu extrair o membro.

– Aaah – gemeu, mas o seu alívio durou pouco, ouvindo um rosnado baixo a poucos metros de distância. Ergueu o olhar e viu um demónio dos campos raspando as patas no chão enquanto preparava o salto.

Tombou para trás com um grito quando se lançou sobre ele, com as calças por apertar dificultando-lhe os movimentos e fazendo-o tombar pesadamente de costas. Tentou libertar uma faca, mas não conseguiu mover o braço da forma certa naquela posição.

No momento seguinte, Gared rugiu enquanto movia o machado pesado com as duas mãos. Guardado pelo próprio Gared, a lâmina rachou a cabeça do demónio da extremidade do focinho até à base pescoço, cobrindo Rojer com um jorro de sangue negro.

O demónio ainda esperneava quando Gared o esmagou contra o chão, não evitando que lhe rasgasse a capa com o seu último estertor. Rojer ergueu-se no momento seguinte, voltando a atar os cordões das calças e preparando o violino e o arco enquanto um bando de demónios dos campos surgia, rodeando-os. Renna empunhava a sua faca longa e afiada, rosnando também como um demónio. Parecia ansiosa pelo combate apesar de terem poucas hipóteses contra tantos inimigos.

É mais louca que Arlen, pensou Rojer. E isso dirá muito.

– Ninguém se mexa – disse, aproximando o arco das cordas. Tocou algumas notas bruscas para surpreender os demónios, fazendo-os recuar. A seguir, iniciou a melodia para os hipnotizar antes de provocar a distração que lhes permitiria desaparecer.

Mas os demónios não ficaram hipnotizados. As primeiras notas fizeram-nos recuar, mas não durou. Um deles correu na direção de Renna, mas um movimento rápido da faca fê-lo recuar. Começaram a rodeá-los num círculo faminto, rosnando e raspando o solo à procura de uma oportunidade.

Ai, pensou Rojer.

– Não podemos ficar aqui – disse Renna. – Se são controlados por uma mente, metade do Núcleo cairá sobre nós num minuto.

Rojer olhou a capa rasgada de Gared e a sua, coberta com sangue de nuclita. Não havia escapatória e lutar seria loucura. Cerrou os dentes e intensificou a melodia, acrescentando camada após camada de complexidade. As pálpebras dos demónios pareceram ficar pesadas, mas, mesmo assim, mantiveram o círculo.

– Preciso de uma distração – disse Rojer. – Renna, a tua capa está intacta. Consegues afastá-los por um momento?

– Sim – respondeu Renna. – Mas nem todos me seguirão.

– Posso obrigá-los a fazê-lo – disse Rojar.

– Cuspo nesse plano – exclamou Gared. – Não vou correr e deixar que... – Mas, antes que pudesse terminar a frase, Renna avançou sobre o círculo, derrubando um dos demónios dos campos e apunhalando-o repetidamente rebolaram pelo chão. Ergueu-se, ileso, enquanto o demónio se esforçava para respirar. Começava já a sarar.

– Corre! – gritou-lhe Rojer e Renna obedeceu, correndo descalça até uma das pilhas de pedras, saltando agilmente de pedra em pedra até alcançar o topo.

Rojer alterou a melodia de forma adequada. *Foge, dizem as notas que tocou. Persigam-na! Os outros não têm saída possível!*

Com aquela ordem, todos os demónios correram atrás de Renna, com garras raspando a pedra dura enquanto trepavam atrás dela. Alguns hesitaram, olhando para trás com algo que superava o seu instinto normal, mas a distração cumprira o seu papel e Rojer conduziu Gared para outro local e tocou camadas sobrepostas de confusão. Forçou cada vez mais o violino encantado, aumentando o volume até a música vibrar no ar, tornando o posicionamento dos dois humanos impossível de determinar.

Renna aguardou no topo da pilha de pedras durante tanto tempo quanto conseguiu, aplicando pontapés guardados que projetavam demónios com explosões de magia. Aterravam com violência, mas depressa voltavam a erguer-se, tentando recompor-se.

Quando viu que os homens estavam a salvo, Renna agachou-se e saltou, erguendo-se espantosos nove metros no ar e aterrando sobre um dos enormes montes de terra que os demónios tinham erguido com a sua escavação. Afundou ligeiramente os pés na terra solta com o impacto, mas isso não pareceu incomodá-la grandemente.

Mas, antes que conseguisse voltar a camuflar-se com a capa, um demónio do vento guinchou, mergulhando do alto sobre ela. Renna voltou-se para o enfrentar, com os músculos tensos e preparada, mas o demónio fez algo que Rojer nunca tinha visto. Posicionou as asas para amortecer o mergulho, pairando e cuspidando um raio contra ela.

A noite iluminou-se com um clarão cegante. Rojer fechou os olhos, mas não com rapidez suficiente para se impedir de ficar atordoado. Esforçou-se para continuar a tocar enquanto manchas coloridas dançavam pelo interior das suas pálpebras. Quando voltou a abri-las, viu Renna tombada no chão, tendo caído de uma altura superior a três metros. Havia fumo à sua volta e o ar cheirava a carne queimada. Espantosamente, tentava levantar-se, parecendo mais recuperada com cada esforço. O seu brilho continuava suficientemente intenso e imaginou que sarava da mesma forma que os demónios.

Tenho de aprender este truque, pensou.

Dois demónios dos campos saltaram sobre ela antes que recuperasse por completo. Gared rugiu, correndo em seu auxílio. Quando se afastou alguns metros de Rojer e do seu violino, os demónios viram-no, mas não a tempo de escaparem aos primeiros golpes letais. Com o machado numa mão e a faca de mato na outra, afastou os demónios para longe da mulher caída, abrindo-lhes rasgões profundos na carne escamosa. Ergueu-se sobre ela numa postura protetora, permitindo-lhe espaço para se erguer.

Os demónios que Gared repelira voltavam a erguer-se, sarando rapidamente, tal como Renna fizera. Mais ainda correram na sua direção, mas mantiveram-se a salvo, fora do alcance das armas dos dois humanos. Mais e mais demónios

dos campos chegavam, rodeando-os. Em breve, cobriam toda a área, numa massa de carne escamosa, contorcendo-se e reluzindo com magia.

Mas, mesmo com aquela vantagem esmagadora, os demónios não atacaram. Mantiveram-se em movimento constante, forçando Gared e Renna a erguerem-se de costas voltadas, com as armas preparadas, esperando um ataque que não vinha.

Encurralados.

Mas encurralados para quê? Rojer olhou em redor. Demónios alados voavam em círculos no alto, mas não pareciam querer mergulhar. Os demónios da rocha e da madeira continuaram a escavar, indiferentes a tudo.

Algo pior vem aí. E Rojer sabia muito bem o que poderia ser.

Pensou. Mesmo com a magia dos hora ampliando-lhe a música, não sabia se conseguiria repelir tantos demónios, mas, mesmo que conseguisse superar a sua resistência reforçada naquela noite, os nuclitas em fuga esmagariam os seus amigos.

Inspirou fundo, acalmando-se e grato por ter ordenado às suas esposas que não viessem.

– Amanvah – disse, falando para o apoio do queixo no seu violino. – Sei que não tenho sido o melhor marido, mas nunca me arrependi de te receber a ti e a Sikvah como esposas. Honraram-me e ajudaram-me a demonstrar o meu valor. Se não conseguir regressar, recordem-me quando cantarem.

Ela não podia responder-lhe, mas talvez fosse melhor assim. Rojer cessou a melodia que o tornava invisível e iniciava uma nova, com o seu violino encantado levando-a aos ouvidos de todos os nuclitas.

Aqui estou, disse-lhes a música. *Fraço e indefeso. E sentem tanta fome.*

Por um momento, nada aconteceu. Em seguida, todas as faces de nuclita se voltaram na sua direção. Centenas de olhos negros fixados nele. Qualquer que fosse a influência do demónio da mente, não conseguiam negar por completo a sua natureza. Guincharam e moveram-se na sua direção, estendendo garras e mordendo o ar. Rojer virou-se e fugiu, mais

depressa do que alguma vez fugira em toda a sua vida. Enquanto isso, não parou de tocar, forçando os demónios a segui-lo.

Arlen mantinha-se imóvel como uma estátua, olhando a floresta. Tentou canalizar, mas a magia ambiente era ténue e a corrente fluía no sentido oposto, puxada por alguma força desconhecida. Os seus Conhecimentos não revelaram nada.

Parecia ter passado uma eternidade, mas, na verdade, sabia que tinham sido apenas minutos. A sua audição apurada captou o rugido de demónios sobre o ruído de fundo e ficou tenso, mas o som foi rapidamente seguido pela música de Rojer. Aguardou.

Desde que a música toque, estará seguro, pensou. Mas, se parar...

Viu-se um grande clarão no céu. Arlen conhecia a assinatura de um demónio do relâmpago quando a via. Mesmo nos locais em que existiam, a maioria da população considerava que aqueles demónios raros eram apenas uma criatura mítica e Arlen nunca vira um em Angiers. Os Guardadores locais nem sequer se davam ao trabalho de incluir guardas de relâmpago nos seus círculos.

As mentes conseguem convocar qualquer estirpe, percebeu, sentindo as suas hipóteses de sobrevivência diminuírem ainda mais. Como poderiam os Lenhadores enfrentar as cabeças que os demónios do barro usavam como clava ou a saliva gélida dos demónios da neve, capaz de estilhaçar aço? Ou o muco ácido dos demónios do pântano? Os que tinham escudos e armadura guardados pessoalmente por Arlen ou por Leesha teriam alguma proteção, mas sabia demasiado bem como a armadura guardada comum resistia mal às garras e à saliva dessas estirpes raras.

Mas Gared e Renna tinham as guardas certas. E Rojer continuava a tocar...

Na verdade, a música tornava-se mais intensa, com o som aproximando-se rapidamente, acompanhado por rugidos que pareciam pertencer a mil nuclitas. Viu Rojer surgir entre as árvores, correndo tão depressa quanto as suas pernas

conseguiram levá-lo. A sua aura era de puro terror, controlada pelo ritmo da música. No instante seguinte, percebeu o motivo, vendo uma torrente aparentemente interminável de demónios dos campos perseguindo-o.

Aceleraram quando alcançaram terreno desimpedido, mas Rojer parou antes que conseguissem alcançá-lo, transformando a melodia nos sons bruscos e cortantes que Arlen o ouvira usar tantas vezes antes. Ampliado pela magia do violino, o som atingiu a horda como uma pancada física, dispersando os demónios mais próximos.

Arlen desmaterializou-se e, durante o centésimo de segundo passado naquele estado intermédio, sentiu vibrar no ar o poder dos demónios da mente e soube que Renna estivera certa. Poderia conseguir enfrentar a vontade de um deles naquele estado, mas dois ou mais poderiam destruí-lo.

Não deu tempo aos príncipes nuclitas para o atacarem, voltando a solidificar no instante seguinte ao lado de Rojer, com as guardas na sua cabeça rapada voltando a ativar-se. Arlen ergueu o Jogral como se fosse uma criança e saltou, cobrindo a distância até à grande guarda com dois grandes saltos.

– Onde estão os outros? – perguntou, mas, antes que Rojer pudesse responder, ouviu-se um grito e Arlen ergueu o olhar, vendo Renna saltando sobre a horda de demónios dos campos, coberta com sangue negro e cintilando ferozmente com magia. Gared Lenhador estava sobre o seu ombro como se fosse um saco de farinha.

Renna aterrou sobre o dorso de um demónio dos campos com uma explosão de magia e, quando voltou a saltar, o demónio não tornou a erguer-se. Arlen correu novamente, traçando guardas dos campos no ar enquanto lhes desimpedia um caminho. Após um momento, atravessaram, com Renna saltando para o caminho aberto enquanto Arlen se posicionava atrás dela para lhe cobrir a retirada. Segurou o demónio mais próximo por uma pata traseira e usou-o como clava para repelir os seus semelhantes. As garras do demónio cortaram-lhes as escamas como nenhuma arma mortal conseguiria.

O cheiro a sangue demoníaco enchia o ar e Arlen teve de suprimir fome como não sentira em anos. Quis morder o demónio que fervilhava na sua mão guardada, rasgando-lhe a couraça para sentir o sabor da carne macia por baixo.

Abanou a cabeça com violência, resistindo ao impulso animalesco durante tempo suficiente para lançar o demónio aos restantes, correndo de volta à grande guarda, onde Renna pousava gentilmente Gared no chão. A aura do Lenhador gigante apresentava-se neutra. Estava vivo, mas inconsciente.

– O que aconteceu? – perguntou Arlen.

– Foi só uma pancada na cabeça – respondeu Renna, retirando o elmo de Gared com cuidado. – Salvou-me a vida.

– Ou adiou-te a morte – disse Rojer. Arlen virou-se para ele e viu que a máscara de Jogral tinha caído e o terror que ainda lhe tingia a aura era evidente na sua expressão. – Os demónios constroem uma grande guarda própria.

Isso explicava a canalização da magia ambiente.

– Nucleado seja por ser tão tolo! – gritou Arlen. Deixou os seus átomos desligarem-se e saltou para o alto, flutuando até ao limite superior da proteção da grande guarda enquanto olhava a terra em redor. Como Rojer dissera, cintilava a menos de quilómetro e meio uma grande guarda diferente de qualquer símbolo que alguma vez tivesse visto. Não se aproximava do tamanho de nenhuma das grandes guardas do Outeiro, mas estava já ativa.

Pelo canto do olho, viu algo mais e virou-se, sentindo o seu horror crescer. Linhas cintilantes de ligação formavam-se enquanto a grande guarda demoníaca se ligava a outra a sudeste, perto de Nova Rizon. Descreveu um círculo completo e viu demónios escavando uma terceira, a sudoeste, perto do povoado recente de Lakdale. Aquela estava incompleta, mas começava já a canalizar. Ligar-se-ia às restantes em minutos.

Nem os novos sentidos de Arlen conseguiam penetrar o véu das guardas demoníacas. A magia fluía, mas não era libertada. E, mesmo assim, sentia os três príncipes nuclitas, erguidos como aranhas no centro de uma teia. Entretanto, os demónios

da rocha e da madeira continuavam a escavar, fortalecendo as guardas e tornando-as cada vez mais permanentes.

Arlen voltou a descer, aterrando com facilidade ao lado de Renna e Rojer.

– Não é apenas uma. Há três das malditas coisas, cada uma com uma mente no centro.

– Criador – murmurou Rojer.

– Tenho de informar o conde – disse Arlen.

Renna acenou afirmativamente.

– Vou buscar os cavalos.

Arlen abanou a cabeça.

– Demasiado lentos.

Renna olhou-o, preocupada.

– Flutuar e curar os doentes é suficientemente mau. Se fizeres isto...

– Não posso evitar, Ren – disse-lhe Arlen. – Regressem ao Cemitério. Sejam rápidos. Talvez tenhamos já algo que se assemelhe a um plano quando chegarem. – E, com aquilo, desmaterializou-se.

Imediatamente, Arlen sentiu a força da grande guarda. Como sangue bombeado por um coração, todo o poder da rede de guardas fluía para a guarda central do Outeiro do Lenhador e no sentido contrário. Em vez de canalizar esse poder, permitiu-se ser arrastado pelo fluxo, materializando-se instantaneamente no centro do Cemitério dos Nuclitas.

Aconteceu num piscar de olhos e seria fácil que ninguém o percebesse, mas, com as multidões reunidas no Cemitério, muitos foram os que viram e Arlen ouviu os seus gritos de surpresa alastrando em redor.

Thamos caminhava no interior da tenda como um lobo enjaulado. Ocasionalmente, olhava o trono e franzia ainda mais a testa, parecendo capaz de o pontapear com a raiva. Se Amanvah e a sua comitiva não estivessem presentes, seria provável que o tivesse feito. As palavras duras da dama'ting feriram-no profundamente. Regressara ao seu sofá e mantivera-se em silêncio desde então, mas o estrago estava feito.

Leesha pousou uma mão no braço do conde, sentindo a tensão mesmo sob a armadura. Virou-se para ela e Leesha ergueu a mão, passando o dedo sobre o esmalte fresco da sua couraça, no ponto onde fora reparada.

– Ninguém no Outeiro te acha um covarde – disse, com voz demasiado baixa para ser ouvida pelos outros. – As marcas na tua armadura provam que te ergueste entre eles na noite desprotegida. Agrada-me tanto esperar aqui como a ti, mas em breve haverá trabalho para fazermos.

Thamos acenou afirmativamente.

– São estas mulheres. São...

– Simplesmente insuportáveis. Eu sei – disse-lhe Leesha. – Mas estavam certas numa coisa.

– Hã? – perguntou Thamos.

– O trono foi demasiado – disse Leesha. – Transmite que te achas melhor do que as pessoas comuns, mas não é de um homem assim que precisam.

– É por isso que amam tanto o teu Homem Pintado? – perguntou Thamos, com um indício de azedume na voz.

Leesha sorriu.

– Por isso e porque pode abrir um buraco num demónio da rocha com um pontapé.

Thamos riu-se.

– Sim, devia aprender esse truque.

Por um momento, houve ternura entre os dois, mas Amanvah voltou a falar e o sangue de Leesha arrefeceu.

– Os alagai constroem uma grande guarda própria.

– Noite. Tens a certeza? – perguntou Leesha.

Thamos aproximou-se da mesa que suportava o seu grande mapa do Outeiro.

– Que tipo de guarda? – perguntou. – De que tamanho? Onde?

Amanvah encolheu os ombros, inclinando a cabeça como se continuasse à escuta.

– Sei apenas o que ouvi. – Hesitou. – Não sei se o meu honrado marido e os seus companheiros conseguem ver mais

do ponto onde se encontram.

O Inquisidor Hayes traçou no ar uma guarda, murmurando orações. Parte de Leesha quis juntar-se e ele, mas aprendera há muito que o Criador não defendia ativamente os Seus filhos. Teriam de se salvar a si próprios.

Amanvah gritou. Todos ficaram tensos, esperando mais notícias, mas a dama'ting não disse nada. Havia medo real nos seus olhos e Leesha recordou novamente que, apesar de todo o seu treino, era apenas pouco mais do que uma rapariga. Sikvah, normalmente a mais emotiva das duas, mantinha-se estranhamente calma. Pousou uma mão no ombro da sua irmã-esposa, tentando dar-lhe força em silêncio.

Após alguns momentos, Amanvah expirou.

– Foi atacado, mas está a tocar. – O orgulho era evidente na sua voz. – Mesmo na Lua Minguante, os alagai não conseguem resistir ao meu honrado marido, desde que não pare de tocar.

Sikvah acenou com a cabeça.

– Everam fala com ele.

A seguir, Amanvah caiu de joelhos.

– Não – sussurrou. – Não, não, não. Por favor, marido, não...

Não terminou a frase. Sikvah caiu de joelhos atrás da sua irmã-esposa, colocando-lhe as mãos sobre os ombros. A expressão de Amanvah tornou-se neutra e não disse nada, mas Leesha conseguia imaginar o que lhe passaria pela cabeça.

Leesha ajeitou as saias para se ajoelhar diante de Amanvah. Estendeu os braços, segurando as mãos macias de Amanvah nas suas e apertando-as ligeiramente, tentando fortalecê-la como Sikvah fizera.

– Amanvah – disse, não se esforçando para esconder o desespero na voz –, diz-me o que aconteceu, por favor. Rojer...?

– Ainda não – respondeu Amanvah. – Continua a tocar, mas já não consegue repelir os alagai. Chama-os para ele para que os seus companheiros possam viver.

Ouviu-se uma gota cair sobre pano e uma mancha surgiu-lhe na seda branca imaculada do colo. Sikvah retirou um frasco

minúsculo de algures nas suas vestes negras e estendeu-o, apanhando as lágrimas de Sikvah enquanto caíam.

– A sua honra não conhece limites e Everam sentá-lo-á no Seu grande salão sobre o sexto pilar do Paraíso – disse. Amanvah acenou afirmativamente, chorando com maior intensidade.

Prolongou-se durante vários minutos até os olhos de Amanvah se iluminarem, endireitando as costas.

– Volta a lutar! Todas as forças de Nie no seu encalço e enfrenta-as!

Sikvah tapou rapidamente o frasco cheio e ergueu outro, preparada para apanhar mais lágrimas.

– Conseguirá...?

– Claro que sim! – ripostou Amanvah, com as suas forças regressando. – É Rojer, filho de Jessum, discípulo de Arrick da mais doce canção e genro do Shar'Dama Ka. – Fez uma pausa, formando um punho. – Mas os alagai serão a menor das suas preocupações quando voltar a vê-lo.

– Não duvido – disse-lhe Leesha.

– O Par'chin está com ele agora – disse Amanvah, um momento depois. – Está... – Franziu a testa. – Os alagai...

Nesse momento, ouviu-se um grito e todos os olhares se voltaram para ver Arlen erguendo-se subitamente no centro do Cemitério. Até Leesha, que compreendia alguma coisa dos poderes de Arlen, abriu a boca de espanto. Estivera a quilómetros de distância em Abrigonovo no momento anterior.

Mas não podia haver dúvidas de que estava ali agora enquanto a sua voz trovejava.

– Montem e preparem-se! Partimos para a noite dentro de minutos!

Voltou-se, dirigindo-se rapidamente para a tenda do conde e a multidão afastou-se do seu caminho, alguns trocando sussurros de espanto, outros gritando.

– Ergueu-se como um demónio! – gritou uma mulher.

O Inquisidor Hayes atravessou-se à sua frente quando Arlen alcançou a tenda.

– Como é isto possível? – perguntou. – O Cãnone diz que não devemos adotar os métodos dos nuclitas como nossos...

Arlen afastou o Inquisidor como se afastasse uma criança, sem abrandar.

– Não tenho tempo para discutir escrituras agora, Protetor.

Hayes pareceu ultrajado e o Discípulo Franq avançou para bloquear o caminho de Arlen, mas Thamos bateu com um punho blindado sobre a mesa.

– Sacerdotes para fora! Transmitam aos nossos guerreiros a bênção do Criador! – O Inquisidor e a sua comitiva olharam-no, mas o conde enfrentou os seus olhares com expressão dura e apressaram-se a obedecer. – O que aconteceu? – perguntou Thamos quando Arlen se aproximou do lugar onde se erguia junto aos mapas. Não lhe respondeu imediatamente, olhando o mapa por um momento antes de pegar num pincel, mergulhando-o num tinteiro e traçando guardas sobre as áreas que outrora tinham sido floresta virgem.

– Os demónios da mente construíram grandes guardas aqui, aqui e aqui – disse, apontando Nova Rizon, Abrigonovo e Lakdale. – Estão já a ativá-las. – Aliviou a pressão no pincel para traçar as linhas de ligação. Quando terminou, a grande rede de guardas do Condado do Outeiro tornou-se um círculo dentro do triângulo de guardas dos demónios da mente. – A rede tornar-se-á mais forte enquanto os demónios da rocha continuarem a escavar, bloqueando o Outeiro e canalizando o poder das nossas defesas.

As guardas eram elegantes e Leesha percebeu que eram poderosas. Havia uma ligeira semelhança entre a sua forma e a forma das guardas que vira quando Inevera a prendera no palácio de Jardim.

– São guardas para humanos – supôs. – Não conseguiremos ultrapassá-las como eles não conseguem ultrapassar as nossas.

Thamos abanou a cabeça.

– Isso apenas criará um impasse. Terá de haver algo mais no seu plano.

Arlen acenou afirmativamente.

– Reúnem todos os penedos e troncos de árvore em pilhas enquanto traçam as guardas. Em breve, os demónios da rocha começarão a arremessá-los e não levarão muito tempo a provocar destruição suficiente para quebrar o circuito e abrir brechas na nossa rede.

– Circuito? – repetiu Thamos.

– O elo que une as nossas grandes guardas – explicou Leesha. – Precisa de traçar uma forma fechada para operar com potência total.

Arlen acenou afirmativamente.

– Se conseguirem, teremos demónios nas ruas dos povoados exteriores e os demónios da rocha conseguirão aproximar-se o suficiente para lançarem rochas contra qualquer ponto do Condado do Outeiro.

– Criador – exclamou Thamos. – Mas, se estas guardas demoníacas nos repelem como as nossas os repelem, como poderemos destruí-las?

– Não poderemos – respondeu Arlen. – Não esta noite ou mesmo durante o dia, se sobrevivermos até lá.

– Poderíamos incendiar a floresta. – A expressão de Thamos estava sombria. Conhecia o custo, mas fá-lo-ia se fosse necessário.

É por isto que mantemos os segredos do fogo a salvo dos homens, Leesha ouviu Bruna dizer. *Amaldiçoariam o mundo, julgando salvá-lo.*

Arlen abanou a cabeça.

– Não funcionaria. As guardas são mais do que apenas as linhas traçadas pelas árvores arrancadas, Alteza. Lidamos com trincheiras abertas por demónios da rocha. Seis metros de largura por três de profundidade. Precisaríamos de muita terra para encher uma trincheira destas, mesmo com milhares de homens fortes e com uma provisão interminável de fogos. E não teremos nada disso até ao amanhecer.

– Não precisamos de destruir as guardas – disse Amanvah, aproximando-se. – Apenas de as alterar.

Leesha olhou-a, acabando por acenar afirmativamente.

– As presas.

– Sim – disse Arlen.

– O que são as presas? – perguntou Arlen. Leesha percebia o desespero na sua voz. Queria tomar o comando como faria em qualquer outra ocasião, mas estava fora do seu alcance.

Leesha pegou num pedaço de papel e no pincel que Arlen usara, traçando rapidamente uma guarda. Apontou duas pequenas formas curvas em forma de lágrima próximas do símbolo principal.

– Isto são as presas. Quase todas as guardas as têm escondidas algures na sua estrutura. É com elas que a guarda canaliza magia... Sem elas, não tardará a esgotar-se.

Olhou Arlen.

– Levas a tua roupa contigo.

– Hã? – perguntou Arlen. Thamos voltou-se também para olhar Leesha com curiosidade.

– Quando te transformas em neblina, movendo-te como os nuclitas – disse Leesha. – Levas as tuas roupas contigo. Podes levar mais alguma coisa?

– Sim – respondeu Arlen. – Mas nada pesado e nada vivo. Desfazer as coisas é fácil. Voltar a refazê-las da forma adequada é mais difícil.

– Conseguirás levar uma caixa de foguetes? – perguntou Leesha.

Arlen pensou.

– Talvez durante uma viagem curta. Se tiver tempo de estudar o seu padrão. – Arlen sorriu, com uma expressão alheada na face. – Não será fácil, mas mais fácil do que carregar uma por uma montanha gelada acima.

Leesha inclinou a cabeça.

– O quê?

Arlen retirou importância às suas palavras com um gesto.

– É uma história longa.

Leesha tentou lembrar-se de perguntar mais tarde e continuou.

– Consegues materializar-te fora da grande guarda?

Arlen encolheu os ombros.

– Consigo, mas é fácil perder-me. É simples mover-me pela grande guarda porque conheço cada traço. No exterior, precisarei de penetrar Ala mais profundamente e encontrar uma conduta de magia para a superfície que esteja mais próxima do local onde quero chegar. Talvez precise de saltar uma ou duas vezes para me localizar, mas conheço bem a floresta.

– Como é possível? – perguntou Amanvah. – Nem o meu pai possui tais poderes.

Arlen ignorou-a.

– Se destruir as presas da guarda central, a sua rede falhará, mas terei apenas um momento para o fazer antes de sentirem a minha presença. Precisaré de uma distração.

Thamos endireitou as costas ao ouvir aquilo.

– Tê-la-ás. – Apontou a grande guarda que as mentes construíam perto de Nova Rizon. O segundo povoado mais antigo do Outeiro. Era também o mais populoso. – Nova Rizon tem a maior concentração de terreno aberto, onde os nossos cavalos e arqueiros poderão causar o máximo de dano. Se atacarmos aqui...

* * *

– Não pensas como deve ser – disse Renna enquanto Arlen se dirigia para a tenda muito distante das tropas e dos cavalos onde as caixas de foguetes de Leesha eram guardadas. Os soldados de infantaria tinham já iniciado uma marcha para leste enquanto os cavaleiros se preparavam.

Atrás deles, as esposas de Rojer censuravam-lhe a falta de cuidado, com palavras que misturavam o seu thesano de sotaque cerrado com krasiano rápido. Arlen sorriu. Talvez fosse melhor que Rojer não compreendesse a maior parte do que diziam. O Jogral não era conhecido pelo seu temperamento inflamado, mas podia ser muito teimoso e cortante quando o provocavam.

– Pense ou não, é o único plano que temos, Ren – disse-lhe Arlen. – O Outeiro será destruído se não fizermos isto. –

Inspirou fundo. – Talvez aconteça mesmo que o façamos. Mas não pretendo deitar-me à espera do fim.

Renna abanou a cabeça.

– Eu também não. Já não, pelo menos. Mas tens de ir sozinho?

Arlen acenou afirmativamente.

– Preciso de ser rápido. Se tudo correr como planeado, deverei partir e voltar num instante. Quando se ouvir a explosão, deverei estar de volta à grande guarda, cobrindo a vossa retirada.

– Deverás – repetiu Renna, não soando convencida. A sua aura era petulante, mas determinada.

– Também não me agrada que lutes sem mim – disse-lhe Arlen. – Mas viste como é o conde no combate. Descuidado. O Outeiro precisa dele agora. Confio que o mantenha vivo.

Renna acenou com a cabeça.

– Assim será. Juro pelo sol.

Arlen viu a magia reagir à sua força natural, fluindo para ela e abrilhantando-lhe a aura. Nunca parecera tão bela. Abraçou-a e beijou-a profundamente.

– Amo-te, Renna Fardos.

Renna sorriu, eclipsando a sua beleza do momento anterior.

– Amo-te, Arlen Fardos.

Voltou-se e dirigiu-se para junto dos outros. No momento seguinte, uma trompa soou e galoparam. Arlen concentrou-se, penetrando uma das caixas com magia, conhecendo o seu conteúdo até à mais ínfima partícula. Os materiais eram surpreendentemente simples e sentiu-se confiante de que, quando o momento chegasse, conseguiria refazê-los.

Virou-se, olhando o Cemitério, que ficara quase vazio. Leesha levara as suas Herbanárias para formarem um hospício temporário perto dos combates e as esposas de Rojer tinham-no acompanhado para reforçarem o ataque com o seu poder.

Morrerão todos se não conseguires fazer isto, disse-lhe a voz do seu pai. Deverias ter ficado a salvo atrás das guardas.

Arlen cerrou os dentes. Aquela voz alguma vez o deixaria? Mesmo naquele momento, tendo visto o seu pai erguer-se e atingir um demónio com uma lança à sua frente, a voz de Jeph Fardos continuava a aconselhar-lhe cobardia como se fosse sensatez.

Mas a voz estava certa quando referia a importância de escolher o momento exacto. Sentia as tropas preparando a carga e sabia que precisava de esperar até atraírem a atenção dos demónios, mas não o suficiente para que estes envolvessem toda a sua força no confronto. A partir da sua rede de grandes guardas, conseguiriam lançar um contra-ataque devastador se sentissem que perdiam nuclitas em número exagerado.

Chegou a altura de ser visto, pensou, afundando-se na grande guarda e materializando-se instantaneamente atrás dos Lenhadores e Soldados de Madeira reunidos. Saltou, continuando a erguer-se sem ceder à gravidade até alcançar a altitude desejada e parar aí, captando os olhares de outeiros e de demónios. Iluminou o céu noturno com luz intensa, sobressaltando os nuclitas e assinalando o início do ataque.

Thamos insistira em liderar a carga. A sua aura dissera que teria algo a ver com as esposas de Rojer, mas o motivo era irrelevante. Não haveria palavras que conseguissem dissuadi-lo e, por isso, Arlen não as desperdiçou para tentar fazê-lo.

De um lado do conde, galopava o capitão Gamon e, do outro, galopava Gared Lenhador. Gared nunca fora um cavaleiro hábil, mas, aparentemente, treinara durante o tempo que passara entre os krasianos e conseguia manter-se na sela mesmo enquanto Derrocada pisava nuclitas e a magia nos cascos o enlouquecia com o poder. Também Gared absorvia a magia, golpeando com o enorme machado. Com um único golpe, arrancou a cabeça de um demónio dos campos que teria derrubado o cavalo do conde.

Ligeiramente para o lado, Renna acompanhava-os sem dificuldade, montando Promessa. A égua continuava a recusar sela, mas Renna convencera-a a aceitar alguns arreios

guardados para conseguir manter-se montada e acrescentar alguma proteção às guardas pintadas na pelagem malhada.

A cavalaria trespasseou ou esmagou dúzias de demónios dos campos, matando alguns, mas deixando-os todos atordoados e despreparados para o avanço da infantaria liderada por Dug e Merrem Açougueiro. O par tinha merecido o seu nome por cortarem nuclitas com a calma experiente com que retalhavam um porco.

Porém, os demónios do relâmpago desceram nesse momento, atingindo o campo de batalha com precisão uniforme e Arlen soube que o demónio da mente mais próximo passara a controlar os movimentos do inimigo.

No instante seguinte, regressou ao Cemitério, levando a cabo um segundo Conhecimento da caixa para a sustentar na mente enquanto a transportava consigo para dentro da grande guarda, descendo a profundidade ainda maior até alcançar a crosta de Ala.

Em redor, abriram-se caminhos aos seus sentidos. Muitos conduziam à superfície, enquanto outros o tentavam a aproximar-se mais do Núcleo, de onde fluía toda a magia do mundo.

Ignorou-os, concentrando-se nos que subiam. Nenhum era verdadeiramente direito, mas alguns alcançavam rapidamente a superfície, enquanto outros se alongavam ao longo de quilómetros, dirigindo-se para o exterior. Saboreou estes, sentindo onde conduziam. Naquele estado intermédio, era fácil enviar projeções de si próprio para explorar sem sair do sítio, mas havia milhares de caminhos cruzados, formando um labirinto em que alguém poderia perder-se durante uma vida inteira e mais ainda.

Apesar do caos, as guardas demoníacas foram fáceis de encontrar após alguns momentos de concentração. A guarda principal da sua rede canalizava poder como um redemoinho, começando pelas presas. Permitiu que a corrente o arrastasse e a força surpreendeu-o. Por um momento, receou ser sugado por completo, com todo o seu ser devorado pelo poder da guarda

demoníaca. Evocou todas as suas forças e afastou-se a tempo, encontrando a saída mais próxima para a superfície e solidificando. Voltou a sentir a presença da mente por um instante, mas, logo a seguir, as suas guardas protetoras voltaram a formar-se e a mente foi bloqueada. Esperou que tivesse sido demasiado breve para notarem a sua presença. Canalizou a sua magia pessoal para as profundezas do seu ser e traçou guardas de confusão no ar em redor para camuflar a sua presença.

Aproximou-se da grande guarda, sentindo o seu poder de repulsa. A natureza parcialmente demoníaca permitiu-lhe aproximar-se mais do que um humano comum, mas, mesmo assim, manteve-se a uns bons vinte metros da fronteira. No interior, conseguia ver os demónios da rocha e da madeira trabalhando incansavelmente para aprofundar e endireitar as linhas. Outros nuclitas patrulhavam a área.

Pousou a caixa tão próxima das presas quanto seria possível e colocou um pé sobre ela, empurrando-a com força suficiente para cobrir a distância seguinte sem detonar. Poderia tê-la atirado, mas tornava-se mais forte a cada instante e deixara de confiar na sua pontaria. Se exagerasse na força do lançamento ou se a caixa caísse numa trincheira e não detonasse com o impacto, seria tudo em vão.

A caixa parou talvez a três metros da borda. *Suficientemente perto.* Arlen ergueu uma mão para traçar uma guarda térmica.

Mas, a seguir, ouviu-se um rugido e voltou-se para ver dúzias de demónios dos campos avançando na sua direção. Franziu a testa. Apesar dos esforços para camuflar a sua presença era óbvio que não conseguiria evitar a deteção por completo tão perto do centro do poder dos demónios. A mente mais próxima poderia não ter conseguido determinar a sua localização exata, mas sentira o suficiente para enviar uma patrulha à área. Quer o tivessem visto ou não, Arlen desmaterializou-se, pretendendo deixá-los passar por ele, voltando a formar-se e ativando os foguetes antes que fosse demasiado tarde.

Mas, no instante em que entrou no estado intermédio, a mente local fixou-se nele.

Sentiu a pressão da vontade do demónio, mas Arlen enfrentara antes aquela disputa pelo domínio. Reforçou a sua vontade e reagiu, acabando por embater contra uma muralha impenetrável.

A grande guarda.

Percebeu demasiado tarde o seu erro. A guarda era mais do que apenas uma barreira física e uma fonte de poder. Também protegia a mente do príncipe nuclita de intrusão indesejada tal como as guardas mentais de Arlen protegiam a sua.

Lançou-se contra a barreira uma e outra vez, compreendendo subitamente, pela primeira vez na sua vida, precisamente como se teriam sentido Um Braço e os outros demónios que tinham tentado ultrapassar os círculos de Mensageiro de Arlen ao longo dos anos. Furioso. Frustrado. Desesperado.

Vulnerável.

Nesse primeiro momento de desespero, o demónio agiu, alcançando-o além das guardas sem se expor realmente, como Wonda Lenhador erguendo-se no limite da grande guarda para atingir nuclitas com o seu arco.

O príncipe nuclita superou as suas defesas sem esforço, apoderando-se da mente de Arlen e ensinando-lhe como fora arrogante por pensar que estaria à altura de uma daquelas criaturas.

Renna estivera certa. O primeiro embate fora uma questão de sorte e, mesmo assim, o demónio tê-lo-ia derrotado sem ela. Apesar de tudo o que aprendera, continuava um novato num combate para o qual os demónios da mente tinham treinado durante toda a sua existência.

Arlen aplicou toda a sua força e vontade, esforçando-se desesperadamente por solidificar. Se conseguisse fazê-lo, as suas guardas mentais seriam ativadas e teria apenas algumas centenas de nuclitas separando-o da segurança da rede de guardas do Outeiro.

Apenas.

Mas o demônio da mente manteve os seus átomos dispersos. Arlen encontrou um caminho para o Núcleo e tentou fugir ao seu alcance, mas também isso foi em vão. O demônio da mente prendeu-o com toda a sua força, roubando-lhe o excesso de magia. Mesmo com a sua forma vaporosa, Arlen descobriu que conseguia sentir dor e, se tivesse uma voz, teria gritado enquanto o poder lhe era roubado.

Achou que o demônio queria matá-lo ali mesmo, mas parou imediatamente antes de lhe esgotar o seu último resquício de energia, deixando-o fraco como se tivesse perdido demasiado sangue, indefeso enquanto ouvia o demônio na sua mente.

Um tolo, por deixar o seu centro de poder para nos confrontar, pensou o nuclita para os seus semelhantes.

Terá pensado que os seus obreiros nos distrairiam durante o seu fútil assalto, replicou outro.

Tolo, concordou o terceiro. Arlen sentia a sua presença mental aproximando-se, acrescentando o seu poder à pressão já insuportável do atacante original.

Tenho de conseguir libertar-me. Voltou a esforçar-se. *Os outros não terão hipótese sem mim.*

Sente receio pelos seus obreiros! O pensamento divertiu as três mentes. *Como terá uma criatura assim conseguido derrotar um dos nossos?*

Em breve saberemos. O pensamento foi sublinhado por uma avidez mais forte do que alguma coisa que Arlen tivesse conhecido. O conhecimento e a experiência eram poder para aquelas criaturas e mostravam-se ansiosas pelo festim enquanto lhe abriam a mente, lendo os seus pensamentos como Arlen folhearia um livro de histórias.

Moveram-se entre as suas memórias, forçando-o a viver novamente cada experiência poderosa e provando-lhe as emoções nos seus momentos de mais profunda dor, fraqueza e degradação, saboreando-as como se fossem brande angierano.

Subitamente, voltava a ter dez anos, deitado no chão com os braços cobrindo a cabeça enquanto Cobie Pescador o pontapeava até se mijar. Cobie, Gart e Willum Pescador tinham-

se alternado nos pontapés por ter falado com a irmã de Willum, Aly, que tinha doze anos. Arlen gostava dela em segredo, achando-a mais amável do que os rapazes Pescador, que o atormentavam com frequência.

Mas Aly provara-lhe que se enganava naquele dia, rindo com os outros enquanto Arlen segurava as calças mijadas e corria, chorando.

Os demónios da mente detiveram-se nesse momento, com vibrações de prazer ecoando no ar. *Não há sabor mais doce que o da humilhação*, pensou um.

Prefiro a raiva, pensou outro, enquanto viam Arlen vingar-se com violência algumas semanas depois. *É tão... primitivo*.

Arlen sentiu o desprezo do demónio que o prendia. *Enfurecer um humano é tão fácil como fazer arder um obreiro da chama. É a sua natureza. Um paladar mais requintado é o da angústia*.

Subitamente, Arlen tinha onze anos, vendo o seu pai permanecer imóvel atrás das guardas do alpendre enquanto a sua mãe e Marea eram dilaceradas. Tentou gritar, mas não tinha boca nem pulmões naquele estado intermédio.

Sentiu os demónios alimentando-se da sua dor, mas não podia fazer nada para travar a invasão das suas memórias. Como crianças com um saco de nozes com mel num espetáculo de Jograis, forçaram-no a reviver a noite em que Mery se separou dele, erguendo-se sobre os seus ombros enquanto deambulava pelas ruas de Forte Miln sozinho, à noite, com gotas de chuva misturando-se com as lágrimas na sua face.

Em vez de pontapés, os demónios atormentavam-no com cada vergonha secreta da sua vida, cada falhanço, cada erro ou perda de controlo. Algumas eram memórias que o tinham atormentado durante toda a vida, outras estiveram quase esquecidas até os nuclitas lhas extraírem da mente para poderem examiná-las como produtos de bazar.

Estava novamente nos pavilhões de hóspedes de Abban, tentando desesperadamente puxar as calças para cima depois de uma das filhas solteiras de Abban o ter surpreendido «acidentalmente» a masturbar-se. Oferecera-se timidamente

para ajudar e Arlen não percebeu o que o assustava mais, dar ao seu amigo krasiano, que teria provavelmente preparado tudo aquilo, uma desculpa para se mostrar ofendido, forçando-o a aceitá-la como mulher, ou pensar que a rapariga se ria da sua falta de experiência. A sua ereção desaparecera nesse preciso instante, mas, de várias formas, isso piorou tudo ainda mais.

É-lhe dada uma oportunidade de acasalar e falha, pensou um demónio. A vergonha de Arlen duplicou, alimentando-os ainda mais.

Continuaram a dissecar-lhe a mente, atingindo o ponto em que, juntamente com Abban, roubou do Sharik Hora o mapa da cidade perdida de Anoch Sun. Os demónios da mente saborearam a culpa que sentira pelo roubo, surpreendendo até Arlen com a profundidade e intensidade da culpa. Racionalizara o crime quando aconteceu, mas nunca conseguira aceitá-lo por completo, sobretudo porque o crime o conduzira à Lança de Kaji, forçando o mundo a percorrer um caminho para o qual poderia não estar preparado.

Subitamente, os príncipes nuclitas ficaram muito sérios, mergulhando mais profundamente nas suas memórias, examinando cada imagem, ruído e cheiro enquanto estudava o mapa e atravessava o deserto. Quando abriu o sarcófago de Kaji, e encontrou a lança, silvaram.

Teremos de arrasar este local, pensou a mente mais próxima. *Poderá esconder outros segredos.*

De acordo, pensaram os outros.

Quanto mais trocavam impressões de forma aparentemente despreocupada com o facto de Arlen conseguir ouvi-los, mais os demónios se tornavam três entidades distintas na sua mente. O do centro da rede, que o mantinha imobilizado, era mais velho e mais forte, tendo merecido o lugar que ocupava na guarda principal. Os outros não eram exatamente subordinados, mas aceitavam a sua vontade como homens jovens dariam ouvidos a um ancião.

Etiqueta demoníaca, pensou Arlen, esquecendo a dor por um instante.

O demônio da mente mais próximo sentiu a sua diversão e voltou a aumentar a pressão, roubando-lhe a lucidez e enviando-o novamente para uma agonia insuportável enquanto lhe penetravam mais profundamente na mente, consumindo a traição de Jardir no Labirinto.

Se estas memórias forem verdadeiras, o unificador do Sul poderá não compreender ainda o poder total dos artefactos, pensou a mente mais próxima.

Houve concordância.

Com a morte dos unificadores, os restantes poderão ser controlados. Poderemos deixar a maldita superfície e regressar à corte em triunfo.

Para que o consorte reclame a vitória como sua, pensou a mente mais velha.

Deveríamos matar este assim que terminarmos de o Conhecer, propôs a mais jovem. *Antes que o consorte possa alimentar-se das suas memórias.* Arlen conseguia sentir a traição presente no pensamento e, por um momento, mantiveram-se em silêncio.

Com a Rainha prestes a iniciar a postura, não poderemos tolerar qualquer vantagem ao consorte, concordou o demônio mais velho.

Continuaram a devassar-lhe as memórias como se arrancassem páginas a um livro. Houve compreensão quando Arlen reviveu a noite em que se tatuou, seguindo-se choque e descrença quando, poucas semanas depois, começou a comer a carne dos demônios.

É diferente dos outros unificadores. Apropria-se do nosso poder.

Apenas por acidente, pensou o mais velho. *O segredo morrerá com ele.*

Continuaram a vasculhar-lhe a mente e voltou a haver uma vibração de diversão enquanto testemunhavam o tempo que passara na lama com Leesha. *Volta a falhar no acasalamento!*

Houve menos diversão enquanto assistiram à Batalha do Outeiro do Lenhador, mas sem grande preocupação. Os

príncipes nuclitas avaliavam as capacidades dos humanos e achavam-lhes falhas.

Mas silvaram quando viram Arlen e Renna matar a mente enviada para os enfrentar na Lua Nova anterior. Sentiu a sua raiva e, apenas por um instante, também o seu medo enquanto o viam dispersar a essência da mente derrotada, vertendo-a sobre um caminho para o Núcleo.

A sensação não durou muito tempo. Os demónios retomaram a sua busca fria, observando os acontecimentos das semanas anteriores.

A fêmea conhece o segredo do poder, pensou a mente local. Também deverá morrer.

Arlen, que achara ter sido vencido na sua vontade, sentiu subitamente a força para voltar a resistir. Reagiu à pressão avassaladora, parecendo não conseguir movê-la minimamente, mas foi o suficiente para as mentes perceberem.

Gosta dela. O pensamento provocou surpresa e diversão.

A angústia que sentirá pela sua morte será notável.

Um castigo adequado pela perturbação que causou entre nós. Sondaram.

Os pensamentos dizem que se ergue na noite agora mesmo...

Por um momento, a pressão aliviou-se enquanto os seus pensamentos se dispersavam pelos sentidos dos obreiros, procurando vestígios de uma mulher com pele guardada, reluzindo intensamente com magia roubada.

Renna! Arlen concentrou todas as suas forças nesse instante, não tentando libertar-se, mas apenas esforçando-se para solidificar uma falange. A mente que o prendia impedia-o de voltar a materializar-se o suficiente para devolver substância às guardas pintadas, mas conseguiu solidificar o suficiente para traçar uma guarda no ar. Conseguia apenas canalizar uma centelha de poder, mas uma centelha era tudo o que seria necessário e a caixa de foguetes detonou.

O céu noturno iluminou-se com um clarão de calor intenso. Rugidos preencheram o ar e o chão tremeu enquanto trincheiras desabavam sobre os demónios que as abriam. A onda de

pressão despedaçou árvores e esmagou demónios dos campos como se fossem resmas de papel.

Aprisionado na vontade dos seus captosres, Arlen foi atingido pela explosão, apesar de não poder feri-lo no seu estado etéreo. Tentou ignorar a distração, esperando o que lhe pareceu uma eternidade, mas, no momento seguinte, a ligação entre os demónios dissipou-se juntamente com a sua rede de guardas.

Nesse instante de choque, Arlen libertou-se da mente que o prendia e fugiu pelo caminho mais próximo. Sentiu a força da rede de guardas do Outeiro e, num ápice, estava lá, canalizando magia como alguém que quase se afogara inspiraria ao vir à superfície. A força aumentou-lhe, afastando a dor e o desespero, mas Arlen não perdeu tempo a desfrutar da sensação. Saltou imediatamente para o alto, procurando o seu captor.

O demónio da mente, ainda chocado pela perda da sua grande guarda, foi facilmente denunciado pelo seu poder, um feixe luminoso na noite. Os seus irmãos não abandonaram as suas grandes guardas e permaneceram seguros, mas, por maior que fosse a sua deferência para com a mente mais velha, Arlen soube que não se arriscariam para a salvar. O altruísmo era para eles um conceito tão desconhecido como o amor.

O mimético do demónio da mente mais velho, assumindo a forma de um gigantesco demónio dos campos, corria para o seu mestre a enorme velocidade, mas ainda não conseguira alcançá-lo para o proteger. Arlen canalizou intensamente a magia da rede de guardas do Outeiro, traçando guardas térmicas e de impacto para projetar uma enorme força dirigida ao príncipe nuclita. Não tinha a subtileza do assalto que sofrera, mas não havia necessidade de qualquer subtileza.

O demónio percebeu o ataque e desmaterializou-se com a velocidade de um pensamento, mas a magia viajava mais depressa que o pensamento e continuava maioritariamente sólido quando a projeção atingiu o alvo, matando-o e ao seu mimético.

Como antes, o grito de morte do demónio da mente enviou ondas psíquicas pelo ar que eram mais potentes do que qualquer caixa de foguetes. Obreiros num raio de quase dois quilómetros tombaram mortos e até Arlen precisou de levar as mãos à cabeça para acalmar a dor.

As outras mentes também o teriam sentido, pois os demónios que enfrentavam os outeiros, apesar de permanecerem vivos, perderam a sua compostura tática. Arlen olhou a sua gente e percebeu o preço da sua arrogância. Nos minutos que passara aprisionado, os nuclitas organizados tinham causado grande número de vítimas.

Viam-se penedos e troncos de árvore dispersos pelo campo de batalha entre os corpos desfeitos de dúzias de homens e cavalos. Não havia sinal do capitão Gamon e Thamos, com a armadura salpicada com sangue negro, perdera o cavalo e lutava com lança e escudo contra um demónio da rocha. Promessa corria livre, esmagando demónios dos campos enquanto Renna lutava a seu lado.

Gared mantinha-se montado, mas Derrocada tinha Dug Açougueiro deitado sobre o dorso. Os outeiros tinham matado o seu quinhão, mas o Núcleo jorrava um fluxo interminável de demónios enquanto cada vida humana era preciosa e insubstituível se desejassem ter hipóteses de vitória.

A visão dos mortos e dos feridos enfureceu Arlen e fê-lo voltar a canalizar, ignorando a queimadura na pele enquanto projetava uma rajada de poder sobre um aglomerado de demónios dos campos, abrindo um caminho até à segurança.

– Retirar – gritou, projetando a voz. – Mantenham a compostura, mas voltem para a grande guarda tão depressa quanto conseguirem. O trabalho está feito, por agora.

Traçou mais duas vezes guardas térmicas e de impacto, incinerando grupos de demónios para ajudar a sua gente a regressar à segurança. Usou as mesmas guardas que Leesha usava para retirar humidade do ar e regar a horta, afogando um bando de demónios da chama, tornando escuros os seus olhos reluzentes.

Quando os outeiros ficaram a salvo, Arlen voltou-se para as pilhas de penedos e troncos que os nuclitas tinham construído, canalizando mais e mais poder enquanto começava a destruí-las.

Canalizou com tal força que toda a rede de guardas começou a vacilar. A garganta e o nariz de Arlen ardiam-lhe como se tivesse comido um punhado de malaguetas krasianas. Os músculos doíam-lhe e até as unhas lhe pareciam quentes. Tinha os olhos secos e as pálpebras ardiam quando pestanejava.

Mas havia ainda pilhas de pé e canalizou mais ainda até que, subitamente, tudo ficou negro e sentiu-se cair.

Voltei a esquecer-me de respirar, pensou imediatamente antes de cair no chão.



VINTE E QUATRO

ATRITO

333 DR Outono Segunda Noite da Lua Nova

LEESHA ESTAVA NO HOSPÍCIO temporário de Nova Rizon quando os clarões luminosos começaram. Esforçava-se para coser o peito de um homem, mas precisou de parar por duas vezes, curvando-se sobre ele para proteger o ferimento com o próprio corpo enquanto as explosões estremeciam o edifício e faziam cair pó das traves do teto. No exterior, ouviam-se gritos de júbilo e de dor em igual quantidade.

– Que se passa, pelo Núcleo? – perguntou.

– Vou descobrir, mestra. – Wonda segurou o arco, feliz por ter alguma coisa para fazer.

Regressou minutos mais tarde.

– Mestra, tens de vir já.

Leesha não podia perder tempo a olhá-la. Tinha os dedos sujos de sangue enquanto tentava estancar uma artéria rasgada.

– Estou um pouco ocupada, Wonda. O que aconteceu?

– Tens de vir já – repetiu Wonda. A urgência no seu tom de voz fez Leesha erguer o olhar, por fim. O medo fizera empalidecer a face de Wonda. – O Libertador caiu.

Todos olharam ao ouvir aquilo.

– Impossível! – gritou uma mulher enquanto outros começavam a chorar.

Leesha olhou o ferimento aberto, com o seu trabalho longe de estar terminado.

– Não posso deixar... – começou, mas sentiu a mão de Amanvah sobre a sua.

– Vai – disse-lhe a dama'ting. – Eu trato disto.

Leesha olhou-a.

– Sabes...?

– Trato Sharum feridos desde os sete anos, mestra – interrompeu Amanvah. – Vai.

Leesha acenou afirmativamente, limpando as mãos com um pano antes de segurar as saias e correr atrás de Wonda.

– Diz-me o que sabes – pediu-lhe enquanto corriam.

– Dizem que apareceu no céu – explicou Wonda. – Lançando fogo e relâmpago como o próprio Criador para cobrir a retirada. Depois, o brilho da grande guarda vacilou e viram-no cair. – As últimas palavras fizeram-lhe a voz falhar e passou um braço pela cara. Leesha nunca vira a rapariga enorme chorar e ver aquilo fez mais para a fazer perceber a gravidade do que acontecera do que qualquer coisa que pudesse ter dito. Acelerou o passo, chegando ofegante à multidão que se reunira.

– Afastem-se! Deixem passar a mestra Leesha! – gritou Wonda, sem esperar que obedecessem, segurando gente e empurrando-os para desimpedir o caminho.

No centro do círculo, Renna ajoelhava-se junto ao corpo contorcido de Arlen caído sobre o empedrado. O sangue jorrava-lhe da cabeça, formando uma poça. Gared e vários Lenhadores erguiam-se por perto, mantendo os curiosos à distância e depressa se afastaram para deixar passar Leesha.

– Não me morras, Arlen Fardos! – gritou Renna, segurando-lhe uma mão. Mas Arlen não reagiu.

– Está vivo – disse Leesha, encontrando-lhe o pulso fraco e irregular. O crânio estava danificado onde atingira o empedrado e Leesha sentia as fraturas alastrando do local. Sob a pele,

sentia ossos fora do sítio. Partira uma omoplata e a clavícula, além de ter costelas fraturadas e também a bacia...

Mas a hemorragia parara.

– Noite – sussurrou Leesha. – Começa já a sarar.

Renna olhou-a.

– Isso não é bom?

– Não se sarar com os ossos fora do sítio – disse Leesha. – Precisamos de o levar para uma mesa de operações. Gared! Consegues erguê-lo? Com cuidado!

Gared avançou para obedecer, mas Renna afastou-o sem esforço, erguendo Arlen com tanta ternura como se erguesse um bebé.

– Vai ficar tudo bem – prometeu, com lágrimas escorrendo-lhe pela face.

Durante a hora seguinte, Leesha, Darsy e Renna puxaram, torceram e ligaram Arlen até que o seu corpo recuperou a forma devida. Por duas vezes, Darsy precisou de voltar a partir ossos que tinham sarado de forma incorreta. Durante todo o processo, Arlen permaneceu inconsciente, o que teria sido bom se não fossem os traumatismos no crânio.

Gared enfiou a cabeça no interior quando o sol se ergueu finalmente no céu.

– Vai ficar bem?

Leesha limpou o suor da testa e encolheu os ombros.

– Fizemos tudo o que podíamos. Está vivo e recupera rapidamente. Teremos de esperar até acordar.

Mas quem veremos quando acordar?, questionou-se em silêncio. O crânio tinha-se partido como um ovo e, apesar de as fraturas terem desaparecido diante dos seus olhos, era impossível perceber se a queda provocara danos que nem a magia conseguiria reparar.

Uma Herbanária precisa de saber dar más notícias, ensinara-lhe Bruna, mas também precisa de saber quando o fazer. Dizer aos outros, mesmo a Renna, que Arlen poderia ter danos cerebrais permanentes provocaria um pânico que o Outeiro não poderia suportar.

Gared acenou com a cabeça e saiu. Thamos entrou pouco depois. Estava coberto com sangue negro, tinha o cabelo ensopado de suor e o esmalte da armadura apresentava várias fraturas, mas o conde parecia suficientemente saudável. Leesha sentiu algum alívio ao ver aquilo, interiorizando aquelas boas notícias enquanto perguntava pelas más.

– Quantos mortos?

Thamos abanou a cabeça.

– Centenas confirmadas, mas há mais de mil desaparecidos. Só agora começámos a recolher os restos de corpos espalhados durante a noite e a registar os que não estão no hospício. Pensei que o capitão Gamon estivesse morto até o ver aqui engessado.

Leesha acenou afirmativamente.

– Foi projetado do cavalo, mas a armadura ficou presa na sela e foi arrastado de volta à grande guarda. Tem a anca partida e uma concussão.

– Voltará a andar? – perguntou Thamos.

Leesha encolheu os ombros.

– Se depender de mim, sim, mas não temos feito o nosso melhor trabalho, Alteza. Manter gente viva tem sido a prioridade. – Não referiu os ossos de demónio que esgotara para salvar a vida de Gamon. Gostava muito do conde e acreditava que se preocupava com o seu povo, mas o facto de saber curar com magia era algo que ainda não estava preparada para partilhar. Dos que trabalhavam no hospício improvisado, apenas ela e Amanvah conheciam a arte. Não havia hora em número suficiente para salvar toda a gente que precisava de salvação e não sabia como alguns reagiriam à ideia de uma cura com magia dos nuclitas.

Thamos aproximou-se dela, pousando-lhe as mãos fortes sobre os ombros e apertando ligeiramente. Por um momento, apoiou-se contra ele, percebendo subitamente como se sentia cansada.

– Devias descansar – disse-lhe o conde.

Leesha abanou a cabeça, afastando-se do abraço tentador.

– Há quem precise da minha ajuda, Alteza. Se vos parece que aceitarei fazê-los esperar enquanto me sento a esfregar os pés, não me conheceis de todo. Parti, por favor, e deixai-me com o meu trabalho.

Mas o conde manteve-se onde estava.

– Temos homens a vigiar as guardas dos demónios e a procurar os seus depósitos de munições. Mas precisaremos de fogos para os destruir antes que o sol se ponha e o combate recomece.

Leesha acenou afirmativamente.

– Dizei a Darsy Lenhador o que será necessário e ocupar-se-á do assunto. Mas consultai os Guardadores acerca do local onde serão colocados os fogos. A provisão é limitada e não podemos desperdiçar um único foguete.

O conde assentiu. Leesha voltou-se novamente para os seus pacientes, mas Thamos segurou-lhe o braço. Quando o olhou, puxou-a para si, beijando-a profundamente.

– Quando estava na noite, receei não poder voltar a fazer isto – sussurrou.

Leesha sorriu.

– Nesse caso, leva dois.

Renna manteve-se ao lado de Arlen durante toda a noite e pelo dia fora, esperando que desse sinais de vida. Os ferimentos tinham sarado, mas nada indicava que recuperasse os sentidos.

Não me abandones, Arlen Fardos, pensou. Não conseguirei fazer isto sem ti.

Conseguiu dormir algumas horas depois do amanhecer, aninhada ao lado de Arlen, querendo protegê-lo. Acordou sobressaltada ao ouvir uma explosão à distância. Levantou-se imediatamente, pronta para lutar, mas ainda entrava luz pela abertura na tenda convertida em hospício. Olhou Arlen, mas não se movera.

– Os homens do conde sabotam as grandes guardas e destroem as armas dos nuclitas – disse Leesha, captando a atenção de Renna por um momento antes de retomar a sua

ronda, verificando o estado dos pacientes em estado mais crítico e transmitindo instruções aos outros outeiros.

Cheirava a exaustão, mas isso não era visível olhando-a. Renna, ainda energizada pelo poder resultante dos combates noturnos, sentia-se forte e alerta. Leesha não tinha idêntica vantagem, mas trabalhava, mesmo assim. No extremo oposto da tenda, Amanvah e Sikvah cuidavam com igual afincos dos Sharum feridos.

E que fiz eu? Dormi. Renna olhou Arlen, passando-lhe uma mão pela face.

– Continua a descansar, meu amor. – Beijou-o. – Certificar-me-ei de que terás um sítio onde acordar.

Houve quem se aproximasse dela assim que saiu do pavilhão, perguntando por Arlen. Disse-lhes que estava bem, que apenas dormia para recuperar forças e moveu-se para ver o que podia fazer para ajudar. Ouviram-se mais explosões à distância, mas pouco podia fazer para ajudar aí.

Ao invés, dirigiu-se aos pontos mais fracos da grande guarda de Abrigonovo, procurando fortalecê-los como conseguisse. Passou o resto do dia, arando, cavando e içando grandes perdas. Os demónios conseguiriam romper a rede. Soubera-o desde o início, mas cada momento que passassem a tentar seria um momento que não passariam a matar os outeiros.

Leesha viu Thamos caminhar de um lado para o outro atrás da mesa do mapa. Tal como ela, não descansara durante todo o dia e os seus olhos com olheiras profundas ensombravam-lhe a face atraente. Arther erguia-se perto do seu senhor, em imobilidade contrastante.

Tinham regressado ao pavilhão do conde no Cemitério dos Nuclitas, tendo acabado de supervisionar a transferência dos feridos de Abrigonovo para o hospício no Outeiro do Lenhador. Leesha orgulhara-se tanto do edifício quando foi construído, mas, vendo-o abarrotar com feridos, pareceu-lhe completamente desadequado. Se o Outeiro sobrevivesse, precisaria de ampliar as instalações.

Com o capitão Gamon ferido, Thamos voltara a assumir o comando direto dos Soldados de Madeira. Convocara aquela última reunião ao final da tarde para rever os planos para a noite vindoura. Gared, Wonda e os Açougueiros estavam presentes, juntamente com Renna, Rojer, Amanvah, Sikvah e Enkido. Até o instrutor Kaval fora autorizado a estar presente, apesar de os guardas de Thamos o terem desarmado, vigiando-o com cautela. O Inquisidor Hayes e o Discípulo Franq seguravam exemplares do Cânone, fechando os olhos enquanto murmuravam orações silenciosas.

Leesha olhou novamente o conde e, por um instante, desejou que fosse Ahmann. Pensou, não pela primeira vez, no que aconteceria a sul, na Fortuna de Everam. Sofreriam ofensiva semelhante? Era provável que sim, mas Leesha não se preocupava tanto com os krasianos como se preocupava com o Outeiro.

Não era justo para Thamos, mas não conseguia evitar compará-lo com o seu amante krasiano. Independentemente das atrocidades que Jardir tivesse cometido em nome da sua Guerra Santa contra os demónios, a sua confiança era inabalável e inspirava-a noutros. Thamos era um homem bom e válido, mas não conseguia camuflar as suas incertezas e isso tornava-se palpável na tenda.

Foi Amanvah a colocar a questão na mente de todos.

– Onde está o Par'chin?

– Dorme – respondeu Leesha.

Amanvah fixou nela um olhar frio.

– O sol desaparecerá em breve. Não deveremos acordá-lo?

Leesha abanou a cabeça.

– Sofreu um golpe terrível na cabeça. Abaná-lo e gritar-lhe seria inútil para o acordar antes de estar pronto. Mesmo que conseguisse acordá-lo, não lhe seria benéfico.

Thamos parou de caminhar.

– Ganhou-nos este dia e aproveitámo-lo bem. Cabe-nos defender o Outeiro até acordar, se algum dia acontecer.

– Acordará – assegurou Renna. – Quando o sol se puser, recuperará as forças.

– Como um demónio – disse o Discípulo Franq.

Renna atravessou a tenda num instante, com uma expressão feroz na face. Franq cambaleou para trás, tropeçando num banco e aterrando com o traseiro no chão.

– Repete isso – desafiou.

Franq ergueu-se rapidamente. Era mais alto que Renna, mas ela parecia ser a maior dos dois, avançando enquanto ele se encolhia. Leesha inspirou fundo para se acalmar, sentindo a cabeça recomeçar a palpitar. Um combate entre aqueles dois seria útil apenas aos nuclitas, mas também sentia vontade de esmurrar o sacerdote e não tinha energias suficientes para conseguir separá-los.

Surpreendente, foi o Inquisidor a pôr fim ao confronto, colocando uma mão firme sobre o ombro de Franq.

– O Discípulo manterá o silêncio.

Franq olhou o seu mestre, incrédulo, mas o olhar do Protetor era duro.

– Sua Alteza está correta. Independentemente das suas opções, o Sr. Fardos salvou-nos a todos esta noite. Se violou a lei do Criador para o fazer, que seja o Criador a julgá-lo no além. A nós, cabe-nos mostrar gratidão e lutar para ver novo amanhecer.

Renna olhou-o e acenou afirmativamente.

– Não sou o meu marido, mas farei o que puder para que assim seja.

Thamos olhou-a.

– Consegues... hmm... – Moveu o braço num gesto atabalhado, traçando uma guarda imperfeita no ar.

Renna abanou a cabeça.

– Não me parece. Mas consigo arrancar o braço de um demónio e enfiar-lho pela goela abaixo.

Gared riu-se.

– Já a vi fazê-lo.

Leesha sentiu a cabeça palpitar novamente, pensando se seria suficiente.

Renna ergueu-se com os abrigueiros quando a noite caiu. Sabia que a sua presença lhes dava forças e isso agradava-lhe, mas desejava ter alguém que lhe desse forças a si. Arlen continuava inconsciente e Thamos dividira as suas forças para guardar os pontos mais fracos da rede de guardas do Outeiro, não conseguindo concentrar os seus homens num único local. Leesha insistira em manter o seu hospício no centro do Outeiro, onde estariam mais seguros. Equipas de aprendizas de Herbanárias e de voluntários mantinham-se prontos com carroças para transportar feridos.

O general Gared e os Lenhadores guardavam Nova Rizon, onde o demónio da mente oriental construía a sua guarda e Thamos e o grosso dos seus Soldados de Madeira aguardavam junto à fronteira de Lakdale, a oeste. Os outros povoados tinham milícias próprias prontas com lança e arco, mas não havia forma de saber ao certo onde os demónios atacariam.

Renna recebera o comando de Abrigonovo, com Rojer e os krasianos reforçando os abrigueiros, que tinham sofrido perdas pesadas na noite anterior. Os restantes Jograis tinham sido divididos entre os povoados para ajudarem como melhor conseguissem.

Moveu os pés, pensando se estaria no sítio errado. Sentira a morte do demónio da mente no centro e as cinzas de nuclita na área confirmavam que arrastara todos os demónios locais consigo, mas as mentes tinham escolhido o povoado como centro do seu ataque por um motivo. Abrigonovo continuava a ter a rede de guardas mais fraca de qualquer povoado, constituída em demasiados pontos por árvores e estruturas que facilmente seriam destruídas por um demónio da rocha com pontaria moderada. Os que não estavam aptos para o combate tinham já sido evacuados, mas precisavam de defender o terreno durante tanto tempo quanto fosse possível. Se Abrigonovo caísse, os demónios passariam a ocupar uma posição de onde conseguiriam atacar o Outeiro do Lenhador.

– Vai correr bem – disse Rojer, como se lhe lesse a mente.

Renna olhou-o e às suas esposas. Vestiam cores garridas como se integrassem uma trupe de Jograis. Os véus tinham sido cortados para expor os lábios grossos, permitindo que as vozes alastrassem sem impedimento. Era estranho que a exposição de uma coisa que todas as outras mulheres que Renna conhecera traziam à vista sem pensarem duas vezes no assunto pudesse parecer tão escandalosa, mas, de alguma forma, era o que acontecia. Os homens krasianos pareciam senti-lo com maior intensidade ainda. Os Sharum não paravam de olhar as mulheres, distraídos. Kaval surpreendeu um guerreiro a olhar e golpeou-o violentamente com a haste da sua lança, gritando qualquer coisa em krasiano.

– O quê? – perguntou ela. Rojer camuflou bem o que sentia, mas conseguiu cheirar-lhe o medo.

O Jogral ruivo encolheu os ombros e sorriu-lhe.

– Ou vencemos e mostramos ao mundo que os demónios não conseguirão derrotar-nos por mais que tentem ou morreremos e alguém escreverá uma canção sobre a forma como nos erguemos na noite. Para que as pessoas recordem a nossa bravura daqui a um século e se deixem inspirar por ela.

– Preferia viver – disse Renna, quando os gritos dos demónios começaram a soar na noite. A grande guarda ganhava vida sob os seus pés, uma enorme concentração de poder que não compreendia por completo. Conseguiria canalizá-lo como Arlen fazia? Seria suficiente, mesmo que conseguisse? Pensou novamente no seu marido, imóvel numa cama do hospício.

Ouviu-se ruído na estreita fila de árvores do outro lado da clareira e acolheu o medo e a preocupação que sentia, endireitando as costas. Enquanto o fazia, sentiu o influxo de poder, aumentando-lhe a força. Sentiu água na boca. Se morressem, que morressem lutando.

– Arcos preparados – gritou. E os abrigueiros ergueram as armas. Os krasianos não tinham arcos, mas cada um estava armado com três lanças, duas para arremessar e uma terceira para combate de proximidade.

– É o nosso sinal – disse Rojer, avançando e erguendo o violino, começando a tocar. Amanvah e Sikvah juntaram-se-lhe com as suas vozes, tocando as gargantilhas de osso de demónio.

A música foi propagada a grande distância pelas correntes de magia, tornando-se mais sonora e mais complexa, tecendo um feitiço no ar que repelia os demónios com a força de uma rede de guardas. Renna sabia que estavam lá, vendo o seu brilho entre as árvores, mas pareciam incapazes de se aproximar enquanto o trio continuasse a música. Após vários minutos, o seu coração começou a acalmar.

Nesse momento, um penedo sobrevoou as árvores.

– Cuidado! – gritou Renna. Enkido puxava Amanvah e Renna segurou Rojer e Sikvah como se fossem crianças, saltando para o lado. A pedra gigantesca atingiu o solo no instante seguinte, derrubando-os e cobrindo-os com lascas. O pó fê-los tossir, ilesos, mas o maior estrago estava feito.

Assim que a música cessou, uma horda de demónios avançou da floresta. Demónios dos campos corriam em bandos, com demónios da chama seguindo-os de perto. Seguiram-se outros, com escamas de um branco reluzente. Renna nunca os vira, mas conhecia os demónios da neve das histórias de Arlen.

Alguém gritou e os abrigueiros libertaram uma rajada das suas preciosas flechas guardadas. Não tiveram muito tempo para mirar pois os alvos moviam-se rapidamente, mas o número de demónios era de tal forma elevado que muitos foram atingidos. Alguns caíram, porém, a maioria continuou a avançar.

– Não disparem, imbecis! – gritou Renna. – A grande guarda ainda está ativa!

E, com efeito, os nuclitas embateram contra a guarda e foram projetados com uma explosão de magia cintilante. Renna pensou qual seria o propósito da carga até uma pedra cair na cabeça de uma arqueira, matando-a instantaneamente. Ergueu o olhar e viu um demónio do vento descrevendo um círculo e afastando-se enquanto mais se aproximavam, transportando grandes pedras nas garras traseiras.

– Mirem os demónios do vento! – gritou. Os abrigueiros ergueram os arcos para obedecer, mas o seu medo era palpável, fazendo tremer mãos que precisavam de estar firmes. Mesmo com a luz da grande guarda, o céu noturno estava escuro e não conseguiam ver o brilho dos demónios alados como Renna. Alguns demónios do vento caíram, embatendo contra a rede de guardas como aves voando contra um vidro grosso, mas a maioria das flechas foi engolida sem qualquer efeito pelo negrume.

– Rocha e madeira! – gritou Kaval e Renna voltou-se, praguejando. Junto ao limiar da floresta, aglomeravam-se demónios enormes, segurando pedras pesadas e pedaços de troncos de árvore nas garras.

Renna estacou, sem saber o que fazer, mas Kaval ocupou-se do comando, sem hesitar.

– Arqueiros! – gritou. – Disparem sobre os demónios da rocha! Ignorem os restantes! Lidaremos com os da madeira!

Alguns dos abrigueiros olharam Renna e viram-na cerrar os dentes. Deveria ter identificado a manobra de diversão e desperdiçara grande parte da sua munição. Odiava admiti-lo, mas não estaria à altura dos acontecimentos. Kaval, tranquilo e pronto para liderar, treinara durante toda a vida para aquilo.

– Façam o que ele diz!

Os abrigueiros dispararam novamente, daquela vez contra alvos que nem um novato falharia. Enquanto o faziam, os Sharum corriam em diante, parando no limiar da rede de guardas e usando o ímpeto da corrida para reforçar os lançamentos. As lanças leves voaram, trespassando os corações dos demónios da madeira e fazendo-os cair. Os demónios guincharam, tentando segurar as armas, mas as guardas defensivas nas hastes impediam que as puxassem, enquanto as guardas ofensivas continuavam a sugar magia dos nuclitas, transformando-a em energia letal bombeada para os ferimentos.

Os abrigueiros não tinham idêntico sucesso. Desperdiçadas as suas flechas mais fortes, as flechas toscas cravaram-se nos demónios da rocha como alfinetes numa almofada. Os

demónios guincharam, mas pareceu ser mais por incómodo do que por desespero. Ergueram os braços e arremessaram os seus projéteis pesados.

Todos dispersaram, mas os defensores não eram os alvos. Uma pedra atingiu uma paliçada que fazia parte da grande guarda, destruindo-a. Outra rompeu uma secção das barreiras. Demónios da chama cuspiram fogo sobre algumas das pedras e, apesar de as chamas se extinguírem ao passar a rede de guardas, as pedras continuavam aquecidas. Uma delas entrou pelas portas de um celeiro dentro, fazendo erguerem-se labaredas e colunas de fumo.

E os demónios continuavam a avançar em número cada vez maior. Demónios da pedra e da madeira traziam munição aos da rocha, cujo alcance e poderio eram incomparáveis. Mesmo quando alguns dos demónios da rocha sucumbiram finalmente às dúzias de flechas cravadas na sua armadura, caindo ao chão, foram prontamente substituídos.

Roger ergueu novamente o violino, mas, antes que pudesse começar a formar uma melodia, um demónio da madeira lançou na sua direção um tronco do tamanho de um barril de cerveja. Conseguiu esquivar-se e Amanvah e Sikvah lançaram-se ao chão, sujando as suas sedas garridas, mas conseguindo permanecer vivas. Correram os três em busca de abrigo enquanto outros demónios lançavam projéteis na sua direção.

Eles sabem, percebeu Renna. As mentes conseguem ver pelos olhos dos seus obreiros.

O pensamento enraiveceu-a e sentiu a grande guarda responder. Canalizou essa força, sentindo-a inundá-la com o seu poder, mas era um poder mesclado com dor, como se tivesse sido largada num caldeirão de água a ferver. Incapaz de o suportar durante muito tempo, traçou uma guarda térmica no ar, voltando-a contra os demónios atacantes e observando com satisfação as chamas que envolviam três demónios da madeira, reduzindo-os a cinzas.

Nesse momento, Renna sentiu as pernas cederem, mal conseguindo amortecer a queda com as mãos e evitar que a

cara embatesse contra o chão. Respirou com dificuldade e sentiu a garganta queimar, com os olhos secos e ardendo. A força que a inundara no momento anterior desaparecera, deixando-lhe os músculos fracos.

É isto que Arlen sente?, pensou. Como consegue suportá-lo?

Forçou-se a levantar, canalizando novamente o poder da grande guarda, mas, daquela vez, não reagiu. Sentia o poder pulsando sob o corpo, intenso como sempre, mas, qualquer que fosse a ligação que tivesse encontrado na sua raiva, perdera-a com igual facilidade.

Mesmo assim, olhando o caos em seu redor, sabia que precisava de fazer alguma coisa. Os krasianos tinham esgotado as suas lanças de arremesso e os abrigueiros disparavam flechas toscas que tanto acertavam no alvo como se desfaziam contra as couraças duras dos demónios. O incêndio no celeiro estava controlado e havia gente lançando baldes de água sobre as labaredas, mas os demónios da chama aqueciam mais pedras e, em breve, os fogos tornaram-se demasiado numerosos para contê-los. Demónios do vento lançavam pedras mais pequenas do alto e outros aglomeravam-se, esperando que as guardas falhassem.

Levou a mão ao cinto, sentindo o toque tranquilizador da faca do pai. *Não há forma fácil de lavrar um campo, costumava dizer Harl. A única forma será vergar as costas e fazer o que precisa de ser feito.*

A magia reagiu à sua determinação, aumentando-lhe novamente as forças enquanto gritava e corria pela noite dentro. Atrás dela, ouviu Kaval gritar, seguindo-se o ruído dos Sharum unindo escudos e carregando na mesma direção.

O que houve a seguir foi um borrão de movimento envolvendo dentes, garras e o metal duro da sua faca enquanto se esquivava aos demónios menores, cortando e pontapeando, sem nunca abrandar. O sangue negro de demónio voou pelo ar enquanto decepava a pata de um demónio dos campos, pontapeando um demónio da chama na garganta no momento em que este se preparava para cuspir sobre ela, fazendo-o

engasgar-se com o seu próprio fogo. Ouviu o raspar de garras sobre escudos e a explosão de magia, o ruído molhado das lanças penetrando escamas de nuclitas e os gritos de homens dilacerados por mandíbulas demoníacas.

E, a seguir, atacou o primeiro demónio da rocha, pisando o demónio da chama que lhe aquecia a pedra. Utilizou as costas do da chama como trampolim, saltando bem alto para cravar a faca num vão entre as placas de armadura no pescoço do demónio maior.

Nem a lâmina longa da faca do seu pai era suficiente para cortar o pescoço de um demónio da rocha, mas Renna usou o punho para contornar o colosso, rodeando-lhe a garganta com o seu colar de seixos de rio e puxando com toda a sua força. As pedras guardadas brilharam, ganhando vida e apertaram-se, usando a força do próprio nuclita. Após alguns momentos, a cabeça separou-se com um clarão de magia e um jorro de sangue negro. Renna agachou-se ao aterrar, procurando o seu alvo seguinte.

E descobrindo que os seus alvos a procuravam a ela. Os olhos de todos os demónios no campo de batalha fixavam-se nela, como mil gatos fitando um único rato.

Rojer olhou com espanto, vendo Renna traçar uma guarda no ar e os demónios do vento que tinham tentado matá-lo explodir em chamas, guinchando enquanto caíam ao chão, enegrecidos e fumegantes. Pela expressão na sua face, estava tão surpresa como ele.

A esperança renovou-se por um instante e Rojer recordou o poder de Arlen na noite anterior. Mas, então, viu a jovem cambalear e ouviu a voz de Arlen na sua cabeça. *O Libertador não existe, Rojer. Se as pessoas querem ser salvas, terão de se salvar a si próprias.*

Renna pareceu percebê-lo também, abdicando da magia e carregando enquanto abria um caminho entre o caos como Arlen fizera na Batalha do Outeiro do Lenhador, derrubando um demónio da rocha enquanto se limitava a olhar de trás da barreira onde se abrigara com as suas esposas.

Kaval conduziu os seus guerreiros no mesmo percurso de Renna e, para variar, Rojer sentiu-se grato pela presença do instrutor brutal e dos seus Sharum. Enquanto os abrigueiros tremiam de medo e indecisão, os krasianos moviam-se como uma unidade coesa, com os escudos unidos, protegendo-se uns aos outros. Moviam as lanças em unísono, abatendo demónios dos campos como se ceifassem feno.

Começava a parecer que o rumo da batalha poderia inverter-se se conseguissem destruir os demónios da rocha, mas, então, aconteceu algo assustador. Todos os demónios olharam Renna, ignorando os outros alvos para avançarem sobre ela. Até os demónios da rocha largaram os projéteis, movendo-se na direção da rapariga com as garras gigantescas erguidas.

Renna resistiu alguns segundos, correndo literalmente sobre as costas de demónios dos campos com a graça de um professor de dança. Um demónio da neve cuspiu-lhe, mas esquivou-se e a saliva gélida atingiu a perna de um demónio da rocha. O ponto de impacto tornou-se branco e pontapeou-o com minúcia, estilhaçando-lhe a perna. O demónio tombou, aumentando ainda mais o caos.

Imediatamente a seguir, um demónio da madeira lançou-lhe um pedaço de tronco, atingindo-a com força suficiente para a projetar vários metros antes de tocar no chão. Renna esforçou-se para se levantar, mas esse momento foi suficiente para os demónios. A maior parte dos seus dentes e garras não conseguiu ferir-lhe a pele e as guardas de caulinegra cintilaram, mas, aqui e ali, encontraram aberturas e golpearam. Sangrou abundantemente e, em breve, as suas guardas ficaram cobertas e inúteis.

Kaval gritou e os Sharum fizeram um esforço enorme para a salvar, mas um dos demónios diante deles ergueu-se, o seu corpo a alongar-se e ficando mais alto ao desenvolver um tentáculo em forma de corno que rasgou as partes de cima dos escudos deles. Os guerreiros usavam elmos de metal sob os turbantes, de aço com guardas, mas o demónio cortou-os como se fossem fruta, matando vários instantaneamente.

Kaval assobiou e os Sharum desfizeram a formação e assumiram nova configuração, rodeando o demónio, que poderia ser apenas um mimético como os que Arlen e Leesha tinham referido. Rojer vira a tática antes. Esperaram que o demónio atacasse, com os da frente unindo os escudos numa barreira compacta enquanto os de trás atacavam.

Mas o mimético não se assemelhava a nada que tivessem enfrentado. Contorcia-se de forma impossível enquanto tentavam atingi-lo e, como se não bastasse, surgiram-lhe olhos múltiplos na cabeça, virados em todas as direções, além de tentáculos adicionais, permitindo-lhe enfrentar todos os guerreiros em simultâneo. Tentáculos ergueram guerreiros caídos pelas pernas e moveram-nos como clavas para derrubar os outros. Até quando os Sharum tinham a sorte de atingir o alvo, as lanças pareciam atravessar uma nuvem de fumo, deixando o demónio ileso quando voltavam a recuar. Choviam flechas sobre a criatura, mas também essas caíam ao solo sem provocar dano.

Uma e outra vez, os Sharum sentiram os golpes do mimético, mas continuavam a avançar sem medo. Seria o tipo de morte pela qual os guerreiros krasianos ansiavam, apesar de Rojer não conseguir compreender a noção. Kaval saltou para diante e o demónio arrancou-lhe o escudo do braço. O instrutor não pareceu abalado, girando a lança mais depressa do que os olhos de Rojer conseguiriam acompanhar enquanto defletia tentáculos, ganhando tempo para que os seus guerreiros atacassem.

Mas as mandíbulas do demónio aumentaram de tamanho várias vezes e morderam o instrutor Kaval ao meio, engolindo-lhe a cabeça e o peito antes que as pernas e o abdómen tivessem tempo de cair.

Ver aquilo despertou Rojer do seu torpor e notou que Renna continuava a debater-se, rodeada por vários demónios da madeira que tentavam arrastá-la.

Querem-na viva, percebeu.

Começou a tocar sem pensar, saindo de trás da proteção e avançando. Apercebeu-se vagamente de que Amanvah, Sikvah e Enkido o seguiam enquanto se dirigia para o limiar da rede de guardas, mas ignorou-os. Ignorou tudo além da música enquanto saía para a noite nua. Não fez qualquer esforço para camuflar a sua presença. Antes pelo contrário, captou a atenção de todos os demónios em redor, fazendo-os fixarem-se nele como o tinham feito com Renna nos instantes anteriores.

Parem, disse-lhes. Aproxima-se uma presa. Preparem-se para atacar.

Obedeceram, com as garras raspando o solo enquanto retesavam músculos em membros poderosos, preparando o salto. Até os demónios que tentavam levar Renna pararam o que faziam, tal como pretendia.

Apenas o demónio mimético resistiu, saltando do círculo de Sharum e carregando sobre ele como um pesadelo ganhando vida.

Roger permitiu-se um sorriso e preencheu a noite com dor, com o apelo da magia transformando-se em dissonância agreste que fez os demónios guincharem e arranharem as próprias cabeças. Até o mimético o sentiu, parando de repente com um grito dilacerante.

Amanvah e Sikvah acrescentaram as vozes ao seu poder e os três atingiram um novo patamar de união na sua falta de harmonia ensaiada, com a magia dos hora permitindo que os sons ensurdecedores cortassem a noite ao longo de quilómetros. Demónios dos campos menores fugiam e Rojer e as suas esposas rodearam o mimético, aumentando a sua dor. Rojer fez experiências, percebendo o que mais feria a criatura enquanto tocava.

O demónio contorceu-se com dores, pressionando tentáculos contra a cabeça enquanto mudava de forma, tornando-se um demónio da rocha rugindo e um demónio da madeira uivando. Um demónio do vento guinchando e até um homem gritando. Mudou de forma uma e outra vez, mas Rojer e as suas esposas foram alterando os sons que produziam, não lhe permitindo

qualquer descanso. As transformações tornaram-se erráticas e a carne do mimético começou a borbulhar e a alimentar uma poça viscosa crescente a seus pés.

Apanhei-te, filho do Núcleo. O sorriso de Rojer era sombrio enquanto preparava o golpe fatal.

Mas, quando o fez, o demónio pareceu recuperar ligeiramente. Olhou-o com algo que quase parecia um sorriso enquanto as suas orelhas derretiam por completo, deixando apenas escamas lisas sobre o crânio.

Rojer não teve tempo para se esquivar quando um tentáculo se moveu contra ele, mas ouviu um grito e Enkido lançou-se entre ambos, recebendo o golpe que lhe fora destinado. Sikvah guinchou enquanto o eunuco era esventrado, conseguindo, mesmo assim, arremessar a sua lança enquanto saltava. Atingiu o demónio com uma explosão de magia, mas Rojer sabia que não seria suficiente para matar a criatura e a sua música deixara de exercer nele qualquer influência.

O mimético voltou a erguer-se e o arco de Rojer escapou-lhe das cordas enquanto se agachava, escapando por pouco à chicotada de um tentáculo. O demónio preparou-se para voltar a golpeá-lo e o Jogral encolheu-se, sabendo que, daquela vez, não conseguiria desviar-se.

O apêndice do mimético moveu-se, mas, em vez de sentir os ossos afiados que o cobriam, Rojer foi atingido por um jorro de sangue negro quando o membro foi decepado. Ergueu o olhar e viu Renna de pé, empunhando a faca ensanguentada. Largou o tentáculo sobre o chão, que se liquefez imediatamente, enquanto avançava com a lâmina erguida.

O demónio voltou-se para enfrentar a sua carga, mas Amanvah avançou também, levando a mão à bolsa de hora que trazia à cintura. Retirou um pedaço enegrecido de osso de demónio, apontando-o ao mimético enquanto os dedos manipulavam as guardas gravadas sobre a superfície.

Uma rajada de magia projetou-se do osso como se fosse relâmpago, atingindo o mimético e erguendo-o do chão. Renna lançou-se sobre ele sem perder tempo, apunhalando e

cortando. Amanvah sacudiu das mãos o pó do osso desfeito e levou-as novamente à bolsa, retirando um punhado de garras de demónio. Lançou-as e voaram como dardos de besta, alojando-se no corpo do mimético. Este contorceu-se e guinchou descontrolado enquanto Renna o projetava para o solo, girando-lhe à volta do pescoço. Os Sharum restantes, liderados por Coliv, juntaram-se ao confronto, golpeando e gritando, defletindo tentáculos descontrolados com os escudos enquanto impediam a criatura de recuperar.

Pelo canto dos olhos guardados, Rojer avistou o brilho intenso de demónios que já não eram repelidos pela sua música e começavam a regressar. Voltou a erguer o violino, tentando afastá-los, mas um demónio dos campos avistou Sikvah ajoelhada sobre o corpo de Enkido, chorando. Lançou-se sobre ela, mais rápido do que qualquer criatura viva e Rojer percebeu que não conseguiria travá-lo a tempo.

Mas Sikvah percebeu a aproximação do nuclita. O seu véu fino estava ensopado com lágrimas e arrancou-o com uma mão enquanto tocava a gargantilha com a outra. O guincho que dirigiu à criatura foi tão dilacerante que demónios e humanos foram forçados a cobrir os ouvidos. O demónio dos campos cambaleou a meio da corrida, rebolando e imobilizando-se sem vida a seus pés.

Os abrigueiros tinham-se juntado a Renna e aos Sharum, avançando sobre o demónio mimético, não lhe dando tempo para se transformar e escapar até Renna conseguir finalmente separar-lhe a cabeça do corpo. Ergueu-a bem alto para que todos a vissem e ouviu-se um grito de júbilo alimentado por muitas gargantas.

– Basta! – gritou Rojer. – De volta à rede de guardas! Não consigo repeli-los para sempre!

Foram necessários dois Sharum para afastar Sikvah do cadáver de Enkido, levando-a de volta à segurança. Rojer, que continuava a tocar, suspirou de alívio.

Até ver os foguetes deixando rastros vermelhos no céu noturno, assinalando que os demónios tinham rompido as

guardas e estavam nas ruas de Nova Rizon.



VINTE E CINCO

CÍRCULO PERDIDO

333 DR Outono Terceira Noite da Lua Nova

—**O**OT! AÍ VÊM! – GRITOU COLIV DO ALTO.

Também ele um acrobata, Rojer sabia algumas coisas sobre equilíbrio, mas isso não o impediu de se sentir espantado pela facilidade com que o Vigia Krevakh colocara a sua escada de quatro metros no chão, correndo por ela acima sem usar as mãos e erguendo-se imóvel durante longos minutos enquanto perscrutava o horizonte.

Os dois homens estavam sozinhos na praça central de Nova Rizon entre as ruínas do que, no dia anterior, fora um povoado próspero. Naquele momento, não passava de um cadáver putrefacto, com quase todas as estruturas em volta da praça empedrada destruídas pelas pedras lançadas ou enegrecidas pelo fogo. O silêncio era perturbador.

Tinham passado o dia empilhando destroços para restabelecer a grande guarda, mas ninguém tinha ilusões de que não resistiria mais do que alguns minutos. Tinham impedido que os demónios se erguessem diretamente no povoado, mas os nuclitas começavam a dismantelar a proteção assim que solidificavam e os outeiros não tinham força suficiente para impedirem que isso acontecesse.

Esperaram, Jogral e Vigia, dentro do pequeno círculo portátil que Rojer usara durante toda a sua vida. O plano não agradava a ninguém, muito menos a Rojer, apesar de ter sido ideia sua. Quando Amanvah percebeu que não mudaria de ideias, insistiu que Coliv o acompanhasse, apesar de Rojer achar que apenas duplicaria o número de mortes. Mesmo assim, não podia negar-lhe o conforto mínimo proporcionado pela presença do guerreiro a seu lado.

Tentou matar Arlen, recordou Rojer, sem conseguir sentir raiva por isso. Coliv assumira o comando dos poucos Sharum que restavam e seguiam Rojer e as esposas para toda a parte. Perdera a conta à quantidade de vezes que o Vigia lhe salvara a vida na noite anterior.

Rojer ergueu o violino enquanto o ruído dos demónios lhe chegava aos ouvidos. Precisariam de atravessar Nova Rizon para atacar o Outeiro do Lenhador e, com a maior parte do povoado destruído, o caminho mais curto seria pela praça central.

Era simples usar esse facto para reforçar o seu apelo. *Venham por aqui!*, dizia a sua música aos nuclitas. *É mais rápido! É mais fácil! Há presas!*

E havia realmente. Ele próprio.

Os demónios responderam. Dúzias a princípio, golpeando as guardas com clarões de magia. O número depressa atingiu centenas e milhares. Encheram a praça e, mesmo assim, o seu chamamento prosseguia, atraindo-os para ele. Em breve, Rojer e Coliv perderam-se num mar de dentes e escamas, incapazes de ver qualquer outra coisa.

Nuclitas trepavam uns sobre os outros, debatendo-se pelo privilégio de atacar as guardas. Mas o círculo portátil desgastado fora bem construído e voltou os ataques contra os atacantes, fortalecendo-se com a magia que deles absorvia.

Até que aconteceu o inevitável. A massa caótica de nuclitas dividiu-se para permitir a passagem de demónios da madeira transportando troncos de árvore que usavam como clavas gigantes. Ser-lhes-ia fácil reduzirem os dois humanos a papa e desalinhar o círculo.

Mas Coliv estava pronto, erguendo um chifre de carneiro oco e polido. Levou-o aos lábios e soprou uma nota longa.

O som fez abrirem-se portadas à volta da praça, com arqueiros surgindo nas janelas e sobre os telhados dos edifícios arruinados. Não hesitaram, disparando sobre a massa de nuclitas. Os demónios amontoavam-se de tal forma que era impossível falhar e alguns dos arqueiros mais certos conseguiram abater os demónios da madeira que ameaçavam Rojer. O Jogral viu uma das hastes inconfundíveis de Wonda cravar-se no olho de um dos demónios imediatamente antes de cair.

Os demónios avançaram para as portas dos edifícios, mas foram cobertos com líquido de barris vertidos nos pisos superiores. No momento seguinte, surgiram os archotes, incendiando o fogo de demónio líquido e cobrindo-os com chamas.

Ouviu-se soar outra trompa.

– Agora – disse Coliv, sem desperdiçar palavras. Pousou a escada e trepou rapidamente, lançando um cabo a uma janela de terceiro piso.

Rojer parou de tocar, enfiando o violino no saco de maravilhas que trazia ao ombro. Correu pela escada acima de forma quase tão ágil como Coliv, segurando-se ao Vigia enquanto saltava. Homens na janela puxaram o cabo enquanto encolhiam as pernas e balouçavam, sentindo a deslocação de ar das garras que os falharam por pouco.

Embateram contra a parede enegrecida do edifício, esmagando algumas tábuas enfraquecidas, mas Coliv subiu imediatamente à janela, puxando Rojer, que se segurava aos seus ombros.

Escaparam a tempo enquanto o conde Thamos e Gared lideravam uma carga de cavalaria pesada. Rojer olhou com tristeza o local onde antes se tinham erguido, pisado por centenas de cascos reforçados com metal.

– Vou ter saudades daquele círculo – disse.

Renna caminhava para a frente e para trás, odiando ter de esperar enquanto a batalha decorria. Mas, como acontecera com Arlen, os demónios passaram a conhecê-la e abandonariam todos os outros alvos quando a vissem além das guardas.

Os outeiros retiraram a grande velocidade, correndo diante de uma horda de nuclitas. Pelo menos um terço dos arqueiros que se tinham posicionado na praça não regressou. A cavalaria de Thamos parecia ter sofrido ainda mais, com muitos cavalos transportando dois cavaleiros e com centenas de homens por encontrar. Cobriam a infantaria durante a fuga. As lanças tinham desaparecido quase na totalidade e iam golpeando com machados e martelos guardados. Coliv trazia Rojer sobre o ombro enquanto corria.

Rodearam Renna, erguida na fronteira e inspirando profundamente, sentindo a magia acumular-se a seus pés. Quando ficaram a salvo, ela canalizou.

Ignorando os demónios menores, concentrou-se nos da rocha, traçando guardas térmicas e de impacto e mirando as fissuras nas suas carapaças rochosas. Destruiu ombros e joelhos, menos preocupada em matar demónios do que em incapacitá-los e impedir que arremessassem os seus projéteis letais.

Resistiu durante muito mais tempo naquela noite, mas depressa atingiu o seu limite, sentindo-se zozza enquanto a magia a queimava por dentro.

Mesmo assim, os demónios não paravam de avançar. Pousou um joelho no chão e colocou as mãos sobre as pedras, canalizando novamente.

Leesha sentia os músculos tornarem-se mais tensos enquanto o som da batalha se ia aproximando do hospício do Outeiro do Lenhador. Havia feridos em número demasiado elevado para permitir que fossem movidos e para onde poderiam movê-los se o Cemitério dos Nuclitas caísse?

Por enquanto, a grande guarda resistiria. Formada por ruas amplas empedradas, por muralhas grossas e baixas e por amplas extensões de terreno, precisaria de horas de

bombardeio para enfraquecer o suficiente e permitir a entrada dos demónios. Mesmo quando acontecesse, havia guardas no hospício e noutros pontos seguros. Era pouco provável que os demónios conseguissem destruir tudo numa noite.

Mas não precisam de o fazer, recordou a si própria. *Precisam apenas de provocar mais estragos do que aqueles que conseguiremos reparar num mês. Depois, quando a lua voltar a desaparecer, poderão terminar o trabalho.*

No exterior, ouviram-se explosões enquanto os seus últimos fogos estouravam e pedras caíam como chuva. Cada estrondo aumentava-lhe a dor atrás dos olhos. As dores de cabeça regressaram em força com a Lua Nova, mas não podia fazer nada além de as suportar. Não podia dar-se ao trabalho de tomar as drogas potentes necessárias para as contrariar e nem ela nem Thamos estavam em condições de tentar a solução alternativa.

Não estava habituada a sentir-se tão indefesa. Queria desesperadamente estar lá fora, ajudando de alguma forma, mas que poderia esperar fazer? Aplicava já os seus dotes de Herbanária, os Lenhadores usavam o que restava dos seus fogos, do seu ácido e das poções narcóticas. Podia arriscar a vida ajudando feridos no campo, mas para quê? Chegavam ao hospício a grande ritmo e eram mais do que suficientes para ocupar todas as Herbanárias e aprendizas.

Olhou em redor, ouvindo gritos de dor erguendo-se de cada cama e do chão, com ligaduras brancas manchadas de vermelho por toda a parte. Os mais estáveis tinham sido transferidos para o Templo, sob os cuidados do Protetor Hayes, mas o hospício continuava cheio.

Leesha captou a atenção de Amanvah e a jovem dama'ting acenou afirmativamente. Sabia que se sentiria igualmente desagradada por ficar presa ali dentro, mas os seus *hora* de combate tinham-se esgotado na batalha com o mimético e ela e Sikvah eram necessárias ali. As krasianas saravam de forma diferente do que aprendera, mas não podia negar a sua eficácia.

OuvIU-se um grito e a porta do hospício foi aberta de rompante, permitindo a entrada de Coliv. Leesha percebeu imediatamente pela cor das vestimentas que trazia Rojer. O cabelo cor de cenoura do Jogral estava ensopado com sangue.

Leesha correu para ele, mas Amanvah chegou primeiro, movendo-lhe a cabeça para examinar os danos enquanto Coliv o pousava. Sikvah atravessou-se-lhe no caminho.

– Não tenho tempo para esta merda de demónio, Sikvah – disse Leesha, pretendendo afastar a rapariga.

Mas Sikvah foi mais rápida, segurando-lhe o braço e torcendo-o. Leesha deu consigo a girar e a ser projetada, mal conseguindo cair com os pés no chão.

– Cuida dos outros – disse Sikvah com o seu thesano de sotaque denso. – Nós cuidaremos do nosso marido.

Leesha encheu os pulmões para argumentar, mas, nesse momento, os restantes feridos chegaram ao hospício e precisou de se juntar às outras mulheres, procurando espaço para os recém-chegados e avaliando a gravidade dos seus ferimentos.

Os ruídos da batalha aproximaram-se demasiado enquanto trabalhavam. Os demónios estavam na fronteira, o que significava que Renna Curtidor seria a sua última barreira real. Leesha sabia que a mulher daria o seu melhor, mas ainda não era meia-noite. Conseguiria suster o Núcleo inteiro até ao amanhecer?

O hospício estremeceu quando algo enorme embateu contra o solo à sua frente.

Aparentemente não.

– Criador – sussurrou Leesha, em voz demasiado baixa para ser ouvida pelos outros. – Sei que ajudas aqueles que se ajudam a si próprios, mas precisamos de um milagre.

Não esperou uma resposta, mas esta chegou no momento seguinte quando o edifício inteiro pareceu balouçar de lado a lado. O estrondo foi ensurdecedor e traves do teto caíam ao chão entre uma nuvem de pó e fragmentos de pedra.

– Arlen! – gritou Leesha, sabendo que o seu quarto se situava no segundo piso. Subiu os degraus a correr, cobrindo a boca

com um pano e quase asfixiando com o pó, mesmo assim.

O segundo piso desabara parcialmente. Um penedo parecia tê-lo atravessado de lado a lado, levando consigo parte do telhado e várias paredes. Leesha tentou não pensar nos pacientes que tinham ocupado os quartos afetados, abrindo caminho entre os destroços para chegar ao pequeno quarto privado em que Arlen permanecia inconsciente.

Os seus piores receios concretizaram-se quando avançou pelo buraco antes ocupado pela porta. Um buraco no teto mostrava o céu noturno e o espaço antes ocupado pela cama era um aglomerado de entulho da parede desabada.

Recuou até embater contra uma das paredes restantes. Deslizou até ao chão, tremendo.

– Acabou – sussurrou. – Morreremos todos.

Mas, então, o entulho começou a mover-se e a erguer-se. Uma nova nuvem de pó encheu o quarto enquanto as traves partidas se erguiam do amontoado e pedras eram afastadas. Arlen Fardos estava no centro do movimento, movendo as mãos reluzentes sobre as traves caídas sobre os seus ombros, erguendo-as durante tempo suficiente para conseguir escapar.

Leesha olhou-o enquanto se aproximava, parecendo um serafim do Criador. Normalmente, era das primeiras a negar que Arlen tivesse sido enviado do Alto, mas deu consigo a acreditar quando o viu estender para ela uma mão brilhante.

– Libertador – sussurrou, pegando-lhe na mão e deixando-o puxá-la até ficar de pé. Amparou-a quando cambaleou e, por um momento, permaneceram abraçados.

Arlen pousou-lhe uma mão delicada na face.

– Sou apenas eu, Leesha. Arlen Fardos.

Leesha ergueu a mão, tocando-lhe também a face.

– Por vezes, é difícil perceber.

– O que aconteceu? – perguntou Arlen. – Lembro-me de destruir os depósitos de munição dos demónios...

– Isso aconteceu há dois dias – disse Leesha. – Nova Rizon caiu. Os demónios estão às portas do Cemitério dos Nuclitas. Renna mantém-nos à distância.

O nome arrancou Arlen ao torpor.

– Renna está lá fora sozinha?

E, sem mais, desfez-se em fumo, deixando Leesha a abraçar o vazio.

Arlen materializou-se no Cemitério dos Nuclitas no instante seguinte, avistando imediatamente Renna, de joelhos no chão. Os Soldados de Madeira restantes formavam um círculo à sua volta, com os escudos indestrutíveis unidos, escondendo-a e protegendo-a do arremesso de projéteis enquanto tentava levantar-se com esforço.

Mas Arlen percebia que não conseguiria fazê-lo. A sua aura vacilava. Estava a segundos de perder os sentidos.

Surgiu imediatamente a seu lado, não se preocupando em traçar guardas enquanto lhe pousava uma mão no ombro. A sua magia trespassou-a, tocando a grande guarda e sentindo o seu poder. A ligação à rede do Condado do Outeiro desaparecera, mas a guarda central do Outeiro do Lenhador era, de longe, a mais forte, contendo mais poder do que poderiam usar.

Canalizou, puxando magia através de Renna a um ritmo estável até que a sua aura foi restaurada e as guardas de caulinegra na sua pele começaram a cintilar de forma autónoma.

– Arlen – disse ela, erguendo-se e rodeando-o com os braços enquanto o beijava profundamente.

Arlen segurou-lhe a face nas duas mãos, olhando-a nos olhos.

– Prometi que morreria antes de permitir que os demónios vencessem o Outeiro, Ren. Quando disseste o mesmo, foste sincera?

Renna acenou afirmativamente.

– Sim. Em cada palavra.

Arlen voltou a beijá-la. Recuou, segurando-lhe a mão com firmeza.

– Então canaliza comigo. – Abriram-se os dois à grande guarda, inundando-se com o seu poder.

– Abram os escudos! – gritou Arlen, fazendo os Soldados de Madeira afastarem-se e permitirem-lhe ver o inimigo. Em

uníssonos, ergueram as mãos para traçar guardas no ar.

Leesha soluçou quando o sol nasceu e o som das pedras embatendo contra o solo, a explosão dos fogos e os gritos de dor se dissiparam. As últimas notas da *Canção da Lua Nova*, que os Jograis de Rojer tinham tocado de forma constante para manter o inimigo à distância, cessaram, enquanto dedos doridos e ensanguentados deram finalmente descanso aos instrumentos. Houve silêncio por um momento e, então, ouviram-se gritos de júbilo ecoando pelo Outeiro.

Tinham sobrevivido.

Alguns de nós sobreviveram, pensou Leesha, olhando os corpos cobertos que se viam por todo o Cemitério dos Nuclitas. A batalha não terminara quando Arlen e Renna desabaram no chão. Chegaram reforços dos outros povoados quando se tornou claro que os demónios concentravam o seu ataque no centro do Outeiro e juntaram-se imediatamente à batalha. Arlen e Renna tinham destruído a maior parte dos demónios maiores, negando munições aos restantes. Tornou-se um combate corpo a corpo, com dentes e garras embatendo contra aço guardado, enquanto Gared e Thamos comandavam ataque após ataque.

Os feridos eram tão numerosos que fora forçada a começar a dispô-los na praça e, depois, nas ruas. Havia morte por toda a parte, mas não tinha tempo nem ajuda para remover os corpos e ficaram onde tinham caído. Milhares de mortos e feridos misturavam-se. Até os que se mantinham de pé pareciam meio mortos. Ninguém dormia há dias.

Olhou tristemente o Templo que tinham transformado no seu último reduto durante a Batalha do Outeiro do Lenhador, com o telhado abatido por vários embates com pedras. Talvez fosse positivo, afinal, que o Protetor Hayes construísse a sua catedral para o substituir. Nova Rizon fora praticamente arrasada, tal como o povoado a que, numa triste ironia, tinham chamado Doce Abrigo. Mas as defesas resistiram nos povoados restantes.

Trompas e foguetes indicaram a Thamos e aos seus cavaleiros os locais em que foram mais necessários durante a noite, fazendo-os percorrer a fronteira enquanto os demónios

procuravam pontos fracos e tentavam violar a grande guarda. Os Jograis de Rojer repeliram-nos e confundiram-nos enquanto os Lenhadores atacavam e Coliv e os Sharum restantes estavam sempre onde os combates eram mais intensos.

Leesha foi ao seu gabinete no hospício para verificar o estado de Rojer. Estava sentado sobre a sua mesa, com a cabeça envolta em ligaduras e com Amanvah e Sikvah alternando-se enquanto conversavam com ele e lhe faziam perguntas, tentando mantê-lo acordado e lúcido. Amanvah usou o seu último hora para fechar o ferimento, mas, mesmo assim, sofrera uma pancada violenta na cabeça e, se desmaiasse, existiria uma hipótese de não acordar.

– Como está? – perguntou.

– Recuperará – disse Amanvah. – Os dados dizem-me que Everam continua a precisar dele.

Leesha acenou afirmativamente.

– Precisa de todos nós.

– O meu povo acredita que os chin são fracos – disse Amanvah. – Mas o meu pai falou da força da tribo do Outeiro. Nisto, como em todas as coisas, está certo. O teu povo honrou o Criador nesta Lua Minguante. Voltarão a erguer-se mais fortes que nunca.

Leesha abanou a cabeça.

– Não podemos continuar a sofrer perdas a este ritmo. Precisaremos de aprofundar e fortalecer as nossas grandes guardas e de tirar pessoas das ruas na Lua Nova. De abrir caves, túneis, esgotos...

– Precisarão de construir uma Subcidade – disse Amanvah.

– Será um bom início – disse uma voz atrás dela –, mas não será suficiente.

Leesha voltou-se e os seus olhos arregalaram-se.

– Arlen! – gritou, rodeando-o com os braços antes de perceber o que fazia. Arlen retribuiu, apertando-a e, pela primeira vez em dias, fê-la sentir uma pontada de esperança. – Estás bem, graças ao Criador. Não sobreviveremos a outra Lua Nova sem ti.

Arlen olhou-a com tristeza.

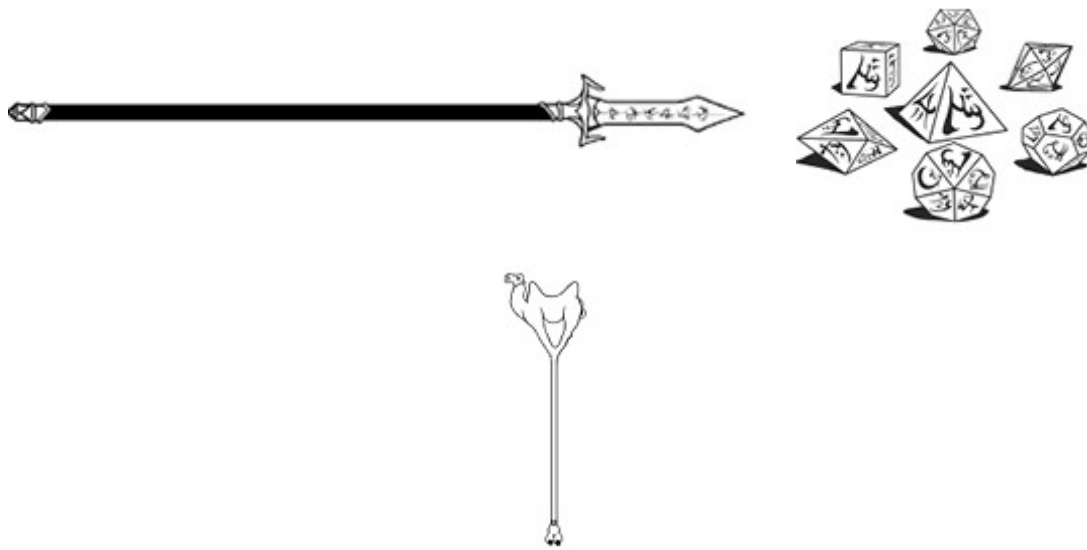
– Poderá ser necessário que o façam. As mentes vieram por mim. É tudo culpa minha.

– Isso não é... – começou Leesha.

– Os demónios estiveram na minha mente, Leesha – interrompeu Arlen. – Ouvi os seus planos... Pior ainda, ouviram também os meus. Sabem tudo o que pretendo fazer, incluindo os meus planos para Jardir e para o ataque contra os nuclitas. Tudo aquilo em que tenho pensado tornou-se inútil num instante.

Ergueu o olhar, fixando os olhos em Amanvah.

– Precisaréi de fazer algo que não esperarão.



VINTE E SEIS

SHARUM'TING

333 DR Verão 14 Auroras antes da Lua Minguante

—**C**OMO TE ATREVES a tecer a tua teia de mentiras na corte do Libertador? – acusou o Damaji Qezan da tribo Jama.

– Teia de mentiras?! – gritou o Damaji Ichach da tribo Khanjin, com a face tornando-se vermelha. – É a tua língua que pinga gotas de veneno. Sabes muito bem que...

Ichach e Qezan, que nunca tinham estado na melhor forma física, tinham engordado mais ainda nos meses anteriores. Acontecera o mesmo a praticamente todos os krasianos desde que tinham conquistado as férteis terras verdes. Mas em poucos o efeito era tão visível.

Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji, Shar'Dama Ka e o homem mais poderoso do mundo, olhou os clérigos desavindos e precisou de suprimir uma ânsia de tingir a lança com o sangue

de ambos. O desentendimento entre os Jama e os Khanjin era constante.

Jardir sentia-se mais forte do que em qualquer outro momento da sua vida, com os músculos transbordando de energia, e, mesmo assim, nunca se sentira tão cansado, vendo os dois velhos gordos discutirem por qualquer ninharia política num momento em que os planos de batalha da Sharak Ka eram traçados.

Não eram apenas os Jama e os Khanjin. As tribos estavam unidas há anos e eram ricas como nunca antes tinham sido, mas, mesmo assim, encontravam motivos para se ofenderem umas às outras, roubando poços e mulheres apenas para desagradarem aos seus rivais. Os Damaji poderiam ter posto cobro a tudo isso, mas o ciclo de vingança no conselho dos Damaji era semelhante ao que existia entre os membros mais inflamados de cada tribo. Aqueles homens eram zahven e a única coisa que verdadeiramente lhes importava era posição que ocupavam aos olhos um do outro.

Notou que os Damaji o olhavam e percebeu que deixara de prestar atenção. Esperavam uma ordem e não sabia qual seria o motivo. Algum pedaço de terra disputado...

Jardir olhou Jayan, que se erguia aos pés do seu estrado.

– Jayan, meu filho, que pensas desta grande crise entre os Jama e os Khanjin? – Não fez qualquer esforço para camuflar o desagrado na voz.

Jayan curvou-se profundamente.

– Os Jama têm motivo legítimo para se sentirem prejudicados, pai. – Jardir viu o Damaji Qezan encher o peito de ar. – Mas o mesmo sucede aos Khanjin. – Ichach endireitou as costas ao ouvir aquilo.

Jardir acenou afirmativamente.

– E como resolverias a questão se estivesses no meu lugar? – Os dois Damaji voltaram-se, surpresos, para olhar o jovem Sharum Ka. Tradicionalmente, o Sharum Ka servia o conselho e não o contrário. E Jayan tinha apenas dezanove anos. Com a

exceção de Ashan, nenhum dos elementos do conselho tinha menos de sessenta anos.

Jayan voltou a curvar-se.

– Ambas as tribos provaram serem indignas da terra. Confiscá-la-ia para o esforço de guerra.

Claro que sim, pensou Jardir. Jayan não se mostrara satisfeito com os três milhões de draki que recebera, mas Jardir vira a sua contabilidade desregrada, percebendo como gastara o imposto de guerra e lendo nas entrelinhas. *O único dos meus filhos a ter um palácio próprio e pretende já que seja maior que qualquer outro.*

Olhou Asume, que se erguia ao lado do Damaji Ashan e do dama Asukaji.

– E tu, Asume? Concordas com o teu irmão?

Asume curvou-se.

– A terra é insignificante, pai. E não resolverá o verdadeiro problema.

– E qual é o verdadeiro problema, meu filho? – perguntou Jardir.

– A proximidade da Sharak Ka, que não impede os Damaji de desperdiçarem o tempo do Libertador com assuntos mesquinhos que até crianças conseguiriam resolver entre si.

Os Damaji começaram a falar ao mesmo tempo quando ouviram aquilo. Jardir bateu com a lança sobre o estrado de mármore.

– Silêncio!

A sala silenciou-se imediatamente. Jardir manteve o olhar fixo em Asume.

– E qual a tua solução para o problema?

– Que os Damaji o solucionem. – Asume voltou-se, olhando os dois Damaji enquanto a sua voz se tornava mais fria. – E que os Damaji Qezan e Ichach sejam punidos com três chicotadas da cauda de alagai como incentivo. – Deixou cair uma mão sobre o chicote com farpas que levava no cinto. Todos os dama tinham um. Era o símbolo do novo poder que recebiam quando passavam a envergar as vestes brancas. Mas trazê-lo nas suas

peçoas caíra em desuso com o passar dos séculos até Asume reabilitar o costume. O número de dama que traziam as armas consigo aumentara depois disso.

Por um momento, houve silêncio completo, mas a corte inteira não tardou a irromper em gritos sonoros.

– Como te atreves, rapaz?! – gritou Qezan.

– Um ultraje! – rosnou Ichach.

Asume limitou-se a sorrir.

– Veem, Damaji? Estão já todos de acordo a respeito de um assunto. – As faces de Qezan e Ichach tornaram-se tão vermelhas, que Jardir julgou que poderiam explodir.

Cautela, meu filho, pensou. Fazes inimigos poderosos.

A indignação dos restantes clérigos aumentou o coro de protestos. Há séculos que um Damaji não era chicoteado e, certamente, nunca teria acontecido por ordem de um dama jovem que nem sequer completara dezoito anos. Tinham-se tornado tão seguros do seu poder ao longo dos anos que acreditavam estar acima das leis que governavam os outros homens. Até Ashan, certo do favor do Libertador e tio de Asume, olhava o rapaz com desagrado.

As Damaji'ting limitaram-se a observar em silêncio.

– Mais uma vez, o meu irmão prova porque é herdeiro de nada – disse Jayan com um sorriso maldoso, mas Asume não vacilou, mantendo o olhar frio. Não parecia um herdeiro de nada.

Parece um Andrah, pensou Jardir. Como se a sua nomeação estivesse decidida.

Jardir ponderou. Asume conseguira encurralá-lo com mestria. Se seguisse a solução de Jayan, o seu segundo filho seria humilhado e, na verdade, o problema permaneceria. Mas, se concordasse...

Apenas o Damaji Aleverak, outrora um inimigo ardente de Jardir e tornando-se depois um dos seus conselheiros de maior confiança, permanecia impassível. Aleverak também frustrava Jardir à sua maneira, mas era um homem de honra e coragem, um verdadeiro líder do seu povo e não apenas um déspota

como muitos dos seus colegas de conselho. Nunca se comportaria de forma tão tola como os outros homens e, se o fizesse, despiria a túnica e curvar-se-ia para receber a chicotada sem perder uma partícula de dignidade. Mas nem Aleverak sugeriria chicotadas num conselho aberto. O arrojo de Asome era uma novidade bem-vinda.

Jardir olhou Aleverak e o clérigo ancião acenou com a cabeça de forma impercetível, um gesto que se perdeu entre o caos. Também ele trazia uma cauda de alagai.

– A Damajah! – gritou Hasik junto à porta. Todos os homens ergueram o olhar, esquecendo momentaneamente o conflito perante a presença de Inevera.

É verdade que consegue tirar o fôlego, pensou Jardir, olhando a sua Primeira Esposa enquanto o conselho se curvava perante ela.

Inevera acenou com a cabeça, aceitando a saudação, mas não fez qualquer esforço para se aproximar do trono. Captou o olhar de Jardir e tocou a bolsa de hora, inclinando ligeiramente a cabeça na direção da sua câmara de almofadas. Era impossível não perceber o significado do gesto.

Os seus novos alagai hora estavam finalmente terminados.

Jardir percebeu que os sentimentos que cresciam dentro dele o deixavam zozzo. Durante vinte e cinco anos, fora praticamente um escravo dos alagai hora, com toda a sua vida ditada pelos lançamentos dos dados. Nas duas semanas anteriores, sentira-se mais livre do que imaginara possível, sem suportar o peso do fardo.

Mas essa liberdade trouxe incerteza. Os dados mantiveram-no preso, mas também lhe conferiram poder. Havia naqueles lançamentos verdades de que precisava urgentemente para vencer a Guerra Diurna e a Sharak Ka. O problema era que essas verdades eram filtradas através de Inevera e era ela quem decidia o que partilhar e o que guardar para si.

Voltou a olhar os Damaji, que continuavam a aguardar em silêncio chocado uma resposta ao seu drama mesquinho.

– Será como os meus dois filhos sugerem. A terra disputada será entregue a Jayan e os Damaji Ichach e Qezan receberão o beijo da cauda de alagai.

Todos os clérigos exceto Ashan e Aleverak abriram as bocas para protestar, mas Jardir ergueu a Lança de Kaji e as palavras morreram nas suas gargantas.

– O Damaji Aleverak administrará os castigos aqui e agora.

Golpeou o estrado com o pé da lança, fazendo vários clérigos encolherem-se com o ruído.

– A Sharak Ka está perto, Damaji. Não podemos desperdiçar tempo a lutar entre nós. De agora em diante, estes assuntos serão resolvidos pelo vosso conselho fechado. Voltem a desperdiçar o meu tempo desta forma e as próximas chicotadas serão na praça central para que todos vejam.

Faces empalideceram enquanto Jardir descia os sete degraus do seu estrado e passava entre eles, seguindo Inevera.

Jardir observou o movimento das ancas de Inevera enquanto caminhava até à sua câmara de almofadas, hipnotizado como sempre pela sua beleza. Tal como os seus guerreiros, que absorviam magia dos demónios todas as noites na alagai'sharak, anos a manipular os alagai hora tinham conferido à sua Primeira Esposa uma aparência de imortalidade. Movia-se com a confiança de uma matriarca, mas, apesar dos seus quarenta e dois anos e de lhe ter dado vários filhos, as suas curvas mantinham o viço de uma mulher com menos de trinta.

Mas apenas um tolo pensaria que o seu maior valor era a sua beleza. Estaria onde estava sem Inevera? Teria tomado o poder quando a oportunidade se lhe apresentou? A oportunidade teria surgido ou seria apenas mais um dal'Sharum iletrado ou, pior ainda, um crânio branqueado no Sharik Hora?

E continuo a amá-la, pensou, odiando-se pela fraqueza. Havia momentos em que se atrevia a sonhar que o seu amor era retribuído, mas o seu coração não lhe permitia confiar nela. Não desde o que acontecera com o Andrah.

Uma imagem dos dois unidos surgiu-lhe na mente. Inevera, bela e sedutora como sempre, cavalgando o velho gordo,

usando-o para os seus fins como fizera com Jardir. Qual seria o significado dos seus gritos de prazer nas almofadas conjugais, depois de ter visto a facilidade com que os fingia?

A câmara de almofadas da Damajah fora completamente remodelada desde a última visita de Ahmann, quando se fez acompanhar por Leesha Papel. Dera especial prazer a ambos ocuparem o local especial de Inevera e o amor que fizeram foi intenso e apaixonado. Se a sua intenção tivesse sido magoá-la, parecera-lhe que conseguira. A sua Jiwah Ka nunca referira o incidente, mas houvera um incêndio no quarto no dia seguinte, destruindo tudo além das paredes de pedra. Oficialmente, um candeeiro de óleo tombara por acidente sobre uma almofada, mas um rumor palaciano referia que Inevera saíra do quarto em chamas segurando o crânio de um demónio da chama. Todos os vestígios de Leesha Papel tinham sido eliminados.

Por algum motivo, aquilo conseguiu apenas que Jardir a amasse mais.

É a Damajah. O seu ciúme é uma tempestade e não aceitará que nenhuma mulher se erga acima dela. Não tinha Kaji refletido nos seus diários privados sobre as mesmas questões acerca da sua Jiwah Ka? Os versículos sagrados diziam que o envergonhava e o apaziguava alternadamente, pois a Primeira Esposa do Libertador era a sua zahven.

No exterior do quarto, ouviu-se um estalo e um grito. Aparentemente, o Damaji Qezan esquecera as suas lições sobre como acolher a dor. O castigo fá-lo-ia recordá-las. Aleverak censurou a sua fraqueza e a chicotada seguinte produziu apenas um gemido. A terceira foi acompanhada apenas pelo silêncio.

Não se dando ao trabalho de acender uma lanterna, Inevera avançou para fechar as cortinas pesadas que pendiam no interior das grandes janelas do quarto. Enquanto os envolvia em escuridão, os sentidos de Jardir ganharam vida.

A Coroa de Kaji sempre permitira visão guardada, à semelhança das moedas que pendiam sobre a testa de Inevera, mas, desde o combate com o demónio da mente, quando os

maiores poderes da coroa ganharam vida, começou a ver mais, vendo auras rodeando pessoas e permitindo-lhe conhecer os seus sentimentos e perceber os seus motivos. Subitamente, a sabedoria infinita de Kaji começou a fazer sentido. Com a visão da coroa para ver dentro dos corações do seu povo, Jardir conseguiria ser um líder muito melhor.

Além disso, percebeu que conseguiria canalizar o poder da coroa e da lança livremente. Durante o dia, podia invocar o poder dos artefactos ancestrais para se sarar, para ignorar a exaustão ou para conferir a si mesmo força e rapidez sobre-humanas. Era uma vantagem poderosa, mas tinha limites.

Na escuridão, muitos desses limites desapareciam. Era poderoso como nunca sonhou ser possível, mas, com a aproximação da Lua Minguante, receou que não fosse suficiente.

Inevera instalou-se sobre a sua almofada de previsão preferida e Jardir ocupou outra à sua frente, como era seu hábito. No exterior, o castigo do Damaji Ichach começara e o clérigo envergonhou-se, chorando. Jardir ignorou aquilo enquanto Inevera desembainhava a lâmina curva que o cortara vezes incontáveis ao longo dos anos.

– Que deverei perguntar em primeiro lugar? – questionou.

A sua aura pulsou quando disse a palavra «primeiro» e Jardir soube que já tinha usado os dados para os seus propósitos. Não era exatamente uma mentira, mas dizia-lhe muita coisa. Inevera sempre mantivera os seus planos em segredo, insistindo em conhecer os dele.

Jardir arregaçou a manga e estendeu o braço. Inevera pressionou a extremidade afiada sobre uma veia e aproximou uma pequena taça para captar o fio de sangue. Quando ficou cheia, pressionou o polegar contra a ferida e levou a mão livre à bolsa de ervas.

– Não é necessário – disse Jardir, invocando uma pitada de poder da lança colocada a seu lado. Afastou-lhe o braço, mostrando que o sangue parara de correr e que o ferimento fechara. Inevera olhou com surpresa, mas Jardir não lhe deu

tempo para perguntar. – Comecemos pelo plano de Abban para atacar a Doca na primeira neve. Deveremos começar a preparar o ataque em breve para termos a vantagem da surpresa.

Surgiu ódio na face de Inevera ao ouvir referir Abban. Jardir sabia que culpava o khaffit pelo desentendimento entre ambos e não confiava nele. Ansiava por lhe provar o seu valor, mostrando-lhe os erros do plano e oferecendo-lhe melhor conselho.

Mas eram sentimentos superficiais. No seu centro, mantinha-se calma enquanto erguia os dados, vertendo sobre eles um pouco do seu sangue, sussurrando orações e agitando a mão. Como sempre, o brilho malévolo que lhe pulsava entre os dedos perturbou-o.

Inevera lançou os dados e passou alguns momentos olhando-os, estudando o padrão. Jardir estudou-a a ela, procurando na sua aura indícios de verdade por trás das palavras que diria. O resultado não lhe agradava. Isso era claro.

– Não podes recuar – disse, fitando o padrão. – E não podes dar-te ao luxo de não agir. O único caminho será em diante. O plano do khaffit – silvou a palavra – poupará muitas vidas.

– Que se erguerão na Sharak Ka – disse Jardir.

– Ou que se erguerão contra ti mais tarde – referiu Inevera. Era um conselho válido, mas a sua aura dizia que as palavras tinham sido motivadas pela amargura de ter de admitir que Abban estava certo.

– É um risco que deverei correr – disse Jardir. – Que mais dizem os dados? Diz-me tudo, para variar, e poupa-me as meias-verdades!

A aura de Inevera tornou-se mais luminosa, advertindo-o a proceder com cautela. Queria impressioná-lo, mas o seu orgulho era uma montanha. Não podia impor-lhe a sua autoridade como fizera aos Damaji.

– A perdição ameaça os exércitos do Libertador se marcharem para norte com inimigos por derrotar na retaguarda. – Inclinou a cabeça, examinando os dados de outro ângulo. – Não poderás levar as tuas forças ao Outeiro sem antes

conquistar Lakton. E não poderás avançar para Angiers sem o Outeiro a teu lado.

– Com isso, pelo menos, não me preocupo – disse Jardir. – A tribo do Outeiro seguir-me-á quando for convocada.

Uma imagem da mestra Leesha pairou sobre Inevera como um fantasma, ligada a ela por raiva, ciúme e ódio. Era uma visão que vira antes, mas havia dúvida genuína sobre aquela camada superficial. Inevera não acreditava que o Outeiro estivesse garantido. Achava-o tolo por confiar tanto.

– Não terás a lealdade do Outeiro até matares o Homem Pintado. Aquele a quem chamam Libertador.

Era claro pela sua aura que era a sua opinião e não a opinião dos dados, mas era um conselho válido. Leesha amava-o. Não duvidava. E estava destinada a casar com ele e a trazer com ela a sua tribo, mas não aconteceria sem antes confrontar e derrotar o falso Libertador.

Acenou afirmativamente.

– Mais alguma coisa?

A irritação marcou a aura de Inevera, sem nunca lhe tocar a face ou a compostura. Os seus olhos deslizaram sobre as dúzias de símbolos, todos reluzindo com graus variados de luminosidade, seguindo trilhos de significado. Reconheceu alguns símbolos, mas o seu significado escapou-lhe. Por vezes, pensava em ordenar às dama'ting que o ensinassem a ler os dados, mas sabia que resistiriam e que Inevera encontraria uma forma de o impedir. Até o Evejah dizia que era uma arte de mulheres.

Por fim, Inevera falou.

– Deverás comandar os teus exércitos para alcançarem a vitória na Guerra Diurna, mas não deixes o Trono do Crânio vazio durante demasiado tempo. Tens cinquenta e dois filhos e olhá-lo-ão com cobiça.

Jardir franziu a testa. Sabia que Jayan e Asome cobiçavam o trono. Talvez nomear o rapaz para o cargo de Andrah fosse o melhor.

– Algum dos meus filhos será digno de o ocupar durante a minha ausência e estará disposto a erguer-se quando eu regressar?

Inevera cortou a sua mão, juntando o seu sangue ao de Jardir sobre os dados antes de voltar a lançá-los. Estudou o padrão por apenas um momento antes de erguer o olhar.

– Não.

– Não? – perguntou Jardir. – Apenas isso?

Inevera encolheu os ombros.

– A resposta também não me satisfaz, marido, mas os dados são claros. Lancei-os por milhares de homens e nunca encontrei um com o teu potencial.

Ali estava. Era claro na sua aura, brilhando como um feixe de luz através da sua máscara serena de dama'ting.

Mentia. Havia outro.

Sentiu a raiva crescer. Quem seria aquele homem? Ou rapaz? Porque o protegia? Pretenderia derrubá-lo se viesse a mostrar-se demasiado difícil de controlar?

Acolheu o sentimento assim que surgiu, não o exteriorizando. Não era um manipulador como Inevera ou Abban, usando meias-verdades, omissões e frases insinuantes em seu proveito, mas aprendia a guardar os seus pensamentos para si próprio, não lhes permitindo que se descontrolassem. Era semelhante à forma como negava força que os seus adversários pudessem usar contra ele no sharusahk. Adiou a preocupação para mais tarde. Havia questões mais prementes.

– Como poderei derrotar os meus inimigos na Lua Minguante? – perguntou.

Inevera voltou a molhar os dados com o seu sangue e lançou-os ao solo. Viu algo que marcou a sua aura com concentração intensa, gatinhando para estudar o padrão de todos os lados. As suas vestimentas diáfanas eram justas, mostrando-a como se apresentava no amor, mas a aura de medo crescente repeliu tais pensamentos da mente de Jardir. Via algo que não queria partilhar com ele e procurava uma saída. Quis gritar-lhe, exigindo saber o que via, mas forçou-se a permanecer calmo.

Olhou-o, por fim.

– O Libertador deverá sair sozinho para a noite para caçar o centro da teia ou tudo estará perdido quando Alagai Ka e os seus príncipes chegarem. Mas, mesmo que sobrevivas, o preço a pagar será alto.

Olhou-a, vendo o medo na sua aura ampliar-se e rodeá-lo. Não queria que arriscasse a vida. Seria por amor ou porque o seu substituto ainda não estava preparado? Não havia forma de saber. Odiava-se por ponderar a segunda possibilidade, mas enganara-o já em mais de uma ocasião.

– Príncipes? – perguntou. – Quantos? E que teia?

– Sete erguer-se-ão, um por cada nível do abismo de Nie – disse Inevera. – Mas apenas três atacarão a Fortuna de Everam.

– Apenas, dizes. – Jardir abanou a cabeça. – Barba de Everam. Um quase nos destruiu.

– Não estavas preparado – recordou Inevera.

– Infiltrou-se no palácio, Inevera – disse Jardir. – Ultrapassou o trabalho dos nossos melhores Guardadores sem qualquer dificuldade.

– Reforçámos as proteções desde então – afirmou Inevera. – Os príncipes alagai não penetrarão as nossas guardas com igual facilidade e lançarei os dados para encontrar os pontos mais fracos da nossa rede e fortalecê-los.

Jardir acenou afirmativamente.

– E a teia que referiste?

Inevera encolheu os ombros.

– A esse respeito, não poderei dizer-te nada.

– Não tentarás dissuadir-me deste rumo? – perguntou.

A sua Jiwah Ka abanou a cabeça, tristemente.

– É inevera. Cabe-te vencer a Sharak Ka, marido.

Ou perdê-la. Inevera não proferiu as palavras, mas eram claras na sua aura. O seu sucesso não estava assegurado.

– Onde atacarão os demónios com maior intensidade? – perguntou Jardir, com urgência. – Onde deverei posicionar as minhas forças?

Inevera voltou a lançar os dados, olhando longamente o resultado. Por fim, suspirou.

– Não sei. As variáveis são demasiadas. Voltarei a tentar nos próximos dias.

– Todos os dias – disse Jardir. – Cem vezes se for necessário. Nada é mais importante.

Inevera baixou ligeiramente a cabeça, erguendo os dados uma última vez.

– Lançaremos agora para o dia de amanhã.

Jardir acenou afirmativamente. Era algo que tinham feito todas as noites durante quase vinte anos. Nalguns dias, os dados não lhe diziam nada. Pelo menos, nada que Inevera quisesse partilhar. Noutros, advertiam acerca de facas escondidas e de veneno ou alertavam-no para a necessidade de aproveitar uma vantagem.

Inevera verteu o que restava do seu sangue sobre os dados e agitou-os enquanto proferia as palavras que Jardir ouvira inúmeras vezes.

– Everam, dador de luz e de vida, imploro-te que permitas a esta humilde servidora o conhecimento das coisas que estão para vir. Fala-me de Ahmann, filho de Hoshkamin, último ramo da linhagem de Jardir, o sétimo filho de Kaji.

Lançou e os dados dispersaram, com os símbolos pulsando em padrões que Jardir não poderia aspirar a compreender.

– Darás à dama'ting uma oferenda poderosa hoje – disse Inevera.

– Será bondoso da minha parte – referiu Jardir. Não percebeu falsidade na sua esposa, mas isso não significava que a oferenda fosse voluntária em vez de algo que lhe fosse retirado sem o seu consentimento.

Inevera não deu qualquer sinal de o ter ouvido.

– Ganharás guerreiros esta noite, mas perderás outros amanhã.

– Ganharei durante a noite? – perguntou Jardir. – Perderei durante o dia? Como será isso possível?

– Não sei – respondeu Inevera, mas Jardir percebia na sua aura que as suas palavras eram verdadeiras apenas em parte e precisou de suprimir uma pontada de raiva. Que segredos lhe escondia? Como poderia comandar o seu povo até à vitória quando a própria esposa lhe escondia segredos sobre os seus guerreiros?

Como acontecera frequente nas semanas anteriores, pensou em Leesha Papel. A mulher podia ser enervante de formas próprias, mas não acreditava que alguma vez lhe tivesse mentido. Desejou que estivesse ali a seu lado e não aquela... áspide-dos-túneis.

– Pouco depois do amanhecer, um Mensageiro inesperado trar-te-á notícias – continuou Inevera.

– Isso acontece todos os dias – disse Jardir, quase deixando de se preocupar.

Inevera abanou a cabeça.

– Este enfrentou a morte para entregar a sua mensagem.

Aquilo captou-lhe a atenção e olhou-a enquanto continuava a fitar os dados.

– A sua mensagem trar-te-á dor.

Não viu nela qualquer engano, mas, enquanto proferia as palavras, a sua aura pulsou. Não havia nada na sua expressão, nenhum sinal exterior, mas percebeu-o de forma clara como o dia.

Empatia. Mesmo sem conhecer a causa, o coração de Inevera palpitou por ele quando percebeu que sentiria dor. A sua dor era a dor dela.

Estendeu-lhe a mão, esquecendo a raiva e tocando-lhe gentilmente a face. Inevera olhou-o e a sua aura nunca antes brilhara com tal intensidade.

Independentemente dos seus outros sentimentos, qualquer que fosse a sua lealdade, amava-o.

Minha Jiwah Ka, pensou Jardir, tristemente. *Como te fui injusto.*

– O Libertador não pode ser incomodado, khaffit! – Jardir ouviu o rosnado de Hasik do outro lado das paredes revestidas

e da porta da câmara de almofadas de Inevera. Com a coroa sobre a cabeça, conseguia ouvir o bater de asas de aves voando no céu e o seu ajin'pal não era um homem silencioso.

Jardir ergueu-se, acordando Inevera. *Abban*.

Olhou Inevera e sorriu, tentando transmitir-lhe todo o amor que sentia por ela e sabendo que seria impossível. O sorriso que lhe retribuiu era genuíno e a sua aura transmitiu-lhe o seu amor com fervor idêntico.

Voltou a beijá-la.

– O dever chama, amada.

Acenou-lhe afirmativamente, ajudando-o a vestir-se antes de se vestir também. Quando ficaram apresentáveis, saíram da câmara, regressando à sala do trono.

Estava vazia, mas não surpreendia depois da lição de Asume. Jardir sentiu o cheiro do sangue dos Damaji que salpicava a carpete.

Apontou algumas gotas.

– Ichach.

Voltou a cheirar e virou-se, indicando um ponto a alguns metros de distância.

– Qezan.

Inevera acenou afirmativamente, retirando panos especiais da sua bolsa e ensopando cuidadosamente o máximo de sangue possível para utilização nos seus feitiços. Se os seus Damaji se revoltassem depois da humilhação, desejava ser informado. Os seus filhos Jama e Khanjin continuavam a vestir os bidos de nie'dama, mas educá-los-ia pessoalmente se fosse necessário para manter a unidade das tribos.

Subiu os degraus até ao Trono do Crânio, afastando a capa guardada enquanto se sentava. Esperou que Inevera se juntasse a ele no estrado e bateu com as mãos. Imediatamente, Hasik surgiu à porta, curvando-se profundamente.

– Que entre Abban – disse Jardir. Hasik pareceu surpreso, mas acenou afirmativamente e, no momento seguinte, o khaffit gordo surgiu à porta, curvando-se tanto quanto a sua muleta permitiria.

– Abban, meu amigo! – Jardir convidou o khaffit a aproximar-se. Inevera mostrou-se inquieta a seu lado e não precisou de ver a sua aura para perceber o que sentiria. Vira a aura de Abban e sabia que o khaffit sentia algo semelhante perante a sua Primeira Esposa.

Não importa, pensou. Terão de aprender a suportar-se um ao outro.

Abban parou ao fundo do estrado, mas Jardir fê-lo aproximar-se mais ainda.

– Podes subir três degraus. – Sorriu. – Um por cada uma das tuas pernas.

Abban forçou um sorriso, tocando com a muleta na perna.

– As minhas esposas dir-te-iam que poderia subir um quarto degrau.

Para surpresa de Jardir, Inevera riu-se ao ouvir aquilo. Acenou afirmativamente.

– Lembro-me de te ver com o bido vestido e penso que as tuas esposas te lisonjearão. Mas ouvir o riso da Damajah agrada-me. Poderás subir o quarto degrau. – Abban subiu prontamente, sem questionar a sua sorte.

– Debateremos o teu plano e consideramo-lo exequível – disse Jardir. – Atacaremos a Doca na primeira neve. Inicia os preparativos, mas não digas nada a ninguém.

Abban curvou-se.

– Quanto mais tempo o segredo for mantido, menos hipóteses de fuga terão os laktonianos. Se dependesse de mim, nem os teus generais saberiam até ao momento de ordenar o ataque.

– É um conselho sensato – concordou Inevera.

Jardir acenou afirmativamente.

– Mas não é esse o único motivo que te traz até mim hoje, Abban. Não te convoquei. O que te afasta do centro da tua teia?

– A minha gente fez uma... descoberta delicada – explicou Abban. Por um instante, os seus olhos moveram-se para Inevera.

Jardir suspirou. Não haveria ninguém digno de confiança em toda a sua corte?

– Fala.

Abban voltou a curvar-se, levando a mão a um bolso no colete castanho de fino corte que vestia sobre a sua camisa de seda colorida. Retirou a mão, erguendo um pedaço de metal prateado.

Inevera estacou e também Jardir reconheceu imediatamente o metal. Ergueu-se do trono, num instante, retirando-o da mão do khaffit. Segurou-o apenas por um momento até Inevera lho tirar, erguendo-o à luz e fazendo-o girar em várias direções.

– É o mesmo metal da Lança e da Coroa de Kaji – disse, dizendo aquilo que todos pensavam.

Abban acenou afirmativamente.

– Os nossos metalúrgicos há muito procuravam desvendar os segredos dos artefactos do primeiro Libertador. O metal é demasiado pálido para ser ouro, mas também não é prata ou platina. Supusemos que fosse ouro branco, uma liga obtida pela adição de níquel ao ouro puro. Os ourives do bazar usam-no há séculos. – Sorriu. – É mais barato que o ouro, mas é vendido quase pelo dobro do preço a tolos que o consideram exótico. Isto – apontou o pedaço de metal – é eletrum.

– Eletrum? – repetiu Jardir.

– Uma liga natural de prata e ouro, segundo me dizem – explicou Abban.

Jardir semicerrou os olhos.

– Quem to diz?

Abban voltou-se, batendo com as mãos de forma tão sonora como Jardir fizera antes. Imediatamente, Hasik surgiu à porta.

– Pede ao nosso convidado que entre – ordenou Abban. Hasik olhou-o com raiva, mas, vendo que Jardir não contrariava a ordem, desapareceu, escoltando um rizonano até à sala do trono. Era velho e a luz magoava-lhe os olhos. Tinha a face e as mãos manchadas de terra. Segurava um barrete nas mãos.

– Rennick, mestre de uma das minas de ouro do Shar'Dama Ka – apresentou Abban. Hasik segurou o homem de forma rude,

forçando-o a ajoelhar-se e pressionando-lhe a testa contra o chão.

– Basta – disse Jardir. – Hasik, deixa-nos. – O guerreiro uniu os lábios com força, mas curvou-se e voltou a desaparecer.

– Tu, mestre Rennick. Aproxima-te do estrado – ordenou Jardir. – Diz-nos o que sabes sobre este metal.

Rennick aproximou-se, torcendo o barrete nas mãos como uma lavadeira torceria a roupa.

– É como disse a Abban, Senhora. É eletrum. Vi-o noutra ocasião, quando era rapaz e trabalhava numa mina mais para sul. Os indícios estão na rocha. Um veio de prata encontrou um veio de ouro. Não acontece com frequência e é muito raro. A mina está segura.

Segura, pensou Jardir. *Como se me preocupasse com o ouro.*

– É possível produzi-lo em maior quantidade? – perguntou Jardir.

O mineiro encolheu os ombros.

– Calculo que sim. Talvez não tão puro. Mas porquê? Poderá valer alguma coisa como novidade, mas não vale tanto como o ouro puro.

Jardir acenou com a cabeça, voltando a bater com as mãos e indicando a Hasik que levasse o homem.

– Certifica-te de que este homem não fala com ninguém – disse a Abban.

– Está bem – respondeu Abban. – Será levado diretamente para a forja onde trabalham os meus ferreiros privativos e não voltará a ser visto. A família será informada de que morreu num desabamento e generosamente compensada. – Jardir aprovou com um gesto.

– Precisaréi de levar o metal para a minha câmara para confirmar o seu poder – disse Inevera.

Jardir acenou afirmativamente.

– Esperaremos. – Inevera olhou Abban e Jardir moveu a mão num gesto brusco. – Não sou tolo, esposa. Vejo como tu e Abban se olham, contornando o meu trono e marcando-o como

cães. Mas escolhi confiar nos dois e nisto, pelo menos, deverão confiar um no outro.

Inevera franziu o sobrolho, mas concordou com um aceno, desaparecendo na sua câmara a regressando vários minutos depois.

– O que é mais precioso que o ouro? – perguntou.

Jardir olhou Abban e os dois homens encolheram os ombros.

– É uma questão ancestral das dama'ting que buscam o metal sagrado da Damajah – explicou Inevera. – Os metais preciosos são melhores condutores de magia do que os metais comuns, mas nem o ouro consegue uma transferência sem perdas. – Ergueu o pedaço de eletrum. – Finalmente, encontrámos a resposta.

Jardir retirou-lho da mão, estudando-o. Ergueu-o e mordeu-o, examinando a marca deixada pelos dentes.

– Mas a coroa e a lança são mais resistentes que o melhor aço. Não há martelo ou forja que consiga arranhá-las. Este metal é macio. Partirá com o primeiro golpe.

– Agora, talvez – disse Inevera. – Mas, depois de carregado com magia, tornar-se-á indestrutível.

Jardir sentiu um formigueiro entre as pernas ao ouvir a palavra. Pensar em fabricar armas tão poderosas como a sua lança era inebriante. Subitamente, vencer a Sharak Ka parecia algo ao seu alcance.

– Imaginem o poder que os meus guerreiros terão...

Abban pigarreou, interrompendo-lhe o pensamento.

– Mil perdões, Libertador – disse o khaffit quando Jardir o olhou. – Será ajuizado não colocar a carroça diante do camelo. Como Rennick disse, existe apenas um pequeno veio do material.

– Quão pequeno? – perguntou Jardir. Fixou um olhar duro em Abban. – Saberei se me mentires, Abban.

Abban encolheu os ombros.

– Quinze quilos? Talvez vinte? Não será suficiente sequer para armar as Lanças do Libertador. E acrescentarei que talvez não seja recomendável armar um guerreiro com uma arma tão

poderosa. Para evitar ilusões de grandeza. – Sorriu. – Aconteceu noutras ocasiões.

Jardir olhou-o com desagrado até Inevera falar.

– Concordo com o khaffit.

Jardir olhou-a, surpreso.

– Duas vezes no mesmo dia? As maravilhas de Everam não têm fim.

– Não te habitues – disse-lhe Inevera, secamente. – Mas, neste caso, os teus armeiros não serão os mais habilitados a usar esta descoberta.

Jardir olhou-a longamente, recordando as palavras que proferira na câmara de almofadas.

Darás à dama'ting uma oferenda poderosa hoje.

Acenou afirmativamente.

– Que assim seja.

Segura na sua Câmara das Sombras, Inevera olhou o pedaço de eletrum na mão esquerda enquanto movia lentamente os seus alagai hora na direita. Maravilhou-se com os filamentos de magia ambiente que deslizavam para o eletrum e eram absorvidos, como uma ligeira corrente de ar conseguiria avivar uma chama. Mesmo sem guardas, o metal canalizava, emitindo luz de guardas suave.

Era frequente que as dama'ting fabricassem joias com núcleos de osso de demónio, mas era proibido revestir os dados, pois a transferência com metais preciosos era imperfeita e provava-se que afetava a previsão. Olhou os seus dados preciosos, finalmente restaurados, e sorriu. Preparava-se já para talhar outro conjunto como salvaguarda, mas passava a não precisar de se preocupar com a sua exposição ao sol.

Ponderava também outros usos. Os hora eram destruídos quando o seu poder se esgotava, mas, se fossem revestidos com eletrum, poderiam ser recarregados e usados uma e outra vez, tal como a Lança de Kaji. Abban não mentira quando dissera que aquele poder era demasiado grande para confiar a soldados comuns. As próprias dama'ting ultrapassariam qualquer limite para obter o metal se descobrissem a sua

origem. Poderia oferecer hora revestidos com eletrum às suas seguidoras mais fiéis, mas precisaria de preparar tudo sozinha. Olhou a câmara em redor, ponderando a melhor forma de ventilar uma forja àquela profundidade sem sacrificar a segurança da sua Cripta privada.

Inspirou fundo, clareando a mente e pousando o metal. Lançou novamente os dados, esperando vislumbrar algumas dicas acerca da noite que aí vinha. A seguir, saiu da Câmara das Sombras.

Manteve o centro, mas o vento era forte. Apesar de todas as precauções que pudesse tomar, o segredo do metal estava já nas mãos daquele em quem menos confiava.

Enquanto ouvia a porta da Cripta trancar-se atrás de si, moveu a mão num gesto breve e três Vigias eunucos destacaram-se das sombras, erguendo-se atrás de si. Eram os discípulos mais válidos de Enkido, homens que não existiam, treinados para permanecerem invisíveis mesmo entre uma multidão, para permanecerem imóveis durante horas, para trepar paredes a pique e para matar de forma rápida e silenciosa. Sem língua, não podiam falar, mas sabiam ouvir.

Sigam o khaffit do Shar'Dama Ka, disse-lhes Inevera com gestos rápidos dos seus dedos ágeis. Acompanhem todos os seus movimentos e informem-me acerca de todos aqueles com quem falar e de todos os locais onde for. Infiltrarem-se na fortaleza que constrói e descubram os segredos que esconde.

Os homens moveram os dedos em sincronia perfeita, como reflexos uns dos outros. *Compreendemos e obedecemos.* Curvaram-se e desapareceram enquanto Inevera iniciava a longa subida até ao palácio.

Mesmo após meses, Jardir continuava a maravilhar-se com a leveza da sua túnica de guerra enquanto Inevera o ajudava a preparar-se para a alagai'sharak daquela noite. Já não era pano grosso envolvendo placas de metal. Passara a usar seda que podia ser rapidamente afastada para expor a pele marcada com cicatrizes formando guardas de combate e de proteção. Estava mais seguro nu do que com a armadura mais forte.

– Juntar-me-ei a ti esta noite enquanto percorreres a noite – disse Inevera, quando acabou de o vestir.

Jardir olhou-a, mas o sol ainda não se pusera e a sua aura permanecia oculta.

– Não me parece sensato, amada. A alagai'sharak não é...

Inevera silvou, silenciando-o com um gesto.

– Caminhas na noite com Leesha Papel, mas não com a tua Jiwah Ka?

No seu coração, Jardir sabia que a raiva que lhe via na face era apenas uma máscara. Apostaria a sua coroa que planeava aquela conversa antecipadamente, provavelmente com a ajuda dos dados. Mas, mesmo assim, não podia negar a eficácia da expressão.

Talvez porque tinha razão.

A expressão amansou imediatamente e Inevera aproximou-se tanto que Jardir sentiu o calor e a macieza da sua pele através das vestes de seda.

– Combati a teu lado um príncipe alagai e o seu guarda-costas – recordou-lhe esta. – Porque deverei temer demónios comuns ao caminhar com o Shar'Dama Ka a meu lado?

– Até os demónios comuns merecem respeito – disse, apesar de saber que Inevera já tinha vencido. – Esquece isso por um instante e até a Damajah poderá morrer. – Estendeu a mão, introduzindo-a sob as sedas vaporosas para acariciar a pele suave entre os seus seios, sentindo o batimento do seu coração. – Escolhidos de Everam ou não, somos apenas carne e osso.

Inevera entregou-se à carícia, introduzindo também as suas mãos sob a túnica de Jardir.

– Não o esquecerei, amado. – Passou os dedos sobre as guardas que lhe cortara no peito. – Mas não esqueças também que tenho proteções próprias, como tu terás as tuas.

Jardir sorriu.

– Disso não tenho qualquer dúvida.

Deixaram o palácio juntos. Inevera repousava sobre um palanquim transportado por um camelo e Jardir montava o seu

cavalo branco. Foram seguidos pelos olhares espantados de todos por quem passaram, mas ninguém se atreveu a protestar.

Apesar das suas palavras, Jardir não receava realmente pela segurança da sua esposa. A maior parte dos demónios fora expurgada do seu território e os poucos que restavam não seriam mais do que treino para os seus homens.

A Fortuna de Everam fora construída como a flor de um girassol, com a cidade propriamente dita no centro, alongando-se em pétalas extensas de terreno agrícola e pasto. A cidade central era o território pessoal de Jardir, sem pertencer a qualquer das tribos. Era composto por um distrito interior muralhado rodeado por uma cidade exterior muito mais ampla. As pétalas tinham sido distribuídas pelas tribos de acordo com a sua dimensão. Os Kaji, Majah e Mehnding controlavam parcelas enormes de terreno agrícola individualmente guardado e aldeias. As tribos menores receberam a terra que conseguiriam defender e mais ainda. Mesmo assim, havia aldeias chin nos arredores que ainda não tinham sido submetidas por completo, apenas porque não havia Sharum e dama em número suficiente para a controlar.

Muitos dos guerreiros de Jardir permaneciam espalhados por estes territórios e isso era tanto uma fraqueza como uma força. A descentralização das suas forças enfraquecia-os de algumas formas, mas tornava tão difícil que os alagai escolhessem alvos como dificultava perceber onde concentrariam o seu ataque. Cada tribo tinha redutos próprios e era responsável por defender o máximo de gente e de colheitas durante a Lua Minguante. E todas enviavam a Jayan uma porção dos seus melhores homens para defender a capital.

Jayan estava no campo de treino quando chegaram, orientando a concentração destes guerreiros de elite. O seu turbante branco destacava-o à distância, rodeado pelos seus kai'Sharum de véu branco. Asume estava com ele, proferindo uma oração ao todo-poderoso Everam antes do anoitecer e da abertura do abismo de Nie.

Os dois homens olharam a sua aproximação e, apesar da rivalidade, Jardir não conseguia negar o prazer que sentia ao ver os seus dois filhos mais velhos erguendo-se lado a lado, comandando as suas forças. Quando eram crianças, tinham sonhado em ser Sharum Ka e Andrah, um sonho partilhado pelo seu pai. Jayan recebera já o título e Asome preparava-se para o seu.

Jayan curvou-se profundamente, mas a sua desaprovação era clara quando olhou a mãe, no exterior depois de os dama terem entoadado o recolher. Era provável que Asome partilhasse a sua opinião, mas a face do seu filho mais jovem permanecia impassível, sem revelar nada. Jayan aprendera bem a estratégia e as técnicas de combate dos dama no Sharik Hora, mas a sua disciplina fora uma lição mais difícil. Jardim ponderou, não pela primeira vez, a sensatez de lhe entregar o turbante branco em idade tão precoce. Era difícil ensinar disciplina a um homem que se sentava num trono.

– Os teus guerreiros estão prontos para a inspeção, pai – disse Jayan. Não tendo talento para esconder os seus sentimentos, não era tolo ao ponto de desrespeitar a mãe ao exprimir os seus pensamentos. Não agia assim por respeito para com o pai, apesar de ambos saberem que Jardir não hesitaria em derrubar o rapaz se cometesse o erro de se julgar superior à Damajah. Inevera ensinara os seus filhos a receá-la e a possibilidade de desobediência continuava a deixá-los apreensivos.

Nenhum dos teus filhos é digno, disseram os dados e, no seu coração, Jardir soube que era verdade. Com a magia da coroa e da lança fortalecendo-o e mantendo-o jovem, poderia viver durante séculos, tal como Kaji. Mas não era tolo ao ponto de não preparar a sua morte. Se não conseguisse encontrar um herdeiro que o substituísse como Shar'Dama Ka, talvez pudesse deixar a lança a Jayan e a coroa a Asome. Mais uma vez, pensou no segredo que Inevera lhe guardava. Quem seria o outro que vira?

Inevera olhou os guerreiros reunidos e Jardir sentiu-se inchar de orgulho. Nos anos passados desde que recebera o turbante branco de Sharum Ka, treinara-os com sangue e suor, transformando um grupo caótico de milícias tribais cada vez menos numerosas numa força de elite unificada no seu propósito e com números crescentes.

Até os kha'Sharum e chi'Sharum reunidos marchavam com precisão. Espantava-o a eficácia dos guerreiros khaffit e, sendo verdade que a maioria dos hortelões se mostrava fraca e covarde, muitos encontravam coragem. Os restantes atrasariam os alagai durante tempo suficiente para que os seus guerreiros os chacinassem e apresentar-se-iam diante de Everam de espírito limpo.

Olhou Inevera, mas esta apenas encolheu os ombros.

– É como esperava. Verifiquemos as defesas.

Jardir tentou não se sentir magoado enquanto se voltava para Jayan e Asome.

– A cidade interior é vossa nesta noite, meus filhos. Deslocar-nos-emos como a Damajah entende. As Lanças do Libertador garantirão a nossa proteção.

Inevera tocou-lhe o braço.

– Sentir-me-ia mais segura, amado, com os nossos filhos comandando a guarda de honra.

Jardir olhou-a com curiosidade, desejando que o sol se escondesse para conseguir ver além do véu de serenidade que lhe cobria a cara e descobrir a verdade das suas intenções. Acabou por encolher também os ombros.

Jayan voltou-se, dando as últimas ordens aos seus kai'Sharum. Imediatamente, as unidades começaram a dirigir-se para as suas posições.

Asome curvou-se numa vénia demorada.

– Será uma honra escoltarmos a nossa divina mãe. – Pediu a montada, um cavalo de batalha branco como o do pai, diferenciado apenas por um diamante negro na frente. Jayan pediu o seu, um cavalo negro com manchas brancas sobre os cascos e no nariz. Flanquearam Jardir enquanto seguiam

caminho, seguidos pelas Lanças do Libertador sobre os seus enormes mustangos negros.

Enquanto avançavam, Jardir lamentou, não pela primeira vez, a debilidade miserável da cidade dos hortelões. Era a fraqueza que permitira aos seus guerreiros conquistarem «Forte» Rizon com tamanha facilidade que o fazia rezear a Lua Minguante vindoura. Com o tempo, tornaria a Fortuna de Everam tão inexpugnável como a própria Lança do Deserto, mas, por enquanto, teria de trabalhar com o que os bárbaros nortenhos descuidados tinham construído.

A cidade interior era a área mais facilmente defensável, mas era também o alvo mais óbvio, albergando os silos de cereal e a residência de Jardir. Era também onde, sem uma Subcidade adequada, as mulheres e crianças das regiões exteriores se albergariam. Até mesmo os chin seriam aí recebidos. Os Damaji tinham protestado, mas Jardir ignorou-os. Era o dever dos homens proteger as mulheres e as crianças. Mesmo que fossem chin.

Os hortelões diziam que nenhum alagai entrava na cidade interior há um século, mas Jardir suspeitava que assim seria porque a sua resistência nunca fora verdadeiramente testada. A muralha guardada era pouco mais alta do que a maioria dos demónios da rocha. Os seus pedreiros e Guardadores tinham-na reforçado desde a conquista, mas continuava a ser patética por comparação com a grande muralha guardada da Lança do Deserto. Jardir olhou os escorpiões e balistas atrás das ameias recentemente erguidas e esperou que fossem suficientes para conter um ataque mais direto. Estava preparado para o combate nas ruas da cidade principal, mas, se chegasse a esse ponto, significaria que a batalha corria muito mal.

A linha de defesa seguinte era a cidade exterior, várias vezes maior que a interior e protegida por uma muralha guardada tão baixa que um homem conseguiria passá-la a salto. Tinha pilares guardados em pedra semelhantes aos obeliscos de Anoch Sun dispostos a cada seis metros, reforçando a proteção da linha defensiva.

Outros pilares dispersos pela cidade exterior ligavam-se à muralha, formando entre si uma rede capaz de cobrir a cidade também por cima, protegendo o Bazar Novo, os pomares e as terras de cultivo de que a cidade interior necessitava para sobreviver.

O território era demasiado vasto para que os chin conseguissem guardá-lo por completo, deixando espaços suficientemente amplos para permitir que os demónios se erguessem. Os nuclitas que o faziam eram caçados todas as noites, mas os locais sujeitos a infiltrações aumentavam em número. Mesmo com milhares de recrutas chin, Jardir não tinha homens suficientes para os guardar a todos.

No entanto, apesar destas debilidades, a cidade era surpreendentemente defensável. Um penedo arremessado poderia derrubar um pilar guardado, mas o vão poderia ser fechado por outro, cada um capaz de funcionar independentemente dos outros. Isto criava uma espécie de Labirinto e os seus homens sabiam muito bem como lutar num Labirinto, enchendo-o com engodos, valas e pontos de emboscada. Os alagai que tentassem alcançar as muralhas da cidade interior eram inevitavelmente travados pelo caminho.

A escuridão caiu enquanto avançavam e, com ela, veio também o brilho bem-vindo da visão guardada permitida pela coroa. Jardir sentiu os seus sentidos apurarem-se mais ainda enquanto os seus poderes se manifestavam, permitindo-lhe captar os gritos dos alagai e o embate de lanças e escudos enquanto os Sharum preparavam as emboscadas. Parecia um pecado que se sentisse mais confortável durante a noite do que durante o dia, mas nada acontecia que Everam não tivesse desejado. O Shar'Dama Ka precisava de se sentir à vontade na escuridão.

Olhou os seus filhos e sentiu-se esperançoso por ver que também eles avaliavam as defesas. Ocasionalmente, alcançavam grupos de Sharum ocupados no combate, mas, na maioria dos casos, tudo estava sob controlo, com guerreiros experientes usando os demónios escassos como lições vivas

para os menos experientes. Numa ocasião, testemunharam um confronto mais demorado, mas até esse foi resolvido sem dificuldade e sem necessidade da sua interferência.

– Viste tudo o que desejas, esposa? – perguntou Jardir após mais de uma hora de viagem. Olhou a sua aura com cuidado, mas viu-a calma e suave, não lhe dizendo nada.

– Quase, marido. – Inevera apontou uma colina a pouca distância. – Não veremos melhor de um ponto elevado?

Jardir acenou afirmativamente e puseram-se a caminho. Não o surpreendeu ouvir os sons da batalha.

Do alto da colina, viram um aglomerado de demónios dos campos no vale, rodeando um par de dal'Sharum que se erguiam de costas voltadas. Os guerreiros pareciam ilesos, mas estavam em desvantagem numérica com mais de três demónios para cada um e seria pouco provável que assim se mantivessem. Apeados, não teriam hipótese de fugir. Nem os cavalos de batalha krasianos conseguiram correr mais do que um demónio dos campos.

Jardir retesou os músculos, preparado para cavalgar em seu auxílio, mas Inevera ergueu uma mão.

– Observa, amado. Não devemos interferir.

Os três homens olharam Inevera, mas esta permaneceu serena sobre o seu palanquim, com a aura calma polvilhada com marcas de satisfação. Mantiveram-se onde estavam, vendo desenrolar-se o confronto.

– Quem são? – perguntou Jayan. – A que unidade pertencem? O varrimento desta área só começará daqui a uma hora.

Nesse momento, o maior dos demónios dos campos rompeu o círculo para saltar sobre um dos guerreiros, que pareceu baixar a guarda. Era um engodo e o guerreiro girou no momento do ataque, cravando-lhe a lança na garganta. Outro demónio atacou em seguida, mas o outro guerreiro tinha o escudo pronto para o bloquear. Golpeou-o com intensidade na articulação de uma pata dianteira, fazendo o demónio recuar com um guincho.

Houve mais ataques do outro lado do círculo, mas o primeiro guerreiro libertou a lança manchada de sangue negro e giraram os dois com precisão para o travarem com o escudo.

Jardir sentiu-se tão impressionado com a perícia dos guerreiros que precisou de um instante para perceber que não houvera um clarão de magia acompanhando o seu ataque. Olhou Inevera.

– As suas lanças não estão guardadas?

Inevera abanou a cabeça.

– Lutam da forma ancestral. Como fazia o meu honrado marido.

– Barba de Everam – exclamou Jayan. Nem ele tinha enfrentado alagai sem uma arma guardada. Asume permaneceu em silêncio, mas traçava guardas no ar, abençoando os combatentes.

Sem o auxílio da magia de combate, os golpes dos Sharum precisavam de ser precisos, pois a armadura dos demónios tinha poucas fraquezas e saravam rapidamente. Os demónios dos campos atacavam com membros e mandíbulas rápidos como relâmpagos, por vezes com golpes rasteiros e, noutras ocasiões, erguendo-se nas patas traseiras para atingir pontos mais elevados. Depois da queda dos primeiros, os seus companheiros tornaram-se mais cautelosos e as criaturas velozes e ágeis esquivavam-se aos golpes de resposta no momento em que estes se iniciavam.

Mas os guerreiros lutavam de uma forma que Jardir nunca vira, agindo em perfeita sintonia, como um único lutador com duas cabeças e quatro braços. Uma e outra vez, os demónios foram repelidos até que um deles, golpeado pelo que parecia ser um ataque superficial de um dos guerreiros, sentiu a perna desabar sob o corpo. O par começara já a girar e o outro guerreiro cravou-lhe a extremidade da lança no olho, atingindo o cérebro e matando-o.

Poderiam ter assumido uma postura mais defensiva nesse momento, mas, ao invés, os guerreiros iniciaram movimentos frenéticos, rodopiando e permitindo que um demónio se

colocasse entre ambos. Avançaram um para o outro, enquanto as guardas defensivas nos seus escudos cintilavam, esmagando o demónio entre eles.

Com a desvantagem numérica reduzida, os guerreiros sentiram crescer o arrojo, afastando-se e permitindo que os demónios voltassem a rodeá-los.

Tolos, pensou Jardir. Porquê desperdiçar a vantagem?

Porém, os guerreiros não tinham desperdiçado nada. Os demónios atacaram-nos de todos os lados, mas utilizaram os escudos para maximizar o efeito, usando as lanças para bloquear enquanto se moviam, sem nunca perderem o controlo. Um demónio atacou quando um dos guerreiros afastou a lança e o escudo, mas este inclinou-se para diante e ergueu o pé sobre as costas como um escorpião. O demónio recebeu o golpe em cheio na face, caindo. Antes que conseguisse recuperar, o guerreiro movia a lança num golpe preciso, cravando-lha no pescoço e matando-o.

O outro guerreiro também eliminara um demónio e, no combate corpo a corpo, baixaram os escudos, abandonando por completo a defesa. Os demónios que os atacavam morderam o isco, abrindo as bocarras, mas os guerreiros, como reflexos no espelho, ofereceram as hastes das lanças aos seus dentes, torcendo-as antes que a madeira se estilhaçasse e usando o ímpeto dos demónios contra eles. Giraram, fazendo embater os demónios que se debatiam e parecendo agradados pelas marcas profundas que as suas garras deixaram um no outro. Voltaram a endireitar as lanças e cravaram-nas nos ferimentos, alcançando a carne vulnerável por baixo.

Ergueram-se sem fôlego, olhando os cadáveres de alagai em redor. Um deles estremeceu, mas o guerreiro mais próximo apressou-se a matá-lo enquanto Inevera golpeava o dorso do camelo com os calcanhares e descia a colina para se juntar a eles.

Jardir e os filhos seguiram-na, espantados. Quando se aproximaram, os guerreiros curvaram-se em vénias profundas, primeiro a Inevera e só depois a Jardir. Quando endireitaram as

costas, os olhos de Jardir quase lhe saíram das órbitas. As vestes de guerreiro escondiam muito, mas as auras não escondiam a curvatura dos seus corpos.

Mulheres.

– Shar'Dama Ka – disseram as suas vozes melodiosas em unísono. – Viemos para responder ao teu chamado. Desejamos que estes alagai sejam um sacrifício digno das tuas primeiras Sharum'ting.

– Sharum... ting? – repetiu Jayan, incrédulo.

Em resposta, as mulheres ergueram as mãos e retiraram os turbantes e os véus com a mesma precisão com que tinham lutado. Jardir susteve a respiração, tendo-as já identificado pelas suas auras. Inevera era inteligente. Não podia negá-lo. Mas, daquela vez, agitara um vespeiro. Até a calma de Asume se perdeu.

– Pelo abismo de Nie!

– Shanvah? – perguntou Shanjat ao ver a sua filha, sobrinha de Jardir e filha da sua irmã Hoshvah, erguendo-se diante deles.

Mas fora a outra mulher a fazer a aura de Asume inflamar-se com uma raiva tão intensa que Jardir se sentiu cegado por ela. Ashia, filha de Ashan e da sua irmã mais velha, Imisandre.

A Primeira Esposa de Asume.

O amanhecer aproximava-se. As janelas de vidro tingido da sala do trono começaram a encher-se de cor. Todos os ritos ancestrais do batismo dos Sharum tinham sido seguidos. As jovens cumpriram as exigências de morte de demónios, de confronto corpo a corpo com alagai na noite desprotegida e de não ceder terreno. Inevera lançara-lhes os ossos e, claro, declarara-as dignas. Tudo o que restava era esperar pelo amanhecer e pela sua decisão.

Não era uma decisão fácil. Além das implicações culturais extensas, qualquer das possibilidades custar-lhe-ia respeito e lealdade de aliados e familiares valiosos.

Olhou Inevera, vendo que a sua aura se mantinha irritantemente arrogante. Amava-o, mas isso não significava que estivesse do seu lado. Parecia quase entediada sobre o seu leito

de almofadas, mas, por baixo da aparência de tédio, havia concentração intensa.

A seu lado, sentado no trono, Jardir via Asume e Ashia discutirem em voz baixa num pequeno nicho situado no extremo oposto da sala. Precisou de concentração mínima para ver além da pedra e distinguir as suas auras. A audição apurada captou cada palavra.

– Como podes envergonhar-me desta forma? – perguntou Asume, com mãos trémulas. Jardir fizera questão de lhe recordar que considerava a violência contra as filhas da sua irmã um crime tão grande como golpear uma dama'ting, mas a aura de Asume mostrava, mesmo assim, que ponderava essa possibilidade.

– Envergonhar-te? – A aura de Ashia mantinha-se contida, como a aura de um guerreiro que tivesse acolhido os seus medos, superando-os. – Marido, deverias orgulhar-te de mim. Shanvah e eu somos as primeiras mulheres krasianas na história a erguerem-se na noite e a serem batizadas com sangue de demónio. De que forma poderá isto trazer algo além de honra ao teu nome?

– Honra? – perguntou Asume. – Enquanto te pavoneias com roupa de homem? Que honra haverá se todos os homens que encontrar pensarem que não consigo controlar a minha própria esposa?

– Não desejo ser controlada! – ripostou Ashia. – Tu e o meu irmão poderão ter convencido o meu pai a entregar-me como tua esposa, mas nunca foi esse o meu desejo.

– Sou indigno de ti? – perguntou Asume. – O segundo filho do Libertador não te chega? Talvez desejasses ser oferecida a Jayan?

– Também eu tenho o sangue do Libertador nas veias – disse Ashia.– E sou uma princesa dos Kaji. Não desejo ser oferecida a ninguém!

Asume abanou a cabeça, com confusão genuína na sua aura.

– Não tenho sido um bom marido? Não te dei tudo o que desejavas? Não te enchi o ventre?

– Tu e Asukaji nunca se preocuparam com os meus desejos – disse Ashia. – Vestiste-me com sedas e cobriste-me de luxos, mas, além disso, pouco pensaste em mim depois da nossa noite de núpcias, em que Asukaji observou e tocou a peça enquanto me enchias o ventre. E quarenta semanas depois, quando os dois me retiraram um filho recém-nascido dos braços.

– Dar-te-ei mais filhos – disse Asume. – E filhas... – Jardir conseguia ver que tentava desesperadamente compreender os desejos da mulher. Para conseguir travá-la e salvar a honra.

– Não – disse Ashia. – Não sou apenas um ventre para gerar os teus filhos porque Asukaji não pode fazê-lo! Tu e o teu companheiro de almofadas têm o filho que desejavam. Agora, viverei a minha vida.

A aura de Asume ficou vermelha e a de Ashia mostrava que sabia que o marido estava prestes a golpeá-la. Parecia mesmo desafiá-lo. Planeara já o bloqueio e os golpes de resposta.

– Asume! – gritou Jardir. – Aproxima-te! – Marido e mulher voltaram-se para ele, suspendendo o confronto. Asume afastou-se sem olhar a esposa.

– Pai! – disse. – Não podes permitir que esta loucura continue!

– Concordo – disse Ashan, posicionando-se na base do trono com Asukaji. A sua aura deixava claro que esperava de Jardir, pelo amor e lealdade que partilhavam, que não condenasse a sua filha tola a uma vida de Sharum.

– Dei a minha palavra, Ashan – disse Jardir. – Não a negarei.

– O Libertador está correto. Não poderá negar a palavra dada – disse Aleverak. Todos o olharam, surpresos, não acreditando na aprovação do Damaji conservador.

Jardir nunca o admitiria, mas amava o Damaji Aleverak. Nem sempre concordava com ele, mas a sua honra era maior do que a de qualquer homem que tivesse conhecido. Mesmo depois de lhe roubar o braço, Jardir não conseguira fazer com que o clérigo ancião o receasse. Poderia contar sempre com ele para disputar as suas decisões.

Antes de serem tomadas. Depois, por mais tolas que as considerasse, Aleverak obedecia às ordens do Shar'Dama Ka e mataria quem se opusesse a elas. Jardir olhou a sua aura e sentiu algo semelhante ao que um filho sentiria pelo seu pai. O Damaji fora o seu maior adversário no caminho para o Trono do Crânio e tornara-se o único homem em quem poderia confiar totalmente.

Ashan parecia prestes a responder quando Aleverak ergueu uma mão para o silenciar. Olhou Jardir e a sua aura tornou-se fria.

– Se o Libertador decide permitir que algumas mulheres se tornem Sharum, assim será. Mas o teu decreto não negará os deveres de uma filha e de uma esposa expressos no Evejah. Pois não foi o próprio Kaji a ordenar a sua obediência?

A aura de Inevera demonstrou diversão ao ouvir aquilo. Everam saberia que era tudo menos obediente. Jardir reagiu com um grunhido sobranceiro e arrependeu-se imediatamente ao perceber como o som ofendera o orgulhoso Aleverak.

– Palavras sábias, Damaji – apressou-se a dizer, descontraído ao ver a aura do ancião acalmar. – É verdade que poderei mudar a minha palavra se o entender.

– Então fá-lo! – gritou alguém do outro lado da sala.

Jardir ergueu o olhar enquanto Hasik gritava tarde de mais:

– A Santa Mãe!

Kajivah, vestindo ainda as vestes negras do sono, entrou pela sala dentro, seguida pelas suas irmãs Imisandre e Hoshvah. As três auras uniam-se na indignação. A seu lado, a aura de Inevera tornou-se fria com o medo, perdendo toda a arrogância.

Interessante, pensou, olhando a esposa e vendo os filamentos de emoção que a ligavam a Kajivah. *Acredita que a minha mãe conseguirá fazer-me mudar de ideias quando os meus conselheiros não conseguiram.*

Olhando novamente Kajivah, Jardir não poderia negar que a sua mulher teria motivos de preocupação. A mãe sentira-se ocasionalmente desagradada com ele ao longo dos anos. Não

seria algo novo. Mas nunca lhe ocorrera que a sua divina mãe poderia dirigir-lhe tamanha fúria.

– A culpa é tua – disse Kajivah, motivando gemidos de espanto em redor. – Por teres negado as vestes brancas às tuas sobrinhas.

Asome acenou afirmativamente.

– Não bastava dizeres ao mundo que não eram dignas da graça de Everam. Agora, decretas que deverão empunhar lanças como guerreiros comuns?

Jardir sentiu o seu temperamento inflamar-se. Ergueu a sua túnica exterior branca, expondo o negro por baixo.

– Sou um guerreiro comum, meu filho. Tal como o teu irmão mais velho. – Olhou a aura de Jayan, não se surpreendendo por perceber que o rapaz não se preocupava com a decisão que tomasse. O seu filho mais velho não desejava a dor de cabeça de mulheres guerreiras, mas também não considerava que a questão justificasse enfurecer o seu pai. Mostrava-se satisfeito por assistir ao sofrimento de Asome.

– Outrora, imploraste-me que te permitisse seres também um guerreiro – disse Jardir a Asome. – Choro a perda desse rapaz. A sua honra não conhecia limites.

– Comandei homens em combate – disse Asome. Jardir lamentou o insulto quando percebeu como ferira profundamente o filho, mas o momento não era propício a recuos.

– Da retaguarda – acrescentou Jardir. – És um general exímio e um mestre da tática, meu filho, mas não sentiste o hálito nauseabundo dos alagai na tua cara. Se o tivesses sentido, respeitarias mais a lança.

– O nosso pai diz a verdade, irmão – disse Jayan. A sua aura tornava clara a sua motivação. Tentava parecer sensato e reforçar o favor do pai enquanto se comprazia com a humilhação do irmão.

Jardir dirigiu-lhe um olhar desagradado e viu a aura de Jayan encolher-se.

– Everam abençoar-me-ia se pudesse fundir-vos aos dois como prata e ouro para criar um herdeiro digno.

– Sempre respeitei a lança, meu filho – disse Kajivah. – Eduquei-te para fazeres o mesmo, não? Everam sabe que foi difícil sem Hoshkamin...

A aura de Inevera mostrava-se tão exasperada que era quase como se gritasse, apesar de apenas Jardir o sentir. Para todos os outros, parecia observar as unhas pintadas como se fossem mais interessantes do que o assunto em discussão. Sabia que não devia forçar publicamente uma decisão de Jardir.

– Mas também te ensinei a respeitar as mulheres – prosseguiu Kajivah. – A protegê-las e a honrá-las. A mantê-las seguras na noite e a zelar por elas. Agora, pretendes forçá-las a combater? Pedirás em seguida às crianças que peguem em armas?

– Se precisar de o fazer para vencer a Sharak Ka, sim – respondeu Jardir. E até Kajivah vacilou ao ouvir aquilo.

Olhou em redor, procurando outras auras e fixando os olhos em Shanjat. Conhecera-o desde a infância passada em conjunto no sharaj e lutara e sangrara a seu lado na noite por inúmeras vezes. A aura do kai'Sharum mostrava-se confusa, mas Jardir não percebia o motivo sem mais informações.

– E tu, Shanjat? – perguntou. – Que te diz o teu coração? Desejas ver a tua filha empunhando uma lança?

Shanjat ajoelhou-se diante do trono, pousando a lança a seu lado. Colocou as mãos sobre o chão de mármore e pressionou a testa entre elas.

– Não me cabe questionar a tua vontade, Libertador. Também não me cabe questionar os sentimentos do Damaji Ashan acerca da sua filha, nem os do dama Asome acerca da sua Jiwah Ka.

Ergueu a testa e endireitou as costas, permanecendo ajoelhado.

– Se me tivesses perguntado ontem, teria gritado de horror ao ponderar a possibilidade de ter mulheres a meu lado ou de confiar a minha retaguarda a uma delas na sharak. – Olhou Shanvah e a sua aura encheu-se de amor. – Mas não posso negar que, quando vi aqueles dois guerreiros lutar, foi glorioso.

Não me ocorre ninguém, nem mesmo entre as Lanças do Libertador, que tivesse lutado melhor. Quando retiraram os véus e vi a face da minha filha, não senti choque ou raiva. Senti orgulho.

Shanvah retribuiu o olhar do pai. Jardir percebeu nas emoções que os ligavam que a filha mal o conhecia, tendo sido ignorada em benefício dos seus irmãos e retirada do lar em idade precoce para ser treinada no Palácio das Dama'ting. Até àquele momento, pouco sentira por Shanjat, mas, com aquelas palavras, um filamento de amor alongou-se na sua direção.

Jardir acenou com a cabeça, pensativo.

Inevera pigarreou.

– Marido, com o devido respeito, consultaste os teus clérigos e conselheiros. Consultaste os pais, as mães, os maridos e os irmãos. Consultaste mesmo os alagai hora. Só não consultaste as próprias mulheres.

Jardir concordou com um aceno, gesticulando às aspirantes a Sharum'ting que se aproximassem.

– Estimadas sobrinhas – disse, vendo-as ajoelharem-se à sua frente. – Saibam que a vossa honra é infinita a meus olhos, tal como aos olhos de Shanjat. Mas não poderei negar que receio a vossa presença na noite. Se desejavam provar-me algo, está provado. Se desejavam honrar-me e à vossa linhagem, fizeram-no. Nada mais será necessário para merecerem a minha estima e não me agradaria ver-vos empurradas para esta vida por alguns – olhou Inevera – ou para fugir de outros. – Olhou Asume. – É por isso que vos pergunto: é realmente este o vosso desejo?

As duas mulheres acenaram afirmativamente em simultâneo.

– Sim, tio.

– Pensem bem – disse-lhes Jardir. – As vossas vidas mudarão para sempre se receberem a lança. Poderão olhar os Sharum e ver apenas os excessos que lhes são permitidos, mas esses excessos trazem consigo um preço elevado. Há glória na noite, mas há também dor e perda. Sangue e sacrifício. Verão horrores que vos atormentarão, acordadas e no sono.

As mulheres acenaram afirmativamente, mas Jardir prosseguiu.

– Ser-vos-á ainda mais difícil do que para os homens. Os Sharum esperarão que sejam fracas e não desejarão obedecer às vossas ordens. Serão desafiadas e terão de ser duas vezes mais eficazes que os vossos zahven masculinos para merecerem o seu respeito. Não será fácil e não poderei ajudar-vos. Se os homens recearem golpear-vos por me recearem a mim, não vos respeitarão.

Ashia olhou-o.

– Sempre soube que Everam me reservava um caminho diferente daquele que reserva às suas outras filhas. Depois de me erguer na noite, não tenho dúvidas. Se envergonhar o meu marido, anula a nossa união para que encontre uma Jiwah Ka mais digna. Nasci para morrer nas garras dos alagai.

Shanvah acenou afirmativamente, segurando a mão de Ashia enquanto o primeiro raio de sol entrava pelas janelas.

– Nas garras dos alagai.

Ganharás guerreiros esta noite, dissera Inevera, mas perderás outros amanhã. Que significaria? Que recusaria o seu pedido? Ou que os seus homens se revoltariam perante a possibilidade de lutarem ao lado de mulheres?

Abanou a cabeça. Tinham dito o mesmo quando criou os kha'Sharum. E esses homens serviam-no agora com honra. Não perderia guerreiros por escolha. Odiara a forma vergonhosa como a mãe fora tratada na sua infância, sem um homem que falasse por ela. Receara que também ele morresse e que as suas irmãs fossem reclamadas pelo dama local e vendidas como jiwah'Sharum.

Jardir olhou a sua corte.

– Não desejo forçar mulheres a combater, mas a Sharak Ka aproxima-se e não rejeitarei as que desejarem fazê-lo. Kaji poderá ter proibido a lança às mulheres, mas o primeiro Libertador tinha um exército de milhões. Eu não e deverei travar a mesma luta. – Apontou as mulheres ajoelhadas com a Lança de Kaji. – Nomeio-vos kai'Sharum'ting.

Kajivah uivou de dor.

– Santo pai – disse Asome. – Se a minha jiwah não tem qualquer consideração pelos votos que a unem a mim, peço-te que nos divorcies agora, como ela mesmo sugeriu.

Ashan olhou Asome. A união entre a sua filha e o filho de Ahmann fortalecera os laços entre as famílias respetivas e seria uma humilhação profunda que essa união fosse anulada.

– Não – respondeu Jardir. – Tu e a minha sobrinha proferiram os seus votos perante Everam e não permitirei que os renegues. Continuará a ser a tua Jiwah Ka e não lhe negarás o tempo passado com o jovem Kaji. Um filho precisa da sua mãe.

– Então as minhas netas passarão a participar na alagai'sharak todas as noites? – perguntou Kajivah.

– Não terá de ser assim – respondeu Inevera.

Kajivah olhou-a, chocada.

– Que queres dizer?

– Muitos dama têm guardas pessoais compostas por Sharum chamados para a alagai'sharak apenas na Lua Minguante – disse Inevera. – Se tal agradar ao meu honrado marido, recebê-las-ei na mesma qualidade. – Jardir acenou ligeiramente com a cabeça e não precisou de lhe ver a aura para perceber a satisfação da sua esposa.

– Mesmo na Lua Minguante, será um erro permitir que integrem a linha da frente – disse Asome. – Distrairão os homens cuja atenção precisa de se focar no que terão defronte.

– Os meus guerreiros aprenderão a adaptar-se – disse Jardir, apesar de saber que não era assim tão simples.

Asome acenou com a cabeça.

– Talvez. Mas será uma lição que deverás iniciar enquanto Alagai Ka pisa a terra?

Jardir uniu os lábios.

– Não – disse, por fim. – Não sei o que trará a Lua Nova e não será o momento adequado para forçar mudanças.

O pequeno triunfo fez Asome esboçar um sorriso.

– Mas isso também se aplicará aos dama – acrescentou Jardir. Asome arregalou ligeiramente os olhos.

– Hã?

– A Fortuna de Everam cairia no caos sem os dama – explicou o seu pai. – E, por isso, não arriscarei a tua vida na Lua Minguante até perceber o que enfrentaremos. Poderás juntar-te à tua mãe e à tua esposa no subpalácio quando a lua desaparecer do céu.

Jayan abafou a gargalhada, mas não o suficiente para não ser ouvido pelo irmão.

Cuidado, marido, pensou Inevera enquanto via Ahmann enfrentar Asume. *Continua a ser o teu filho e tem o seu orgulho.*

Felizmente, o confronto de olhares foi interrompido pelo ruído à porta. Inevera viu um Sharum solitário entrando na sala do trono. Parecia magro e abatido, com as vestes negras cobertas de lama, imundas e fedorentas. Sentia-lhe o cheiro do extremo oposto.

O guerreiro pousou a lança no chão e levou um joelho ao chão diante do Trono do Crânio.

– Shar'Dama Ka, trago uma mensagem urgente da tua primeira filha, a sagrada Amanvah.

Ahmann acenou com a cabeça.

– Ghilan asu Fahkin, não? Foste enviado para norte para guardar a caravana da mestra Leesha. O que aconteceu? A minha filha e pretendida estão seguras?

Pretendida. A palavra continuava a ferir Inevera.

– Ambas estavam a salvo quando as deixei, Libertador – disse o guerreiro –, mas, ao que parece, houve entre elas um... conflito.

– Que tipo de conflito? – perguntou Ahmann.

Ghilan abanou a cabeça.

– Não sei, mas creio que a carta da sagrada filha explicará. – Ergueu um pequeno pergaminho selado com cera.

Ahmann acenou com a cabeça e indicou a Shanjat que recebesse a carta. Shanjat era o kai de Ghilan, mas, mesmo assim, o guerreiro ergueu-se e recuou.

– Que significa isto? – questionou Ahmann.

– A sagrada filha fez-me jurar, Shar’Dama Ka, que depositaria a carta na tua mão e em nenhuma outra – explicou Ghilan.

Ahmann assentiu, convidando o homem a aproximar-se. Ghilan correu pelos degraus acima, voltando a pousar um joelho no chão. Manteve o olhar baixo enquanto passava a carta. A sua voz era baixa e apenas Ahmann e Inevera puderam ouvi-lo.

– Direi isto, Libertador. A mestra Leesha admitiu ter-me envenenado para impedir que chegasse até aqui.

– Terá mentido para te intimidar – disse Ahmann.

O jovem Sharum abanou a cabeça.

– Com o teu perdão, Libertador, mas não mentiu. Após dois dias, comecei a sentir-me mais fraco. No terceiro, caí do cavalo e permaneci no chão durante horas, aguardando a morte.

– Como sobreviveste? – perguntou Inevera.

O Sharum curvou-se.

– A noite caía, Damajah, e julguei melhor morrer nas garras dos alagai e não deitado na terra, com a minha força roubada pelo veneno de uma mulher.

Ahmann acenou afirmativamente.

– Tens o coração de um verdadeiro Sharum, Ghilan asu Fahkin. O que aconteceu a seguir?

– Mal consegui erguer-me – explicou Ghilan. – Mas escondi-me bem e ganhei tempo, esperando que um alagai mais tolo se aproximasse demasiado. Finalmente, um demónio dos campos passou junto a mim, tentando seguir-me pelo cheiro. Quando se aproximou do meu esconderijo, golpeei-o com toda a força.

– E sentiste-te mais forte – supôs Inevera.

Ghilan confirmou com um aceno.

– As bênçãos de Everam caem sobre quem mata as criaturas de Nie. O meu cavalo fugiu. Cacei durante as duas noites seguintes antes de a minha força se restaurar por completo. Peço desculpa pela demora, mas vim tão depressa quanto consegui.

Ahmann colocou uma mão sobre o ombro do guerreiro.

– Orgulho-me de ti, Ghilan asu Fahkin. Sabe que a tua honra não conhece limites. Parte para o grande harém. Que as

jiwah'Sharum te banhem e te confortem até adormeceres num sono merecido.

O guerreiro acenou afirmativamente, saindo tão depressa como entrara. Ahmann abriu a carta, leu-a e passou-a a Inevera.

– Marido, sinto muito – disse, depois de ler rapidamente o conteúdo. – Mas adverti-te.

– Mais uma vez, os teus dados provam ter razão – disse Ahmann. – Ganhei duas Sharum'ting durante a noite e perdi os guerreiros do Outeiro quando o dia nasceu.

– Não me regozijo, amado – disse-lhe ela, não sendo inteiramente verdade. – Se te servir de consolo, não podes perder o que nunca tiveste.

Ahmann abanou a cabeça tristemente.

– Não me serve de consolo, esposa.

Inevera moveu a pedra cobrindo um dos muitos recantos escondidos da sua Câmara das Sombras. Continha uma pequena caixa coberta com guardas de frio e alimentada por um osso de demónio. Uma fina película de gelo revestia a superfície.

Inevera abriu a caixa e retirou o pedaço de seda rígido do interior. Era precioso, mas, com os seus dados restaurados e com o descrédito da mestra Leesha que durante tanto tempo desejara, chegara finalmente o momento de lançar os dados à bruxa nortenha.

A seda era um dos muitos lenços de Inevera, que usara para ensopar o sangue que Leesha perdera durante o seu combate na câmara de almofadas. Cortou cuidadosamente os pedaços de seda ensanguentada, lançando-os a uma pequena taça de líquido em ebulição. Quando o sangue foi extraído por completo, verteu a mistura sobre os dados e agitou-os.

– Todo-poderoso Everam – entoou –, concede-me o conhecimento de Leesha, filha de Erny, da família Papel da tribo do Outeiro. – Com um último agitar, lançou os dados à sua frente.

E abriu a boca de espanto.

É a tua zahven e tem uma criança no ventre.



VINTE E SETE

LUA MINGUANTE

333 DR Outono Lua Minguante

—**C**OMO FUNCIONA? – perguntou Jardir, olhando fascinado o Trono do Crânio, revestido com eletrum. Inevera corraera as cortinas grossas da sala do trono, permitindo-lhe usar a visão guardada apesar de o anoitecer estar a uma hora de distância. Conseguia ver o fluxo contínuo de poder que o trono irradiava em todas as direções. O seu centro reluzia com o brilho quente da magia concentrada, fazendo lembrar um sol em miniatura.

– O teu trono passou a projetar um... – começou Inevera.

– ... um campo guardado – completou Jardir. – Nem mesmo os príncipes de Nie conseguirão aproximar-se... – Voltou-se, seguindo o trilho de magia e olhando através das grandes paredes de pedra com a facilidade com que alguém veria através do vidro. – ... a menos de vários quilómetros.

Era verdadeiramente espantoso. A Coroa de Kaji também conseguia repelir alagai. Jardir dominara o seu poder nas semanas anteriores, aprendendo a alargar a proteção muito além do seu alcance físico. Nenhum alagai conseguiria aproximar-se a menos de quinhentos metros da sua pessoa, bastando apenas que o desejasse. Conseguiria proteger qualquer exército no campo de batalha, mas aquilo protegeria toda a cidade interior e mais além. Os demónios poderiam atacar as muralhas e até derrubá-las, mas nunca conseguiriam passá-las.

Voltou a olhar Inevera, com os lábios curvando-se num sorriso.

– Não perguntei o que faz, amada. Perguntei como funciona.

A aura de Inevera manifestou choque seguido por desilusão por não conseguir expor a maravilha que fabricara, revelando-lhe o seu poder em fragmentos provocantes.

Que saboreie o momento na próxima ocasião, disse Jardir a si próprio. *Com esta oferenda, mereceu-o mil vezes.*

Para sua surpresa, Inevera riu-se. Não era a gargalhada de escárnio que ocasionalmente lhe ouvia, mas uma gargalhada sincera e contagiosa. Não havia som mais belo em toda a criação de Everam.

– Nunca deixarás de me espantar, Ahmann – disse-lhe. – Sempre que começo a questionar-me, recordas-me que és verdadeiramente o Shar'Dama Ka.

Jardir poderia ter duvidado, mas a sua aura encheu-se de orgulho e percebeu que era sincera. Ergueu a mão, tocando-lhe a face e apreciando o arrepio que lhe motivava no espírito.

– Compreendo perfeitamente... Damajah. – Curvou-se e beijou-a, sentindo-se corar pela paixão que a sua esposa irradiava. Poderia mentir-lhe quando julgasse necessário, mas o amor de Inevera era verdadeiro. Que mais poderia um homem esperar da sua Jiwah Ka?

Viu-a dar um passo atrás quando terminou o beijo, contendo os seus sentimentos. O seu controlo espantou-o, percebendo o

caos tórrido na sua aura tornar-se rapidamente frio e ordenado. Não era o momento certo.

– O crânio de um príncipe alagai foi acrescentado ao teu trono sagrado, amplificando as guardas que adornaram os crânios dos Sharum Ka martirizados ao longo de séculos – disse Inevera. – Usámos quase todo o eletrum para o revestir...

– Quase? – perguntou Jardir, sorrindo.

Inevera retribuiu o sorriso, mostrando-lhe os dados seguramente envolvidos pelo metal claro e brilhante.

– Tens os teus instrumentos e eu tenho os meus. – A sua aura dizia que revestira mais do que os dados, mas permitiu-lhe manter os seus segredos. Era a sua Damajah e era adequado que tivesse poder próprio.

– Não errei quando te entreguei o metal – disse Jardir. – Abban ter-lhe-ia encontrado um uso inteligente, mas nunca lhe teria ocorrido algo tão...

– Altruísta? – sugeriu Inevera, fazendo-o rir.

– Algo tão desprovido de lucro – concordou.

– Não confio no khaffit, marido – disse Inevera.

– Abban é-me tão leal como tu – disse Jardir.

Inevera abanou a cabeça.

– É leal a si próprio em primeiro lugar. E a ti em segundo.

Jardir concordou.

– O mesmo poderá dizer-se de ti, Noiva de Everam.

– Há uma diferença em servir o Criador em primeiro lugar – argumentou Inevera.

– Sim – concordou Jardir. – E não. Nenhum homem ou mulher mortal poderá confiar verdadeiramente em alguém, amada. E, no entanto, deveremos encontrar alguma forma para vencermos a Sharak Ka. A Lua Minguante inicia-se. Chegou o momento de enfrentar a escuridão e não de nos preocuparmos com lâminas envenenadas nas costas.

Inevera abriu a boca para responder, mas Jardir levou um dedo aos lábios.

– És Noiva de Everam, esposa. E sou eu quem tem fé. Não apenas no Criador, mas nos Seus filhos.

– «A fé não tece cestos», costumava dizer a minha mãe – disse Inevera. – O Criador ajuda quem faz por merecer a sua ajuda. – A sua aura considerava-o um bravo tolo.

– O Criador ajuda – repetiu Jardir. – Acreditas que foi coincidência termos encontrado o metal sagrado de Kaji semanas antes do maior teste ao meu reinado? Não enfrentamos Nie sozinhos, mesmo que Ele não mate alagai. E, se me couber libertar este mundo, deverei acreditar que, apesar de todas as nossas diferenças, ninguém, homem, mulher ou criança, deseja vê-lo sucumbir aos alagai.

Inevera não continuou a argumentar, mas a sua aura mostrava que não tinha ficado convencida.

– A tua mãe era tecelã? – perguntou ele, tentando mudar de assunto. – Presumi que fosse dama'ting.

A aura de Inevera tornou-se subitamente irrequieta. Havia choque, medo e um segredo. O suficiente para o deixar cheio de questões, mas não o suficiente para lhes responder. Pensou se a leitura dos alagai hora seria semelhante.

– Nunca falas da tua família – insistiu, olhando-a com atenção.

A aura de Inevera mostrava-lhe que procurava desesperadamente uma forma de evitar a questão e mudar de assunto. O seu cheiro era semelhante ao de um animal encurralado que preferiria fugir a lutar. Então, o seu peito subiu e desceu várias vezes de forma ritmada e uma onda de calma alastrou sobre ela.

– A maior parte das dama'ting são filhas da nossa ordem – disse. – Outras são escolhidas pelos dados no Hannu Pash. Cortamos todo o contacto com as nossas famílias quando somos escolhidas e não conhecem o nosso destino a partir do momento em que somos levadas.

Era fascinante. Cada palavra que proferira era verdadeira e, no entanto, a sua aura reagia como se mentisse.

– Mas tu não o fizeste.

Inevera sorriu. Uma distração ensaiada enquanto respirava para se acalmar. Tentava perceber o que saberia e se a teria

espiado. Escolhia palavras com cautela para não revelar nada que não desejasse revelar.

Jardir cansava-se do jogo.

– Jiwah, cessa a tua falsidade.

O seu tom de voz era duro e percebeu que reagiria à altura, usando a irritação para evitar o assunto. As suas sobrancelhas franziram-se no esgar que ensaiara até à perfeição.

Jardir sorriu.

– Para também com isso. – Aproximou-se dela, segurando-a nos braços. Sentiu-a ficar tensa e houve uma amostra de resistência quando a puxou para si. – Amas-me, jiwah?

– Claro que sim, marido – respondeu Inevera sem hesitar.

– E confias em mim?

Houve um clarão na sua aura e uma demora mínima.

– Sim. – Não era exatamente uma mentira, mas também não era verdade.

– Não sei que segredo guardas acerca da tua família – disse Jardir. – Mas vejo que o guardas e isso desonra-me. – Inevera afastou-se e tentou falar, mas Jardir abanou a cabeça. – Quando casámos, foi mais do que uma simples união entre nós. A tua família tornou-se minha e a minha tornou-se tua. Seja o que for, tenho o direito de saber.

Inevera fitou-o demoradamente e a sua aura tornou-se tão caótica que não conseguiu adivinhar qual seria a sua resposta. Mas, a seguir, voltou a acalmar.

– Os meus pais estão vivos e na Fortuna de Everam. São para mim um motivo de orgulho e vergonha e receio por eles se o nosso parentesco for conhecido. – Enfrentou-lhe o olhar e baixou a cabeça. – Foi errado esconder-te este segredo, amado. Peço que me desculpes.

Jardir acenou com a cabeça.

– Desculpo-te. Com uma condição.

Inevera arqueou uma sobrancelha.

– Quero conhecê-los – disse Jardir.

– Não me parece sensato, marido – disse Inevera. – Correriam perigo...

– Sou o Shar'Dama Ka – disse Jardir. – Tenho centenas de parentes. Julgas que não consigo protegê-los?

– Não sem que percam a vida simples de que desfrutam, longe das intrigas do palácio – afirmou Inevera.

Jardir riu-se.

– Podes introduzir as minhas sobrinhas nas fileiras dos Sharum, mas não conseguirás congeminar uma forma de conhecer os teus pais longe de olhares curiosos? Ambos sabemos que conseguirás encontrar uma forma se o desejares.

Inevera olhou-o, continuando receosa.

– E se não o desejar?

Jardir encolheu os ombros.

– Nesse caso, saberei que sou o terceiro no teu coração e não o segundo a seguir a Everam, como afirmas.

As cortinas continuavam corridas enquanto os conselheiros entravam na sala do trono. Algumas lanternas a óleo iluminavam o espaço com a sua luz artificial, preservando a visão guardada de Jardir enquanto olhava Jayan e os seus doze Damaji. Ao lado de cada líder tribal, erguiam-se os seus segundos filhos e, no caso de Ashan, o seu sobrinho. Além de Asume e Asukaji, ambos com dezoito anos, todos tinham quinze. Já não eram rapazes, mas também não eram homens, ainda com bidos brancos de nie'dama, com uma faixa de pano branco lançada sobre um ombro.

Percebia nas suas auras que os Damaji ainda sentiam rancor dos rapazes que tinham substituído os seus herdeiros. A liderança de uma tribo não era automaticamente hereditária como sucedia nas terras verdes, mas era-o para todos os efeitos, com os irmãos, filhos e sobrinhos dos Damaji ocupando posições de vantagem.

Além disso, conseguia ver os laços que o uniam aos homens como filamentos no ar. Os Sharum e dama comuns podiam acreditar que Jardir fosse divino, mas os Damaji serviam-no por medo.

Se morrer esta noite, pensou, os meus filhos morrerão assim que a notícia for conhecida. Talvez Jayan conseguisse manter o

turbante branco e Ashan protegeria Asukaji e Asome, mas os outros Damaji não hesitariam em chacinar os seus filhos nie'dama. Aleverak não quebraria a sua promessa de não magoar Maji, mas a promessa tinha uma cláusula que ambos conheciam bem. O Damaji ancião beberia veneno e permitiria que um dos seus filhos o fizesse.

Os Damaji falavam entre si, mas Jardir bateu com a lança no chão uma única vez e silenciaram-se.

– A Lua Minguante chegou, Damaji. Alagai Ka e os seus príncipes erguer-se-ão esta noite para testar a nossa gente como não vemos desde o Regresso. – Conseguia ver dúvida em alguns dos homens e medo noutros. Mas a maioria controlava-se como resultado de anos de meditação. – Jayan – olhou o rapaz, vendo na sua aura uma excitação ávida e uma esperança de provar o seu valor – comandará os Sharum.

Aquilo provocou um surto de murmúrios. Jardir voltou a bater com a lança.

– Perdoa-nos, Libertador – disse o Damaji Aleverak. – Jayan saiu-se bem como Sharum Ka e não pretendemos desrespeitá-lo, mas não caberá ao Shar'Dama Ka comandar na Sharak Ka?

Jardir acenou afirmativamente.

– Erguer-me-ei ao lado do meu filho durante tanto tempo quanto conseguir, mas, quando os príncipes de Nie se mostrarem, deverei estar livre para agir.

– E qual será o nosso lugar? – perguntou Asome.

Jardir olhou o filho, vendo a raiva sob a calma aparente.

– Os dama suplicarão o favor de Everam na batalha que se avizinha. Não será um dever menor, meu filho. – Percebeu imediatamente que Asome considerava a oração menos que nada com demónios junto às muralhas, mas esperou que fosse suficientemente sensato para não o dizer.

Asome não se contentou com a resposta.

– Porque praticam os dama o sharusahk, pai?

– Hã? – perguntou-lhe Jardir.

– Pratico sharukin desde que dei os primeiros passos – afirmou Asome. – Não conheço nenhum dama ou Sharum que

consiga vencer-me.

Jayan grunhiu de desprezo.

– Gabas-te porque nunca enfrentaste um adversário real. Os alagai são mais resistentes que o ar vazio que enfrentaste no Sharik Hora.

Asome virou-se para o irmão mais velho e arreganhou-lhe os dentes.

– Então enfrenta-me, grande matador de alagai, e veremos.

Jayan rosnou e deu um passo em frente.

– Não farás tal coisa! – gritou Jardir, batendo com a lança no chão. Proibira que os seus filhos se enfrentassem, mesmo em treino, e a sabedoria dessa ordem nunca lhe parecera maior. Percebia pelas suas auras que Jayan e Asome não hesitariam em matar-se para desimpedir o seu caminho até ao Trono do Crânio. – Não permitirei que os meus filhos se envolvam numa rixa como nie'Sharum na fila para a papa.

Asome virou-se novamente para ele, curvando-se.

– Como ordenas, pai. Mas não respondeste à minha questão. É-me proibido lutar contra o meu irmão. É-me proibido enfrentar alagai. Aboliste o título de Andrah e não há necessidade de enfrentar Damaji para ascender ao trono. Porque passei todos os dias da minha vida a aprender a lutar se deverei limitar-me a esperar enquanto Alagai Ka caminha sobre a terra?

Jardir hesitou. Na verdade, não podia discordar. A oração não ajudaria naquela noite. Mas os Damaji e os dama não eram apenas sacerdotes para o seu povo. Eram também os seus líderes seculares. Os clérigos eram mestres de sharusahk, mas, com a exceção de Ashan, nunca tinham enfrentado pessoalmente os alagai e de pouco serviriam na batalha que se aproximava. Quando o amanhecer chegasse finalmente, seriam essenciais na restauração da ordem.

– Há sabedoria no que dizes – admitiu Jardir. – Mas Jayan diz a verdade quando refere que os alagai são um inimigo para o qual os dama não estão preparados e tu próprio disseste que a Lua Minguante não era o período adequado a trazer forças

destreinadas para a alagai'sharak. – Tornou a sua voz mais severa e apontou com a lança os homens de branco. – Os dama conferirão às tropas as bênçãos do Criador e irão em seguida para o subpalácio.

Asome curvou-se sem exteriorizar qualquer emoção, com as costas muito direitas, mas a raiva incendiava-lhe a aura enquanto o deleite alterava a de Jayan. Jardir arrependera-se imediatamente da decisão, mas estava tomada e não podia voltar atrás com todo o abismo de Nie prestes a erguer-se.

– Vão! – Bateu com as mãos e os homens começaram a sair ordeiramente. – Ashan – chamou. O Damaji ficou para trás enquanto os outros saíam. Jardir desceu do estrado e ergueu-se a seu lado, com Inevera seguindo-o.

Ashan estivera ao lado de Jardir durante vinte e cinco anos, sólido no seu apoio enquanto Jardir subia os degraus da sociedade krasiana até alcançar o poder máximo. O Damaji casara com a sua irmã mais velha e gerara filhos de sangue partilhado. Não havia motivos para duvidar da sua devoção, mas, mesmo assim, invocou os poderes da sua coroa, não apenas para ler a sua aura superficial, mas para lhe penetrar as profundezas do espírito.

Viu no coração do amigo que a sua confiança tinha razão de ser. Ashan não cobiçava o poder e acreditava realmente, ao contrário de muitos Damaji, que Jardir era o Libertador enviado por Everam para transformar o mundo. Não lhe agradava o destino de Ashia, mas permanecia ferozmente leal.

– Irmão – disse-lhe, cobrindo os ombros de Ashan com as mãos. – Se morrer esta noite, deverás sentar-te no Trono do Crânio. – A aura de Ashan iluminou-se com a surpresa e a de Inevera permaneceu neutra, esperando que terminasse a frase. – Não hesites – continuou Jardir. – Anuncia a tua pretensão ao cargo de Andrah e prende Aleverak. Mata os outros Damaji antes que tenham tempo de conspirar. – Olhou-o fixamente nos olhos. – Antes que tenham tempo de matar os meus filhos.

Ashan acenou afirmativamente.

– E depois?

– A Lança de Kaji será entregue a Jayan – disse Jardir. – Mas a coroa e o trono serão teus até a Damajah nomear o meu sucessor.

A aura de Ashan empalideceu com o choque, seguindo-se prontamente a indignação enquanto se voltava para olhar Inevera, cuja aura se tornara calorosa com aprovação.

– Negarás ao teu primogénito o seu direito e permitirás que uma mulher decida o destino do nosso povo?

Jardir acenou afirmativamente.

– Foi ela que me escolheu, Ashan. Ambos sabemos que Jayan ainda não é digno e poderá nunca vir a ser.

– E Asume? – questionou Ashan. – Amo o teu segundo filho como se fosse meu e temo-lo educado desde que nasceu para ser Andrah. Porque deverei ocupar o Trono do Crânio e não ele?

– Olhei o coração de Asume, irmão. Tal como Jayan, não está pronto para governar. E, se lhe for permitido sentar-se acima do seu irmão, haverá sangue nas ruas. Tenho cinquenta e dois filhos, mas a maioria ainda veste o bido ou acabou de o deixar. Passarão anos até se conhecer o mais valoroso entre eles.

Apertou-lhe os ombros com mais força, sentindo os ossos de Ashan. A aura de Damaji mostrava a dor que sentia, mas não a exteriorizou.

– Pelo bem do nosso povo, protegerás a minha Jiwah Ka e obedecer-lhe-ás neste assunto ou procurar-te-ei no Além e ajustaremos contas.

A aura de Ashan arrefeceu por um momento e, em seguida, voltou a aquecer com a determinação.

– Não será necessário, Libertador. Se cáíres, será como ordenas. – Ergueu o olhar, enfrentando os olhos de Jardir. – Mas não caias... irmão.

Jardir riu-se e abraçou-o.

– Se cair, arrastarei Alagai Ka comigo.

– Nas garras dos alagai! – rugiram os guerreiros, num grito capaz de se erguer até ao Paraíso.

Jardir olhou os guerreiros reunidos com orgulho enquanto Ashan liderava as bênçãos de Everam que os Damaji lhes

conferiam. O sol punha-se e, apesar de faltar algum tempo para que os alagai se atrevessem a erguer-se, viam-se já névoas de magia começando a levantar-se nas sombras e os seus sentidos ganhavam vida.

Os Sharum treinados e com experiência de combate irradiavam confiança e fé, preparados para lutar e morrer nas garras dos alagai, como era seu direito e honra. A crença destes fortalecia-o tanto como saber que Inevera assegurara a defesa da cidade interior. Independentemente do que acontecesse, o seu povo sobreviveria.

Cavalgava com Jayan e com as Lanças do Libertador em direção à muralha da cidade exterior, onde Inevera previra que o ataque fosse mais intenso. Não conseguira perceber onde os demónios atacariam em primeiro lugar, mas muitos futuros continham um campo semeado de cadáveres. Jardir esperou que não se dirigissem para uma armadilha.

Ouviu estalar um chicote e voltou-se, vendo uma longa fila de chin marchando para a muralha. Eram centenas, com armaduras ligeiras e armados com lanças guardadas e escudos pequenos, mas não empunhavam as armas com confiança. Todos estavam acorrentados, unidos por longas cadeias passando através de aros de ferro e o seu medo era palpável. Eram homens que marchavam com resignação para a morte, receando o caminho solitário. Muitos nem sequer teriam coragem para lutar. Tombariam diante dos alagai, tão úteis como água vertida sobre pedra.

Jardir parou o seu cavalo branco e os outros pararam com ele.

– Quem são estes homens?

– Chin que tentaram fugir ao chamamento para a alagai'sharak ou que se desonraram durante a noite – disse Jayan. – O seu castigo é ficarem presos como nie'Sharum, com as correntes unidas a estacas. Se não lutarem pela honra, lutarão para salvar a vida.

– Alto! – gritou Jardir aos Sharum que conduziam a fila e os homens pararam imediatamente. Todos os olhos se viraram

para Jardir quando se ergueu sobre a sela para que todos o vissem. Olhou os homens condenados.

– Os vossos Protetores mentiram-vos! – gritou, canalizando o poder da coroa para ampliar a voz. – Desde que eram crianças de leite ao colo das vossas mães, disseram-vos que os alagai são uma praga enviada pelo Criador para punir os pecados dos homens. Disseram-vos que merecem isto e que não têm saída que não seja esconderem-se e aguardarem o perdão e a redenção.

Olhou-os, permitindo que vissem os seus olhos.

– Mas Everam ama os Seus filhos e não nos amaldiçoaria desta forma. Os alagai são uma praga, mas foi enviada por Nie, pelo Inimigo, e a redenção não virá para homens que se acobardam! Virá para quem lutar, enfrentando os filhos de Nie em Ala enquanto Everam luta com Ela nos céus.

Um mês antes, teria achado que aquelas palavras seriam inúteis com tais homens, mas conseguia ver dentro dos seus corações e percebia que estavam cansados de se culparem pelos alagai, cansados de ouvir que os lares e entes queridos que tinham perdido eram um castigo que tinham lançado sobre si próprios. Queriam acreditar, mas o seu povo quebrara-os de forma tão completa como os demónios, roubando-lhes qualquer possibilidade de resistência. Dariam qualquer coisa para voltarem a ser homens.

– Viram a minha gente enfrentar os alagai – disse Jardir. – Sabem que pode ser feito. Foram treinados, é verdade, mas, mais do que isso, têm coragem. A coragem não vem das suas lanças, mas da certeza de que não lutam apenas por si mesmos. Lutam pelas suas esposas e mães, pelas suas filhas, irmãs e filhos pequenos. Pelos seus velhos e doentes.

Moveu a lança sobre a fila de hortelões.

– Estão acorrentados porque os meus guerreiros não acreditam que tais coisas vos importem. Acreditam que nem sequer lutarão pela vossa própria salvação. Por isso, pretendem prender-vos no caminho dos alagai. – Apontou a muralha da cidade interior. – Mas não são apenas as nossas mulheres e

crianças que se protegem atrás daquelas muralhas! Ofereci a minha proteção a todos os que não conseguem lutar, incluindo às vossas mulheres e crianças hortelãs. Estão amontoadas em espaço reduzido, mas, enquanto aquelas muralhas resistirem, estarão seguras.

Conseguia ver uma mudança no coração dos homens e perseguiu-a, erguendo a lança e canalizando o seu poder para a cobrir com um brilho mágico.

– Partirei para a noite para lutar pelo vosso povo! Peço-vos que façam o mesmo, mas, se não conseguirem fazê-lo, não terei para vós qualquer uso nesta noite.

Apontou a lança ao centro da fila, com o seu brilho aumentando ainda mais, e os homens moveram-se em ambas as direções, deixando exposta uma medida de corrente. Jardir traçou uma guarda com a ponta da lança e um raio de energia branca partiu da arma, despedaçando a corrente.

– Fiquem ou fujam – gritou. – Mas recordem que são homens e não cães!

O medo e a dúvida nos corações dos homens transformou-se em espanto e muitos caíram de joelhos. Shanjat, sobre o seu cavalo negro ao lado de Jardir, ergueu a lança no ar.

– Libertador!

Os outros Sharum repetiram a palavra, seguindo-se os chin ajoelhados e, no momento seguinte, todos os outros. Erguiam as lanças com cada grito e as suas vozes alastravam na noite.

– São as vozes de homens que ouço! – trovejou Jardir. – Os servos de Nie ouvir-vos-ão e tremerão de medo! – Voltou a sentar-se na sela, fazendo o cavalo galopar em direção à muralha, seguido pelas Lanças do Libertador e por centenas de chin ruidosos.

– Everam me amaldiçoe – murmurou Qeran no topo da muralha do complexo enquanto via a marcha dos Sharum. – A Lua Minguante chegou e aqui estou, inútil.

– Tolice – considerou Abban. – O Libertador precisa de quem guarde as suas forjas e fornos de vidro para poder continuar a

armar os seus homens depois da Lua Minguante. Também aqui poderá haver combates.

Qeran abanou a cabeça.

– Foste sensato em esconder-te, khaffit. Não há qualquer ganho tático na conquista deste local, nenhum motivo para que os alagai testem as tuas muralhas. E as muralhas – golpeou o chão com a lança – são mais fortes que as da cidade interior. Os... artesãos do Libertador estão a salvo. – Pronunciou a palavra como se tivesse um sabor desagradável que não conseguisse tirar da língua.

– Tu próprio disseste que os homens não estão prontos – disse Abban. – Nem tu. Mal tiveste quinze dias para te habituares à nova perna.

– Disse que os homens ainda não tinham atingido a sua máxima força – corrigiu Qeran. – E nem eu. Mas a minha centena e eu estamos mais preparados do que nove décimos dos guerreiros que ali marcham.

– A tua centena? – repetiu Abban.

Qeran olhou-o e Abban recordou a brutalidade com que o homem o tratara no sharaj. Esperou pacientemente e saboreou a ligeira vénia que Qeran lhe dirigiu.

– A centena de Abban.

Abban acenou afirmativamente com a cabeça, voltando a olhar além das muralhas uma última vez antes de deixar o instrutor entregue ao comando, coxeando para a segurança do subpalácio que crescia sob o edifício atarracado no centro do seu complexo.

Inevera encontrou Asume e Asukaji nos seus aposentos privados no subpalácio de Ahmann. Brincavam os dois com o filho pequeno de Asume, Kaji.

– O que foi agora, mãe? – Asume olhou-a com desagrado quando a viu entrar, trazendo Ashia atrás de si. – Não sofri já humilhação suficiente?

Inevera olhou o filho com tristeza.

A única coisa que excede o seu potencial é a sua ambição, tinham-lhe dito os dados quando lhos lançara, dezoito anos

antes, cobrindo-os com o sangue do seu nascimento. Disseram-lhe que seria poderoso, mas proferiam também um aviso.

– A tua esposa e eu caminharemos pelas ruas durante a batalha, meu filho – disse. – Convido-te a juntares-te a nós.

A some olhou-a como se pressentisse uma armadilha.

– O meu pai não ordenou que as suas esposas e as dama'ting permanecessem também no subpalácio?

Inevera encolheu os ombros.

– Talvez. Mas quem se atreverá a deter-nos?

– Eu poderei fazê-lo – respondeu A some.

Inevera acenou com a cabeça.

– Ou poderás seguir-me... para minha segurança. Certamente, o teu pai perdoar-te-á se for esse o motivo.

A some voltou-se para Asukaji.

– Apenas tu, meu filho – disse Inevera.

Os dois homens olharam-na, com a desconfiança regressando aos seus olhares.

– Ahmann não anulou o teu casamento, A some. Pelo menos, por enquanto. Desejo caminhar com o meu filho e nora a meu lado enquanto Alagai Ka se move pela noite. – Olhou Asukaji e o pequeno Kaji. – Certamente, durante a nossa ausência, o meu sobrinho protegerá o meu neto como se fosse seu filho.

A expressão de A some ensombrou-se um pouco ao ouvir aquilo, mas Asukaji pousou-lhe uma mão no braço.

– Está tudo bem, primo. Vai. – A sua voz tornou-se um sussurro, mas Inevera, com os seus sentidos apurados pela magia, ouviu-o. – Guardarei o nosso filho até regressares. – Beijou A some com tal ternura que Inevera sentiu um aperto no coração por ambos, mas o movimento de Ashia atrás dela recordou-lhe que havia uma terceira face no triângulo.

Olhou o neto. *E o pobre Kaji no meio.*

Caminharam em silêncio até à muralha da cidade interior. Inevera envergava vestes opacas de seda branca, muito semelhante às suas antigas vestes de dama'ting, mas com o toucado para baixo e com um véu diáfano. Sentia as moedas de ouro guardado quentes na testa e trazia joias em número

considerável, nem todas por motivos decorativos. As suas vestes reluziam com guardas de invisibilidade bordadas com fio de eletrum. Eram as guardas da mestra Leesha, roubadas da Capa de Invisibilidade de Ahmann, mas, mesmo sabendo que o Trono do Crânio repeliria os alagai da muralha, não conseguia negar o conforto que lhe davam na noite.

Torna teu o seu poder, dissera-lhe Manvah e Inevera agradecera em silêncio à sua mãe por mais aquela lição. Teria sido tola se tivesse rejeitado tal magia apenas por desprezar a sua origem.

Mas mesmo sem a proteção das suas vestes e do Trono do Crânio, Inevera sentia-se segura desde que Ashia estivesse a seu lado. Enkido dissera-lhe que não se orgulharia mais da perícia da rapariga em combate se fosse sua filha.

Nascida para o sharusahk, tinham-lhe dito as suas mãos ágeis.

Ashia trazia uma lança curta e de extremidade afiada sobre o ombro direito, juntamente com uma pequena aljava de flechas. Na mão esquerda, abaixo do braço a que tinha preso o seu escudo redondo, segurava um arco curto. As armas estavam reforçadas com ouro guardado e com pedaços de hora. A armadura sobre a túnica negra era de vidro guardado indestrutível, moldado para lhe acentuar as formas femininas e não para as camuflar. Era impossível ler a expressão de Asome enquanto olhava a sua mulher.

Os Sharum Mehnding que guardavam os portões começaram a inquietar-se enquanto o trio se aproximava. No momento seguinte, um kai'Sharum atravessou-se no seu caminho com uma vénia profunda.

– Perdão, Damajah, mas...

Asome moveu-se antes que o homem tivesse tempo de se erguer, segurando-lhe o queixo com firmeza enquanto o projetava. Ouviu-se um estalo e o homem caiu ao chão, morto.

– Mais alguém deseja travar a Damajah?

Os Sharum restantes caíram de joelhos, pressionando as testas contra o empedrado da rua. Após um momento, um

instrutor de véu vermelho ergueu-se com uma vénia e escoltou-os até à muralha.

A tribo Mehnding era a terceira maior das doze tribos de Krasia, em grande parte devido à sua mestria com engenhos balísticos e com armas de longo alcance que os afastava do combate corpo a corpo a que os outros Sharum se dedicavam. Eram mais engenheiros e atiradores que guerreiros, mas erguiam-se sobre as muralhas da cidade interior e exterior com a vigilância férrea de assassinos treinados.

A Fortuna de Everam fora construída numa colina, com a cidade interior no seu cume. O palácio de Ahmann ocupava o ponto mais alto, mas, mesmo a muralha baixa da cidade interior permitia uma visão impressionante dos campos em redor. Luz de guardas salpicava o terreno e acenderam-se fogueiras que ajudavam os Sharum a ver o inimigo.

E, como temiam, o inimigo atacou em força. O Trono do Crânio protegia uma grande secção de terreno além das muralhas, mas, nas áreas por guardar da cidade exterior, demónios da rocha colossais, maiores do que qualquer coisa que Inevera tivesse visto, ergueram-se acima dos guerreiros reunidos para contê-los. Atrás destes, amontoavam-se demónios dos campos e da chama, preenchendo o espaço vazio com escamas inquietas e línguas de chama viva.

Os kai'Sharum Mehnding ordenaram o ataque. Sentinelas atentas com lunetas poderosas montadas sobre tripés gritaram cálculos às equipas que se ocupavam dos escorpiões e das balistas, que ajustaram a tensão das cordas de forma adequada e começaram a disparar. Enormes lanças descreveram arcos no ar e as suas guardas poderosas romperam até a armadura dos demónios da rocha. As equipas que se ocupavam das balistas mostraram-se cautelosas para não darem munição aos demónios da rocha, disparando pequenas pedras guardadas que dispersavam os nuclitas com centenas de minúsculas explosões de magia.

Provocaram danos consideráveis, tal como os arqueiros Mehnding que reforçavam as ações de infantaria. Os alagai

gritaram e, por um momento, a vantagem pertenceu aos humanos.

Então, os demónios da rocha começaram a escavar, sem prestarem atenção aos demónios mais pequenos, que afastaram do seu caminho. Vários entre eles tinham ferrões cravados na armadura, mas nenhum fora derrubado. Depressa ficaram abaixo da superfície, a salvo dos projéteis enquanto as equipas de escorpiões e balistas se apressavam a recarregar.

Voltaram a disparar, matando dúzias dos demónios menores até o primeiro demónio da rocha se erguer com um pedregulho de tamanho considerável. Caiu sobre ele uma chuva de flechas, mas pareceu incomodá-lo tanto como picadas de inseto enquanto erguia o braço e lançava, arremessando a pedra contra o pilar guardado mais próximo, destruindo uma porção da rede. Imediatamente, os demónios dos campos correram para a brecha, movendo-se com velocidade assustadora. Os Sharum uniram os escudos, mas não conseguiriam defender o vão nas defesas. Os demónios caíram sobre eles, arranhando e mordendo enquanto outros começavam a rodeá-los, alguns atacando os flancos e outros ainda escapando ilesos para a noite para atacar os incautos. Saliva flamejante forçou escudos a afastarem-se, provocando incêndios que depressa alastraram.

O demónio da rocha curvou-se, voltando a escavar, enquanto vários dos seus semelhantes se erguiam com pedregulhos próprios.

Inevera nunca vira combate com aquela intensidade. Os Sharum davam o seu melhor, mas até ela conseguia perceber que os alagai agiam com astúcia invulgar, atacando em pontos inesperados e enfraquecendo continuamente a rede de guardas da cidade exterior, subindo lentamente a colina em direção às muralhas interiores. Não entrariam, mas facilmente conseguiriam destruir as muralhas e semear a destruição entre a cidade. Incêndios e desabamentos de edifícios eram tão letais como garras de alagai.

Na cidade, os Sharum lutavam pelas suas vidas. Demónios da rocha lançavam ocasionalmente pedras contra aglomerados de

guerreiros, dispersando-os durante tempo suficiente para que os demónios dos campos e da chama atacassem as aberturas. A maioria dos homens tinha armadura, mas isso pouco significava contra pedras arremessadas e saliva flamejante. Demónios do vento começaram a voar em círculos sobre a rede de guardas, largando pedras que transportavam nas garras traseiras. A sua mira era menos precisa que a dos demónios da rocha, mas o caos que provocaram resultou em estragos superiores aos das pedras.

Com os Sharum lutando corpo a corpo, os Mehnding na muralha não podiam arriscar disparar sobre os demónios que os atacavam, concentrando-se antes nos demónios da rocha. Sempre que um se erguia com uma pedra, era atingido com vários ferrões e com um disparo de pedras guardadas. Alguns dos nuclitas gigantes foram imediatamente mortos e outros foram forçados a falhar o alvo por completo.

Mas um dos maiores conseguiu aproximar-se dos portões, trazendo consigo uma pedra suficientemente grande para os destruir. Não entrariam, mas seria a morte de muitos dos guerreiros que guardavam a entrada. Ferrões atingiram a carapaça dura do demónio, porém este, movia-se com determinação, preparando o arremesso da pedra.

– Barba de Everam – sussurrou Asome.

Inevera ignorou o comentário, levando a mão ao interior das vestes e retirando o esguio osso de antebraço que tirara ao demónio da mente morto por Ahmann. Revestido com eletrum, brilhava com poder na sua visão guardada. Apontou o objeto à pedra enquanto os dedos manipulavam habilmente as guardas no punho. Expôs guardas térmicas e de impacto, lançando esse poder contra o projétil.

O feitiço fazia lembrar um foguete hortelão enquanto voava para o alvo, mas, quando embateu, ouviu-se uma explosão que iluminou a noite e aqueceu as faces de quem observava, reduzindo a pedra a pó.

Olhos espantados viraram-se para Inevera enquanto apontava a sua varinha de hora ao demónio da rocha. Novamente, um

raio de luz explodiu com o impacto, derrubando o demónio e impelindo os ferrões cravados na sua armadura até atingirem a carne vulnerável por baixo. Tombou de costas, com o peito fumegante. Não voltou a erguer-se.

– Mãe... – começou Asome, mas calou-se enquanto a olhava. Inevera sorriu. Era bom recordar ao seu filho ambicioso que dominava poder que devia rezear. Ashia e os Mehnding pareciam igualmente espantados e também isso era positivo.

No campo de batalha, os guerreiros sentiram-se animados e duplicaram os seus esforços para conter os demónios enquanto os reforços chegavam.

Mas também houve reação dos alagai. Um bando de demónios do vento mergulhou do alto, dirigindo-se diretamente para Inevera, cada um transportando uma pedra pesada nas garras. Ashia preparou o arco e atingiu um como se fosse um ganso gordo. Os besteiros Mehnding derrubaram outros, mas não a tempo de impedirem que um grupo de pedras fosse largado na sua direção. Inevera sentiu-se agarrada e lançada contra as ameias enquanto uma secção de muralha explodia a seu lado. Choveu entulho, mas Asome permaneceu sobre ela, suportando a maior parte do impacto.

Quando terminou, metade da sua cara estava coberta de sangue e via que partira o braço, torcido num ângulo quase impossível. Estendeu a mão para o filho, mas este ergueu-se sem dificuldade. Segurou o pulso do braço partido com a mão sã, endireitando o membro e deixando-o pender inerte a seu lado. A dor seria certamente extrema, mas Asome manteve o controlo, não dando sinais de desconforto enquanto se curvava para ela, oferecendo-lhe a mão funcional para a ajudar a levantar-se.

– Não é nada que não possa esperar, mãe. – Indicou o espaço além da muralha com o queixo. – Terás preocupações mais urgentes.

Inevera aceitou a mão, mas não lhe aplicou qualquer peso enquanto se levantava. Olhou na direção indicada pelo filho, arregalando os olhos. O combate estava mais feroz na cidade

exterior e ainda mais além da muralha externa, mas não passava de uma distração.

Daquele ponto elevado, conseguia ver o que escapava a Ahmann, apesar de ter estado tão absorta na batalha que facilmente lhe teria escapado também até ser demasiado tarde. Nos campos de trigo além da cidade, demónios da chama queimavam com precisão, formando guardas do tamanho de campos inteiros. Em breve, os símbolos seriam ativados, dando aos alagai uma terrível vantagem.

Asome também o viu.

– São realmente os agentes de Nie, usando a nossa capacidade de alimentar o nosso povo para alimentar a sua magia negra. Não teremos hipótese que não seja queimar o resto dos campos para destruir a rede de guardas.

– Talvez – disse Inevera, recordando a sua profecia. Olhou Ashia. – O teu tio deverá ser informado.

A kai'Sharum'ting não hesitou, saltando da muralha e amortecendo o impacto com uma cambalhota antes de voltar a erguer-se. Correu pela colina abaixo em direção à cidade exterior, desaparecendo rapidamente entre a escuridão.

Asome olhou-a.

– É suficientemente mau que desafies o Libertador trazendo-a para a muralha. Agora envias a minha jiwah para a noite? Se os alagai não a matarem, o meu pai fá-lo-á pela sua desobediência.

– Que te importa? – perguntou Inevera. – Se morrer na noite ou se for morta pela sua desobediência, os teus problemas estão resolvidos, não?

– Pedi o divórcio e não a sua morte – explicou.

– Não terás um nem a outra, meu filho – disse-lhe Inevera. – Nenhum demónio lhe tocará e não conheces o teu pai tão bem como julgas. O seu primeiro dever é para com a Sharak Ka. A informação de Ashia poderá significar a diferença entre vitória e derrota. Agradecer-lhe-á pelo serviço prestado e esquecerá até ao fim da Lua Minguante. Depois, dirigir-lhe-á uma repreensão

simbólica seguida por uma homenagem pública. As Sharum'ting deixarão de estar confinadas à Subcidade na Lua Minguante.

– Foi sempre esse o teu objetivo – disse Asome. Não havia azedume no seu tom, mas Inevera sentiu-o mesmo assim.

– O que é mais importante para ti? – perguntou-lhe. – Vencer a Sharak Ka ou manter a tua esposa submissa? O heroísmo da tua jiwah poderá reforçar o teu poder, se o permitires. Sei que não sentes por ela o que sentes por Asukaji, mas é a irmã do teu amante, a mãe do teu filho e proferiste-lhe votos perante Everam. Esses laços prenderão tanto um homem honesto como o amor.

Asome parecia preparado para argumentar, mas não o fez, pensando no assunto. Inevera ergueu a mão, tocando-lhe o braço são.

– Um grande homem não receia que a sua esposa lhe roube a glória, Asome. Usa o seu apoio para chegar ainda mais alto.



VINTE E OITO

COLHEITA ANTECIPADA

333 DR Outono Lua Minguante

OS ALAGAI AMONTOAVAM-SE diante das muralhas da cidade numa horda que aterrorizava até os Sharum mais corajosos. Milhares de demónios, dos campos e da chama, da rocha e da madeira. O céu noturno enchia-se de demónios do vento, guinchando enquanto voavam em círculos.

Um dos demónios da rocha cambaleou até uma árvore, com os seus passos fazendo estremecer o chão. Arrancou pela raiz um tronco de árvore com dez metros, retirando com facilidade os ramos excedentários. Empunhando esta clava, avançou para o poste guardado mais próximo, acompanhado por uma multidão de demónios dos campos. Os escorpiões foram disparados, mas, mesmo àquela distância, seriam necessários muitos virotes gigantes para derrubar um único demónio da

rocha. Não conseguiriam pará-lo antes de o demónio destruir o pilar e havia dúzias de nuclitas de igual dimensão.

Jardir ergueu a lança, traçando uma guarda térmica no ar. A árvore explodiu em chamas e a criatura largou-a, chocado.

– Unam lanças e avancem – gritou, usando o poder da coroa para ampliar magicamente a voz. – Ataquem à minha ordem. Abriremos caminho até aos demónios da rocha e conseguiremos derrubá-los!

Formou-se uma fileira de escudos interligados, com as suas guardas cintilando com poder enquanto forçavam os alagai a recuar.

– Ataquem! – gritou Jardir quando os demónios se reuniram num aglomerado demasiado compacto para dispersar com um único golpe. Os Sharum deram um passo atrás em unísono, afastando suficientemente os escudos para golpear com armas guardadas. Viu-se um clarão de magia e um jorro de sangue negro acompanhou cada movimento, mas os guerreiros disciplinados não pararam para saborear o triunfo, voltando a unir os escudos e continuando a avançar até Jardir ordenar o ataque seguinte. Uma segunda linha de guerreiros acabou com os demónios pisados pelo avanço da primeira linha.

O primeiro teste real ocorreu quando um bando de demónios da madeira se aproximou, transportando grandes clavas. Não fossem as árvores enormes que os demónios da rocha empunhavam, as armas eram maiores do que homens, mesmo assim, e a madeira fazia o que as garras dos alagai não podiam fazer, atingindo os escudos dos guerreiros e fazendo-os dispersar.

Jardir concentrou-se antes que os demónios pudessem aproveitar-se das brechas, ampliando o poder da sua coroa além dos seus guerreiros e travando os demónios. Ergueu a lança e traçou guardas no ar, incinerando os demónios da madeira e avançando, com a magia projetando os alagai menores até alcançar o demónio da rocha mais próximo. Ajustou o campo protetor, permitindo-lhe aproximar-se suficientemente para se erguer três metros no ar e cravar a

Lança de Kaji no peito do nuclita. A magia penetrou a lança e foi transferida para o seu braço, renovando-lhe as forças.

Projetou-se do corpo do demónio em queda, aterrando numa clareira a seis metros de distância. Demónios atacaram de todas as direções, mas os seus ataques foram repelidos pelo campo guardado enquanto atacava impunemente. Vários demónios caíram com golpes da lança, mas igual número foi destruído pelas guardas que traçou no ar. Demónios da chama estilhaçavam-se enquanto gelava a saliva flamejante nas suas entranhas e demónios da madeira corriam freneticamente, ardendo. Guardas de impacto projetaram demónios dos campos à meia dúzia.

Mesmo assim, continuavam a apertar o cerco e os seus números não pareciam diminuir. Todos os demónios no campo de batalha se concentraram nele. Ampliou novamente o poder da coroa, repelindo-os até poder juntar-se aos seus homens, mas isso apenas o tornou um alvo mais fácil quando um demónio da rocha lançou uma grande pedra na sua direção.

Jardir esquivou-se, mas foi atingido por outra pedra caída do alto. O impacto fê-lo rebolar, sem largar a lança e canalizando a sua magia para se sarar. Não lhe permitiam que respirasse, com pedras grandes como melões começando a cair à sua volta.

Mas, por maior que fosse a velocidade das pedras, Jardir mostrava-se mais veloz ainda, esquivando-se-lhes como se fossem apenas bolhas de sabão. Enquanto evitava o ataque vindo do alto, os demónios da rocha e da madeira no solo continuaram a lançar contra ele tudo aquilo a que conseguissem deitar as garras: pedras, troncos e até alguns dos seus homens. Demónios do vento embateram contra o seu campo guardado e voltaram e elevar-se. Um demónio do vento travou imediatamente além do limite da sua proteção e rugiu-lhe, libertando um raio do seu bico longo e repleto de dentes.

Com um ruído de trovão, a energia perfurou a proteção das guardas em direção a ele, mas Jardir conseguiu perceber a natureza do poder e não receou. Ergueu a lança na horizontal, absorvendo a energia. Sentiu a arma vibrar com o poder, mas

canalizou-o diretamente contra a criatura, fazendo-a tombar do céu.

Sentiu-se poderoso e imparável, mas, mesmo assim, percebeu que era lentamente separado dos seus homens e cercado. Demónios da rocha lançavam contra ele projéteis maiores e, mais cedo ou mais tarde, conseguiriam atingi-lo.

Tornei-me um alvo, percebeu.

Com aquilo, reforçou o campo protetor à sua volta, erguendo o capuz e cobrindo-se com a Capa de Invisibilidade de Leesha enquanto se movia vários metros para o lado com passos rápidos. Para os seus guerreiros, nada mudara, mas percebia a confusão nas auras dos alagai. Os sentidos destes deixaram de conseguir perceber a sua presença.

Com tranquilidade, caminhou de volta às fileiras reconstituídas dos Sharum, que aproveitavam a confusão dos demónios, golpeando duramente enquanto os alagai procuravam em vão sinais do inimigo desaparecido.

– Tio! – gritou uma voz. Viu Ashia correndo na sua direção. A sua sobrinha envergava as vestes negras dos Sharum, mas, na escuridão, reconheceu-lhe a aura com maior clareza do que alguma vez reconheceria a sua cara. Um demónio dos campos saltou sobre ela, depois virou-se e ergueu o escudo, projetando-o sem abrandar. Um demónio da chama atravessou-se no seu caminho e cuspiu saliva flamejante, mas ela esquivou-se sem dificuldade, trespassando a criatura que fechara os olhos para cuspir.

A seguir, um par de demónios da madeira tentou travá-la. Carregada com magia, Ashia apenas aumentou a velocidade do avanço, usando a aresta do escudo para atingir as articulações dos seus membros longos e finos, desequilibrando-os e impedindo-os de atacar. Para um olhar destreinado, cada movimento parecia ensaiado e rotineiro, mas Jardir percebia que experimentava, aplicando sharusahk de dama'ting enquanto procurava pontos de pressão. Por fim, encontrou um na coxa de um demónio, fazendo desabar o membro com um golpe

relativamente delicado. Só então ergueu a lança para lhe pôr fim à existência.

Rodopiou para enfrentar o ataque seguinte de outro demónio da madeira, defletindo-o ao cravar a aresta do escudo contra a axila ossuda do nuclita enquanto este tentava alcançá-la com as garras. O demónio caiu para trás e Ashia continuou a avançar calmamente. A sua aura confirmava o que Jardir já sabia: a confiança da sobrinha na sua capacidade de matar era total e usava a oportunidade para conhecer melhor o seu inimigo.

Não havia dois demónios exatamente iguais. Cada um era moldado pelo seu terreno de caça preferido e a Ala de Everam era vasta e variada. Precisou de dois golpes para encontrar o mesmo ponto de pressão no demónio da madeira seguinte, mas, após um momento, fez-lhe desabar a perna. Arquivou a informação, matando o demónio sem demora e cobrindo o espaço que a separava de Jardir com passos rápidos.

Jardir franziu a testa. O orgulho que sentia pela filha da sua amada irmã Imisandre era imenso. Ordenara que fosse duas vezes mais válida que os seus zahven masculino, mas superara-os por boa distância, conseguindo superar também o seu pai. Olhar os movimentos graciosos e precisos da sua arte, tão confiantes e controlados, era como ler um poema.

Mas, apesar do orgulho que sentia, a sua desobediência ao sair para a noite era inaceitável. Sem dúvida que Inevera teria estado envolvida, mas nem à Damajah poderia permitir que contrariasse as suas ordens de forma tão descarada. A pobre Ashia acabaria envolvida no meio de um conflito de vontades quando fosse forçado a usá-la como exemplo.

Segurou-lhe o braço com força quando se aproximou, alongando a proteção da coroa suficientemente para a envolver, esperando não ter alertado os príncipes alagai que o procuravam pelos olhos dos seus obreiros.

– Pretendes que te arranque as vestes negras por desafiares as minhas ordens, rapariga?

– Perdão, tio – disse Ashia, pousando um joelho em terra e expondo o pescoço. – A Damajah ordenou-me que te

informasse que os alagai queimam grandes guardas nos campos de cultivo fora da cidade. Criam uma rede.

Jardir sentiu um arrepio na espinha enquanto olhava para cima, vendo a magia acumulando-se à distância e sentindo qual seria o objetivo. Os demónios construía guardas para repelir homens. Se conseguissem criar um círculo à volta da Fortuna de Everam, conseguiriam matar todos os homens, mulheres e crianças no interior. O Trono do Crânio não conseguiria protegê-los daquilo.

– Contou a mais alguém? – perguntou.

– Não – respondeu Ashia. – Mas, quando o meu honrado marido lhe disse que a única forma de travar os nuclitas seria queimando as colheitas, a Damajah sugeriu que poderia haver uma alternativa.

Jardir acenou afirmativamente. Como poderia esquecer as palavras em que pensara dia e noite desde a previsão de Inevera?

O Libertador deverá sair sozinho para a noite para caçar o centro da teia ou tudo estará perdido quando Alagai Ka chegar...

Olhou a sobrinha. As suas palavras deixavam claro que tanto a sua esposa como o seu filho tinham desafiado as suas ordens, mas isso tornava-se insignificante naquele momento.

– Diz à Damajah que compreendo e seguirei o caminho que Everam me atribui. – Ashia curvou-se e virou-se para partir, mas voltou a segurar-lhe o braço. – Orgulho-me de ti, sobrinha.

A aura de Ashia, tão neutra e profissional, irradiou subitamente uma onda de calor. Jardir abraçou-a e afastou-se, olhando-a nos olhos.

– Lembra-te disto quando precisar de te punir pela desobediência.

O calor na aura não diminuiu enquanto se curvava uma última vez e se voltava para a noite. Só então a sua determinação regressou, como uma capa cobrindo-a antes de iniciar o combate.

Jardir despiu a túnica, mantendo apenas o bido branco e expondo a pele guardada. Além disso, calçava sandálias simples

e envergava a coroa e a capa de Leesha. Nas suas mãos, segurava apenas a Lança de Kaji.

Olhou Jayan, avistando a aura do filho entre a multidão de guerreiros com maior facilidade do que avistaria o seu turbante branco.

Que Everam te conceda valor, meu filho, suplicou.

Ouviu-se um sussurro no vento noturno e, sem compreender como sabia, percebeu que os príncipes nuclitas comunicavam entre si com magia em vez de usarem palavras. Não compreendia o que diziam, mas isolou a voz mais próxima e seguiu-a pela noite. Guerreiros gritaram e tentaram acompanhá-lo, mas o caminho que se abria entre os demónios no caminho de Jardir, repelidos pela coroa, voltava a fechar-se depois de passar.

Não precisou de percorrer grande distância para começar a ver correntes de magia fluindo para os campos de trigo. Demónios patrulhavam a área, mas passavam por ele, ignorando a sua presença enquanto avançava entre o cereal até ao limite da guarda dos príncipes. O trigo alto parava abruptamente e, diante dele, a terra estava queimada e cintilava com magia.

Maravilhou-se com a precisão das linhas. Os demónios da chama conseguiam queimar praticamente qualquer coisa, mas os seus fogos mágicos costumavam desencadear incêndios muito reais. O facto de as chamas se terem movido apenas numa direção, parando de forma tão abrupta como tinham começado, denunciava a magia envolvida.

Sentia a força da guarda. A princípio, a aproximação fora como caminhar contra um vento forte. Depois, passou a ser como avançar pela água dentro. Quando alcançou o limite, pareceu-lhe tão sólido como uma parede de vidro grosso. Energia palpitava-lhe nas pontas dos dedos, mas acolheu o ardor, saboreando a magia.

Compreendendo finalmente o poder, concentrou-se e sentiu a Coroa de Kaji quente sobre a testa. Ergueu a mão para a

guarda e a magia afastou-se à sua volta como o trigo que atravessara para chegar até ali.

Mesmo assim, o apelo trazido pelo vento noturno impelia-o enquanto caminhava abertamente junto aos filamentos da teia dos demónios. Conteve o seu poder, mantendo a proteção com cuidado, vendo apenas uma perturbação muito ligeira na rede de guardas, como os círculos deixados por uma pedra atirada a um rio.

Caminhou durante algum tempo até encontrar a sua presa. O demónio da mente nem sequer o olhava, focando a sua atenção no bando de demónios da chama que queimava um trilho no trigo. Traçava guardas no ar, guiando as chamas por percursos precisos. O seu guarda-costas, uma massa amorfa de escamas negras palpitantes cintilantes com magia, deslizava a seu lado.

A aura do demónio cintilava com poder. Era quase como olhar o sol vê-lo mover-se com confiança despreocupada. E Jardir percebia o motivo. Havia uma cobertura de magia sobre a criatura que impedia que fosse vista por olhos curiosos, mas, aparentemente, não funcionava com a sua visão guardada. Confiando na capa de Leesha, avançou até ao nuclita.

O mimético endireitou-se quando ficou a distância que lhe permitiria atacar e o demónio da mente voltou-se para ele, mas era demasiado tarde. Golpeou-o com a Lança de Kaji, perfurando-lhe o coração negro.

A explosão de magia não foi comparável a nada que Jardir pudesse ter imaginado. Tinha matado demónios poderosos antes, estando habituado à sensação da magia percorrendo a haste da lança, enchendo-a e entrando-lhe no corpo, tornando-o mais forte e mais rápido. Sarava-lhe os ferimentos, apurava-lhe os sentidos e limpava anos acumulados como se limpasse ferrugem em aço.

Mas essa sensação era um gole de água quando comparada com a torrente que o dominou, ameaçando afogá-lo em magia.

O príncipe nuclita guinchou em agonia e a sua dor refletiu-se nos gritos e convulsões do mimético e de todos os outros demónios na área. Tentou alcançá-lo com as garras que, apesar

de não serem mais longas que as unhas de uma bailarina de almofadas, eram afiadas como lâminas.

Jardir rosnou, projetando através da lança uma rajada da magia que o preenchia. Atingiu o demónio como um relâmpago, abalando-o de tal forma que o fez ranger os dentes até os estilhaçar. O corpo começou a fumar e a emitir um cheiro nauseabundo e Jardir puxou a lança, movendo-a num arco que fez a aresta afiada atravessar o pescoço esguio do nuclita.

Os demónios menores desabaram no momento em que a cabeça do demónio da mente tocava o chão, mas o mimético demorou mais tempo a morrer, guinchando selvaticamente enquanto a sua carne borbulhava e se alterava, assumindo formas familiares ou outras apenas vistas em pesadelos.

Continuando a sentir-se transbordante de poder, Jardir apontou-lhe a arma e traçou uma guarda com a ponta metálica, enviando a criatura de volta a Nie com estrondo. Ouvia os pedaços de carne gelatinosa embaterem contra o chão enquanto o fumo se dissipava.

Ergueu-se imóvel no silêncio que se seguiu, à escuta. Mas os chamamentos dos outros príncipes nuclitas já não eram audíveis.

Tinham sentido a morte do seu irmão e fugido.

Jardir curvou-se, colocando o cadáver do príncipe alagai sobre o ombro. Ergueu-lhe a cabeça cônica com a mão livre. Com eletrum em quantidade suficiente, conseguiria duplicar o alcance do Trono do Crânio ou construir outro que pudesse levar consigo enquanto conquistasse o Norte.

Mas, em primeiro lugar, teria de haver uma colheita antecipada.

– Não percebo o motivo disto, pai – disse Jayan quando Jardir convocou a corte nas horas antes do amanhecer e explicou o seu plano. – Deveríamos reconstruir as defesas e descansar para a próxima noite e não...

– Cala-te e dá atenção às minhas palavras – ripostou Jardir. – Os alagai não conseguirão derrotar-nos no campo de batalha e a tua mãe encantou a cidade interior, impedindo-os de a

alcançarem. O plano dos demónios da mente de construir grandes guardas nos campos de trigo fracassou e não voltarão a tentá-lo para não me revelarem as suas localizações e sofrerem o mesmo destino do seu irmão.

– Então vencemos – disse Jayan..

– Não sejas tolo – disse-lhe Asume. – Os alagai não precisam de enfrentar as nossas lanças ou de atacar as nossas guardas para nos matarem. Basta-lhes queimarem os campos.

– E é por isso que não poderemos deixar-lhes nada que possam queimar – concordou Ashan. – Ceifaremos tudo. Mesmo o cereal que ainda esteja verde.

– Trabalho para mulheres, khaffit e para chin acobardados atrás das muralhas enquanto os homens se erguem na noite – considerou Jayan.

– Trabalho para todos nós – corrigiu Jardir. – Mesmo que todos os homens, mulheres e crianças da Fortuna de Everam, do dama mais orgulhoso ao aleijado chin mais miserável, verguem as costas do nascer ao pôr do sol, conseguiremos ceifar apenas...

– Vinte e dois por cento – disse Abban.

– ... vinte e dois por cento da colheita antes que a noite caia e os incêndios comecem – concluiu Jardir. – É essencial que disponhamos de todas as mãos livres e que aqueles entre nós que se considerem estar acima de tal trabalho sejam vistos nos campos com os restantes.

Aleverak pousou uma mão sobre o ombro de Jayan.

– Honraste muito o turbante branco na noite passada, filho de Ahmann. Que isto te confira ânimo. O próprio Kaji não iniciou a sua vida como um humilde apanhador de fruta?

Jayan olhou a mão e houve um clarão de raiva na sua aura pelo reconhecimento da condescendência. Mas Aleverak humilhara-o noutras ocasiões e foi suficientemente sensato para conter a emoção.

Aí, meu filho, é o início da sabedoria, pensou Jardir.

– Cuidado, Libertador – disse Hasik enquanto se aproximavam de um grupo de lavradores chin. – Estão armados.

Jardir avaliou as enormes ferramentas agrícolas que os homens empunhavam e não negou que poderiam ser armas eficientes nas mãos certas, mas não pressentiu ali qualquer perigo. Os chin pareciam aterrorizados.

– Preocupas-te demasiado, Hasik – censurou. – Se um chin conseguir matar-me com uma ferramenta agrícola, que esperança poderei ter contra Alagai Ka?

Caminhou até aos homens e, como esperado, ajoelharam-se imediatamente, pressionando atabalhoadamente as caras contra o chão numa imitação grosseira da manifestação adequada de obediência.

– Ergam-se, irmãos – disse Jardir, curvando-se também. – Temos trabalho para fazer e não há tempo para tais formalismos. – Estendeu a mão para uma das ferramentas. – Como se chama isto?

– Uma gadanha, Senhora – respondeu um dos homens. Tinha passado os seus melhores anos, mas continuava forte.

Jardir acenou afirmativamente. Tinha ouvido o nome antes.

– Mostra-me como se usa?

– Pretendeis ceifar? – perguntou o homem, incrédulo.

O homem a seu lado bateu-lhe nas costas.

– Faz o que te mandam, idiota – sussurrou.

O lavrador acenou afirmativamente, pegou na ferramenta e mostrou como se segurava, mantendo os braços musculados direitos enquanto fazia a lâmina mover-se perto do chão, ceifando vários caules com cada movimento.

– Uma boa ferramenta e um movimento eficiente – disse Jardir. – Terias sido um bom guerreiro se tivesses seguido esse caminho.

O homem curvou-se.

– Obrigado, Senhora.

– Mas é lento – considerou Jardir, pegando na ferramenta – e o nosso tempo é curto. Afastem-se, por favor. – Despiu a túnica exterior, ficando em tronco nu, apenas com a Coroa de Kaji na cabeça e com a Lança presa às costas. Segurou a gadanha ao contrário, com a lâmina atrás dele enquanto se agachava e

invocava a magia na Coroa e na Lança, adquirindo a força e a velocidade de cem homens.

Saltou para diante, correndo pelo campo fora enquanto ceifava o trigo. Os pés calçados com sandálias marcavam um ritmo regular sobre a terra macia e, em momentos, estava no extremo oposto, virando-se para correr no sentido inverso. Caules cortados ainda caíam quando ceifava os seguintes.

O sol mantinha-se baixo sobre o horizonte quando Jardir fez uma pausa e olhou o campo ceifado. Inevera encontrara uma tecelã no bazar capaz de enviar uma carroça de cestos e ela própria orientava o trabalho da colheita, transportando cestos cheios enquanto instruía mulheres e crianças como se tivesse trabalhado na lavoura durante toda a vida.

A luz matinal fazia-a parecer bela, quase tímida, com calças de linho opaco e um colete justo grená debruado a ouro. Os khaffit e os chin olhavam-na com adoração e esforçaram-se mais ao ver como se aplicava.

Jardir olhou os campos, vendo dama e Sharum trabalhando lado a lado com gente de castas inferiores. Era uma visão inspiradora, um paladar da unidade com que Kaji sonhara, a causa comum que permitiria à humanidade repelir os alagai e vencer a Sharak Ka.

Rezou para que fosse suficiente.

– ... completa destruição dos pomares de maçãs Mehnding – disse Abban. – E de mais de oitocentos hectares de pasto.

Jardir sentava-se no Trono do Crânio, sentindo o cheiro peçonhento da cinza oleosa que lhe cobria as roupas e lhe manchava a pele. As queimaduras tinham já sarado, mas ouvia com coração pesado o relatório matinal privativo de Abban acerca da terceira noite da Lua Minguante.

Os seus medos foram justificados na segunda noite, quando os príncipes alagai, gorado o plano inicial e não querendo voltar a tentá-lo para não o defrontarem diretamente, passaram a tentar destruir o seu povo pela fome.

Os muitos rios e ribeiros que atravessavam a terra fértil tinham revelado ser corta-fogos naturais e comandara

guerreiros para destruir os demónios da chama e para enfrentar os fogos onde pudessem surgir, mas até os seus poderes tinham limites e as depredações foram devastadoras. Jardir perdeu a conta às toneladas enquanto Abban lia lista após lista.

Abban voltou a folha seguinte.

– Nas terras Krevakh, houve perdas...

Jardir sentiu que rebentaria se precisasse de continuar a ouvir. Ergueu-se bruscamente, descendo os degraus para caminhar para um lado e para o outro sobre o piso da sala.

– Diz-me de uma vez por todas, khaffit – rosnou. – A que ponto chegaram as perdas?

Abban encolheu os ombros.

– Se não houver novos danos, o teu povo sobreviverá, Libertador. – Enfrentou-lhe o olhar. – Mas, se os danos prosseguirem mês após mês, metade do povo da Fortuna de Everam morrerá antes que as neves do inverno recuem. E sem que os alagai precisem de erguer uma garra.

Jardir cobriu a cara com as mãos.

– No entanto, possuis duas vantagens – acrescentou Abban.

Jardir olhou-o.

– Vantagens?

– O teu povo passou a ver-te como verdadeiro filho de Everam – explicou. – Até os chin sussurram o teu nome com respeito, partilhando histórias dos teus esforços pela sua proteção, dia e noite. Trabalhar nos campos a seu lado foi um golpe de génio.

– Não o fiz para conquistar corações – explicou Jardir.

– Não importa qual foi o motivo, meu amigo – disse Abban. – Com esse gesto e com o cadáver do príncipe alagai para exibir diante dos Damaji, todos te seguirão. Krasianos e hortelões.

– Seguir-me-ão para onde? – perguntou Jardir.

– Para Lakton, claro. – Abban sorriu. – As colheitas das terras chin a leste da Fortuna de Everam ainda amadurecem.

O Consorte Real aguardou na caverna enquanto o amanhecer se aproximava. A escuridão era ainda suficiente para cegar as criaturas da superfície e os obreiros menores poderiam caçar

ainda durante horas, mas, para o príncipe nuclita habituado à escuridão total da corte mental, o céu clareava com velocidade alarmante.

Esperara propositadamente até ao último momento para convocar os outros enquanto a última noite da Lua Minguante chegava ao fim. Seriam forçados a materializar-se fora da caverna, com a luz enfraquecendo-os enquanto se aproximavam. O consorte traçara guardas poderosas na caverna e na fissura ao fundo, concentrando a magia que se erguia do Núcleo e assegurando que outros não conseguiriam canalizá-la.

Duas das seis mentes que trouxera consigo para a superfície estavam mortas. As mais poderosas. Mas continuava a ser recomendável tomar precauções quando enfrentava tantos dos seus semelhantes pela influência junto da Rainha.

Era vantajosa a eliminação de dois potenciais rivais, mas não justificaria desagradar à Rainha tão perto da postura. As outras quatro mentes pareceriam heroicas por comparação, tendo continuado a lutar apesar do fracasso dos seus planos, esgotando as forças do inimigo. A experiência e prestígio que tinham conquistado permitiam-lhes aspirarem aos lugares antes ocupados pelos rivais perdidos.

Canalizou com intensidade a magia da fissura enquanto se aproximavam os quatro, contendo tanto poder quanto conseguiria suportar. Não fez qualquer esforço para camuflar a energia, permitindo que os outros a vissem e a receassem. Os seus miméticos rodeavam-no e um simples encanto de repulsa mantinha os miméticos rivais no exterior da caverna.

A estrela diurna aproxima-se, irmão, pensou um dos demónios.

Deveremos regressar à corte e informar a Rainha, concordou outro.

O consorte silvou.

Informar-me-ão primeiro a mim.

Demos-te os nossos relatórios, argumentou um dos príncipes enviados ao Norte. Era mais velho que o outro e mais forte. A sua vontade crescera consideravelmente desde que chegara à

superfície. Camuflava bem a sua aura, mas o consorte sentia a tensão.

Bastou um pensamento para que um dos miméticos golpeasse, rodeando a garganta do príncipe com um tentáculo e puxando-o para perto. O consorte não alterou a sua posição, mas preparou o poder. Se atacassem em uníssono, seria naquele momento.

Mas os outros permaneceram imóveis. Poderiam odiar ainda mais o consorte do que a estrela diurna, mas odiavam-se uns aos outros de igual forma e nenhum deles arriscaria a vida sem uma garantia de vitória.

O consorte acariciou a pele nodosa do crânio do príncipe.

Deste-me os teus relatórios, mas não me disseste tudo. Achas-me tolo?

A mente mais jovem debateu-se, sem conseguir igualar a força do mimético. O seu crânio palpitou, tentando controlar o obreiro, mas a vontade do consorte era inferior apenas à da Rainha. O mimético apertou o tentáculo à volta da garganta do príncipe e os seus esforços de fuga cessaram.

O que aconteceu na noite em que morreu o teu irmão?, perguntou o consorte.

Capturámos o unificador, admitiu o príncipe, motivando um silvo aos seus semelhantes. Os príncipes enviados para sul tornaram-se ainda mais tensos com aquelas palavras, com os crânios palpitando enquanto trocavam impressões.

Então porque se perdeu o teu irmão enquanto o unificador continua a matar obreiros e a comandar humanos?, questionou o consorte.

Penetrámos a sua mente para conhecer o seu poder, pensou o príncipe, *mas escapou-nos antes que conseguíssemos trazê-lo.*

Uma segunda mentira?, perguntou o consorte. Os olhos sem pálpebras do príncipe arregalaram-se, mas não teve tempo de protestar. O mimético moveu uma garra, abrindo-lhe o crânio. O consorte rasgou pedaços da mente do príncipe, alimentando-se

enquanto os outros observavam, horrorizados, e se fundiam nas suas auras com cobiça.

Enquanto se alimentava, a vontade do príncipe transferia-se para dentro de si e aprendeu num instante tudo o que tinham retirado da mente do unificador. O prazer e o poder que sentiu foram quase avassaladores. Alimentara-se das mentes dos seus semelhantes durante muitas vezes ao longo dos milénios e sentira-se sempre zozzo com a nova força. No exterior, o mimético do príncipe guinchou e começou a perder consistência.

O consorte olhou o outro príncipe que fora cúmplice na mentira. O medo paralisava-o, sem dúvida acreditando que partilharia o destino do seu irmão.

Vai, ordenou o consorte. O príncipe não questionou a sua sorte, recuando rapidamente para fora da caverna e fugindo para o Núcleo, levando o seu mimético consigo.

Os outros dois príncipes mantiveram-se imóveis enquanto o consorte digería as memórias do seu irmão. Um deles passou a língua pelos dentes, olhando o crânio aberto.

O consorte sentiu-se chocado ao descobrir que o unificador tinha roubado grande parte do seu poder através da ingestão de obreiros. Não sabia que as criaturas da superfície poderiam armazenar magia do Núcleo nos seus corpos, aprendendo a canalizar. Parecia-lhe tão impossível como a possibilidade de um obreiro da rocha debater filosofia, mas era inegável.

E passava a conhecer também a resposta à pergunta que os trouxera a todos à superfície. As guardas de combate tinham sido encontradas enterradas na areia a sul.

O unificador nortenho roubou uma parcela do nosso poder, mas sei o que vale, pensou para os outros. *Não pode fazer nada que não esteja também ao nosso alcance. Precisaremos apenas de encontrar o isco adequado para o atrair para fora das suas grandes guardas.*

Nenhuma mente seria tola a esse ponto, pensou um dos príncipes.

Este é mais tolo do que qualquer um de nós poderia ser, assegurou o consorte. *Não é tão evoluído como julga e conduziu-nos à origem da sublevação.* Enviou uma imagem mental da cidade perdida do último unificador.

Deveremos ir lá no próximo ciclo e reduzir a pó todas as pedras, pensou o consorte. *Defecarei pessoalmente sobre o cadáver do unificador pelos problemas que nos causou.*

As outras mentes concordaram e o consorte enfrentou os seus olhares, permitindo que o vissem na plenitude do seu poder.

Abram-me as vossas mentes, ordenou. Não era algo que ousasse fazer na corte mental, mas aqueles príncipes sabiam bem que não voltariam a ver a corte se não obedecessem e mesmo esse seria melhor destino do que terem as suas mentes consumidas. Baixaram as defesas em concordância, permitindo que o consorte acesse às suas memórias das três noites anteriores.

Tinham estado em contacto com o seu irmão quando o herdeiro surgiu, envergando a coroa maldita e cravando-lhe a arma odiosa no peito.

O consorte sentiu um arrepio de medo ao recordar. O nortenho era poderoso, mas o seu poder não era superior ao do mais fraco dos príncipes. O herdeiro tinha feito o que receava e alcançara a totalidade do poder dos artefactos.

Tornara-se um caçador de mentes, tal como o cadáver mirrado no deserto.

Quantos irmãos e antepassados do consorte tinham perecido às suas mãos? A Rainha ainda não existia, mas ele sim. Era um jovem fraco, sobrevivendo mais por sorte do que por astúcia, mas recordava bem o terror que alastrara na corte mental.

O consorte dispensou os outros com um movimento da cabeça, permitindo que fugissem da superfície antes de convocar os seus miméticos, navegando as correntes de volta ao Núcleo.

O herdeiro teria de morrer com urgência, antes que conseguisse constituir uma dinastia.



VINTE E NOVE

EUNUCO

333 DR Outono

—**A**VALIEI A FORÇA DOS PRÍNCIPES ALAGAI – disse Ahmann.
– E considero-os fracos. – Apontou para o fundo do estrado. As cortinas da sala do trono tinham sido corridas e a única luz provinha das lanternas a óleo que lhe permitiam expor a cabeça bolbosa do príncipe nuclita cravada numa estaca. Tinha ordenado a Abban que enviasse pedreiros para taparem as janelas de forma permanente.

Os seus conselheiros tinham-se alternado para olhar os enormes olhos negros do inimigo, cada um deles camuflando a sua repulsa com um riso desdenhoso forçado. Abban não podia censurá-los. O demónio não era tão grande nem tão cheio de dentes como muitos dos seus semelhantes, mas o brilho sinistro dos seus olhos era perturbador. A sua cabeça cónica alta, os

chifres vestigiais e feições quase delicadas não pertenciam a um assassino animalesco. Era um pensador. Um planejador.

Não pela primeira vez, Abban agradeceu a Everam por ser um khaffit aleijado a quem era negada a noite.

Ajustou a muleta de camelo numa posição mais confortável enquanto o seu amigo proferia o discurso que ambos tinham preparado com tanto cuidado. Apesar de se erguer com frequência no estrado para poder aconselhar o seu mestre, tinham acordado que, durante a exposição daquele decreto, Abban permaneceria no chão, para que ninguém suspeitasse do seu envolvimento. Ahmann levaria a sua avante, fosse como fosse, mas os clérigos obedeceriam de forma muito mais pronta se pensassem que os planos provinham do Shar'Dama Ka e não de um khaffit covarde.

Acham-me covarde, mas consigo fazê-los dançar como marionetas. Manteve os olhos respeitosamente baixos, mas aprendera a ler a postura dos clérigos enquanto Ahmann falava sem os olhar diretamente.

– Mas não podemos baixar a guarda – prosseguiu Ahmann. – O regresso dos filhos de Alagai Ka assinala o início da Sharak Ka e a Sharak Ka não poderá ser vencida até a Sharak Sun terminar. Os alagai não conseguirão ultrapassar as nossas defesas, mas poderão enfraquecê-las, queimando campos de cultivo e matando gado até estarmos demasiado fracos para lutar. E fá-lo-ão enquanto enfrentarmos os hortelões em simultâneo. Para vencer as duas guerras, teremos de continuar a expansão, submetendo as cidades nortenhas à lei evejana, uma a uma, recrutando os seus homens e confiscando os seus recursos.

O Damaji Aleverak acenou afirmativamente.

– A Guerra Diurna deverá ser vencida e a permanência na Fortuna de Everam amolece-nos.

– De acordo – disse Ashan. Tecnicamente, falava pelo conselho, mas todos sabiam que era um fantoche de Ahmann. Aleverak era o Damaji mais velho e respeitado, o único homem que disputara o Trono do Crânio com Ahmann, sobrevivendo

para contar a história. Todos tratavam o clérigo ancião com deferência e as suas palavras tinham enorme peso.

Era por isto que Ahmann, no encontro privado horas antes, ordenara que Aleverak fosse o primeiro a falar e Ashan o segundo.

Ahmann bateu com a lança no estrado.

– Atacaremos Lakton dentro de dois meses. – Imediatamente, Abban franziu a testa e uniu os lábios.

– Pareces desagradado, khaffit – disse Ahmann. – Duvidas da sensatez do meu plano?

Todos os olhares se voltaram para Abban enquanto fingia encolher-se como consequência da severidade do olhar do seu senhor. Sem dúvida, todos os presentes rezariam para que dissesse algo tolo que lhe custasse a influência junto do Shar'Dama Ka.

E Abban teve de admitir que era uma preocupação válida. Sabia muito bem que, se alguma vez deixasse de estar nas graças de Ahmann, todos os homens presentes, para não referir a Damajah, se apressariam a esmagá-lo ou matá-lo.

– A sensatez do Libertador excede a minha – disse Abban, acrescentando ao seu tom de voz a subserviência adequada. – Mas as tuas forças mal são suficientes para controlar as terras que já conquistaste. O custo...

– Não dês ouvidos às palavras cobardes de um khaffit comedor de porco, pai – interrompeu Jayan. – Também falou contra o teu ataque à Fortuna de Everam. – Os Damaji concordaram com acenos de cabeça, murmurando palavras de aprovação.

Khaffit comedor de porco é redundante, idiota, pensou Abban. Khaffit significava literalmente «comedor de porco», pois o Evejah proibia que se comesse a carne do animal e era frequente que os khaffit pobres não pudessem comprar outra carne. Um espasmo quase impercetível no lábio de Abban traiu a sua vontade de sorrir. Ninguém na sala sabia o que perdia. Os porcos eram animais deliciosos, negados aos homens apenas porque o meio-irmão de Kaji envenenara um leitão e o servira

ao Libertador três mil anos antes. A força lendária de Kaji permitira-lhe resistir à morte, mas, certamente num momento de rancor motivado por horas passadas na latrina, declarara o porco impuro, negando a sua carne doce e tenra a gerações incontáveis de tolos.

Sentiu água na boca. Comería leitão naquela noite e, depois, servir-se-ia de uma das suas esposas para verter a semente de alguma forma que os clérigos tivessem decidido proibir.

Olhou Jayan, não o surpreendendo a avidez nos olhos do jovem Sharum Ka. O rapaz era pouco mais do que um animal, desfrutando demasiado com a conquista e o saque e ocupando-se muito pouco a governar. Matar homens era mais fácil do que matar alagai e matar hortelões tenros quase não exigia qualquer esforço. Vitórias fáceis para reforçar a sua escassa lista de triunfos.

Resistiu ao impulso de abanar a cabeça. O acaso depositara todo aquele poder e todos aqueles benefícios nas mãos de Jayan quando nasceu e apenas conseguia preocupar-se com o tamanho do seu palácio e com novas formas de adulação dos seus subalternos.

Asome e Asukaji mantiveram as expressões neutras, mas os dois homens tinham uma linguagem gestual própria. Era uma mistura elaborada de posturas subtis e de gestos que os amantes teriam sem dúvida desenvolvido sobre as almofadas e que lhes permitia terem conversas completas sem que ninguém em redor percebesse.

Depois de os observar durante meses, Abban conseguira apenas decifrar uma fração do código, mas conseguia adivinhar o conteúdo com relativa certeza. Havia vantagens e desvantagens em ficar de parte enquanto o seu pai e o seu irmão partiam para a guerra. Ashan falava pelo conselho e os Damaji governavam juntamente com a Damajah durante a ausência do Libertador, mas, se a glória pertenceria a quem se erguesse no campo de batalha, havia muita coisa que Asome poderia fazer para aumentar o seu poder durante a ausência destes.

– E tu, Asome? – perguntou Jardim.

Asome curvou-se muito ligeiramente na direção do irmão.

– Concordo, pai. Chegou o momento de atacar. As preocupações do khaffit não são desprovidas de mérito, mas são pequenos pormenores no plano grandioso de Everam. Perdeste grande parte da colheita para os alagai e essas perdas far-se-ão sentir. Conquistar mais território poderá mitigá-las.

Ahmann voltou-se para os outros dez Damaji e Abban estudou-os enquanto olhavam o trono. Os homens erguiam-se ordenados de acordo com o número de Sharum nas suas tribos, por mais que a diferença fosse mínima em alguns casos. A fila mudava ligeiramente de poucos em poucos meses.

Depois de Ashan e Aleverak, erguia-se Enkaji dos Mehnding. O Damaji engordara com os anos, depois de o Trono do Crânio deixar de estar ao seu alcance. Ahmann continuava a sentir rancor pela tentativa de Enkaji de lhe ocultar a Coroa de Kaji, mas Abban não o censurava por isso. Também não lha teria oferecido sem qualquer benefício. Enkaji sobrevivera colocando-se ao lado de Ashan e Aleverak, pelo menos na corte.

– A Guerra Diurna é o objetivo do Shar'Dama Ka – disse Enkaji. – Quem somos nós para questionar? – Olhou os homens a seu lado, Damaji das tribos Krevakh e Nanji. O Damaji Vigia envergava véus noturnos mesmo durante o dia, escondendo a sua verdadeira identidade de todos menos dos líderes das tribos que a sua gente servia e do próprio Libertador.

Como sempre faziam, curvaram-se sem dizer nada.

Abban mal olhou os outros Damaji. Desde a lição que Ichach e Qezan tinham recebido, os Damaji menores tinham-se tornado ainda mais obsequiosos que Enkaji. Apenas Kevera dos Sharach falou, olhando Ahmann.

– Não desejo questionar o teu sábio plano, Libertador, mas é verdade que a minha tribo não poderá dispensar homens para um novo ataque e, em simultâneo, defender o que conquistámos.

– Então fica para trás! – bradou Chusen dos Shunjin. – Mais despojos haverá para o resto de nós! – Alguns dos outros

Damaji riram ao ouvir aquilo, mas todos se encolheram com o olhar que Ahmann lhes dirigiu.

– Sou Sharach – disse Ahmann – por sangue e casamento. Também sou Shunjin e de todas as outras tribos. Quando se insultam na minha presença, é a mim que insultam.

Asome acariciou o punho da sua cauda de alagai e o Damaji Chusen empalideceu. Ajoelhou-se, pressionando a testa contra o chão.

– Peço desculpa, Libertador. Não quis desrespeitar.

Ahmann acenou afirmativamente com a cabeça.

– Ainda bem que assim é. Deixarás homens para trás para guardarem as terras Sharach na Fortuna de Everam enquanto marcham para conquistar novos territórios na terra dos homens do lago.

Abban sentiu vontade de rir alto ao ver a expressão na cara de Chusen. Todos os guerreiros que deixasse para trás reduziram os despojos da sua tribo e poderiam significar que o Damaji Fashin dos Halvas passaria à sua frente na ordem diante do Trono do Crânio. Olhou Fashin e viu que o Damaji sorria abertamente ao ouvir a ordem, mas sendo sensato e não dizendo nada.

A mente de Abban começou a divagar enquanto Ahmann enumerava aos Damaji os pormenores do plano. Pelo menos, os pormenores que precisavam de conhecer. O essencial do plano, incluindo o momento exato e a localização do ataque, ser-lhes-ia transmitido quando deixasse de haver possibilidades de os tolos estragarem tudo.

Olhou o Trono do Crânio, pensando no motivo para ser revestido com eletrum. Parecera-lhe um enorme desperdício.

Abban entregara à Damajah todo o eletrum da mina como lhe foi ordenado. Esperou que o metal desaparecesse, aplicado a algum propósito secreto, ou, pelo menos, que reaparecesse como uma armadura de Ahmann. Ao invés, fora vertido sobre o trono numa inútil demonstração de poder.

Ou haveria algo mais? Olhou a Damajah. Não era o tipo de mulher dada a exibicionismos sem sentido. Não havia muita

gente capaz de se exibir de forma mais competente, mas o seu exibicionismo tinha sempre motivo.

Pouco importava. Abban entregara o metal, mas não desistira de encontrar mais, começando pela mina onde Rennick encontrara a liga, uma mina de ouro com veios de prata que continuava a produzir uma boa quantidade de eletrum todos os anos. Abban comprara-a através de um intermediário e, por toda a Fortuna de Everam, os seus agentes procuravam e compravam joias e moedas feitas com o material. Reunira já uma quantidade considerável do metal precioso, usando-o para substituir a lâmina retrátil da muleta e moldando uma parte em filigrana para as armas e armaduras dos seus kha'Sharum de maior confiança.

A audiência depressa chegou ao fim. Ahmann foi o primeiro a partir, prontamente seguido por Jayan, Asome e pelos Damaji. Abban voltou-se, preparado para os seguir.

– Abban – disse a Damajah, fazendo-o estacar. À frente, Hasik fechou as grandes portas e colocou-se diante delas com os braços cruzados, bloqueando-lhe o caminho.

Abban virou-se, vendo Inevera descer o estrado do Trono do Crânio, afastando rapidamente o olhar para não o fixar no ondular hipnótico das suas ancas, fixando-o antes nos seus olhos.

Tens esposas belas, recordou a si mesmo. Esta exhibe abertamente os seus bens, mas o preço de um olhar é elevado.

Curvou-se.

– Damajah. Como poderá servir-te este humilde khaffit?

Inevera aproximou-se. Estava demasiado afastada para que Hasik conseguisse ouvir-lhe as palavras, mas era seguida de perto por Shanvah. A kai'Sharum'ting seria tão letal como o brutal guarda-costas de Ahmann.

– Os teus metalúrgicos conseguiram algum progresso? – perguntou Inevera. – A última remessa da liga que enviaram foi inútil.

Abban encolheu os ombros.

– Fundir os metais é simples, mas encontrar a mistura certa é um processo lento. Os fogos de ala poderão ter introduzido elementos que não antecipámos.

– Precisamos de mais – disse-lhe ela.

– Bem vejo – replicou Abban. – Revestir um trono exige grande quantidade de metal. Revestirás os degraus a seguir?

– O que farei não te dirá respeito, khaffit – disse Inevera. A sua voz era serena, mas, mesmo assim, a ameaça estava presente.

Abban curvou-se.

– É como dizes, Damajah. Nem me dirá respeito o que fazes com os teus eunucos, apesar de ter sido informado pela guarda da cidade de que três deles foram encontrados mortos nas margens do rio. – Sorriu-lhe e percebeu imediatamente que fora demasiado longe.

Com um gesto de Inevera, Shanvah avançou. O seu murro foi praticamente impossível de acompanhar com o olhar, mas a dor alastrou-lhe na face e deu consigo a cair de costas.

Levou a mão ao nariz, arregalando os olhos ao perceber a rapidez com que a mão ficou coberta de sangue. Puxou um lenço do bolso do colete, que logo ficou ensopado.

– O Shar'Dama Ka disse que mataria qualquer homem que me golpeasse.

– As Sharum'ting não são homens, khaffit. – Inevera sorriu, curvando os lábios cheios sob o véu translúcido enquanto indicava as portas da câmara com um gesto. – Mas poderás coxear daqui para fora e dizer a Ahmann que me insultaste e eu ordenei a Shanvah que te golpeasse. Veremos o que fará.

Vendo que Abban não se movia, retirou-lhe o lenço da mão, aproximando dos olhos o pano ensopado em sangue.

– Isto é apenas uma amostra do que te acontecerá da próxima vez que fores insolente.

Abban engoliu em seco enquanto Inevera e a guerreira se dirigiam para a câmara de almofadas privativa. Podia não temer os Damaji, mas a Primeira Esposa de Ahmann era muito

diferente. O seu plano para instalar Leesha Papel como sua rival falhara e fizera uma inimiga que não desejaria a ninguém.

Quando a porta da câmara de almofadas se fechou atrás das mulheres, Hasik riu-se.

– Passou-te o arrojo, khaffit?

Abban olhou-o com fireza.

– Abre a porta, cão. Ou direi a Ahmann que o nariz ensanguentado foi obra tua.

A raiva alterou a expressão de Hasik, acalmando a dor na face de Abban. Escondeu o sorriso enquanto o guerreiro enorme abria a porta. Em breve, Hasik viria cobrar a humilhação, mas, daquela vez, Abban estaria preparado.

Os meus metalúrgicos fizeram mais uma tentativa para reproduzir o metal sagrado, escreveu Abban a Ahmann no fim desse dia. *Envia um mensageiro forte em quem confies para levar a amostra da Damajah antes do anoitecer.*

E, como frequentemente acontecia, Ahmann enviou Hasik.

Cielvah, uma das filhas de Abban, trabalhava sozinha diante do seu pavilhão no Bazar Novo quando o guerreiro foi avistado a vir na sua direção. O recolher aproximava-se e o bazar estava quase vazio, com a maior parte dos pavilhões e lojas fechados para a noite. Abban espreitou por um buraco, vendo Hasik entrar na tenda. Cielvah era jovem e bela, inteligente e com mãos hábeis. Tinha um futuro brilhante à sua frente e Abban amava-a profundamente. Algo que Hasik soubera quando a violara. Cielvah nunca fora relevante. O que lhe importava era magoar o pai.

A rapariga gemeu de espanto ao ver Hasik. Correu para trás do balcão e percorreu um corredor curto, desaparecendo por uma aba de lona. Como um gato perseguindo um rato, Hasik seguiu-a, saltando agilmente sobre o balcão e passando a aba imediatamente após a rapariga.

Abban ouviu uma porta fechar-se e contou até dez antes de avançar, demorando-se no percurso. A perna continuava a doer-lhe após tantos anos e não viu necessidade de a forçar.

Hasik continuava a debater-se quando entrou, fechando a porta pesada atrás de si. O pavilhão tinha um armazém amplo, onde Hasik entrara sem saber. Dois kha'Sharum Sharach tinham controlado bem a situação com os seus laços de alagai. As varas ocas tinham o dobro do comprimento dos braços de Hasik e os cabos de aço rodeavam o pescoço do guarda-costas. Hasik segurava cada cabo com uma mão, tentando impedi-los de apertar, mas era inútil contra a perícia dos guerreiros Sharach. Quando se movia, eles moviam-se no sentido oposto e os cabos iam sendo apertados. Abban olhou com agrado enquanto os esforços de Hasik abrandavam, vendo-o cair de joelhos com a face escarlate.

Cielvah veio até ele e Abban rodeou-lhe os ombros com um braço.

– Ah, Hasik. Que bom é receber a tua visita! Penso que recordarás a minha filha Cielvah? Roubaste-lhe a virgindade na primavera passada. Prometi-lhe um lugar de honra para ver o que te faria quando regressasses.

Continuando por casar, Cielvah não tinha véu para erguer enquanto cuspi na cara do Sharum. Hasik tentou alcançá-la, mas os Sharach prenderam-no com força, asfixiando-o até voltar a ajoelhar-se. Abban ergueu uma mão e outro dos seus kha'Sharum, que permanecera invisível nas sombras, avançou. Os Nanji eram famosos pelo seu talento para a tortura e o homem baixo não era exceção. Movia-se com graça, silencioso como a própria morte além da lâmina afiada e curva que desembainhou. Hasik arregalou os olhos quando a viu, mas não lhe foi permitido ar suficiente para protestar.

O homem baixo ponderou.

– Seria mais fácil se estivesse deitado de costas no chão. – A sua voz era suave, quase um sussurro. – E se tivesse os membros erguidos.

Abban acenou com a cabeça, batendo com as mãos. Os Sharach torceram as varas, deitando Hasik com força enquanto as portas se abriam e várias mulheres vestidas de negro entravam. Eram as esposas e filhas de Abban. Muitas

envergavam véus matrimoniais enquanto outras, como Cielvah, traziam as caras expostas. Mais do que uma sucumbira aos ataques de Hasik ao longo dos anos.

Quatro mulheres traziam também laços de alagai e não perderam tempo a prender os pulsos e os tornozelos de Hasik, puxando com força. A força do Sharum era a de um guerreiro habituado a absorver a magia da matança de alagai, mas as mulheres superavam-no em número e teria sido imobilizado mesmo sem o contributo dos Sharach. Os dois kha'Sharum aliviaram a tensão dos seus laços para que todos pudessem apreciar melhor os gritos de Hasik e os seus movimentos frenéticos e impotentes enquanto o Nanji lhe cortava as calças.

Todas as mulheres riram ao ver o membro mole de Hasik quando ficou exposto. Também Abban riu, sabendo que a presença das mulheres multiplicava por mil a dor e a humilhação de Hasik.

– É esta coisa patética que as minhas mulheres temem quando visitas o meu pavilhão?

– Os cães também têm membros minúsculos, pai – disse Cielvah. – Isso não significa que deseje ser montada por um deles.

Abban acenou afirmativamente.

– A minha filha está certa – disse a Hasik. Inclinou a cabeça ao Nanji. – Corta-o.

Hasik guinchou, voltando a debater-se, mas era inútil enquanto as mulheres o prendiam com força.

– Sou o ajin'pal do Libertador! Não te poupará, khaffit!

– Diz-lhe, Assobiador! – Abban riu-se, usando a alcunha trocista que Hasik recebera depois de Qeran lhe partir um dente por lhe ter chamado filho de comedor de porco quando os rapazes estavam no sharaj. – Diz ao mundo inteiro que um khaffit te cortou a piça e ouve-os rirem-se de ti.

– Mato-te! – rosnou Hasik.

Abban abanou a cabeça.

– Sou mais valioso para o Libertador do que tu, Hasik. – Apontou os três kha'Sharum. – Na sua sabedoria, deu-me

guerreiros para a minha proteção. – Sorriu. – E para proteger a honra das minhas mulheres.

Hasik voltou a abrir a boca, mas Abban fez um gesto e os Sharach asfixiaram-lhe as palavras.

– O tempo para conversa acabou, velho amigo. Aprendemos no sharaj a acolher a dor. Espero que recordes melhor que eu essa lição.

O Nanji agiu com rapidez, provando ser hábil como uma dama'ting enquanto apertava com um cordão a haste e as bolas, cortando-as e deixando-as cair numa travessa enquanto inseria um tubo de metal para expelir águas e cosia o ferimento com eficiência ensaiada. Quando terminou, ergueu a travessa.

– Como deverei livrar-me disto, mestre?

Abban olhou Cielvah.

– Os cães ainda não foram alimentados hoje, pai – referiu.

Abban acenou com a cabeça.

– Leva as tuas irmãs e alimenta-os. – A rapariga levou a travessa e as outras mulheres largaram os laços de alagai, seguindo-a pela porta fora, todas rindo e falando animadamente.

– Encorajarei a sua discrição, meu amigo – disse Abban. – Mas sabes como são as mulheres. Contar um segredo a uma significa que, em breve, todas o saberão. Não tardará que todas as mulheres no bazar saibam que já não precisam de temer Hasik, o homem com uma racha de mulher entre as pernas.

Atirou um saco de couro pesado ao guerreiro, motivando-lhe um gemido de dor quando lhe atingiu o estômago com um tilintar.

– Leva isto à Damajah quando regressares ao palácio.

Jardir seguiu Inevera pela escadaria em espiral que descia até aos seus aposentos privativos no subpalácio. Nunca sentira necessidade de lá ir. Não se escondia durante a noite há mais de um quarto de século e sentiu um vago fascínio enquanto desciam. Luz guardada iluminava o caminho, mas a visão possibilitada pela coroa era tudo de que precisava. Via os Vigias eunucos escondidos nas sombras tão facilmente como no dia

mais claro. As suas auras eram límpidas, intensamente leais à sua esposa. Agradou-lhe. A sua segurança era o mais importante.

Levou-o por túneis sinuosos, recentemente abertos na rocha, e por várias portas, deixando até os guardas eunucos para trás. Por fim, chegara a uma pequena câmara privada onde um homem e uma mulher se sentavam sobre almofadas, bebendo chá.

Inevera fechou a porta depois de entrarem enquanto o casal se apressava a levantar-se. A mulher parecia-se com qualquer outra dal'ting, coberta com vestes negras que expunham apenas os olhos e as mãos. O homem vestia o castanho dos khaffit e apoiou-se numa bengala quando se ergueu. A sua aura terminava abruptamente a meio de uma perna.

Aleijado, pensou Jardir, não precisando de perguntar quem eram. As suas auras diziam-lhe tudo, mas permitiu mesmo assim que Inevera fizesse as apresentações.

– Honrado marido – disse. – Permite-me que apresente o meu pai, Kasaad asu Kasaad am'Damaj am'Kaji, e a sua Jiwah Ka e minha mãe, Manvah.

Jardir curvou-se profundamente.

– Mãe, pai. É uma honra conhecer-vos finalmente.

O casal curvou-se também.

– A honra é nossa, Libertador – disse Manvah.

– Uma mãe não precisará de cobrir a face quando se encontra sozinha com o seu marido e filhos – disse Jardir. Manvah acenou afirmativamente, retirando o toucado e o véu. Jardir sorriu, reconhecendo na face da mulher muitas das feições que amava. – Vejo de quem herdou a Damajah a sua beleza lendária.

Manvah baixou os olhos educadamente, mas as palavras não a tocaram realmente, por mais sinceras que fossem. A sua aura mantinha-se concentrada. Sentia o seu orgulho pela filha e o respeito que Inevera lhe dedicava, mas, mesmo assim, havia desconforto presente. Jardir via-o dançando nas auras da sua mulher e dos seus pais. Era uma teia discordante de raiva,

medo, vergonha e amor que se ia multiplicando, centrada em Kasaad.

Olhou o seu sogro khaffit, perscrutando-lhe a aura. O corpo do homem estava coberto com as cicatrizes de um guerreiro, mas o ferimento no seu joelho não resultara de garras ou dentes de alagai. Denotava uma precisão cirúrgica.

– Foste Sharum outrora – adivinhou. – Mas não perdeste a perna na batalha. – As palavras alvoroçaram a aura do homem, motivando nova torrente de informação. – Perdeste as vestes negras por um crime. A perna foi-te cortada como castigo.

– Como...? – começou Inevera.

Jardir olhou-a, lendo as ondas de emoção que a ligavam ao pai.

– Um crime que a tua mulher e a tua filha anseiam por perdoar, sem conseguirem. – Voltou a olhar Kasaad. – Que crime imperdoável foi este?

O choque foi visível nas auras de Inevera e Manvah, mas foi pior para Kasaad, que empalideceu sob a luz das guardas, com suor escorrendo-lhe pela face abaixo. Apoiou-se com força na bengala e ajoelhou-se com a dignidade possível, pousando as mãos à sua frente e pressionando a testa contra a carpete grossa.

– Golpeei a minha filha dama'ting e assassinei o meu primogénito por ser push'ting, Libertador – disse. – Julguei-me justo por defender a lei de Kaji mesmo que a violasse com a bebida e com comportamento muito mais desonroso para a minha família do que qualquer coisa que o meu filho pudesse ter feito. Soli era um Sharum corajoso que enviou muitos alagai de volta ao abismo. Eu era um cobarde que se embebedava no Labirinto e se escondia nos níveis inferiores, onde os alagai raramente eram vistos.

Ergueu os olhos humedecidos com lágrimas e voltou-se para Inevera.

– A minha filha poderia ter pedido a minha morte por estes crimes, mas considerou que seria maior castigo deixar-me viver

com a minha vergonha e fazer-me perder o membro que usei para a golpear.

Jardir acenou afirmativamente, olhando Inevera e a sua mãe. A face de Manvah estava marcada pelas lágrimas, tal como a do marido. Os olhos de Inevera permaneciam secos, mas a dor alterava-lhe a aura de forma tão clara como as lágrimas. Aquela ferida permanecera aberta por demasiado tempo.

Voltou a olhar Kasaad.

– A misericórdia de Everam é infinita, Kasaad filho de Kasaad. Nenhum crime é imperdoável. Vejo no teu coração que compreendes a gravidade das tuas ações e que te arrependes. A perda do teu filho puniu-te mais ao longo dos anos do que a perda da perna e da honra. Não voltaste a afastar-te do caminho de Everam. Se desejares, devolver-te-ei as vestes negras e poderás morrer com honra.

Kasaad olhou tristemente a mulher e a filha antes de abanar a cabeça.

– Pensei que fosse vergonhoso ser khaffit, Libertador. Mas a verdade é que nunca fui mais feliz e nunca antes vi com maior clareza o caminho de Everam. Sou aleijado e não poderei servir-te na Sharak Ka. Por isso, imploro-te que me deixes morrer khaffit para que possa aspirar a ser melhor na minha próxima vida.

Jardir concordou com um gesto.

– Como queiras. Everam faz as almas dos khaffit esperarem às portas do Paraíso até conquistarem sabedoria suficiente para regressarem a Ala com uma hipótese de serem homens melhores. Rezarei por ti, mas não creio que o Criador te faça esperar muito quando chegar a tua hora.

A aura de Kasaad alterou-se como se um peso lhe fosse erguido de cima. A teia entre os três alterou-se, mas continuava desprovida da harmonia adequada a uma família na graça de Everam.

Voltou-se para Manvah, olhando também o seu coração.

– Desde o crime que não te deitas com o teu marido, incapaz de suportar o toque do homem que matou o teu filho.

A aura calma e concentrada de Manvah arrefeceu com medo e espanto. Também ela se ajoelhou, pousando a cabeça no chão.

– Assim é, Libertador.

– Até a esposa de um khaffit deverá ser esposa – disse Jardir.

– E, por isso, precisarás de tomar uma decisão. Ou encontras perdão no teu coração ou anularei o vosso casamento.

Manvah olhou o marido e Jardir percebeu que lhe retirava anos, recordando o homem que fora e comparando-o com quem era agora. Lentamente, hesitante, estendeu a mão. Estremeceu quando tocou a mão de Kasaad e este recebeu-a, apertando ligeiramente.

– Não me parece que seja necessário, Libertador.

– Juro – disse Kasaad – com o Libertador como testemunha que serei digno do teu toque, esposa.

– Já és, filho de Kasaad – disse Jardir. – Lamento que o preço do teu caminho até à sabedoria tenha trazido tanta dor aos que te rodeiam, mas a sabedoria não é algo que possa ser regateado como um cesto no bazar.

Olhou a aura que os dois passaram a partilhar e acenou afirmativamente, satisfeito. Virou-se para Inevera.

– O teu luto honra Soli, amada, mas recorda que não o choras a ele e sim a ti. Lamento não o ter conhecido, porém, se o teu irmão tiver sido metade do homem que vejo no teu coração, era o dobro do homem que Everam pede que sejamos para nos juntarmos a Ele no Paraíso. Acredito que Soli asu Kasaad am'Damaj am'Kaji tenha já ceado à mesa do Criador, regressando a Ala para ajudar o nosso povo no seu momento de necessidade.

Olhou novamente Kasaad, indicando-lhe que se erguesse. O khaffit obedeceu lentamente e, a seguir, abriu os braços. Lentamente a princípio, Inevera aproximou-se, mas acabou por correr, entregando-se num abraço apertado. Manvah rodeou-os aos dois com os braços.

Jardir viu as suas auras tornarem-se uma, finalmente fluindo juntas como deveria acontecer numa família.

Após um momento, Inevera olhou-o. Conseguia ver o amor ardendo dentro dela, mas também percebeu a pergunta antes que tivesse tempo de a formular.

– Como soubeste?

Para sua surpresa, foi Manvah quem respondeu, apertando o ombro da filha.

– É o Libertador, filha. Kaji conseguia ver o coração dos homens e renasceu em Ahmann Jardir. O tempo para a dúvida passou.

Jardir cerrou os dentes ao entrar na sua sala do trono, vendo Kajivah e Hanya esperando com Ashan e Shanjat. Percebia a raiva e a indignação nas suas auras e presumiu que o esperasse outro debate demorado sobre os méritos das Sharum'ting.

– Bolas de Everam... Um minuto de sossego será pedir demasiado? – murmurou Inevera enquanto o seguia. Jardir riu-se, mas Hanya voltou-se para ele e viu-lhe o olho.

Atravessou a sala num ápice, segurando-lhe o queixo com gentileza firme enquanto observava a pele enegrecida. Estava tingida com uma cor escura e furiosa, mas nada que se comparasse à escuridão da sua raiva.

– Quem te golpeou, irmã? – perguntou, baixando a voz.

Hanya soluçou e não respondeu.

– O seu imprestável marido – respondeu Kajivah. A aura da irmã confirmou-o. Jardir voltou-se para Shanjat.

– Já se encontra preso, Libertador – disse Shanjat. – Encontrámo-lo nos seus aposentos no palácio. Estava deitado sobre uma poça do seu mijo, embriagado com couzi.

Jardir inspirou fundo, acolhendo toda a sua raiva e deixando-a passar por ele enquanto subia os degraus até ao Trono do Crânio. Não acreditava conseguir controlar-se se ficasse perto do homem.

– Tragam-no até mim. Agora.

Inevera apertou-lhe o ombro por um instante, manifestando o seu apoio antes de ocupar o seu lugar nas almofadas ao lado do trono. Sentiu a força do seu apoio e interiorizou-a.

Hasik foi arrastado do quarto como um animal, trazido por dois Sharum com laços de alagai. Os seus braços estavam presos à cintura com correntes e havia uma haste de lança enfiada entre os cotovelos atrás das costas. Os tornozelos estavam presos por uma corrente curta. Um freio mantinha-lhe os dentes afastados e a língua empurrada para trás, mantido no local com uma faixa de couro apertado. Estava ressecado e a sua aura manchada pela dor e por uma raiva impotente. Sob tudo isso, havia vergonha e medo. Sabia o que tinha feito e compreendia o que significava. Jardir precisou de se conter para não o matar imediatamente.

– Irmã – ordenou, ao invés. – Conta-me tudo o que aconteceu.

Hanya continuava a soluçar, mas, consolada por Kajivah, conseguiu evocar força suficiente para erguer o olhar em direção ao irmão.

– Também não compreendo, irmão. Hasik mostrou-se irado comigo noutras ocasiões, mas nunca bebeu couzi nem me golpeou. Nestes últimos dias, mudou. Começou a trazer garrafas para os nossos aposentos, bebendo demasiado e chorando quando se julgava sozinho. Tentei confortá-lo como se esperaria de uma esposa, mas todos os meus esforços foram rejeitados. Na noite passada, enquanto dormia, decidi... surpreendê-lo. – A vergonha inflamou a sua aura.

Jardir arrependeu-se de a forçar a contar a história na corte, mas não podia recuar.

– Que aconteceu?

A aura de Hanya tornou-se mais luminosa com dor e confusão à altura da vergonha.

– A sua virilidade... desapareceu.

– Desapareceu? – perguntou Jardir.

– Cortada – explicou Hanya. – Há apenas uma cicatriz no seu lugar e um pequeno tubo metálico. – As auras de Ashan e Shanjat diziam-lhe que a notícia era já do seu conhecimento, mas percebia mesmo assim o desconforto provocado pelo assunto. Todos na sala se mostraram inquietos, incluindo Jardir.

Apenas Inevera e as Damaji'ting, habituadas a criados eunucos, permaneceram impassíveis.

A aura de Hanya dizia-lhe o resto, apesar de poder adivinhá-lo sem dificuldade.

– Hasik acordou, percebeu que tinhas visto a sua vergonha e golpeou-te.

Hanya acenou afirmativamente e Jardir voltou-se para Hasik.

– Mostra-me.

A humilhação na aura de Hasik foi como um grito no ar, mas baixou a cabeça, não resistindo enquanto um dos guardas lhe puxava as calças para baixo, mostrando que perdera realmente a sua virilidade. Jardir acenou com a cabeça ao guarda e este afrouxou um nó, retirando o freio de entre os dentes de Hasik.

– Que te aconteceu, Hasik? – perguntou Jardir.

Hasik não respondeu imediatamente, mantendo os olhos fixos no chão.

– Achei que poderia voltar a crescer.

– Hã? – disse Jardir.

– Se matasse alagai suficientes – explicou Hasik. – Se absorvesse a sua magia. Acreditei que poderia voltar a crescer.

Inevera acenou afirmativamente.

– Não funciona dessa forma, Sharum. O que é cortado não volta a crescer. Apenas cicatrizaste a ferida. – Hasik voltou a olhar o chão.

– Quem te fez isto? – perguntou Jardir. – Serás punido por golpear a minha irmã, mas és meu cunhado e uma das Lanças do Libertador. Atacar-te será atacar-me a mim.

Hasik olhou-o, mas a sua vergonha e medo eram esmagadores e não falou.

– O Libertador fez-te uma pergunta, cão! – bradou Ashan. Shanjat esmurrou-o violentamente na cara, fazendo-o cair. Mesmo assim, o Sharum gigante permaneceu em silêncio.

Prefere morrer a dizer-me, percebeu Jardir. Felizmente, havia para um Sharum destinos piores que a morte.

– Dispam-lhe as vestes negras e queimem-nas – disse Jardir.

– Cortem a mão que golpeou a minha irmã e atirem-no à rua

vestido de castanho. Anularei o seu casamento e poderá viver o resto dos seus dias como khaffit aleijado, sendo-lhe negado o Paraíso para toda a eternidade.

– Não, por favor! – gritou Hasik, em pânico. – Servi-te com lealdade! Foi Abban! Abban, o maldito khaffit! – A sua aura dizia que não mentia e, ao ouvir aquilo, Jardir compreendeu que Hasik sentisse vergonha ao admitir.

Mesmo assim, o problema que lhe colocava era de difícil resolução. Olhou Shanjat.

– Escolhe uma dúzia de homens e encontra o khaffit. Trá-lo até mim incólume. Se houver um cabelo fora do sítio antes de o interrogar, o preço será elevado.

Shanjat curvou-se, apressando-se a sair. Não demorou a regressar puxando Abban. Hasik permaneceu acorrentado, mas fora-lhe permitida a dignidade de se vestir. Quando Abban surgiu, recuperou parte da sua compostura, parecendo preparar-se para correr na sua direção. Jardir via visões fantasmagóricas do seu salto sobre Abban enquanto planeava o ataque. Se conseguisse libertar-se e matar o khaffit, os guardas poderiam matá-lo com as vestes negras.

Jardir olhou os homens que seguravam os laços de alagai. Eram Lanças do Libertador e sabiam o que faziam. Estavam preparados, puxando com força quando Hasik tentou saltar e asfixiando-o até cair no chão.

Voltou-se novamente para Abban, fixando-o atentamente com a visão guardada da coroa. O khaffit adivinhara já o propósito da convocatória, mas a sua aura permanecia calma. Era culpado, mas esperava escapar ileso graças às suas palavras. Normalmente, conseguia camuflar as suas emoções, mas, ali, a sua arrogância era ilimitada. Fixou um olhar neutro em Hasik, todavia, a sua aura mostrava completo desdém e satisfação considerável.

– Castrate Hasik? – perguntou Jardir, não perdendo tempo com palavreado vão. A sua raiva começava apenas a crescer. Poderia não lhe restar alternativa que não fosse matar o seu guarda-costas e o conselheiro em que mais confiava.

– Não, Libertador – respondeu Abban. Era verdade, mas não toda a verdade.

– Ordenaste que os teus kha'Sharum o fizessem? – perguntou, perdendo a paciência.

Abban acenou afirmativamente.

– Sim, Libertador.

Os homens na sala começaram a trocar murmúrios irados, mas Jardir bateu com a lança no chão e todos se silenciaram. Abban permaneceu onde estava, tranquilo.

– Dei-te estes guerreiros para proteger o teu negócio e para facilitar o comércio. Não para atacares os meus guerreiros – disse Jardir.

– Usei-os para esse fim – disse Abban. Voltou-se para Hasik, erguendo a muleta para apontar o homem acorrentado. – Este, frustrado por teres ordenado que ninguém poderia magoar-me, tem dado largas à sua ira no meu pavilhão. Envia-lo até mim com frequência como moço de recados e, sem falha, aproveita a oportunidade para roubar ou destruir mercadoria preciosa apenas porque tal lhe agrada.

– E cortas-lhe a piça por esse motivo?! – questionou Jardir.

Abban abanou a cabeça.

– Os objetos podem ser facilmente substituídos, Libertador. A virgindade da minha filha não. Nem a honra das minhas esposas.

– O khaffit mente, Libertador! – gritou Hasik. – Nunca...!

Jardir moveu a mão num gesto brusco e um dos guardas apertou o nó, silenciando-o.

– Sou o Shar'Dama Ka, Hasik. E consigo ver o teu coração. A próxima mentira que te sair dos lábios custar-te-á a vida, a honra e o teu lugar no Paraíso.

Hasik arregalou os olhos e a sua aura tornou-se fria.

– Violaste a filha de Abban, Hasik? – perguntou Jardir, mansamente.

Hasik chorava incontrolavelmente. Não tinha força para responder, mas acenou com a cabeça. Hanya recomeçou a soluçar. Kajivah puxou a filha para perto de si, permitindo que o

seu peito ensopasse as lágrimas enquanto fixava um olhar feroz em Hasik.

– E as suas esposas? – perguntou Jardir. Novamente, um aceno de cabeça destrojado.

– Seja como for, não poderá permitir-se tal coisa, Libertador – disse Ashan. – Se khaffit ou mesmo kha'Sharum podem matar dal, toda a civilização se desmoronará.

– Com o teu perdão, Damaji – disse Abban –, mas nem eu nem os meus homens matámos alguém. – Indicou Hasik. – Como vês, o guarda-costas do Libertador está vivo e poderá continuar a desempenhar o seu papel na Sharak Ka.

Jardir fitou-o com raiva.

– Porque não me procuraste?

Abban curvou-se tanto quanto a sua muleta permitia.

– O Shar'Dama Ka tem assuntos para resolver mais urgentes do que repreensões constantes a Sharum e dama que procuram formas de me magoar sem violar a tua ordem.

Jardir percebeu a mudança nas auras de Shanjat e Ashan ao ouvirem aquelas palavras. Também eles eram culpados do mesmo crime, mas de forma mais subtil que Hasik. Teria de lidar com eles a seu tempo.

Voltou a olhar Abban e ficou pensativo. Pedia... exigia o direito de se defender. O khaffit olhava-o com serenidade, desafiando-o a colocar-se do lado do Sharum. *Se és suficientemente tolo para te voltares contra mim neste assunto, a minha lealdade tem sido desperdiçada*, dizia a sua aura.

Jardir suspirou de forma ruidosa.

– Uma e outra vez, disse aos homens nesta sala que Abban não deverá ser incomodado. Pertence-me e qualquer dano que sofra virá unicamente de mim. Todos os homens terão o direito de travar a violação de uma filha ou de a vingarem, se conseguirem. Até os khaffit. Até os chin. Se Hasik foi demasiado fraco para se defender, não era digno. A sua piça meteu-o em sarilhos pela última vez. Tem filhos e filhas que darão continuidade ao seu nome e, como o khaffit diz, continua apto para a sharak.

Olhou para Hasik.

– Pagaste a tua dívida a Abban. O preço por golpeares a minha irmã é o divórcio. Não apenas da tua Jiwah Ka, mas também das tuas outras esposas. Não permitirei que a minha irmã continue casada com um homem incompleto. Hanya manterá as suas irmãs-esposas, toda a tua propriedade e os teus filhos. – Percebia como esmagava Hasik, mas não sentia piedade do homem. Recordava ainda o que Hasik lhe fizera há tantos anos no Labirinto.

Apontou a lança ao guerreiro acorrentado.

– Manterás a lança, o escudo e as vestes negras. Serás expulso das Lanças do Libertador, mas Jayan encontrar-te-á uma nova unidade. Ninguém aqui falará da tua mutilação e, se for descoberta, poderás dizer que foi provocada por um alagai. Continua a conquistar glória na noite e poderás chegar ao Paraíso. Volta a violar a lei de Everam, mesmo que apenas com uma taça de couzi, e far-te-ei cair no abismo de Nie.

Olhou Ashan e Shanjat.

– Espero que a lição também vos seja clara.

Os dois homens pareceram comprometidos e acenaram com a cabeça.

– Ótimo – disse Jardir. – Certifiquem-se de que os outros Sharum e dama saberão. Não voltarei a repetir.

* * *

Inevera dirigiu-se imediatamente à sua Câmara das Sombras quando a audiência terminou. Depois da cena com os pais, o que mais desejava era passar tempo a sós com o marido, mas tal não aconteceria. A massa habitual de cortesãos e suplicantes alinhou-se para fazer os seus pedidos ao Trono do Crânio e não tinha paciência para suportar tudo aquilo.

Esperara poder guardar o sangue extraído do lenço de Abban para o momento certo, mas, com o seu poder e o seu arrojo crescendo, deixava de poder esperar. Não soubera que Ahmann dera ao khaffit guerreiros próprios e isso explicava muita coisa. Mesmo assim, não acreditava que um kha'Sharum estivesse à

altura dos seus Vigias eunucos treinados pelo próprio Enkido. Tinham matado esposas de Damaji nas suas camas enquanto os maridos dormiam a seu lado.

Hasik merecera o seu destino e talvez o mesmo se aplicasse aos seus Vigias, se tivessem sido tolos ao ponto de se deixarem apanhar. Mas, mesmo assim, a tendência perturbava-a. O khaffit já tentara suplantá-la. De quanto tempo precisaria para voltar a tentar?

Filtrara o sangue do tecido enquanto ainda estava fresco, guardando-o num frasco selado. Abriu-o e verteu-o sobre os dados.

– Todo-poderoso Everam, permite-me conhecer Abban asu Chabin am’Haman am’Kaji. Merecerá confiança para servir o Libertador? Continuará a atacar-me? – Sentiu os dados aquecerem enquanto os agitava e lançava ao chão, fitando os símbolos de brilho crescente.

Como sempre, estava preparada para seguir as suas orientações, mas não para a resposta.

O khaffit é leal ao Libertador. Os seus destinos estão interligados. Prejudicar um será prejudicar o outro.



TRINTA

MEU AMIGO VERDADEIRO

333 DR Outono

ARLEN INSPIROU PROFUNDAMENTE, pouco habituado a sentir-se tão receoso.

– De certeza que precisas de fazer isto? – perguntou Renna.
Arlen acenou afirmativamente.

– Não encontro pretexto para adiar mais as coisas. O Outeiro recupera e sabem o que esperar. Os Jograis de Rojer espalham a mensagem pelo ducado e virá gente de toda a parte quando souberem que vencemos. As defesas estarão mais fortes na próxima Lua Nova do que na anterior. O equinócio está a duas semanas de distância e a Lua Nova virá dez dias depois. Farei isto. Preciso de o fazer agora. Não tenho tempo para cavalgar até Rizon. Serei cuidadoso. Não me deixarei ser puxado para o Núcleo.

Voltou-se para Renna antes que conseguisse responder, vendo na sua aura que interpretara mal a pergunta.

– Não é a distância que te preocupa. Achas que não devo ir.

Renna fixou nele um olhar que se ajustava perfeitamente à irritação na sua aura.

– Esse número de Jogral de leitura de mentes começa a arrepiar as pessoas.

– Não é leitura de mentes – disse Arlen.

– Leitura de corações, então – disse Renna. – Torna difícil falar contigo, devido a essa forma de olhares para alguém e saberes tudo o que sentem melhor que eles próprios.

Arlen riu-se.

– Criador... Se, pelo menos, fosse como dizes.

Renna afastou o olhar, erguendo-o para as estrelas para que não conseguisse ver-lhe a cara, como se conseguisse esconder-lhe alguma coisa.

– Por vezes, é como se estivesses dentro da minha cabeça como aquele demónio...

– Não é assim, Ren – disse Arlen, erguendo uma mão para a colocar sobre o seu ombro. – Vês as mesmas coisas que eu com a tua visão guardada. Calculo que o mesmo se aplique a todos os que usarem guardas da mesma forma. Se olhares com atenção, conseguirás perceber muitas coisas sobre a pessoa que olhas. Limito-me a adivinhar e fiz um pouco de batota, roubando parte da linguagem do demónio da mente que enfrentámos quando estive dentro da sua cabeça. Em breve, poderei ensinar-ta, de uma forma ou de outra.

– Não sei se isso me agrada – disse Renna. – Amo-te, Arlen Fardos, mas a minha cabeça pertence-me. Não a quero partilhar com ninguém.

Arlen acenou afirmativamente.

– Bem sei.

Olhou-o, com diversão na aura.

– Não julgues que me enganaste por teres mudado de assunto. Acreditas mesmo que a viagem será boa ideia? É mesmo o que queres?

Arlen abanou a cabeça.

– Tudo o que sempre quis foi matar demónios. Não quis entrar em guerra com Krasia. Não quis que Miln fabricasse armas explosivas. Não quis ser o maldito Libertador.

Suspirou, sentindo-se muito cansado.

– Mas parece que o mundo pretende forçar-me a sê-lo, quer me agrade ou não. Tudo porque Ahmann JarDir acredita que o Criador fala com ele.

Renna inclinou a cabeça, olhando-o. *Tenta ler a minha aura*, pensou Arlen, surpreendido por ser tão desconcertante. Sentiu um arrepio quando o penetrou com um feixe de magia, Conhecendo-o.

– Continuas a amá-lo. Mesmo depois de tudo – disse Renna.
– como se fosse o teu irmão.

Arlen encolheu os ombros.

– Nunca tive um amigo igual na minha vida e tive alguns amigos. Era orgulhoso e despreocupadamente cruel como todos os Sharum. Discutimos muito, mas não queria outro homem a meu lado quando a noite caía. – Estremeceu subitamente, ficando com pele de galinha apesar de a noite não estar fria. – Pelo menos, até me apunhalar.

– E achas que atirá-lo do alto de um penhasco é a solução – disse Renna.

Arlen voltou a encolher os ombros.

– Não sei, Ren. Mas não posso deixar as coisas como estão. Para o bem de todos, teremos de mudar. Teremos de fazer alguma coisa que as mentes não esperem.

– Também me preocupa que viagens por baixo do solo – admitiu Renna.

– Tenho a mesma preocupação – disse Arlen, voltando a inspirar fundo. Renna ergueu a mão, segurando-lhe o queixo e puxando-o para um beijo. – Amo-te, Arlen Fardos.

Sentiu alguma da tensão abandoná-lo e retribuiu-lhe o sorriso.

– Amo-te, Renna Fardos. Mantém o Outeiro seguro durante a minha ausência.

Renna acenou afirmativamente.

– Volta depressa.

– Juro pelo sol – disse Arlen, dissipando-se em seguida.

Imediatamente, Arlen sentiu o apelo do Núcleo, a origem de toda a magia, implorando por exploração. Frações ténues daquele poder imenso deambulavam à sua volta pelas condutas e aproximou-se da mais próxima, esforçando-se para manter a orientação enquanto atravessava camadas de solo e de rocha.

Sentiu um caminho dirigindo-se para sudoeste e subindo à superfície e seguiu-o, deslizando tão rapidamente como um raio de luz.

Materializou-se no momento seguinte à superfície e olhou em redor para se orientar. Conhecia o sítio. Ficaria a uns vinte quilómetros do Outeiro.

Não basta, pensou. Preciso de ir mais fundo.

Regressou ao subsolo, descendo tanto que o apelo do Núcleo se tornou mais do que apenas uma canção sedutora. Preencheu-lhe os sentidos, iluminado e belo, puxando-o como uma chama puxaria uma mariposa. Um filamento seu começou a deslizar nessa direção, querendo apenas provar aquele poder infinito. Seria tão simples limitar-se a...

Não! Não tinha cabeça para abanar, mas controlou a sua forma incorpórea e apressou-se a procurar outro caminho para a superfície enquanto acompanhava a corrente para sudoeste.

Materializou-se no momento seguinte sob um céu sem nuvens e depressa percebeu que passara além do seu alvo. Não sabia exatamente onde estava, mas conhecia bem a imensidão vazia do deserto krasiano à noite.

Descreveu um círculo, saboreando a magia no vento até perceber onde estava. A menos de um dia de viagem do arsenal que escondera nas imediações de Anoch Sun. Memorizou o caminho. Visitar a cidade perdida novamente antes que as mentes pudessem destruí-la na Lua Nova seguinte era importante, mas não era o seu objetivo naquela noite. Voltou a descer abaixo do solo, daquela vez deslizando para nordeste.

Precisou de vários saltos semelhantes para se aproximar finalmente de Rizon. Poderia ter continuado assim, aproximando-se aos poucos, mas, de cada vez que deslizava, o apelo do Núcleo repetia-se e, como um gato confrontado com um cordel, não conseguiria resistir-lhe para sempre. Começou a correr, cobrindo os quilómetros com os pés descalços. Numa ocasião, um bando de demónios dos campos avistou-o e começou a perseguição, mas nem mesmo eles conseguiriam

acompanhá-lo. Os demónios foram ficando cada vez mais para trás, acabando por desistir e procurar presa mais fácil.

Contornou a maior parte das aldeias e postos de guarda até avistar uma guarita guardada para proteger o estafeta Sharum no interior. Abrandou, permitindo que o homem ouvisse a sua aproximação.

O guerreiro saiu da guarita, com lança e escudo prontos. A sua aura e postura diziam-lhe que estava preparado para enfrentar um demónio, mas ambas descontraíram ao avistar a silhueta humana de Arlen. Pelo menos, até ver que Arlen não trazia lança nem escudo.

– Quem vem... – começou, mas Arlen lançou-se sobre ele, esquivando-se aos seus movimentos e prendendo-lhe o pescoço com um braço num golpe de sharusahk. Apertou ligeiramente, com o cuidado de não ferir, até o homem cair inerte.

No interior da guarita, Arlen viu um tapete para dormir, provisões de comida e utensílios de cozinha, além de outros bens de primeira necessidade. Era provável que o guerreiro dormisse a maior parte do dia, mantendo vigia à noite, preparado para partir com a mensagem se alguma das aldeias exteriores precisasse de reforços.

Quando o dal'Sharum despertou alguns minutos depois, vestia apenas o bido e tinha os braços e as pernas atados atrás das costas. A corda dava-lhe uma volta ao pescoço, por isso se fizesse qualquer esforço ameaçava asfixiá-lo. Gemeu, sentindo a mordida entre os dentes e viu Arlen olhando-o, vestido com as suas vestes negras e com o véu noturno erguido.

– As minhas desculpas, honrado guerreiro – disse-lhe em krasiano impecável, curvando-se. – Não pretendo envergonhar-te, mas preciso das tuas vestes e do teu equipamento. Regressarei amanhã à noite para te libertar e para as devolver. Inevera, ninguém saberá da tua derrota.

O guerreiro rosnou e debateu-se, mas não havia nada a fazer. Arlen curvou-se novamente e correu pela noite fora. Precisava ainda de percorrer quilómetros até chegar à capital.

A muralha baixa da cidade exterior tinha sido reforçada e fortificada desde a última visita de Arlen a Rizon e Sharum a cavalo patrulhavam-na, mas era demasiado vasta para guardar na totalidade. Encontrou uma secção sem guardas e saltou a muralha com facilidade.

O amanhecer não tardaria quando alcançou a muralha da cidade interior, restando escuridão suficiente para lhe permitir ver o campo guardado que passara a proteger a área de forma tão eficiente como uma das grandes guardas do Outeiro. Estudou a energia com fascínio. Qual seria a sua origem?

«Há Guardadores e Guardadores krasianos», dissera-lhe Cob, o seu velho mestre. «Não há melhores nas Cidades Livres.»

Arlen abanou a cabeça, deixando a solução do enigma para outra altura. Enquanto o dia continuava a clarear, dirigiu-se para o bazar, curvando-se ligeiramente como um Sharum esgotado pelas patrulhas noturnas. Com faro mais apurado que o de um cão de caça, era simples encontrar um boticário. Entrou na tenda vazia, roubando maquilhagem feminina para esconder a sua pele guardada e pálida. Retirou a bolsa de moedas do interior das vestes roubadas e deixou alguns draki sobre o balcão antes de voltar a sair. Viu outros Sharum regressando das patrulhas e manteve o véu noturno solto à volta do queixo, suficientemente baixo para não atrair atenção nem ofender os outros guerreiros que o vissem iluminado, enquanto escondia a pele pintada tanto quanto seria possível. Não precisaria de se ter preocupado. Os guerreiros viram apenas as vestes negras, acenaram com a cabeça e seguiram caminho.

Apesar de toda a preparação, abalou-o ouvir ecoando pelas ruas de Forte Rizon o som familiar dos dama cantando o fim do recolher. Arlen ergueu o olhar, vendo os minaretes recentemente construídos erguendo-se acima da muralha da cidade interior, rodeando o que outrora fora o grande Templo de Rizon. Pensou se os krasianos teriam começado já a decorá-lo com os ossos dos caídos.

Viu a cidade despertar à sua volta e as gentes saindo para saudar o dia. Os krasianos foram os primeiros a sair, mulheres e

khaffit abrindo quiosques e pavilhões para os negócios do dia. Pouco depois, quando a maioria dos Sharum que regressavam tinham alcançado as camas, os chin começaram a surgir, abrindo os seus estabelecimentos enquanto clientes rizonanos e krasianos começavam a preencher as ruas estreitas.

Tudo aquilo lhe pareceu dolorosamente familiar e sentia crescer o seu desconforto. Os pregões dos vendedores, repletos de exageros e de mentiras puras, o ruído e o fedor do gado misturando-se com os cheiros de comida sendo preparada, de carne sendo assada e das especiarias fê-lo sentir água na boca enquanto os vendedores exibiam tudo o que um comprador poderia querer comprar e muitas coisas cuja existência desconheceriam.

Adorara o Grande Bazar de Krasia e parecia-lhe que passara uma vida inteira desde que deambulara pelo seu labirinto de ruas.

Mas não estás em Krasia, recordou a si próprio, vendo as diferenças depois de absorver o que era familiar. Um grupo de dal'ting era seguido por homens rizonanos transportando as suas compras como escravos. Um par de mulheres rizonanas caminhava sob o sol quente com as cabeças e as faces cobertas por véus coloridos. Por toda a parte, vendedores apregoavam os seus produtos nas suas línguas nativas, mas também em the sano e krasiano defeituosos e os compradores respondiam da mesma forma. Começava já a formar-se um crioulo, fundindo palavras das duas línguas com gestos, à semelhança da língua de comércio usada pelos Mensageiros nortenhos quando visitavam a Lança do Deserto. Arlen compreendeu-a por instinto.

Um dama passou por ele, caminhando lentamente e observando o bulício. Uma cauda de alagai pendia-lhe do cinto, facilmente alcançável. Vendedores e compradores fixaram nele olhares nervosos e mantiveram-se à distância, mas Arlen vestia-se de negro e limitou-se a dirigir-lhe um aceno de cabeça que o dama retribuiu despreocupadamente antes de retomar a

inspeção. Arlen soube que o chicote não tardaria a ser usado para servir de aviso.

As coisas não são como deveriam ser.

Abban não precisou de erguer o olhar quando o dal'Sharum entrou no seu gabinete. Apenas um dos seus homens se vestia de negro e não precisava de elevar os olhos acima do tornozelo para perceber se o seu instrutor o visitava, algo que nunca acontecera no bazar. Qeran desprezava o local.

– Não foste convidado, guerreiro – disse, mergulhando a caneta de eletrum no tinteiro e continuando a preencher o livro de registos.

O Sharum não disse nada, puxando a porta atrás de si. Abban viu os pés dos seus dois Vigias kha'Sharum surgirem atrás dele. Moviam-se em completo silêncio sobre a carpete macia, um deles segurando um bastão curto de metal e o outro as extremidades de um garrote. Quando avançaram para o atacar, Abban ergueu finalmente o olhar. Adorava perceber que os seus investimentos compensavam.

Os Vigias eram de tribos diferentes, um Nanji e o outro Krevakh. Em qualquer outra parte do mundo, os dois homens não poderiam ter-se erguido no mesmo espaço sem derramar sangue.

Mas as tribos nada significavam na centena de Abban. Era ele a sua tribo. Por vezes, pensava se, três mil anos depois do reinado de Ahmann, a tribo Haman ainda resistiria. Não tinham outrora os Nanji e os Krevakh estado unidos, servindo ao lado de Kaji?

Fungou. Haman? Se Ahmann era realmente o Libertador, deveria ser a tribo Abban. Soava-lhe bem.

Os homens atacaram como um só, o primeiro movendo o bastão contra a coxa do recém-chegado num golpe destinado a provocar dor e surpresa, mas com danos mínimos. Enquanto o Sharum se encolhesse, o outro aproximar-se-ia, prendendo-o por trás com o garrote e permitindo que o parceiro continuasse o ataque. Abban vira-os fazer aquela dança várias vezes e nunca se cansava dela.

Mas o dal'Sharum surpreendeu-o, movendo-se como se soubesse que os homens estavam presentes. Fora uma armadilha, percebeu Abban enquanto o estranho afastava a perna do bastão e projetava a cabeça para trás a tempo de evitar o garrote. Aplicou um murro rápido que o Krevakh mal conseguiu defletir a tempo e um pontapé que o Nanji conseguiu evitar com a ajuda do arame, mesmo sem conseguir prender-lhe o tornozelo enquanto recuava.

O dal'Sharum teve uma oportunidade para passar o escudo para o braço, mas não se deu a esse trabalho, deixando-o pender sobre as costas. Girou a lança como se fosse o punho de um chicote de dama, defendendo um golpe do Krevakh antes de girar para atingir o Nanji nos rins. Recuou e golpeou o Krevakh na face antes de o Nanji conseguir finalmente prender-lhe a arma no arame. Puxou, tentando arrancar-lha das mãos, mas o Sharum avançou em simultâneo, arrancando o garrote ao Nanji e atingindo-o com o pé da lança no centro do peito.

Enquanto o Nanji tombava, o guerreiro virou-se para o Krevakh. O kha'Sharum fixava nele um olhar frio, mas pressionou o botão escondido no seu bastão que expunha uma lâmina longa e envenenada. O dal'Sharum atacou, mas o Krevakh defletiu o golpe com facilidade e contra-atacou com violência.

No momento seguinte, estava deitado no chão, tentando respirar. Foi tão rápido que Abban precisou de um momento para compreender o que vira. O guerreiro esquivara-se ao golpe e erguera um cotovelo contra a garganta do Vigia.

Hesitou. Não achava possível que um único homem conseguisse derrotar os seus Vigias, muito menos um dal'Sharum comum. Felizmente, estava preparado para enfrentar um único homem. Levou a mão abaixo da mesa, procurando o cordão escondido que traria uma dúzia de kha'Sharum ao seu gabinete.

– Não o faça, por favor – advertiu o recém-chegado, apontando a lança a Abban. A sua voz era um sussurro, mas havia nela algo de familiar. – Quanto mais gente chamares,

maiores serão as probabilidades de alguém ficar ferido com gravidade. – Fixou em Abban um olhar tão intenso que o khaffit teve de suprimir um estremecimento. – E asseguro-te que não serei eu.

Abban engoliu em seco, mas acenou afirmativamente, erguendo lentamente as mãos no ar.

– Quem és? O que queres?

– Abban, meu amigo verdadeiro – disse o homem, elevando a voz acima do sussurro. – Não reconhecês o teu tolo preferido? Não é a primeira vez que me vês vestido com a túnica negra de um Sharum.

Abban sentiu o sangue gelar.

– Par'chin?

O homem acenou brevemente com a cabeça. Um dos Vigias emitiu um gemido ligeiro, esforçando-se para se equilibrar sobre um joelho. O outro levantava-se com dificuldade.

– Saíam – ordenou Abban. – Os vossos salários serão cortados por incompetência. Esperem lá fora e certifiquem-se de que ninguém me perturbará enquanto converso com o meu amigo.

Depois de os homens cambalearem para fora, o Par'chin fechou a porta atrás deles. Voltou-se, retirando o turbante e o véu. Por baixo, tinha a cabeça rapada e coberta com centenas de guardas tatuadas. Abban abriu a boca de espanto, disfarçando o choque com uma gargalhada sonora e com a saudação costumeira.

– Por Everam! É bom ver-te, filho de Jeph!

– Não pareces surpreso. – O Par'chin parecia desiludido.

Abban contornou a mesa com a rapidez permitida pela muleta, batendo com a mão nas costas do Par'chin.

– A mestra Leesha deu a entender que estarias vivo, filho de Jeph – disse-lhe Abban. – Soube que o tal «Homem Pintado» não podia ser outro. Posso oferecer-te couzi? – Dirigiu-se para a garrafa e copos em porcelana delicada colocados sobre a sua mesa. A bebida continuava a ser ilegal na Fortuna de Everam, mas Abban passara a exibi-la abertamente na sua mesa. Depois

do que acontecera a Hasik, quem se atreveria a dizer uma palavra? Serviu duas taças, erguendo uma para o Par'chin.

– Não está envenenada? – perguntou este, recebendo a taça.

Era uma pergunta justa. Uma outra garrafa de porcelana delicada colocada por perto estava realmente envenenada com uma droga cujo antídoto Abban ingeria diariamente. Mesmo assim, ouvir aquilo fê-lo adotar uma expressão magoada.

– Insultas-me, meu amigo! Porque desejaria fazer-te mal?

O Par'chin encolheu os ombros.

– Estive tempo suficiente no bazar para compreender o que se passa. Diz-se que tu e Jardir voltaram a estar próximos como companheiros de almofadas. Faz-me pensar se sempre o foram e se os desentendimentos públicos seriam apenas um número de Jogral. Faz-me pensar que poderás ter-me convencido a resgatar a lança para que o teu amigo pudesse roubá-la.

– Adverti-te – disse Abban. – Não podes dizer que não o fiz, Par'chin. Não te disse que não negociaria artefactos sunianos? Disse-te o que o meu povo faria se profanasses a cidade santa com os teus passos. Além do castigo que poderias esperar por roubar os seus tesouros.

– Mesmo assim, deste-me o mapa – disse Arlen.

– Pediste-o, Par'chin – recordou Abban. – Para ser sincero, acreditei que a cidade santa seria um mito e que nunca a encontrarias. Mas tinha uma dívida para contigo e saldei-a. – Hesitou. – Agora que penso nisso, Par'chin, foste tu quem não saldou a tua dívida. Prometestes-me «uma mula carregada com olaria bahavana». Foi por isto que vieste? Para saldar finalmente a tua dívida?

O Par'chin riu-se e Abban percebeu como sentira a falta daquele som. Brindaram e beberam e Abban não perdeu tempo a encher novamente as taças. Demoraram-se, desfrutando em silêncio da companhia mútua após tanto tempo. Foi só quando o sabor a canela lhes encheu a boca que passaram a falar de negócios.

– Porque vieste, Par'chin? – perguntou Abban. – Saberás que Ahmann te matará se te encontrar aqui. E os seus sentidos são

apurados.

O Par'chin moveu a mão num gesto despreocupado.

– Terei partido há muito quando finalmente captar a minha presença. – Fixou o olhar nos olhos de Abban. – Contar-lhe-ás este encontro?

Abban encolheu os ombros.

– Não vejo qualquer lucro no silêncio e não mentirei ao meu mestre.

O Par'chin acenou afirmativamente.

– Não te pediria que o fizesses. Na verdade, quero que lhe entregues uma mensagem minha. – Retirou do interior das vestes um pequeno rolo de papel preso com um simples cordel. Quando Abban recebeu o papel, sorriu. – Poupei-te o trabalho de quebrar o selo e de falsificar um novo. Jardir conhecerá a minha letra.

Abban riu-se, desatando o cordel. A caligrafia do Par'chin era tão floreada e bela como sempre fora, mas o conteúdo da carta provocou-lhe um nó no estômago. Olhou o seu amigo verdadeiro e abanou a cabeça.

– Não compreendes aquilo em que se transformou, Par'chin. – Não estarás à sua altura. Peço-te que fujas, desta vez. Foge e não regreses. Foge e juro pela barba de Everam que não direi nada a Ahmann sobre este encontro.

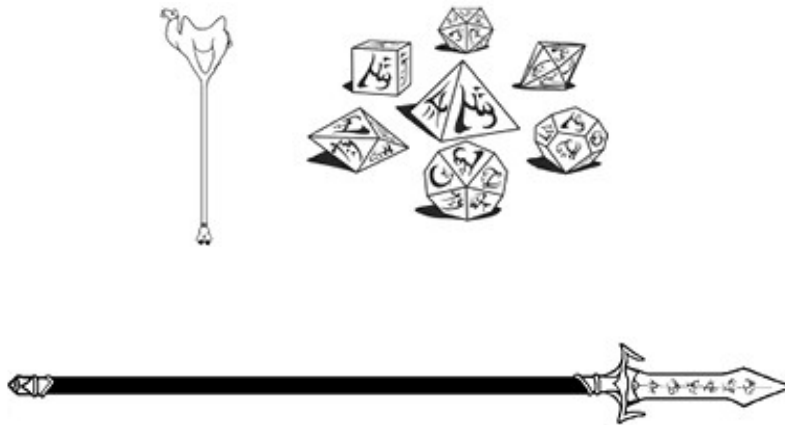
Mas o Par'chin limitou-se a sorrir.

– Não consegui matar-me no Labirinto e era apenas uma sombra pálida do que sou agora. Será melhor que comeces a procurar um novo mestre.

– Isso não me agrada mais do que a tua morte – disse Abban. – Não haverá outra forma?

O filho de Jeph abanou a cabeça.

– Ala é demasiado pequena para ambos.



TRINTA E UM

VIVO

333 DR Outono

—**S**HAR'DAMA KA, O KHAFFIT DESEJA FALAR-TE.

Jardir acenou afirmativamente, dispensando os guardas enquanto Abban coxeava para dentro da sua sala de mapas. O khaffit dirigiu-se com movimentos incertos para uma das cadeiras macias. Cambaleou, mas conseguiu orientar a queda para a cadeira. Suspirou de alívio.

O nariz de Jardir percebeu o motivo antes mesmo de olhar a aura do seu amigo.

— Coração negro de Nie... Atreves-te a procurar-me embriagado com couzi?

Abban fixou nele um olhar neutro.

— O Par'chin está vivo, Ahmann.

As palavras e a verdade que via atrás delas bloquearam todos os outros pensamentos. Jardir abanou a cabeça lentamente, virando-se enquanto interiorizava os seus sentimentos.

– Como suspeitei – admitiu. – Há meses, quando ouvimos falar pela primeira vez deste «Homem Pintado».

Abban acenou com a cabeça.

– Todos suspeitámos.

– Mas disse a mim mesmo que era ridículo. Abandonámo-lo moribundo nas dunas. – Voltou a olhar Abban. – Como sobreviveu? Abrigou-se numa das aldeias khaffit?

– Não perguntei – respondeu Abban. – Que importa? Era inevera.

Jardir concordou com um aceno.

– Que queria?

Abban mostrou-lhe um simples rolo de papel preso com cordel.

– Pediu-me que te entregasse isto.

Jardir recebeu o papel, retirando o cordel e lendo rapidamente.

Saudações, Ahmann asu Hoshkamin am’Jardir am’Kaji, neste ano do nosso Criador de 333 DR,

Testemunho perante Everam que tu, o meu ajin’pal, violaste a minha confiança e me roubaste no solo sagrado do Labirinto, durante a noite, quando todos os homens são irmãos.

De acordo com a lei evejana, exijo que te encontres comigo em Domin Sharum, uma hora antes do anoitecer no equinócio de outono, quando Everam e Nie se encontram em equilíbrio.

Como parte lesada, caber-me-á escolher o local. Serás informado do mesmo com uma semana de antecedência e ser-te-á permitido chegar primeiro, assegurando que não haverá qualquer armadilha. Cada um de nós trará consigo exatamente sete testemunhas, para honrar os sete pilares do Paraíso. Resolveremos as nossas divergências como homens e permitiremos que seja Everam a decidir.

Como alternativa, os nossos homens encontrar-se-ão no campo de batalha, derramando sangue vermelho durante o dia em vez de sangue negro durante a noite. Espero que compreendas que não haverá nisto qualquer honra.

Aguardo a tua resposta,

Arlen asu Jeph am'Fardos am'Ribeiro

Jardir abanou a cabeça. Domin Sharum. Literalmente, significava «dois guerreiros». O julgamento por combate singular determinado pelo Evejah e baseado nas regras aceites por Kaji e pelo seu traíçoeiro meio-irmão antes de lutarem até à morte.

– No equinócio de outono – disse Abban. – Exatamente um mês antes da nossa invasão de Lakton. É como se soubesse.

Jardir esboçou um sorriso débil.

– O meu ajin'pal não é um tolo e conhece bem as nossas tradições. Mas, apesar de falar de Everam e do Paraíso, não é um verdadeiro crente. – Abanou a cabeça. – Diz ser a «parte lesada». Como se recuperar o que roubou do túmulo do meu antepassado fosse um simples roubo. – A pergunta importunara-o durante anos. – Foi?

Abban encolheu os ombros.

– Quem poderá dizer? Fiz coisas piores. Cheguei mesmo a mentir ao Par'chin pelo lucro. Mas, apesar de tudo isso, simpatizava bastante com ele. Era muito genuíno. Quando estava com ele, sentia-me...

– Como? – perguntou Jardir. Ambos conheceram bem o homem, mas de formas muito diferentes.

– Como outrora me senti contigo, quando éramos rapazes no sharaj – respondeu Abban. – Sentia que não hesitaria em defender-me de qualquer perigo, como fez quando nos convocaste perante o Trono da Lança, há tantos anos. Fez-me sentir seguro.

Jardir acenou afirmativamente. Afinal, não o conhecera de forma tão diferente.

– E agora?

A aura de Abban tornou-se ilegível e suspirou, retirando uma pequena garrafa de barro do colete e puxando a rolha.

– Não... – começou Jardir.

Abban silenciou-o com um revirar de olhos.

– O sangue de milhares acumula-se a teus pés, Ahmann. Pretendes mesmo censurar-me por beber couzi como se fosse

um Sharum embriagado no Labirinto?

Jardir franziu a testa, mas não protestou mais enquanto Abban bebia um trago pensativo, mantendo o olhar distante. O khaffit olhou-o, estendendo a garrafa.

– Bebe comigo, Ahmann. Só esta vez. Há coisas que serão discutidas de melhor forma com lábios de canela.

Jardir abanou a cabeça.

– Kaji proíbe...

Abban lançou a cabeça para trás e riu-se.

– Proibiu-o porque os seus homens foram chacinados em Rusk por uma força com números cinco vezes inferiores depois de passarem a noite a celebrar uma batalha que ainda não fora vencida! Foi uma ordem dirigida a ovelhas ignorantes com armas e não a dois homens rodeados por uma fortaleza.

Jardir olhou Abban com tristeza. Conseguia ver na aura do homem que não apenas não compreendia como achava Jardir tolo.

– É por isto, meu amigo, que és khaffit.

– Porquê? – perguntou Abban. – Porque não trato cada frase proferida por Kaji como a palavra de Everam? És o Shar'Dama Ka, Ahmann, e conheço-te há muito tempo. És um homem brilhante, mas disseste e fizeste muitas coisas estúpidas e ingénuas ao longo dos anos.

Tais palavras teriam significado a sua morte na corte, mas Ahmann conseguia ver que o seu amigo exprimia o que lhe ia no coração e não poderia censurá-lo por isso.

– Não tento pretensões à infalibilidade divina. Tal como não espero que acreditem na de Kaji. És khaffit por seres incapaz de perceber que os motivos da ordem de Kaji são irrelevantes. O que importa é a tua obediência e submissão. O teu sacrifício. – Apontou a taça. – Everam não me condenará ao abismo de Nie por beber isso, Abban, tal como o espírito de Kaji não ficará irrequieto. Mas recordar a lição da derrota em Rusk vale bem o sacrifício do couzi, tal como recordar a traição do meio-irmão de Kaji vale o sacrifício da carne de porco, por mais succulenta que digas que é.

Abban olhou-o por um momento, encolhendo os ombros e voltando a beber.

– O Par'chin é o homem que recordava e, ao mesmo tempo, não é. Nunca senti que pudesse magoar-me ou permitir que alguém me magoasse, mas, mesmo assim... achei-o perturbador.

– Os rumores são verdadeiros? – perguntou Jardir. – Guardou a pele com tinta?

Abban acenou afirmativamente.

– Tal como tu guardaste a tua com cicatrizes.

Jardir abanou a cabeça.

– As minhas guardas são feitas da minha carne. Não profanei o templo do meu corpo com...

– Por favor – disse Abban, erguendo uma mão para o interromper enquanto esfregava a outra sobre a têmpora. – Já me dói suficientemente a cabeça. O Par'chin não poupou a cara como tu fizeste – continuou Abban. – Mas nunca foi belo como tu. Suponho que até a Damajah terá um limite para o que aceitará... sacrificar.

Jardir sentiu o maxilar endurecer.

– Tenho sido muito tolerante contigo hoje, Abban. Mas há limites.

A aura de Abban tornou-se fria e curvou-se tanto quanto podia sem se erguer.

– Peço desculpa, meu amigo. Não pretendi desonrar-te a ti ou à tua Jiwah Ka.

Jardir acenou com a cabeça, movendo uma mão para fazer esquecer o assunto.

– Disseste-me certa vez que, se um de nós fosse o Libertador, seria o Par'chin. Ainda acreditas que assim é?

– Não sei se o Libertador existirá realmente. – Abban voltou a beber. – Mas contemplei os olhos de milhares de regateadores e, em todos os meus anos, encontrei apenas dois homens que considerei verdadeiros. Um deles foi o Par'chin e o outro, Ahmann, foste tu. Há dez anos, o nosso povo estava dividido. Fraco. Incapaz de controlar até a nossa cidade. Talvez fôssemos

grandes guerreiros, mas éramos também tolos. Gastávamos sem cessar, mas sem obter qualquer lucro. Os nossos números diminuía, as mulheres não tinham quaisquer direitos e os khaffit eram apenas merecedores do mais profundo desprezo. – Ergueu a taça de couzi. – Beber couzi era punido com a morte. Podes ter roubado o trono, mas trouxeste-lhe sabedoria. Uniste o teu povo e devolveste-lhe a força. Alimentaste os famintos. Possibilitaste caminhos para a glória às mulheres e aos khaffit. O nosso povo deve-te uma grande dívida. O Par'chin ter-se-ia saído tão bem? Quem poderá dizê-lo?

Jardir franziu a testa.

– Que faria alguém desprovido de honra como Abban? Haverá lucro num combate entre mim e o Par'chin?

– Que importa? – perguntou Abban. – Ambos sabemos que aceitarás o seu desafio.

Jardir acenou afirmativamente.

– É inevera. Mas, mesmo assim, gostaria de ouvir a tua opinião.

Abban suspirou.

– Desejava que o Par'chin não tivesse lançado este desafio. Desejava que tivesse dado ouvidos ao meu conselho e fugido para os confins mais longínquos de Ala. Mas vi no seu olhar que pretende enfrentar-te, com ou sem Domin Sharum. Se assim é, ser-te-á mais proveitoso um combate reservado do que outro travado com milhares incontáveis de testemunhas preparadas para se juntarem à carnificina.

– É por isto que existem os Domin Sharum – disse Jardir. – Para quando os desejos falham. Irei e enfrentarei o Par'chin com todas as minhas forças. Tal como ele fará. Um de nós voltará do combate e trará sobre os ombros o destino da humanidade. Que Everam decida qual dos dois será.

Jardir olhou Inevera, vendo-a deitada à sua espera no quarto. Não tinham passado uma noite separados desde a sua reconciliação, semanas antes. As suas outras esposas suplicavam pela sua atenção, mas o poder de Inevera sobre

elas era absoluto e nenhuma se atrevia a vir à sua câmara de almofadas sem ser convidada.

Conseguia ver o amor e a paixão que a sua esposa irradiava e preparou-se para o que aí viria. Podia apenas esperar que o perdoasse.

– O Par'chin está vivo – disse, deixando que as palavras lhe saíssem da boca e pairassem no ar, tal como o khaffit fizera.

Inevera endireitou-se imediatamente, com a sua aura perdendo todo o calor e ternura enquanto o fitava.

– Impossível. Disseste-me que o atingiste com a lança entre os olhos e que abandonaste o seu cadáver nas dunas.

Jardir acenou afirmativamente.

– Tudo isso foi verdade. Mas foi o pé da lança. Estava vivo quando o deixámos nas dunas.

– Estava o quê?! – Inevera gritou tão alto que fez Jardir questionar se a sua magia de hora que insonorizava as paredes conseguiria impedir que as palavras ecoassem por todo o palácio. A raiva na sua aura era assustadora, como contemplar o abismo de Nie.

– Disse-te que não assassinaría o meu amigo – disse Jardir. – Apossei-me da lança como me disseste, mas fui misericordioso com o Par'chin, deixando-o vivo para enfrentar a noite de pé e poder morrer como um guerreiro nas garras dos alagai.

– Misericordioso? – Inevera estava incrédula. – Os dados deixaram claro que não ocuparás o teu lugar até à sua morte. Quantos milhares de vidas se perderão pela tua «misericórdia»?

– Não ocuparei o meu lugar? – repetiu Jardir. As palavras despertaram-lhe qualquer coisa na memória e tentou perceber o quê com a sua visão guardada. – Claro. O Par'chin.

– Hã? – disse Inevera.

– Mentiste-me quando disseste que era o único homem com potencial para ser o Libertador. Pensei que escondesses um herdeiro, mas era o Par'chin, não? Os dados ordenaram que o matasse ou foste tu?

Não precisou de abrir a boca para que percebesse que assim fora.

– Não importa – continuou Jardir. – Está vivo e desafiou-me para Domin Sharum. Já aceitei.

– Enlouqueceste? – perguntou Inevera. – Aceitaste sem que lançasse os dados?

– Que os teus dados vão para o abismo! – ripostou Jardir. – É inevera. Ou sou o Libertador ou não sou. Os alagai hora não são diferentes dos cálculos de Abban. São ferramentas para alcançar estimativas informadas.

Inevera silvou e percebeu que fora demasiado longe. Podia mentir-lhe quanto ao seu significado, mas acreditava realmente que os dados eram a voz de Everam.

– E talvez estivessem certos – concedeu. – Talvez o Par'chin seja o Shar'Dama Ka. Os Sharum no Labirinto seguiram-no sem questionar quando brandiu a Lança de Kaji pela primeira vez. Uma lança pela qual sangrou e arriscou a vida. Uma lança que usou para matar o demónio mais poderoso que Krasia alguma vez conheceu, um demónio que roubou a vida a milhares de dal'Sharum. Foi ele quem encontrou a cidade santa de Kaji. Não fui eu.

– És o herdeiro de Kaji – disse Inevera.

Jardir encolheu os ombros.

– Kaji casou com mulheres nortenhas quando conquistou as terras verdes. Vi marcas genuínas do seu sangue em sítios como o Outeiro do Libertador. Após três mil anos, o filho de Jeph poderá ser tanto o herdeiro de Kaji como eu. Talvez o meu papel no grande plano de Everam seja apenas a unificação dos exércitos de Krasia para que seja ele a comandá-los depois da minha morte.

Inevera ergueu-se da cama, envolvendo-o com os braços.

– Não. Recuso-me a acreditar. – E era verdade. Via a sua vontade impedindo a ideia de ganhar força. – És tu – disse. – Tens de ser tu.

Jardir rodeou-a com os braços, acenando afirmativamente.

– Também acho que sim. Mas preciso de ter a certeza. Compreendes isso, minha Jiwah Ka? Terá de ser verdade ou o sangue a meus pés terá sido derramado em vão.



TRINTA E DOIS

DOMIN SHARUM

333 DR Outono

—**E**XPLICA-ME OUTRA VEZ, como sabes que não é uma armadilha? – perguntou Thamos enquanto deixavam o contingente de Lenhadores e Soldados de Madeira para trás, cavalgando pela rocha íngreme acima. Atrás do conde, vinham Leesha e Wonda, seguindo-se Rojer e Amanvah, com Gared depois de todos. Renna cavalgava à direita de Arlen e o conde à esquerda.

– Os vossos batedores confirmaram que há apenas oito pessoas ali, uma delas uma mulher e outra um velho – disse Arlen.

– Poderá haver outros escondidos – disse Thamos. – Os batedores também dizem que têm uma companhia inteira de soldados acampada quilómetro e meio para sul.

Arlen apontou a parede do penhasco de que se aproximavam. Havia apenas um caminho estreito pela rocha nua e fria acima.

– Onde vos parecerá que se esconderão esses outros, Alteza? Cairão sobre nós das nuvens?

Thamos franziu a testa e Arlen percebeu que envergonhava demasiado o homem diante de Leesha, Gared e dos outros. Se aquilo continuasse, tornar-se-ia um obstáculo cada vez maior apenas para mostrar a sua força.

– Conheço Ahmann Jardir, Alteza – disse Arlen. – Preferiria saltar de um penhasco a violar o Domin Sharum.

– Falas do mesmo homem que te apunhalou pelas costas, não é? – perguntou Renna.

– Em sentido figurado – disse Arlen, dirigindo-lhe um olhar de desagrado. Viu-a sorrir em resposta e sentiu vontade de rir. – A verdade é que teve bolas para me olhar nos olhos.

– Torna tudo muito melhor – murmurou Renna.

Arlen percebia que Thamos continuava por convencer. Suspirou, baixando a voz.

– Não precisareis de correr perigo, Alteza. Ainda há tempo para voltardes para trás e enviardes Arther ou o Inquisidor Hayes no vosso lugar.

Claro que ele não quis tal coisa, mas questionar a coragem do conde funcionou onde outras táticas tinham falhado. Thamos endireitou-se na sela, com a aura tornando-se novamente estável e confiante.

– Deveríamos todos voltar para trás – disse Leesha. – Todo este ritual é bárbaro. Um monte de regras sem sentido que conferem uma aparência de civilidade ao homicídio.

– Não é homicídio quando o outro homem percebe o que acontece e pretende também matar-te – disse Arlen. – E as regras têm sentido. Sete testemunhas, para que todos os afetados pelo resultado possam ver a justeza. Um local remoto onde será difícil preparar uma emboscada. Imediatamente antes do ocaso, quando todos os homens colocam as suas diferenças de lado e se tornam irmãos, para forçar a paz entre as testemunhas quando chegar ao fim.

- Nada disso torna o duelo civilizado.
- Preferirias que milhares morressem no campo de batalha? – perguntou Arlen. – «Enquanto os homens comerem, morrerem, envelhecerem e cagarem...»
- «... nunca seremos verdadeiramente civilizados» – concluiu Leesha, surpreendendo-o. – Não me cites filósofos quando estás prestes a forçar os teus amigos e família a verem-te matar outro homem ou morrer às suas mãos.
- Também não precisas de vir – disse-lhe Arlen. – Envia Darsy Lenhador se não tiveres estômago.
- Cala-te – ripostou Leesha.

* * *

Jardir observou enquanto os hortelões ascendiam a encosta. Como Inevera previra, traziam Leesha Papel, a sua filha e o seu novo genro com eles, além do príncipe hortelão que reclamara o governo da tribo do Outeiro. Era melhor assim. Tornaria tudo mais fácil quando o Par'chin fosse derrotado e, apesar da carta de Amanvah, não negava um lampejo de prazer ao ver Leesha depois de seis semanas de ausência.

Olhou o homem que liderava o cortejo dos hortelões e, apesar das mudanças na sua aparência, reconheceu imediatamente o seu ajin'pal. Pela forma como se sentava sobre o cavalo, pelo porte e pelo olhar cauteloso. Também ele se sentira sempre seguro ao lado do hortelão, sabendo sempre que posição ocupava na estima do homem.

Meu irmão, pensou Jardir, tristemente. Everam testa-me verdadeiramente se precisar de te matar duas vezes.

Os hortelões desmontaram e prenderam os cavalos no lado do penhasco oposto àquele ocupado pelas montadas krasianas. Jardir e os seus sete ergueram-se para os receber, mantendo as costas voltadas para o abismo.

– Passou demasiado tempo, Par'chin – disse quando os hortelões se aproximaram. Não conseguia ver-lhe o coração com a luz do sol, mas sentia o poder do seu ajin'pal contido pela vontade de um mestre de sharusahk. O filho de Jeph

empunhavam uma bela lança guardada, mas era de madeira comum e aço, desprovida do poder da Lança de Kaji. – Pareces-me bem.

– Não graças a ti – replicou o Par'chin. – E mil anos seria pouco tempo para voltar a ver-te. – Cuspiu sobre os pés de Jardir e o insulto aumentou a tensão entre a comitiva krasiana.

Jardir ergueu um braço para os deter e enfrentou o olhar de Jayan, o mais volátil do grupo.

– Estão aqui como testemunhas e não como participantes. – Voltou-se novamente para o Par'chin, ignorando a saliva na bota. – Lembrar-te-ás da minha Jiwah Ka, claro. E também de Abban, do Damaji Ashan e de Shanjat. Estes – indicou os outros – são os Damaji Aleverak dos Majah e os meus filhos, Jayan e Asome.

O Par'chin acenou afirmativamente. Virou-se para a mulher à sua direita, cujas roupas escassas expunham pele suficiente para fazer Inevera parecer recatada. Também estava coberta com guardas pintadas. O seu olhar era selvagem, sem qualquer vestígio do controlo do Par'chin. Olhava-o com ódio declarado.

– A minha esposa, Renna Fardos, Sua Alteza, o conde Thamos do Condado do Outeiro, irmão do duque Rhinebeck de Forte Angiers. Suponho que conhecerás os outros.

Jardir acenou afirmativamente.

– Antes de começarmos, desejo falar com a minha pretendida em privado para assegurar que tem sido bem tratada.

– E eu com a minha filha – acrescentou Inevera. Jardir olhou-a com irritação, mas a sua esposa ignorou-o.

– Pretendida? – repetiu Thamos. O olhar que dirigiu a Leesha fez Jardir semicerrar os olhos.

Leesha avançou sem esperar qualquer permissão e Amanvah seguiu-a no momento seguinte. Jardir afastou-se com Leesha. Quando ficaram suficientemente distantes para que as suas vozes não fossem ouvidas, aproximou-se para a abraçar.

– Pretendida, como senti a falta do teu toque...

Leesha afastou-se, esquivando-se aos seus braços com um passo ao lado.

– O que é isto? – perguntou ele. – Partilhámos mais do que um simples abraço quando estivemos a sós.

Leesha acenou com a cabeça.

– Mas não estamos a sós e este não é o momento, Ahmann. Não permitirei que me marques como um cão. Já recusei o teu pedido.

Jardir sorriu.

– Por enquanto.

– Não. Não por enquanto – ripostou Leesha. – É verdade que me deitei contigo nas almofadas, mas não te pertença e nunca me casarei contigo. Nem que te divorcies de todas as tuas esposas e regresse à Lança do Deserto. Nem que mates todos os duques das Cidades Livres e te proclames rei de Thesa. Nunca.

– E foi por isso que me traíste? – perguntou Jardir. – O guerreiro que envenenaste chegou até mim vivo com a carta de Amanvah. Sei o que fizeste pelo caminho.

A raiva de Leesha pareceu diminuir ao ouvir aquilo. Esperara que se tornasse defensiva, mas, ao invés, expirou de alívio.

– Graças ao Criador – sussurrou.

– Isto agrada-te? – perguntou Jardir, confuso.

– Não tenho o estômago de uma dama'ting para venenos – disse Leesha. – E não traí ninguém ao advertir o meu povo da verdade das tuas intenções. Por falar em venenos e traição – prosseguiu –, a carta da tua filha referiu como tentou envenenar-me com folha-negra quando estávamos no Palácio de Espelhos? Ou como a tua esposa ordenou que me raptassem e espancassem na noite que se seguiu à primeira vez que fizemos amor?

Jardir sentiu que as palavras o abandonavam e que isso se notava na sua expressão. Moveu o braço, pegando-lhe na mão para poder sentir a sua aura mesmo com a luz do sol. Esperou encontrar provas de uma mentira, mas sentiu sem qualquer dúvida que dizia a verdade. A raiva preencheu-o, mas sentiu outra coisa que o fez esquecer-la.

– Trazes uma criança no ventre!

Leesha arregalou os olhos.

– O quê? É mentira. – Jardir não precisou de avaliar a validade das palavras. A mentira era tão clara nos seus olhos como na sua aura. Estava tão consciente como ele da nova vida que pulsava em harmonia com a sua.

Jardir segurou-lhe o braço, apertando com tanta força que a fez encolher-se com a dor enquanto a arrastava para a sombra da parede rochosa.

– Não me mintas. É daquele hortelão patético... – Olhou-a mais de perto à sombra, examinando a vida no seu interior. – Não. A criança é minha. É minha e conspurca-la deitando-te com este príncipe chin. Pretendias esconder-me isto? Acreditas que permitirei que este homem ou qualquer outro me impeça de reclamar o que é meu? Alimentarei os cães com as suas bolas e...

– Não farás nada. – Leesha libertou o braço, usando o outro para cobrir o ventre. – Esta criança não te pertence, Ahmann! Eu não te pertencço. Somos seres humanos e não pertencemos a ninguém. É por isso que falhas uma e outra vez e é por isso que o meu povo nunca se curvará voluntariamente diante de ti. Não podes ser dono de ninguém.

– Cospes palavras como um khaffit para negar o que sabes ser justo – disse Jardir. – Negarias à criança a possibilidade de conhecer o seu pai?

Leesha riu-se. A gargalhada era sonora e cruel. A sua aura tingiu-se com desdém e magoava-o perceber que lhe era dirigido.

– Tens mais de setenta filhos, Ahmann, e regateia-los como barris de cerveja. Quantos conheces realmente?

Jardir hesitou e a aura de Leesha coloriu-se com o brilho da vitória. Esboçou-lhe um sorriso trocista.

– Diz-me quando celebram todos eles o dia do seu nome e casarei contigo agora mesmo.

Jardir cerrou os dentes, fletindo os dedos para se impedir de os unir num punho.

Então é por isto que tinha um cheiro diferente. Arlen rosou baixo enquanto via Jardir e Leesha, captando cada palavra com a sua audição apurada. Amaldiçoou-se. Teria percebido muito antes se a tivesse Conhecido como fizera com todos os outros.

Deveria ter-me dito, pensou. Nunca a teria trazido se soubesse. Talvez tenha sido por esse motivo que não me disse. Se isto se souber, poderá arruinar tudo. Pensou de que lado estaria ela e não o fez pela primeira vez.

– Pensei que tivesses dito que já não existia nada entre ti e Leesha Papel – disse Renna, arrancando-o à reflexão.

Arlen olhou-a antes de voltar a virar o olhar na direção de Leesha e Jardir. Ficou tenso quando o viu segurar-lhe o braço.

– Isso não significa que queira vê-la beijar um homem que quis matar-me.

Renna grunhiu.

– Nada no plano diz que não poderás massacrá-lo um pouco antes do fim.

– Pretendo fazê-lo – disse Arlen, avançando. – Tiveste o teu tempo, Jardir! Chegou o momento de responderes pelos teus crimes!

Jadir libertou o braço de Leesha.

– Voltaremos a discutir este assunto.

– Apenas se venceres, Ahmann – disse Leesha. As palavras magoaram-no profundamente, mas acolheu a sensação e superou-a, virando-se para caminhar até ao local onde o Par'chin aguardava. O sol continuava a banhar a área e assim seria até desaparecer no horizonte. A visão guardada permitida pela coroa desvaneceu-se quando saiu da sombra da parede rochosa.

As testemunhas reuniam-se num semicírculo com o abismo pelas costas. O duelo seria simples. Enfrentar-se-iam dentro do semicírculo até que um deles se rendesse ou caísse do penhasco abaixo. Era-lhes permitido usar lanças e sharusahk e os dois homens ergueram-se com os braços no ar enquanto Shanjat revistava o vestuário simples do filho de Jeph

procurando armas escondidas e Gared fazia o mesmo com Jardir.

– Com todo o respeito – disse-lhe o hortelão gigante enquanto o fazia.

– És honrado a meus olhos, filho de Steave – replicou Jardir.

A sua audição apurada captou as palavras de Shanjat ao filho de Jeph.

– Deverias estar grato pela misericórdia do meu mestre, Par'chin.

– E tu deverias estar grato por não culpar os cães de um homem que os manda morder – replicou o Par'chin.

Shanjat arreganhou os dentes.

– O Shar'Dama Ka terminará o que começou nessa noite, Par'chin. Não esperes estar à sua altura.

– Então porque escondes uma faca na manga? – perguntou o Par'chin. – Usa-a, se te atreveres.

O guerreiro ficou tenso e Jardir soube que o Par'chin dissera a verdade.

– Shanjat – gritou, quebrando a tensão do momento antes que o seu cunhado pudesse envergonhá-lo. – A mim!

Quando os padrinhos Sharum recuaram, Jardir e o Par'chin curvaram-se com o mesmo ângulo e duração, não se erguendo antes ou depois do outro perante Everam.

– Vim como exigiste, filho de Jeph – disse Jardir. – Profere as tuas acusações para que sejam ouvidas por todos os reunidos e pelo todo-poderoso Everam, de Quem flui toda a justiça.

– A lança que empunhas não te pertence – disse o Par'chin. – Arrisquei a vida para a trazer de volta ao mundo e levei-a a ti, meu irmão de sharak, para partilhar o seu poder. Mas a partilha dos seus segredos não te bastou. Assim que percebeste que o seu poder era verdadeiro, conspiraste para me roubar, emboscando-me na noite sobre o solo sagrado do Labirinto. Os teus homens espancaram-me e roubaste a lança, atirando-me a um fosso de demónios para morrer.

Ouviram-se murmúrios de ambos os lados depois daquilo, mas Jardir ignorou-os, permitindo que o Par'chin continuasse.

Guardara tudo aquilo em segredo durante tempo demasiado. *Diz tudo o que tens a dizer e resolvamos a questão de uma vez por todas.*

– Quando matei o demónio e saí do fosso, disse-te que terias de me matar pessoalmente – recordou o Par’chin. – Mas, ao invés, escolheste deixar-me inconsciente e abandonar-me nas dunas para morrer. Deverias ter percebido nesse momento que isto aconteceria.

Jardir acenou com a cabeça.

– Dizes a verdade, Par’chin. Não nego nenhum desses atos, mas nego o crime. Não posso ter roubado o que me pertencia ao ladrão que me roubou.

O Par’chin riu-se.

– O que te pertencia? Encontrei-a a centenas de quilómetros num local onde ninguém ia há três mil anos!

– Kaji é meu antepassado – disse Jardir.

O filho de Jeph roncou de desprezo.

– Se as vossas histórias forem verdadeiras, teve milhares de filhos por toda a terra. Terá descendentes em todos os povoados insignificantes daqui até às montanhas de Miln.

– Mas fomos nós, em Krasia, a guardar a sua palavra e as suas tradições, Par’chin – disse Jardir. – A cidade santa de Anoch Sun é sagrada. Profanaste-a e roubaste os seus tesouros.

– Atacas cidades vivas e tentas assassinar-me por um crime contra uma cidade morta? – perguntou o Par’chin. Semicerrou os olhos. – Onde encontraste essa coroa, velho amigo? Que porção da cidade santa precisaste de profanar para a encontrar?

Jardir sentiu a face arrefecer porque, obviamente o seu exército saqueara a cidade durante o êxodo pelo deserto. Mas era impossível que o Par’chin o soubesse...

O filho de Jeph sorriu, como se conseguisse ler a mente de Jardir.

– Estive lá, meu amigo, e vi como deixaram as coisas. Tratei a tua «cidade santa» com muito maior reverência do que tu e trouxe-te os seus segredos em paz e irmandade. Até me ofereci

para te levar lá pessoalmente. Que trouxe ao mundo a tua visita? Violação, pilhagem e homicídio.

– Ordem – disse Jardir. – União. Unifiquei novamente Krasia e, em breve, farei o mesmo ao mundo.

O Par'chin abanou a cabeça.

– Depois de morreres, as tuas tribos voltarão a chacinar-se por um balde de água. Eliminar-te será a minha última tarefa antes de levar o combate ao próprio Núcleo.

Jardir sorriu, preparando a lança.

– O que te faz acreditar que conseguirás matar-me, Par'chin?

Também o Par'chin sorriu, erguendo a lança. Independentemente de todas as suas outras naturezas, o filho de Jeph era um Sharum puro e a sua alma estava preparada para o caminho solitário.

Voltarei a ceiar contigo à mesa de Everam, meu amigo verdadeiro, pensou Jardir enquanto atacava.

O ataque de Jardir foi rápido. Mais rápido do que Arlen julgou possível com a luz do dia. Mas, mesmo assim, conseguiu ser mais rápido ainda, com a magia vibrando sob a pele permitindo-lhe força e rapidez que o seu adversário não conseguiria igualar. Defletiu o golpe, aproveitando o embalo para contra-atacar. Golpearia primeiro com a haste da arma, humilhando Jardir antes de concluir o combate.

Mas Jardir surpreendeu-o, fazendo rodar a lança com velocidade impossível e bloqueando o ataque. Golpearam uma e outra vez, com cada movimento fundindo-se com o seguinte. Os dois homens ganharam e cederam terreno, mas, quando se afastavam, nenhum dos dois tinha vantagem. Havia um respeito contrariado nos olhos de Jardir e Arlen percebeu que fora arrogante.

Canaliza a magia da lança para ter força durante o dia, percebeu.

– Lutas ainda melhor do que recordava, Par'chin – elogiou-o Jardir com uma vénia breve e com a aura ilegível com a luz do sol poente. – Voltei a subestimar-te.

Arlen sorriu.

– Dizes sempre o mesmo.

– Foi a última vez – disse Jardir. – Não continuarei a conterm-me.

E não continuou. O Primeiro Guerreiro e Sacerdote de Krasia atacou novamente e Arlen sentiu dificuldades para o acompanhar. Era ligeiramente mais rápido, mas Jardir demonstrava perícia nas artes marciais que nem Arlen conseguia imitar. Conseguiu afastar a ponta da lança de Jardir, mas o pé e a haste começaram a atingi-lo com golpes reforçados pelas guardas de impacto e pela força aumentada de quem brandia a arma.

Apesar de estar impedido de usar a sua magia sob o sol, o que se passava sob o escudo protetor da pele teria rédea solta. Os seus ossos eram mais fortes do que vidro guardado, os seus músculos e tendões eram como molas de aço. Os golpes atingiam-no sem provocarem danos sérios e o pouco dano que provocavam sarava instantaneamente.

Mesmo assim, Arlen não dominava o combate como esperara. Aliás, aos olhos de todos em redor, estaria a perder.

– Continuo a esperar que te rendas, Par'chin – disse Jardir. – Admite o teu crime e submete-te a mim. A minha misericórdia é infinita e desejo ter-te a meu lado na Sharak Ka.

– Não conheces o significado da palavra «misericórdia» – disse Arlen. – Se te importasses realmente com a Primeira Guerra, travarias a tua exibição de poder. Não compreendes? Atraímos os demónios da mente. Não receiam exércitos. Receiam outras mentes e continuarão a vir até estarmos mortos. Entretanto, os nossos povos sofrerão por isso.

– É por isso que deveremos unir-nos – disse Jardir.

Arlen cerrou os dentes e voltou a atacar com raiva duplicada. As suas armas tornaram-se um borrão de movimento enquanto saltavam, giravam e caíam, unindo-se e projetando-se. Jardir aplicou uma série de estocadas e rodopios da lança e Arlen bloqueou-os a todos, percebendo no último momento que não passavam de um engodo quando Jardir aplicou um pontapé alto

na haste da sua lança, com a sandália quebrando a madeira guardada como se quebrasse um caule de milho.

Arlen cambaleou para trás, mantendo o equilíbrio e segurando as metades da arma partida, mas, nesse instante, baixou momentaneamente a defesa e Jardir avançou. A Lança de Kaji cravou-se no seu abdómen, fazendo-o gritar.

Não foi o corte. Arlen fora apunhalado noutras ocasiões e era uma dor que conseguiria ignorar no calor da batalha. Era algo pior. As guardas na ponta da lança foram ativadas, queimando o ferimento enquanto lhe canalizavam a magia, afiando a lâmina e reforçando o impacto. O choque alastrou-lhe por todo o corpo, numa agonia sem comparação possível, como se a alma lhe fosse sugada.

Jardir arregalou os olhos ao sentir a magia ser canalizada e, nesse instante, também ele baixou as defesas. Arlen golpeou-o violentamente na cara com o pé da lança partida, projetando o adversário e interrompendo a canalização letal.

Deixou cair uma das metades da lança para cobrir o ferimento com a mão, vendo-a cobrir-se de sangue. Houve gritos de angústia e de triunfo entre as testemunhas, mas ignorou-os, tentando desesperadamente concentrar a força que lhe restava para sarar. Continuou a arder, incapaz de sarar por completo, mas o fluxo de sangue abrandou enquanto coagulava.

Vai deixar cicatriz, percebeu Arlen.

Olhou o sol poente, desejando que se apressasse. Abandonou todas as esperanças de humilhar o adversário, concentrando-se unicamente em sobreviver aos três quartos de hora seguintes.

Jardir embateu no chão com violência, mas levantou-se com uma cambalhota, mais atordoado que ferido. O maxilar e a maçã do rosto tinham sido fraturados, mas sentira-se de tal forma imbuído de poder quando o Par'chin atacou que os danos sararam quase imediatamente.

Olhou-o e lembrou-se das palavras de Abban. *É o homem que recordava e, ao mesmo tempo, não é.*

Com efeito, o Par'chin tinha um estilo de luta completamente novo, uma fusão de sharusahk com algo diferente. Era ainda

mais rápido e forte que Jardir, mas, mais do que isso, lutava como se estivesse habituado ao poder enquanto Jardir continuava a aprender a aplicá-lo da melhor forma.

Mas seria apenas uma questão de tempo até conseguir compreender o seu estilo e derrubar o rival. Achara que o tinha conseguido com o último golpe, mas não estava preparado para a forma como a Lança de Kaji ganhou vida, tão carregada de magia como quando a cravara no príncipe alagai.

Seria o Par'chin um agente de Nie? Parecia impossível. Impensável. Mas que outra explicação poderia haver?

Canalizou intensamente a magia que preenchia a lança, atacando com fúria renovada.

Arlen esquivou-se e saltou, agachando-se e girando, fazendo tudo o que podia para evitar a extremidade afiada e mortal. Esquecer o ataque por completo tornava tudo mais fácil, mas era um sinal de desespero que todos perceberiam. Jardir mostrava ser o combatente mais eficaz e incansável, passando a usar contra ele a sua própria força. Dominava o combate e todos em redor sustinham a respiração, esperando o golpe fatal.

Mas, então, o sol mergulhou finalmente abaixo do horizonte e as regras mudaram. Via a coroa e a lança de Jardir brilhando ferozmente, mas canalizou a magia ambiente que se erguia em redor e sentiu as suas forças regressando.

Quando Jardir voltou a atacar, a Lança de Kaji atravessou-o como se atravessasse uma nuvem de fumo. Continuou a provocar-lhe ardor, com as guardas aumentando o seu brilho enquanto lhe sugavam a magia, mas a dor valeu a pena enquanto Arlen avançava, esmurrando Jardir com violência na garganta. Solidificou por completo com o braço rodeando a haste da Lança de Kaji e agachou-se e rodopiou ao mesmo tempo, arrancando a arma poderosa às mãos de Jardir e fazendo-o cair de costas.

Jardir ergueu-se imediatamente com um movimento rápido das pernas, virando-se para o Par'chin com a mente acelerada enquanto tentava interpretar o que acabara de acontecer.

– Podes ter roubado a lança por um momento, Par'chin, mas não a manterás – prometeu.

– Não a mantereis? – perguntou o Par'chin, olhando a arma com desdém. – Já nem sequer a quero. O mundo ficará melhor sem ela. – A seguir, fez o impensável.

Virou-se e arremessou a Lança de Kaji do alto do penhasco.

Jayan gritou, saindo do semicírculo e correndo pelo trilho montanhoso abaixo para a encontrar. O Par'chin voltou-se novamente, traçando guardas térmicas e de impacto no ar que atingiram a parede rochosa, provocando um deslizamento de pedras que lhe bloqueou o caminho.

– Ninguém partirá até terminarmos! – gritou, trovejante.

– Muito bem, servo de Nie – disse Jardir. – Terminemos. – Concentrou-se, alongando o campo protetor da coroa enquanto atacava, pretendendo usar o seu poder para empurrar o filho de Jeph para além do abismo, onde pertencia.

Mas a magia da coroa, que julgara capaz de repelir todos os alagai, não teve qualquer efeito no Par'chin e debateram-se. Jardir conseguiu uma vantagem imediata, imobilizando-o, mas o Par'chin voltou a transformar-se em fumo, fugindo para voltar a formar-se no instante seguinte, aplicando golpes violentos.

– Não sou um servo de Nie – disse o Par'chin. – Apenas aprendi a usar magia roubada de forma mais eficaz que tu e que as tuas dama'ting lançadoras de ossos.

Jardir rosnou enquanto se erguia e voltava ao combate, bloqueando pontapés e murros velozes como relâmpagos ao mesmo tempo que retribuía com golpes próprios. Alguns destes foram defletidos pelo Par'chin, outros foram evitados pelo mesmo truque de desmaterialização.

Parecia uma vantagem impossível de superar, mas havia um motivo para Jardir nunca ter perdido um combate na sua vida adulta. Memorizou os padrões dos movimentos do Par'chin e, quando voltou a solidificar, esperando um contra-ataque fácil de bloquear, Jardir estava pronto, esquivando-se e esmurrando-o violentamente no estômago. Aplicou em seguida uma joelhada na garganta enquanto o adversário se curvava e atingiu-o com

as mãos abertas nas orelhas, fazendo-lhe a cabeça zumbir e os pensamentos dispersarem.

– Parece-me que não conseguirás usar tão bem a tua magia se não conseguires pensar com clareza – disse Jardir, cabeceando-o no nariz. O sangue salpicou-lhe a cara e intensificou ainda mais o ataque, rodeando o pescoço do hortelão com as mãos.

Dedos de aço apertaram-lhe também a garganta enquanto o Par'chin tentava retribuir.

– Não preciso dela – disse-lhe, empurrando Jardir alguns passos e saltando, lançando-os aos dois do penhasco atrás da lança.

– O mundo também ficará melhor sem nós – disse, enquanto caíam.

Arlen sentia o vento frio na cara, clareando-lhe os pensamentos enquanto continuava a debater-se com Jardir, girando ambos num esforço para dominar o outro enquanto o vento lhes uivava aos ouvidos.

Jardir revelou ser mais hábil naquele confronto, conseguindo colocar-se por cima enquanto o solo se ia aproximando a velocidade cada vez maior. Parecia inútil. A queda matá-los-ia aos dois e não pouparia quem estivesse por cima, mas Arlen conseguia ver na sua aura que isso não importava a Jardir. Morreria uma fração de segundo antes dele e isso bastar-lhe-ia.

Parou de se debater, acolhendo a queda. A aura de Jardir iluminou-se com o brilho da vitória, mas, então, Arlen desmaterializou-se e Jardir embateu contra o chão com um ruído medonho de ossos estilhaçados.

DICIONÁRIO DE KRASIANO

Abban am'Haman am'Kaji: Mercador khaffit rico, amigo de Jardir e de Arlen, parcialmente incapacitado durante o seu treino como guerreiro.

Acha: Exclamação significando «atenção!».

Ahmanjah: Livro que Jardir escreve sobre a sua vida. Será para ele o que o Evejah foi para Kaji.

Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji: Ahmann, filho de Hoshkamin, da linhagem de Jardir, da tribo Kaji. Líder de toda Krasia. Considerado por muitos como sendo o Libertador. Ver também: Shar'Dama Ka.

Ajin'pal (irmão de sangue): Nome do laço formado na primeira noite de um rapaz no Labirinto, quando é preso a um guerreiro da'Sharum para o impedir de fugir quando os demónios o atacarem pela primeira vez. Um ajin'pal é considerado um parente daí em diante.

Ala: (1) O mundo perfeito criado por Everam, corrompido por Nie. (2) Terra, chão, barro etc.

Alagai: Palavra krasiana para designar os nuclitas (demónios). A tradução direta será «praga de Ala».

Alagai hora: Ossos de demónio usados pelas dama'ting para criar objetos mágicos como os dados guardados que usam para prever o futuro. Os alagai hora irrompem em chamas quando expostos à luz do sol.

Alagai Ka: Antigo nome krasiano para o consorte de Alagai'ting Ka, a Mãe de Todos os Demónios. A tradição refere que Alagai Ka e os seus filhos são os senhores de demónios, generais e capitães mais poderosos entre as forças de Nie.

Alagai'sharak: Guerra Santa contra os demónios.

Alagai, cauda de: chicote formado por três faixas de couro entrançado terminando em farpas afiadas destinadas a cortar profundamente a carne da vítima. Usados pelos dama como instrumento de castigo.

Alagai'ting Ka: A Mãe de todos os Demónios, a rainha dos demónios da mitologia krasiana.

Aleverak: Damaji da tribo Majah em Krasia.

Amadeveram: Damaji da tribo Kaji em Krasia antes da ascensão ao poder de Jardir.

Amanvah: Primeira filha de Jardir e Inevera. Amanvah é dama'ting por direito próprio. Oferecida a Rojer como noiva juntamente com a sua prima Sikvah.

Andrah: Ditador secular e religioso krasiano.

Anjha: Uma das tribos menores de Krasia.

Anoch Sun: Cidade perdida que, outrora, foi a capital de Kaji, o Shar'Dama Ka. Acredita-se que foi engolida pelas areias. Ninguém viu a cidade ou teve notícias dela em séculos. Habitantes e artefactos referidos como «sunianos».

Asavi: Dama'ting da tribo Kaji. Antiga rival de Inevera nos tempos de ambas como nie'dama'ting. Amante de Melan.

Ashan: Filho do dama Khevat e amigo mais próximo de Jardir durante o treino no Sharik Hora. Ashan é o Damaji da tribo Kaji e integra o círculo mais próximo de Jardir. Casado com a irmã mais velha deste, Imisandre. Pai de Asukaji e Ashia.

Ashia: Sobrinha Sharum'ting de Jardir. Filha de Ashan e Imisandre. Casada com Asome.

Asome: Segundo filho de Jardir e Inevera. Dama. Conhecido como «herdeiro de nada». Casado com Ashia.

Asu: «Filho» ou «filho de». Usado como prefixo em nomes formais. Exemplo: Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji.

Asukaji: Filho mais velho de Imisandre, irmã de Jardir. Dama. O nome significa literalmente «filho de Kaji».

Baden: Dama rico e poderoso da tribo Kaji. Push'ting. Conhecido por possuir vários itens de magia de hora.

Bazar, Grande: O maior espaço comercial em Krasia, situado do lado interno dos portões principais. É inteiramente gerido por mulheres e khaffit.

Belina: Esposa dama'ting de Jardir da tribo Majah.

Bido: Tanga. Sobretudo a tanga branca de nie'Sharum que os rapazes recebem depois de serem retirados às mães e

despojados da tanga castanha.

Cashiv: Kai'Sharum push'ting ao serviço do dama Baden. Amante de Soli.

Chin: Estrangeiro/infel. A palavra é também considerada um insulto, significando que alguém é covarde.

Chusen: Damaji da tribo Shunjin.

Cielvah: Filha de Abban. Violada por Hasik.

Coliv: Vigia Krevakh colocado na unidade de Jardir como kai'Sharum. Enviado na escolta de Leesha aquando do seu regresso ao Outeiro.

Comedor de porco: Insulto krasiano equivalente a khaffit. Apenas os khaffit comem porco, considerado um animal impuro.

Couzi: Uma bebida alcoólica forte e ilegal aromatizada com canela. Pela sua potência, é servida em minúsculas taças que deverão ser bebidas de um único gole.

Dal: Prefixo significando «honrado».

Dal'Sharum: A casta guerreira krasiana, que inclui a vasta maioria dos homens. Os Dal'Sharum dividem-se em tribos controladas pelos Damaji e em unidades mais pequenas que respondem perante um dama e um kai'Sharum. Vestem túnicas negras com turbante preto e véu noturno. Todos são treinados no combate corpo a corpo (sharusahk), bem como em combate com lança e em formações defensivas.

Dal'ting: Mulheres férteis casadas ou mulheres mais velhas que deram à luz.

Dama: Um sacerdote krasiano. Os dama são, em simultâneo, líderes religiosos e seculares. Vestem túnicas brancas e não usam armas. Todos os dama são mestres de sharusahk, a arte marcial krasiana.

Damajah: título da Primeira Esposa do Shar'Dama Ka.

Damaji: Os doze Damaji são os líderes religiosos e seculares das suas tribos respetivas e servem o Andrah como ministros e conselheiros.

Damaji'ting: As líderes tribais das dama'ting e as mulheres mais influentes em Krasia.

Dama'ting: Sacerdotisas krasianas que também funcionam como enfermeiras e parteiras. As dama'ting detêm os segredos da magia dos hora, incluindo o poder de prever o futuro. São temidas e respeitadas. Magoar uma dama'ting de alguma forma é punível com a morte.

Enkaji: Damaji da poderosa tribo Mehnding.

Enkido: Servo eunuco e instrutor de sharusahk das dama'ting Kaji. Tornado guarda-costas pessoal de Amanvah.

Escorpião: Balista krasiana. O escorpião é uma besta gigante que usa molas em vez de corda. Dispara lanças grossas com extremidades pesadas (ferrões) e pode matar demónios da areia e do vento a distâncias de trezentos metros, mesmo sem guardas.

Estrada solitária: Nome krasiano para a morte. Todos os guerreiros deverão percorrer a estrada solitária até ao Paraíso, com tentações ao longo do caminho para testar o seu espírito e assegurar que apenas os dignos se erguerão diante de Everam para serem julgados. Os espíritos que se afastam do caminho perdem-se.

Evejah: Livro sagrado de Everam, escrito por Kaji, o primeiro Libertador, há cerca de três mil e quinhentos anos. O Evejah divide-se em secções chamadas Dunas. Cada dama copia a totalidade do Evejah com o seu próprio sangue durante o seu treino como clérigo.

Evejana: Designação atribuída à religião krasiana. Evejano será «aquele que segue o Evejah».

Evejana, lei: Lei religiosa fundamentalista que os krasianos impõem aos chin, destinada a forçar os infieis a seguir o Evejah por medo e não por crença.

Everalia: Terceira esposa Kaji de Jardim.

Everam: O Criador.

Everam, Fortuna de: Depois de Forte Rizon ser conquistada com os seus terrenos agrícolas vastos em 333 DR, a cidade-estado foi rebatizada Fortuna de Everam em honra do Criador. É a base de operações krasiana nas terras verdes.

Fahki: Filho dal'Sharum de Abban. Ensinado a odiar o seu pai khaffit.

Fashin: Damaji da tribo Halvas.

Ferrão: Munição das balistas escorpião. Os ferrões são enormes lanças com pesadas pontas de ferro capazes de perfurar as couraças de demónios da areia em tiros de grande distância.

Gai: Praga.

Guerra Diurna: Também conhecida como Sharak Sun. Guerra ancestral durante a qual Kaji conquistou o mundo conhecido, unindo-o para a Sharak Ka.

Halvan: Amigo de Jardir e Ashan durante o treino de Jardir no Sharik Hora. O dama Halvan é conselheiro do Damaji Ashan.

Hannu Pash: Literalmente «caminho de vida». O período na vida de um rapaz depois de ser retirado à mãe, mas antes de ser definida a sua casta (dal'Sharum, dama ou khaffit). É um período de treino físico intenso e brutal, juntamente com doutrinação religioso.

Hanya: Irmã de Jardir quatro anos mais nova. Casada com Hasik e mãe de Sikvah.

Hasik: Rapaz nie'Sharum que insulta e agride Jardir. Chamam-lhe Assobiador porque um dente em falta transforma os seus esses em assobios. Mais tarde, torna-se uma das Lanças do Libertador e guarda-costas de Jardir.

Hortelão: Natural das Terras Verdes.

Hoshkamin: Pai de Ahmann Jardir. Falecido.

Hoshvah: Irmã do meio de Jardir, três anos mais nova do que ele. Casada com Shanjat e mãe de Shanvah.

Ichach: Damaji da tribo Khanjin.

Imisandre: A mais velha das irmãs de Jardir, um ano mais nova que ele. Casada com Ashan e mãe de Asukaji e Ashia.

Inevera: (1) Poderosa Primeira Esposa dama'ting de Jardir. Da tribo Kaji. Também conhecida como Damajah. (2) Palavra krasiana significando «vontade de Everam» ou «queira Everam».

Instrutores: Guerreiros de elite que treinam os nie'Sharum. Os instrutores vestem túnicas negras de dal'Sharum, mas os seus véus noturnos são vermelhos.

Jama: Tribo krasiana menor. Inimigos dos Khanjin.

Jardir: O sétimo filho de Kaji, o Libertador. Outrora uma grande casa, a linhagem de Jardir durou mais de três mil anos, reduzindo-se gradualmente em número e glória até o seu último filho, Ahmann Jardir, restaurar a sua glória.

Jayan: Primeiro filho Sharum de Jardir e Inevera. Mais tarde nomeado Sharum Ka.

Jiwah: Esposa.

Jiwah Ka: Primeira Esposa. A Jiwah Ka é a primeira e a mais honrada das esposas de um homem krasiano. Tem poder de veto sobre os casamentos subsequentes e exerce autoridade sobre as esposas de estatuto inferior.

Jiwah Sen: Esposas inferiores, obedientes à Jiwah Ka.

Jiwah'Sharum: Literalmente «esposas de guerreiros». Mulheres compradas para o grande harém dos Sharum durante os seus anos férteis. Considera-se uma grande honra servir aí. Todos os guerreiros têm acesso às jiwah'Sharum da sua tribo e espera-se que as mantenham grávidas, dando novos guerreiros à tribo.

Jurim: Dal'Sharum que treinou com Jardir. Tribo Kaji. Mais tarde, uma das Lanças do Libertador.

Kad': Prefixo significando «de».

Kai'Sharum: Capitães krasianos. Os kai'Sharum recebem formação especial no Sharik Hora e lideram unidades individuais na alagai'sharak. O número de kai'Sharum numa tribo depende do seu número de guerreiros. Algumas tribos têm muitos, outras apenas um. Os kai'Sharum vestem túnicas negras de dal'Sharum, mas os seus véus são brancos.

Kaji: Nome do Libertador original e patriarca da tribo Kaji, também conhecido como Shar'Dama Ka, a Lança de Everam, entre muitos outros títulos. Kaji uniu o mundo conhecido na guerra contra os demónios há três mil e quinhentos anos. A sua

capital era a cidade perdida de Anoch Sun, mas também fundou Forte Krasia.

Kaji possuía três artefactos famosos: (1) A Lança de Kaji – lança de metal que usava para matar alagai aos milhares. (2) A Coroa de Kaji – decorada com pedras preciosas e moldada com a forma de guardas poderosas. (3) A Capa de Kaji – uma capa que o tornava invisível aos demónios, permitindo-lhe mover-se livremente na noite.

Kaji'sharaj: Local de treino dos rapazes da tribo Kaji.

Kajivah: Mãe de Ahmann Jardir e das suas três irmãs, Imisandre, Hoshvah e Hanya. Viúva de Hoshkamin Jardir. Outrora considerada amaldiçoada por ter dado à luz três filhas seguidas.

Kasaad: Pai de Inevera. Khaffit aleijado. Antigo Sharum.

Kaval: Gavram asu Chenin am'Kaval am'Kaji. Instrutor da tribo Kaji. Um dos instrutores dal'Sharum de Jardir durante o seu Hannu Pash.

Kenevah: Damaji'ting da tribo Kaji durante a formação de Inevera como dama'ting.

Kevera: Damaji da tribo Sharach.

Khaffit: Um homem que adota um ofício em vez de se tornar sacerdote ou guerreiro. Casta masculina mais baixa na sociedade krasiana. Expulsos do Hannu Pash, os khaffit são forçados a vestir a cor castanha das crianças e a rapar a face como sinal de que não são homens.

Khaffit'sharaj: Campos de treino montados por cada tribo para os kha'Sharum.

Khanjin: Tribo krasiana menor. Inimigos dos Jama.

Kha'Sharum: Khaffit fisicamente aptos que Jardir elevou à condição de infantaria de baixo treino. Os kha'Sharum usam túnicas, turbantes e véus noturnos castanhos para tornar claro o seu estatuto de khaffit.

Kha'ting: Parentes femininas de Jardir que não são dama'ting. As kha'ting recebem treino especial e são consideradas sangue do Libertador. Como sucede com as dama'ting, o castigo por

golpear uma kha'ting será a morte ou a perda do membro ofensor.

Khevat: Dama Kaji que treinou Jardir na sua juventude. Pai de Ashan.

Lança do Deserto: Nome dado pelos krasianos à sua cidade. Conhecida no Norte como Forte Krasia.

Lanças do Libertador: Guarda pessoal de elite de Ahmann Jardir composta sobretudo pelos Sharum da sua antiga unidade no Labirinto.

Lua Minguante: (1) Celebração religiosa de três dias dos evejanos, ocorrendo nos dias antes, durante e após a Lua Nova. A deslocação ao Sharik Hora é obrigatória e as famílias passam os dias juntas, incluindo mesmo os filhos que se encontrem no sharaj. Diz-se que os demónios ficam mais fortes nestas noites, quando, supostamente, Alagai Ka caminha sobre a superfície. (2) As três noites em cada mês quando a escuridão é suficiente para que os demónios da mente se ergam.

Maji: Segundo filho Majah de Jardir, um nie'dama que terá de disputar com o herdeiro de Aleverak o trono de Damaji dos Majah.

Manvah: Mãe de Inevera. Esposa de Kasaad. Cesteira de renome.

Mehnding: A maior e mais poderosa tribo a seguir aos Majah. Os Mehnding dedicam-se inteiramente às artes do armamento de distância. Constroem catapultas, fundas e escorpiões usados na sharak, talham e transportam pedras para serem usadas como munição, fabricam os dardos de escorpião, etc.

Melan: Filha dama'ting de Qeva. Neta de Kenevah. Antiga rival de Inevera. Amante de Asavi.

Nie: (1) O nome da Anticriadora, oposto feminino de Everam e deusa da noite e dos demónios. (2) Nada, nenhum, vazio, não.

Nie, Abismo de: Também conhecido como Núcleo. Submundo de sete níveis onde os alagai se escondem do sol. Cada nível é povoado por um tipo diferente de demónio.

Nie'dama: Nie'Sharum escolhidos para treino como dama.

Nie'dama'ting: Raparigas krasianas que treinam como dama'ting, sendo demasiado jovens para receber o véu. As nie'dama'ting são profundamente respeitadas tanto por homens como por mulheres, ao contrário dos nie'Sharum, que são menos que khaffit até completarem o Hannu Pash.

Nie Ka: Literalmente, «primeiro de nenhuns». Designação do aluno principal de uma turma de nie'Sharum, que comanda os outros rapazes como adjunto dos instrutores dal'Sharum.

Nie'Sharum: Literalmente «não guerreiros». Nome dos rapazes que se dirigiram ao campo de treino para serem avaliados e colocados no caminho para chegarem a dal'Sharum, dama ou khaffit.

Nie'ting: Mulheres estéreis. O patamar mais baixo da sociedade krasiana.

Omara: Mãe viúva Kaji de Abban, considerada amaldiçoada por dar à luz várias filhas seguidas até ao nascimento de Abban, o mais novo entre a sua prole.

Oot: Sinal usado pelos dal'Sharum, significando «cuidado» ou «aproxima-se um demónio».

Par'chin: «Bravo forasteiro». Título singular atribuído a Arlen Fardos.

Push'ting: Literalmente «falsa mulher». Insulto krasiano dirigido a homens homossexuais que rejeitam totalmente as mulheres. A homossexualidade é tolerada em Krasia desde que os homens engravidem mulheres para aumentar as fileiras da tribo.

Qasha: Dama'ting e esposa Sharach de Jardir.

Qeran: Um dos instrutores dal'Sharum Kaji de Jardir durante o seu Hannu Pash. Posteriormente incapacitado, é escolhido por Abban para treinar a sua centena de kha'Sharum.

Qezan: Damaji da tribo Jama.

Sábios: Dama que se dedicaram ao estudo de textos ancestrais. Investigadores e académicos de carreira, mantêm-se maioritariamente afastados da política, ministrando aos nie'dama as suas lições básicas.

Savas: Filho dama Mehnding de Jardir.

Shamavah: Jiwah Ka de Abban. Fala thesano fluente e é encarregue das operações de Abban no Condado do Outeiro.

Shanjat: Kai'Sharum Kaji que treinou com Jardir. Líder das Lanças do Libertador e casado com a irmã do meio de Jardir, Hoshvah. Pai de Shanvah.

Shanvah: Sharum'ting sobrinha de Jardir. Filha de Shanjat e Hoshvah.

Sharach: A mais pequena tribo de Krasia, que chegou a ter menos de duas dúzias de guerreiros. Foram salvos da extinção por Jardir.

Sharaj: Aquartelamento para rapazes no Hannu Pash muito semelhante a um colégio interno militar. Os sharaj situam-se em redor do campo de treino e há um para cada ribo. O nome da tribo funciona como prefixo, seguido por uma apóstrofe. Portanto, o sharaj da tribo Kaji é conhecido como Kaji'sharaj. O plural é sharaji.

Sharak Ka: Literalmente «a Primeira Guerra». Grande guerra contra os demónios que o Libertador iniciará após terminar a Sharak Sun.

Sharak Sun: Literalmente «a Guerra Diurna», durante a qual Kaji conquistou o mundo conhecido, unindo-o na Sharak Ka. Acredita-se que Jardir deverá fazer o mesmo para vencer a Sharak Ka.

Shar'Dama Ka: Literalmente «Primeiro Clérigo Guerreiro». Designação krasiana do Libertador, que virá para libertar a humanidade dos alagai.

Sharik Hora: Literalmente «ossos dos heróis». Nome do grande templo em Krasia construído com os ossos de guerreiros caídos. Ter os ossos envernizados e acrescentados ao templo é a mais elevada honra a que um guerreiro poderá aspirar.

Sharukin: Literalmente «posturas guerreiras». Sequências de movimentos estudadas do sharusahk.

Sharum: Guerreiro. O Sharum veste túnicas frequentemente revestidas com placas de barro cozido como armadura.

Sharum Ka: Literalmente «Primeiro Guerreiro». Título krasiano do líder secular da alagai'sharak. O Sharum Ka é nomeado pelo

Andrah e os kai'Sharum de todas as tribos respondem apenas perante ele até ao amanhecer. O Sharum Ka tem um palácio próprio e senta-se no Trono da Lança. Enverga as vestes negras dos dal'Sharum, mas o seu turbante e véu noturno são brancos.

Sharum'ting: Guerreira feminina. Wonda Lenhador é a primeira reconhecida pelos evejanos.

Sharusahk: Arte krasiana do combate desarmado. Existem várias escolas de sharusahk, dependendo da casta e da tribo, mas todas são compostas por movimentos brutais e eficientes pensados para atordoar, ferir e matar.

Shevali: Amigo de Jardir e Ashan durante o seu treino no Sharik Hora. O dama Shevali é conselheiro do Damaji Ashan.

Shusten: Filho dal'Sharum de Abban. Ensinado a odiar o seu pai khaffit.

Sikvah: Filha de Hasik e de Hanya, irmã de Jardir. Serva pessoal de Amanvah. Oferecida a Rojer como sua segunda esposa.

Soli: Dal'Sharum irmão de Inevera. Push'ting. Amante de Cashiv.

Subcidade: Enorme colmeia de cavernas guardadas sob Forte Krasia, onde mulheres, crianças e khaffit se trancam durante a noite para ficarem a salvo dos nuclitas enquanto os homens combatem.

Suniano: Designação de artefactos da cidade de Anoch Sun. Também o nome dos seus habitantes.

Thalaja: Segunda esposa Kaji de Jardir.

Terras Verdes: Nome krasiano para Thesa (as terras a norte do deserto krasiano).

'Ting: Sufixo significando «mulher».

Tribos: Anjha, Bajin, Jama, Kaji, Khanjin, Majah, Sharach, Krevach, Nanji, Shunjin, Mehnding, Halvas. O prefixo «am'» é usado para indicar família e tribo. Exemplo: Ahmann asu Hoshkamin am'Jardir am'Kaji.

Trompa de Sharak: Trompa cerimonial soprada para assinalar o início e o fim da alagai'sharak.

Trono da Lança: O trono do Sharum Ka, construído com as lanças de Sharum Ka anteriores.

Umshala: Uma das esposas dama'ting de Jardir.

Vah: Literalmente «filha» ou «filha de». Usado como sufixo quando uma rapariga recebe o nome da mãe ou do pai, como em «Amanvah», ou como prefixo de um nome completo, como em «Amanvah vah Ahmann am'Jardir am'Kaji».

Véu noturno: Véu usado pelos dal'Sharum durante a alagai'sharak para esconder as suas identidades, mostrando que todos os homens são aliados idênticos na noite.

Vigias: Os Vigias são os dal'Sharum das tribos Krevakh e Nanji. Treinados no uso de armas e táticas especiais, funcionam como batedores, espiões e assassinos. Cada Vigia transporta consigo uma escada reforçada com ferro medindo cerca de quatro metros e uma lança curta. As escadas são leves, flexíveis e resistentes. Têm extremidades que podem unir-se (topo macho/fundo fêmea), permitindo a sua união. Os Vigias são de tal forma eficazes que conseguem correr por uma escada acima sem a apoiarem e equilibrando-se no topo.

Zahven: Antiga palavra krasiana significando «rival», «némesis» ou «semelhante».

AGRADECIMENTOS

Com a idade a tornar-me mais paranoico, preparei este livro em maior segredo do que os anteriores. Permiti apenas a um punhado de pessoas que espreitassem o trabalho por concluir e sinto-me eternamente grato pelas suas sugestões e opiniões. Agradeço em primeiro lugar ao meu agente, Joshua, e a Myke, Lauren e Dani, às minhas editoras, Tricia e Emma, às minhas assistentes, Meg e Rebecca, à revisora Laura e aos editores e tradutores internacionais que trabalharam de forma tão incansável para levar as minhas histórias a outras partes do mundo. Um agradecimento especial a todos os meus leitores, sobretudo aos que tomaram a iniciativa de entrar em contacto. As vossas cartas, comentários, *tweets*, *posts*, críticas *online*, participações em passatempos de fãs e todas as restantes contribuições proporcionaram um apoio valioso e também um círculo de guardas que me permitiu escalar a Montanha do Ciclo dos Demónios. Obrigado por me acompanharem na escalada.



A Guerra Diurna

O SOL LANÇA AS SOMBRAS MAIS ESCURAS

PETER V.
BRETT

1001
MUNDOS

Table of Contents

CAPA

Ficha Técnica

PRÓLOGO INEVERA

UM ARLEN

DOIS PROMESSA

TRÊS OS AVEIEIROS

QUATRO A SEGUNDA VINDA

CINCO PROTETOR HAYES

SEIS O BRINCO

SETE TREINO

OITO OS SHARUM NÃO VERGAM

NOVE AHMANN

DEZ A PREOCUPAÇÃO DE KENEVAH

ONZE A ÚLTIMA REFEIÇÃO

DOZE A CENTENA

TREZE CONQUISTAR O PÚBLICO

CATORZE A CANÇÃO DA LUA NOVA

QUINZE AS MULHERES PAPEL

DEZASSEIS ONDE OS KHAFFIT NÃO SEGUIRÃO

DEZASSETE ZAHVEN

DEZOITO ENCONTRO TENSO

DEZANOVE SALIVA E VENTO

VINTE UMA ÚNICA TESTEMUNHA

VINTE E UM AURAS

VINTE E DOIS LUA NOVA

VINTE E TRÊS ARMADILHA

VINTE E QUATRO ATRITO

VINTE E CINCO CÍRCULO PERDIDO

VINTE E SEIS SHARUM'TING

VINTE E SETE LUA MINGUANTE

VINTE E OITO COLHEITA ANTECIPADA

VINTE E NOVE EUNUCO

TRINTA MEU AMIGO VERDADEIRO

TRINTA E UM VIVO
TRINTA E DOIS DOMIN SHARUM
DICIONÁRIO DE KRASIANO
AGRADECIMENTOS